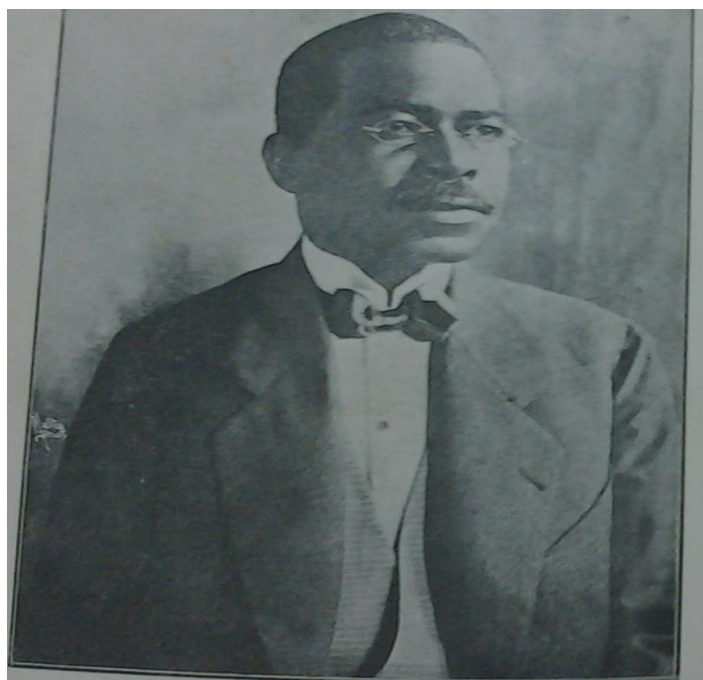




UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ADERALDO PEREIRA DOS SANTOS

ARMA DA EDUCAÇÃO: CULTURA POLÍTICA, CIDADANIA E ANTIRRACISMO NAS
EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS (1870 – 1930).



RIO DE JANEIRO – 2019

ADERALDO PEREIRA DOS SANTOS

ARMA DA EDUCAÇÃO: CULTURA POLÍTICA, CIDADANIA E ANTIRRACISMO NAS
EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS (1870 – 1930).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro. Linha de Pesquisa: Sujeitos, História e
Processos Educacionais, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Educação.

ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a IRMA RIZZINI

CO-ORIENTADORA: PROF.^a DR.^a ALESSANDRA FROTA MARTINEZ DE SCHUELER

ADERALDO PEREIRA DOS SANTOS

ARMA DA EDUCAÇÃO: CULTURA POLÍTICA, CIDADANIA E ANTIRRACISMO NAS
EXPERIÊNCIAS DO PROFESSOR HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS (1870 – 1930).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Rio de
Janeiro. Linha de Pesquisa: Sujeitos, História e
Processos Educacionais, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Educação.

BANCA EXAMINADORA

TITULARES

Prof.^a Dr.^a Irma Rizzini – UFRJ (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Alessandra Frota Martinez de Schueler – UFF (Coorientadora)

Prof.^a Dr.^a Martha Campos Abreu – UFF

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Souza Martins (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Giovana Xavier – UFRJ

Prof.^o Dr.^o Amílcar Araújo Pereira – UFRJ

SUPLENTES

Prof.^o Dr.^o Marcelo Mac Cord – UFF

Prof.^o Dr.^o José Cláudio Sooma Silva – UFRJ

Rio de Janeiro/2019

CIP – Catalogação na Publicação

P237a Pereira dos Santos, Aderaldo
Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos / Aderaldo Pereira dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2019.
429 f.
Orientadora: Irma Rizzini.
Coorientadora: Alessandra Frota Martinez de Schueler.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, 2019.
1. racismo. 2. antirracismo. 3. História da Educação. 4. movimento negro. 5. cidadania. I. Rizzini, Irma , orient. II. Frota Martinez de Schueler, Alessandra, coorient. III. Título.

Para meus filhos, Ana Luiza e Glauber Machel, e
para o meu enteado, Luan Tambo, trio de jovens
que vão seguir com o bastão da luta antirracista.
Para a família Hemetério dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa jornada de quatro anos de estudo e de pesquisa no doutorado da Faculdade de Educação da UFRJ, trabalhando em duas matrículas como professor do estado e tendo que enfrentar os desgovernos estaduais e a campanha que levou à extrema direita ao comando do país, agradeço às pessoas que contribuíram para que eu conseguisse chegar ao término desta empreitada.

A começar pela minha orientadora Irma Rizzini, agradeço por sua orientação criteriosa e leitura crítica a me orientar pelos caminhos mais pertinentes à pesquisa no campo da História da Educação. Neste sentido, agradeço, do mesmo modo, à minha coorientadora Alessandra Schueler que me auxiliou com suas valiosas observações e sugestões.

Luciene da Silva Lacerda, minha esposa e companheira de todas as horas, merece todos os agradecimentos possíveis. Foram seus incentivos, carinhos e apoio decisivos para que eu superasse obstáculos e chegasse até este momento de finalização da tese.

Aos filhos, Ana Luiza e Glauber Machel, e ao enteado, Luan Thambo, dedico esta tese. Agradeço a eles a compreensão pelos momentos de ausência em que estive concentrado, analisando as evidências e praticando a escrita da história. Esses três são o farol da minha própria existência. O bastão da luta antirracista estará em boas mãos.

Aos integrantes e amigos do grupo de pesquisa da professora Irma Rizzini, especialmente, Jucinato Marques, Vinícius Monção e Rafaela Rocha vão meus agradecimentos pelos debates promissores e sugestões em relação ao projeto e à qualificação da tese. Meus agradecimentos também às contribuições do grupo de pesquisa da professora Alessandra Schueler.

Estendo também meus agradecimentos à equipe do PROEDES/UFRJ (Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade), às equipes do Centro de Memória do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CMEB/ISERJ – Centro de Memória da Educação Brasileira), do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM) e demais arquivos pesquisados.

Aos colegas e amigos de trabalho no Centro de Memória da FAETEC (CEMEF) e na Assessoria de Sistematização do DEGASE, muito obrigado pelo apoio e incentivo. Da mesma forma, agradeço ao amigo e colega Raul Japiassú, que me ajudou a criar o Centro de Documentação e Memória do DEGASE (CEDOM).

No doutorado, tive a satisfação de conhecer colegas de turma, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de

Janeiro (PPGE-UFRJ). A todas e todos meus agradecimentos e este se estende ao PPGE-UFRJ e à secretária Solange Rosa, sempre disponível a orientar e resolver problemas dos estudantes do programa.

À família Hemetério dos Santos, em especial, Heliana Hemetério dos Santos e Renato Alhadas, fontes orais desta tese, meus agradecimentos pela disponibilidade em relatar situações e experiências que contribuíram para complementar as lacunas dos documentos escritos investigados. Dedico também à família Hemetério dos Santos esta minha tese.

Agradeço da mesma forma, ao companheiro de militância do Movimento Negro Paulo Roberto dos Santos, sócio fundador do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e outra fonte oral da pesquisa. Seu depoimento, além de esclarecer sobre os meandros da fundação do IPCN na década de 1970, estimulou reflexões a respeito do papel exercido pelo IPCN na formação de gerações de ativistas.

Agradeço imensamente ao pesquisador Tadeu Luís Maciel Rodrigues pelo envio dos arquivos referentes ao batismo de Hemetério.

Por fim, agradeço às companheiras e aos companheiros antirracistas do Movimento Negro e da sociedade. Como disse certa vez Olympio Marques dos Santos, militante histórico do Movimento Negro que eu tive a satisfação de conhecer no IPCN, “todos aqueles que lutam contra o racismo e o colonialismo em qualquer parte do mundo são meus irmãos!”.

Saudações quilombolas!

*Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade...*

Dona Ivone Lara (Sorriso negro, 1981).
(Yvone Lara da Costa – 1922-2018, sambista de verdade).

*Deixae pois que a minha
URSULA, timida e acanhada, sem
dotes da natureza, nem enfeites e
louçanias d'arte, caminhe entre
vós.*

Maria Firmina dos Reis – 1822/1917
*(Ursula, romance original
brasileiro por uma maranhaense,
1859, p. 6 – considerado o
primeiro romance de uma
brasileira. Firmina era uma
mulher negra.).*

RESUMO

Arma da educação: cultura política, cidadania e antirracismo nas experiências do professor Hemetério José dos Santos (1870-1930)

Analisar as ideias e a trajetória do professor Hemetério José dos Santos no sentido de compreender o protagonismo deste intelectual negro foram os propósitos desta tese. Para tanto, investiguei o período de sua vida entre as décadas de 1870 a 1930, cujos anos correspondem ao início de sua formação para o magistério até a época da sua aposentadoria. Neste percurso, Hemetério participou de redes de sociabilidade, combateu o racismo de seu tempo, debateu o sentido político da educação e adquiriu experiências docentes diversificadas no ensino público e particular publicando cartas, artigos, conferências, gramáticas, livros didáticos e de poesias. Este conjunto de experiências foi analisado, por um lado, a partir do referencial teórico do historiador E. Thompson no que diz respeito às categorias *experiência* e *agência* humana; por outro, considerando o conceito de *intelectual mediador*. Para a produção desta tese, além de comentadores e historiadores dos campos educacional e antirracista, uma diversidade de fontes foi analisada como, por exemplo, suas obras, artigos e cartas publicadas; documentos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e dos Centros de Memórias do Colégio Pedro II e Instituto de Educação; e diversos jornais e demais periódicos disponibilizados pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, como os da chamada imprensa pedagógica. Inspirada nas ideias do pensador africano Amílcar Cabral que argumentou sobre a *Arma da Teoria*, a hipótese central da tese consistiu em afirmar que o professor Hemetério José dos Santos manejou a *arma da educação* em prol da cidadania dos mais pobres e da luta antirracista. Desta feita, a pesquisa realizada considera que as ideias e as experiências do professor Hemetério José dos Santos formam um conjunto valioso de reflexões para os campos educacional, antirracista e da intelectualidade negra.

Palavras-chave: Hemetério José dos Santos, racismo, antirracismo, história da educação, cidadania, cultura política, movimento negro.

ABSTRACT

The weapon of education: political culture, citizenship and anti-racism in the experiences of Professor Hemetério José dos Santos (1870-1930)

Analyzing the ideas and trajectory of Professor Hemetério José dos Santos in order to understand the protagonism of this black intellectual were the purposes of this thesis. To do so, I investigated the period of his life between the 1870s and 1930s, whose years corresponded to the beginning of his education for the teaching profession until the time of his retirement. In this course, Hemetério participated in networks of sociability, fought the racism of his time, discussed the political meaning of education and acquired diverse teaching experiences in public and private education. He published letters, articles, conferences, grammars, textbooks and poetry. This set of experiences was analyzed, on the one hand, from the theoretical reference of the historian E. Thompson with regard to the categories of human experience and agency; on the other hand, considering the concept of mediating intellectual. For the production of this thesis, besides commentators and historians of the educational and antiracist fields, a diversity of sources was analyzed like, for example, its works, articles and published letters; documents from the General Archive of the City of Rio de Janeiro and the Memories Centers of the Pedro II College and Education Institute; and several newspapers and other periodicals made available by the Digital Library of the National Library, such as the so-called pedagogical press. Inspired by the ideas of the African thinker Amílcar Cabral who argued about the Weapon of Theory, the central hypothesis of the thesis was to affirm that Professor Hemetério José dos Santos handled the weapon of education for the citizenship of the poorest and the antiracist struggle. Thus, the research carried out considers that the ideas and experiences of Professor Hemetério José dos Santos form a valuable set of reflections for the educational, antiracist and black intelligentsia fields.

Keywords: Hemetério José dos Santos, racism, anti-racism, history of education, citizenship, political culture, black movement.

RESUMEN

El arma de la educación: cultura política, ciudadanía y antirracismo en las experiencias del profesor Hemetério José dos Santos (1870-1930)

Analizar las ideas y la trayectoria del profesor Hemetério José de los Santos en el sentido de comprender el protagonismo de este intelectual negro fueron los propósitos de esta tesis. Para ello, investigue el período de su vida entre las décadas de 1870 a 1930, cuyos años corresponden al inicio de su formación para el magisterio hasta la época de su jubilación. En este recorrido, Hemetério participó en redes de sociabilidad, combatió el racismo de su tiempo, discutió el sentido político de la educación y adquirió experiencias docentes diversificadas en la enseñanza pública y privada. Publicó cartas, artículos, conferencias, gramáticas, libros didácticos y de poesías. Este conjunto de experiencias fue analizado, por un lado, a partir del referencial teórico del historiador E. Thompson en lo que se refiere a las categorías experiencia y agencia humana; por otro, considerando el concepto de intelectual mediador. Para la producción de esta tesis, además de comentaristas e historiadores de los campos educativo y antirracista, una diversidad de fuentes fue analizada como, por ejemplo, sus obras, artículos y cartas publicadas; documentos del Archivo General de la Ciudad de Río de Janeiro y de los Centros de Memorias del Colegio Pedro II e Instituto de Educación; y diversos periódicos y demás periódicos disponibilizados por la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional, como los de la llamada prensa pedagógica. La hipótesis central de la tesis consistió en afirmar que el profesor Hemetério José dos Santos manejó el arma de la educación en favor de la ciudadanía de los más pobres y de la lucha antirracista. De esta vez, la investigación realizada considera que las ideas y las experiencias del profesor Hemetério José dos Santos forman un conjunto valioso de reflexiones para los campos educativo, antirracista y de la intelectualidad negra.

Palabras clave: Hemetério José de los Santos, racismo, antirracismo, historia de la educación, ciudadanía, cultura política, movimiento negro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto de Hemetério José dos Santos (Fonte: Biblioteca Nacional).....	17
Figura 2: Folha referente ao batismo de Hemetério (página 9 – Livro: Documentação da diocese – Livro de batismo da diocese – Livro número – 166 – Arquivo Público do Estado do Maranhão).....	47
Figura 3: Detalhe do nome “Hemetério” na folha do Livro de Batismo. (página 9 – Livro: Documentação da diocese – Livro de batismo da diocese – Livro número – 166 – Arquivo Público do Estado do Maranhão).....	48
Figura 4: Quilombos do Maranhão (GOMES, 1997, p. 216).....	65
Figura 5: Imagem de Antonio Firmino Monteiro (Fonte: Museu Afro Brasil).....	92
Figura 6: Imagem de Viriato Figueira da Silva (Fonte: Casa do Choro).....	93
Figura 7: Folha de rosto do <i>Livro dos meninos</i> (Fonte: Biblioteca Nacional).....	117
Figura 8: Matrícula de Rufina Vaz Carvalho dos Santos na Escola Normal da Corte (Fonte: CMEB/ISERJ).....	141
Figura 9: Rufina Vaz Carvalo dos Santos (Fonte: <i>Jornal do Brasil</i> , Segundo Caderno, 26.02.1956, edição 00046-3, p.1, folha17).....	143
Figura 10: D. Rufina e a menina Suely, mãe de Renato Alhadas. (Fonte: Acervo Familiar de Renato Alhadas).....	146
Figura 11: Foto do corpo docente em 1908 (Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Militar).....	161
Figura 12: Imagem do <i>Livro dos meninos</i> , página 66.....	193
Figura 13: Livro <i>Pretidão de Amor</i> (Fonte: Biblioteca Nacional).....	210
Figura 14: Foto de Hemetério José dos Santos que consta no livro <i>Pretidão de Amor</i> (Fonte: Biblioteca Nacional).....	211
Figura 15: Capa do livro <i>Fructos Cadivos</i> (Fonte: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ).....	236
Figura 16: Foto do professor Hemetério e a dedicatória ao filho Aristides Hemetério dos Santos no livro <i>Fructos Cadivos</i> (Fonte: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ).....	236
Figura 17: Foto da placa inaugurada em 2018 no Colégio Militar para homenagear o professor Hemetério José dos Santos.....	271
Figura 18: Professores adjuntos do Colégio Militar (Fonte: <i>Almanak Laemmert</i> , edição C00048-1, 1891, p. 477).....	272
Figura 19: Primeiros alunos do Colégio Militar matriculados no ano de 1889 de acordo com Beatriz Costa e Cunha (2012, p. 118). (Fonte: Museu do Colégio Militar do Rio de Janeiro).....	274

Figura 20: Professores do Curso Secundário do Colégio Militar (Fonte: <i>Almanak Laemmert</i> , edição A00050 -1, 1893, p. 1291).....	275
Figura 21: Fotos de professores do Colégio Militar (Fonte: <i>O Paiz</i> , 10.04.1906, edição 07859-1, p. 2.).....	287
Figura 22: Fotocópia da página 27 do Livro de Investidura em que consta o nome de Hemetério José dos Santos (Fonte: CMEB/ISERJ).....	289
Figura 23: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1899 (Fonte: CMEB/ISERJ).....	290
Figura 24: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1912 (Fonte: CMEB/ISERJ).....	291
Figura 25: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1914 (Fonte: CMEB/ISERJ).....	292
Figura 26: Fotocópia do artigo da professora Aurea Corrêa Martinez (Fonte: <i>Gazeta de Notícias</i> , 25.05.1910, edição 00145, p. 6.).....	297
Figura 27: Fotocópia de parte da carta publicada por Hemetério (Fonte: <i>O Paiz</i> , 21.12.1909, edição 009209, p. 3.).....	303
Figura 28: Fotocópia do rosto de Hemetério José dos Santos (Fonte: <i>Gazeta de Notícias</i> , 14.01.1916, edição 00014-1, p. 3).....	322
Figura 29: <i>Ensino Municipal</i> – publicação de Hemetério em resposta a Curvello de Mendonça (Fonte: Biblioteca Nacional).....	329
Figura 30: Foto de Monteiro Lopes (DOMINGUES, 2013, p. 61).....	344
Figura 31: Foto da página 56 do Livro de Matrícula da Escola Normal do Distrito Federal (Fonte: CMEB/ISERJ).....	356
Figura 32: Figura 29: Notícia sobre Coema Hemetério dos Santos (Fonte: <i>A Noite</i> 25.01.1937, edição 08963, p. 1).....	358
Figura 33: Foto de Aristides Hemetério dos Santos (Fonte: <i>O Jornal</i> , 01.12.1919, edição 00168-1, p. 4).....	360
Figura 34: Foto de Luiz Hemetério dos Santos (Fonte: Acervo familiar de Renato Alhadadas).....	362
Figura 35: Foto de Renato Alhadadas segurando retrato do tataravo no momento da entrevista.....	363
Figura 36: Foto de Heliana Hemetério dos Santos com seu neto Caetano Rodrigues Hemetério.....	368

Figura 37: Portaria de nomeação de Hemetério José dos Santos no Colégio Pedro II (Fonte: Livro destinado ao Registro dos Títulos de Nomeação e de Licença do Pessoal Administrativo e Docente do Externato e Internato (folha 15 e verso) – NUDOM/CPII).....	373
Figura 38: Portaria de nomeação de Hemetério José dos Santos no Colégio Pedro II (continuidade).....	374

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
PARTE I – HEMETÉRIO NO IMPÉRIO.....	42
CAPÍTULO 1.....	42
E FOI NO IMPÉRIO QUE O HEMETÉRIO SE FEZ PROFESSOR: AS EXPERIÊNCIAS DE HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS NO CONTEXTO IMPERIAL.	42
1.1 – O início do jogo: as experiências preliminares de Hemetério no contexto escravista.....	44
1.2 – Codó e a Província do Maranhão em meados do século XIX.....	62
1.3 – Hemetério e o Colégio da Imaculada Conceição.....	68
1.4 – Hemetério e o movimento das peças no magistério do Rio de Janeiro.....	78
1.4.1 – Docência particular.....	84
CAPÍTULO 2.....	94
E NO IMPÉRIO CONTINUA: JOGADAS DE MESTRE.....	94
2.1 – Hemetério e sua experiência como gestor e professor do Colégio Froebel.....	95
2.2 – Primeiras publicações e conferências filológicas.....	113
2.2.1 – <i>O Livro dos meninos</i>	117
2.3 – Hemetério e o casamento com Rufina Vaz de Carvalho, neta do editor e tipógrafo negro Francisco de Paula Brito.....	139
2.4 – Hemetério e a causa abolicionista.....	150
2.5 – A movimentação de Hemetério em direção ao Imperial Colégio Militar.....	157
PARTE II – HEMETÉRIO E O ANTIRRACISMO.....	162
CAPÍTULO 3 – O ANTIRRACISMO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO PROFESSOR HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS.....	162
3.1 – Algumas considerações sobre o antirracismo.....	166
3.2 – O antirracismo de Hemetério na historiografia.....	176
3.3 – O antirracismo de Hemetério no <i>Livro dos meninos</i> (1881).....	188
3.4 – Hemetério e a memória do Quilombo dos Palmares na escola (1885).....	198
CAPÍTULO 4 – OUTRAS EXPERIÊNCIAS DO ANTIRRACISMO DE HEMETÉRIO: PRETIDÃO DE AMOR (1905), ETYMOLOGIAS PRETO (1907), FRUCTOS CADIVOS (1919) E O DIÁLOGO COM A IMPRENSA NEGRA.....	209
4.1 – <i>Predição de Amor</i> (1905).....	210

4.2 – <i>Etymologias Preto</i> (1907).....	228
4.3 – <i>Fructos Cadivos</i> (1919).....	235
4.4 – Hemetério e o diálogo com a imprensa negra.....	241
4.4.1 – Hemetério José dos Santos, exemplo de superação a ser seguido.....	242
4.4.2 – Jornal <i>O Exemplo</i> e a discriminação racial sofrida pelo filho de Hemetério.....	246
PARTE III – HEMETÉRIO NA REPÚBLICA.....	251
CAPÍTULO 5 – EXPERIÊNCIAS DE HEMETÉRIO NAS REDES ESCOLARES, IMPRENSA E PUBLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	252
5.1 – Considerações preliminares sobre alguns aspectos da conjuntura vivida por Hemetério na República.....	253
5.2 – As experiências de Hemetério no campo educativo republicano: Colégio Militar, Escola Normal do Distrito Federal, Escola Normal Livre e <i>Pedagogium</i>	269
5.2.1 – Hemetério e o Colégio Militar.....	271
5.2.2 – Hemetério e a Escola Normal do Distrito Federal.....	288
5.2.3 – A participação de Hemetério em outras instituições educativas.....	315
5.3 – Imprensa e publicações pedagógicas.....	325
CAPÍTULO 6 – REDE POLÍTICA, A FAMÍLIA E O INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS (IPCN).....	337
6.1 – Hemetério e as experiências no campo político.....	338
6.1.1 – Hemetério e a rede política de Monteiro Lopes.....	343
6.1.2 – Hemetério contra Ruy Barbosa.....	351
6.2 – Hemetério e sua família.....	355
6.2.1 – Entrevista com Renato Alhadadas, tataraneto de Hemetério.....	363
6.2.2 – Entrevista com Heliana Hemetério dos Santos, bisneta de Hemetério.....	368
6.3 – O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) – uma “escola” do Movimento Negro e centro irradiador da luta contra o racismo.....	376
6.3.1 - Entrevista com Paulo Roberto dos Santos, sócio fundador do IPCN.....	379
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	389
REFERÊNCIAS.....	399
Fontes.....	399
Bibliografia.....	404
ANEXOS.....	425

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Samba para Hemetério

O nome dele é Hemetério
Educador que veio do Império
Professor que falou sério
A história do negro neste país
Hemetério sabe o que diz...
Ele veio de Codó, veio de Codó
Que fica no Maranhão,
Para o Rio de Janeiro ganhar o pão...
Foi assim que ele se fez
Professor de Português no Distrito Federal.
Trabalhou no Colégio Pedro II,
Em escola particular,
No Colégio Militar
E na Escola Normal.
Foi patrono da Academia Brasileira de Filologia,
Defendeu a cidadania,
Hemetério fez poesia...
Professor e intelectual
Que combateu o preconceito racial.
Hemetério foi o tal
Que enfrentou este mal
O gramático da língua portuguesa,
Com toda a certeza,
Fez do conhecimento
A sua maior riqueza.
Negro poeta,
Lançou sua seta contra a discriminação...
Hemetério, Hemetério
Em sua vida inteira
Lutou pela educação
Da nação brasileira...
Aderaldo Gil, 28.06.2016, Vila Isabel.

Dizem que no Brasil tudo acaba em samba, aqui ele está no começo. Para abrir estas *Considerações Iniciais*, coloquei como epígrafe a letra de um samba¹ que fiz para homenagear e apresentar de modo bem sucinto a trajetória de vida do emérito professor

¹ Assino a letra do *Samba para Hemetério* como Aderaldo Gil porque foi assim que fiquei conhecido no Movimento Negro do Rio de Janeiro, desde o início da década de 1980, quando comecei a participar deste importante movimento social, a minha grande escola na luta antirracista que travo desde então. Meus amigos da adolescência, por ser eu botafoguense, chamavam-me de Gil por causa do ponta direita que atuou no Botafogo em meados da década de 1970 e, seguindo a sugestão do meu primeiro mestre no Movimento Negro, o companheiro Yedo Ferreira, os demais companheiros e companheiras do movimento adotaram também esta alcunha para comigo. Assumi então o Aderaldo Gil para facilitar minha identificação. Foi com este nome que o pesquisador Rodrigo Bueno de Abreu (2015) me identificou em sua dissertação, *A Marcha contra a Farsa da Abolição na transição democrática brasileira*. Ele me entrevistou porque fui um dos organizadores desta Marcha. No decorrer deste acontecimento, o Exército Brasileiro e a Polícia Militar foram à Avenida Presidente Vargas reprimir o Movimento Negro em 1988, no ano do Centenário da Abolição da escravatura no Brasil.

Hemetério José dos Santos, tema desta tese. A foto do referido professor é apresentada logo a seguir e pela fotografia, percebemos não restar dúvida de que se trata de um indivíduo negro².



Figura 1: Foto de Hemetério José dos Santos (Fonte: Biblioteca Nacional)³

Já que comecei me referindo ao samba, convém mencionar que este gênero musical, fonte valiosa para os estudos que buscam articular análise histórica com cultura política, como bem argumenta a historiadora Martha Abreu em seus trabalhos sobre o respectivo tema, constitui-se como expressão da cultura afro-brasileira de sambistas de verdade, muitos deles analisados e citados pela própria pesquisadora⁴. Isto significa que, ao apresentar a ousadia de

² A este respeito, utilizo a categoria “negro” como a soma de pretos e pardos.

³ A foto se encontra no livro *Pretidão de amor* (1905), cuja obra faz parte do Acervo da Biblioteca Nacional. Neste livro, Hemetério José dos Santos assina com o pseudônimo de Benedicto Severo. Não consegui decifrar o motivo do uso deste pseudônimo.

⁴ Neste sentido, um dos textos em que Martha Abreu (2005) desenvolve este argumento é *Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História*. Ao analisar a produção artística de Eduardo das Neves (1874-1919) no referido texto, Martha Abreu, dentre outras contribuições, nos ensina uma possibilidade de refletir sobre a produção poética de Hemetério em articulação com o conceito de *cultura política*. Ao refletir sobre o legado do historiador Robert Slenes, Martha (2016) retoma este argumento e destaca esta importante passagem: “Os estudos sobre o samba, ou sobre os sambas, no Brasil e no Rio de Janeiro, podem, assim, ser situados nessa encruzilhada: entre os que valorizam os africanismos e os que destacam os processos de criouliização. Em outros termos, entre continuidades e mudanças – pares que não podem andar separados” (ABREU e outros, 2016, p. 39). Penso que atentar para este olhar sobre as “continuidades e mudanças”, contribui para entender o significado da trajetória de Hemetério.

abrir esta tese com uma letra que denominei “Samba para Hemetério”, não tenho aqui nenhuma pretensão de me autoqualificar como sambista, pois tenho a plena consciência de que não possuo o talento necessário para o exercício desta arte tão valiosa. Sambistas, para mim, são: Wilson Batista, Noel Rosa, Cartola, Candeia, Dona Ivone Lara, Paulinho da Viola, e outros (as) mais, contudo me dei ao prazer de registrar esse exercício de amador que busco fazer de vez em quando. Isto porque penso que o professor Hemetério José dos Santos merece esta lembrança e a partir da pesquisa soube que ele parece ter também arriscado escrever de forma não profissional algumas “modinhas”⁵. Em síntese, a letra em epígrafe foi a forma que encontrei para abrir a tese de modo a sinalizar, logo no início, alguns aspectos da trajetória de vida deste intelectual negro nascido no século XIX: maranhense, poeta, filólogo, gramático, professor, patrono da Academia Brasileira de Filologia e antirracista.

Optei pelo tema em função de uma situação no mínimo curiosa. Estava eu, no início do ano de 2015, trabalhando no Centro de Memória do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ – o antigo Instituto de Educação criado na década de 1930 e que antes tinha sido Escola Normal do Distrito Federal), quando uma professora que trabalhava para a direção do Instituto recusou-se a colocar no site da instituição as informações que eu tinha lhe enviado sobre o importante professor de Português e intelectual negro Hemetério José dos Santos. Desinformada, ela alegou que não havia informações relevantes no Centro de Memória sobre o referido professor e que, portanto, não entendia a importância de que ele fosse mencionado no site do ISERJ .

Travou-se, entre a professora e eu, uma troca de e-mails em que busquei demovê-la da atitude absurda. Enviei-lhe cópias fotografadas das fontes primárias que existiam no Centro de Memória sobre o referido professor e, por fim, o bom senso prevaleceu e as informações sobre o professor foram para o site. Ocorre que este pequeno duelo que travei com a professora me permitiu conhecer um pouco mais sobre a história de vida de Hemetério José dos Santos e deste modo vislumbrei a grandeza da trajetória do professor maranhense e resolvi assumir o desafio de escrever uma tese de doutorado sobre sua trajetória e ideias. Na ocasião em que decidi investigar a vida de Hemetério não havia encontrado nenhuma dissertação ou tese que tratasse da trajetória deste professor. Posteriormente, tomei conhecimento da importante dissertação escrita pela pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015).

⁵ Em seu livro de poemas publicado em 1919, *Fructos Cadivos*, Hemetério incluiu algumas letras destas referidas modinhas. De qualquer modo, vale o registro de que Orestes Barbosa, jornalista, escritor, historiador e compositor de samba, era um admirador de Hemetério.

Vale ressaltar que o professor Hemetério José dos Santos, além de ter sido um protagonista no combate às teorias raciais que apregoavam o chamado “preconceito de cor”, foi também defensor da educação como meio de conquista da cidadania. Assim, a tese busca investigar a hipótese de que o professor Hemetério tratou a educação como instrumento de defesa da cidadania dos mais pobres e da luta antirracista. Neste sentido, o estudo da trajetória e do pensamento deste intelectual negro contribui para se analisar o seguinte problema: pensar as articulações entre educação, cidadania, cultura política e antirracismo no pós-emancipação. O marco temporal da pesquisa foi escolhido em função da trajetória do referido professor de Português e Literatura, cuja atividade docente iniciou-se na década de 1870 e se estenderia até a de 1930.

Desta feita, a pesquisa se articula com algumas das conclusões obtidas no meu mestrado, sob a orientação do professor Luiz Cavaliere Bazilio, cuja dissertação *Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei*⁶ refletiu, dentre outras coisas, sobre políticas públicas para a infância “desvalida” e adolescência infratora, e sua relação com o racismo. Meu propósito foi investigar o papel do racismo na criminalização e na violência fatal contra a juventude negra e pobre.

Na ocasião, ao entrevistar alguns dos principais militantes do Movimento Negro do Rio de Janeiro que foram internos da Escola XV de Novembro (instituição educacional centenária que integrou a rede de escolas da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM) ficou evidente, na experiência dos respectivos militantes, o papel central da educação como meio de enfrentar e superar obstáculos advindos da discriminação racial. Não é por acaso, portanto, que a bandeira da educação se constitua numa das principais, senão a principal, reivindicação do Movimento Negro brasileiro desde os primórdios deste movimento social.

Como assinalado anteriormente, ocorreu-me, então, no doutorado, pensar um pouco mais a respeito do problema que envolve a relação entre educação, cultura política, racismo, antirracismo e busca da cidadania, daí a primeira parte do título da tese ser “Arma da educação”. A escolha desta expressão se relaciona com as ideias de Amílcar Cabral, dirigente político e pensador africano que o educador Paulo Freire denominou certa vez como “o pedagogo da revolução”⁷. Parafraseei de Amílcar Cabral o título do célebre discurso que ele

⁶ SANTOS, Aderaldo Pereira dos, UERJ, 2007. (dissertação de mestrado).

⁷ Palestra de Paulo Freire na Universidade de Brasília em 1985 (Disponível em <http://forumeja.org.br/files/am%C3%ADlcar.pdf>).

fez em 1966, “A Arma da Teoria”⁸, que também é título da primeira parte das suas *Obras Escolhidas*. Cabral, em seus discursos e ensinamentos, enfatizava sobre a importância de se pensar a busca do conhecimento como uma “arma” a ser empunhada em prol da libertação nacional e, neste sentido, a criação de escolas e a defesa da educação eram vistas por ele como ações políticas estratégicas no combate ao colonialismo.

Ao incluir “Arma da educação” no título da tese, pretendo sinalizar a compreensão de que, através do processo educativo, há mais possibilidades de se conquistar cidadania. A historiografia que trata especificamente sobre o professor Hemetério indica ter sido ele sujeito ativo nos debates a respeito do papel da educação e de questões raciais da época⁹. Busquei verificar o significado do protagonismo do professor Hemetério José dos Santos, sobretudo, no que se refere ao processo de mobilização do campo educativo como cenário de luta política em prol da cidadania, cenário este que envolveu não só a dimensão local referente à geografia da cidade do Rio de Janeiro, mas também suas possíveis articulações nacionais e internacionais. Esta pesquisa buscou dimensionar suas experiências e movimentações pelas ruas e bairros do Distrito Federal, assim como as redes de escolas, redes de docência e sociabilidade por ele mobilizadas, inclusive, a que envolveu diretamente seus familiares, uma vez que o investimento da família Hemetério dos Santos na educação foi evidente.

Além da preocupação com o tema da cidadania, o professor preocupou-se, da mesma forma, com a educação para a infância. Não foi à toa que ele escreveu *O Livro dos meninos* (1881), um livro sobre assuntos que os estudantes precisavam aprender. Hemetério chegou a doar cinquenta exemplares deste livro para a escola conhecida como Quilombo da Canela, de acordo com notícia divulgada por José do Patrocínio na página dois do *Jornal Gazeta da Tarde*, em 17 de novembro de 1881¹⁰. A referida obra não foi trabalhada de forma ampla por historiadores e comentadores de Hemetério. Ele também publicou gramáticas, cartas e artigos

⁸ “A arma da teoria: Fundamentos e objetivos da libertação nacional em relação com a estrutura social” – Discurso pronunciado, em nome dos povos e das organizações nacionalistas das colônias portuguesas, na Conferência de solidariedade dos Povos da África e da América Latina (Havana, 3 a 14 de janeiro de 1966), na sessão plenária de 06 de janeiro. (ver *Obras Escolhidas de Amílcar Cabral – A Arma da Teoria/Unidade e Luta I*, p. 199, 1978).

⁹ Dentre a historiografia investigada destaco: MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. “Pretidão de amor”. IN: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cor e Magistério*. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006; DANTAS, Carolina Vianna. *O Brasil café com leite: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos*. Rio de Janeiro, 1903-1914. (tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2007); SILVA, Luara dos Santos, *Etymologias Preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920)*. Rio de Janeiro: CEFET, 2015 (dissertação de mestrado); SCHUELER, Alessandra & RIZZINI, Irma. *Hemetério José dos Santos: professor e intelectual negro nas disputas pela educação na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2017.

¹⁰ Conforme SILVA, 2015, p. 17.

tratando sobre a melhor forma de ensinar português para as crianças. Diante disso, busquei investigar o tratamento que o professor Hemetério abordou a respeito destes assuntos. Estas experiências intelectuais de produtor de manuais escolares foram analisadas como práticas importantes no seu processo de *fazer-se* professor e que, a meu ver, o qualificam como um *intelectual mediador*, conceito analisado mais adiante.

Vale ressaltar também que a tese buscou, sobretudo, dimensionar e entender os significados das experiências de ser professor e intelectual negro nas décadas finas do Império e nas primeiras décadas da República no Distrito Federal. Experiências que constituíram o ser humano Hemetério como um sujeito atuante em um determinado contexto histórico. O referencial teórico-metodológico para dar conta desta empreitada é, fundamentalmente, a do historiador E.P. Thompson, pois, para além de indicar os procedimentos pertinentes à pesquisa histórica, determinadas abordagens do historiador inglês inspiraram o desenvolvimento da pesquisa, sobretudo, por fornecer uma chave interpretativa para se pensar sobre os sentidos das experiências do referido professor. Assim, cabe a reflexão a seguir: de que modo Thompson contribui para se pensar as experiências de Hemetério?

Penso que uma forma de começar a responder à questão acima deve levar em consideração, pelo menos, dois conceitos trabalhados pelo autor no livro *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1987). O primeiro é o modo como o historiador inglês opera com o conceito de *experiência*; o segundo, o de *agência*. Creio que ambas as conceituações são fundamentais para se pensar sobre a trajetória do professor Hemetério José dos Santos. Em um texto mais teórico, *Miséria da Teoria* (1981), obra em que Thompson refuta a perspectiva filosófica de Althusser, o historiador inglês destaca, com maior refinamento, sua compreensão a respeito do conceito de “experiência” ao qual me apoio teoricamente:

O que descobrimos (em minha opinião) está num termo que falta: “experiência humana”. É esse, exatamente, o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, sob injúrias, do clube do pensamento, com o nome de “empirismo”. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como experiência em sua consciência e sua cultura (...) das complexas maneiras (...) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.¹¹

Neste livro, *Miséria da Teoria*, Thompson apresenta argumentos teóricos contrários ao pensamento do filósofo Althusser. O que está em jogo são duas concepções marxistas. A

¹¹ THOMPSON, 1981, p. 182.

crítica do historiador inglês consiste, a grosso modo, em entender o pensamento althusseriano como resultado de uma operação analítica que considera o campo das ideias privilegiado para se compreender os fenômenos sociais. Não foi por acaso que o historiador afirmou ser “a-histórico” e “idealista” o pensamento do filósofo francês. Para Thompson, ao ter como base esta perspectiva, Althusser não dá importância para a dimensão propriamente da “experiência humana” no processo do conhecimento, daí, para o historiador, o termo “experiência” encontrar-se ausente no pensamento althusseriano. Mais do que isso, este é um termo que foi “expulso” do “clube do pensamento” por Althusser e seguidores. Em contrapartida, é exatamente neste termo que Thompson vai identificar a capacidade da *agência humana* de, ao experimentar situações e problemas num contexto determinado, produzir “cultura” e “consciência” que se manifestam de “complexas maneiras”. Por isso, o historiador afirma ser através da experiência que o ser humano “retorna como sujeito”, pois a partir daquilo que ele experimenta é capaz de reinventar-se e recriar novas formas de estar no mundo como ser social. E este estar no mundo realiza-se de modo complexo, pois envolve conflitos, negociações, consensos e mediações das mais diversas.

Penso que as abordagens teóricas do historiador Thompson destacadas acima satisfazem o meu propósito de tentar compreender a trajetória do professor Hemetério, tanto em relação à experiência enquanto intelectual negro, quanto em relação à experiência de professor, pois Hemetério herdou e partilhou “experiências comuns” de outros professores e intelectuais negros no período em que viveu. O *fazer-se* de Hemetério abre caminho para se refletir o lugar da educação e da questão racial no processo histórico ao qual a vida do professor esteve inserida.

Mais do que isto, possibilita pensar sobre a articulação entre o campo educacional e os debates raciais no período estudado. Neste sentido, reafirmo que a abordagem do historiador E. P. Thompson é ferramenta importante para se vislumbrar a vida do professor Hemetério José dos Santos como uma “janela” que se abre em pelo menos dois sentidos: para a compreensão daquele mundo nas décadas finais do Império e das primeiras décadas da República e, como já foi dito anteriormente, para se pensar os significados das experiências do referido professor, inclusive, suas *experiências negras*. No artigo, E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil, Silva Lara (1995) argumenta sobre esta possibilidade:

Assim, a análise mais acurada das tensões do período final da escravidão e dos entrelaçamentos entre trabalho escravo e livre, assalariado ou não, vem se somando ao redimensionamento dos estudos sobre a resistência escrava e o significado da liberdade para os cativos. A produção recente sobre escravidão e abolição, ao revelar novas dimensões da experiência escrava,

tem problematizado os paradigmas explicativos para o processo da abolição e para a caracterização da experiência negra no pós-emancipação.¹²

A autora fez a crítica ao silêncio da historiografia para com as “experiências negras”. Deste modo, ressaltou o quanto tais experiências são parte da “história dos trabalhadores no Brasil” e enfatizou a importância da “inspiração thompsoniana” para “redimensionar a análise de parte da experiência negra”¹³ em nosso país. Além disso, destacou o importante aspecto da possibilidade de novas pesquisas com base na categoria thompsoniana de “experiência negra”:

Que outras dimensões da experiência negra podem ser resgatadas se nos dispusermos a questionar respostas que nos pareçam “naturais”? Novas abordagens para o estudo das relações raciais, étnicas e de classe permitirão, sem dúvida, redimensionar as interpretações tradicionalmente aceitas pelos historiadores, propondo novas questões, problematizando paradigmas explicativos e levando a investigação a novas fontes ou mesmo à releitura de fontes já utilizadas anteriormente.¹⁴

De certa forma, no que tange à passagem acima, é o que eu pretendi fazer ao investir na “experiência negra” do professor Hemetério. Ademais, a própria autora afirma que a luta dos negros pela liberdade “pode ter sido derrotada pelos abolicionistas imigrantistas e golpeada definitivamente pela República, mas quem dirá que ela não renasce a cada dia, no movimento negro?”¹⁵

A preocupação com as evidências é algo sempre presente nos textos de Thompson. Mais do que ensinar como deve ser o manejo com as ferramentas conceituais, os textos do historiador inglês ensinam o cuidado que o pesquisador da História deve ter no sentido de não incorrer no erro de colocar o modelo à frente da empiria, de modo a tentar ver para além das evidências históricas. Como argumenta Thompson, “nada é mais fácil que levar um modelo até o prolífero desenvolvimento da realidade, dele selecionando apenas as evidências que estiverem em conformidade com os princípios seletivos”.¹⁶

Isto significa dizer, em outras palavras, que é preciso dimensionar os significados e limites da “experiência negra” do professor Hemetério. Neste sentido, as fontes pesquisadas apresentam evidências sobre questões que nos remetem a determinadas experiências que foram herdadas e compartilhadas por outros sujeitos históricos da época estudada e que,

¹² LARA, 1995, p. 53-54.

¹³ Idem, p. 55.

¹⁴ Idem, p. 56.

¹⁵ Idem.

¹⁶ THOMPSON, 2001, p. 155.

portanto, não diz respeito apenas a um indivíduo. O olhar sobre a trajetória do indivíduo, na perspectiva de Thompson, não pode ficar preso à ótica propriamente individual, mas sim de um grupo, de uma classe, de uma determinada tradição, compartilhando experiências comuns e díspares, e atuando num determinado processo histórico. Esta é uma perspectiva presente, por exemplo, em seu clássico *A Formação da Classe Operária Inglesa* (1987).

O primeiro capítulo do livro (*Número ilimitado de membros*), por exemplo, começa tratando das experiências dos membros da Sociedade Londrina de Correspondência, suas “aspirações, temores e tensões”. A perspectiva do autor foi, sobretudo, tentar compreender “a continuidade das tradições e o contexto que se alterou”¹⁷. Ou seja, entender o processo histórico em sua permanência e possível ruptura ou descontinuidade. Thompson resume o projeto deste primeiro volume do livro ao final do capítulo:

Talvez possamos perceber um pouco das complexidades dessas tradições persistentes se isolarmos três problemas: a tradição da Dissidência e sua modificação pelo revivalismo metodista; a tradição composta por todas aquelas vagas noções populares que se combinam na ideia do “direito de nascimento” do homem inglês; e a ambígua tradição da “turba” do século 18 (...).¹⁸

O historiador inglês nos alerta para a importância de ficar atentos à “complexidade” dos fenômenos e processos analisados, em suma, a complexidade das experiências dos grupos sociais no desenrolar do contexto histórico estudado. Este ensinamento foi importante no sentido de situar a experiência de Hemetério no quadro complexo das “experiências negras” do período, tanto no que tange às tradições das gerações de negros anteriores a dele quanto às tradições por ele vivenciadas.

Ao tratar no capítulo 2 do livro (*O cristão e o demônio*) sobre as experiências da dissidência religiosa, dentre várias coisas importantes, Thompson sinaliza para um aspecto relevante que envolve o estudo da história intelectual: “A história intelectual da Dissidência é composta de choques, cismas, mutações; muitas vezes sentem-se nela os germes adormecidos do radicalismo político, prontos para germinar logo que semeados num contexto promissor e favorável”¹⁹. Esta passagem nos sugere pensar sobre a articulação de determinadas lutas em períodos distintos. Sobretudo, considerando a luta de intelectuais negros antes e durante o processo abolicionista, assim como sua luta imediatamente posterior à Abolição, percebe-se que algumas questões anunciadas por tais intelectuais só tiveram condições de ganhar terreno

¹⁷ THOMPSON, 1987, p. 23.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem, p. 36.

na sociedade num contexto mais favorável, que veio a ser ocupado pelo que se convencionou denominar de Movimento Negro brasileiro. Este é o caso, por exemplo, da defesa em prol do ensino da História da África.

Em tempos de discussão sobre a implementação da lei 10.639/2003, promulgada por demanda do Movimento Negro brasileiro (a fim de que escolas fossem obrigadas a ensinar História da África e Cultura Afro-Brasileira sob o prisma do protagonismo do negro como sujeito histórico), o ensino ministrado nos estabelecimentos educacionais a respeito destes temas se pautava (e em grande medida ainda se pauta) sobre uma perspectiva de ver os africanos e seus descendentes como produtores de uma cultura inferior. Desta forma, percebe-se o quanto o pensamento do professor Hemetério José dos Santos antecipa questões que só tempos mais tarde puderam ser vitoriosas do ponto de vista político, pois, mesmo concordando com o aspecto de que a lei indica um cenário de luta, uma vez que resistências existem para a sua implementação, o fato dela ter sido promulgada denota, de certa forma, uma vitória política do Movimento Negro brasileiro. E mais, talvez seja possível inferir que, assim como Manuel Querino²⁰, Hemetério pode fazer leituras críticas de estudiosos da temática africana e uma das referências seria Nina Rodrigues²¹, conterrâneo do professor.

²⁰ Manuel Querino (1851-1923), intelectual negro baiano, etnólogo e historiador. Escreveu sobre diversos assuntos: “a vida do negro trabalhador, o cotidiano da cidade de Salvador, a herança africana nos costumes brasileiros, os artistas e operários desprezados pela República, e tantos outros destacados eventos históricos, como as lutas pela independência na Bahia” (LEAL, 2016, p. 142), destaca Maria das Graças de Andrade Leal (2016), em seu artigo *Manuel Querino: narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição* (*Revista Projeto História*, São Paulo, n. 57, p. 139-170, Set.-Dez., 2016). Com o livro *Manuel Querino – Entre Letras e Lutas*, Maria das Graças de Andrade Leal (2009) escreveu obra extensa a respeito da trajetória deste intelectual negro. Vale destacar também outra referência importante. No capítulo 9 do livro *Pensadores Negros – Pensadoras negras*, que aborda sobre a trajetória de Manuel Querino, Sabrina Gledhll (2016) afirma: “De acordo com David Brookshaw, Querino tentou ‘aparar o golpe do proeminente etnólogo Nina Rodrigues, defendendo os negros e exaltando suas qualidades’” (GLEDHLL, 2016, p. 202). Além disso, a autora destaca que Querino escreveu “biografias de homens negros para fornecer referências ilustres e quebrar estereótipos, valendo-se da sua própria história de *self-made man*, seguindo o exemplo de outros líderes e intelectuais da diáspora que começaram do nada, como Booker T. Washington” (GLEDHLL, 2016, p. 202). No mesmo capítulo sobre Manuel Querino consta ainda o argumento que acompanhou a trajetória de Hemetério: “Neste esforço de dar visibilidade ao negro, o intelectual baiano seguia o exemplo da imprensa negra que, no século XIX, procurou apresentar personagens ilustres ‘de cor’ como referências positivas para o negro, a fim de combater os estereótipos que o cercavam e ainda o cercam no Brasil” (GLEDHLL, 2016, p. 205). Sobre a trajetória de Booker T. Washington ver texto de Amanda Santos e Alexandra Lima da Silva (2017), *Booker T. Washington: A trajetória de um ex-escravo que se tornou professor* (IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias, RJ, 2017). Hemetério chegou a ser comparado a Booker pela imprensa.

²¹ Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906). Médico, antropólogo e professor. Em um dos seus livros clássicos, *Os africanos no Brasil*, livro publicado em 1932, porém, com ensaios escritos no final do século XIX e início do XX, Nina Rodrigues afirmava: “Se conhecemos homens negros ou de cor de indubitável merecimento e credores de estima e respeito, não há de obstar esse fato o reconhecimento desta verdade – que até hoje não se puderam os Negros constituir em povos civilizados” (p. 12). Para Nina Rodrigues, a inferioridade da “raça negra” era algo “natural” e “cientificamente” comprovado. Em outra passagem deste livro ele afirma: “A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelemos generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo” (14-15).

Ao tratar do estudo sobre as experiências da “turba” (Capítulo 3: *As fortalezas de Satanás*), o historiador Thompson sugere “mais estudos sobre atitudes sociais de criminosos, soldados e marinheiros, e sobre a vida de taberna”²², ao mesmo tempo em que apresenta alerta fundamental para quem se aventura pelos caminhos da pesquisa histórica: “deveríamos olhar as evidências, não com olhos moralizadores (...)”²³. Isto significa dizer que não cabe ao historiador fazer julgamentos morais dos seus personagens de pesquisa, muito menos atribuir valores morais de seu tempo para a época vivida pelos sujeitos do passado e esta advertência é fundamental para a continuidade da pesquisa.

As reflexões deste historiador contribuíram para se considerar a perspectiva teórica dos “de baixo” enquanto agentes históricos. Quer dizer, mesmo perante um quadro de extrema opressão, há a possibilidade de se descobrir a *agência* dos que estão sujeitos à dominação. Esta perspectiva teórica de Thompson, por exemplo, abriu caminho para se olhar com outros olhos as ações dos que viveram em contextos de grande opressão, como em relação aos negros nas sociedades escravistas e racistas. Desta feita, o teórico contribuiu, no âmbito dos estudos sobre os negros, para uma nova perspectiva voltada, sobretudo, para a ideia de que tanto os escravos quanto os libertos passaram a ser vistos como sujeitos sociais que buscaram criar “espaços de negociação” e se tornaram agentes da sua própria história. Em síntese, assim como as mulheres, os negros seriam *agentes políticos* diante dos problemas que a sociedade cria em suas trajetórias de vida ou seja Hemetério José dos Santos pode ser visto como um destes agentes.

Para além de ser utilizado como referencial teórico de uma tese, Thompson nos ensina uma maneira de fazer história. É isto que ele nos elucida na maior parte dos seus textos, a exemplo do seu espetacular trabalho em *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial* (1998), em que o autor demonstra o quanto é necessário para o historiador recriar o espírito de um determinado tempo e ter a capacidade de captar o processo histórico em sua complexidade. De fato, suas análises esclarecem a respeito do cuidado que o historiador deve ter no sentido de evitar ver “resistência” onde ela não existe. Estabelece uma metodologia que revela as ambiguidades e tensões existentes entre *estrutura* e *agência*, assim como entre a evidência e a especulação.

Hemetério combateu este tipo de visão. As passagens foram citadas da seguinte publicação: *Os Africanos no Brasil*, 2010, RJ, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

²² THOMPSON, 1987, p. 61.

²³ Idem.

Com efeito, o teórico percebe que aquilo que se apresenta à primeira vista como conservador pode também ter uma dimensão subversiva, pois nem sempre estes dois aspectos estão distantes. E

les podem estar mais próximos do que se possa imaginar, a exemplo das análises que o autor fez em *Costumes em comum* (1998), a respeito da cultura popular que pode apresentar o “paradoxo” de ser “uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, rebelde”²⁴. A vida de Hemetério é um exemplo a se pensar neste sentido. Mesmo próximo de pessoas influentes no Império e na República, esta proximidade não o impediu de passar por situações de racismo pelo fato de ser negro, e de não só enfrentar tais situações, como também questionar visões preconceituosas emitidas por alguns daqueles que eram próximos a ele. Seus argumentos políticos e pedagógicos contra as visões de inferioridade do negro em sua época foram exemplos de um combate antirracista contra hegemônico, cuja principal arma a ser manejada foi a *educação* e o *conhecimento*, sobretudo, o conhecimento histórico.

Hemetério e Thompson certamente nunca se encontraram na vida, mas entre eles existiu algo em comum: ambos tiveram a experiência de ensinar em escolas de ensino noturno, quase sempre criadas para atender estudantes que trabalhavam durante o dia. Desta feita, no texto *Educação e experiência* (2002), o historiador inglês afirma a potencialidade que o estudante adulto carrega consigo em face da sua vivência:

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional; influencia os métodos de ensino, a seleção e o aperfeiçoamento dos mestres e o currículo, podendo até mesmo revelar pontos fracos ou omissões nas disciplinas acadêmicas tradicionais e levar à elaboração de novas áreas de estudo²⁵.

O que Thompson sinaliza na passagem acima, em certa medida, está ocorrendo nas universidades brasileiras que recebem estudantes negros através das cotas raciais. Alguns destes, ao se assumirem como negros, carregam consigo uma identidade cultural e racial que se choca com a estrutura tradicional e eurocêntrica da universidade brasileira. Estes pressionam, das mais diversas maneiras, para que estudos sobre os negros e sobre a África sejam contemplados nos currículos acadêmicos. Mesmo diante dos visíveis ataques que vem sofrendo de segmentos conservadores da sociedade brasileira, este tipo de pressão se intensificou a partir da promulgação da Lei 10.639 em 2003 e, sobretudo, depois que veio a público no ano seguinte, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações

²⁴ THOMPSON, 1998, p. 19.

²⁵ THOMPSON, 2002, p. 13.

Étnico-raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro-Brasileira e Africana”²⁶. Como bem destaca Martha Abreu (2005),

Colocando no centro do debate conceitos de raça, identidade negra, racismo, democracia racial, cultura negra, cultura afro-brasileira, pluralidade cultural e cultura brasileira, a política educacional proposta pelas “Diretrizes” exige o aprofundamento desses conceitos e a sua contextualização no processo histórico. Para além do evidente envolvimento de educadores, “Diretrizes” convocam os profissionais de História para uma ampla reflexão sobre a história da cultura afro-brasileira, em suas dimensões de pesquisa e ensino (fundamental, médio ou superior).²⁷

No que diz respeito ao alerta da historiadora Martha de que as questões acima devem ser pensadas considerando a “contextualização no processo histórico”, penso que o estudo da trajetória e pensamento de Hemetério José dos Santos contribui para este “aprofundamento”, pois o professor, nos limites do seu tempo, se preocupava com os assuntos referentes à questão racial, ao negro e à África, além de direcionar seus estudantes para que conhecessem a experiência do *Quilombo de Palmares*, e isto em pleno século XIX. Além disso, preocupou-se em pensar metodologias que mediassem de modo mais satisfatório o processo de ensino. As evidências sinalizam mais para um Hemetério *mediador*, do que para alguém que caminha nos extremos. Neste sentido, creio ser pertinente e proveitoso trabalhar com o conceito de *intelectual mediador* para se pensar sobre a trajetória do referido professor. A seguir, apresento algumas reflexões a este respeito.

O que seria um intelectual mediador? Hemetério José dos Santos teria sido um intelectual mediador? Para poder dar conta de responder às duas questões, faz-se necessário percorrer o caminho de algumas referências que tratam sobre o tema, a exemplo da que diz respeito ao “nascimento dos intelectuais”, pois, como informa a própria expressão, o “intelectual mediador” é, antes de qualquer coisa, um *intelectual*, termo que, de acordo com Christophe Charle (2013), teve sua aparição no século XIX, mais precisamente no cenário em que se processou o debate em torno do chamado “caso Dreyfus”.

Para Christophe, o surgimento do “novo termo” representou o momento em que “os intelectuais reivindicaram um poder simbólico e uma identidade coletiva”²⁸. Ancorado na noção de “campo” de Pierre Bourdieu, o argumento de Christophe, no que tange a

²⁶ A Lei 10.639/2003 instituiu como sendo obrigatórios na Educação Básica, o ensino de História Africana e Cultura Afro-Brasileira. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais (2004) surgiram para atender o cumprimento da referida lei.

²⁷ ABREU, 2005, p. 423.

²⁸ CHARLE, 2013, p. 142.

“identidade coletiva”, buscou delimitar o que ele denominou de “campo intelectual”, quer dizer, “o espaço social e ideológico no interior do qual pensam e se situam os intelectuais”²⁹.

No debate entre os prós e contra Dreyfus foi evidenciada uma disputa entre projetos políticos distintos. No bojo desta disputa, o sujeito intelectual surge como uma pessoa capaz de produzir argumentos favoráveis a um lado e a outro. Assim, faz parte da natureza do ser intelectual: a vinculação a um determinado projeto político e cultural que se pretende defender na sociedade. Dito de outra forma, existe uma relação muito próxima entre o *intelectual* e a *questão do poder*.

Norberto Bobbio (1997) em *Os intelectuais e o poder* refletiu sobre esta relação quase inseparável entre a questão do poder e os intelectuais:

Embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse dos bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões do mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do homem como animal falante).³⁰

Ao considerar o argumento de Bobbio, expresso na passagem acima, o professor Hemetério José dos Santos pode ser qualificado como um *intelectual*, sobretudo (embora não só por isso), porque um dos aspectos que marcou a sua trajetória de vida foi sua preocupação em produzir e transmitir ideias e visões que questionavam determinadas teorias raciais da época em que ele viveu. O escopo destas teorias tomava a inferioridade dos negros em relação aos brancos como algo da ordem da “natureza”, o que Hemetério buscou questionar, ancorado em grande parte no estudo da História. Ou seja, aos projetos políticos que se fundamentavam na desigualdade racial, Hemetério se contrapôs, somando-se àqueles projetos que acreditavam na igualdade das “raças humanas”.

O texto clássico *Os intelectuais* de Jean-François Sirinelli (1996) é também uma referência importante para se pensar sobre a noção de intelectual. Neste sentido, este autor considera a referida noção a partir de “duas acepções”: “uma ampla e sociocultural,

²⁹ Idem, p. 155.

³⁰ BOBBIO, 1997, p. 11.

englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”³¹. Em uma passagem importante, Sirinelli detalha a primeira acepção:

No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ da cultura. É evidente que todo estudo exaustivo do meio intelectual deveria basear-se numa definição como esta.³²

Considerando o que Sirinelli escreveu na passagem acima, podemos inferir que Hemetério se situa na primeira acepção, por tratar-se de um professor. Entretanto, para além do ensino secundário, suas atividades docentes envolveram também o ensino primário.

No que tange às duas acepções de intelectuais destacadas anteriormente, Sirinelli alerta, no entanto, que “o debate entre as duas definições é em grande parte um falso problema”³³. Desta feita, o historiador sugere que se parta “da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo”³⁴.

O autor também acentua a importância das “redes” e da categoria de “geração” em pesquisas sobre trajetórias dos intelectuais. A respeito das redes propriamente ditas, Sirinelli as entende como “estruturas elementares da sociabilidade” que podem tomar forma através das “revistas”, “manifestos”, “abaixo-assinados” e determinados espaços sobre os quais entendo também ser a *escola*. Neste sentido, compreendo que àquilo que o autor atribui à “revista”, também pode ser atribuído às instituições educativas, ou seja, “antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”³⁵.

A este respeito, não resta dúvida que as “redes de sociabilidade” tiveram papel de grande importância na trajetória³⁶ de vida do professor Hemetério José dos Santos. Como veremos nesta tese, grande parte das redes que o professor integrou originou-se de uma determinada escola.

Quanto à importante análise que Sirinelli faz a respeito da categoria de *geração* para o estudo de trajetórias intelectuais, as evidências apontam para o fato de que o professor Hemetério José dos Santos estabeleceu contatos com alguns dos integrantes do que se

³¹ SIRINELLI, 1996, p. 242.

³² Idem.

³³ Idem, p. 243.

³⁴ Idem, p. 249.

³⁵ Idem.

³⁶ Para uma análise de trajetória que levem em conta as complexidades e as relações com grupos e contextos, ver Giovanni Levi (1998), em *Usos da biografia*, e Pierre Bourdieu (1998), em *A ilusão biográfica*. As análises destes dois autores foram importantes luzes para o estudo da trajetória de Hemetério. Ambos os textos se encontram no livro *Usos & abusos da história oral* organizado por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (1998).

convencionou denominar de “geração de 1870”³⁷. Além disso, Hemetério participou e proferiu conferência no movimento das “conferências emancipacionistas”, sendo, inclusive, muito próximo de José do Patrocínio. Desta feita, podemos inferir que o referido professor fez parte e foi, ao mesmo tempo, produto e herdeiro da respectiva geração de 1870 e da geração que tocou o movimento abolicionista no Brasil.

Para o esclarecimento sobre o que significa um “intelectual mediador”, creio que facilita em muito a compreensão do respectivo conceito, a “Apresentação” escrita por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) no livro *Intelectuais Mediadores – práticas culturais e ação política*, livro este que foi organizado por estas autoras. No referido texto, elas passaram pelos caminhos aos quais o conceito pode ser trabalhado.

Logo no início, Angela e Patrícia informam que o enfoque da obra foi delimitado a determinadas “práticas de mediação cultural” exercidas “por sujeitos históricos identificados como intelectuais”³⁸. Elas também esclarecem que o conjunto de textos que compõe o livro versa sobre “diversos tipos de ação” que se constituiu em estudos de caso de sujeitos que foram “nomeados como intelectuais mediadores ou, simplesmente, mediadores culturais”³⁹.

Em outro momento, as autoras destacam dois esclarecimentos que nos ajudam a compreender a complexidade que envolve o debate em torno do intelectual mediador. O primeiro se refere à questão do “reconhecimento” e da visibilidade de um “conjunto diversificados de atores” que exercem práticas de mediação cultural, mas que, apesar de serem relevantes, nem sempre são reconhecidos como tal. É o caso, por exemplo, do que as autoras destacaram como “guardiões da memória” em família. Segundo elas,

(...) encarnados em pessoas idosas ou em um membro da família que estabelece como seu objetivo ‘produzir’, de maneira mais ou menos informal, um arquivo de documentos ou de relatos sobre a história dessa família.⁴⁰

³⁷ Em texto que já se tornou um clássico, *Ideias em movimento – a geração 1870 na crise do Brasil- Império* (2002), Angela Alonso analisa diversos aspectos desta geração tomando por base o conceito de *intelectual criador*, conceito este sinalizado por Sirinelli (1996) em texto já citado. Não temos aqui a pretensão de nos aprofundar na caracterização deste conceito, mas creio ser pertinente lembrar as palavras de Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen que esclarecem o quanto um determinado intelectual pode apresentar, ao mesmo tempo, mais de uma faceta: “O que se quer sublinhar com tais exemplos é que um mesmo intelectual pode ser ‘criador’ e ‘mediador’; pode ser só ‘criador’ ou só ‘mediador’; ou pode ser ‘mediador’ em mais de um tipo de atividade de mediação cultural, sendo seu valor conferido pelo reconhecimento de seu trabalho, quer pelo público, quer pelo próprio campo intelectual com o qual dialoga. Essas opções não devem ser consideradas posições fixas, do mesmo modo que não há identidades profissionais ou pessoas fixas e imutáveis” (GOMES e HANSEN, 2016, p. 12).

³⁸ GOMES e HANSEN, 2016, p. 9.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

Outro exemplo destacado pelas autoras diz respeito aos mediadores culturais “identificados nos leitores, contadores de histórias, guias de instituições, pais e outros agentes educadores encarregados da socialização de crianças e jovens em diversas situações”⁴¹ que, em geral, não se veem nem são identificados como intelectuais.

O segundo esclarecimento é particularmente importante, sobretudo, por informar a respeito do conceito de “intelectual mediador” com o qual as autoras operam. Desta feita, sem entrar aqui nos pormenores que elas traçam a respeito da história dos intelectuais, em face dos limites destas *Considerações Iniciais*, convém destacar alguns pontos relevantes que tratam do universo onde o intelectual mediador se move.

Neste sentido, as pesquisadoras pontuam questões que abarcam o referido universo, como as “condições de produção político-social de ideias”, as “tradições culturais”, os “paradigmas vigentes em dado contexto cultural”, as “linguagens” e “vocabulário” que estão à disposição, e as “sensibilidades compartilhadas por indivíduos e grupos de intelectuais”⁴².

A perspectiva das autoras destaca, sobretudo, “a centralidade que as variáveis culturais passam a assumir para a compreensão do mundo ou da ‘visão de mundo’ dos intelectuais”⁴³. Centralidade esta que abarca um processo em que os intelectuais cada vez mais se movimentam entrelaçados em projetos que articulam os campos da política e da cultura.

Neste processo, as categorias de “público” e de “apropriação cultural” ganham relevância, pois, como bem acentuaram Angela e Patrícia,

Todo leitor, ouvinte, espectador, aluno etc, reelabora os significados dos bens culturais de que se apropria, em função de sua experiência de vida, no sentido que esta categoria ganhou com os trabalhos de E. P. Thompson.⁴⁴

E esta observação cabe também para se questionar a visão limitada de entender o intelectual mediador como um simples “transmissor”, como se sua atuação ocorresse de modo passivo e mecânico. Ledo engano. Os intelectuais mediadores também se apropriam da mediação cultural que realizam, e a partir da sua *experiência* e da sua *agência*, na perspectiva de Thompson, retornam como sujeito de modo a abrir e projetar novos caminhos e outras visões de mundo e de sociedade.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem, p. 12.

⁴³ Idem.

⁴⁴ Idem, p. 15.

Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen questionam a visão que busca desvalorizar e ver de modo negativo o intelectual mediador. Ao fazerem isso, convocam os pesquisadores a enfrentarem este problema:

O fato é que, apesar da atividade de mediação cultural ser considerada indispensável e incontornável, em qualquer sociedade – a educação talvez seja sua melhor expressão –, com frequência o intelectual mediador – que a ela dedica tempo, esforços e tem sempre um projeto político-cultural, sobretudo quando exclusivamente dedicado à mediação, não é nem mesmo reconhecido como intelectual, sendo negligenciado nas análises e considerado de valor secundário quando não supérfluo.⁴⁵

De certa forma, minha tese sobre a trajetória do professor Hemetério José dos Santos pretende contribuir no enfrentamento deste problema, tão bem sinalizado pelas autoras na passagem acima. Isto porque, com base nas referências aqui trabalhadas e nas evidências da pesquisa, penso que o conceito de intelectual mediador contribui para as análises e reflexões que ando fazendo a respeito da trajetória deste professor.

Tomando por base o público ao qual se destina, em outra passagem do texto, Angela e Patrícia apresentam algumas das diversas possibilidades de identificação do intelectual mediador:

Consideramos, então, que os intelectuais mediadores podem ser tanto aqueles que se dirigem a um público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público não especializado, composto por amplas parcelas da sociedade. Desta forma, podem ser os que se dedicam a um público de corte determinado como o escolar, o feminino, os sócios ou membros de uma organização ou comunidade étnica, profissional, por exemplo; ou a um público abrangente e heterogêneo, como o de um periódico de grande circulação.⁴⁶

Vale lembrar também que algumas das análises dos autores que fazem parte do livro organizado por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016) referem-se a pesquisas que envolvem o sujeito docente como intelectual mediador. É o caso, por exemplo, da análise feita por Libânia Nacif Xavier (2016) no capítulo *Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações*.

Dentre as várias observações destacadas por Libânia em seu texto, merece ressaltar algumas das passagens em que a autora reflete sobre as atividades dos educadores como sendo (ou não) uma atividade intelectual. Neste sentido, vale lembrar algumas das orientações

⁴⁵ Idem, p. 17.

⁴⁶ Idem, p. 21.

da autora para quem se aventura em pesquisas que buscam refletir o professor como um intelectual:

Os diferentes tratamentos dispensados a este personagem indicam que a aplicação do atributo de intelectual requer a reflexão acerca das funções que determinados educadores desempenham em suas trajetórias profissionais. Requer, ainda, a observação dos lugares institucionais, sociais, políticos e culturais que eles ocuparam, além de demandar a análise da contribuição e das repercussões de seus esforços.⁴⁷

Na passagem acima, a autora alerta, portanto, ser necessário avaliar as “funções”, “os lugares institucionais, sociais, políticos e culturais”, assim como as contribuições e repercussão das ações empreendidas pelo educador estudado.

No caso do professor Hemetério José dos Santos, percebe-se que este educador teve experiências variadas desde meados da década de 1870 até a década de 1930, como veremos no corpo da tese. Neste sentido, percebe-se, portanto, que as experiências deste professor são indícios de que podemos qualificá-lo como um intelectual mediador. Ele, inclusive, teve um papel importante nos debates da época sobre as questões pertinentes ao campo de conhecimento sobre o qual se especializou, no caso, o da filologia e da língua portuguesa. Desta feita, não foi por acaso seu nome ter sido incluído, desde José de Anchieta e Padre Antonio Vieira, entre os quarenta patronos indicados para a Academia Brasileira de Filologia, no momento de criação desta Academia, na década de 1940.

Outro aspecto a considerar diz respeito ao argumento apresentado por Libânia sobre a dimensão intelectual do professor. Para ela, “o qualificativo intelectual” do professor se efetiva “por meio do trabalho de mediação que transforma o conhecimento científico em conhecimento compreensível”⁴⁸; isto é, quando o professor se preocupa em criar “metodologias para realizar de modo eficiente a sua transmissão, tendo em vista os limites e as potencialidades do público a que se dirige”⁴⁹. Para Libânia, portanto, é através dessa “chave”, “que a dimensão intelectual do trabalho do professor se realiza”⁵⁰.

A se considerar o argumento acima desenvolvido por Libânia Nacif Xavier em relação à dimensão intelectual do professor, entendo que esta dimensão também pode ser considerada na trajetória de Hemetério José dos Santos. Isto porque existem fontes que comprovam o quanto ele se dedicou para pensar metodologias para o ensino da língua portuguesa, levando

⁴⁷ XAVIER, 2016, p. 473.

⁴⁸ Idem, p. 482.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Idem.

em consideração a diversidade do público a ser ensinado. Seja através de cartas, de conferências ou de livros, Hemetério buscou pensar e refletir novas metodologias de ensino. Assim, penso que a “chave” destacada por Libânia também serve para abrir a “porta” que nos permite conhecer um pouco mais sobre a trajetória deste professor.

Outro estudo importante a ser mencionado é o de Alessandra Schueler (2002), que tratou sobre “culturas escolares e experiência docentes na cidade do Rio de Janeiro - 1854/1889”⁵¹. Um dos aspectos importantes a destacar deste estudo de Alessandra consiste na análise que ela faz dos “professores como intelectuais da cidade” e a participação deles em “projetos de educação e cidadania”⁵².

O professor Hemetério também se preocupou com os pontos sinalizados acima por Alessandra, neste sentido, a abordagem da pesquisadora sugere pensar o referido protagonista dando continuidade a certa tradição existente entre grupos de professores na cidade do Rio de Janeiro, como bem demonstrou a tese da autora. Isto é importante porque nos alerta para o equívoco de pensar que a atuação dele através dos jornais, da imprensa pedagógica e em defesa da educação como instrumento de conquista para a cidadania fosse algo original. Fica também o ensinamento de que experiências docentes eram transmitidas entre gerações de professores. O mesmo pode ser dito em relação aos intelectuais negros. No artigo *Intelectuais negros e projetos de educação (1870 – 1910): experiências docentes de André Rebouças, José do Patrocínio e Manoel Querino*, Alessandra Shueler (2013) fundamenta este argumento:

(...) vários intelectuais, homens e mulheres, estiveram imersos na luta abolicionista e nos movimentos republicanos, como foram exemplares os casos de José do Patrocínio, André Rebouças e Manoel Querino. Atuando em sociedades e associações emancipacionistas, beneficentes, operárias ou de auxílio mútuo e, com grande repercussão, na imprensa e no jornalismo, esses intelectuais negros disputaram e veicularam projetos de reformas sociais, incluindo a instrução primária e a educação de negros, escravos, livres e libertos.⁵³

Em outro momento do texto, a autora reforça o argumento que abre o artigo, argumento este que me fez inferir a evidência de que o professor Hemetério inspirou-se nas experiências de uma geração de intelectuais negros que atuava de maneira intensa na cidade. Quando o professor chegou ao Rio de Janeiro, em meados da década de 1870, certamente pôde apreender determinada maneira de fazer política no seu “fazer-se” professor:

⁵¹ SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. *Culturas Escolares e Experiências Docentes na Cidade do Rio de Janeiro (1854-1889)*. Niterói: UFF, 2002. (Tese de doutorado).

⁵²SCHUELER, 2002, p. 203-204.

⁵³SHUELER, 2013, p. 1.

Muitos intelectuais, incluindo intelectuais negros, tiveram presença marcante nestes debates e nestas ações na sociedade oitocentista. Políticos, jornalistas, juristas, bacharéis, médicos, professores públicos e particulares debateram e se engajaram na luta pela educação, por meio de várias frentes, como a imprensa, as Conferências Públicas, o ingresso em Sociedades de Instrução, Clubes Abolicionistas, a abertura de aulas noturnas nas suas próprias escolas, entre outros.⁵⁴

A autora enumera diversos trabalhos sobre intelectuais negros, incluindo o que trata de Hemetério, além de destacar o importante aspecto de que alguns destes intelectuais foram “líderanças da população negra no mundo letrado”⁵⁵.

Há de se considerar também o argumento defendido por José Gonçalves Gondra (2009) “de que a atribuição do estatuto de *intelectual* a um homem ou mulher deve buscar reconhecer seus pertencimentos e sua inscrição em determinada ordem discursiva”, ordem esta que “autoriza e legitima determinados sujeitos a manejarem a palavra e a pena em favor de problemas bem determinados”⁵⁶. Minha tese procura analisar de que modo o sujeito Hemetério José dos Santos construiu e conquistou para si o pertencimento a este “estatuto” ao qual se refere Gondra.

Faz-se necessário agora apresentar considerações sobre as fontes pesquisadas. Desta feita, foram tomadas como fontes para esta tese, obras e textos do professor Hemetério que foram publicados: *Grammatica elementar da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1879; *O Livro dos meninos: contos brasileiros de acordo com os processos modernos*. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica de J. G. de Azevedo, 1881; *Grammatica portuguesa Segundo Gráo Primmario*. Rio de Janeiro: Typ. Montenegro, 1885; *Grammatica portuguesa adotada na Escola Normal do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1897; *Grammatica Portugueza – Destinada ao curso do Colégio Militar*. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C., 1897; *Pretidão de amor: conferências literárias*. Rio de Janeiro: Typ. d’Os Annaes, 1905; *Carta aos maranhenses*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1906; *Etymologias – preto*. Almanaque Garnier, Rio de Janeiro, 1907; *Da construção vernacular*. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua, s/d; *Ensino Municipal – Carta ao Dr. Curvello de Mendonça*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1909; *Fructos cadivos (poesia)*. Rio de Janeiro, 1919; *Prefácio do livro Da República à Ditadura* de Durmund Martins, 1931.

⁵⁴ Idem, p. 5.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ GONDRA, 2009, p. 63.

Analisei também textos publicados em jornais, revistas e periódicos que estão disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional com acesso on-line. Busquei também, através desta Hemeroteca, as notícias que faziam algum tipo de referência à pessoa do professor. Para facilitar a análise das mesmas, coloquei em ficha específica por tipo de periódico e por ordem cronológica, as respectivas notícias. Encontrei também importantes documentos no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGRJ), na Biblioteca Nacional (BN), Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (CMEB/ISERJ) e no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM/CPII). Deve-se salientar que, dentre as fontes mobilizadas para compreender o percurso de Hemetério, tiveram destaque as fontes jornalísticas acessadas através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Neste sentido, convém dedicar algumas linhas sobre o trato com tais fontes para os estudos históricos. Além disso, o respectivo percurso também se articula com a reflexão em torno do tema da cidadania.

Várias são as fontes impressas que foram trabalhadas na pesquisa, a exemplo de periódicos, jornais e revistas. Assim, creio ser pertinente destacar aqui algumas das observações de Aline de Moraes Limeira (2012) quanto ao uso de impressos como fonte de pesquisa histórica. Ancorada em Foucault e Chartier, a autora destaca que “os impressos também selecionam, ordenam, estruturam o acontecido, os fatos”. Fatos estes que, segundo ela, “estrategicamente narram aquilo que passou, selecionando interesses, atuando num jogo desequilibrado de forças”, ou seja, “forjam, legitimam e retificam valores, ideias, projetos, mobilizam discursos na produção de verdades”⁵⁷. Neste sentido, a autora sugere que o caminho metodológico no trato com este tipo de fonte deve possibilitar a observação da “linha editorial do material impresso, suas formas de inserção no universo cultural da época em que circulou, e, ao mesmo tempo, aspectos relacionados ao público a quem pretendia destinar-se”⁵⁸.

Outro aspecto destacado por pesquisadores sobre as possibilidades do uso com fontes advindas da imprensa diz respeito à investigação sobre “representações”. Nei Jorge Santos Junior e Victor Andrade Melo (2013) exploraram este aspecto ao refletirem sobre “as representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca” na primeira década do século XX. Apoiando-se na abordagem de Roger Chartier, os autores esclarecem, em nota na página 421, que através das representações divulgadas pelos jornais é possível se perceber “a forma como se constrói visões sobre fatos sociais, de forma distinta no seio de um mesmo ou

⁵⁷ LIMEIRA, 2012, p. 371.

⁵⁸ Idem.

diferente tempo e espaço”. Além disso, eles afirmam que “por meio das representações, concede-se sentido e significado, concretude à vida cotidiana”⁵⁹.

Ao explicar o modo como entende o trabalho com periódicos, Leandro Climaco Mendonça (2014), em *Nas Margens – experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro (1880 -1920)*, afirma ser a imprensa “um suporte de práticas sociais, e, como tal, seu testemunho não é neutro”⁶⁰.

No livro *História Cultural da Imprensa (Brasil – 1800-1900)*, Marialva Barbosa (2010) também argumenta sobre as potencialidades da imprensa como fonte de pesquisa histórica. Segundo a autora, “a imprensa é fonte de singular interpretação”, pois, permite a análise de “traços significativos da sociedade cujos passos e acontecimentos mais representativos pretendem retratar”⁶¹. De acordo com Marialva: “Por trás das letras impressas, das fotos e das ilustrações publicadas, é possível remontar todo o circuito da comunicação”⁶².

Entrevistas foram feitas e analisadas no sexto capítulo tese. Entrevistei a bisneta do professor Hemetério, Heliana Hemetério dos Santos, o seu tataraneto, Renato Alhadass e Paulo Roberto dos Santos, sócio fundador do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), organização do Movimento Negro do Rio de Janeiro criada em 1975. Meu propósito com estas entrevistas foi por um lado, conhecer a respeito da memória familiar em relação à trajetória do professor Hemetério (entrevistas com Heliana e Renato); por outro, refletir sobre o IPCN (entrevista com Paulo), instituição do Movimento Negro na qual Heliana e eu participamos nas décadas de 1980 e 1990. Nesta ocasião eu não conhecia o legado histórico do seu sobrenome.

As entrevistas se pautaram na perspectiva metodológica da história oral. Neste sentido, é relevante esclarecer que esta metodologia tem a sua importância no propósito de ampliar o conhecimento histórico de um determinado tema. Sua utilização, de maneira geral, é muito pertinente no sentido de recuperar a *memória*⁶³ e história das instituições e dos sujeitos no decorrer do tempo. Para a historiadora Verena Alberti (2013)⁶⁴, a utilização do método de pesquisa da história oral se justifica em um “contexto de uma investigação científica”⁶⁵, articulado a um projeto que propicie a utilização adequada desta metodologia, visando ampliar o conhecimento para além da memória dos documentos escritos, cultura material e

⁵⁹ SANTOS JUNIOR & MELO, 2013, p. 421.

⁶⁰ MENDONÇA, 2014, p. 23.

⁶¹ BARBOSA, 2010, p. 11.

⁶² Idem.

⁶³ Para uma ampla análise do conceito de memória, ver verbete “memória” escrito pelo historiador Jacques Le Goff e publicado na Enciclopédia Einaudi (1984, Volume 1, p. 11 a 50).

⁶⁴ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio e Janeiro: Editora FGV, 2013.

⁶⁵ ALBERTI, 2013, p. 37.

imagética.⁶⁶ Desta feita, trata-se de procedimento trabalhado no campo da história da educação⁶⁷.

A divisão dos capítulos da tese foi formulada de modo a contemplar a perspectiva de se analisar a variedade de experiências do professor Hemetério. Divisão esta que não deve ser entendida de modo estanque, pois questões relativas às temáticas específicas de um determinado capítulo se articulam com as questões dos outros capítulos. Assim, busquei realizar uma escrita da história que permitisse o diálogo das diversas experiências do professor, principalmente quando isso se demonstrou necessário em face das evidências indiciadas.

Os capítulos 1 e 2 (parte I) trataram, sobretudo, das experiências de Hemetério no período correspondente a década de 1870 até o fim do *Império*. Considerando o fato de que este período de vida ter sido pouco trabalhado por historiadores e comentadores de Hemetério José dos Santos, buscou-se fazer algumas abordagens sobre o seu possível itinerário escolar no Maranhão. Traçar seu percurso no sentido de adquirir a habilitação para o exercício do magistério assim que chegou ao Rio de Janeiro, em 1875. Evidenciar suas primeiras experiências como explicador, gestor e professor particular. Suas experiências, neste contexto histórico, foram relevantes, sobretudo, porque significaram o estabelecimento de importantes *redes de sociabilidade* e da conquista de um *lugar de saber profissional* que demarcou os momentos posteriores de sua trajetória de vida. Em suma, argumento que foi no Império que o Hemetério se fez professor e realizou *jogadas de mestre* fundamentais para a sua trajetória.

Os capítulos 3 e 4 (parte II), por sua vez, se concentraram nas experiências do professor em relação ao que eu pude perceber e analisar a respeito do que denomino de *antirracismo político-pedagógico*. Busquei refletir sobre a especificidade do seu pensamento a respeito do (a) negro/negra, da África e do tema racial, assuntos tão debatidos na época que o professor viveu. Dentro do possível, busquei inferir a respeito da *pedagogia antirracista* do período e do lugar de Hemetério nesta pedagogia.

Nos capítulos finais (capítulos 5 e 6 – parte III), o enfoque se concentrou em refletir sobre as experiências de Hemetério no contexto republicano; tanto no campo educacional, quanto no campo político. Além disso, busquei pensar sobre o lugar da educação no processo de busca por cidadania da família Hemetério dos Santos e da memória familiar a respeito da

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ A respeito do uso da metodologia de história oral no campo da história da educação ver: NUNES, Clarice. *Memória e História da Educação: entre práticas e representações*. In: *Educação em Foco: História da Educação* V. 07, n. 12, set/fev, 2003/2004; PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História*, São Paulo(14), fev/1997, pp. 25-39.

história do professor. Nesta parte também reflito sobre o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), importante instituição do Movimento Negro em que eu e Heliana Hemetério dos Santos (bisneta de Hemetério) participamos como ativistas.

Por fim, para além daquilo que foi trabalhado pela historiografia e pela literatura que tratou desta personagem⁶⁸ (sobretudo seu estudo de maior fôlego: a dissertação de Luara dos Santos Silva - 2015), tomei o pensamento e a trajetória de vida do professor Hemetério José dos Santos como objeto desta tese para entender e ampliar o significado do seu protagonismo enquanto intelectual negro e professor na época em que viveu. Reafirmo, portanto, que o sentido da tese buscou dimensionar o quanto as experiências de Hemetério podem ser compreendidas como “porta” de entrada para se pensar, no contexto do processo histórico estudado, as articulações entre racismo, antirracismo, educação, cidadania e cultura política, além de contribuir para se refletir sobre as lutas que travamos no presente e para nos inspirar nos projetos futuros. Assim, se comecei com um samba de amador, acho por bem terminar estas *Considerações iniciais* com o que nos ensina o samba de Paulinho da Viola, sambista de verdade: “Meu pai sempre me dizia: meu filho tome cuidado. Quando eu penso o futuro, não esqueço o meu passado”⁶⁹. Boa leitura.

⁶⁸ A literatura e a historiografia às quais me refiro são as seguintes: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de & SILVA, José Pereira da. Verbete: “Hemetério José dos Santos”. *Dicionário BioBibliográfico da Academia Brasileira de Filologia* (p. 316 – 319), Rio de Janeiro, ABRAFIL, 2012; BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro, José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004; COSTA E CUNHA, Beatriz Rietmann da. *Ensino secundário militar na Primeira República: a construção dos Colégios Militares (1889-1919)*. Rio de Janeiro: UFF, 2012. (Tese de doutorado); DANTAS, Carolina Vianna, *O Brasil café com leite: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos. Rio de Janeiro, 1903-1914*. (Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2007); FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia A. Guedes. *A gramática brasileira no início do século XX: Grammatica Expositiva (Eduardo Carlos Pereira) e Grammatica Portuguesa (Hemetério José dos Santos)* - Disponível em lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/50.pdf; GOMES, Marcela Moraes. “Hemetério dos Santos: o posicionamento do intelectual negro a partir das obras Pretidão de amor e Carta aos Maranhenses.” IN: *Revista Cantareira* jul.-dez./2011; MARQUES, Jucinato de Sequeira. *Os fios e os rastros da escolarização do Distrito Federal (1890-1906)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. (Tese de doutorado); MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. “Pretidão de amor”. IN: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cor e Magistério*. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006; PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. (Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 2014); SCHUELER, Alessandra & RIZZINI, Irma. “Hemetério José dos Santos: professor e intelectual negro nas disputas pela educação na cidade do Rio de Janeiro”. In: MACCORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2017; RODRIGUES, Tadeu Luis Maciel. *Hemetério José dos Santos: educador, homem de letras e sua obra*. IN: ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, VII, Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013; SILVA, Luara dos Santos Silva, “Etimologias Preto”: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920). Rio de Janeiro: CEFET, 2015 (dissertação de mestrado).

⁶⁹ Trecho da letra *Dança da Solidão* de Paulinho da Viola, 1972.

PARTE I – HEMETÉRIO NO IMPÉRIO

Nesta parte se encontram os capítulos primeiro e segundo. Neles busquei desenvolver o argumento de que as experiências de Hemetério José dos Santos no contexto imperial foram decisivas para o futuro da sua trajetória. Isto porque foi no Império que ele se fez professor. Publicou suas primeiras obras. Realizou suas primeiras conferências. Fez amizades com pessoas importantes da sociedade da época. Construiu, de diversas maneiras, o seu espaço no magistério. Fundou o seu próprio colégio e fez dele um lugar de sociabilidade. Aproximou-se do Colégio Pedro II. Conheceu e se casou com Rufina Vaz de Carvalho, a neta de Francisco de Paula Brito, eminente editor negro do Império. Participou e palestrou no movimento das conferências emancipacionistas organizadas por José do Patrocínio e Vicente de Souza. Trilhou seu caminho em direção ao Imperial Colégio Militar. No primeiro capítulo trabalho as evidências relacionadas à sua infância até as experiências que ele teve no magistério particular. No segundo capítulo desenvolvo o que denominei de *jogadas de mestre*, movimentos realizados por Hemetério que contribuíram para o seu prestígio de intelectual negro na sociedade imperial.

CAPÍTULO 1 – E FOI NO IMPÉRIO QUE O HEMETÉRIO SE FEZ PROFESSOR: EXPERIÊNCIAS DE HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS NO CONTEXTO IMPERIAL.

*A vida sem instrução, meus meninos, é a morte, e só pelo trabalho é que podemos adquirir o saber*⁷⁰.

Hemetério José dos Santos

*Das qualidades, necessárias ao xadrez, Iaiá possuía duas essenciais: vista pronta e paciência beneditina; qualidades preciosas na vida, que também é um xadrez, com seus problemas e partidas, umas ganhas, outras perdidas, outras nulas.*⁷¹

Machado de Assis

A primeira epígrafe deste capítulo corresponde a uma síntese muito pertinente daquilo que o professor Hemetério José dos Santos valorizou em sua vida: instrução, trabalho e saber. O trecho foi retirado de uma das primeiras obras publicadas pelo professor ainda no Império, *Livro dos Meninos* (1881), a respectiva obra não foi analisada de modo mais amplo pela historiografia que considerou como tema a sua trajetória. Na referida obra, o professor

⁷⁰Hemetério José dos Santos, *Livro dos Meninos*, 1881, p. 78.

⁷¹Machado de Assis, *Iaiá Garcia*. A primeira edição deste livro é de 1878. A passagem citada, no entanto, está na edição de 1997 (p. 105) que a editora Globo lançou referentes às *Obras Completas de Machado de Assis*.

apresenta diversos assuntos que, segundo ele, deveriam ser ensinados aos estudantes da época. Nesta tese, tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre esta publicação de Hemetério. Muitos dos assuntos abordados pelo professor neste livro, além de informarem aspectos do seu pensamento social, se constituem, em certa medida, como um roteiro sobre temáticas pertinentes ao contexto social, político, econômico e cultural do período monárquico, a exemplo dos temas sobre escravidão, “raças” humanas, Lei do Ventre Livre, trabalho, higiene, instrução, etc. No corpo da tese, vou me referir a alguns dos pequenos textos que o professor escreveu nesta obra para os seus estudantes. Argumento que, dos textos de Hemetério, esta talvez seja a que ele mais exerce o papel de *intelectual mediador*⁷², no sentido de traduzir para o universo estudantil questões pertinentes e prementes às conjunturas do seu tempo histórico. Como veremos no decorrer da tese, as palavras em epígrafe expressam não apenas aquilo que Hemetério queria ensinar aos seus “meninos” e “meninas”, mas também correspondem, no jogo da vida⁷³, ao próprio processo que deu sentido à trajetória do referido professor.

A outra epígrafe se refere a uma passagem do livro *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis (1878). A história se passa na década de 1870, na cidade do Rio de Janeiro, na mesma década e no mesmo lugar em que o maranhense Hemetério José dos Santos iniciou seu percurso na busca por trabalho no âmbito do magistério carioca. Na passagem, Machado associa a vida ao jogo de xadrez. No livro, o “bruxo das letras” evidencia os movimentos das personagens demonstrando de modo brilhante o jogo da vida e o quanto a vida pode ser vista como um jogo. Jogo este que tem lá os seus problemas, e que a busca por solucioná-los podem resultar em vitórias, derrotas ou nem uma coisa, nem outra. Ao demonstrar com maestria o quanto a vida de uma pessoa pode se assemelhar a um jogo de xadrez, o livro de Machado nos ensina um modo de entender a vida de qualquer pessoa como uma espécie de jogo, no qual os movimentos das peças se confundem com as escolhas e caminhos percorridos pela respectiva pessoa. Penso que este é um prisma possível de se compreender a trajetória de vida do professor Hemetério José dos Santos. Entretanto, deve-se considerar também que, por mais que se assemelhe, o jogo da vida tem lá suas diferenças do jogo de xadrez. Se no xadrez o jogador, para vencer, precisa antecipar em sua mente os lances do adversário; na vida, nem sempre isso é possível prever. Além do imprevisível, da sorte e do acaso que rondam a vida de qualquer pessoa, quase sempre as escolhas precisam ser feitas diante de fatores que

⁷²As referências a respeito deste conceito são apresentadas nas Considerações Iniciais da tese.

⁷³A respeito do “jogo” como questão estratégica na vida dos indivíduos, ver Norberto Elias: *A Sociedade dos Indivíduos* (1994) e *Mozart – Sociologia de um Gênio* (1995).

independem da vontade dos sujeitos, fatores estes que se colocam diretamente aos indivíduos e que são produto do passado, dos costumes e das tradições, e da conjuntura em que se vive. Como já nos ensinou Karl Marx, “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado”⁷⁴.

Assim, considerando o movimento das “peças” na vida de Hemetério José dos Santos no contexto imperial, pouco trabalhado pela historiografia que trata da sua trajetória, comecemos por analisar algumas experiências deste professor no referido contexto. Vamos ao jogo!

1.1 – O início do jogo: as experiências preliminares de Hemetério no contexto escravista.

*Todos nós devemos trabalhar para que a nossa cara pátria seja verdadeiramente uma nação livre, extirpando-lhe esse terrível cancro que se chama – a escravidão.*⁷⁵
Hemetério José dos Santos

A passagem acima está no *Livro dos meninos*, publicado em 1881, portanto, em plena campanha do movimento abolicionista. Nesta obra, Hemetério José dos Santos é enfático na crítica à instituição da *escravidão* ao escrever sobre a importância da Lei do Ventre Livre para os seus “meninos” e “meninas” que, porventura, estudassem o seu livro. O conteúdo mais completo deste texto sobre a respectiva lei será tratado no próximo capítulo, no momento em que analiso de forma mais ampla esta obra do professor Hemetério.

No entanto, ao iniciar esta tese tratando de algumas das experiências de Hemetério no contexto da *escravidão*, apoio-me na passagem em epígrafe, à medida que a mesma informa a respeito do modo como o professor desejava que seus estudantes compreendessem o instituto do *escravismo*.

Neste sentido, fica evidente que Hemetério quis que seus estudantes compreendessem a *escravidão* como algo “terrível”, uma espécie de doença contagiosa (“cancro”) que deveria ser combatida por “todos nós”.⁷⁶ Quanto a isso vale lembrar que, no *Livro dos meninos*, Hemetério escreveu textos destacando algumas pessoas que ele considerava importantes.

⁷⁴ MARX, 1978, p. 17.

⁷⁵ SANTOS, Hemetério José dos. *O Livro dos meninos*, 1881, p. 36-37.

⁷⁶ A este respeito, é importante destacar que, em face do *higienismo*, o uso de termos médicos para se referir às questões sociais foi algo utilizado por outros intelectuais da época. Neste sentido, ver *A Arte de Civilizar* (GONDRA, 2004).

Duas dessas são inseridas no livro em face da atuação que tiveram contra a permanência da escravidão. São elas José Maria da Silva Paranhos (1819-1880) e Candido Mendes de Almeida (1818 – 1881). O primeiro, o Visconde do Rio Branco, teve o nome destacado no livro de Hemetério diante de sua atuação como Chefe do Gabinete imperial que tocou o projeto da Lei do Ventre Livre, “Depois de muito trabalhar conseguiu dotar o Brasil com a lei mais santa e mais justa que temos tido: *com a lei 28 de Setembro* (grifo do professor), que todos vós, meus meninos, já conheceis, e que libertou o filho da mulher escrava”⁷⁷, escreveu Hemetério. O segundo, deputado e senador pela província do Maranhão⁷⁸, foi lembrado no *Livro dos meninos* do seguinte modo:

Esse venerando sabio disse uma vez no Senado: *Jamais permiti que um filho meu insultasse um homem com o nome de escravo* (grifo do Hemetério). Depois continuou elle: Arranquei, em 1864 quando diretor do ministerio da justiça, vinte mil africanos, vinte mil homens livres, infelizmente escravizados por marqueses e barões, a despeito das leis de 1831, de 1850 e de 1854 e dos mais solemnes tratados com a Inglaterra.⁷⁹

Os tratados e as leis citadas no texto de Hemetério fazem parte da brilhante análise que Sidney Chalhoub (2012) realiza em seu livro *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. Nesta obra, Sidney Chalhoub argumenta o quanto o sistema do escravismo no Brasil conviveu de modo visceral com a “ilegalidade” que se impregnou aos costumes no decorrer do século XIX. Neste sentido, as palavras do historiador revelam a amplitude da escravidão ilegal que imperou no país:

De acordo com as estimativas mais recentes, em todo o período do tráfico negreiro para o Brasil, desde meados do século XVI até os anos 1850, chegaram ao país mais de 4,8 milhões de africanos escravizados; no primeiro quartel do século XIX (1801-25), entraram 1012762 africanos; no segundo quartel (1826-50), 1041964, e outros 6800 vieram após a nova lei de proibição do tráfico de 1850. A aritmética dos dados revela que mais de 42% das importações de africanos para o Brasil em três séculos de tráfico negreiro aconteceram apenas na primeira metade do século XIX. Relewa observar que a maioria esmagadora das entradas de escravizados no último período, 1826-1850, mais o número residual da década de 1850

⁷⁷ Hemetério José dos Santos, 1881, *Livro dos meninos*, p. 51 e 52.

⁷⁸ Defensor das ideias ultramontanas e autor de diversas obras, Cândido Mendes foi também bacharel em Direito e professor de Geografia e História no Lyceu de São Luiz. (BLAKE, 1893, V. II, p. 35-40). Hemetério o identificou como “um verdadeiro catholico” (*Livro dos meninos*, p. 80). No texto “Os impasses do Catolicismo no século XIX”, presente no livro *O império do divino* (p. 311-332), a historiadora Martha Abreu (1999) destaca a atuação “política e católica” de Cândido Mendes de Almeida no Senado e em defesa dos bispos na chamada “questão religiosa”. De acordo com a autora, ele foi um intelectual católico “na luta contra o liberalismo, o agnosticismo e o positivismo – os males do presente, em sua perspectiva” (ABREU, 1999, p. 321). No capítulo 3, em face da análise da obra *Pretidão de Amor* do professor Hemetério, esta discussão foi retomada, tomando como apoio o referido texto de Martha Abreu.

⁷⁹ Hemetério José dos Santos, 1881, *Livro dos meninos*, p. 79-80. Em relação aos tratados aos quais Hemetério se refere, pode-se citar o de 1810 (proibição para que os súditos de Portugal se engajassem no tráfico), o de 1815 (proibição do tráfico de escravos ao norte da linha do Equador), o de 1826 (compromisso do Brasil de abolir o tráfico negreiro em três anos). Quanto às leis citadas, a de 1831 (“lei para inglês ver”) proibia o tráfico de escravizados africanos para Brasil. Como a lei de 1831 não fora cumprida, ela foi reeditada em 1850, Lei Eusébio de Queirós. Para inibir o contrabando de escravos, em 1854, foi a vez da Lei Nabuco de Araujo prevendo sanções às autoridades que encobrissem o referido contrabando. (CHALHOUB, 2012).

destinaram-se à região do atual Sudeste e ocorreu quando tratados internacionais e legislação nacional haviam tornado ilegal o tráfico negreiro.⁸⁰

O argumento do historiador se desdobra e se aprofunda logo em seguida, de modo a fundamentar os principais beneficiados por este processo de exploração extrema que ocorrera à revelia das leis vigentes:

No início dos anos 1850, quando nova conjuntura política interna e externa levaria à interrupção definitiva do negócio dos tumbeiros, quiza a metade da população escrava em idade produtiva existente no país fosse constituída por africanos ilegalmente escravizados e seus descendentes; essa taxa de ilegalidade da escravidão era decerto muito mais alta nas fazendas de café do Vale do Paraíba, para onde afluíram em massa os africanos chegados após a lei de 1831. Não custa meditar por um momento no que se acaba de enunciar: a riqueza e o poder da classe dos cafeicultores, que se tornaria símbolo maior da prosperidade imperial ao longo do Segundo reinado, viabilizaram-se ao arpejo da lei, pela aquisição de cativos provenientes de contrabando.⁸¹

Em tempos de comoção social em face de práticas corruptoras por parte de integrantes das elites empresariais e políticas no país, vê-se que tais práticas vêm de longe, como bem argumentou Chalhoub. Um dado importante a se destacar no argumento do historiador é que os afetados pela ação ilegal eram pessoas negras. Este não é um dado qualquer. Talvez tenha sido um elemento a mais para explicar a falta de compromisso das autoridades fiscalizadoras em puxar o freio da exploração ilegal.

Portanto, no percurso que Hemetério percorreu de Codó até a cidade do Rio de Janeiro, ele deve ter sentido na pele o significado de ter nascido uma pessoa negra numa sociedade estruturada com base na escravidão.

Foi através do texto de Tadeu Luís Maciel Rodrigues (2013), no artigo *Hemetério José dos Santos: Educador, Homem de letras e sua obra*, apresentado no VI Congresso Brasileiro de História da Educação⁸², que obtive pela primeira vez informações de que o batismo de Hemetério estaria registrado em Livro de Batismo no Arquivo Público do Maranhão. Como não tive condições de ir ao Maranhão investigar *in loco*, tentei, sem sucesso, ter contato com este Livro por meio de várias buscas que fiz através do acesso *On-Line* disponibilizado pelo Arquivo Público para vários tipos de documentos. Ocorreu-me, então, tempos depois, enviar email ao pesquisador Tadeu Luís e pedir a gentileza de me encaminhar cópias dos arquivos por ele encontrados referentes ao batismo de Hemetério. Dois dias antes de entregar à versão impressa da tese aos professores da banca examinadora os arquivos chegaram, e, desta feita,

⁸⁰ CHALHOUB, 2012, p. 35.

⁸¹ Idem, p. 36 e 37.

⁸² Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCAO/HEMETERIO%20JOSE%20DOS%20SANTOS-%20EDUCADOR%20HOMEM%20DE%20LETRAS.pdf>. Acesso em 27.07.2015.

fico muito grato pela gentileza da atitude do pesquisador de disponibilizá-los. Elas vão logo a seguir:

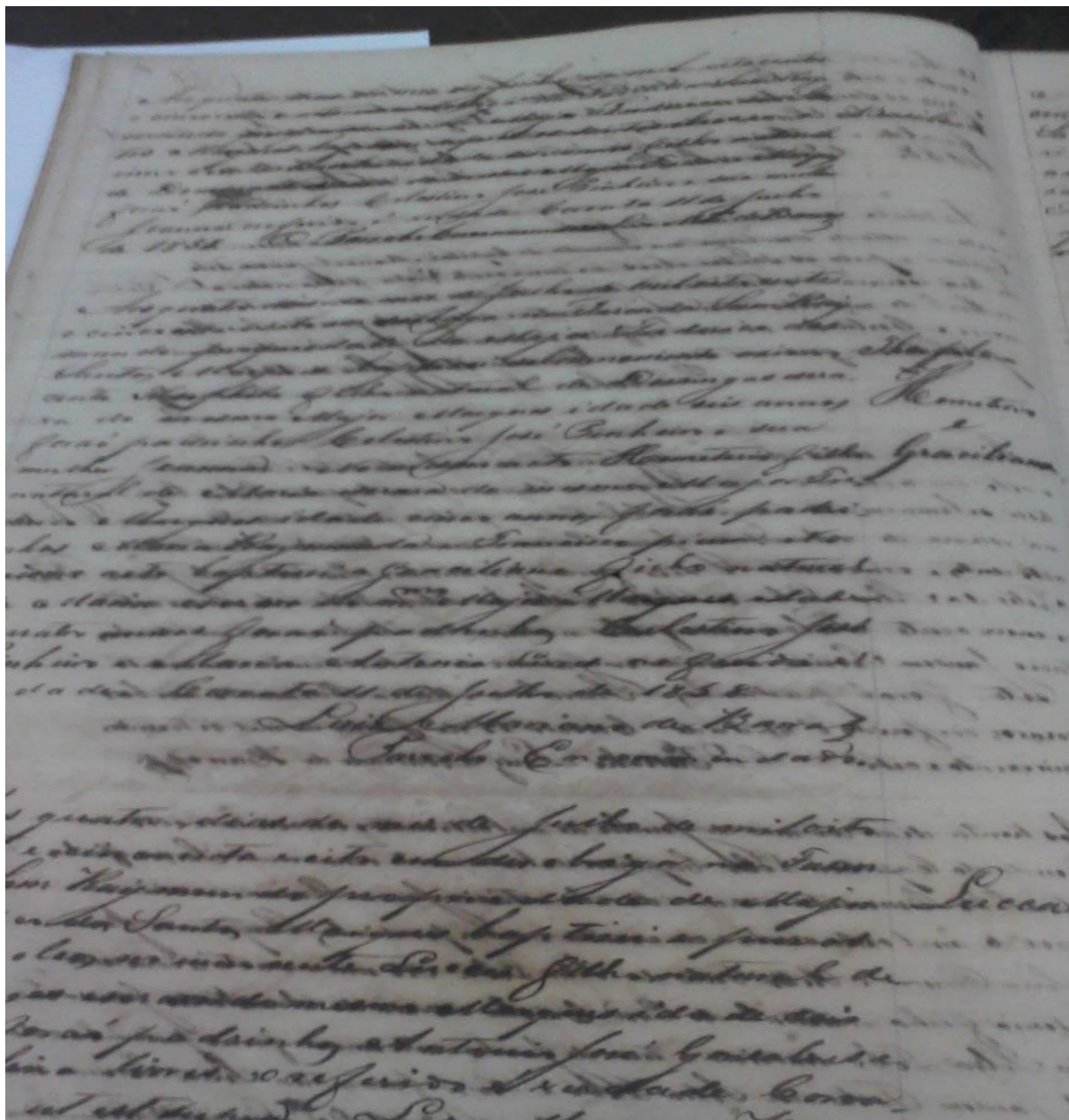


Figura 2: Folha referente ao batismo de Hemetério (página 9 – Livro: Documentação da diocese – Livro de batismo da diocese – Livro número – 166 – Arquivo Público do Estado do Maranhão).

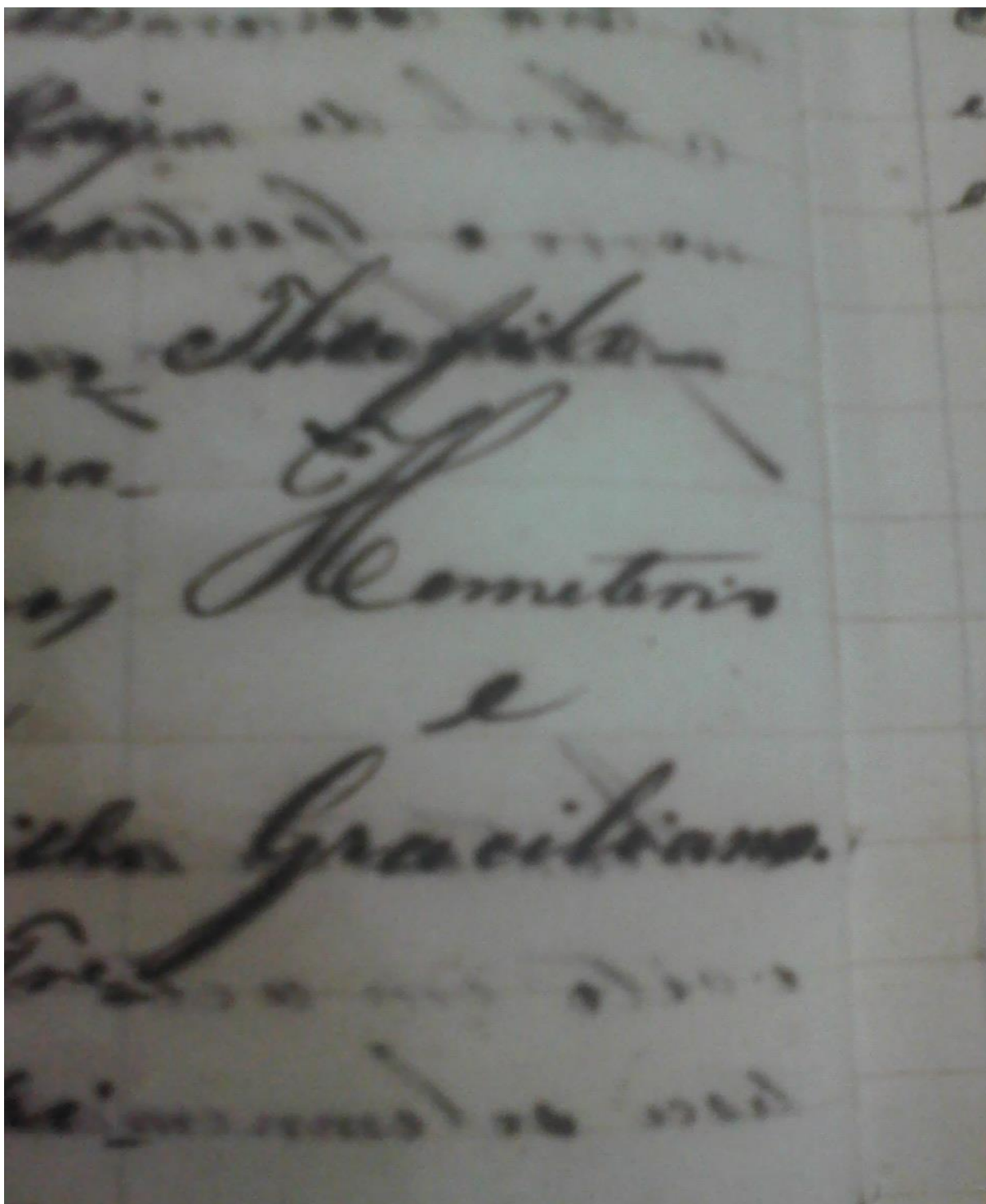


Figura 3: Detalhe do nome “Hemetério” na folha do Livro de Batismo. (página 9 – Livro: Documentação da diocese – Livro de batismo da diocese – Livro número – 166 – Arquivo Público do Estado do Maranhão).

A transcrição:

Aos quatro dias do mês de julho de mil oitocentos e cinquenta e oito na fazenda Sam Raymundo propriedade do major Federico dos Santos Marques batizei Theophilo filho natural de Domingas escrava do mesmo major Marques idade seis anos foram Padrinhos Celestino José Binheiro e sua mulher Joanna. No mesmo ato Hemetério filho natural de Maria escrava do mesmo major Federico Marques idade cinco anos foram padrinhos Maria Raimunda e Francisco. No mesmo ato batizei a Graciliano filho natural de Maria escrava do mesmo major Marques idade quatro anos forão padrinhos Celesyino José Binheiro e Maria Antonia livres ferido e verdades Coroatá 11 de julho de 1858. Luis Mariano de Barros, Barocho Encomendado.⁸³

Pela transcrição acima, Hemetério teria um irmão de nome Graciliano. Foram batizados juntos. O batismo ocorrera em Coroatá, situado no centro-oeste do estado do Maranhão, no vale do Itapecuru⁸⁴, cerca de 260 km de São Luís. A transcrição me coloca alguns problemas e sugere algumas indefinições em relação à infância de Hemetério. Pelo o que está escrito, Frederico dos Santos Marques o levou para ser batizado. Isto significa que este pode ser ou pode não ser o suposto pai de Hemetério. Frederico era o senhor da escrava Maria, mãe do pequeno Hemetério, mas o fato de ter levado o menino para o batismo, não significa, necessariamente, ser este o seu pai. O outro problema é que aparece apenas o nome “Hemetério” sem o sobrenome. O que me levanta dúvidas quanto à certeza de que o Hemetério escrito na folha de batismo seja, de fato, Hemetério José dos Santos.

Portanto, por hipótese, e considerando a pesquisa de Tadeu Rodrigues, Hemetério José dos Santos nascera em 03 de março de 1858 na cidade de Codó, que fica no Maranhão. Fora filho de uma mulher negra escrava de nome *Maria*, possivelmente (ou não) com o proprietário da fazenda São Raimundo, major Frederico dos Santos Marques, e fora registrado como pessoa livre.

A transcrição do batismo informa que na ocasião do registro Hemetério teria “idade de 5 anos”, o que nos leva a supor que o ano do nascimento dele possa ter sido cinco anos antes de 1858, ou seja, em 1853. Conviver com esta dúvida não me parece muito problemático,

⁸³ Arquivo me enviado por email em 12 de janeiro de 2019 por Tadeu Luís Maciel Rodrigues. O pesquisador informa tratar-se de “Transcrição de batizado de Hemetério” referente ao Grupo de Pesquisa História da Cultura – Educação e Relações Raciais da Universidade Federal do Maranhão. No arquivo enviado constam também as informações: “Segundo a transcrição do documento de batismo, ele foi batizado em 1858 com cinco anos de idade, filho de escrava com nome Maria. – página 9 – Livro: Documentação da diocese – Livro de batismo da diocese – Livro número – 166 – Arquivo Público do Estado do Maranhão”.

⁸⁴ Nome do mesmo rio citado por Hemetério ao lembrar-se de sua infância na obra *Carta aos maranhenses*: “Nascido às margens do itapicuru...” (Hemetério José dos Santos, *Carta aos maranhenses*, p. 3).

pois, nascendo em 1853 ou 1858, o fato concreto é que Hemetério nascera depois do ano de 1850. Este ano significou um marco no que diz respeito a um assunto central em todas as conjunturas vividas no contexto imperial. O assunto em questão é obviamente a *escravidão* e o marco ao qual me refiro, a Lei Eusébio de Queiroz⁸⁵, que decretou o fim do tráfico externo de africanos escravizados no Brasil. Mais à frente tratarei do por que desta lei ser considerada um marco para o futuro da escravidão no país. Antes, porém, torna-se necessária a pergunta: por que começar pelo assunto da escravidão o percurso desta tese, que tem como tema central a trajetória do professor Hemetério?

Em primeiro lugar, por algo bem objetivo: levando em consideração o que foi visto acima a respeito da pesquisa de Tadeu Luís Maciel Rodrigues indicando que a trajetória de vida do professor Hemetério José dos Santos se iniciara no ventre de uma escrava chamada Maria, talvez se possa afirmar que este fato, além de sugerir o primeiro contato de Hemetério com a escravidão, nos leve a considerar que uma das primeiras experiências a ser destacada em relação à vida do professor tenha sido o momento em que fora batizado como livre, ao invés de escravo, no ano de 1858. Em segundo lugar, considerando o argumento de Chalhoub no tocante à “força da escravidão” na sociedade imperial, e o aspecto da escravidão brasileira ter sido uma instituição que se deu em bases raciais, ou seja, os escravizados foram indígenas, negros africanos e seus descendentes, o fato de Hemetério ter nascido com a pele bem preta, muito provavelmente o colocou diante de situações relacionadas a este assunto.

Além do mais, vale lembrar o que já foi dito anteriormente, o tema da escravidão fez parte da preocupação de Hemetério, enquanto professor, intelectual mediador e cidadão do seu tempo. Mesmo depois do fim da escravidão em 1888 e já no período republicano, Hemetério voltou ao tema através de conferências, artigos e poemas. Por fim, se o sentido deste capítulo consiste em desenvolver o argumento de que foi no Império que Hemetério se fez professor e teve experiências marcantes em sua trajetória de vida, não se pode esquecer a máxima de que, na experiência brasileira, “monarquia” e “escravidão” são duas “faces” de uma mesma “moeda”. Daí a necessidade de começar tratando deste assunto. Até porque não se deve deixar de considerar o fato de que, se por um lado Hemetério fora batizado como livre, por outro, sua mãe vivenciou a condição de escrava, como provavelmente outros sujeitos com quem conviveu na infância. Assim, antes de tratar mais diretamente sobre o tema

⁸⁵Esta lei foi promulgada em 4 de setembro de 1850. Recebeu este nome em face de ter sido elaborada por Eusébio de Queiroz Coutinho Matoso da Câmara (1812-1868), político e ministro da Justiça do governo de D. Pedro II. A lei visava o fim do tráfico negreiro para o Brasil.

da escravidão, convém escrever algumas linhas sobre aspectos da maternidade e da paternidade de Hemetério.

Não encontrei registros a respeito da mãe de Hemetério além do que nos informou o texto de Tadeu Luís Maciel Rodrigues, com base no documento de batismo transcrito anteriormente, isto é, de que a mãe do professor teria sido uma escrava de nome Maria. Porém, em duas ocasiões, Hemetério fez referências à figura simbólica da “mãe”. A primeira foi no *Livro dos Meninos*. A segunda, em poema publicado no seu único livro de poesias, *Fructos Cadivos* (1919). Tanto no texto do *Livro dos Meninos* quanto no poema, o título é o mesmo: “Mãe”. Em ambos, Hemetério exalta a figura da mãe na vida do filho. Mas, no poema, a palavra “mãe” é acompanhada da presença simultânea dos pontos de interrogação e exclamação (“Mãe ?!”⁸⁶), o que nos sugere visão ambígua sobre o tema. Optei por me referir aqui ao texto do *Livro dos meninos*. É um texto com linguagem mais objetiva e mais próximo da lembrança da mãe, por ser mais antigo. Neste sentido, como o referido livro é voltado para a formação dos estudantes, o enfoque do texto se pauta no reforço ao respeito à figura materna comparável a uma santa, como Maria, mãe de Jesus. Vejamos o que escreveu o professor sobre a “mãe” no respectivo livro:

Mãe

Vou explicar-vos, meus meninos, aquillo que melhor que ninguem comprehendereis, o que é o amor immenso de uma mãe.

De manhã ao abridres os olhos, para quem sorrides primeiro... quem é a doce creatura que vem abraçar-vos? – é vossa Mãe.

Quando estaes assustados, diante de algum perigo, para quem correis a buscar protecção?

- Para os braços de vossa mãe.

No meio de innumeras provas dos beneficios de Deus, temos esta incontestavel, do amor e cuidados maternos.

A mãe é a figura do anjo da guarda que vela constantemente pela criança; é um oásis risonho e poetico, no grande e arido deserto da vida.

Enfim, podeis bem comparal-a a tudo o que exprime mais ternura e maior dedicação; ficando ella, ainda assim mesmo, acima de tudo, pelo sentimento desinteressado que tem, sentimento que a faz resplandecer neste mundo, onde as mais expontaneas acções de generosidade visam um fim interesseiro e dubio.

Tendes o maior e primeiro exemplo no coração da Virgem Santissima, nossa verdadeira Mãe, abrigo certo de milhares de infelizes e fracos, innocentes crianças como vocês; para quem deveis dirigir diariamente o vosso pensamento, em amplexo de gratidão pelos beneficios já recebidos, e fazendo jus a rogativas que novamente ides lhe dirigir.

Sim, certificaí-vos que ella é a nossa interprete para com Jesus Christo, seu Divino Filho; escada suave e segura para o throno de Deus; A que merece o nome por excellencia de – Mãe.

⁸⁶ Ver Hemetério José dos Santos, *Fructos Cadivos*, 1919, p. 50.

No coração materno é que se revelam com mais força os sentimentos da natureza e do coração.⁸⁷

O texto acima evidencia o quanto a religião de Cristo teve influência sobre o modo como Hemetério interpretou a respeito do papel da mãe na vida dos filhos. Para além do fato de que a religião Católica era considerada a religião oficial do Império, e de que este tipo de conteúdo deveria fazer parte dos manuais escolares da época, como veremos mais a frente, Hemetério foi formado em colégio particular de propriedade de padres, o que lhe proporcionou ter um ensino religioso consistente, cujo conteúdo o acompanhou e se expressou em diversos dos seus textos. Em outros assuntos presentes no *Livro dos meninos*, o tema da religião também é tratado. No entanto, este aspecto não o impediu de fazer críticas ao preconceito racial no âmbito da Igreja Católica, como veremos no capítulo 4 em que analiso sua obra *Pretidão do amor* (1905). No que tange a visão apresentada por ele no texto acima sobre a figura da “mãe”, uma pergunta me veio à mente: as palavras usadas por Hemetério para tratar a respeito da maternidade expressariam também o seu olhar sobre a sua mãe, a escrava Maria? Por certo, uma resposta precisa sobre este tipo de pergunta é praticamente impossível de se obter, entretanto, também creio ser improvável que as palavras usadas sobre a mãe como alguém que fornece amor, cuidados, proteção em diversos momentos da vida, sobretudo, nas situações de dificuldades, exprimindo ternura e “sentimento desinteressado”, não expressasse um pouco o sentimento de Hemetério sobre a sua própria mãe.

Outro ponto a se considerar diz respeito ao aspecto da pele bem escura de Hemetério, que, a meu ver, cabe um rápido comentário em relação a sua possível paternidade. Se Frederico dos Santos Marques for mesmo o pai de Hemetério⁸⁸, é provável que este não tenha sido plenamente branco, mesmo sendo um fazendeiro. Existe também a possibilidade do fazendeiro ter feito o registro para poder conceder a Hemetério a condição de livre. Esta questão dá o que pensar e é de difícil comprovação, pois não foram encontrados registros de imagens do pai e da mãe do professor. E ainda tem o aspecto de que, mesmo que seu pai tivesse a pele branca ou mais clara, pode ser que Hemetério tenha “puxado”, como se diz, a

⁸⁷ SANTOS, Hemetério José dos. *Livro dos Meninos*, p. 81-82.

⁸⁸ A este respeito, vale informar que uma fonte de 1893 lançou mais dúvidas sobre a paternidade do professor Hemetério José dos Santos. O jornal *O Tempo* de 3 e 4 de abril de 1893 noticiou a informação de que o nome do pai de Hemetério seria Theophilo José dos Santos Júnior, e que o mesmo teria sido “nomeado tenente-coronel comandante do 33º Batalhão da Guarda Nacional da cidade de Codó”. Sem fazer referência ao professor Hemetério, outras fontes da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional informam que o senhor Theophilo José dos Santos Júnior foi alferes da 5ª Companhia de Codó, que teria sido comerciante de gêneros “sêcos e molhados”, “subdelegado de polícia de Codó”, “membro da Intendencia Municipal da villa de Codó” e vereador da Câmara Municipal de Codó. Assim como o outro nome, também uma pessoa influente no local de nascimento de Hemetério.

pele da mãe. De qualquer modo, a ausência do nome do pai foi observada nos dicionários pesquisados. Por exemplo, no Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1895), enquanto a maior parte dos verbetes se inicia informando o nome do pai e da mãe, no verbete “Hemeterio José dos Santos” só constam as seguintes informações:

Natural do Maranhão, dedicou-se ao magisterio da instrução primaria e pertence hoje ao corpo docente do collegio militar do Rio de Janeiro. Escreveu: - Grammatica elementar da lingua portuguesa, extrahida dos melhores autores. Rio de Janeiro, 1879; - O livro dos meninos: contos brasileiros. Rio de Janeiro, 1881. Deste livro ofereceu o autor para as obras do lyceo do sexo feminino 50 exemplares.⁸⁹

Outro dicionário pesquisado foi o *Dicionário Biobibliográfico da Academia Brasileira de Filologia*, Academia esta cujo professor está entre os quarenta patronos, ocupando a cadeira vinte e cinco. No verbete sobre Hemetério, também não consta o nome do pai. O verbete se inicia com um parágrafo confirmando local e datas de nascimento e de morte: “Hemetério José dos Santos nasceu em Códó (MA), no dia 03 de março de 1858, foi poeta, professor, gramático e filólogo, e faleceu em 1939”⁹⁰. O parágrafo seguinte trata de sua passagem pelo Colégio Militar, Escola Normal e sua superação frente ao preconceito da época:

Patrono da cadeira 25 da Academia Brasileira de Filologia, chegou às culminâncias de uma cátedra de professor, no Colégio Militar, e supomos que também o fosse na Escola Normal, façanha realmente notável nas últimas décadas do século XIX, quando o preconceito de cor predominava na sociedade brasileira.⁹¹

Além disso, há no verbete um artigo interessante assinado pelo acadêmico Antonio Martins de Araujo, com o sugestivo título, *Hemetério José dos Santos, o demolidor de preconceitos*.⁹²

Ainda sobre o nome do pai de Hemetério, encontrei no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* do Maranhão a informação de que existiu um major Frederico dos Santos Marques (nome igual ao da pessoa que consta no Livro de Batismo) e que este fora fazendeiro de “algodão, arroz, farinha e mais gêneros”⁹³, na Fazenda S. Raimundo. O mesmo

⁸⁹ BLAKE, 1895, p. 208.

⁹⁰ AZEVEDO FILHO & SILVA, 2012, p. 316.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem, p. 309 – 315.

⁹³ *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* (MA), 1859, Edição 00002, p. 166.

Almanak informa também que o respectivo major teria sido suplente de Juiz Municipal e de Órfãos⁹⁴, e suplente de Delegado de Polícia⁹⁵. No caso desta pessoa ter sido mesmo o pai de Hemetério, era, portanto, pessoa influente, ligada a setores jurídico e policial da localidade.

De todo modo, não deixa de ser curioso o fato de Hemetério ter incluído como um dos assuntos a ser abordado no *Livro dos meninos* referências à figura da “mãe”, inserindo também um poema com o título “Mãe e filho”⁹⁶. Quanto à figura do “pai”, Hemetério a tratou em um enfoque também religioso.⁹⁷ Pai este que pode ter sido também o *senhor* de sua mãe Maria. Pai e mãe. Senhor e escrava. Dois sujeitos que tiveram no âmbito das famílias escravocratas várias histórias silenciadas e explicitadas pelas costumeiras relações da época. *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freire (1933/1987) que o diga!⁹⁸ Quando o país que se tornou independente de Portugal criou sua constituição e outras leis no contexto do Império, o “poder privado” dos senhores teve que conviver com a presença de certa “esfera pública”. Esfera esta em que os senhores tiveram grande influência, mas não absoluta.

Neste sentido, convém destacar que, desde a Constituição de 1824, passando por outras legislações no decorrer da Monarquia, se evidencia o quanto à relação entre “poder privado”, dominado pelos senhores de escravos, e “poder público”, apresentou um equilíbrio problemático. Isto porque a maior ou menor intensidade deste equilíbrio esteve sempre mediada por dois polos que nortearam a dinâmica social e política da sociedade imperial: escravidão *versus* liberdade, sem desconsiderar suas nuances.

Ao tratar sobre *Laços de família e direitos no final da escravidão*, Hebe Mattos (1997) destaca o impacto de determinados “direitos” surgidos com a constituição de 1824 e legislações posteriores no âmbito das relações familiares em uma sociedade pautada pelo escravismo, cuja essência, de acordo com a autora, se baseou no “poder privado do senhor

⁹⁴ Idem, 1862, Edição 00002, p.194.

⁹⁵ Idem, 1865 – Edição 00007, p. 197.

⁹⁶ Este poema é assinado por Antonio Augusto de Mendonça (1830 – 1880), poeta baiano e repentista. (Hemetério José dos Santos, *Livro dos meninos*, 1881, p. 84-85.).

⁹⁷ Hemetério trata da figura do “pai” no texto “Pensamentos do Evangelho”. Eis os trechos: “Ouvi, filhos, os avisos de vosso pae, e segui-os de sorte que sejais salvos.”; “Porque Deus honrou ao pae nos filhos, e punidos pela autoridade da mãe sobre eles mesmos a firmou.”; “O que honra o seu pae achará a sua alegria nos seus filhos, e será attendido no dia da sua oração.”; “A benção de pae fortifica as casas dos filhos, e a maldição da mãe as destroe pelos alicerces.”; “Filho, ampara a velhice de teu pae, e não lhes dê pezares em sua vida.” (*Livro dos meninos*, p. 56-57).

⁹⁸ Referido por inúmeros pesquisadores da sociedade escravista no Brasil, este clássico de Gilberto Freyre analisa, dentre outras coisas, como informa o seu subtítulo, a “Formação da Família Brasileira sob o regime de Economia Patriarcal”. No contexto desta sociedade, a tentativa de ter o controle sobre o ventre da escrava era algo almejado por grande parte dos fazendeiros, pois, segundo Freyre, os fazendeiros tinham o “desejo de possuir o maior número possível de crias” (1987, p. 316). Na sequência, Freyre faz referência a um manifesto citado por Joaquim Nabuco que corrobora com esta afirmação: “Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: ‘a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador’” (1987, p. 316).

sobre seus escravos”⁹⁹. Neste sentido, evidenciou-se, com a referida constituição, um processo um tanto quanto “original”, cujo fundamento consistiu em “acomodar a continuidade da escravidão” com a “adoção de certas noções gerais de direito civil”¹⁰⁰. *Grosso modo*, a monarquia recém-criada a partir de 1822, ao mesmo tempo em que manteve o poder dos senhores sobre seus escravos, através da manutenção da escravidão, estabeleceu esta relação de poder como sendo, sobretudo, expressão do “direito de propriedade”. O que significou, segundo Hebe, esvaziar “a relação escravista de liame senhorial para enfatizar seu sentido comercial”¹⁰¹. Do ponto de vista jurídico, no que tange aos direitos civis dos cidadãos, portanto, daqueles que não eram considerados escravos, o resultado desta operação significou um avanço, pois, como afirma a historiadora, não impôs “qualquer restrição legal aos descendentes de africanos já nascidos livres”¹⁰². No entanto, a autora também ressalta,

Na ausência de uma fronteira racial absoluta entre escravidão e liberdade, os fatos jurídicos, que conformavam a condição livre ou cativa, decorriam de relações costumeiras, as quais eram sempre tributárias das relações de poder pessoal e de seu equilíbrio. Para que um descendente de africano fosse escravo ou livre era preciso que ele assim se reconhecesse e fosse reconhecido como tal.¹⁰³

Hebe Mattos afirma não existir “uma fronteira racial absoluta”, ao mesmo tempo em que argumenta a interferência das “relações costumeiras” na constituição dos “fatos jurídicos”, de modo que a condição de ser “livre” ou “escravo” estava inserida em um processo de mão dupla que compreendia, no âmbito das relações de dependência, o auto reconhecimento e o reconhecimento pelo outro; no caso, o do poder senhorial ou de alguma outra autoridade.

A fronteira racial podia não ser absoluta, como afirmou Hebe, mas existia. A este respeito, o quadro que o historiador Ilmar Rohloff de Mattos (1990) desenhou ao tratar da sociedade imperial, a partir do seu argumento de pensar o “Império e três mundos” (mundos do governo, trabalho e desordem), é esclarecedor neste sentido:

A existência dos três mundos era, em primeiro lugar, a existência da distinção entre coisa e pessoa. O Povo e a plebe eram pessoas, distinguindo-se dos escravos por serem livres. Todavia, Povo e plebe não eram iguais, nem entre si nem no interior de cada um dos seus mundos. À marca da

⁹⁹ HEBE MATTOS, 1997, p. 338

¹⁰⁰ HEBE MATTOS, 1997, p. 338-339.

¹⁰¹ Idem, p. 341.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ H. MATTOS, 1997, p. 343.

liberdade que distinguia ambos dos escravos acrescentavam-se outras, que cumpriam o papel de reafirmar as diferenças na sociedade imperial, como o **atributo racial**, o **grau de instrução**, a propriedade de escravos e sobretudo os **vínculos pessoais** (grifo meu) que cada qual conseguia estabelecer. E, desta forma, a sociedade imprimia-se nos indivíduos que a compunham, distinguindo-os, hierarquizando-os e forçando-os a manter vínculos pessoais. Como é possível perceber na leitura das ‘Comédias’ de Martins Pena, somente quando se encontrava a quem proteger, podia alguém afirmar: ‘Agora sou eu gente!’.¹⁰⁴

Como bem salienta o historiador Ilmar de Mattos (1990) com a passagem acima, na conjuntura daquela sociedade imperial à qual Hemetério nascera, crescera e tornara-se um jovem que pretendia ser professor, para além da diferença fundamental entre ser “escravo” ou ser “livre”, havia aspectos afirmadores das diferenças entre as pessoas, a exemplo do “atributo racial”, “grau de instrução” e “vínculos pessoais”. Para determinadas pessoas que se encontravam submetidas à hierarquia da ordem imperial, a busca por proteção se constituía uma imposição da própria sociedade.

No tocante à instrução, a própria Constituição de 1824 estabelecia que a instrução primária deveria ser garantida aos “cidadãos”. De acordo com Alessandra Frota Martinez (1997), a partir do Ato Adicional de 1834, as Províncias passaram a ter atribuições de “legislar e organizar o ensino primário e secundário, restando ao governo central, através da pasta do Ministério do Império, a gestão de ambos no Município Neutro, além do superior em todo país”.¹⁰⁵ Mas os escravizados estavam oficialmente excluídos deste direito.

¹⁰⁴ ILMAR de MATTOS, 1990, p. 125.

¹⁰⁵ Ver dissertação de mestrado de Alessandra Frota Martinez (1997, p. 13), *Educar e Instruir: a instrução popular na Corte imperial –1870 a 1889*. Na respectiva dissertação, ao situar o lugar por onde seu estudo caminhará em termos da historiografia da História da Educação no Brasil, Alessandra identificou “três tendências” que conformam a referida historiografia. A primeira, mais remota e de cunho “positivista”, resultou, fundamentalmente, “num esforço monumental de organização e coleta de documentos, leis e decretos” (MARTINEZ, 1997, p.2). Esta interpretou o processo educativo como “fatos encadeados”, onde “as ações do governo imperial surgiram como blocos de iniciativas individuais dos grandes homens públicos, como Ministros e Conselheiros de Estado” (MARTINEZ, 1997, p.2) e que patrocinaram as reformas de instrução. As obras de Primitivo Moacyr, *A Instrução e o Império* e *A Instrução e as Províncias*, ambas publicadas em 1939, são, de acordo com Alessandra, “expressão máxima” da referida tendência. A segunda tendência, identificada pelo movimento dos educadores da chamada Escola Nova, tendo Fernando Azevedo e Anísio Teixeira à frente, de acordo com Alessandra, ao dar ênfase aos seus próprios projetos, auto definidos como “pioneiros” em termos educacionais, “diluíram a memória da educação dos períodos anteriores”, o que deu a esta tendência a característica de ler o passado a partir de “ausências e silêncios” (MARTINEZ, 1997, p.3). Como salientou Alessandra, uma das consequências deste tipo de leitura do passado é não observar com atenção para “a dinâmica dos processos internos”; processos estes que se constituíam de “interesses” e “conflitos”, e de diversos “projetos” que, mesmo não tendo sido vencedores, fizeram parte da história da educação no Brasil. Otailza Romanelli (1978) é considerada por Alessandra como uma das principais representantes desta segunda tendência. A terceira tendência historiográfica destacada por Alessandra Frota, que tem como alguns dos representantes Lúcia Bastos (1982), Ilmar R. de Mattos (1987) e Selma Rinaldi de Mattos (1988), privilegia, dentre outras coisas, “as ações dos indivíduos enquanto sujeitos históricos”, da mesma forma, “as alianças e divergências que os levaram a fazer escolhas, a optar por modelos pedagógicos e por diversas concepções de educação” (MARTINEZ, 1997, p.6). Colocando-se como integrante desta terceira tendência e preocupada com o

A partir de 1850, com a Lei que extinguiu oficialmente o tráfico externo de africanos escravizados, uma “profunda inflexão” ocorreu na “experiência do cativo”¹⁰⁶. A nova conjuntura incrementou o tráfico interno de escravizados e afetou o cotidiano dos escravos, uma vez que se intensificou a saída de escravos de uma região para outra, afetando, inclusive, as famílias escravas que foram desmembradas por conta da venda de escravizados para, sobretudo, a região sudeste.

Mesmo vivendo em condições bastante adversas e apesar da “experiência dolorosa” imposta pela própria escravidão, certa “identidade africana”, muito difícil de ser construída na própria África, estabeleceu-se na América, através da união de malês e iorubas na Bahia, por exemplo, assim como a “identidade linguística e cultural entre bantos no Rio Janeiro”, acentua Hebe Mattos¹⁰⁷. De modo geral, o escravo recém-chegado recebia o acolhimento da comunidade escravizada à qual fora inserido, e, com o decorrer do tempo, as gerações de escravizados criavam formas e condições para a obtenção da liberdade. Além disso, este processo de integração possibilitava também a preservação de determinada “herança cultural africana”¹⁰⁸.

Os escravizados nascidos no Brasil possuíam a seu favor, em face dos costumes e das relações com os senhores, a possibilidade de desenvolver uma “política de negociação” em seu benefício, que, em geral, tinha como objetivo a obtenção da liberdade, apesar da violência costumeira que era inerente ao sistema escravocrata¹⁰⁹.

Não consegui informações precisas que pudessem esclarecer os motivos que levaram o fazendeiro, o suposto pai de Hemetério, a registrar o professor como pessoa livre. No entanto, é possível supor que Maria, mãe de Hemetério, tenha posto em prática a “política de negociação” à qual se referiu Hebe Mattos, fruto das relações costumeiras que existiam nas fazendas. E o benefício obtido, no caso, pode ter sido a liberdade do filho.

Com a intensificação do tráfico interno a partir de 1850, em consequência da proibição do tráfico externo neste mesmo ano, o intercâmbio de experiência entre os escravizados cresceu, proporcionando também o aprendizado de outra forma de luta em prol da liberdade, ou seja, a reivindicação e o acesso a “um código geral de direitos dos cativos”¹¹⁰. Este código se expressou, por exemplo, em reivindicar “a não-separação de famílias e o direito ao pecúlio

estudo da “história da educação dos setores populares”, este e outros trabalhos da pesquisadora tiveram como enfoque central situar as experiências destes setores, quase sempre esquecidos por boa parte da historiografia.

¹⁰⁶ H. MATTOS, 1997, p. 343.

¹⁰⁷ H. MATTOS, 1997, p.353.

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ H. MATTOS, 1997, p. 353-354.

¹¹⁰ Idem, p.360.

e à auto compra”¹¹¹, aspectos que o Estado Imperial passou a reconhecer como direitos dos cativos nos anos finais da década de 1860. De acordo com Hebe Mattos, este novo quadro “conferia um caráter cada vez mais político às ações cotidianas dos cativos, especialmente daqueles negociados no tráfico interno, na medida em que se pressionava por direitos universais e não por privilégios ou ‘direitos pessoais’”¹¹².

Na segunda metade do século XIX, as alforrias se tornaram cada vez mais frequentes. Por um lado, a escravidão sofreu, progressivamente, um desgaste em face do questionamento da sua legitimidade. Por outro, pela pressão dos abolicionistas e também das expectativas e pressão dos próprios escravos. Tornava-se, inclusive, algo perigoso, no âmbito familiar, frustrar demasiadamente a possibilidade de o escravo conseguir a sua alforria, pois, havia por parte dos senhores aquele “temor de um atentado ou de um levante”¹¹³. Na conjuntura que vai de 1871 até 1887, as alforrias cresceram progressivamente, “até levar à verdadeira avalanche de alforrias observada nos primeiros meses de 1888”¹¹⁴.

Antes da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, a política imperial voltada para a emancipação do escravo teve como marca a manutenção da tutela aos libertos, de modo a privá-los da mesma cidadania que era reconhecida àqueles que nasciam livres.

Desta feita, mesmo sem ter a consciência do significado de ter nascido livre, uma vez que era um bebê, numa sociedade escravista em que os grupos dominantes resistiam e postergavam a terminar com a instituição da escravatura¹¹⁵, não deixa de ser importante acentuar o momento em que Hemetério, uma criança negra de pele bem escura, filho de escrava, ter sido registrado como *livre*.

No que tange a diferença entre ser livre e ser escravo na época em que Hemetério teve as suas primeiras experiências, convém destacar as palavras de Marcos Vinicius Fonseca (2016) ao tratar sobre “A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil”: “É a diferença que, no século XIX, correspondia aos modos de existência que são a

¹¹¹ Idem.

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem, p. 364.

¹¹⁴ Idem.

¹¹⁵ Ver ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868 – 1888)*, SP: Cia Letras, 2015. Neste livro, a autora analisa os vinte anos da conjuntura do movimento em prol da Abolição da Escravatura no Brasil. De acordo com a pesquisadora, este movimento passou por diversas fases e envolveu diversas estratégias de luta. Dentre estas, o confronto direto com uso das “balas”. Sua duração extensa e o recrudescimento da luta antiescravista são reveladores da resistência dos escravocratas para pôr fim à escravidão oficial no país. Vale lembrar, neste sentido, que o Brasil foi o último país das Américas a finalizar com a instituição escravista. Em a *Força da Escravidão* e *Machado de Assis Historiador*, ambos os livros de Sidney Chalhoub, o autor também argumenta sobre a resistência dos senhores de escravos em acabar com o instituto da escravidão.

chave para o entendimento da sociedade daquele período, ou seja, a condição de livre e a de escravo”¹¹⁶.

Além da condição de pessoa livre, Hemetério teve a oportunidade de ir à escola. Neste sentido, a trajetória do professor (e de outros protagonistas negros) contraria a tese que predominou no âmbito da História de Educação, tão bem criticada por determinados pesquisadores, a exemplo de Marcos Vinicius Fonseca (2016) e Surya Aaronovich Pombo de Barros (2016), de que o “negro” esteve fora da escola no período escravista. É possível inferir que a maior parte dos negros estivesse fora da escola, mas houve uma presença importante, pelo menos em algumas províncias, como indica o estudo de Fonseca (2007)¹¹⁷. Desta feita, conhecer as experiências destes que tiveram a oportunidade de estudar torna-se relevante, pois nos ajuda a compreender a complexidade daquela sociedade. O olhar sobre a trajetória de Hemetério é também uma janela que se abre para visualizarmos os meandros da referida sociedade.

Assim, vale dizer que, provavelmente, foi através do suposto pai que Hemetério pôde estudar em um colégio particular dirigido por religiosos. E antes de nos debruçar sobre o colégio que o professor estudara, cabe aqui o recurso à literatura, para procedermos a uma pequena digressão de modo a lembrar de certa semelhança com a história da personagem central do romance *O mulato* (1881), escrito pelo conterrâneo de Hemetério, o autor Aluísio Azevedo.

No corpo desta tese, em determinadas questões, busco o apoio da Literatura para refletir sobre alguns dos assuntos da História. Neste sentido, para se pensar sobre o trato com produtos literários em estudos históricos, recorri a uma obra que me foi de grande valia. Estou me referindo ao livro *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, organizado por Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira (1998). O livro apresenta diversos argumentos de autores que tomam por base a relação entre História e Literatura. Na apresentação, os organizadores do livro destacam duas observações que valem ser lembradas aqui. A primeira diz respeito “a necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho”¹¹⁸. A segunda, a importância de se encontrar “a lógica social do texto” (grifo dos autores)¹¹⁹. Tomando por base estas duas observações, percebe-se que, ao escrever o romance *O mulato*, dentre outras coisas, Aluísio Azevedo teve a pretensão de sinalizar para o

¹¹⁶ FONSECA, 2016, p. 28.

¹¹⁷ Marcus Vinicius Fonseca (2007) com a tese, *Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX*, argumenta sobre a “presença majoritária” de pessoas negras nos ambientes destinados à educação formal.

¹¹⁸ CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p. 8.

¹¹⁹ Idem.

aspecto de que o dado racial era um elemento formador e estruturante daquela sociedade maranhense no século XIX, e quiçá, da própria sociedade brasileira da época. Além disso, o livro deixa explícito o quanto de racismo e discriminação racial (ou preconceito de cor) estava impregnado na mentalidade e no costume das personagens da história que o autor cria para exemplificar os diversos tipos sociais no contexto em que a trama se desenvolve. O autor também destaca as barreiras e obstáculos que uma pessoa negra tinha que enfrentar, mesmo tendo conseguido ascender socialmente, em grande parte, por ter tido a oportunidade de estudar.

Raimundo, o tal mulato da história de Aluísio, também teve um pai que tinha posses e que engravidara a escrava Domingas (mãe de Raimundo). O pai, senhor José da Silva, registrou o filho Raimundo como livre, e depois fez esforços para que o filho fosse estudar em Lisboa. Através dos estudos, Raimundo não só enfrentou os preconceitos em função de ser mulato, como também se tornou uma pessoa importante na sociedade.

Algumas passagens deste livro, que nos ajuda a compreender como era a vida na província e na época em que Hemetério nascera, se constituem em verdadeiras denúncias contra os horrores da escravidão. Um exemplo disto foi a violência que a mãe de Raimundo (a escrava Domingas) sofreu nas mãos de Quitéria, a esposa de José da Silva. A atitude do pai de Raimundo de enviá-lo para estudar em Lisboa foi, inclusive, uma forma que ele encontrou para proteger o filho das atrocidades da esposa. As palavras de Aluísio Azevedo falam por si:

Estendida por terra, com os pés no tronco, cabeça raspada e mãos amarradas para trás, permanecia Domingas, completamente nua e com as partes genitais queimadas a ferro em brasa. Ao lado, o filhinho de três anos gritava como um possesso, tentando abraçá-la, e, de cada vez que ele se aproximava da mãe, dois negros, à ordem de Quitéria, desviavam o relho das costas da escrava para dardejá-lo contra a criança. A megera, de pé, horrível, bêbeda de cólera, ria-se, praguejava obscenidades, uivando nos espasmos flagrantes da cólera. Domingas, quase morta, gemia, estorcendo-se no chão. O desarranjo de suas palavras e dos seus gestos denunciava já sintomas de loucura.¹²⁰

A imagem de violência descrita acima é de fato chocante e visceral.¹²¹ Assim, considerando os obstáculos que uma pessoa negra (escrava ou não) tinha que enfrentar

¹²⁰ AZEVEDO, 1881, p. 54.

¹²¹ Quanto a esta imagem de violência, Gilberto Freyre (1933) já destacava em sua *Casa Grande & Senzala*: “Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem; criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém, entretanto, esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja

naquele contexto tão bem descrito pela pena de Aluísio Azevedo, mesmo sendo registrado como livre e tendo a oportunidade de estudar em colégio particular dirigido por religiosos, a vida de Hemetério, na infância, não deve ter sido algo fácil de suportar. Inclusive, é provável que, assim como a personagem Raimundo de Aluísio Azevedo, que sofrera discriminação racial na escola onde estudou e na sociedade maranhense, a ponto do mesmo ter sido assassinado, Hemetério também tenha vivenciado experiências de discriminação que possam ter contribuído para que, em sua fase adulta, viesse a assumir uma postura na vida de não ter vergonha da cor de sua pele e de também combater os preconceitos da época para com o negro.

Desta feita, levando em consideração o período que vai de 1858, quando nascera, até 1875, quando partira para o Rio de Janeiro, as experiências de Hemetério no Maranhão devem ter exercido sobre ele importante influência. Talvez por isso ele tenha recorrido as seguintes palavras de Gonçalves Dias (1823 – 1864)¹²², na ocasião em que dedicou ao Maranhão uma de suas principais obras (*Pretidão de amor*): “Ao meu Maranhão. Que não cessei de querer-te. Pezar de quanto **soffi**”¹²³ (grifo meu).

sexual” (FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003, p. 114 – 48ª edição.).

¹²² Antonio Gonçalves Dias (10.08.1823 – 03.11.1864) foi filho de uma mulher “mestiça” com João Manuel Gonçalves Dias, “negociante português”. Nasceu em Caxias no Maranhão. Além de poeta, exerceu o trabalho de “caixeiro” nos negócios de seu pai. Também foi professor de “historia e latinidade” no Colégio Pedro II a partir de 1846. Dedicou-se em atividades políticas e de estudo sobre instrução pública e etnografia. Integrou-se à Ordem da Rosa como cavaleiro e foi sócio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Considerado por A. H. Leal, um dos principais símbolos do chamado “Panteão maranhense”, Gonçalves Dias foi autor de diversas obras. Ver Dicionário Bibliographico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1883, Primeiro Volume, p. 179 a 183). Hemetério era um grande admirador de Gonçalves Dias. Em diversos textos faz referência ao poeta maranhense.

¹²³ HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS (pseudônimo Benedicto Severo), *Pretidão de amor*, 1905, p. 3.

1.2 – Codó e a província do Maranhão em meados do século XIX.

Quando o professor Hemetério José dos Santos veio ao mundo, a província em que nascera já tinha passado por processos e experiências marcantes. Neste sentido, destacam-se as lutas que foram decorrentes do processo de Independência política do Brasil em relação ao domínio colonial português. Neste processo, a província do Maranhão alinhou-se com as forças portuguesas das Cortes, uma vez que, assim como o Pará, o Maranhão era uma Província que tinha menos proximidade com o restante do país do que com Portugal¹²⁴.

Outra experiência a se destacar, diz respeito ao movimento que ficou marcado na história como Balaiada (1838-1840). Movimento este que trouxe para a cena política local segmentos subalternos da sociedade maranhense, com presença significativa da população negra, e que, para alguns pesquisadores, correspondeu a uma espécie de “guerra racial”.

É o caso da sugestiva tese do pesquisador Matheus Gato de Jesus (2015), *Racismo e Decadência: Sociedade, Cultura e Intelectuais em São Luís do Maranhão*. O argumento do autor na referida tese consistiu em identificar três processos que teriam contribuído para o que ele chama de “lenta configuração social do racismo na província do Maranhão”¹²⁵.

O primeiro processo, de natureza econômica, corresponderia, por um lado, à decadência da produção escravista para exportação, sobretudo, a partir de 1850, em decorrência da Lei Eusébio de Queirós que proibiu o tráfico externo de escravos; por outro, ao advento da produção para o mercado interno, que se destacaria em relação à produção para o mercado exterior.

O outro processo identificado pelo autor diz respeito ao maior contingente da população livre negra entre os trabalhadores da província. O terceiro e último processo, por sua vez, relaciona-se ao lugar de periferia que o Maranhão foi colocado na política brasileira a partir da independência do Brasil.

Tendo como foco de análise a cidade de São Luís do Maranhão, as reflexões do autor buscaram entender de que modo a combinação destes três processos interferiu nos obstáculos para a população negra local se integrar à sociedade. Segundo Matheus G. de Jesus, uma das consequências desta combinação foi desconstruir o chamado mito da província do Maranhão como uma “Atenas brasileira”. No tocante à Balaiada, Matheus interpreta este acontecimento como sendo o “espectro” de uma “guerra racial”. Escreve o autor na página 56:

¹²⁴ FAUSTO, 1997, p. 144.

¹²⁵ JESUS, 2015, p. 6.

É o espectro da guerra racial. Embora as distinções entre homens livres e cativos, mesclados e pretos, quilombolas e sertanejos, fossem diferenças importantes entre os rebeldes, marcando discórdias e traições que culminaram no isolamento da coluna de escravos e quilombolas insurretos, dirigidos por Bento Cosme da Chagas, desde o início da batalha, seus contemporâneos enxergaram o conflito através de linhas de cor. Mais do que isso: que o nativismo dos rebeldes havia fundido o ideal libertário e nacionalista, plantado na guerra de independência contra o domínio lusitano, à sua condição de mestiços e negros. Gonçalves de Magalhães, em sua Memória, conta que Manuel Francisco Ferreira dos Anjos, conhecido como Balaio, após o defloramento de suas filhas por homens da legalidade ‘Excitou o ânimo dos amigos e conhecidos, atraiu gente, e repetia a linguagem dos facciosos, que aqueles homens da legalidade, vendidos aos portugueses, queriam exterminar os da sua cor, que suas vidas, honra, bens, pátria e liberdade, não tinham outros recursos senão as armas (...)’. O desprezo social aos chamados ‘cabras’, ‘fulos’, ‘mesclados’ e ‘negros’ também está na base do manifesto elaborado pelo vaqueiro Raimundo Gomes, uma das peças mais belas do nativismo histórico popular brasileiro (...).¹²⁶

Como se pode perceber através da passagem acima, ao destacar o quanto a guerra que envolveu os chamados “balaio” fora compreendida pelos próprios rebeldes “através de linhas de cor”, Matheus Gato de Jesus traz para o primeiro plano de sua análise o problema do conflito racial na província em que Hemetério nascera. O argumento do autor a respeito do “racismo” que existia no Maranhão, e que se constituía em obstáculo para os negros que lá viviam, pode ser visto como um elemento a mais que veio a contribuir para que Hemetério José dos Santos se decidisse em tentar ganhar a vida na cidade do Rio de Janeiro.

No tocante à presença de negros na província, convém destacar as informações que o historiador Flávio Gomes (1997) apresenta em sua tese. Se considerarmos o quantitativo de escravos e livres no ano de 1872, por exemplo, quando Hemetério teria quatorze anos de idade, num total de 336.325 de habitantes, 78% (263.080) correspondiam à população livre. Os outros 22% (73.245) compunham o quantitativo de escravos¹²⁷. Ocorre que, como escreve o referido historiador, no universo das pessoas livres que viviam no Maranhão no ano de 1872, ‘havia apenas 80.902 considerados ‘brancos’¹²⁸.

Flávio Gomes também destaca outra marca do lugar em que Hemetério nascera. De acordo com o autor de *Negros e Política*, no ano de nascimento de Hemetério (1858), por exemplo, ocorreram “perseguições a diversos mocambos na província do Maranhão”¹²⁹. Isto

¹²⁶ JESUS, 2015, p. 56.

¹²⁷ FLÁVIO GOMES, 1997, p. 195.

¹²⁸ Idem, p. 196.

¹²⁹ F. GOMES, 1997, 224.

porque, como bem argumenta o pesquisador, a terra de nascimento do professor Hemetério José dos Santos germinou uma diversidade de quilombos, como demonstra o mapa a seguir:



Figura 4: Quilombos do Maranhão¹³⁰

Observe na figura anterior que Codó¹³¹ aparece no mapa dos principais quilombos do Maranhão. Como escreveu certa vez Hemetério, destacando que ele nascera “às margens do Itapicuri”¹³², a cidade é banhada pelo referido rio e, em termos de produção agrícola no século XIX, possuía uma das “melhores terras” da província maranhense, “com fazenda de arroz e algodão”¹³³, destaca Flávio Gomes.

Neste sentido, vale lembrar a evidência já destacada anteriormente de que o major Frederico dos Santos Marques, além de dono de fazenda de arroz e algodão, teria sido também pessoa influente por ter vínculos com a polícia e a justiça local. Desta feita, é possível imaginar que este tenha participado de alguma das iniciativas implementadas por fazendeiros e autoridades da época para combater as fugas de escravos e ações de

¹³⁰ Mapa compilado por Flávio Gomes, 1997, p. 216.

¹³¹ A versão mais antiga em relação ao nome da cidade citada por Ribeiro (2015, p. 27-28) informa que Codó seria uma “derivação da palavra codorna”, ave pequena que existia no lugar em grande número nos tempos coloniais. .

¹³² HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS, *Carta aos maranhenses*, 1906, p. 3.

¹³³ GOMES, 1997, p. 197.

quilombolas ocorridas em toda província, inclusive em Codó, e que foi extensamente demonstrado pelo historiador Flávio Gomes em sua tese já referida. O mesmo pode ter ocorrido na hipótese do pai de Hemetério ter sido o tal Theophilo José dos Santos Júnior (ver nota 88 da tese); uma vez que o mesmo, além de comerciante, também foi pessoa influente na localidade.

Flávio Gomes também aborda sobre a presença da “cultura quilombola” na região, que, segundo ele, além de expressar, em certa medida, “uma extensão da cultura escrava”, deve ser entendida como parte de um processo cultural mais amplo de reinvenção de significados de valores originários do continente africano por parte dos escravos e quilombolas.¹³⁴ No caso específico de Codó, esta presença cultural tem uma marca expressiva revelada no “estigma” que se atribui à cidade como a “terra da macumba”.¹³⁵

Em termos de “instrução” e “educação”, assim como na maior parte das províncias do país, o Maranhão adotou uma legislação que, de forma geral, acompanhou a legislação estabelecida na Corte, e que tinha como um dos seus objetivos centrais, atender aos anseios do Estado Imperial.

A este respeito, o historiador Ilmar R. de Mattos (1990) argumenta que, fundamentalmente, instruir era um meio de colocar o Império emparelhado às nações vistas como “civilizadas”. Era, portanto, “o ato de difusão das Luzes que permitiam romper as trevas que caracterizavam o passado colonial”¹³⁶.

Combinando instrução com o exercício do trabalho, os benefícios desta união significariam “a eliminação da indigência”; um modo de corrigir “a delinquência”; e uma forma “de encontrar trabalhadores que permitissem poupar a força de trabalho escrava”¹³⁷, pois, como argumenta o historiador Ilmar, uma das funções da instrução consistia em possibilitar aos indivíduos livres as condições básicas para serem habilitados em determinados ofícios. Ao tratar sobre a diferença entre “instruir” e “educar”, Ilmar afirma que educar era a forma de se assimilar os princípios “religiosos”, “éticos” e “morais”, entendidos como “fundamentais à convivência social”. A educação era, portanto, “o complemento do ato de instruir, que propiciava a cada indivíduo os germes de virtude e a ideia dos seus deveres como homem e cidadão”¹³⁸.

¹³⁴ GOMES, 1997, p. 430.

¹³⁵ A este respeito, ver dissertação *O perigo de uma história única: a “invenção” de Codó – MA como terra da macumba (1959 a 1990)*, de Jéssica Cristina Aguiar Ribeiro (2015). Ancorada em Michel Foucault e Ginzburg, a pesquisadora investiga as representações que “cristalizaram” a cidade de Codó em “terra da macumba”.

¹³⁶ ILMAR R. MATTOS, 1990, p.259.

¹³⁷ Idem, 264.

¹³⁸ Ver Ilmar R. MATTOS, 1990, p. 265.

Portanto, como afirma Alessandra Frota Martinez (1997), a referida legislação visava transformar “a Instrução Pública em fim e meio para a construção e extensão do domínio simbólico do Estado Imperial”¹³⁹. Isto não significava, no entanto, que o próprio Estado se constituía em agente prioritário neste processo. Desta feita, vale lembrar o argumento de Luciano Mendes de Faria Filho (2003) ao escrever sobre “Instrução elementar no século XIX”. Este autor esclarece que, “ao longo do período imperial”, o “papel” e o “lugar” do Estado precisam ser relativizados:

A presença do Estado não apenas era muito pequena e pulverizada como, algumas vezes, foi considerada pernicioso no ramo da instrução. Há que considerar, também, que nem a própria escola tinha um lugar social de destaque, cuja legitimidade fosse incontestável. Foi preciso então, lentamente, afirmar a presença do Estado nessa área e também produzir, paulatinamente, a centralidade do papel da instituição escolar na formação das novas gerações.¹⁴⁰

Mariléia dos Santos Cruz (2008), pesquisadora sobre a educação dos negros na província maranhense, afirma, dentre outras coisas, que “O trabalho com a documentação sobre instrução no século XIX no Maranhão revela que o período foi bastante frutífero para a consagração da escola como instituição específica, com o papel social definido no fortalecimento do Estado Moderno”¹⁴¹.

A pesquisadora faz menção a fontes que informam sobre diversas experiências de escolarização para negros através de Irmandades, escolas noturnas, escolas de primeiras letras e escolas de instrução profissional para pessoas pobres, a exemplo da Escola de Educandos Artífices. Além disso, cita uma série de documentos oficiais que informam sobre algumas medidas que abriam brechas para que pessoas de segmentos subalternos da sociedade maranhense tivessem acesso à escola, apesar das restrições legais e costumeiras, e aquelas advindas da discriminação por “preconceito de cor”.

Um dos documentos citados por Mariléia foi o Regulamento de Instrução Pública que foi publicado em 2 de fevereiro de 1855, no ano seguinte à publicação do Regulamento da Corte em 1854, o mesmo que serviu de base para as legislações sobre instrução nas províncias¹⁴², a exemplo do Regulamento citado por Mariléia. Escreve a autora:

¹³⁹ MARTINEZ, 1997, p. 13.

¹⁴⁰ FARIA FILHO, 2003, p. 135-136.

¹⁴¹ CRUZ, 2008, p. 94.

¹⁴² A este respeito destaca Alessandra F. Martinez (1997, p. 13): “Em relação à instrução primária e secundária, as autoridades administrativas da Corte, seguindo as diretrizes da Província do Rio de Janeiro, pretendiam construir uma espécie de ‘centro exemplar’ de onde emergiriam medidas e instituições modelares, as quais

Em 1855, ocorreu no Maranhão uma importante reforma da instrução pública, que objetivava reorganizar o ensino elementar e secundário, a qual se deu com o Regulamento de 02 de fevereiro. Segundo este regulamento, em seu artigo 36: “os pais, tutores, curadores ou protetores, que tiverem em sua companhia meninos maiores de 7 anos sem impedimento físico ou moral, e não lhes derem ensino pelo menos do primeiro grau, incorrerão na multa de 10\$000 à 60\$000 reis(...)”.¹⁴³

Difícilmente a legislação acima era plenamente levada a sério, de modo que todos aqueles que a descumprissem fossem, de fato, punidos, sobretudo, quem usufruísse de algum tipo de poder na sociedade. Entretanto, pode ser que determinadas pessoas tenham se preocupado em cumprir a lei.¹⁴⁴ Isto talvez explique o fato de Hemetério, um jovem negro de pele bem escura, filho de escrava, ter tido a oportunidade de ser matriculado no Colégio da Imaculada Conceição¹⁴⁵. Neste sentido, é possível supor que tenha sido o provável pai de Hemetério que tenha tomado a decisão de colocá-lo no referido colégio.

deveriam ser copiadas pelas demais Províncias”. Em sua tese, *Culturas escolares e experiências docentes na cidade do Rio de Janeiro (1854-1889)*, Alessandra (2002) analisa de modo detalhado o referido Regulamento. Desta feita, escreve a autora na página 34: “Nesta perspectiva, o Regulamento de Instrução Primária e Secundária da Corte, de 1854, como parte integrante da produção legislativa promovida pela pasta do Ministério do Império, pode ser interpretado como um dos instrumentos de produção do processo de escolarização ao longo do XIX”.

¹⁴³ CRUZ, 2008, p. 98.

¹⁴⁴ A respeito deste assunto relativo à obrigatoriedade dos responsáveis matricularem os filhos no ensino primário, “sob pena de multa”, Alessandra F. Martinez (1997, p. 36-37) esclarece como isto se deu no âmbito da Corte: “O preceito legal que obrigava os pais ou outros responsáveis a cuidarem da instrução primária dos menores, sob pena de multa, nunca fora executado. João Alfredo ponderava que não havia quantidade suficiente de escolas na Corte para facilitar a frequência das crianças, principalmente nas localidades mais distantes. A ‘coerção’ aos pais foi considerada uma ‘clamorosa violência’, sobretudo para as classes mais desprovidas de recursos. Antes de executar a lei, o governo precisava garantir os meios de viabilizar a educação, cumprindo o seu próprio dever, entendido pela criação de escolas públicas ou subvenção das particulares. A obrigatoriedade do ensino, portanto, não deveria ser simplesmente imposta pelo Estado”.

¹⁴⁵ Na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* publicada em 1952, em artigo escrito por Jerônimo José de Viveiros, “Apontamentos para a história da instrução pública e particular do Maranhão”, constam referências sobre algumas das escolas da província maranhense, dentre estas a do Colégio Imaculada Conceição: “Outro notável instituto inaugurou-se em S. Luís (...) – o Colégio Imaculada Conceição, regido pelos padres Teodoro Antônio Pereira de Castro, Raimundo Alves da Fonseca e Raimundo da Purificação dos Santos Lemos. Tinha cursos primário e secundário. Funcionava em prédio próprio, à rua S. Pantaleão. Gozou de larga reputação em toda a Província” (p. 77).

1.3 – Hemetério e o Colégio da Imaculada Conceição.

Ao se considerar que partira do pai de Hemetério a iniciativa de colocá-lo para estudar no Colégio da Imaculada Conceição, mesma sorte não teve Luiz Gama (1830 – 1882) que, nascido como livre, uma vez que era filho de mãe liberta e pai português, veio a ser escravizado pela ação irresponsável do próprio pai, que o vendeu como escravo para pagar dívidas.¹⁴⁶ Em que pese à diferença de experiência com o ser paterno, Luiz Gama e Hemetério tiveram alguns pontos em comum em suas trajetórias, para além do fato de que ambos não se envergonhavam da cor negra da sua pele. Um destes foi o apego ao estudo. Desde cedo, ambos perceberam que a *arma da educação* era um importante instrumento para se romper com o lugar de subalternidade determinado aos negros nas sociedades escravistas.

Através de um esforço autodidata e sabendo aproveitar as oportunidades educativas que lhe foram oferecidas, Luiz Gama transformou-se em rábula e protagonizou uma das experiências mais significativas de uma personagem negra na História do Brasil. Manuseando, como poucos, o instrumento jurídico, Luiz Gama soube, por dentro do próprio sistema legal, encontrar saídas para libertar muitos escravos. É um exemplo que demonstra o quanto o conhecimento consistente sobre determinado assunto pode vir a se tornar um trunfo em prol de uma vida melhor para si e para os outros. Não foi à toa o fato de Luiz Gama ter sido considerado por alguns pesquisadores como um dos pioneiros do movimento abolicionista no Brasil.¹⁴⁷

Dentre os abolicionistas, Luiz Gama é de longe o mais lembrado pela maior parte dos jornais de imprensa negra¹⁴⁸ que pesquisei na Biblioteca Nacional. A notoriedade adquirida por Gama e outros intelectuais negros que se destacaram no movimento abolicionista, a exemplo de André Rebouças (1838 – 1898)¹⁴⁹, José do Patrocínio (1853 – 1905)¹⁵⁰, Ferreira de Menezes (1845 – 1881)¹⁵¹ e Vicente de Souza (1852 – 1908)¹⁵², em que pese suas

¹⁴⁶ Ver AZEVEDO, Elciene. Orfeu de carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo. Campinas: Editora Unicamp, 1999.

¹⁴⁷ ALONSO, 2015.

¹⁴⁸ A pesquisadora Ana Flávia Magalhães Pinto (2010) define como sendo imprensa negra, “jornais feitos por negros, para negros, veiculando assuntos de interesses das populações negras” (PINTO, 2010, p. 19 e 20).

¹⁴⁹ Engenheiro, considerado por Angela Alonso (2015) um dos principais estrategistas do movimento abolicionista brasileiro.

¹⁵⁰ Jornalista, escritor e farmacêutico, liderança das mais atuantes do movimento abolicionista no Brasil.

¹⁵¹ José Ferreira de Menezes, Advogado e jornalista, proprietário do jornal abolicionista *Gazeta da Tarde*. Um dos principais parceiros de José do Patrocínio.

¹⁵² Vicente Ferreira de Souza, médico, professor do Colégio Pedro II, abolicionista e dentre outras organizações, foi fundador do Centro das Classes Operárias. Ver artigo de Ana Fátima Magalhães Pinto (2017).

diferenças de trajetórias e *experiências negras*¹⁵³, dialoga com suas experiências educativas e suas redes de sociabilidade, que lhes proporcionaram uma formação educacional importante para alavancar suas vidas e seus projetos.¹⁵⁴ Projetos estes que, dentre outras coisas, incluíam também a defesa da educação, como demonstram os estudos de Alessandra Schueler, a exemplo do que resultou no artigo *Intelectuais negros e projetos de educação (1870-1910): experiências docentes de André Rebouças, José do Patrocínio e Manoel Querino*, em que a autora argumenta sobre a participação de intelectuais negros nos debates que relacionavam “nação, raça, educação e cidadania”:

Muitos intelectuais, incluindo intelectuais negros, tiveram presença marcante nestes debates e nestas ações na sociedade oitocentista. Políticos, jornalistas, juristas, bacharéis, médicos, professores públicos e particulares debateram e se engajaram na luta pela educação, por meio de várias frentes, como a imprensa, as Conferências Públicas, o ingresso em Sociedades de Instrução, Clubes Abolicionistas, a abertura de aulas noturnas nas suas próprias escolas, entre outros.¹⁵⁵

Hemetério José dos Santos não fugiu a esta regra. Ao pegar “mala e cuia” e desembarcar em janeiro de 1875, com 16 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, vindo do Maranhão, Hemetério trouxe na “bagagem”, além das coisas que precisava, a formação que teve no colégio dirigido por religiosos. Para além da sólida formação educacional adquirida, o que lhe proporcionou a qualificação e o desejo de ser professor, o respectivo colégio pode ter sido o ponto de partida para uma possível rede maranhense a ser acessada assim que chegara à capital do país.

Vale dizer que suas lembranças sobre o tempo de estudante deixam entrever que o Colégio da Imaculada Conceição fora escola de boa qualidade¹⁵⁶. Hemetério estudara neste colégio nos primeiros anos da década de 1870, e teve como “companheiro de infância” o Senador Benedito Leite¹⁵⁷, quem, nas palavras do professor, era “honrado e abnegado

¹⁵³ Em trabalho inovador, a pesquisadora SILVA LARA (1995) argumenta a respeito da categoria *experiência negra*.

¹⁵⁴ Ver PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. Campinas: Unicamp, 2014 (tese de doutorado); ver também ALONSO (2015).

¹⁵⁵ Ver SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Intelectuais negros e projetos de educação (1870-1910): experiências docentes de André Rebouças, José do Patrocínio e Manoel Querino*, p. 5, 2013. Acesso em 08.12.2017.

¹⁵⁶ Ver HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS em *Carta aos Maranhenses* (1906).

¹⁵⁷ Benedito Pereira Leite (1857-1909), natural de Rosário (MA) foi governador do Maranhão (1906-1908), Senador pelo Maranhão (1896-1906), Deputado Federal pelo Maranhão (1892-1896) e assumiu a Junta Governativa do Maranhão (1891-1892) com a posse do marechal Floriano Peixoto. Formou-se em Direito na Faculdade de Recife e cursou o ensino secundário no Colégio Imaculada Conceição (Ver verbete de Alan Carneiro e Raimundo Helio Lopes disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Benedito.pdf> - Acesso em 14.10.2017).

estadista, excepcional chefe político”¹⁵⁸. No referido colégio, cujos padres e diretores representavam na época, segundo Hemetério, “o mais adiantado espírito liberal”¹⁵⁹, o estudante encontrava “franco gazalhado intelectual, e carinho de bôa compreensão”¹⁶⁰, além de ter acesso a “todos os modos e processos modernos da pedagogia americana”.¹⁶¹

Pela memória que o professor valoriza, seu interesse pelo estudo da língua portuguesa se manifestara por esta época, tendo como base os ensinamentos de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), filólogo, gramático e professor maranhense, um dos principais teóricos da Língua Portuguesa no Maranhão. Além disso, Sotero dos Reis foi cavaleiro das Ordens da Rosa e de Cristo, deputado por várias vezes desde a criação da Assembleia na Província do Maranhão. Dirigiu o Asilo de Santa Teresa, voltado para educar crianças “desvalidas”, fundou e presidiu o Instituto Literário Maranhense.¹⁶²

Ao discorrer sobre o modo como era ministrado, no referido colégio, o ensino do Português, Hemetério destacou três aspectos que qualificariam, a seu ver, o conteúdo deste assunto: “O trato da língua, como instrumento político e como órgão das artes da palavra, primava sobre todas as disciplinas de humanidade, e de todas era como base e fundamento unico”¹⁶³.

Ou seja, o ensino da língua era entendido, por um lado, “como instrumento político”; por outro, “como órgão das artes da palavra”; e, desta feita, era a língua portuguesa a “base e fundamento unico” das disciplinas do curso de Humanidades¹⁶⁴.

Quando se referiu ao “velho Sotero”, lembrou o método pelo qual os alunos aprendiam os conteúdos da disciplina,

A lição do velho Sotero continuava: os escriptores portuguezes e brasileiros eram lidos, commentados e decorados nos seus melhores trechos conceituosos, e, como de tudo se encontra na lição escripta dos autores, o menino aprendia, catando e somando os fenômenos de igual categoria, a fazer a justa e necessaria diferenciação.¹⁶⁵

¹⁵⁸ HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS, *Carta aos maranhenses*, 1906, p. 3.

¹⁵⁹ Idem, p.4.

¹⁶⁰ Idem, p. 5.

¹⁶¹ Idem, p. 5 e 6.

¹⁶² Ver artigo de Antonio Martins de Araujo “A Linguística portuguesa e o Grupo Maranhense”, publicado na Revista da Academia Brasileira de Filologia, Ano II, N. II, Nova Fase, Rio de Janeiro, 2003. Ver LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já fallecidos*, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1873. Ver também verbete sobre Francisco Sotero dos Reis no Dicionário Bibliographico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1895, Terceiro Volume, p. 126 a 129).

¹⁶³ HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS, *Carta aos maranhenses*, 1906, p. 6.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Idem.

O referido método de ensino buscava fazer com que o Português erudito fosse digerido ao ponto de tornar-se reproduzido de modo popular,

(...) e assim, derramados na circulação diária, os modos de dizer de maior e melhor emprego, a corrente erudita e lavada se tornava em corrente popular, e desta maneira se estabelecia a coesão e unidade do idioma, que passava a ser moeda de cidade ao uso de scientes e analfabetos.¹⁶⁶

Procurei na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional alguma matéria de jornal que me permitisse ter mais informações sobre o Colégio da Imaculada Conceição onde Hemetério realizou seus estudos no Maranhão. Dentre as que foram publicadas, encontrei uma que, por minha surpresa e satisfação, apresenta informações valiosas sobre o referido colégio. Trata-se da publicação do jornal *A Nação* de 30 de janeiro de 1871, que nesta referida edição dedicou suas quatro páginas ao Colégio da Imaculada Conceição, em lembrança ao seu primeiro ano de existência, uma vez que o mesmo fora criado em 1870¹⁶⁷.

A primeira parte da matéria informa a mudança de endereço do colégio, depois do seu primeiro ano de fundação. Em seguida, tece algumas abordagens positivas sobre este primeiro ano. A segunda parte da matéria apresenta um resumo de como alguns jornais em várias províncias do país noticiaram sobre a fundação do colégio no ano de 1870. O título desta parte é “Juizos da imprensa brasileira em 1870”, e cita vários jornais. A última parte se refere a um anúncio em que constam programa, regulamento detalhado do colégio e valores a serem pagos para que os interessados pudessem realizar a matrícula. Esta edição especial dedicada ao Colégio da Imaculada Conceição e o enfoque de exaltação do mesmo podem ser explicados pelo fato do referido jornal ser de propriedade de Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, um dos religiosos que fundaram o respectivo colégio.¹⁶⁸ Independente disso, as informações veiculadas nos apresentam informações importantes sobre este estabelecimento.

Como escrito antes, o Colégio da Imaculada Conceição foi fundado em 7 de janeiro de 1870 por iniciativa dos padres Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, Theodoro Antonio Pereira de Castro e Raymundo Alves da Fonseca. Os dois primeiros padres foram diretores (reitor e vice-reitor) e professores do Seminário N. S. das Mercês, e o terceiro padre foi professor do Instituto de Humanidades (extinto). De acordo com as informações

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Ver o jornal *A Nação* (edição 0047, páginas 1 a 4) de 30 de janeiro de 1871.

¹⁶⁸ Ver o jornal *O Liberal* (edição 00145, 05.05.1870, p 1 e 2) de Recife, órgão do Partido Liberal de Pernambuco.

veiculadas no jornal *A Nação*, os padres citados pediram demissão de seus cargos e funções para fundarem o referido colégio. Portanto, o Colégio da Imaculada Conceição foi criado como uma instituição educacional particular, tendo como seus fundadores e primeiros professores, os respectivos religiosos.

O colégio surgiu como um internato e foi localizado primeiramente em lugar um pouco afastado da capital São Luiz, em uma localidade denominada de “quinta Olinda, no Caminho-Grande”. No ano seguinte (1871), o colégio “acha-se mudado para a capital, rua São Pantaleão, prédio n° 41”¹⁶⁹. Se no momento da sua fundação a justificativa por um local mais afastado se deu no sentido de ficar longe da confusão urbana, no ano seguinte, a ida para a capital do Maranhão foi “para mais desenvolverem a esfera do estabelecimento, como verão melhor os leitores pelo anuncio respectivo, publicado na quarta pagina deste jornal”¹⁷⁰. Ou seja, o colégio se ampliou, admitindo estudantes também no regime de semi-internato e externato.

De acordo com o jornal, em 1870, quarenta e sete alunos foram internados, sendo que trinta e três destes fizeram exames no final do ano letivo. Os religiosos buscaram apoios diversos para o empreendimento, visto por eles como “mais um foco de luz”. Receberam cartas de felicitação “dos mais eminentes cidadãos” da província do Maranhão e de outras. Assim como “o concurso poderoso de inúmeros amigos generosos e dedicados”, do mesmo modo que receberam, segundo o articulista do jornal (possivelmente um dos próprios donos da escola), a confiança “dos distintos Pais de Famílias”. Para divulgar a criação do colégio, Raymundo da Purificação dos Santos Lemos buscou apoios para que a notícia de fundação do estabelecimento fosse publicada em diversos jornais no Maranhão e em outras províncias.

Desta feita, consta na matéria do jornal *A Nação*, publicada em 1871, a reprodução de trechos sobre a fundação do colégio que foram divulgados em outros jornais, no ano de 1870. Vinte e três foram os jornais destacados. No Rio de Janeiro, o *Apostolo*, *Quinze de Julho*, *Correio Nacional*, *Monitor Campista* e *Jornal do Commercio*. Em São Paulo, a *Opinião Conservadora*. Na Bahia, o *Diario da Bahia* e a *Chonica Religiosa*. No Rio Grande do Norte, o jornal *Conservador*. No Ceará, a *Constituição*, o *Jornal da Fortalesa*, o *Pedro Segundo* e a *Tribuna Catholica*. Na província da Paraíba, o jornal *Despertador*. Em Piauí, o *Liberal Piauhyense*, o *Piauhy* e a *Imprensa*. No que tange a província do Maranhão, seis jornais aparecem destacados na matéria: o *Paiz*, *Vinte e Oito de Julho*, *Actualidade*, *Liberal*, *Publicador Maranhense* e *Jornal de Caxias*. De maneira geral, os trechos publicados, além de

¹⁶⁹ *A Nação*, 30.01.1871, p. 1.

¹⁷⁰ *Idem*.

exaltarem a iniciativa de criação do colégio e de informarem parte do programa, abordam pontos semelhantes: a localização da escola, a motivação e o perfil dos fundadores.

No anúncio divulgado pelo jornal *A Nação*¹⁷¹, constam o programa e o regulamento do colégio para o ano de 1871. O anúncio apresenta como estratégia de divulgação uma introdução em que tece abordagem positiva sobre o primeiro ano de funcionamento do colégio e as perspectivas para o ano seguinte.¹⁷² Além disso, consta nas “condições de admissão” que o estabelecimento oferece, dentre outras coisas, “instrução primária, secundária, e religiosa”. Nestas “condições” também tem informação sobre os valores cobrados para os alunos internos, semi-internos e externos. As mensalidades eram as seguintes: 30\$000 para alunos internos menores de quatorze anos e 35\$000 maiores de quatorze anos; 18\$000 para semi-internos; 12\$000 para os externos. A este respeito, na parte referente às “observações diversas”, tem a informação de que “todas as mensalidades são pagas adiantadas, e cobradas nas casas dos pais, tutores, protectores, ou correspondentes dos alunos”. O que denota uma preocupação, por parte dos padres gestores, em garantir que o empreendimento não tivesse prejuízo financeiro.

No caso de Hemetério ter estudado neste colégio na condição de aluno interno, o custo exigido sugere que o responsável pela matrícula fosse alguém com posses, pois, além do valor mensal ser maior, era preciso que o aluno trouxesse os seguintes objetos: roupa branca (quatro camisas, quatro toalhas, seis ceroulas, quatro guardanapos, quatro fronhas, doze pares de meias, doze lençóis, um cobertor de lã, dois sacos para roupa suja); roupa de cor (oito camisas, seis paletós, seis calças de brim pardo, quatro cobertas de chita escura; roupa preta (um fato completo e duas gravatas); calçados (um par de botinas, dois pares de sapatos de couro “para uso de casa”); uma cama de ferro, dois travesseiros, uma bacia, uma escova de dentes, um espelho, um pente de alisar, um “dito fino”, uma tesoura, uma banquinha de cedro e uma cadeira.

Existe também a possibilidade de Hemetério ter sido aluno semi-interno ou externo. Para este terceiro caso, havia uma exigência informada nas “observações diversas” do regulamento do colégio que nos possibilita pensar que aluno com poucas posses tenha também estudado nesta instituição, pois, de acordo com o que foi publicado no jornal *A Nação*, “somente serão admitidos externos alumnos cujos protectores se obriguem o mandal-os decentemente vestidos”.

¹⁷¹ *A Nação*, 30.01.1871, p. 4.

¹⁷² Sobre estratégias de divulgação de instituições escolares, ver Aline de Moraes Limeira (2010): *O Comércio da Instrução no Século XIX: Colégios Particulares, Propagandas e Subvenções Públicas*. Rio de Janeiro: Uerj, 2010 (Dissertação de mestrado).

Em relação ao programa de estudos proposto pelo colégio, a se considerar o ensino oferecido, percebe-se que, ao final do curso, o estudante teria uma formação ampla de conhecimentos. Neste sentido, estava previsto para a “instrução primária”, além de “ler, escrever e contar”, também, “doutrina cristã e civilidade”, num primeiro momento (“1º grau”); depois, em sequência (“2º grau”), o aluno estudaria “grammatica e língua portuguesa”, assim como: “analyse grammatical; elementos de geografia, historia universal e patria; de historia sagrada; calligraphia; desenho linear; arithmetica; doutrina christã”. A “instrução secundária” era constituída pelas seguintes disciplinas: Gramática geral, “Latim inferior”, “Latim superior”, Francês, Inglês, Geografia, História Universal, História do Brasil, Matemáticas elementares, Filosofia e Retórica. Havia também a previsão do estudo de “Bellas artes” (“desenho, musica vocal e instrumental, gymnastica, etc.”), porém, “mediante ajustes particulares com os Srs. Encarregados dos alumnos”.

A respeito dos professores, o regulamento informa que “as disciplinas do curso primário e secundário, e a instrução religiosa” seriam proferidas pelos próprios diretores do colégio. Eles teriam também o auxílio de professores do magistério público e particular de São Luiz, contratados, segundo o jornal, “por seus talentos e profesciencia”, a exemplo de Dr. Manuel Jansen Pereira (Matemáticas elementares), Henrique Eduardo Costa (Inglês) e Pedro de Souza Guimarães (Latinidade).¹⁷³ O colégio fechou suas portas no ano de 1877, como informa o anúncio que os próprios padres fundadores, Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, Theodoro Antonio Pereira de Castro e Raymundo Alves da Fonseca publicaram no *Diario do Maranhão* em 06 de janeiro 1877.¹⁷⁴

De acordo com algumas evidências, dois maranhenses tiveram importante papel na vida de Hemetério desde a juventude: Luiz Raymundo da Silva Brito e Cesar Augusto Marques. É muito provável que o contato com ambos tenha ocorrido primeiro no Maranhão e em torno de uma rede de sociabilidade que teve, no Colégio da Imaculada Conceição, o seu centro.

Luiz Raymundo da Silva Brito formou-se em Teologia no ano de 1861. Criou um colégio na vila onde nascera (vila de S. Bento dos Perises no Maranhão), foi vigário na Freguesia de N. S. do Rosário, reitor do Seminário de N. S. das Mercês no ano de 1870 e professor de Latim no Seminário de Santo Antonio. Chegou também a ser eleito deputado pela Assembleia Provincial do Maranhão em 1875. Veio para o Rio de Janeiro para assumir a

¹⁷³ Em pesquisa na Hemeroteca Digital da BN encontramos diversas referências sobre esses professores no magistério público e particular no Maranhão, período de 1870 a 1879.

¹⁷⁴ Ver *Diário do Maranhão* de 06. 01. 1877 (edição 01027, p. 4).

função de vice-reitor do Internato do Colégio Pedro II no ano de 1877, provavelmente o ano em que Hemetério o tenha procurado. Ele recebeu o título de monsenhor no ano de 1884, período em que atuava no Colégio Natividade, fundado por ele no morro do Castelo e que atendia crianças pobres. Monsenhor Brito também foi professor de Religião na Escola Normal e no Colégio Militar, chegou também a exercer, no ano de 1888, a função de reitor do Externato do Colégio Pedro II.¹⁷⁵ Portanto, uma pessoa que deve ter tido um papel importante na vida de Hemetério, sobretudo nos momentos em que ele procurou afirmar-se na profissão de professor. O fato de Hemetério ter estudado no Colégio da Imaculada Conceição, colégio particular dirigido por três religiosos que, assim como o monsenhor Brito, também atuaram no Seminário das Mercês, indica a possibilidade do religioso Luiz Raymundo da Silva Brito ter conhecido os referidos diretores deste colégio, no caso, os padres Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, Theodoro Antonio Pereira de Castro e Raymundo Alves da Fonseca¹⁷⁶. De acordo com o jornal *O Radical*, o monsenhor Brito foi uma das primeiras pessoas que Hemetério procurou assim que chegou ao Rio de Janeiro¹⁷⁷. Na hipótese desta versão ser verdadeira, a sugestão de procurar o respectivo religioso pode ter vindo de um destes três padres. Além disso, o próprio Hemetério pode ter sido aluno do monsenhor.

Outra pessoa que deve ter tido papel importante na vida do jovem Hemetério e que pode ter lhe facilitado os primeiros contatos na capital foi o também maranhense Cezar Augusto Marques, nascido em 12 de dezembro de 1826 e falecido em 05 de dezembro de 1900. Hemetério escrevera um longo poema intitulado “O Professor” e dedicou o poema a esta pessoa. Cezar Augusto Marques foi médico, membro do Instituto Histórico Geográfico. Escrevera sobre a História da Imprensa maranhense na Revista do IHGB no ano de 1878.¹⁷⁸ Como veremos mais à frente, Cezar Augusto Marques chegou a fazer parte do corpo docente de um colégio particular juntamente com Hemetério. Além disso, Cezar Augusto Marques também foi professor no Seminário das Mercês, o mesmo em que trabalhou Monsenhor Brito e os três padres que fundaram o colégio que Hemetério estudara. Era, portanto, pessoa muito

¹⁷⁵ Ver periódico *O Album* de Fevereiro de 1893, p. 1. Este periódico era dirigido por Arthur Azevedo. Nele consta resumo biográfico de Luiz Raymundo da Silva Brito.

¹⁷⁶ Ver o jornal *A Nação* (edição 0047, páginas 1 a 4) de 30 de janeiro de 1871.

¹⁷⁷ “A morte do professor Hemetério: Uma perda sensível para o magistério nacional” é o título da matéria publicada pelo jornal *O Radical* um dia após a morte de Hemetério. Nela constam informações sobre aspectos da sua história de vida, exaltando o seu percurso de pessoa com força de vontade e de ter superado obstáculos para ascender socialmente (04.08.1939, edição 02241-1, p. 3). No ponto 1.4 retomo alguns aspectos apresentados nesta matéria.

¹⁷⁸ Consta na revista o seguinte registro: “Historia da Imprensa em Maranhão – Memoria lida na sessão do Instituto Historico e Geographico do Brasil na noite de 19 de Julho de 1878, pelo sócio Dr. Cesar Augusto Marques” (p. 219-225). Ver *Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Tomo XLI, Parte Segunda, Quarto Trimestre, Rio de Janeiro, 1878.

influyente no Maranhão e na Corte. Foi autor de diversas obras de cunho político, histórico e educativo. No Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão, de sua autoria, consta, na página cinco, o seguinte resumo do seu currículo até o ano de 1870, ano da publicação da obra:

Doutor em Medicina pela Faculdade da Bahia. Professor de Mathematicas elementares no Seminario de Nossa Senhora das Mercês. Cavalheiro da Real Ordem Militar Portugueza de Nosso Senhor Jesus-Christo e da Imperial Ordem da Roza. Membro do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil. Socio correspondente, honorario e benemerito de muitas outras Sociedades literárias e scientificas, nacionais e estrangeiras etc, etc.¹⁷⁹

Neste mesmo dicionário tem a informação de que Cezar Augusto Marques fora integrante e secretário de uma das primeiras sociedades emancipacionistas criadas no Maranhão no ano de 1869.¹⁸⁰ A obra traz informações relevantes de cunho histórico, geográfico, político e educacional referentes à Província do Maranhão. Uma destas informações diz respeito ao “movimento de todas as aulas, públicas e particulares, desde 1857 até 1870”.¹⁸¹

Na época em que Hemetério era estudante do Colégio Imaculada Conceição, talvez ele tenha tido acesso a alguns livros de Cezar Augusto Marques, uma vez que o *Dicionário Histórico-Geográfico* (1870), *Aos meus meninos: contos úteis, organizados e compostas* (1872) e o *Almanaque de Lembranças Brasileiras* (1863), este último adotado no Colégio Pedro II, foram utilizados como livros escolares em instituições educativas no Maranhão.¹⁸² Assim, ao publicar, ainda muito jovem, um poema em homenagem a esta pessoa, é possível que Hemetério tenha desejado com a poesia expressar não apenas sua admiração para com ela, mas também transformar em versos sua gratidão.

O referido poema fora publicado em 18 de julho de 1876 no periódico *Diário do Maranhão*¹⁸³, cerca de um ano depois de Hemetério ter chegado ao município da Corte. Na parte referente à dedicatória, Hemetério escreve que oferece o poema ao “amigo e admirado Dr. Cezar Augusto Marques”. A poesia dá a entender a grande admiração que Hemetério tinha para com o seu possível professor Cezar Augusto Marques, ao mesmo tempo em que,

¹⁷⁹ Ver MARQUES, 1870, Volume I, p. 5.

¹⁸⁰ MARQUES, 1870, Volume II, p. 191.

¹⁸¹ Idem, p. 336.

¹⁸² Ver CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. *O livro escolar no Maranhão Império: produção, circulação e prescrições*. Araraquara: UNESP, 2012. (Tese de Doutorado).

¹⁸³ Ver *Diário do Maranhão* de 18 de julho de 1876, Edição 885-1, p. 1.

dentro do espírito da época, exalta o ofício do docente, aquele que age como um missionário a proporcionar “luz” e “ciência” aos mais jovens. Seu poema transmite de fato a impressão de que o desejo de ser professor era algo que carregava desde os tempos de colégio. Logo no início, Hemetério deixa claro um aspecto que estará presente em outros textos de sua autoria, ou seja, a operação de articular ciência e religião:

E's grande, sementeiro de sciencia!
Em tua frente, de robusta intelligencia,
E' o pensamento... a luz...
Quer sejas, no pensar soberbo, em Sócrates,
Na sciencia do curar – ousado Hipocrates,
E's igual a Jesus!

Hemetério apresenta então o ofício do professor como se fosse um misto de “filósofo” (Sócrates), com “médico-cientista” (Hipócrates) e “profeta religioso” (Jesus). Alguém que através da “inteligência” e do “pensamento” leva “luz” às pessoas. Lá pelo meio do poema esta operação retorna, agora através da articulação da ideia de analfabetismo, como uma doença que se cura em função do trabalho sacrificante do professor,

Si, na enfermaria do analphabeto entras
Severo, de lá o erro afugentas
E com uma só voz!
Jorras do cérebro ondas mil de luz!...
Qual do Gólgatha martyr sobre a Cruz
Sacrifica-te por nós!

Observa-se que o princípio salvacionista da Razão inaugurado pelo movimento iluminista se mantém presente, e este se alia à severidade da disciplina, como “método” para afugentar o “erro”. E este erro, afugentado, proporciona à juventude a consciência necessária para livrá-la da “cadeia”,

Exulta oh! Professor
Que tua frente encanecida,
De sciencia guarnecida
Derrama prodígios de amor.

Ao teu verbo portentoso
Cedem as portas da cadeia
A cadeia – que medo ateia
A' todo peito criminoso.

Quando espalhas a sciencia,
A virtude, a liberdade,

Sente toda a mocidade,
Lympida... clara a consciência;

O poema expressa que o ensinamento do ofício de professor se traduz, portanto, em dois sentidos: proporcionar o acerto em relação ao conhecimento, assim como no que tange ao comportamento humano. A consciência da “mocidade” viria, portanto, através da “ciência” e da “virtude” cuja mediação é feita pelo professor. O jovem Hemetério, então com dezoito anos de idade, continua seu poema e exalta a qualidade do professor: “Médico do espírito! És imortal!”.

Mas para exercer a profissão de “médico do espírito”, Hemetério teve que batalhar por isso. Desta feita, foi preciso primeiro enfrentar os exames da Instrução Pública. Depois, tentar “ganhar o pão” como professor particular.

1.4 – Hemetério e o movimento das peças no magistério do Rio de Janeiro.

A chegada de Hemetério ao Rio foi registrada pelo periódico *O Globo* em 24 de janeiro de 1875. Na coluna intitulada “Movimento do Porto”, tem a informação sobre os nomes dos passageiros vindos de “portos do Norte” para o Rio de Janeiro. Dentre os nomes informados consta o de Hemetério José dos Santos.¹⁸⁴ Ao chegar ao Rio com dezesseis anos de idade (faria dezessete em 3 de março de 1875), Hemetério buscou seus primeiros contatos na cidade para iniciar seu percurso de vida na capital do país. Vinha ao Distrito Federal realizar seu desejo de ser professor.

Conta-se que a primeira pessoa a quem Hemetério procurara, no entanto, pensara diferente quanto ao trabalho que ele deveria ter. Talvez com o intuito de fazer uma surpresa para agradar ao jovem negro vindo do Norte, a pessoa em questão presenteou Hemetério com um uniforme de condutor de bonde. Esta versão sugestiva foi divulgada pelo jornal *O Radical* um dia depois da morte do professor Hemetério. O articulista escreve que a suposta pessoa lhe providenciou “um uniforme de condutor de bonde, achando, naturalmente, que esta era a

¹⁸⁴ Ver *O Globo*, 24.01.1875, Edição 24-1, p. 1.

indumentária adequada ao preto humilde”.¹⁸⁵ A provável reação de Hemetério também foi relatada pelo articulista da matéria: “sem se molestar, Hemeterio procurou outro padrinho, Monsenhor Brito, Reitor do Collegio Pedro II, que facilitou ao jovem maranhense não só os estudos, mas ainda o logar de professor repetente no referido educandário”.¹⁸⁶

O que seria mais comum à época: ter negros como condutor de bonde ou exercendo a profissão de professor? A este respeito, não consegui encontrar dados mais precisos sobre as porcentagens de negros no âmbito do magistério, o que indica a necessidade de pesquisas; sabe-se, no entanto, que em ambas as profissões havia presença de negros.

Na tese *Cidadania e trabalhadores: Cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870 – 1906)*, Paulo Cruz Terra (2012) analisa as experiências da classe dos trabalhadores de transporte da capital federal. O autor investigou as leis referentes ao setor, às condições de trabalho da classe, suas organizações e lutas. Dentre as experiências destacadas, constam análises do autor sobre a documentação que ele encontrara na Casa de Detenção em relação aos censos de 1890 e 1906 referentes aos trabalhadores aprisionados por descumprimento de determinadas normas do setor. Os documentos encontrados na prisão, que fora criada por decreto em “dois de julho de 1856”¹⁸⁷, revelam determinado percentual racial da composição de trabalhadores de transporte que se encontravam na respectiva Casa de Detenção. Escreve Paulo Terra:

No que diz respeito à cor da pele dos trabalhadores registrados nos livros da Casa de Detenção, os brancos representavam 70,3%, seguidos pelos pardos (15,6%), pretos (10,9%) e morenos (3,2%). O contingente de brancos entre esses trabalhadores era um pouco maior do que o encontrado entre a população geral no censo de 1890 (62,7%). O mesmo ocorria em relação aos pretos, que correspondiam a 12,3% dos habitantes do Rio de Janeiro. O censo de 1890 trazia ainda as categorias “caboclos” (3,4%) e “mestiços” (21,6%).¹⁸⁸

Como se pode perceber, apesar do percentual ser inferior aos dos brancos, a presença de negros (pretos mais pardos) existia no setor. Somam-se a esses dados outros apresentados por Paulo Terra em tabela a respeito do “Perfil dos trabalhadores do transporte nas estatísticas policiais (1873-1884)”¹⁸⁹, em que o autor destaca a presença significativa de “trabalhadores livres nacionais” no referido setor, apesar da também crescente presença de estrangeiros, em especial, de portugueses.

¹⁸⁵ Ver *O Radical*, 04.08.1939, Edição 02241-1, p. 3.

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ TERRA, 2012, p. 101.

¹⁸⁸ Idem, p. 104.

¹⁸⁹ Idem, p. 106.

Os dados destacados por Paulo Terra nos levam a pensar que, caso Hemetério desejasse seguir a profissão de condutor de bonde, esta seria uma possibilidade para a época, até porque a idade mínima encontrada era de quinze anos.¹⁹⁰ Ocorre que, contrariando as expectativas da pessoa que por ventura lhe tenha dado de presente o uniforme de condutor de bonde, Hemetério queria mesmo era ser professor, e, apesar da quase ausência de pesquisas que informem sobre percentuais raciais da época entre os docentes, a presença de negros no setor do magistério carioca foi uma realidade comprovada por vários pesquisadores¹⁹¹.

Uma das pesquisas a se ressaltar aqui diz respeito ao artigo escrito por Heloisa de O. S. Villela (2004), *Uma família de educadores 'de cor': magistério, redes de sociabilidade e projetos abolicionistas na capital fluminense (1860-1910)*. Além de se constituir em trabalho importante para se pensar sobre a trajetória de Hemetério, que, como veremos no sexto capítulo, também teve uma família com presença significativa de educadores negros, o referido estudo comprova que o magistério foi, estrategicamente, um espaço possível para que negros e alguns de seus familiares buscassem ganhar a vida a partir desta profissão. O parágrafo que abre o artigo não deixa dúvida quanto a isso:

Na segunda metade do século XIX, uma família de educadores negros e pardos, os Alberto, se destacou no cenário educacional das cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Niterói. Homens e mulheres “de cor” que foram regentes de escolas públicas e particulares, ocuparam cargos em importantes instituições, participaram intensamente de associações literárias, científicas e clubes abolicionistas. Percorrendo obras de memorialistas, almanaques, documentos administrativos, jornais pedagógicos e a imprensa comum foi possível recuperar a trajetória dessa família, que ascendeu socialmente pela via do magistério, e as redes de sociabilidade que soube acionar. Como pano de fundo temos uma conjuntura social tensa, que coincide com a consolidação da monarquia e o posterior avanço do movimento republicano, o recrudescimento das lutas abolicionistas e as contradições do pós-abolição. Por se tratar de uma família de educadores negros e pardos, acompanhar suas ações possibilitou enxergar interessantes projetos educacionais que estiveram em disputa no movimento abolicionista, sobre os quais a historiografia brasileira silencia.¹⁹²

¹⁹⁰ Idem, p. 103.

¹⁹¹ Algumas referências são: SILVA, Adriana Maria Paulo da (2002). *A escola de Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista*; VILLELA, Heloisa de O.S. (2004). *Uma família de educadores “de cor”: magistério, redes de sociabilidade e projetos abolicionistas na capital fluminense (1860-1910)*; MULLER, Maria Lucia. *A cor da escola* (2008); GOMES, Nailza da Costa Barbosa (2009). *Uma professora negra em Cuiabá na Primeira República: limites e possibilidades*; VILLELA, Heloisa (2012). *A trajetória de um professor negro no Brasil escravocrata*; SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. *Intelectuais negros e projetos de educação (1870-1910): experiências docentes de André Rebouças, José do Patrocínio e Manoel Querino* (2013); CRUZ, Mariléia dos Santos (2016). *A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX*.

¹⁹² VILLELA, 2004, p. 1.

Fica evidente pela passagem acima que a trajetória da família de negros pesquisada por Heloisa Villela conseguiu, através do magistério, superar obstáculos e conquistar cidadania para seus membros e ainda contribuir em prol da luta abolicionista. Em outra passagem importante, a autora sinaliza para o aspecto de que o magistério no Rio de Janeiro se constituía em oportunidade para que pessoas negras ganhassem o seu pão e pudessem participar da vida cultural na época em que Hemetério José dos Santos buscava seu espaço neste ramo profissional: “Desde o início da pesquisa, sobressaiu a considerável presença de professores negros e pardos que atuavam em escolas da Corte e da província, escreviam livros, participavam da vida cultural e associativa do seu tempo”¹⁹³

Em suas pesquisas sobre a relação entre docência e questão racial, Maria Lúcia Müller, além de encontrar Hemetério José dos Santos, constatou a presença de homens e mulheres negras atuando no magistério de Mato Grosso e do Rio de Janeiro, apesar das barreiras advindas das teorias racialistas que publicizavam a tão discutida questão da época a respeito da suposta “inferioridade” dos negros em relação aos brancos. Esta é uma questão discutida de modo mais amplo na segunda parte da tese, no entanto, vale destacar o argumento central da autora, que identificou um processo de *branqueamento* da profissão docente a partir de 1910, através do aumento das barreiras que as mulheres negras encontraram para ingressarem na profissão de professora primária, já por este tempo uma profissão fundamentalmente feminina.¹⁹⁴

De todo modo, à época em que Hemetério se decidira por realizar os exames que lhe autorizariam o exercício da profissão de professor, ele certamente sabia que, apesar dos obstáculos que porventura tivesse que enfrentar em face de ser uma pessoa negra, o objetivo de ser professor era algo factível aos seus olhos e de seus futuros pares. Isto porque, como vimos, existiam negros e negras na profissão. Porém, houve necessidade de lutar por isso. Não só ser aprovado nos exames da Diretoria de Instrução Pública, como também foi preciso acessar redes de sociabilidade e saber se mover na conjuntura com a qual ele se deparara na capital federal.

Hemetério encontrara naquele mundo em que começou a se movimentar em suas andanças pela capital do Império, um cenário cultural, econômico, social e político que indicava perspectivas de mudanças, sobretudo em face da recente aprovação da chamada Lei

¹⁹³ VILLELA, 2004, p. 2.

¹⁹⁴ Ver MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A cor da escola: imagens da Primeira República*. Cuiabá: EDUFMT/Entrelinhas, 2008. Ver também da mesma autora, *A produção de sentidos sobre mulheres negras e o branqueamento do magistério no Rio de Janeiro na Primeira República*, presente no livro *A História da Educação dos negros no Brasil* organizado por Marcus Vinícius Fonseca e Surya A. Pombo de Barros (2016).

do Ventre Livre em 28 de setembro de 1871. Voltaremos a este assunto mais adiante. Antes, porém, cabe esboçar um pequeno panorama do que Hemetério possivelmente encontrara na capital do país.

Sede do poder político federal, o Rio de Janeiro era uma cidade que passava por um processo de aumento do contingente populacional significativo entre meados do século XIX e início do XX. Desta feita, o crescimento demográfico da cidade entre os anos de 1849 (266.466 habitantes) e 1906 (811.443 habitantes) foi substancial de acordo com o historiador Marcelo Badaró de Mattos (2008).¹⁹⁵ O significativo crescimento da população da cidade teve sentido. Afinal, como principal centro econômico do país, o Rio de Janeiro era uma espécie de “faro” e “ímã” da Nação, não só em termos econômicos, mas também em termos políticos e culturais, atraindo pessoas de diversos pontos do país. Desta feita, tomando por base o Censo de 1872, portanto, três anos antes de Hemetério chegar ao Rio, a população da cidade do Rio de Janeiro no referido ano era de 274.972 habitantes. Deste quantitativo, 226.033 habitantes eram livres e 48.939 escravizados, de acordo com Marcelo Badaró¹⁹⁶.

No tocante à questão do trabalho, Badaró de Mattos (2008) afirma que o fator racial demarcava a hierarquia do mundo do trabalho na época em que Hemetério chegara ao Rio de Janeiro. Segundo o autor, “o processo de proletarização incompleto” pelo qual passou os trabalhadores da cidade fora pautado pela escravidão entrelaçando “cor” e “ocupação”: “nos anos que se seguiram à abolição, é possível perceber que as marcas da escravidão continuavam a balizar uma diferenciação/hierarquização do mercado de trabalho da cidade. Dados sobre a cor e a ocupação dos indivíduos entrelaçam-se (...)”.¹⁹⁷

Além de trabalho, Hemetério deve ter se preocupado também com a moradia. Em face do crescimento populacional da cidade, já sinalizado, encontrou certo adensamento demográfico na área central e uma procura por outras áreas na direção dos subúrbios. Comparando os números das Freguesias referentes aos anos de 1872 e 1890, por exemplo, em tabela apresentada por Badaró¹⁹⁸, percebe-se a dimensão deste processo. As Freguesias centrais, que correspondiam a Santana, Sacramento, Santa Rita, Candelária e São José, somavam em 1872 o quantitativo de 131.102 habitantes. Esta quantidade de pessoas sobiu para 196.075 no ano de 1890, correspondendo a um crescimento populacional de quase cinquenta por cento. As outras Freguesias urbanas indicadas pelo autor como “não-centrais”,

¹⁹⁵ Ver MATTOS, M. B., *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*, 2008, p. 40.

¹⁹⁶ Idem, p. 40/41.

¹⁹⁷ Idem, p.47.

¹⁹⁸ Idem, p. 62.

no caso, Santo Antônio, Espírito Santo, Glória, Lagoa, Engenho Velho, São Cristóvão, Gávea e Engenho Novo, apresentavam 97.641 habitantes no ano de 1872. Este número de pessoas cresceu para 233.670 em 1890, o que representou um aumento de quase cento e quarenta por cento. As Freguesias rurais, por sua vez, a exemplo de Campo Grande, Jacarepaguá, Guaratiba, Inhaúma, Irajá, Santa Cruz, Paquetá e Ilha do Governador, tiveram crescimento populacional de cem por cento, ou seja, de 46.229 habitantes em 1872, passou a ter 92.906 em 1890.

Os números acima indicam, portanto, que a procura por moradia nas Freguesias “não-centrais” e rurais foi bem maior que a das Freguesias centrais, sendo que estas já apresentavam um quantitativo superior do que as outras duas em 1872, mas que em 1890 é ultrapassada pelas Freguesias consideradas “não-centrais”¹⁹⁹. Hemetério fixou residências em ruas localizadas em bairros de Freguesias “não-centrais”, como São Cristóvão e Rio Comprido.

A área central da cidade era espaço de maior oferta de trabalho, o que explica a grande concentração populacional e presença marcante de habitações coletivas. Além disso, diante do problema de dificuldades de transportes em direção aos subúrbios, muitas pessoas buscaram fixar residências em morros próximos ao centro, dando origem ao que veio ser denominada posteriormente de “favela”. Esta opção, no entanto, significou ter uma vida em lugar marcado por precárias condições de moradia e saneamento, demandando o enfrentamento de outro problema que afligia, sobretudo, a população mais pobre da cidade: a questão da saúde.²⁰⁰ Hemetério, possivelmente, teve também que lidar com este problema, à medida que o tema da insalubridade se constituía na época como uma questão séria a ser enfrentada, tanto no ambiente de trabalho quanto na moradia.²⁰¹ Este problema, inclusive, se relaciona com uma série de epidemias que assolou o Rio de Janeiro no século XIX.²⁰²

A preocupação com a higiene foi um tema trabalhado pelos professores da época, e Hemetério não fugiu a esta regra. Em seu *Livro dos meninos* este assunto esteve entre as preocupações do professor. Ele tratou o assunto através do texto “O aceio”, que apresenta algumas orientações sobre higiene. Hemetério começa essa orientação destacando os procedimentos de higiene desde o momento em que se acorda: “O menino ou a menina logo

¹⁹⁹ No entanto, vale ressaltar que no artigo *Felismina e Libertina vão à escola: notas sobre a escolarização nas Freguesias de Santa Rita e Santana (Rio de Janeiro, 1888-1906)*, Alessandra Schueler, Irma Rizzini e Jucinato Marques (2015) destacam que no que tange à Santana este crescimento se manteve.

²⁰⁰ MATTOS, M. B., 2008, p. 67.

²⁰¹ Idem, p. 69.

²⁰² A este respeito, o livro *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, de Sidney Chalhoub (1996), é importante referência para se entender a dimensão do problema das epidemias na cidade do Rio de Janeiro no contexto do Império.

ao levantar-se da cama pela manhã deve lavar as mãos, o rosto, o pescoço, os ouvidos, cortar as unhas, se estiverem crescidas, limpar os dentes e pentear-se.”²⁰³ Em seguida acentuou a importância destes procedimentos, sobretudo, para as meninas: “Ninguém, minhas meninas, deve aparecer aos outros sem ter feito essas coisas que ali ficam ditas.”²⁰⁴ Depois, Hemetério abordou sobre a necessidade de se ter cuidados com a limpeza da “boca”, do “corpo” e da vestimenta. Ao final do texto, apresentou abordagem sobre a importância da higiene para os que vivem na pobreza: “Não é necessário que as nossas roupas sejam ricas; é bastante serem os nossos vestidos aceiados, porque, lembrai bem, meus meninos: *o aceio é o adorno do pobre*” (grifo de Hemetério)²⁰⁵. Fica evidente por este trecho que o livro de Hemetério foi feito para um público oriundo das camadas populares.

A este respeito, vale ressaltar que, naquela época, os habitantes pobres da cidade lidavam também com o problema da “péssima alimentação” e da questão dos baixos salários. Neste sentido, não foi por acaso o que afirmou Badaró, ao escrever que a “miséria” se constituía em “elemento identificatório principal, que conferia homogeneidade à experiência dos proletários”.²⁰⁶ E mais ainda:

Salários baixos, distante do justo preço do trabalho, e preços elevados das mercadorias essenciais para a reprodução da força de trabalho, agravados pelos altos impostos, formavam a combinação que aproximava a condição de vida dos trabalhadores à dos mendigos, precarizando completamente o padrão de vida proletário.²⁰⁷

Foi nesse cenário nada promissor que Hemetério José dos Santos buscou cavar o seu caminho em busca de trabalho.

1.4.1 – Docência particular.

Em relação ao trabalho docente, a tese de Alessandra Schueler (2002) esclarece de forma minuciosa a constituição do campo educacional na Corte entre os anos de 1854 a 1889. Dentre vários aspectos, a perspectiva da pesquisadora abrangeu:

os significados atribuídos pelos professores públicos à instrução pública primária em suas finalidades, métodos e disciplinas; suas relações com as

²⁰³ Hemetério José dos Santos, *Livro dos meninos*, 1881, p. 42.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Idem, p. 43.

²⁰⁶ MATTOS, Marcelo Badaró, 2008, p. 73.

²⁰⁷ Idem.

discussões sociais mais amplas, no contexto da cidade do Rio de Janeiro – transformações do trabalho e a abolição da escravidão e suas conseqüências para as redefinições da cidadania; as novas idéias pedagógicas em debate; as representações sobre si mesmos em disputa no processo de construção de identidades coletivas, construídas e reconstruídas, elaboradas e (re) apropriadas no exercício do ofício, e os possíveis significados sociais atribuídos à profissão.²⁰⁸

Alessandra Schueler (2002) argumenta que no período em questão, por um lado, se os estabelecimentos escolares privados correspondiam maior número em comparação com os estabelecimentos públicos, por outro, houve por parte do Estado uma política de “estender o seu controle sobre toda a rede de ensino (público e privado), fiscalizando-a e regulamentando-a na forma de leis”.²⁰⁹

Além de fazer uma análise sobre as legislações que normatizavam o ofício de professor, a pesquisadora informa, de modo bem amplo, a dimensão da malha escolar existente nas Freguesias da cidade, deixando evidente que o campo educacional na Corte do país era uma realidade em expansão no tempo em que Hemetério pisou em solo carioca com a pretensão de obter a prerrogativa legal para exercer o ofício de professor.

Neste sentido, vale dizer que entre junho de 1875 a junho de 1878 o nome de Hemetério José dos Santos aparece nos jornais, sobretudo, através de informes a respeito de “exames preparatórios” da Instrução Pública. Tudo indica que os quatro primeiros anos na capital federal (1875 a 1878) foram destinados a adquirir a autorização oficial necessária para exercer a profissão de professor.

No ano de 1875, por exemplo, o jornal *Diário do Rio de Janeiro* divulgou quatro notícias relacionadas aos exames preparatórios elaborados pela Instrução Pública em que aparece o nome de Hemetério José dos Santos. A primeira foi em 11 de junho relativa ao exame de Francês.²¹⁰ A seguinte foi em 10 de novembro convocando candidatos para realizarem a prova de Geografia.²¹¹ Dois dias depois, em 12 de novembro, o jornal divulga os nomes dos aprovados na prova de Geografia, dentre estes o de Hemetério.²¹² A quarta notícia foi publicada em 07 de dezembro convocando candidatos para a prova de Aritmética.²¹³ Este tipo de notícia relacionada a outras disciplinas são divulgadas em diversos jornais da época

²⁰⁸ SCHUELER, 2002, p. 24.

²⁰⁹ Idem, p. 32.

²¹⁰ Ver *Diário do Rio de Janeiro*, 11.06.1875, edição 00160(1), p. 3.

²¹¹ Ver *Diário do Rio de Janeiro*, 10.11.1875, edição 309 (1), p. 2.

²¹² Ver *Diário do Rio de Janeiro*, 12.11.1875, edição 00311(1), p. 2.

²¹³ Ver *Diário do Rio de Janeiro*, 07.12.1875, edição 00336 (1), p. 2.

até o ano de 1878. Ainda na década de 1870, Hemetério lançou sua primeira gramática (1877) e começou a divulgar propagandas de professor-explicador (1878).

O percurso trilhado por Hemetério para iniciar o trabalho como professor particular revela, por um lado, a determinação de uma pessoa em ganhar a vida através do magistério, e, por outro, o quanto este percurso ilumina a constituição das redes de sociabilidade pelas quais o professor fez parte. Neste sentido, o início deste trabalho se deu, primeiramente, como “explicador” de alunos do Colégio Pedro II e “explicador-particular”. As evidências encontradas a este respeito foram obtidas através de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a exemplo do que fora divulgado pelo jornal *Gazeta de Notícias*.

Em 12 de abril de 1878, o referido jornal divulgou uma das primeiras notícias sobre a participação de Hemetério como professor particular. Ela veio com o título de “Externato Jasper”:

Externato Jasper - As aulas estão funcionando com toda a regularidade. Professores – Dr. J. M. Malheiros (Historia e Geografia); Dr. Gama (Mathematica e curso superior); Franklin de Lima (Philosophia); J. Lino da Silva Gomes (Portuguez); J.A. Burgain (Francez); Soflantini (Latim); Jasper L. Harben (Inglez); Emilio Gomez (Escripturação mercantil); R. Pinto (Calligraphia); R. Prayon (Allemão); **Bacharel Hermes (Materias do imperial colégio Pedro II) ; Hemeterio José dos Santos (Materias do imperial collegio Pedro II)** . O Externato Jasper acha-se aberto das 7 horas da manhã, até ás 9 da noite. 134 Rua do Rosario 134.²¹⁴ (Grifo meu).

Observa-se, na divulgação veiculada acima, a informação de que Hemetério José dos Santos e o “Bacharel Hermes” usavam o mesmo material didático relacionado ao Colégio Pedro II. Neste sentido, encontrei uma evidência que me levou a supor que o “Bacharel Hermes”, citado acima, é a mesma pessoa que, junto com Hemetério, solicitou ao Ministério imperial autorização para exercer atividade de explicador no espaço do referido colégio.

A evidência a que me refiro foi divulgada em 26 de maio de 1878 pelo *Diário do Rio de Janeiro*, a respeito de uma decisão tomada pelo Ministério do Império em relação à solicitação feita por Hemetério José dos Santos e João Severiano da Fonseca Hermes, para que ambos pudessem realizar a atividade de explicador de alunos do Colégio Pedro II no espaço do próprio Colégio. Vejamos a notícia:

²¹⁴ Ver jornal *Gazeta de Notícias* de 12.04.1878, edição 100-1, p. 2.

Declarou-se ao reitor interino do internato do Imperial Collegio Pedro II que não convém conceder a permissão pedida pelo bacharel João Severiano da Fonseca Hermes e por Hemeterio José dos Santos, para, por convite dos paes de alguns alunos, explicarem a estes no mesmo estabelecimento as matérias que tem de estudar.²¹⁵

Não foi autorizada a permissão para que Hemetério exercesse a função de explicador no próprio espaço do Colégio Pedro II. Ele foi ensinar em outro local; inclusive, em sua própria residência e o texto da notícia sugere leituras importantes. Por um lado, o fato de que partira dos pais dos alunos a motivação para que Hemetério José dos Santos e o bacharel João Severiano da Fonseca Hermes fizessem a solicitação para o Ministério do Império. Se de fato a coisa aconteceu desta forma, indica certo respeito e prestígio dos pais para com os dois jovens explicadores, já que, na ocasião, João Severiano tinha 23 anos e Hemetério 20 anos de idade. Por outro lado, e mais importante ainda, a notícia evidencia aproximação de Hemetério com figuras poderosas do Exército, uma vez que João Severiano da Fonseca Hermes nasceu no ano de 1855, formou-se em advogado e foi sobrinho de Deodoro da Fonseca.²¹⁶

Esta questão será analisada no próximo capítulo, quando tratarmos da entrada de Hemetério no Imperial Colégio Militar. De todo modo, já fica aqui o registro da aproximação de Hemetério com pessoas influentes no Exército. Convém ressaltar também que as duas divulgações anteriores não só reforçam a percepção de que houve uma aproximação entre ambos (Hemetério e o bacharel Hermes), como também indica que a ligação entre os dois foi para além do Colégio Pedro II.

Desta feita, fez parte da estratégia de atuação de Hemetério, enquanto professor particular, explorar o uso do nome e sua aproximação com o Colégio Pedro II, como já sinalizado. Neste sentido, Hemetério criou, em sua própria residência, um curso preparatório voltado para a admissão naquele que era o principal colégio oficial da cidade do Rio de Janeiro. Ele soube utilizar jornais e periódicos da cidade para divulgação do seu curso preparatório para o Colégio Pedro II.

Um exemplo disso foram as evidências encontradas no jornal *Cidade do Rio*, de propriedade de José do Patrocínio e sinalizadas pela pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015). Das 68 que aparecem na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional em determinado período (1880-1889), a grande maioria se refere a seguinte propaganda: “COLLEGIO Pedro II – O professor Hemeterio Santos dirige alumnos para esse collegio – Rua Argentina n. 1 S.

²¹⁵ Ver jornal *Diário do Rio de Janeiro* de 26.05.1878, edição 48-1, p. 1.

²¹⁶ Ver verbete “HERMES, Fonseca” no Dicionário da política republicana no Rio de Janeiro (Coord. Alzira Alves de Abreu e outros, Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2014).

Christovão”. Este tipo de propaganda encontra-se na coluna do jornal intitulada “Diversidades”. De fato, são diversas as propagandas de lojas, produtos e profissionais; no entanto, cabe notar que, no que diz respeito à propaganda de serviços de professor, em mais de uma edição, a propaganda de Hemetério é a única, o que sugere que José do Patrocínio era um importante aliado em sua rede de sociabilidade.

Vale lembrar também, e já destacado anteriormente, que uma das suas primeiras gramáticas fora preparada de acordo com o “programma do Collegio Pedro II”. Enfim, penso que, para além da questão pragmática de tentar sobreviver como professor particular, o uso e aproximação com o “Collegio Pedro II” cumpriu também a função de atribuir qualidade ao percurso profissional que o professor buscava afirmar. Percurso este que se consolidou a partir da sua entrada no Colégio Militar e na Escola Normal do Distrito Federal.

O jornal *Gazeta de Notícias* de 07 de maio de 1879 foi um dos primeiros periódicos a divulgar notícia a respeito da atividade que Hemetério exerceu de professor-explicador. Com o título de “O Explicador”, a notícia informa: “O Explicador Hemeterio José dos Santos é encontrado na 141 Rua do Ouvidor 141”.²¹⁷

Outra evidência importante foi a que o *Jornal dos Economistas* divulgou em 25 de março de 1882 referente ao “Collegio Universitario Fluminense”²¹⁸, instituição dirigida por Affonso Herculano de Lima, pessoa homenageada por Hemetério através do seu *Livro dos Meninos*, no ano anterior. Apesar da evidência ser extensa, vale vê-la por inteiro, por trazer informações de cunho financeiro, administrativo, pedagógico e, sobretudo, por tratar-se de evidência reveladora de rede de sociabilidade, ao informar nomes com os quais, possivelmente, Hemetério se relacionava:

COLLEGIO UNIVERSITARIO FLUMINENSE

4º. ANNO

55 RUA DO BARÃO DE ITAPEGIPE 55

No alto. Vista esplendida, agua, ares puríssimos

Bonds da Tijuca, Fabrica das Chitas ou Bispo, 40 minutos do Largo de S. Francisco de Paula.

THEORIA E PRATICA

Curso de preparatorios para as academias. Curso proprio da casa e do commercio.

Um só preço quaesquer que sejam as materias que aprendam e as commodidades de alunos internos.

Não se fazem transacções de especie alguma estranhas aos prospectos, nem ha porcentagens nos fornecimentos geraes.

Pencionistas150\$000 por trimestre

²¹⁷ Ver *Gazeta de Notícias* de 07.05.1879, edição 125-1, p. 3.

²¹⁸ Ver *Jornal dos Economistas* de 25.03.1882, edição 4-1, p. 07.

Joia unica de entrada40\$000

Meio-pensionistas.....90\$000 por trimestre.

Incluem-se n'estes preços, segundo as classes acima:

todas as materias de educação intellectual (as línguas falladas), musica vocal, desenho, gymnastica, material de cama, banho, lavatorio, roupa lavada e engommada, á vontade, e dietas ligeiras.

- Avisa-se aos cinco internos que ainda não voltaram, que a directoria não se responsabiliza pelos logares além do meiado de fevereiro.

O estabelecimento, quer quanto ás aulas, quer quanto ás suas dependencias, está montado sob todas as regras da mais rigorosa hygiene e mais acurada pedagogia moderna, convenientemente modificada para este paiz.

As mobílias são todas feitas a capricho e especiaes da casa; aparelhos, serviços de cama, mesa e asseio irrepreensíveis. A qualquer pessoa interessada, tanto na saúde como na educação de bons meninos, e principalmente ás que tem dito ser impossivel a realização de taes promessas no Brazil, roga a directoria a (...) de sua visita, que pelo menos dará em resultado (...) saudavel passeio e grata desillusão.

ELENCO DO PESSOAL ADMINISTRATIVO E DOCENTE

DIRECTOR – Affonso H. de Lima.

VICE-DIRECTOR – J. A Galhardo.

PRECEPTORA DAS CRIANÇAS – D. Leonarda Marques de Lima, mulher do director.

MEDICOS

Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz, allopatha.

Dr. Cesar Augusto Marques, dito.

Dr. Antonio Antunes Guimarães, homoeopatha.

PROFESSORES

D. Helena B. de Cordoville. J.A Galhardo

Dr. Zeferino de Oliveira.

Jeronymo Queiroz.

A.Firmino Monteiro

Hortencio de Cordoville.

Vicente Cazali.

Dr. Franklin de Lima.

Dr. Antonio Teixeira da Rocha.

Dr. Raul C. Barroso.

José Affonso Torres.

Viriato Figueira da Silva.

Cesario Villela (substituto).

Hemeterio J. dos Santos.

Affonso H. de Lima.

SUBSTITUTO GERAL

Affonso H. de Lima.

Prospectos nas livrarias: Lombaerts & C., rua dos Ourives n. 7; Nicoláu Alves, rua de Gonçalves Dias n. 48; Serafim Alves, rua Sete de Setembro n. 83; e loja de papel de Aprigio Martins Pereira, rua do Rosario n. 63.²¹⁹
(Grifo meu)

Como se pode ver acima, trata-se da propaganda de um curso voltado para preparar interessados no ingresso em “academias” e no ramo comercial, com opção para alunos em modalidade de externato e internato. Além de informar sobre os custos a serem cobrados, a

²¹⁹ *Jornal dos Economistas*, 25.03.1882, p. 07.

propaganda destaca os aspectos pedagógicos e higiênicos valorizados pelos administradores do colégio. Ao informar sobre o “pessoal administrativo e docente”, vários nomes são elencados, o que faz da referida propaganda, como afirmamos antes, importante evidência sobre possível rede de sociabilidade de Hemetério num momento em que ainda buscava afirmar-se como docente no magistério do Rio de Janeiro. Consegui encontrar referências sobre alguns dos nomes citados. O grupo parece ser formado por uma mistura de pessoas influentes e de famílias tradicionais com jovens professores como Hemetério.

Começando pelo diretor, Affonso Herculano de Lima²²⁰, homenageado por Hemetério no *Livro dos meninos*. Antes de se dedicar à direção do Colégio Universitário Fluminense, Affonso Herculano foi bibliotecário responsável pela Biblioteca Municipal a Corte. Nesta ocasião, chegou a publicar, em 1876, seu *Relatório do bibliotecário interino da Bibliotheca Municipal*. E, em 1878, publicou o *Catalogo da Bibliotheca Municipal*, obra de oitocentos e vinte páginas. Já como diretor do Colégio Universitário Fluminense, escreveu *Educação Nacional e Instrução*, texto publicado por partes pela imprensa. Seu nome consta com frequência entre as pessoas escolhidas para “beijar a mão” do imperador e da princesa Isabel. O Colégio Universitário Fluminense também recebia visitas regulares do imperador Pedro II.

Os nomes dos médicos Dr. Cesar Augusto Marques e Fernando Francisco da Costa Ferraz também constam como funcionários do Colégio Universitário Fluminense. O primeiro já foi referido anteriormente, pois trata-se do mesmo que, seis anos antes, o jovem Hemetério homenageara com o poema “O Professor”, já analisado. Em relação ao segundo, Fernando nasceu em 08 de novembro 1838, de acordo com o Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1893). No site da Academia Nacional de Medicina, no entanto, o nascimento dele está como em 08 de junho de 1838 e morreu em 09 de novembro de 1907. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, mesma cidade em que nascera e entrou para a Academia Nacional de Medicina como membro titular. Chegou a ser vereador na Corte e deputado na Assembleia Provincial do Rio de Janeiro por mais de uma vez. Escrevera diversas obras referentes aos temas da medicina, assim como: “alimentação do povo”, “saneamento das habitações para operários e empregados subalternos”, “regulamentação da prostituição”, a “questão do defloramento”, “salubridade da capital do

²²⁰ Ver BLAKE, 1883, Volume I, p. 14.

império e os cortiços”, etc.²²¹ Ambos os médicos eram, portanto, pessoas bem formadas e influentes na sociedade imperial.

Outro médico de família tradicional que consta na lista dos professores do colégio é o alagoano Antônio Teixeira da Rocha (04. 04. 1824 – 29.07.1886), o Barão de Maceió. Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1846. Mudou-se para o Rio de Janeiro no ano de 1859 para assumir, por concurso, a função de cirurgião e professor de Anatomia Geral Descritiva, tornando-se, posteriormente, professor catedrático. Chegou a ser médico da Casa Imperial, Conselheiro do Imperador e na Santa Casa de Misericórdia exerceu a função de cirurgião. Mas não parou por aí, pois foi também deputado da Província de Alagoas entre os anos de 1872 e 1875, chegando a exercer, inclusive, a presidência da Assembleia Geral da respectiva província.²²²

Através do *Almanak Lammert* (1891-1940) encontramos o nome de Hortêncio de Cordoville, arquiteto e engenheiro civil, cujo irmão Heitor de Cordoville, também arquiteto e engenheiro civil, trabalhou na Diretoria das Obras do Estado do Rio de Janeiro.²²³ Na lista de professores acima, consta o nome da professora D. Helena B. de Cordoville. Não encontrei referência sobre ela, mas pelo sobrenome “Cordoville”, deve ser parente dos irmãos Heitor e Hortêncio, possivelmente irmã, uma vez que os três nomes começam com a letra “H”. No mesmo *Almanak Lammert*, tem a afirmação de que Vicente Cazali era professor dos “Institutos Normaes e Profissionaes”²²⁴ O nome de Cesario Villela pode referir-se a importante músico e pianista da época.²²⁵

Pelo menos dois dos professores que constam na lista de nomes do colégio são negros como Hemetério. Refiro-me a Antônio Firmino Monteiro e Viriato Figueira da Silva. O primeiro se tornou conceituado artista plástico e o segundo, um dos principais mestres do choro.

Antônio Firmino Monteiro era da mesma geração de Hemetério. Nasceu em 22 de fevereiro de 1855 e morreu um mês e dez dias depois de assinada a Lei Áurea, em 03 de julho de 1888. Foi caixeiro e tipógrafo na juventude. Frequentou a Academia Imperial de Belas Artes na década de 1870, chegando a estudar com grandes mestres da pintura da época. Com

²²¹ Ver BLAKE, 1893, Volume II, p. 338 a 340. Ver também site da Academia Nacional de Medicina (http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=318 – acesso em 04.01.2018).

²²² Ver <http://www.historiadealagoas.com.br/barao-de-maceio-antonio-teixeira-da-rocha.html> - acesso em 04.01.2018.

²²³ Ver *Almanak Lammert* (1891-1940) páginas 516 e 567.

²²⁴ Idem, p. 494.

²²⁵ Ver <http://www.institutopianobrasileiro.com.br/partituras?term=Cesario+Villela&x=0&y=0> acesso 04.01.18.

auxílio do imperador, conseguiu realizar estudos na Europa. Foi também professor de pintura na Escola de Belas Artes da Bahia, assim como no Liceu de Artes e Ofício de Salvador. Realizou diversas exposições.²²⁶

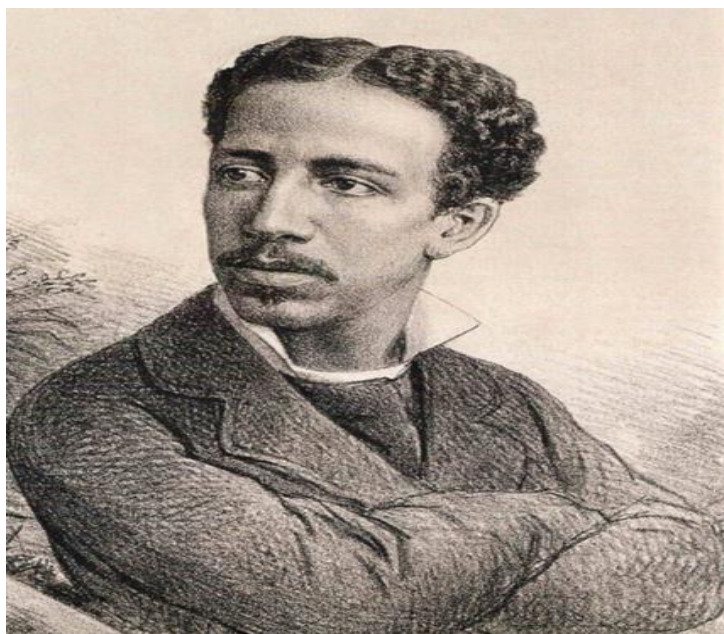


Figura 5: Imagem de Antonio Firmino Monteiro (Fonte: Museu Afro Brasil)²²⁷

Viriato Figueira da Silva, por sua vez, foi filho de escravos. Nasceu em Macaé, no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1851. Faleceu em 24 de março de 1883. Fez seus estudos de música no Conservatório Imperial de Música na cidade do Rio de Janeiro. Tornou-se saxofonista, flautista e compositor. Excursionou pelo país fazendo sucesso com sua arte. É considerado um dos pais dos criadores do choro.²²⁸

²²⁶ Ver <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/26/antonio-firmino-monteiro> - acesso em 04.01.2018.

²²⁷ Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/26/antonio-firmino-monteiro>. Acesso em 04.01.2018.

²²⁸ Ver Martha Abreu, *Da Senzala ao Palco: Canções escravas e racismo nas Américas (1870-1930)*, 2017, p. 227. Ver também: <http://dicionariompb.com.br/viriato> acesso 04.01.18 (Dicionário da Música Popular Brasileira).

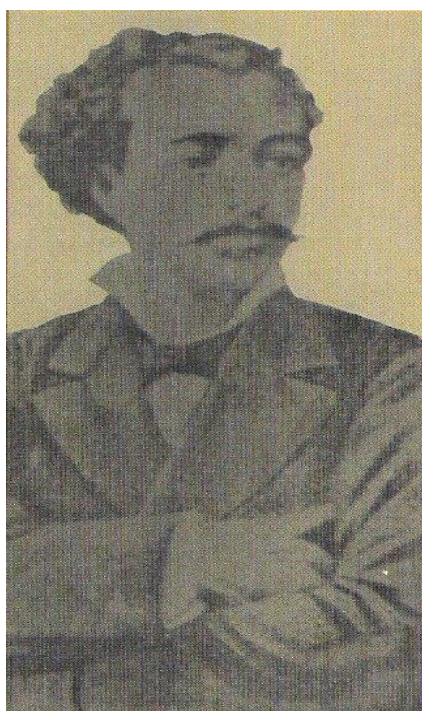


Figura 6: Imagem de Viriato Figueira da Silva (Fonte: Casa do Choro)²²⁹

Ainda tem a informação de que os prospectos do Colégio Universitário Fluminense poderiam ser encontrados em livrarias e estabelecimentos comerciais localizados em prestigiadas ruas do Centro da cidade, por onde, certamente, passava a “nata” da intelectualidade da época. Assim, tais prospectos também ajudavam a divulgar o nome do professor Hemetério.

No quinto capítulo, apresento uma abordagem sobre as redes de sociabilidade do professor Hemetério José dos Santos no período republicano, no entanto, como se pode perceber através da evidência sobre o Colégio Universitário Fluminense, e como veremos mais a frente ao tratarmos sobre o Colégio Froebel, a costura destas redes vem desde o Império.

Desta feita, fica evidente não só o fato de que o nome Hemetério José dos Santos ia sendo divulgado. A partir das experiências voltadas para o trabalho de professor particular, ele ia ganhando seu pão ao mesmo tempo em que tecia e fortalecia novas redes de sociabilidade com pessoas diversas, algumas influentes na sociedade e muitas delas que estavam no mesmo “barco” chamado de magistério. E a necessidade fazia Hemetério atirar para todos os lados:

²²⁹ Ver: <http://www.casadochoro.com.br/acervo/cards/view/1156>. Último acesso em 04.01.18.

Jardim de Infância, Ensino Primário, Ensino Secundário e Acadêmico, da mesma forma que preparatórios para o Colégio Pedro II e ensino particular em sua residência. Neste sentido, convém destacar que, durante o período imperial, uma das principais experiências de Hemetério, no que tange ao magistério particular, foi a atuação que teve em seu próprio colégio, o Colégio Froebel, e que será analisada no próximo capítulo.

Percebe-se que a movimentação de Hemetério buscou abrir e pavimentar o percurso que se constituiu no seu *fazer-se* professor. Era preciso consolidar um lugar no magistério, e as evidências encontradas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro deixam ver o que denomino aqui de **jogadas de mestre**, ou seja, estratégias e ações que o professor Hemetério botou em movimento para ir conquistando o seu espaço no campo educacional da Corte. Publicou sua primeira gramática e o *Livro dos meninos*. Criou seu próprio colégio. Fez conferências filológicas, conferência emancipacionista e, no apagar das luzes da Monarquia, conseguiu ingressar no corpo docente do Colégio Imperial Militar. Em meados da década de 1880, casou-se com a neta de Francisco de Paula Brito.²³⁰ São experiências importantes que revelam vários aspectos das redes de sociabilidades que o professor passou a integrar. É o que veremos a seguir.

CAPÍTULO 2 – E NO IMPÉRIO CONTINUA: JOGADAS DE MESTRE.

Denomino de *jogadas de mestre* alguns movimentos de Hemetério que a pesquisa identificou no decorrer do período imperial e que são analisados neste capítulo. Sem ter aqui a pretensão de pensá-los em termos cronológicos, até porque alguns ocorreram de modo concomitante, um movimento a ser identificado, e que já foi destacado no capítulo anterior, foi sua aproximação ao Colégio Pedro II no início da sua trajetória de explicador e professor particular. Estar próximo do principal colégio oficial do Império significou a possibilidade de ter contatos com pessoas de famílias influentes. Ele também agregou valor a sua primeira gramática publicada, ao prepará-la de acordo com o programa de ensino do referido colégio.

Outro movimento importante foram suas primeiras publicações e a realização de Conferências Filológicas, que o ajudaram a se consolidar em seu campo de saber. Tanto as

²³⁰ Importante editor e tipógrafo do Império. No capítulo 2, abordo sobre o casamento de Hemetério com Rufina Vaz de Carvalho, neta deste conceituado editor negro.

publicações como as conferências permitiram a Hemetério tornar público o seu conhecimento e o mérito que ele adquiriu no campo da filologia e da língua portuguesa. É pertinente também destacar o que ele fez para conseguir entrar no Colégio Imperial Militar. Ao conseguir entrar no Colégio Militar, Hemetério tornou-se o primeiro professor negro a fazer parte do corpo docente de uma instituição educativa de grande prestígio na sociedade.

Vale acentuar também o modo que ele encontrou para contribuir à causa abolicionista, mesmo não estando na linha de frente do movimento antiescravista, que teve em Luís Gama, Joaquim Nabuco, André Rebouças e José do Patrocínio quatro dos mais conhecidos intelectuais da época que atuaram no ataque à escravidão (apesar de que vale lembrar que Vicente de Souza, médico e professor do Colégio Pedro II, não ficou atrás destes quatro baluartes).²³¹ Desta forma, a participação de Hemetério no movimento das conferências emancipacionistas que José do Patrocínio e Vicente de Souza lideraram e a sua atuação como conferencista no respectivo movimento, contribuíram para ampliar seus contatos e, possivelmente, reforçar suas convicções no que diz respeito à defesa dos negros. Ele também protagonizou-se como um intelectual mediador através do seu *Livro dos meninos*, pois, além de combater a instituição do escravismo, traduziu para a linguagem juvenil importantes questões da conjuntura da época que fizeram parte das demandas do movimento abolicionista.

Também vale ressaltar na trajetória de Hemetério José dos Santos, o casamento com Rufina Vaz de Carvalho, neta do conceituado tipógrafo e editor negro Francisco de Paula Brito, pessoa de grande prestígio no Império, e que, em vida, tornou-se o centro de relevante rede de sociabilidade. Por fim, a criação do Colégio Froebel que vai ser visto logo a seguir. Este colégio, pouco investigado pela historiografia, merece uma atenção especial, sobretudo por tratar-se de instituição educacional que o professor criara no início da década de 1880 e que se constituiu em relevante lugar de prestígio e sociabilidade no seu processo de fazer-se professor. Vamos então às *jogadas de mestre*.

2.1 – Hemetério e sua experiência como gestor e professor do Colégio Froebel.

Em 13 de fevereiro de 1883, através do *Jornal do Comércio*, foi divulgado, pela primeira vez, o anúncio a respeito de um “Pequeno Jardim da Infância ou Ensino Primário Intuitivo” (título do anúncio):

²³¹ Ver ALONSO, Angela (2015); PINTO, Ana Flávia Magalhães (2017).

Pequeno Jardim da Infancia ou Ensino Primario Intuitivo
Professado por Hemeterio José dos Santos
Ex-explicador particular no Collegio D. Pedro II
Numero limitado: trinta alunos de 5 a 11 annos.
Preferem-se meninos completamente analphabetos.
Pensão:
Por trimestre (adiantado)..... 25\$000
Por mez (idem) 10\$000
O Jardim tem mobília e apparatus próprios.
As aulas se abrem a 1 de Março.
42 Rio-Comprido 42.²³²

Percebe-se que, na estratégia de propaganda²³³, o professor Hemetério continua a se utilizar do fato de ter sido “ex-explicador particular” no Colégio Pedro II. Trata-se de um “pequeno Jardim de Infância” com número limitado de alunos e apenas um professor (no caso o próprio Hemetério), destinado a meninos, de preferência analfabetos. Este primeiro empreendimento do professor é, portanto, o projeto inicial do que veio depois a se tornar o seu Colégio Froebel. Vale lembrar que o fato de preferir alunos “completamente analfabetos” demanda uma preocupação do professor com a alfabetização das crianças.²³⁴ E a referência ao *ensino intuitivo* evidencia a preocupação do professor com os debates da época em torno da “escolarização das classes populares”, de acordo com a pesquisadora do tema, Anaete Regina Schelbauer.²³⁵

Sete meses depois, o *Diário do Brasil* de 02 de setembro de 1883, em sua página três, divulga que o mesmo “Pequeno Jardim de Infância” já se mostrava mais ampliado, com uma seção voltada para o jardim de infância propriamente dito, que agora recebe “meninos e meninas de 3 a 5 anos”; e outra seção destinada para “instrução primária”, alunos de “6 a 12 anos”. A rede do professor também se amplia com a presença de D. Maria da Conceição de Melo Moraes (a avó do poeta Vinicius de Moraes) que, além de professora, era também “diretora das meninas”, e D. Anna Reis, responsável pela “educação física, ginástica e trabalhos de agulha” das meninas matriculadas. Os professores Hemetério José dos Santos

²³² *Jornal do Comércio*, 13.02.1883, edição 00044, p. 03.

²³³ Ver LIMEIRA, Aline de Moraes. *O Comércio da Instrução no Século XIX: Colégios Particulares, Propagandas e Subvenções Públicas*. Rio de Janeiro: Uerj, 2010 (Dissertação de mestrado).

²³⁴ Ver MONÇÃO, Vinicius de Moraes. *Espinhos no Jardim: conflitos e tensões na criação do Jardim de Infância Campos Salles – Rio de Janeiro, 1909-1911*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. (Dissertação de mestrado).

²³⁵ SCHELBAUER, Anaete Regina. *O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. *História e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. II – Século XIX. Petrópolis: Vozes, 2ª. Ed., 2006, p. 132-149.

(que também é o diretor da escola) e Arthur Higgins²³⁶ eram os responsáveis pelo ensino dos meninos.

Os três professores que Hemetério trouxera para trabalhar em sua escola eram alunos da Escola Normal da Corte. Tanto Maria da Conceição de Melo de Moraes, quanto Anna Reis e Arthur Higgins, no ano em que Hemetério lançou a divulgação da sua escola, ainda aparecem na Hemeroteca Digital da BN realizando exames na Escola Normal. Isto nos sugere pensar que, para este empreendimento escolar, Hemetério recorreu a jovens futuros atores da carreira docente. Não encontramos evidências de como Hemetério teve contato com as professoras Maria da Conceição de Melo de Moraes e Anna Reis. É bem provável que Hemetério as tenha conhecido em suas andanças para divulgar seu trabalho de explicador e professor particular. Como veremos mais a frente ao analisar o ofício em que o professor solicitou autorização para abrir seu colégio, Maria da Conceição de Melo de Moraes esteve com ele desde a primeira hora.

Encontramos no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro²³⁷ duas informações referentes à professora Maria da Conceição. A primeira data de 13 de março de 1882, em que Joaquim Borges Carneiro, delegado da Freguezia Sta Anna, informa que “A Senhora D. Maria da Conceição de Mello de Moraes (...) nasceu na província da Bahia a 3 de janeiro de 1860, e é filha legítima do Dr. Alexandre José de Mello Moraes” (folha 134). A outra é de 31 de março de 1882 (folha 133) e trata-se de abaixo-assinado de Alfredo Carvalho Barreto, Candido Baptista Antunes e o mesmo Joaquim Borges Carneiro, atestando que “a Sra D. Maria da Conceição de Mello Moraes, filha legítima do Dr. Alexandre José de Mello Moraes, é maior de vinte e um annos”. A referida professora, portanto, era contemporânea da mesma geração de Hemetério, sendo apenas dois anos mais nova que ele. Como informam os documentos do AGCRJ, o pai de Maria da Conceição era Alexandre José de Melo Moraes, importante médico e historiador da época, o que significou em relação à aproximação com essa professora, aquisição valiosa para a rede de sociabilidade de Hemetério.

²³⁶ Na dissertação *A educação do corpo e o protagonismo discente no Colégio Pedro II: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889-1937)*, de Gabriel Rodrigues Daumas Marques (2011), informa o autor em relação a Arthur Higgins: “Em 1886, retornou à Escola Normal como professor interino, sendo efetivado em 1890. Aliando ginástica, evoluções militares e esgrima, trabalhou em outras importantes instituições como o Asilo de Meninos Desvalidos e os Colégios Alfredo Gomes, Mairink e São José.” (MARQUES, 2011, p. 95); Ver também SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. *O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011 (Dissertação de mestrado).

²³⁷ Ver AGCRJ - Ensino Privado – 12.4.22.

Vale lembrar também que, assim como Hemetério, Arthur Higgins andou pelo Colégio Pedro II como explicador, tornando-se professor efetivo do Colégio em 1891.²³⁸ O contato com Hemetério pode ter ocorrido através de uma rede ligada ao Colégio Pedro II.

Em relação à família Mello de Moraes, cabe aqui uma pequena digressão para tratar do irmão mais velho da professora que acompanhou Hemetério José dos Santos em sua primeira empreitada para oficializar a criação do Colégio Froebel. Como já informado, Maria da Conceição de Mello Moraes era filha de Alexandre Mello de Moraes, importante intelectual e historiador da época do Império. Os dois documentos que encontrei no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, referentes à idade e paternidade dela, podem se referir a este processo de formalização do Colégio Froebel. O irmão mais velho desta professora também se protagonizou como importante intelectual da época. Refiro-me a Alexandre José Mello de Moraes Filho (1844-1919). A aproximação de Hemetério a integrantes desta família, que gerou figuras muito conhecidas da opinião pública (a exemplo do poeta e compositor Vinícius de Moraes, que era neto da referida professora), deve ter contribuído para a sua rede de sociabilidade. No caso específico de Alexandre José Mello de Moraes Filho, a aproximação com Hemetério não fora apenas em termos pessoais. Percebe-se que entre os dois houve certa proximidade a determinadas ideias. Isto pode ser comprovado em face do texto escrito pela historiadora Martha Abreu (1998), *Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional*, publicado como capítulo 7 do livro *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura do Brasil*.²³⁹

O texto de Martha analisou alguns aspectos do pensamento de Alexandre José de Moraes Filho e, através da análise feita pela historiadora, pode-se perceber que houve entendimento semelhante entre ele e Hemetério no que tange ao tema da *mestiçagem*. Neste sentido, assim como Hemetério, Alexandre José Mello Moraes Filho viu a mistura de negros, índios e brancos como algo positivo. Para ambos, estes povos deram valiosas contribuições para a formação da nação brasileira. Na contramão do pensamento de Nina Rodrigues, Mello Moraes Filho, de acordo com Martha Abreu, “pode ser comparados a outros, como Araripe Junior, Manoel Querino, Joaquim Nabuco, Alberto Torres e Manoel Bonfim, que criticaram, se bem que cada um à sua maneira, as concepções cientificistas e racistas de inferioridade do africano, do negro ou do mestiço”²⁴⁰. Como veremos nos terceiro e quarto capítulos, Hemetério José dos Santos poderia ser incluído entre os intelectuais citados por Martha, pois

²³⁸ MARQUES, 2011.

²³⁹ CHALHOUB, Sidney; MIRANDA, Leonardo Affonso de. (org.). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

²⁴⁰ ABREU, 1998, p. 173.

ele também encontrou o seu modo de combater as concepções da época que propagavam a suposta inferioridade dos povos negros, mestiços e africanos.

Em outro texto, Martha Abreu (1999), ao analisar o catolicismo nas conjunturas do século XIX, faz referência a Alexandre José Mello Moraes Filho. O texto indica a possibilidade de aproximação com Hemetério José dos Santos também em face do campo religioso católico, uma vez ser evidente nos escritos do professor o apelo aos princípios desta religião, como veremos mais a frente através da análise do *Livro dos meninos*. Assim como Alexandre J. de Moraes Filhos, que, de acordo com Martha, fez “oposição ao que se chamava estrangeirismo”²⁴¹, Hemetério, com o *Livro dos meninos*, também assumiu este combate, como veremos.

Em 02 de outubro de 1883, mês seguinte à notícia publicada em setembro, o *Diário do Brasil* divulga, na página 03, a propaganda em que o professor Hemetério anuncia a denominação do seu “Pequeno Jardim de Infância” como “Collegio Froebel”:

PEQUENO JARDIM DA INFANCIA

As provas de confiança que tenho recebido dos pais conscienciosos obrigam-me a estabelecer o meu collegio em um prédio maior, e aproveito a occasião para denominal-o: COLLEGIO FROEBEL

Educação de ambos os sexos:

1ª.secção: jardim da infância (meninos e meninas de 3 a 5 annos).

2ª.secção: instrucção primaria (6 a 12 annos).

Professora e directora das meninas

- D. Maria da Conceição de Mello Moraes

Educação physica, gymnastica e trabalhos de agulha – D. Anna Reis.

Professores de instrucção primaria – Hemeterio José dos Santos e Arthur Higgins.

3ª.secção: instrucção secundaria, para meninos de 10 a 14 annos. – Hemeterio José dos Santos, director.

64 RIO COMPRIDO 64.²⁴²

Nota-se que, em relação à propaganda anterior, o professor ampliou sua escola em mais uma seção, ou seja, incluiu uma terceira seção voltada para “instrução secundária” de “meninos de 10 a 14 anos” sob a responsabilidade do próprio Hemetério. A inclusão do nome Froebel para denominar sua escola foi estratégica, pois se tratava de educador bem conceituado na época, sobretudo no que tange a educação infantil.²⁴³ Creio que além de ter

²⁴¹ ABREU, 1999, p. 323.

²⁴² *Diário do Brasil*, 02.10.1883, p. 3.

²⁴³ Friedrich Wilhelm August Fröbel (21 de abril de 1782 — 21 de junho de 1852), educador alemão, considerado um dos mais importantes estudiosos do ensino em Jardim de Infância. Ver Heiland, Helmut. Friedrich Fröbel / Helmut Heiland; tradução: Ivanise Monfredini. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores). Helmut (2010, p. 11) abre seu texto com a seguinte citação de Fröbel retirada da sua obra *A Educação do Homem*, em que o pensador alemão argumenta sobre alguns dos “seus

sido um modo do professor demonstrar sua afinidade com as propostas pedagógicas deste educador, pode ter sido também uma forma de agregar valor à divulgação da escola. Do mesmo modo, vejo como estratégica atribuir a “confiança” e “consciência” dos pais, a justificativa para localizar o colégio em “prédio maior”: se constituiu em um modo de valorizar o seu próprio trabalho.

Hemetério teve também apoio em determinada imprensa para divulgar seu empreendimento escolar. Dois dias depois da notícia que foi informada anteriormente, o *Jornal do Commercio*²⁴⁴ publicou, em 04 de outubro de 1883, matéria vinda da “Redação do Diário do Brazil”. Trata-se do relato da visita que representantes deste jornal fizeram à escola do professor. Vejamos seu conteúdo por inteiro, pois evidencia alguns dos argumentos utilizados para convencer o público leitor das qualidades da escola:

Visitámos hontem o collegio Froebel, fundado e dirigido pelo professor Hemeterio José dos Santos, no pittoresco e saudavel bairro do Rio Comprido. O collegio se destina á educação completa de meninos e meninas, desde a idade de 3 até 12 annos, começando pelo jardim da infância, e não deixando de parte a educação physica, que a nosso ver, assim como na opinião do director, é a base de todas as outras.

Cercado de habeis professores, o Sr. Hemeterio José dos Santos é digno da consideração do publico, pela maneira altamente philosophica de encarar as grandes questões pedagogicas modernas.

A Exma. Sra. D. Maria da Conceição de Mello Moraes, filha do erudito historiador brasileiro há pouco fallecido, o Dr. Mello Moraes, é uma verdadeira professora allemã, pelo rigor do seu methodo ameno e cheio de ternura maternal. É ella quem dirige as meninas. Os trabalhos de agulha, educação physica e calligraphia são dirigidos pela distinta professora D.

princípios pedagógicos”: “Deus, o divino, é onipresente: sua influência governa todas as coisas (...) que só existem pelo princípio divino que age nelas. O princípio divino em ação em todas as coisas constitui sua própria essência. A destinação, a vocação de todas as coisas é desenvolver sua essência, que é sua natureza divina e o princípio divino em si, de tal modo que Deus seja proclamado e revelado por suas manifestações exteriores e efêmeras. A destinação, a vocação particular do homem enquanto ser dotado de sentimento e de razão é chegar à tomada de consciência total de sua essência, de sua natureza divina e, portanto, de Deus, para que se tornem uma realidade viva e claramente percebida, manifesta e proclamada na vida do indivíduo. A finalidade da educação é encorajar e guiar o homem – ser consciente, pensante e perceptivo – para que se torne, por sua própria escolha, uma representação pura e perfeita dessa lei interior divina; a educação deve mostrar-lhe os caminhos e os meios de atingir esse objetivo (Fröbel, 1826, pp. 2 e ss.)” No *Livro dos meninos* (1881), analisado mais adiante, Hemetério aborda a temática do divino que se aproxima da abordagem de Fröebel, na passagem destacada. O pensador influenciou seguidoras no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, a exemplo da Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Neste sentido, ver tese de Carla Chamon (Chamon, Carla Simone (2005), *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: A trajetória profissional de uma educadora (1864-1914)*, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte) e artigo Vinicius de Moraes Monção, *Mulheres conectadas, mulheres em rede. Possibilidade de abordagem para a construção de pesquisas em história da educação* (XIV ENCUENTRO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN. Anais do XIV Encuentro Internacional de historia de la educación. Historia, narrativa y memoria de la educación: magisterio, reformas t conflictos. Aguascalientes: Universidad Autónoma de Aguascalientes, México. 2016).

²⁴⁴ *Jornal do Comércio*, 04.10.1883, edição 00276-1, p. 03.

Anna Reis, laureada pela escola normal da corte, e pelo gymnasta higienista o Sr. Arthur Higgins.

A educação primaria, tão desprezada há alguns annos passados, toma agora uma direcção em que, governo e particulares, todos trabalham a porfia.

E nós estamos sempre promptos a encorajar d'aqui os que trabalham.
Parabens ao professor Hemeterio Jose dos Santos.
Da redacção do Diario do Brazil.²⁴⁵

Dentre os argumentos usados para poder vender o “produto escolar” encontram-se os atributos exigidos pelas ordens médicas²⁴⁶, como o fato do colégio estar localizado em bairro “pitoresco e saudável” e de ser uma escola que se preocupa com a “educação física” dos alunos e alunas matriculados. O reforço deste argumento se corporifica na presença de Arthur Higgins entre os “hábeis professores” da escola, importante “ginasta higienista” da época. Da mesma forma, ao fazer referência aos nomes das duas professoras, a matéria busca atribuir a cada uma delas qualidade que legitima mais ainda seus nomes. Para Maria da Conceição de Mello Moraes, o fato de ser “filha do erudito historiador brasileiro a pouco falecido, o Dr. Mello Moraes”, além de exaltar o fato de ser “uma verdadeira professora alemã”, que, com seu método rigoroso (porém, “ameno e cheio de ternura maternal”) direciona o ensino das meninas. Já em relação à “distinta professora D. Anna Reis”, destaca o fato de ser “laureada pela Escola Normal da Corte”.

Atributos ao professor Hemetério também são usados como argumento para valorizar a escola, de modo a ligar o professor a correntes educacionais mais modernizadoras: “o Sr. Hemeterio José dos Santos é digno da consideração do publico, pela maneira altamente philosophica de encarar as grandes questões pedagogicas modernas”. Percebe-se que a propaganda não faz referência ao ensino secundário, destacando, no entanto, a “educação primária”, que, de acordo com o articulista da matéria, foi “tão desprezada” no passado, mas que agora vai sendo direcionada pela articulação entre “governo e particulares”. A referência a esta articulação também pode ter sido utilizada para reforçar o apoio à subvenção.²⁴⁷ Por fim, o articulista da matéria encoraja e dá os parabéns ao trabalho do professor Hemetério José dos Santos.

Dois meses depois de publicada a matéria acima, é noticiada pela *Gazeta de Notícias*²⁴⁸, em 12 de dezembro de 1883, uma festa de encerramento de ano letivo na escola

²⁴⁵ *Jornal do Commercio*, 04.10.1883, p.3

²⁴⁶ GONDRA (2004), *Artes de civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*.

²⁴⁷ Ver LIMEIRA (2010).

²⁴⁸ *Gazeta de Notícias*, 12.12.1883, edição 00346-1, p. 1.

que evidencia rede de importantes pessoas da época que foram dar o seu apoio ao professor Hemetério.

Realisou-se, ante-hontem, a festa do encerramento das aulas do Collegio Froebel, dirigido pelo Sr. Hemeterio José dos Santos.

Em presença de escolhido auditório, prestaram os alunos bastantes provas do adiantamento em que se acham pelo methodo intuitivo.

Entre outras pessoas gradas notavam-se os Drs. Kossuth Vinelli, Limoeiro, Costa Ferraz, Brazil Silvado, Drummond Franklin, vigário José Alves Pereira, etc.

Seguiu-se uma animada soirée dansante e musical, que durou até ás 4 ½ horas da manhã.²⁴⁹

Considerando que os nomes citados na matéria sejam de pessoas ligadas ao círculo de amizade de Hemetério, percebe-se que o professor estava, de fato, acompanhado por pessoas bem influentes. O Dr. Kossuth Vinelli, ou melhor, João Baptista Kossuth Vinelli, era médico, Bacharel em Letras e professor do Colégio Pedro II.²⁵⁰ João Brazil Silvado era bacharel em Direito e professor da Faculdade “livre de direito do Rio de Janeiro”²⁵¹, também foi delegado de Polícia, o mesmo que criou a Escola XV de Novembro em 1899²⁵². Costa Ferraz era Fernando Francisco da Costa Ferraz, médico que trabalhou junto com Hemetério no Colégio Universitário Fluminense, já referido no primeiro capítulo. Já João Chrysostomo Drummond Franklin é médico e cirurgião²⁵³, e também participante de grupo ligado ao partido republicano na freguesia do Espírito Santo.²⁵⁴ Vigário José Alves Pereira era vigário na freguesia do Espírito Santo, o mesmo que aparece nos documentos já referidos do Arquivo Geral da Cidade do Rio Janeiro.

Dois anos depois, o *Diário do Brazil*, parceiro de Hemetério, divulga outra matéria, em 02 de julho de 1885, recomendando aos seus leitores o colégio do professor:

²⁴⁹ *Gazeta de Notícias*, 12.12.1883, edição 00346-1, p. 1.

²⁵⁰ Ver BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. V. III, p. 341 e 342.

²⁵¹ *Idem*, p. 369.

²⁵² A respeito deste internato para meninos pobres, ver *O mal que se adivinha: polícia e minoridade no Rio de Janeiro, 1910 – 192*, de Adriana de Resende Barreto Vianna (1999); e *Higiene, tipologia da infância e institucionalização da criança pobre no Brasil (1875-1899)*, de Irma Rizzini e José Gonçalves Gondra (2014).

²⁵³ Ver *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1844-1885, p. 515).

²⁵⁴ Ver *Diário de Notícias*, 19.11.1885, p.2.

Collegio Froebel

Mais uma vez recommendamos aos nossos leitores este collegio, habilmente dirigido pelo Sr. Hemeterio José dos Santos.

Situado n'um dos mais saudáveis arrabaldes da corte, n'um prédio edificado com todas as prescrições hygienicas, cercado de luz e de uma vegetação luxuriante e vasta, o Collegio Fraebel offerece garantia mais que sufficiente aos mais zelosos paes de famílias.

O ensino é todo intuitivo e pratico: é este o seu maior elogio.

Temos presente o prospecto deste collegio que se recomenda por todas as pessoas gradas da corte, entre as quaes folgamos de notar o Dr. Antonio Henriques Leal, actual reitor do Internato Pedro II e autor do Pantheon Maranhense.

De collegio como este é que precisamos para a educação da nova geração.²⁵⁵

O articulista deste periódico também se utiliza de argumentos ligados ao campo médico, “Situado n'um dos mais saudáveis arrabaldes da corte, n'um prédio edificado com todas as prescrições hygienicas, cercado de luz e de uma vegetação luxuriante e vasta”. Para corroborar a indicação da escola, cita a recomendação de um maranhense ilustre da época, “Dr. Antonio Henriques Leal”, que, além de reitor do “Internato Pedro II”, foi a pessoa que escrevera o Pantheon Maranhens (1873), obra que exalta diversas personalidades do Maranhão. A indicação deste nome é mais um indício da existência de uma rede maranhense na capital Federal, da qual o professor Hemetério passou a fazer parte.

No final do ano de 1885, em matéria publicada pelo periódico *A Vanguarda* de 03 de dezembro de 1885, consta a programação de uma festa que fora realizada no colégio de Hemetério. Alguns nomes de alunos do colégio são citados, assim como o do professor de música Eugenio Cunha²⁵⁶:

Collegio Froebel

A 5 deste mez realisa-se neste colégio a Festa Infantil que, a julgar pelo programma, deve ser interessantissima. Esta festa, que é a 3^a. da fundação daquele collegio, constará do seguinte:

²⁵⁵ *Diário do Brazil*, 02.07.1885, edição 00146-1, p. 1.

²⁵⁶ No *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial* do Rio de Janeiro no ano de 1882 (Edição 00039-1, folha 1209), consta informação de que o professor Eugenio Cunha lecionava na escola São Sebastião. O mesmo aparece participando de evento comemorativo do aniversário do imperador Pedro II (*Diário de Noticias*, edição 00180-1, 03.12.1885, p. 02). E o professor Eugenio Cunha entoava hino da Liberdade, composição dele e do poeta Luiz Nobrega. Os alunos das escolas municipais de S. José e S. Sebastião participam do canto. Ele também foi professor do Colégio Pedro II.

Classe de Gymnastica higienica, professada pelo Sr. Arthur Higgins. Seguir-se-ha: Hymno do Collegio Froebel, pelos alumnos, (letra do director, musica do professor Eugenio Cunha); Discurso academico, pelo alumno Conselheiro Francisco de Campos Valladares. A Inveja (Porto Alegre) pelo alumno Vicente Augusto Rodrigues; sobre o tumulo de um menino (G. Dias) pelo alumno Jayme Vieira de Mesquita; Canção do tamoyo (G. Dias) pelo alumno conselheiro Heitor de Mello Cordeiro Gitaly; Y-Juca-Pirama (G. Dias) pelos alumnos conselheiro Norberto Augusto Borges e Armando Boavista La Rose et L' Amour (Dr. Francisco de Castro) Conselheiro Marcilio Bevilaqua; A Cidade da luz (Dr. Luiz Delphino) Conselheiro Francisco Valladares; La Chanson d'Eviradanus (Hugo) Conselheiro Francisco Pinheiro Guimarães; As Creanças (Dr. Francisco de Castro) Conselheiro Caio de Campos Valladares; **Palmares (Oliveira Martins)** Pelo alumno Conselheiro Brazilio de Souza Camargo; O homem (Idem) pelo alumno Conselheiro Francisco Guimarães; Aos simples (Guerra Junqueira) pelo alumno Conselheiro José Bonifácio de Araujo. (grifo meu).

Terminará a festa com: Il Guarany (E. Becucci. Op. 52) pelo Conselheiro Norberto Borges. Martha (L. Streabbooc) pelo Conselheiro Norberto Borges e o professor Eugenio Cunha.²⁵⁷

Como podemos perceber com a notícia acima, trata-se da programação da terceira festa de fundação do Colégio Froebel criado pelo professor Hemetério, e como escreve o próprio articulista, a considerar a programação divulgada, foi de fato uma festa “interessantíssima” por vários motivos. O primeiro deles se refere à apresentação de uma “classe de Gymnastica higienica” ministrada pelo professor Arthur Higgins, já referido. Outro aspecto interessante da festa é o da participação de vários “alunos conselheiros”, com a informação dos nomes dos mesmos. Cada aluno escolhido foi designado para leitura de um poema ou texto, e a matéria traz a informação sobre os respectivos autores. A escolha dos autores nos permite dimensionar o que era valorizado na escola do professor, tanto em relação aos nomes dos autores quanto em relação às temáticas. O poeta maranhense Gonçalves Dias, um dos preferidos do professor Hemetério, lembrado por ele em outros textos, aparece três vezes. Destaque também para o texto *Palmares* do historiador e cientista social português Oliveira Martins.

Na próxima parte da tese, em que vou me ater com mais vagar sobre o antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério, voltarei a esta questão. Desta vez, analisaremos as passagens do próprio Oliveira Martins, pois não deixa de ser interessante e antirracista a atitude do professor de levar para o âmbito da atividade educativa o trato com o tema do *Quilombo dos Palmares*, isto no ano de 1885, muito antes da Lei (10.639/2003) que instituiu,

²⁵⁷ A *Vanguarda*, 03.12.1885, edição 00016-1, p. 01.

por demanda do movimento negro brasileiro, a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos afrodescendentes nas escolas de ensino básico do país.

Ainda sobre o colégio de Hemetério, encontramos no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro o ofício do professor de 2 de junho de 1883, solicitando, junto à Inspeção Geral de Instrução Primária e Secundária do Município da Côrte, a licença para abrir o referido colégio.²⁵⁸

Considerando a abordagem de Luciano Faria Filho (1998) no tocante ao uso da legislação e documentos oficiais como fontes para a história da educação, parece-me elucidativo o alerta deste autor quando este sinaliza para a importância de se trabalhar no que ele chama de “duplo movimento”, ou seja, tomar simultaneamente o documento como “fonte” e “objeto” de investigação.²⁵⁹ O que significa dizer, em outras palavras, que é preciso se ater não apenas aos conteúdos presentes nos documentos, mas também ao lugar de produção dos mesmos e aos diversos aspectos que lhes são inerentes no sentido de entendê-los como: “linguagem”, “prática ordenadora das relações sociais” e, sobretudo, “como campo de expressão e construção das relações e lutas sociais”.²⁶⁰

Assim, o ofício encaminhado por Hemetério com o propósito de obter autorização para criar a sua escola particular é revelador de disputas políticas no âmbito das instâncias ordenadoras da Instrução Pública Imperial, assim como entre os próprios professores que buscavam demarcar seu espaço no mundo do trabalho docente.

Logo no começo do ofício, Hemetério dá informações a respeito da sua habilitação, localização da escola e dos programas exigidos por lei:

Hemetério José dos Santos, competentemente habilitado, como o prova com documento junto, vem impetrar de V. Exa. licença para abrir collegio de instrucção primaria com jardim de infancia anexo ao mesmo, no bairro do Rio Comprido, rua Malvino Reis, 42, freguesia do Espirito Santo. Junto encontrará V. Exa. Programas não só do collegio como do jardim (...).²⁶¹

Observe que a solicitação principal é para abrir colégio de instrução primária, o jardim de infância seria anexo ao colégio. Entretanto, nas diversas propagandas da referida escola, percebe-se que o professor destacou, em primeiro plano, o jardim de infância através do próprio nome “Froebel” e do título “Pequeno Jardim de Infância”. A sequência do texto do ofício se concentra em questões referentes ao ensino infantil:

²⁵⁸ Ver AGCRJ – Ensino Particular – 12.4.22 – folhas 167 a 169.

²⁵⁹ FARIA FILHO, 1998, p. 99.

²⁶⁰ Idem, p. 111 a 118.

²⁶¹ AGCRJ – Ensino Particular – 12.4.22 – folhas 167 a 169.

Baseado no artigo 7º. do decreto nº. 1331A de 17 de fevereiro de 1854, e respeitando a influencia do meio dos meninos brasileiros em geral e, em particular, d'aqueles que tenho em vista educação, resolvi limitar até os cinco annos a matricula do jardim, seguindo, todavia, as pegadas(...) aonde, diz Mr. Baudouin “se segue fielmente, e se aplica em toda a sua puresa, sem mescla que o adultere, o methodo Froebel”; (...) é esse o programma, que o erudicto publicista, o deputado Ruy Barbosa apresenta como typo aos professores brasileiros (...).²⁶²

Por essa passagem fica esclarecido um dos motivos do professor ter escolhido o nome “Froebel” para o seu colégio. Já no ofício em que solicitara a autorização para abrir sua escola, como podemos ver acima, ele evidencia seu propósito de seguir o método de ensino do mestre alemão. Na referida justificativa, Hemetério também se apoia no discurso de autoridade de Ruy Barbosa. Em seguida, Hemetério abre uma polêmica contra um dos que era visto na época como referência de modelo para o ensino infantil:

Deixo de seguir o programma de jardim de crianças do ilustrado e douto professor o Ilmo Menezes de Vieira, com quanto seja modelo, por isso que deve de ter sido appovado por esta Inspecoria e pelo governo Imperial, porque, além de calligraphia e leitura, exige dictado, o que é muito difficil á comprehensão dos fracos pequenos, que só distinguem da palavra o conceito interno – isto é – o som, e não o conceito externo – isto é – a forma. Devo, porém, confessar que esse benemerito cidadão não fas mais do que imitar o Jardim de Cantão de Genebra, onde é relevado o ensino da leitura e da escripta. Auxilia-me a professora D. Maria da Conceição de Mello Moraes.²⁶³

Percebe-se pela passagem acima que Hemetério fez questão de pontuar sua divergência quanto ao método desenvolvido por Menezes de Vieira.²⁶⁴ Ele chegou a sublinhar que o fato do referido método ser considerado como “modelo” talvez tenha sido o motivo da sua aprovação pela “Inspecoria e pelo governo Imperial”. Sua discordância se relaciona com o procedimento de exigir “dictado” das crianças, que, segundo o professor, “é muito difficil á comprehensão dos fracos pequenos”, pois os mesmos “só distinguem da palavra o conceito interno – isto é – o som, e não o conceito externo – isto é – a forma”. Ao final do ofício, temos a informação de que “a professora D. Maria da Conceição de Mello Moraes”, referida anteriormente, esteve com ele desde o início da sua empreitada de criar seu colégio na cidade do Rio de Janeiro.

²⁶² Idem.

²⁶³ Idem.

²⁶⁴ Joaquim José de Menezes Vieira (1851-1897) foi médico e educador conceituado na época. Professor do Instituto Surdos-mudos, escreveu diversas obras sobre instrução em geral, com destaque para o ensino do Jardim de Infância, ensino para surdos-mudos e museu pedagógico. Fundou um colégio famoso na época que levava o seu nome. Chegou a dirigir o *Pedagogium*. Ver BLAKE (1898), V. IV, p. 169-171.

Os programas de ensino da instrução primária e do jardim de infância foram anexados ao pedido de autorização que o professor solicitou (folhas 167 e 168), como exigia a legislação da época. A instrução primária compreendia duas seções. A primeira desenvolvia ensino de “Educação Moral – Doutrina Christã – Principios fundamentais de moral christã”; “Educação intelectual – Desenvolvimento das faculdades por meio dos sentidos (ensino intuitivo): leitura, escripta, pratica das quatro operações e do systema métrico decimal”; “Noções de grammatica (ensino intuitivo no quadro preto, sem auxilio de compedio)”; “Educação Physica – Exercicios livres no pateo de recreio”. Já a segunda seção tratava de “Educação Moral – Historia Sagrada – Estudo completo da religião, por meio de quadros synopticos synchronicos”; “Educação Intellectual – Portuguez, noções de Geographia, Arithmetica pratica, nomenclatura geométrica e licções de objetos”; “Educação Physica – Principios de Gymnastica”.

O programa do Jardim de Infância era dividido em três classes: “1ª classe - meninos de três anos”; “2ª classe – meninos de quatro anos”; e “3ª classe – meninos de cinco anos”. São poucas as diferenças entre as classes. Dentre os pontos comuns estavam os “jogos de gymnastica”, “conversação religiosa”, “conversação sobre botânica e história natural”, “jardinagem” e “Liberdade no pateo ajardinado”. Uma das diferenças a ser destacada é a presença de “Contos moraes” para a terceira classe de crianças.

É interessante destacar que, no despacho que foi escrito no officio em que o professor solicitou autorização para abrir a escola com jardim de infância anexo, consta a informação de que o professor “não precisaria de autorização para abrir colégio de instrução primaria”, talvez porque esta autorização já teria sido feita, uma vez que o professor iniciou seu trabalho como professor particular ministrando instrução primária. No entanto, o pedido para criar jardim de infância anexo foi negado: “nego autorização, em vista da decisão tomada pelo Conselho Diretor em sessão de 7 de junho”. Como o colégio foi de fato aberto com instrução primária e jardim de infância, o professor deve ter solicitado recurso a esta decisão.

Durante a experiência de dirigir o Colégio Froebel, Hemetério também teve de enfrentar dissabores. Isto foi evidenciado em 03 de julho de 1886 através de uma publicação feita no *Jornal do Comércio*. Duas cartas foram publicadas, a de um pai justificando os motivos que lhe fizeram retirar seus filhos do colégio e a resposta de Hemetério ao referido pai. O pai que publicou a carta foi Antonio Eulalio Monteiro:

Illm Sr. Hemeterio José dos Santos – Não me agradando o methodo de ensino por V. S. adoptado para os meninos principiantes, exigindo-se deles

estudos superiores ás suas forças como uma grammatica do 2º gráo e desenho linear de Pacheco, adoptado no 1º anno do collegio de Pedro II, quando é (...), e o declarei a V. S., que meus filhos estavam ainda muito em começo, principalmente o mais moço, para quem pedio V. S. os mesmos livros, a tal grammatica, etc., resolvo tira-los do collegio. Além disso, a falta de ensino de doutrina christã também muito concorreu para esta minha resolução, o que comunico a V. S. Sem assumpto. – Dr. *Antonio Eulalio Monteiro*.²⁶⁵

Portanto, a carta do pai Antonio Eulalio Monteiro fez crítica ao método de ensino; assunto, aliás, muito debatido na época. O documento revela, por um lado, que o professor Hemetério utilizava em seu colégio a sua própria produção didática, no caso, a sua gramática, e, possivelmente, o seu *Livro dos meninos*, apesar de este não ter sido citado. Por outro lado, não deixa de ser surpreendente a crítica de que a doutrina cristã não era ministrada na escola, uma vez que o lado cristão do professor está bem presente em seus escritos. O professor Hemetério tenta esclarecer as críticas do pai Antonio:

Illm. Sr. Dr. Antonio Eulalio Monteiro. – Quando V. S. veio matricular os filhos de V. S. eu tive a honra de participar que os livros que se ia pedir pouco adiantarião, por isso que os meninos aqui *aprendem* tudo de viva voz. É muito fácil, com duas canetas, ensinar-se aos meninos ângulos, paralelas, perpendiculares, etc., e só a falta de capacidade profissional levaria V.S. a admirar-se do ensino de desenho, quando não é, felizmente, isso materia transcendental. Um menino que principia a falar, principia a indagar das cousas, e sem a idéa geometrica nada se lhe póde ensinar. Quanto a tal grammatica de 2º gráo é dada em 1º gráo de viva voz pelo respectivo autor. Ha muita gente que tem medo da grammatica, quando é sabido que desde que se balbucia, se balbucia a grammatica. O autor da tal grammatica, no estudo, no recreio ensina os meninos a conhecerem os substantivos, pronomes, adjectivos, etc., e isso sem mortificação. O *collegio* não ensina doutrina christã senão aos internos que recebem explicação todos os dias de manhã e á tarde. Ás mãis compete este ensino quanto aos externos. É bom e é moralizador. Sem tempo, etc. De V. S. – *Hemetério José dos Santos*.²⁶⁶

Quanto ao método de ensino, Hemetério argumenta em prol do papel que exerce o professor (no caso, ele mesmo) no sentido de proporcionar aos alunos a compreensão dos conteúdos necessários, aspecto que é facilitado pelo fato de que o referido professor é o próprio autor de alguns dos livros usados, especialmente no que tange ao estudo da gramática. Em relação ao ensino da doutrina cristã, Hemetério deixa entender que este deve ser compartilhado com a família, de modo que, aos alunos internos, a responsabilidade deste ensino cabe à escola; aos externos, suas mães.

²⁶⁵ *Jornal do Comércio*, 03.07.1886, edição 00183-2, p. 3.

²⁶⁶ *Idem*.

Três meses depois, Hemetério enfrenta a denúncia de castigos em sua escola. O episódio se relaciona com a expulsão de três alunos: Jorge de Albuquerque Terrivel, Horacio de Castro Forte e Egas Muniz Barreto De Aragão, que seriam filhos de Manuel Joaquim Silva. A *Gazeta de Noticias* de 29 de outubro de 1886 publicou matéria com o título de “Publicações a pedido do Collegio Froebel”²⁶⁷, divulgando o esclarecimento que o professor Hemetério apresentou a respeito do ocorrido:

Esclarecimento do Professor Hemetério sobre expulsão de dois alunos:
Collegio Froebel

Expulsão dos alunos Jorge de Albuquerque Terrivel, “Horacio” de Castro Forte e Egas Muniz Barreto “De Aragão”, filhos do Sr. Manuel Joaquim Silva.

Tendo eu expulsado por incorrigíveis e mal orientados pelos conselhos paternos os meninos acima nomeados, fiquei hoje sobremaneira surpreendido pela leitura dos diários, que tornam publico um corpo delicto feito na 1ª. delegacia da policia, no menino Horacio.

E’ uma evasiva de máu gosto e que revela máus instinctos. Os meninos foram expulsos, com todas as formalidades collegiaes, no dia 26, ás 8 horas da manhã, e tinham permanecido em casa de sua avó desde o dia 24 (sabbado), ás 2 horas da tarde. O publico sensato, para quem escrevo estas linhas, porque os meus amigos as dispensariam naturalmente, não exigirá os motivos que me obrigaram a assim proceder.

Eis a integra da carta que acompanhou os meninos expulsos, levados á rua dos Ourives, onde é empregado o Sr. Silva, por um moço, alumno d’este collegio, o Sr. Antonio Fernandes Moreira:

Illm. Sr. M.J. da Silva. – Collegio Froebel, 26 de outubro de 1886. – Não sendo o collegio Froebel um pandemonium – e sim uma casa de ensino – onde tão necessário é o castigo pelo diretor como o premio pela consideração e respeito geral -, julgo de prudente desligar d’aqui os amados filhos de V.S.

Não é bom depositar muita confiança no que dizem crianças, mórmente quando é notoria a sua faculdade inventiva para a mentira.

Antes de tomar-se qualquer deliberação, é prudente averiguar.
Sempre ás ordens. – De V.S. admirador sincero – Hemeterio José dos Santos.

Esta é a verdade.

Ninguém (nem mesmo os meus inimigos) suppôr-me-ha tão inexperiente a ponto de expulsar meninos que houvessem do collegio recebido castigos

²⁶⁷ *Gazeta de Noticias*, 29.10.1886, edição 00302-1, p. 02.

brutaes. Esta explicação é para o publico, que me dispensará de vir segunda vez á imprensa, atentos os meus affazerres.

Hemeterio José dos Santos.

Collegio Froebel, 28 de outubro de 1886.²⁶⁸

Primeiramente, vale notar que, no esclarecimento publicado pelo professor, ele qualifica como “incorrigíveis” os três alunos que expulsara do seu colégio. Além de incorrigíveis, os mesmos eram “mal orientados pelos conselhos paternos”, de acordo com Hemetério. Os três eram filhos de Manuel Joaquim Silva, que apresentou denúncia de possíveis maus tratos praticados pelo professor contra seu filho “Horácio” na 1ª. Delegacia de Polícia. O garoto foi a corpo delicto, informação obtida pelo professor ao ler os “diários” do dia. Hemetério acrescentara ter ficado surpreendidos com a notícia. Segundo o professor, a denúncia “E” uma evasiva de mau gosto e que revela máus instintos”, sugerindo que a mesma fora feita de modo leviano. Em seguida, Hemetério informa que a expulsão fora realizada considerando “todas as formalidades collegiaes”.

Na carta em que Hemetério enviara ao pai informando a expulsão dos filhos, o professor argumentou que seu colégio “não é um pandemonium – e sim uma casa de ensino”, e por não ser um “pandemonium”, ao qual “tão necessário é o castigo”, mas “casa de ensino”, ele julgou como “prudente desligar” os filhos do senhor Manuel. Depois aconselha ao pai a não acreditar em tudo que as crianças dizem, sobretudo “quando é notoria a sua fâculdade inventiva para a mentira”. E finaliza a carta dizendo que “antes de tomar-se qualquer deliberação, é prudente averiguar”. Apesar de tratar-se de carta de conteúdo nada agradável, Hemetério manteve a elegância ao assinar: “Sempre ás ordens. – De V.S. admirador sincero – Hemeterio José dos Santos.”. Ele termina o esclarecimento que fora publicado pela *Gazeta de Noticias* invocando a sua experiência, ao qual se pouparia do erro “de expulsar meninos que houvessem do collegio recebido castigos brutaes” e esclarece estar atento aos seus “affazerres”.

O adjetivo “incorrigível” usado pelo professor Hemetério para justificar a expulsão de três de seus alunos era muito utilizado à época para qualificar os estudantes que não tinham “gosto pelos estudos”. Em geral, o público que recebia esta alcunha era oriundo de instituições que atendiam a chamada “infância desvalida”. O rigor com a disciplina era um meio para tentar conter ou frear o ímpeto considerado incorrigível das crianças e juventude. Algumas escolas eram temidas exatamente por serem famosas nos procedimentos rigorosos

²⁶⁸ *Gazeta de Noticias*, 28.10.1886, p. 02.

com os alunos no tocante à disciplina. Um exemplo típico é a Escola de Aprendizes de Marinheiro.

Neste sentido, o problema de maus tratos nas escolas foi um assunto que deu o que falar, sobretudo pela imprensa, em épocas anteriores e na época em que ocorrera a denúncia contra a escola de Hemetério. Apesar de ser considerada uma prática polêmica e criticada por muitos, sua permanência existia inclusive nas nações que eram consideradas, na época de Hemetério, modelos civilizatórios, como destacam RIZZINI, MARQUES e MONÇÃO (2015):

Vale apresentar que, embora os modelos de civilização e modernidade se orientassem pelos das cidades europeias, o uso do castigo escolar, tema polêmico nas últimas décadas do Império e no início do regime republicano, era permitido em vários países considerados cultos e civilizados.²⁶⁹

Não conseguimos ter acesso à denúncia que foi feita contra Hemetério, somente ao esclarecimento que fora publicado pelo professor e que foi analisado anteriormente. De qualquer forma, convém destacar que houve casos em que a rebeldia estudantil se constituiu em um meio de fazer valer algum tipo de interesse da garotada. Em outras palavras, a *agência* dos estudantes muitas vezes se manifestava através das suas “tropelias e assuadas”.²⁷⁰ Assim, de acordo com RIZZINI e MARQUES (2012), o ser incorrigível podia abarcar também certa estratégia visando à saída de uma situação desagradável para outra mais oportuna:

O “desamor aos estudos” e os comportamentos “incorrigíveis” dos alunos dessa e de outras instituições similares – alçados nos estabelecimentos mantidos pelo poder público e caracterizados por serem internatos profissionais -, anunciam um problema a ser investigado pela historiografia: descortinar e compreender as ações empregadas, por parte de uma parcela da população, no espaço/tempo escolar, na trama dos seus destinos. Isso implica em articular, criar, burlar e manipular alternativas existentes nas redes sociais e, portanto, é a tradução dos movimentos, dos deslocamentos e da circulação empreendida, por parte dos alunos, nos arranjos estabelecidos em torno de suas ações, tanto no interior da instituição quanto fora dela.²⁷¹

A passagem acima se refere ao argumento de um artigo que trata dos artifícios de um estudante que passou pelo Asilo de Menores Abandonados e pela Escola Premunitória Quinze de Novembro. As ações do referido estudante foram traduzidas como meios para “burlar” e

²⁶⁹ RIZZINI, MARQUES e MONÇÃO, 2015, p. 167

²⁷⁰ RIZZINI, MARQUES e MONÇÃO, 2015.

²⁷¹ RIZZINI e MARQUES, 2012, p. 16.

“negociar”, “em cada um desses espaços disciplinares, alternativas de sobrevivência”²⁷². Quem sabe se os “incorrigíveis” da escola de Hemetério também não aprontaram seus “artifícios” no caso que foi denunciado?

O colégio de Hemetério passou por vários endereços: Rio Comprido 64 (1883-1884-1885), Malvino Reis 42 e 64 (1883-1885), Rua da Conciliação, Rua Barão de Petropolis 3 (1885, 1886), Conde de Bomfim 49 (1886), Rua do Rezende 86 (1887). A partir do ano de 1888, não são mais encontradas, nos jornais disponibilizados pela Hemeroteca Digital da BN, notícias divulgando o Colégio Froebel. O que aparece com mais constância até o ano de 1889 são anúncios informando que o professor, com apoio da família, ministrava aulas em sua própria residência. Esta informação foi divulgada inclusive em periódico do Partido Liberal Mineiro, a exemplo da notícia a seguir:

Ao publico

O PROFESSOR HEMETERIO JOSÉ DOS SANTOS educa, em sua residência familiar, um limitado numero de alumnos, ensinando, pelos methodos modernos, todos os preparatorios exigidos para a matricula nas academias do imperio e bem assim os quatro primeiros annos do collegio Pedro II.

É auxiliado pelos mais habeis e idoneos professores da côrte.

A sua familia é quem zela pelos meninos.²⁷³

Foi encontrado também um indício de que o professor tentara levar para uma cidade do interior de São Paulo o seu colégio Froebel. A notícia sobre esta tentativa foi divulgada pelo jornal *O Paiz* em 01 de agosto de 1887: “Segue hoje para S. Paulo o professor Hemeterio José dos Santos, que vai estabelecer na cidade de Batataes o colégio Froebel, estabelecimento que durante alguns annos manteve com êxito nesta corte. (...)”²⁷⁴ Não foi encontrado indícios de que o referido colégio tenha sido implantado de fato na cidade citada pela matéria. Este trecho da notícia, por sua vez, deixa entrever que o empreendimento do referido colégio poderia já estar “vazando água”, já que o verbo no passado (“manteve com êxito”) sugere pensar que o “êxito” do colégio já não mais existia na data em que a notícia fora divulgada. Em função disso, talvez se explique a tentativa do professor de tentar implantar o colégio em outra região. Como já foi dito, não encontramos informações de que o professor tenha tido sucesso nesta empreitada.

²⁷² Idem.

²⁷³ Ver *Liberal Mineiro* – Orgão do Partido, 10.01.1888, edição 00002(1), p. 3, Ouro Preto.

²⁷⁴ *O Paiz*, 01.08.1887, edição 01030-1, p. 01.

2.2 – Primeiras publicações e conferências filológicas.

A partir de outubro de 1877, Hemetério coloca em movimento, no “xadrez” de sua vida, uma “peça” importante que vai indicar a área de conhecimento pela qual vai se dedicar por todo o restante da sua existência: até então com 19 anos de idade, Hemetério lança sua primeira gramática, publicada pelo importante editor da época Serafim José Alves. Encontramos na página três do periódico *A Reforma* de 07 de outubro de 1877 a primeira informação a respeito desta obra:

Fatos Diversos/A Escola - Fomos obsequiados com um exemplar da Grammatica elementar da língua portugueza, pelo Sr. Hemeterio José dos Santos. Esse compendio, escripto com uma clareza e methodo que satisfazem, faz parte da interessante colleção de livros didacticos que, sob a denominação A Escola, edita o Sr. Serafim Alves. A Grammatica Elementar é um excellent extracto dos melhores autores, e o Sr. Hemeterio dos Santos, acrescentando com habilidade, varias cousas, organisou-a segundo o programma do collegio de Pedro II. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.²⁷⁵

Notícias a respeito da publicação desta obra foram divulgadas também em outros periódicos no decorrer de 1877 e 1878. O padrão de exaltar o trabalho feito por Hemetério se mantém. Dois aspectos precisam aqui ser destacados em relação à publicação desta gramática de Hemetério. O primeiro deles é o vínculo com o programa de ensino do Colégio Pedro II, que, como estratégia comercial, agregava valor qualitativo à obra, uma vez ser colégio modelo para os demais. O outro aspecto revela um Hemetério em busca de se inserir numa rede de produção didática que passava pelo círculo do importante editor da época Serafim José Alves.

De acordo com Laurence Hallewell (2005) em *O livro no Brasil: Sua História*, a editora de Serafim, nos finais do século XIX, “publicou mais livros no Brasil do que qualquer outra, com exceção da Garnier e da Laemmert”²⁷⁶. Para destacar a importância do referido editor, convém informar também que, segundo Laurence Hallewell, “Serafim José Alves editou Vozes d’África, Navio Negreiro e Os Escravos, de Castro Alves; Judite e Vãos Incertos, de Adolfo Caminha; diversas obras dramáticas de Artur Azevedo e algumas das obras do crítico Sílvio Romero”²⁷⁷.

Neste sentido, é pertinente informar também que quatro anos depois de publicar sua primeira gramática, o professor Hemetério publicou, em 1881, o manual intitulado *Livro dos*

²⁷⁵ *A Reforma*, 07.10.1877, edição 00227, p. 3.

²⁷⁶ HALLEWELL, 2005, p. 272.

²⁷⁷ Idem.

Meninos, já referido. Essas duas publicações, uma com dezenove anos de idade e outra com vinte e três, podem ser vistas como ações que fazem parte do empenho do jovem maranhense em conquistar seu espaço como professor na Capital Federal. Na época da publicação do *Livro dos Meninos* (1881), a obra foi divulgada em alguns jornais. O professor também a enviou para outros estados e doou exemplares para algumas escolas, dentre estas a que era conhecida como Quilombo da Cancela. Foi o jornal de José do Patrocínio, *Gazeta da Tarde*, que divulgou esta doação.²⁷⁸ Mais à frente, quando tratarmos da relação do Hemetério com a causa abolicionista, abordaremos mais sobre esta doação.

O *Jornal do Comércio* de 30 de outubro de 1881 informou também sobre o recebimento da publicação: “O Sr. Professor Hemeterio José dos Santos acaba de publicar o seu Livro dos meninos, contos brasileiros, de acôrdo com os progressos modernos. É’ editor o Sr. J. G. de Azevedo”.²⁷⁹ Dois meses depois, em 30 de dezembro de 1881, o mesmo jornal divulga a doação de vinte exemplares do livro para o Asilo das Órfãs da Imperial Sociedade Amante da Instrução²⁸⁰:

Asylo das orphãs da Imperial Sociedade Amante da Instrucção
Ordem do dia – O presidente declara que o professor de primeiras letras Hemeterio José dos Santos offerecêra vinte exemplares de sua composição O livro dos meninos. – Agradeceu-se.²⁸¹

O *Livro dos Meninos* faz parte do acervo de obras da Biblioteca Nacional. O fato desta fonte não ter sido analisada de forma mais ampla pelos historiadores e comentadores de Hemetério reforça ainda mais o esforço para compreendê-la, à medida que pode ampliar o escopo sobre o pensamento deste professor, como veremos mais adiante. A obra também informa a respeito da sua rede de sociabilidade uma vez que a mesma é dedicada ao senhor Affonso Herculano de Lima, diretor do Colégio Universitário Fluminense, instituição em que o professor trabalhou, como vimos anteriormente.

Convém destacar que, no percurso de pavimentar o seu lugar de competência em relação a um determinado saber ligado ao campo da filologia e da gramática da língua portuguesa, as conferências sobre obras de outros autores e “conferências filológicas” que foram realizadas pelo professor Hemetério José dos Santos no período do Império cumpriram o papel de mais um elemento a ser considerado no movimento que realizou para fazer com

²⁷⁸ Ver SILVA (2015).

²⁷⁹ *Jornal do Comércio*, 30.10.1881, edição 00302-1, p. 01.

²⁸⁰ A respeito desta instituição ver trabalho de Maria Zélia Maia de Souza, “Sociedade Amante da Instrução: Benfeitoria da ‘inocência desvalida’ na corte imperial (1844-1889)”, disponível: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Maria%20Zelia%20Maia%20de%20Souza%20-%20Texto.pdf> (acesso 23.12.2018).

²⁸¹ *Jornal do Comércio*, 30.12.1881, Edição 00362-1, p. 01.

que sua voz fosse ouvida e valorizada na sociedade da época. Neste sentido, determinada imprensa cumpriu importante função na divulgação do nome do professor.

O jornal de José de Patrocínio, *A Cidade do Rio*, foi um dos primeiros a divulgar uma conferência do professor em uma das chamadas “escolas do Imperador”: “O professor Hemeterio dos Santos realiza hoje, ás 7 horas da noite, na escola de S. José a sua 2ª. conferencia sobre filologia”.²⁸² Em 20 de junho de 1888, o jornal de Patrocínio divulga a realização da “3ª conferencia philologica” do professor Hemetério realizada na mesma escola da conferência anterior.²⁸³ No *Diario de Noticias* de 23 de junho de 1888, esta terceira conferência teve uma divulgação mais detalhada com informações sobre o conteúdo proferido:

Conferencia Philologica

O Sr. professor Hemeterio José dos Santos realizou, quinta-feira, á noite, a sua terceira e ultima conferencia glottologica.

Explicou minuciosamente a formação do verbo ser, segundo a doutrina do professor da universidade de Bonn.

Depois de largamente expender a theoria dos connectivos, fez a evolução taxonômica das categorias grammaticaes, mostrando como os substanticos – loco e horam, assim como os adverbios magis e inde deram as conjuncções logo, ora, mas, porém.

Como o auditorio manifestasse desejo de ouvir o illustrado professor do internato Sr. Fausto Barreto, expoz este a syntaxe glottologica de um momento vernaculo, sendo calorosamente applaudido.

O auditório, numeroso e selecto, cumprimentou os oradores.²⁸⁴

Percebe-se que se trata de um conteúdo bem específico relacionado à ciência da linguagem (glotologia), o que sugere pensar sobre a presença de um público que conhecesse minimamente o assunto; caso contrário, como diz o ditado popular, “ficaria a ver navios”, e não entenderia bulhufas. De qualquer modo, este é outro aspecto importante a se destacar. O domínio de um saber de difícil entendimento tornou-se um trunfo que o professor soube manejar em sua trajetória de intelectual. Neste sentido, não foi à toa que, na década de 1940, quando um grupo de filólogos resolveu fundar a Academia Brasileira de Filologia, selecionou

²⁸² *A Cidade do Rio*, 11.06.1888, edição 00131-1, p. 01.

²⁸³ *A Cidade do Rio*, 20.06.1888, edição 00136-1, p. 3.

²⁸⁴ *Diário de Noticias*, 23. 06. 1888, p. 1.

quarenta estudiosos do assunto como patronos dentre os quais incluía José de Anchieta e Antonio Vieira, além do próprio professor Hemetério José dos Santos.

Outro aspecto a se destacar a respeito desta terceira conferência filológica é a presença de mais um nome no círculo por onde andava o professor Hemetério: o de Fausto Carlos Barreto²⁸⁵. Professor de Português no Colégio Pedro II, Escola Normal e Colégio Militar, também presidiu a província do Rio Grande do Norte no ano de 1889, antes da proclamação da República, e foi deputado pela província do Ceará. Barreto também se destacou como elaborador dos exames de Português para a Diretoria de Instrução Pública e publicou, em 1895, com Carlos de Laet²⁸⁶, o livro *Anthologia Nacional*. A referida obra foi utilizada em diversos estabelecimentos de ensino no país e recebeu várias edições, sendo a décima quarta em 1929, o que evidencia ter tido muito sucesso no final do XIX e início do XX. Antes disso, porém, no ano de 1892, Fausto Barreto publicou *Seleção Literária* junto com Vicente de Souza²⁸⁷. Há, no entanto, uma relação entre essas duas obras. No Prefácio à primeira edição da *Anthologia Nacional* (1895), assinado pelos autores Carlos de Laet e Fausto Barreto, isto fica evidenciado da seguinte forma:

Convidado pelo prestimoso editor J. G. de Azevedo para corrigir a Seleção litteraria compilada por um dos collectores desta Anthologia e outro professor, mais acertado nos pareceu refundil-a de todo, dando-lhe a fórma com que ora a deparamos á publicidade. § Si alguns trechos foram conservados, e avisadamente o deveriam ser, muitos foram substituídos, e acrescentados outros, procurando nós não omitir nenhuma das culminâncias da pátria litteratura.²⁸⁸

A relação, portanto, entre as duas obras, como informa a passagem acima, consiste no fato de que a *Anthologia* surgira como desdobramento da *Seleção litteraria*, com o propósito de “corrigir” e ampliar os conteúdos da obra em que Fausto Barreto fizera com Vicente de Sousa. O editor que a sugeriu foi o mesmo que publicou o *Livro dos Meninos* do professor Hemetério em 1881.

Conferências sobre obras de autores que publicavam livros de gramáticas, dicionários e temas correlatos também foram realizadas pelo professor. Algumas geraram polêmicas a

²⁸⁵ Informações sobre Fausto Barreto foram obtidas no Dicionário Bibliográfico da Academia Brasileira de Filologia (2012). Ver verbete “Fausto Carlos Barreto”, páginas 237 a 243.

²⁸⁶ Escritor, Jornalista, professor de Português do Colégio Pedro II e monarquista convicto. Ver verbete “Carlos de Laet” do Dicionário Bibliográfico da Academia Brasileira de Filologia, páginas 132 a 137. Sobre sua trajetória no campo da educação, ver a tese de LLOPIS, Rosana. *Carlos de Laet: entre o magistério, a política e a fé*, UFF, 2013.

²⁸⁷ Ver SANTOS, Claudfranklin Monteiro e OLIVA, Terezinha Alves. *As multifaces de “Através do Brasil”*. *Revista Brasileira de História*, V. 24, n° 48 (p. 101-121), 2004.

²⁸⁸ BARRETO e LAET, *Anthologia Nacional*, 1929, p. 9, 14ª Edição, Livraria Francisco Alves, SP e BH.

respeito de temas raciais, como veremos no próximo capítulo em que trataremos especificamente do antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério.

Ao final do Império, já era conhecido na capital federal o professor maranhense chamado Hemetério José dos Santos, negro retinto, que conhecia bem o vernáculo e que também passou a ser conhecido na cidade através da sua sabedoria e empenho em questionar visões e opiniões preconceituosas quanto aos negros e africanos, como bem demonstrou alguns de seus comentadores e pesquisadores de seu legado.²⁸⁹ A seguir apresento uma análise mais ampliada do *Livro dos meninos*.

2.2.1 – O Livro dos meninos.

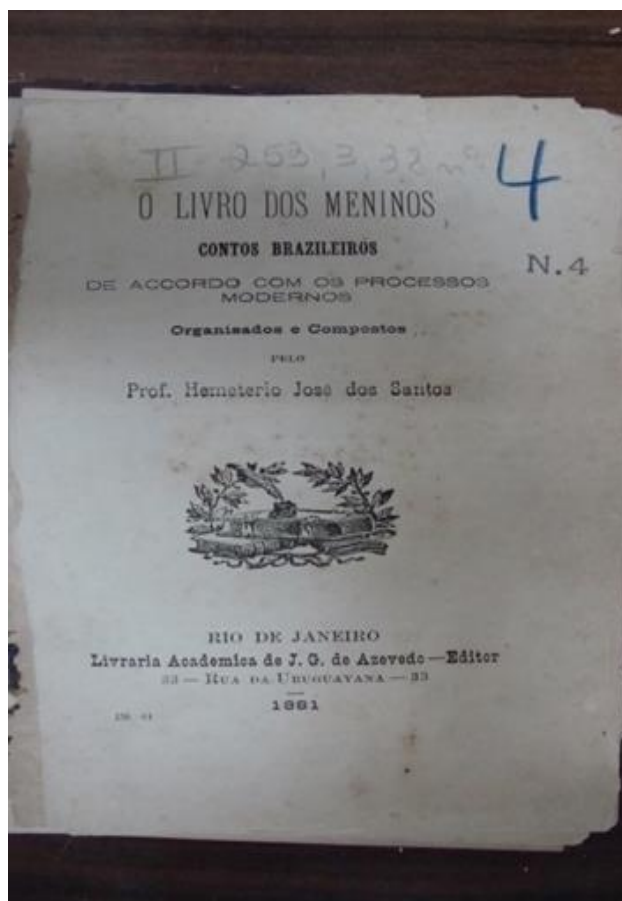


Figura 7: Folha de rosto do *Livro dos meninos* (Fonte: Biblioteca Nacional)

Vou apresentar aqui uma análise desta obra, para que se possa ter um conhecimento mais amplo sobre os conteúdos que o professor privilegiou ao escrevê-la. Não é meu

²⁸⁹ A exemplo de: MULLER, 2006; DANTAS, 2007; SILVA, 2015; SCHUELER e RIZZINI, 2017. Na parte seguinte da tese visito estes estudos e analiso novas evidências, de modo a situar o antirracismo de Hemetério na conjuntura do movimento antiescravista e antirracista da época.

propósito fazer análise de todos os pequenos textos que o professor apresenta no livro. Neste sentido, elegi alguns que me parecem mais pertinentes, sobretudo, aqueles que se relacionam aos temas do trabalho, mulher, escravidão, religião e mais alguns outros. Os temas sobre a figura materna/paterna e higiene já foram analisados no capítulo I, portanto, não há necessidade de serem abordados. O assunto sobre a escravidão, apesar de referido no início do primeiro capítulo, foi retomado em face da articulação que o professor Hemetério realiza com o tema da Lei do Ventre-Livre. Deixei para a Parte II da tese a análise sobre a abordagem que Hemetério faz no *Livro dos meninos* sobre “as raças humanas”. Isto porque, na referida parte, trato do antirracismo político-pedagógico do professor, e argumento que o texto que Hemetério apresenta no *Livro dos meninos* a respeito do tema “raça” já expressa uma face do seu antirracismo. Neste sentido, vale dizer que, ao incluir como conteúdos didáticos a serem trabalhados com os alunos e alunas ideias que visavam questionar preconceitos raciais existentes na sociedade, o professor Hemetério José dos Santos põe em prática importante *agência antirracista*, sobretudo, por tratar-se de uma ação formadora, voltada para conscientizar os estudantes a não reproduzirem práticas e ideias relacionadas à discriminação racial.

Antes de adentrarmos para a análise de alguns dos conteúdos tratados pelo professor Hemetério no seu *Livro dos meninos*, convém destacar que, de acordo com o Roger Chartier (1991), a produção de livros é um “terreno de trabalho em que se enredam o texto, o livro e a leitura”²⁹⁰. Desta feita, Chartier argumenta que “os autores não escrevem livros”, ou seja, “escrevem textos que outros transformam em objetos impressos”. De acordo com o historiador, a diferença sinalizada “é justamente o espaço em que se constrói o sentido – ou os sentido”²⁹¹ da obra produzida.

Ao tratar sobre as articulações entre *Textos, impressos, leituras*, no quarto capítulo do seu livro *A História Cultural – Entre práticas e representações*, Chartier (2002) alerta: “para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais –, e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação”²⁹². Assim, o *Livro dos meninos* se trata de uma obra produzida na Corte, no contexto do século XIX. Neste sentido, Elomar Tambara (2003) esclarece que “o século XIX constituiu-se num período histórico extremamente pródigo em termos de

²⁹⁰ CHARTIER, Roger. *O mundo como Representação*, 1991, p. 182.

²⁹¹ Idem.

²⁹² CHARTIER, 2002, p. 121.

consolidação de um sistema de ‘produção e distribuição’ literária, em particular a destinada ao ‘público’ infantil”.²⁹³ De acordo com o autor, houve no Brasil uma “orientação jurídico-institucional emanada pelo sistema político do Império”²⁹⁴ que buscou controlar os conteúdos dos livros escolares. Ao fim e ao cabo, os textos deviam se pautar por um lado, na “submissão à fé católica”, por outro, na “obediência à ordem representada pelo Estado”²⁹⁵ Entretanto, como a partir da metade do século XIX cresceu o “movimento anti-clerical que visava retirar o poder da igreja nas salas de aula”²⁹⁶, assim como o avanço “de uma postura liberal”²⁹⁷, Elomar Tambara (2003) argumenta também sobre a existência de espaço para que o cotidiano da escola se constituísse “em um campo caracterizado por fortes disputas ideológicas e políticas e que evidenciam a luta pela hegemonia e supremacia dos diversos grupos que buscavam consolidar seu poder”.²⁹⁸

Da mesma forma, de acordo com Maciel e Frade (2003), a análise de livro escolar se constitui em algo complexo, que possibilita “uma série de abordagens”²⁹⁹ e que podem se relacionar “aos processos de sua produção, à análise do suporte impresso como fonte e como objeto e, finalmente, à recuperação das práticas advindas de seu uso”.³⁰⁰

Giselle Baptista Teixeira (2008), por sua vez, desenvolve “a hipótese de que os livros passaram a funcionar como um dos principais instrumentos para a concretização dos projetos educacionais existentes”.³⁰¹ Neste sentido, de acordo com a autora, os professores utilizavam os livros “como uma espécie de ‘guia’ no ensino dos saberes escolares”³⁰², enquanto para os alunos “seria um guia para suas práticas ordinárias”.³⁰³

Em sua dissertação de mestrado, ao analisar trajetórias de determinados autores de livros didáticos, Alexandra Lima da Silva (2008) resume algumas das motivações que levaram os mesmos a produzirem seus livros:

Para alguns, escrever livros didáticos era fruto da distinção social, sendo mais uma das atividades profissionais exercidas no sentido de maior prestígio e

²⁹³ TAMBARA, Elomar. *Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil*, 2003, p. 96. In: *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, organizado por Eliane Peres & Elomar Tambara. Pelotas: Seiva, 2003.

²⁹⁴ Idem, p. 97.

²⁹⁵ Idem, p. 100.

²⁹⁶ Idem, 102.

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ MACIEL e FRADE. *Cartilhas de alfabetização e nacionalismo*, 2003, p. 29. In: *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, organizado por Eliane Peres & Elomar Tambara. Pelotas: Seiva, 2003.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ TEIXEIRA, Giselle Baptista. *Compêndios autorizados, saberes prescritos: uma análise da trajetória dos livros nas escolas da Corte Imperial*, 2008, p. 25. (Fundação Biblioteca Nacional).

³⁰² Idem.

³⁰³ Idem.

proteção, enquanto que para outros, era um dos instrumentos na luta por melhorias no ensino, ampliação da instrução, podendo ser ainda, mais uma fonte de renda, além de representar alguma melhoria nas condições do próprio trabalho e de vida.³⁰⁴

Considerando a passagem acima e a repercussão que o livro teve na imprensa da época, penso que, ao escrever o *Livro dos meninos*, Hemetério realizou algumas das motivações destacadas por Alexandra Lima da Silva.

Quanto à questão dos prováveis públicos do livro de Hemetério, vale destacar a informação de que estudantes da Escola chamada de “Quilombo da Cancela”³⁰⁵ possivelmente tiveram acesso ao livro, uma vez que a mesma recebera de Hemetério a doação de cinquenta exemplares³⁰⁶. Além disso, as internas do orfanato Asylo das orphãs da Imperial Sociedade Amante da Instrução, pois o *Jornal do Comércio* informa a doação de vinte exemplares por parte de Hemetério.³⁰⁷ O *Diccionario Bibliographico Brasileiro* de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1895), por sua vez, traz a informação de que Hemetério doara para “obras do lyceo do sexo feminino 50 exemplares”³⁰⁸. Não consegui identificar que “lyceo” seria este. Além do mais, é provável que os estudantes do Colégio Froebel, de propriedade de Hemetério, tenham tido contato com o referido livro. O livro também foi colocado à venda nas livrarias.³⁰⁹

A obra tem 95 páginas. De acordo com o autor, “como testemunho de amizade”, o livro é dedicado ao já referido Affonso Herculano de Lima, diretor do Colégio Universitário Fluminense, uma das primeiras instituições de ensino em que o professor trabalhou como docente particular e já visto no primeiro capítulo. Trata-se de um livro destinado a meninos e meninas, apesar do título só se referir aos meninos. É composto de pequenos textos cada qual acompanhado de uma ilustração referente a trinta e oito temas diversificados cujos títulos são: O balão ou aeróstato; Fogos fátuos; A intriga; A guerra; Estrellas cadentes; As nuvens; O Amazonas; A dança; Francisco Joaquim Bethencourt da Silva; Passeio Publico; A Lei de 28 de Setembro; Caxias; San Sebastião do Rio de Janeiro; O aceio; A mulher; A conversação; Santa Casa de Misericórdia; José Maria da Silva Paranhos; A mulher forte; Pensamentos do

³⁰⁴ Alexandra Lima da Silva, *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro (1870-1924)*, 2008, p. 39. (dissertação de mestrado).

³⁰⁵ Mais a frente, ao tratar da relação de Hemetério com a causa abolicionista, abordo sobre a referida escola.

³⁰⁶ *Gazeta da Tarde*, 17.11.1881, p.2.

³⁰⁷ *Jornal do Commercio*, 30.12.1881, edição 00362-1, p. 1.

³⁰⁸ BLAKE, 1895, Terceiro Volume, p. 208.

³⁰⁹ A este respeito, por exemplo, o *Jornal do Comércio* de 03.01.1882 (edição 00005-1, p. 1), na coluna “Annuncios – Livros Collegiaes”, publica anúncio da Livraria de J.G. de Azevedo informando sobre valores de venda de vários livros, inclusive do *Livro dos Meninos* do professor Hemetério, que aparece com o valor de 1\$000.

Evangelho; A 1ª invasão dos francezes no Rio de Janeiro; Lenda brasileira: A onça e o gato; As províncias do Brazil; Raças ou castas humanas; Maximas dos sete sabios da Grecia; 2ª invasão dos francezes no Rio de Janeiro; Deus; Osorio – Marquez do Herval; Marés; O trabalho; Candido Mendes de Almeida; Mãe; Religião; Mãe e filho; Os surdos mudos; Legenda dos animais; O cão; e A formiga.

Pelos títulos acima, que informam os tipos de assuntos abordados por Hemetério, percebe-se que ele reuniu no mesmo livro exaltação a determinadas pessoas, destaque a alguns episódios históricos, temáticas morais, científicas e religiosas, assim como temas voltados para a questão da mulher, do trabalho, da escravidão e da questão racial. Os assuntos tratados por ele dão ideia das visões que o professor valorizava a respeito das respectivas temáticas.

A capa do livro indica que os seus textos foram identificados pelo autor como “contos brasileiros de accordo com os processos modernos”. No entanto, não se trata de conto, do modo como entendemos esta expressão literária; creio que os textos se aproximam mais de crônicas do que propriamente contos. As ilustrações que aparecem ao final de cada texto também podem ser vistas como linguagem complementar a ser analisada.

No “Prologo” do livro, o autor já anuncia uma determinada preocupação com as questões raciais da época. Depois de fazer comentários críticos sobre o modo como o ensino do Português era realizado na “Instrução Pública” primária e secundária, Hemetério sinalizou para o uso inadequado aos estudantes, segundo ele, de determinada literatura: “Os livros em que principia a ler não estão de accordo com a idade, nem em linguagem nem em assumpto”.³¹⁰ No que diz respeito aos conteúdos, a inadequação se traduz no fato de que “não combatem as superstições, os preconceitos e os prejuizos tão numerosos em um paiz como o nosso, onde é palpável **a heterogeneidade das raças** - grifo meu”.³¹¹

Analisando a passagem acima, observa-se, por um lado e em certa medida, a percepção, por parte do professor, da ideia de que o processo educativo pode também ser visto como um instrumento de combate. Ataque este que deveria se voltar contra “as superstições”, contra “os preconceitos” e contra “os prejuizos” que ocorreriam no país caso não se levassem em consideração o aspecto real e inevitável da “heterogeneidade das raças” na formação da sociedade brasileira. Este é um aspecto importante, pois uma das características do antirracismo do professor consistiu em acentuar a importância da contribuição de cada “raça” na formação da nossa sociedade. Mas, ao contrário daqueles que

³¹⁰ SANTOS, Hemetério José dos. *Livro dos meninos*, 1881, p. 6.

³¹¹ Idem.

tomavam o negro e o índio como inferiores ao branco, Hemetério argumentava que as “raças” estavam em pé de igualdade, como veremos na parte seguinte.

Assim, não foi por acaso que o professor, ao destacar a “nacionalidade brasileira”, dirigiu sua crítica ao elemento estrangeiro: “D’ai essas colleccões de fábulas, em vez de legendas nossas, biographias de estrangeiros, em vez das dos nossos principaes homens: ensino esse que nem instrue verdadeiramente e nem visa de longe accentuar a nacionalidade brasileira”.³¹²

Ao final do Prólogo, Hemetério reafirmou o seu propósito de combate com o lançamento da obra: “E’ com o fim de combater esses vicios (...) que publicamos O LIVRO DOS MENINOS” (grifo de Hemetério).³¹³ Ter consciência que a sua obra se constituía em uma “arma” de combate a determinadas ideias e valores, me remete ao referencial teórico de Amílcar Cabral (1978), pensador africano que argumentou a propósito de se compreender a teoria como arma.³¹⁴

Em certa medida, alguns dos textos que Hemetério apresenta no livro podem ser pensados como um roteiro para se refletir sobre determinados assuntos da conjuntura imperial. O tema da escravidão é um deles. Como já explicitado, a perspectiva de combate à escravidão que Hemetério desenvolve no livro veio associada à exaltação da Lei do Ventre Livre, aprovada em 28 de setembro de 1871. Hemetério se mostra um entusiasta desta lei, de modo que se pode deduzir que o professor a considerou, de fato, uma vitória política. O texto para abordar com os estudantes o respectivo tema veio com o título de “Lei de 28 de Setembro”. Por tratar-se de texto pequeno, optamos por reproduzi-lo na íntegra a seguir:

Lei de 28 de Setembro

Assim é conhecida a lei, meus meninos, que declarou livres os filhos da mulher escrava entre nós. Foi uma lei santa! uma lei justa!
Ella tem o numero 2040, e foi lavrada, com a satisfação geral de todos os brasileiros, no anno de 1871.

Os filhos de mulher escrava se ficaram chamando ingênuos, isto é, livres, em contraposição a hedionda qualificação que se lhe dava. Todos nós devemos trabalhar para que a nossa chara pátria seja verdadeiramente uma nação livre, extirpando-lhe esse terrível cancro que se chama – a escravidão.

O senador Dias de Carvalho disse no Senado Brasileiro: A lei mais importante do Brazil, nesses últimos tempos, é, sem duvida, a lei de 28 de

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

³¹⁴ Ver de Amílcar Cabral, *A Arma da Teoria e Cultura e Libertação Nacional*. O respectivo referencial foi destacado nas Considerações Iniciais.

Setembro, que acabou com a maior vergonha no nosso paiz – a perpetuidade da escravidão.

Na verdade, meus meninos, todos nós nos devemos envergonhar desta triste instituição! Ella vae de encontro a nossa religião, que diz: Todos os homens são irmãos.

Não façais aos outros aquillo que não quereis que se vos faça.³¹⁵

A exaltação feita pelo professor em relação à lei se manifesta logo no início do texto. Hemetério qualificou a lei com os adjetivos “santa!” e “justa!”, ambos acompanhados com o ponto de exclamação para enfatizar mais ainda a importância que o professor atribuía à mesma. Ou seja, para ensinar aos estudantes o quanto a lei era fundamental para a sociedade brasileira, Hemetério buscou aliar o caráter divino com o de justiça, de modo a reforçar o sentido da nova legislação. Sentido este que tinha “a satisfação geral de todos os brasileiros”, menos, é claro, dos escravistas.

Em seguida, ao esclarecer a denominação daqueles que foram beneficiados pela lei, quer dizer, os chamados “ingênuos” (que, para Hemetério, seriam simplesmente “livres”), o professor atribuiu ao termo “escravo” uma “hedionda qualificação”. Não foi à toa, por conseguinte, que ele afirmara ser “a escravidão” um “cancro” que impedia a pátria de ser “verdadeiramente uma nação livre”. Mas, para que a pátria fosse livre, era preciso o trabalho de todos.

A referência à fala do senador José Pedro Dias de Carvalho (1805-1881)³¹⁶ quando este afirma, de acordo com o texto de Hemetério, que a Lei do Ventre-Livre veio terminar com “a maior vergonha” da nação, ou seja, o caráter perpétuo do escravismo, Hemetério sinaliza, talvez, para um dos aspectos fundamentais da referida lei. Quer dizer: tornar pública a ideia de que a escravidão teria de fato um fim no futuro.

Depois, mais uma vez se valendo do argumento religioso para criticar a condição de escravo, Hemetério busca esclarecer aos estudantes que a instituição do escravismo era uma “vergonha” da nação, pois contrariava o princípio do cristianismo que atribuía irmandade a “todos os homens”.

O tema da Lei do Ventre-Livre se articula também com outro elemento importante da conjuntura à qual Hemetério vivenciou no contexto imperial: a questão da criança escravizada. Neste sentido, vale dizer que, em geral, quando se trata das políticas para a infância pobre no Brasil, os estudiosos poucos se referem à questão da infância escravizada.

³¹⁵ Hemetério José dos Santos, *Livro dos Meninos*, 1881, p. 36/37.

³¹⁶ Professor, jornalista, deputado e senador pela província de Minas Gerais (ver: www25.senado.leg.br – acesso em 26.01.18).

Entendo como pertinente abordar neste ponto aspectos desse assunto, pois houve relação entre as políticas para a infância desvalida e a escravizada, sobretudo no contexto dos debates em torno da aprovação da referida lei, como demonstram os estudos de FONSECA (2002). Antes, porém, convém destacar alguns aspectos a respeito do universo da escravidão infantil.

Apesar de não ter sido preferencialmente o foco do mercado de escravos no Brasil, a criança esteve presente no âmbito dos interesses dos senhores de escravos. Algumas eram adquiridas para exercerem atividades no contexto doméstico, outras para realizar trabalhos complementares nos ambientes urbanos e rurais. Há exemplos, inclusive, de plantéis de escravos formados majoritariamente por crianças, mas isto não foi a regra na escravidão brasileira. Dentre os aspectos inerentes ao universo infantil, além da exploração do trabalho³¹⁷, a mortalidade precoce e a perda dos pais são marcas características da realidade vivida pela criança escravizada, como nos mostra Florentino e Góes (2010):

Poucas crianças chegavam a ser adultos, sobretudo quando do incremento dos desembarques de africanos no porto carioca. Com efeito, os inventários das áreas rurais fluminense mostram que, no intervalo entre o falecimento dos proprietários e a conclusão da partilha entre os herdeiros, os escravos com menos de dez anos de idade correspondiam a um terço dos cativos falecidos; dentre estes, dois terços morriam antes de completar um ano de idade, 80% até os cinco anos. (...) Aqueles que escapavam da morte prematura, iam, aparentemente, perdendo os pais. Antes mesmo de completarem um ano de idade, uma entre cada dez crianças já não possuía nem pai nem mãe anotados nos inventários. Aos cinco anos, metade parecia ser completamente órfã; aos 11 anos, oito a cada dez.³¹⁸

Este quadro, no entanto, teve, por parte dos escravos, estratégias de cooperação, pois, como argumentam os referidos autores, havia também “uma rede de relações sociais escravas, em especial de tipo parental”³¹⁹ que buscava minimizar a situação descrita acima.

No tocante à questão do trabalho que a criança escravizada exercia, esta se refletia também no valor que lhe era atribuído no mercado de escravos. À medida que aprendia as habilidades, o seu preço subia.

O aprendizado da criança escrava se refletia no preço que alcançava. Por volta dos quatro anos, o mercado ainda pagava uma aposta contra a altíssima mortalidade infantil. Mas ao iniciar-se no servir, lavar, passar, engomar, remendar roupas, reparar sapatos, trabalhar madeira, pastorear e mesmo em

³¹⁷ Sobre este aspecto do trabalho infantil ver texto de Irma Rizzini (2010), *Pequenos trabalhadores do Brasil*, que se encontra no livro organizado por Mary Del Priore (2010), *História das crianças do Brasil*.

³¹⁸ FLORENTINO e GÓES, 2010, p.180.

³¹⁹ Idem, p.181.

tarefas próprias do eito, o preço crescia. O mercado valorava as habilidades que aos poucos se afirmavam.³²⁰

A criança também pagava um preço muito alto quanto a isso, pois, considerando a periculosidade daquilo que era obrigada a fazer, era com a própria vida que a mesma pagava esse “aprendizado” forçado pela prática da escravidão. Para ilustrar esse aspecto vale recorrermos à literatura que ajuda a dar vida aos acontecimentos históricos.³²¹ Um exemplo disso é o romance histórico de Ana Maria Gonçalves (2006), *O defeito de Cor*³²², que recupera o processo histórico da revolta de escravos muçulmanos conhecida como Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador, no ano de 1835.

A protagonista principal veio da África e fora escravizada ainda criança para ser escrava de companhia da sinhazinha. Por ter sido pega cultuando orixás africanos, teve como punição a obrigação de realizar trabalhos complementares à produção do açúcar. Em uma

³²⁰ Idem, p.184-185.

³²¹ Neste sentido, vale lembrar o livro já referido, *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*, organizado por Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de M. Pereira (1998).

³²² De acordo com autora, em entrevista ao programa “Imagem da palavra”, disponível no You Tube (acesso em 26.01.18), o título do livro se refere à lei do período colonial que impedia que negros assumissem cargos na administração pública e na Igreja, a menos que tivessem a dispensa por parte do Rei de Portugal do que se chamava na época de “defeito de cor”. Nesta mesma entrevista, Ana Maria Gonçalves argumenta que a narrativa da história foi construída a partir de uma grande pesquisa histórica e teve como inspiração a célebre carta em que Luiz Gama se diz filho de Luiza Mahin, assim como, suas poesias e as fontes primárias encontradas sobre escravidão e a Revolta dos Malês. No que tange à Luiza Mahin, diz a autora: “Pesquisando a Rebelião Malê eu achei uma figura fantástica que é a Luiza Mahin. Ela é muito mais conhecida na Bahia, mas eu acredito que já é uma figura também importante em outros lugares do Brasil. A Luiza Mahin é tida como uma das líderes dessa rebelião muçulmana. Eu achei extremamente interessante você ter uma mulher escrava, ou ex-escrava já no caso, como líder de uma rebelião de escravos que seguiam uma religião onde o papel da mulher é muito subalterno. Então, pra mim aquela figura foi assim fascinante. Eu comecei a pesquisar a vida dela e não encontrei muita coisa. Há várias versões sobre quem foi Luiza Mahin. A versão que mais me interessou, e foi com essa versão que eu trabalhei, é a que ela é a mãe do poeta, jornalista e abolicionista Luiz Gama (...). Para essas duas personagens Luiz Gama e Luiza Mahin tem muitas coisas não documentadas. Principalmente, o que a gente tem deles é através do Luiz Gama, através da carta, de alguns poemas que ele fala, algumas conversas com alguns amigos dele da época, então, o que eu fiz foi me manter o mais fiel possível ao processo histórico, mas me dando todo o direito de ficcionalizar, tomando como base outras pessoas. Ou seja, a Luiza Mahin, a figura dela no livro, a narradora Kindé, ela ali, eu acredito que ela seja mais ou menos uma colcha de retalhos de várias mulheres que viveram nos mesmos períodos e nos mesmos locais que ela. Ela apenas canaliza este tipo de comportamento, a expectativa e experiências dessas mulheres. Ou seja, é um personagem fictício, mas é uma personagem que tem uma certa verossimilhança histórica, por estar baseada em pesquisa e por representar essa voz de certa forma coletiva”. Ver: Ana Maria Gonçalves – Imagem da Palavra - Parte 1(<http://youtu.be/DEVFpFWLSNk> 29/05/2014); e Parte 2 (<https://youtu.be/kHk2m-EDOyo>). Lecionei História no Colégio Estadual Luiza Mahin que se localiza em unidade feminina de Internação e Internação Provisória do Departamento Geral de Ações Sócioeducativas (DEGASE), órgão que atende adolescentes em conflito com a lei. Para ajudar no ensino da trajetória de vida de Luiza Mahin, fiz um samba em homenagem a esta importante personagem: Samba para Luiza Mahin – Veio da África menina/Pra ser escrava em Salvador/No navio negreiro enfrentou muita dor/Foi escrava quitandeira/Feito capoeira ela lutou/Luiza Mahin lutou até o fim/Ela liderou a Revolta dos Malês/Luiza fez história/Foi história que ela fez/Teve que fugir para o Rio de Janeiro/Foi lutar outra vez/ Enfrentou os preconceitos/Para a África foi deportada/Luiza Mahin não se entregou por nada/Deixou aqui seu filho/ Que seu exemplo seguiu/Poeta Luiz Gama/Abolicionista do Brasil/Luiza foi guerreira/Exemplo de vida/Para a mulher brasileira/Luiza foi fundamental/Luiza Mahin/Mulher universal/Luiza Mahin/Guerreira!/Luiza Mahin/ Negra lutadora!/Luiza Mahin foi enfim/Grande liderança na luta/Contra a escravidão/E a força bruta! (Aderaldo Gil).

passagem do livro, a autora descreve o processo de trabalho que as crianças escravas eram obrigadas a realizar, como por exemplo, na preparação do óleo de baleia que alimentava as fornalhas. A força das palavras da escritora, que escreve em primeira pessoa, na voz da protagonista da história, fala por si:

Primeiro, tínhamos que ir até o balcão onde estava a baleia e separar os pedaços de carne dos pedaços de gordura, formando dois montes. Quem fazia o serviço de cortar a baleia eram os homens, com enormes facões, e por isso, o excesso de segurança no caminho. As carnes ficavam com as mulheres, para partir em pedaços e cozinhar ou moquear. O que sobrava depois disso, a gordura, era o que nós, crianças, tínhamos que pegar e colocar dentro das caldeiras, onde era derretida até virar óleo de baleia. Entendi o porquê das queimaduras, pois nunca dava para prever para que lado a gordura ia espirrar quando jogada na caldeira, que já tinha óleo derretido, fervendo. E também porque as vasilhas eram altas e as crianças mais baixas tinham que se equilibrar na ponta dos pés para conseguirem fazer o serviço, correndo risco de se apoiar na caldeira, ela virar e o óleo fervente escorrer, levando junto a pele, a carne e até os ossos.³²³

A cena acima elaborada por Ana Maria Gonçalves é de fato muito marcante. Revela o tratamento humilhante e perigoso, aos quais determinadas crianças escravas eram forçadas a vivenciar. Além disso, como já escreveu Gilberto Freyre, a criança escrava era a “leva-pancadas”³²⁴ na fazenda. O menino escravizado era “manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos”.³²⁵

Machado de Assis também manejou sua pena para denunciar a violência da escravidão, e, em particular contra a criança escrava, como no conto *O caso da vara*, em que Machado se utiliza da sua literatura para denunciar a brutalidade da escravidão infantil:

Sinha Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a: - Lucrécia, olha a vara! A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos.³²⁶

Em outro conto clássico, *Pai contra Mãe*, o “bruxo das letras” usa todo o seu talento para demonstrar até que ponto o horror da escravidão poderia chegar. Quando esteve como funcionário público, em que tinha como tarefa pôr em prática a Lei do Ventre Livre, Machado

³²³ GONÇALVES, 2006, p.117.

³²⁴ FREYRE, 1933/2003, p. 419.

³²⁵ Idem.

³²⁶ O trecho foi retirado de: ASSIS, Machado de, 1839-1908. Páginas recolhidas/O caso da vara. São Paulo: Globo, 1997, p. 5 e 6, Obras completas de Machado de Assis.

buscou com afincos usar da sua função para que a lei tivesse alguma efetividade, como argumentou o historiador Sidney Chalhoub (2012) em sua obra *Machado de Assis, Historiador*.³²⁷

Tais tratamentos me fizeram pensar o quanto que criança escravizada e a criança desvalida internada em “instituições totais”, como asilos e internatos, vivenciaram realidades que se assemelhavam em alguns aspectos. Em carta escrita por mães reclamando ao imperador Pedro II sobre o tratamento recebido por seus filhos no Asilo dos Meninos Desvalidos de Vila Izabel, isto fica evidente:

Imperial Senhor. Venho aos pés do V.M.I. implorar que V.M.I lance as suas vistas para o Asilo dos Meninos Desvalidos de Vila Izabel que hoje são muito maltratados com rigorosos castigos, andam muito mal vestidos com roupa de algodão, servindo como presos da correição, além disso, comem uma comida do gênero mais inferior que pode haver, os castigos são bárbaros que até fecham os meninos dentro de um quarto e surram os pobres infelizes de correia. Além disso, quando os meninos da banda acabam de tocar dão-lhes um pão seco e ruim a cada um e nós, como mães, pedimos a Proteção e esperamos de V.M.I. esse ato de bondade e caridade. Nós, quando botamos nossos filhos lá, foi para eles terem educação, e não para servirem como negros escravos carregando pedras na cabeça. V.M.I. tenha compaixão daquelas infelizes crianças porque elas não são criminosas. E. R. Mce. Rio de Janeiro, de 1881.³²⁸

No que tange à denúncia de maus tratos, a carta é bem direta. Além de expostas a vários tipos de violência (inclusive, a violência do racismo), eram forçadas a exercer atividades que muitas vezes atendiam mais aos interesses de quem exercia o poder do que propriamente de quem o sofria. No caso da criança escrava, isso era inevitável, pois sua função era trabalhar para o seu dono. Em relação à criança internada, por sua vez, o aprendizado de determinados ofícios era realizado em face da crença de que, através de uma educação com disciplina e voltada para o trabalho, se estaria livrando tal criança de adentrar ao mundo da marginalidade.³²⁹ Mesmo para aqueles que cometiam delitos e eram

³²⁷ Neste sentido, a se considerar os argumentos de Sidney Chalhoub, seja enquanto literato ou enquanto funcionário público, Machado de Assis buscou a sua forma de ser antirracista. A este respeito, ver do mesmo autor, *Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis* (capítulo 4 do livro *Pensadores negros – Pensadoras negras* organizado por Chalhoub e Ana Flávia (2016). Isso também ocorreu com o professor Hemetério José dos Santos. Como argumento nesta tese, ele também buscou o seu modo de ser antirracista.

³²⁸ A respectiva carta encontra-se no artigo de Maria Zélia Maia de Souza (2009), *O aprendizado para o trabalho dos meninos desvalidos: nem negros escravos e nem criminosos* (disponível: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rce/issue/view/170>). A mesma carta também aparece em GONDRA E SCHUELER, 2008, p.117.

³²⁹ Para uma análise mais aprofundada desta discussão ver tese de doutorado de Marília Bueno de Araújo Ariza (2017). *Mães infames, rebentos venturosos: Mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX)*. Doutorado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São

aprisionados, o aprendizado de ofícios era visto como solução prevista nos regulamentos, a exemplo do Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção da Corte (1861), instituição criada no Império, face ao argumento do avanço da criminalidade que estaria ocorrendo na cidade do Rio de Janeiro.

Desta feita, vale dizer que a vinda da Família Real para o Brasil, a partir de 1808, e a Independência do Brasil, em 1822, desencadearam processos que contribuíram para o crescimento urbano de algumas cidades brasileiras. Como sede do governo imperial, o Rio de Janeiro foi uma das cidades onde mais se evidenciou o fenômeno da aglomeração urbana. O crescimento da cidade, por sua vez, foi acompanhado também pelo aumento dos problemas sócios econômicos que afetavam a população pobre.

Assim, no que diz respeito aos chamados “menores delinquentes”, incorporou-se às políticas para a infância pobre³³⁰ as chamadas “Casas de Correção”, as prisões da época para onde era enviado quem cometesse delitos.

A Casa de Correção da Corte teve sua criação em 1850 e foi concebida a partir da constituição de duas seções, uma voltada para atender os chamados de vadios, denominada de “correcional”; outra “criminal” para os condenados pela justiça.³³¹ Assim, antes da criação do Instituto de Menores da Casa de Correção da Corte (1861), crianças e adolescentes eram aprisionados juntos com adultos. Com a criação do Instituto, a casa chegou a receber, inclusive, crianças e adolescentes pobres que eram internados na instituição a pedido da própria família. Veja a seguir o trecho de uma carta enviada a “Majestade Imperial” por uma mãe que vivia na pobreza:

Aos pés do Trono de Vossa Majestade Imperial, vem humildemente prostrar-se Matilde Teresa de Jesus, viúva de José Manuel Vilela, cidadão brasileiro falecido há quase cinco anos; a qual achando-se em completa pobreza e sobrecarregada de dois filhos menores (um menino e uma menina) e não tendo meio de os educar convenientemente por falta de recursos (...); vem pedir a V. M. Imperial como primeiro Pai de todos os brasileiros a graça de mandar admitir no estabelecimento da Casa de Correção da Corte o menor Alípio José Manuel Vilela filho da Suplicante a fim de ser ali educado e seguir a arte ou

Paulo, 2017. A autora investiga os “arranjos” formais e informais de exploração do trabalho dos chamados “desvalidos” e dos filhos de mulheres pobres, antes e no pós-abolição.

³³⁰ Todavia, a política para infância tem um espectro mais amplo em termos de legislação, como afirma Irene Rizzini (2011) no texto *Crianças e menores – do Pátrio Poder ao Pátrio Dever – um histórico da legislação para a infância no Brasil*: “Em se tratando de legislação, é a criança-menor que protagoniza esta história – aquela que necessita de assistência e sobre a qual a sociedade precisa definir o campo das responsabilidades e sobre a qual a sociedade precisa definir o campo de possibilidades e das ações – caridade, filantropia, regulamentação de cunho social ou penal, assistência pública ou privada. Sobre quem recai a responsabilidade e o que deve ser feito? ‘Salvar a criança é defender a nação’ – foi este o lema que moveu ilustres brasileiros na passagem do XIX para o XX, a considerarem a infância como uma ‘magna causa’”. (Capítulo II, p. 98 – Livro *A arte de governar crianças* organizado por Irene Rizzini e Francisco Pilotti).

³³¹ Ver MAIA, Clarissa Nunes (org.). *História das Prisões no Brasil*, Volume I. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ofício para que tiver vocação e poder em qualquer tempo ser útil a sua Pátria e também ajudar a Suplicante, sua mãe, livrando-a de sofrer os rigores da miséria, que não se descuida de acompanhar a pobreza (...).³³²

Vários foram os exemplos de pedidos deste tipo às autoridades da época, não só em relação ao Instituto de Menores da Casa de Correção da Corte, mas também em relação às instituições correlatas. O conteúdo da carta deixa evidentes dois aspectos importantes que vão de certa forma nortear os fundamentos das propostas institucionais que se voltaram para o atendimento à infância desamparada. Por um lado, o apelo em função da condição econômica miserável; por outro, a crença de que a educação para o trabalho era o caminho para solucionar os problemas advindos da condição de pobreza. O Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção foi concebido dentro desta perspectiva.

O Decreto nº 2.745 de 13/02/1861 que criou o Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção da Corte foi constituído de 29 artigos. Nele pode-se conhecer a que público era destinado à instituição e que tipo de educação e funcionamento a mesma teria. Logo no artigo primeiro ficou estabelecida a divisão de duas seções que classificava o público atendido. Na primeira seção ficavam “os menores que forem presos pela Polícia por vadios, vagabundos ou abandonados”; além destes, a seção também era composta por aqueles “que por má índole não possam ser corrigidos por seus pais ou tutores, havendo pedido destes para a sua admissão”. A outra seção era destinada aos menores órfãos. Havia também uma divisão por idade (artigo segundo) correspondente aos menores de quatorze anos e aos de quatorze em diante.

O decreto também apresenta uma divisão dos internos em quatro classes (artigo terceiro) que expressava visão “hierárquica” a respeito do público atendido. A primeira classe era dos “Distintos”, formada pelos que tinham “bom comportamento moral, aplicação ao trabalho, o aproveitamento no ofício e estudos, os sentimentos religiosos e a docilidade de caráter”; a segunda era constituída pelos “Uteis”, ou seja, aqueles que fossem “aplicados” e aproveitassem os ofícios; os “Produtores” formavam a terceira classe, a qual pertencia os que não mostrassem o “devido adiantamento” para o trabalho; e, por fim, a classe dos “Aprendizes”, formada por todos que não fossem classificados nas anteriores. Os critérios de classificação expressavam os graus de possibilidade da utilização da mão de obra dos internos.

No tocante aos meios para manter a disciplina dos internados, além de “outros castigos”, fica evidente, ao se analisar o artigo 26 do referido decreto, o uso da divisão das

³³² Ver SOUSA, 1998, p.62 – SOUSA, Jorge Prata de (org.). *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ, 1998.

classes citadas no parágrafo anterior como forma de instrumento neste sentido. O artigo também explicita as perspectivas de inferioridade e superioridade entre as referidas classes.

Art.26. Como meio de correção dos menores, usará o Diretor da autoridade paternal. Entre outros castigos poderá o Diretor rebaixar o menor da classe superior por um prazo determinado, e definitivamente se o menor desmerecer do conceito em que for tido, mas neste caso será rebaixamento decidido pelo conselho que houver elevado o menor.³³³

Em termos de educação para o trabalho, o decreto previa a realização de oficinas diversas para o aprendizado de ofícios como “canteiros, correeiros, carpinteiros, encadernadores, ferreiros, funileiros, marceneiros, pedreiros, segeiros, serralheiros, tanoeiros” (artigo oitavo), e outras que por ventura o diretor do instituto achasse conveniente e fosse aprovado pelo governo (artigo nono). Era previsto também o ensino das “primeiras letras, o desenho, a música” e para os que estivessem acima dos 15 anos, “a ginástica” (artigo décimo).

A exemplo do que já existia na Casa de Correção destinada aos adultos, a ênfase no tocante a uma educação voltada para o aprendizado de determinados ofícios era reforçada pela perspectiva de utilização da mão de obra interna para trabalhos diversos, tanto em atendimento às demandas do governo, como o trabalho em construções, obras públicas, trabalhos urbanos e rurais; quanto para atender interesses de particulares poderosos. Assim, como nos informou Sousa (1998), “o aproveitamento de menores, vadios e mendigos, escravos, libertos e livres sentenciados foi uma constante nesta repartição do Ministério da Justiça”³³⁴. O mesmo autor sintetizou da seguinte forma a finalidade do Instituto de Menores da Casa de Correção da Corte: “A função do Instituto se cumpria de fato: adestrar mão de obra menor ociosa e fazê-la produzir; em seguida, distribuí-la aos vários órgãos ministeriais. O oferecimento dos serviços foi, posteriormente, complementado com oferta dos próprios menores para as oficinas e para batalhões das forças armadas”³³⁵. O Instituto de Menores da Casa de Correção não durou muito tempo, pois em 1865 foi extinto; no entanto, serviu como um dos modelos a ser seguido para o que veria depois durante a República.

Neste sentido, o contexto dos debates sobre a aprovação da Lei do Ventre Livre (1871) evidenciou esta articulação entre o futuro da criança escravizada e as políticas para a infância desvalida. Esse contexto, no entanto, é parte de um processo mais amplo que se iniciou, sobretudo a partir da proibição do tráfico de escravos.

Com o fim do tráfico externo de escravos, estabelecido pela Lei Eusébio de Queirós, em 1850, a questão do estatuto da mão de obra passou a ser ponto de discussão na sociedade

³³³ Decreto nº 2.745 de 13/02/1861.

³³⁴ SOUSA, 1998, p.59.

³³⁵ SOUSA, 1998, p.59.

da época. Esse debate foi inserido no contexto de discussão a respeito do fim da escravidão cujo projeto hegemônico foi aquele que previa o processo gradativo de término do escravismo.

A Lei do Ventre Livre, promulgada em 28 de setembro de 1871 (que estabeleceu a liberdade das filhas e filhos das escravas nascidos a partir da referida data), a Lei dos Sexagenários de 28 de setembro de 1885 (que libertou os escravos acima de sessenta anos) e a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888 (que oficializou o fim da escravidão no país), foram leis que se somaram à Lei Eusébio de Queirós, dando forma ao projeto da elite dominante de pôr fim à escravidão de modo gradual. Vale lembrar também que o Brasil foi o último país da América a pôr fim ao escravismo.

Uma das características do universo da criança escrava, como se viu anteriormente, era a orfandade em função das mortes dos pais, por força da violência da própria escravidão, o que indicava que, ao se tornar livre por força da nova lei, a criança sem os pais saía da condição de escravizada para órfã. Considerando que a política de estimular a criação de asilos, institutos, internatos, escolas e casas de correção era uma forma de absorver a demanda da infância pobre, abandonada, desvalida e órfã, percebe-se, assim, a expansão de instituições voltadas para o referido público por várias partes do território brasileiro. Só no município da Corte foram criadas as seguintes instituições após a promulgação da Lei do Ventre Livre: Orfanato Santa Maria (1872), Escola de Aprendizes de Marinheiro (1873), Asilo de Meninos Desvalidos (1875), Asilo Nossa Senhora de Nazareth (1877), Asilo Santa Maria (1877) e Casa São José (1888).³³⁶ A República, quando veio, deu continuidade a esse processo, ao mesmo tempo em que intensificou a participação do Estado como protagonista das políticas públicas para a infância pobre. Mas é importante destacar que o aumento do debate sobre a educação das crianças pobres e desvalidas após a promulgação da Lei do Ventre Livre não se deu, propriamente, pela eficácia da referida lei, pois, como bem argumentou Irma Rizzini (2004), a grande parte dos escravocratas preferiu explorar o trabalho dos nascidos depois da lei até os 21 anos, ao invés de entregá-los ao Estado perante indenização, como previa esta lei:

Ocorreu justamente o oposto, devido às próprias características da Lei do Ventre Livre, assaz benevolente com os proprietários de escravos, acabando por favorecer a exploração do trabalho dos nascidos livres até os 21 anos. Poucos optaram por entregar as crianças ao Estado mediante indenização, devido à falta de mão-de-obra ocasionada pela proibição do tráfico vinte anos antes. No Brasil todo, cerca de 113 crianças foram entregues até 1885, o que não justificou aumentar ou manter o apoio às instituições de formação

³³⁶ GONDRA e SCHUELER, 2008, p. 121-122.

profissional, agrícola e/ou industrial. As instituições disponíveis para receberem ingênuos atenderam quase que somente crianças livres desvalidas.³³⁷

Entretanto, como já destacou Sousa (1998), não se deve esquecer que essa política foi posta em prática também como forma de controle e uso da mão de obra da infância pobre para o exercício de determinadas funções importantes para a sociedade da época, tais como: preparar para o trabalho doméstico (infância feminina), o trabalho em serviços urbanos, trabalhos agrícolas, em caldeiras etc. No que tange a este ponto, José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler (2008) esclarecem os meandros da política e da conjuntura da época:

A difusão dos saberes elementares e aprendizagem de ofícios manuais, ligados a postos nas manufaturas, indústria, comércio e oficinas, parece ter sido uma fórmula amplamente difundida no Ocidente, marcando experiências no velho e no novo mundo, nas metrópoles e jovens nações. Até hoje esta é uma fórmula acionada para lidar com a inclusão regulada de crianças e jovens pobres na sociedade. Com esta estratégia, evitam-se os perigos representados pela população posta à margem e, ao mesmo tempo, abastece os postos de trabalho com uma 'gente' minimamente capacitada e disciplinada, cabendo ao mundo do trabalho dar sequência ao controle iniciado na casa e na escola. Neste sentido, as autoridades competentes e o universo da filantropia percebiam os asilos como uma forma de assistência social, mas também como medida de controle social, posto que, frequentemente, a população pobre e desassistida foi representada sob adjetivos de 'arruaceira, capoeira e delinquente'. Deste modo, ao combinar rudimentos de instrução com aprendizagem profissional, assistiam, controlavam o mundo do 'desordem' e, por tabela, ofereciam uma mão-de-obra minimamente disciplinada, qualificada e, sobretudo, farta e barata. Educados nestes termos, estariam sendo 'úteis a si e a sua pátria'.³³⁸

O quadro acima traçado por José Gondra e Alessandra Schueler (2008) abarca algumas das possibilidades de instrução e educação de boa parte da infância negra e pobre da época. De certo modo, em termos de ideário dominante da política educativa imperial, analisada pelos autores no livro *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*, os educadores que se envolveram no processo de escolarização primária foram participantes desta política hegemônica. Hemeério José dos Santos, como filho de seu tempo, não fugiu a esta regra. Desta feita, o seu *Livro dos meninos*, além de exaltar, como vimos antes, a Lei do

³³⁷ RIZZINI, Irma. *O cidadão polido e o selvagem bruto: A educação dos meninos desvalidos na Amazônia imperial*, 2004, p. 189. Discussão baseada no artigo FONSECA, Marcus Vinicius. *A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição do trabalho escravo no Brasil*. *Educação em revista*, Belo Horizonte, n. especial, 95-119, set/2000.

³³⁸ GONDRA E SCHUELER, 2008, p. 107-108.

Ventre Livre³³⁹, apresentou ênfase no aspecto de valorizar a instrução e o trabalho. O texto que o professor escreveu sobre o tema do trabalho evidencia esta articulação entre trabalho e instrução. Vai a seguir:

O Trabalho

O trabalho é tão necessário, meus meninos, como a alimentação.
Ele é uma lei que regula a nossa existência.

O homem que não trabalha é indigno da consideração de quem quer que seja.

A mulher que não trabalha está sujeita a cair em um estado de negligente aborrecimento e inutilidade, acompanhado de dores de cabeça e ataques de *nervos* (grifo de Hemetério).

O trabalho é salutar tanto para o corpo, como para o espírito.

O trabalho é o unico meio de conseguir a felicidade, e só é feliz o homem que trabalha.

Rico ou pobre, homem ou mulher – todos devem trabalhar.
O trabalho é tão necessário como o ar que respiramos.

A vida sem instrução, meus meninos, é a morte, e só pelo trabalho é que podemos adquirir o saber.

Trabalhai, pois, meus meninos, e tende sempre em vista que não ha trabalho algum que avilte o homem.
Todo o trabalho foi instituido por Deus; por Deus que mesmo castigando foi bom e amavel.

Seja a vossa divisa o TRABALHO (grifo de Hemetério).³⁴⁰

Antes de qualquer coisa, convém esclarecer sobre o tratamento utilizado em relação à categoria do trabalho. Desta feita, vale destacar que, ao me referir a esta categoria, tomo como referência a abordagem teórica de Marx:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, a eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.³⁴¹

Articula-se a esta ótica, às referências teóricas de Thompson, já indicadas nas *Considerações Iniciais*. Na perspectiva teórica deste autor, não cabe o ponto de vista simplista

³³⁹ Como já abordado no primeiro capítulo, outra forma que Hemetério se utilizou para exaltar a referida Lei foi destacar a importância da atuação de José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, que levou a cabo a aprovação da Lei do Ventre Livre. Ver páginas 51 e 52 do *Livro dos meninos*.

³⁴⁰ Ver *Livro dos meninos* de Hemetério José dos Santos, 1881, p. 77-78.

³⁴¹ MARX, 2013, p. 120.

e reducionista de olhar para o trabalho apenas a partir do aspecto econômico. Neste sentido, ao pensar sobre a relação entre “base” e “superestrutura” e refletir a respeito da dimensão da luta no contexto social, escreveu Thompson:

A transformação da vida material determina as condições dessa luta e parte de seu caráter, mas o resultado específico é determinado apenas pela luta em si mesma. Isso significa que a transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma “superestrutura” correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas ideias e valores e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas.³⁴²

Feito este esclarecimento, convém agora analisar o texto de Hemetério no que tange a questão do trabalho. De imediato, percebe-se que a compreensão que o professor apresenta sobre o tema do trabalho, resguardadas as devidas diferenças³⁴³, se aproxima, em alguns aspectos, daquilo que Marx escrevera sobre esta categoria na passagem destacada acima. Para Marx, o trabalho é “uma condição de existência do homem”. Natural e eterna necessidade “da vida humana”. Hemetério, por sua vez, afirma que o trabalho “é tão necessário” quanto à “alimentação” e ao “ar que respiramos”. Para o professor, o trabalho “é uma lei que regula a nossa existência”.

Depois de atribuir ao trabalho condição vital para a vida do ser humano, uma vez que é algo “salutar tanto para o corpo, como para o espírito”, assim como “único meio de conseguir felicidade”, Hemetério argumenta, em face dos benefícios do trabalho, que todos “devem trabalhar”: o homem, a mulher, o rico e o pobre. Para ele, o homem se torna uma pessoa indigna se não trabalhar. A mulher, por sua vez, cai em estado de negligência, tornando-se aborrecida e inútil.³⁴⁴ Assim, nesta parte do texto, Hemetério busca convencer os estudantes a respeito de dois aspectos que são, segundo ele, inerentes ao tema do trabalho. Por um lado, algo positivo, natural, necessário e benéfico para quem o exerce; por outro, algo negativo, ruim e problemático para quem não o exerce. O objetivo deste tipo de discurso é, obviamente, usar o poder de convencimento do ofício de professor para incutir na consciência da garotada, o valor pelo trabalho.

Mas, na segunda parte do texto, Hemetério introduz outro elemento importante. Ou seja, ele associa a ausência de instrução à “morte”: “A vida sem instrução, meus meninos, é a

³⁴² THOMPSON, 2001, p. 263.

³⁴³ Por exemplo, Marx aborda o aspecto explorador que envolve o processo do trabalho, sobretudo, no capitalismo. Hemetério passa bem longe disso, pelo contrário, para ele o trabalho é uma coisa tão boa que chega a ser “divina”.

³⁴⁴ Considerando que muitas mulheres que trabalhavam fora também faziam os trabalhos de casa, Hemetério não esclarece esta distinção.

morte, e só pelo trabalho é que podemos adquirir o saber”. Assim, trabalho e instrução aparecem no texto de Hemetério de modo articulado, como fontes fundamentais para a vida. Neste sentido, não foi à toa que Hemetério lembrou, no *Livro dos meninos*, da importância do trabalho do arquiteto e professor Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831 – 1911), que projetou o Liceu de Artes e Ofícios³⁴⁵. Escreveu Hemetério: “O Lyceo de Artes e Officios é um estabelecimento de instrução para as classes pobres, deserdadas de fortuna e de proteção. As suas aulas foram abertas pela primeira vez a 9 de janeiro de 1858”. Em outra passagem: “Elle (o Liceu) é, meus meninos, o mais importante estabelecimento de instrução publica gratuito da capital do Imperio”.³⁴⁶

Para reforçar a ideia de positividade de qualquer trabalho, ele conclui seu texto afirmando que não existe trabalho que “avilte o homem”, e que o mesmo “foi instituído por Deus”. Ao final do texto, consta uma ilustração com trabalhadores homens exercendo atividades produtivas.

Em outras partes do livro, Hemetério inclui abordagens que buscam reforçar a importância do trabalho na vida das pessoas, a exemplo dos atributos da “mulher forte” e dos elogios que ele desenvolve sobre “A formiga”, título do texto que fica na parte do livro dedicada a “Legenda dos animais”. O texto vai a seguir:

A formiga

A formiga, meus meninos, é o mais inteligente dos insectos.

Ella sabe criar seus filhinhos, põe-lhes o alimento na boca e os cerca de uma solicitude intelligente e incessante, mudando-os de um lugar para outro conforme a temperatura.

O que faz com que a formiga seja o mais inteligente dos insectos é seu instinto social.

O trabalho entre estes pequenos animaes é um dever, ainda mais, uma religião.

A formiga completamente livre, emancipada de todo constrangimento, de modo proprio pratica o trabalho sem ter chefes nem superiores.

A qualquer hora uma formiga está sempre prompta a sacrificar sua vida em bem de sua republica, em bem de sua pátria.

Um menino deve ser tão ou mais trabalhador do que a formiga.

³⁴⁵ Ao término da guerra contra o Paraguai, D. Pedro II “pediu a seus súditos e concidadãos que construíssem escolas primárias nas Províncias do Império” (MARC CORD, 2009, p. 267), pois, “esta seria a maneira mais conveniente de a nação comemorar a vitória brasileira” (MARC CORD, 2009, p. 267) na referida guerra, afirma o historiador Marcelo Marc Cord (2009) no início do capítulo quinto de sua tese de doutorado, *Andaimos, casacas, tijolos e livros: Uma Associação de Artífices no Recife, 1836 - 1880*. Neste sentido, o historiador argumenta que este “apelo” do Imperador foi um estímulo que contribuiu para a proposta de se criar escolas voltadas à “instrução” e à “profissionalização” de setores populares, a exemplo do que foi o Liceu de Artes e Ofícios. Como afirma Marc Cord, “depois do apelo de D. Pedro II, muitos representantes das elites letradas e proprietárias escolheram os liceus de Artes e Ofícios como espaços privilegiados para a ‘moralização’ e o ‘aperfeiçoamento’ do cada vez maior contingente populacional urbano, livre e pobre” (MARC CORD, 2009, p. 274). Percebe-se, portanto, que através das passagens destacadas do *Livro dos meninos*, Hemetério alinhou-se a esta política.

³⁴⁶ Ver páginas 30, 31 e 32 do *Livro dos meninos*.

O trabalho, meus meninos, não é um castigo, como pensam os preguiçosos, é uma necessidade tão imperiosa como o ar que respiramos.
É bonito trabalharem todos no universo e só o menino ser preguiçoso? Não.
O trabalho é lei universal.³⁴⁷

Hemetério se apoia na metáfora da formiga (o inseto que muito trabalha) para incutir na mente dos alunos o valor pelo trabalho. A operação que ele realiza é interessante, pois parte do pressuposto de que o trabalho é atributo dos mais inteligentes. Como a formiga é uma excelente trabalhadora, Hemetério a transforma no “mais inteligente dos insetos”. Além disso, o valor que Hemetério atribui à formiga incorpora a ideia de que ela trabalha não só para si, mas para a coletividade, no sentido de que ela se torna uma pessoa útil à sua sociedade, ou seja, ao formigueiro. No entanto, o texto de Hemetério sugere aos alunos que o tal formigueiro não é somente a comunidade das formigas. É, na verdade, a “república” ou a “pátria” das formigas. E como o texto do professor induz ao estudante entender que ele deve ser “tão ou mais trabalhador do que a formiga”, deduz-se que a metáfora utilizada se enquadra no propósito de convencer ao estudante de que é através do trabalho que ele se tornará um cidadão útil à nação. Neste texto, como no anterior, ele volta a afirmar o trabalho como algo vital feito “o ar que respiramos”. Uma espécie de “lei universal” que não tem nada a ver com castigo, como dizem, segundo ele, os “preguiçosos”. Preguiçosos esses que, possivelmente, de acordo com o raciocínio de Hemetério, devem admirar mais a “cigarra”, aquela que gosta de cantar, apesar do professor não ter tratado deste outro inseto que, na linguagem popular, faz o contraponto com a formiga, que só pensa em trabalhar. Mas, de acordo com o compositor Raul Seixas, “a formiga só trabalha porque não sabe cantar”. Brincadeiras à parte, penso que a abordagem que o professor Hemetério faz no texto sobre a formiga se enquadra na cultura política da época que via na disciplina e na educação para o trabalho, a solução possível para a infância pobre, “desvalida” e “delinquente”, como visto anteriormente.

O tema do trabalho também aparece quando Hemetério trata o tema da mulher. Ele trabalha a questão em dois momentos, no texto que tem o título “A mulher”, e outro cujo título é “A mulher forte”. No primeiro, a ênfase é dada aos atributos propriamente femininos, no sentido de ser, segundo ele, “nossa mãe, nossa irmã e nossa esposa”.³⁴⁸ No segundo, argumenta sobre a força da mulher para o trabalho.³⁴⁹ É no primeiro texto que ele desenvolve mais o pensamento sobre as diferenças entre os sexos masculino e feminino. Diferenças essas que são, sobretudo, “físicas” e não “morais”. Hemetério inicia o primeiro texto afirmando:

³⁴⁷ Hemetério José dos Santos, *Livro dos meninos*, 1881, p. 93-94.

³⁴⁸ Idem, p. 44.

³⁴⁹ Idem, p. 53 a 55.

“Todos nós, meus meninos, devemos amar e respeitar a mulher”.³⁵⁰ Lá pelo meio do texto ele escreve: “Nem um homem deve se julgar superior á mulher. O homem e a mulher são companheiros e iguaes”.³⁵¹ Por tratar-se de alguém muito religioso, em ambos os textos, ele se apoia em preceitos cristãos para tratar do tema da mulher. Como é um homem do século XIX, mantém o enfoque da época de ver a mulher como sendo mais “coração” e o homem mais “cérebro”.

Ao tratar sobre “os surdos mudos”, destaca o ensino no Instituto Benjamin Constant e exalta, mais uma vez, a articulação da instrução com o trabalho: “Estes pobres meninos são mudos, porque não ouvem; são surdos de nascença. Aprendem a ler, escrever, contar, principios de historia e geographia, e alguns ha, meus meninos, que, com doze annos, já sabem um officio e têm um pequeno pecúlio!”³⁵² Ele volta a dar ênfase à importância do estudo quando trata das “Maximas dos sete sábios da Grecia”: “A felicidade do corpo consiste na saude, e a do espirito no saber”³⁵³; “Procura instruir-te enquanto viveres”.³⁵⁴ Nestas mesmas “Máximas”, ele assume um discurso de resignação e resiliência ao afirmar que “o mais infeliz dos homens é aquelle que não sabe suportar a desgraça”.³⁵⁵ Apesar das “Máximas” serem supostamente gregas, o parâmetro deste tipo de discurso talvez tome como referência a trajetória de vida de Jesus Cristo.

Neste sentido, no que diz respeito ao tema da religião propriamente dito, o assunto atravessa vários textos, e em alguns ele trata diretamente, a exemplo dos textos sobre “Deus” e “Religião”. O “Deus” que Hemetério exalta no texto é o Deus do Cristianismo. Ele ensina seus estudantes a “amar Deus acima de tudo, mais ainda que a nossos Paes, pois Elle é o creador de tudo quanto possuimos e gozamos, neste mundo”³⁵⁶, e complementa, “Deus nos creou para fazernos seus filhos”³⁵⁷. Por conseguinte, a abordagem que ele apresenta no texto “Religião” acompanha a perspectiva de valorizar a religião cristã.

Hemetério começa distinguindo a religião politeísta da monoteísta: “O polytheismo ou religião de muitos deuses é a professada pelos barbaros pagãos”³⁵⁸; “Monotheismo é a religião dos povos civilizados que racionalmente attribuem a criação de todos os seres a um

³⁵⁰ Idem, p. 44.

³⁵¹ Idem, p. 45.

³⁵² Idem, p. 86-87.

³⁵³ Idem, p. 67.

³⁵⁴ Idem.

³⁵⁵ Idem, p. 68.

³⁵⁶ Idem, p. 71.

³⁵⁷ Idem.

³⁵⁸ Idem, p. 83.

só Ente”³⁵⁹. O professor, portanto, reproduz a ideia que atribui à religião de um único deus como sendo a mais civilizada. Ao mesmo tempo, ele articula esta ideia à teoria criacionista, e o faz destacando o fato de que tal articulação seria produto da razão.

No texto, Hemetério não aborda o fato de que, além do cristianismo, judaísmo e islamismo também seriam religiões monoteístas. Seu procedimento em seguida foi tratar apenas do cristianismo e da saga de Jesus:

A nossa religião christã é monotheista. O christianismo é a doutrina de Jesus Christo, que os apóstolos e os martyres espalharam desde a Judéa seu berço, por todo o mundo. Em virtude de sua infinita bondade, Elle ofereceu-se aos mais duros sacrificios para resgatar nossos peccados. Justo e Santo soffreu os maiores tormentos e affrontas dos Judeus, tudo pelo nosso amor; até a mais ignominiosa morte – pregado n’uma cruz. Devemos pois, meninos, consagrar-lhe todo nosso affecto e veneração em gratidão pela Sua Divina misericordia.³⁶⁰

Hemetério se apoia no enfoque do humanismo cristão ao tratar do tema da religião cristã, religião oficial do Império. Vale dizer neste sentido, há indícios da sua proximidade com anarquistas cristãos. Fábio Luz (1864-1938) e Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914), por exemplo, propagandistas de ideias do anarquismo cristão³⁶¹, eram amigos e admiradores de Hemetério. Ao primeiro, o professor entregou a carta em que fez críticas contundentes a Machado de Assis após a morte do presidente da Academia de Letras. Ao segundo, escreveu uma carta que foi publicada como livreto, *Ensino Municipal*, no ano de 1909. Veremos mais adiante que Hemetério faz referência à “anarquia cristã” na obra *Pretidão do amor*.

Voltando ao *Livro dos meninos*, ao exaltar figuras históricas como “Caxias”, Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), o Duque de Caxias³⁶² e “Osório”, Manuel Luís Osório (1808-1879), o Marquês do Herval, percebe-se o apreço de Hemetério pelo papel do Exército na Guerra do Paraguai e na integridade do território brasileiro durante o Império. Ele também

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ Idem.

³⁶¹ Ver artigo de Gustavo Ramus, *Anarquismo cristão e sua influência no Brasil*, 2008, p. 173.

³⁶² Presenciei um acontecimento marcante que envolvera o Busto de Caxias localizado próximo à Central do Brasil. No dia 11 de maio de 1988, dia em que o Movimento Negro do Rio de Janeiro realizou a Marcha “Nada Mudou. Vamos Mudar”, em protesto contra a “farsa” da Abolição, que neste ano completara 100 anos, o Exército brasileiro e a Polícia Militar foram às ruas impedir que os participantes da marcha passassem em frente ao Panteão de Caxias sob a alegação de que haveria um desagravo ao símbolo maior do Exército. Participei intensamente da organização desta Marcha e nada neste sentido foi tratado. Esta ação intempestiva do Comando Militar do Leste teve como consequência não só o impedimento de que os participantes seguissem adiante no trajeto, também contribuiu para que a Marcha repercutisse na imprensa nacional e estrangeira. Para conhecimento sobre o que foi este episódio ver dissertação de mestrado de Rodrigo Bueno de A breu (2015), *A Marcha contra a Farsa da abolição na transição democrática brasileira*. Ver também depoimentos de militantes do movimento negro no livro organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira (2007), *Histórias do movimento negro no Brasil*.

chegou a atacar o governo no período colonial, ao tratar sobre o “Passeio Público”: “O povo naquele tempo soffria muita oppressão e despotismo do governo! Era tempo do governo absoluto: do governo do *mando e quero*” (grifo de Hemetério) ³⁶³.

Outros assuntos e episódios históricos foram abordados, inclusive, o tema das “raças”, que será tratado, como já informado antes, na parte referente à análise que faço do antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério José dos Santos.

No ponto em que analiso a relação de Hemetério com a causa abolicionista, vou retomar a informação de que o *Livro dos meninos* fora doado pelo professor para a Escola conhecida como “Quilombo da Cancela”, escola esta que teve o apoio da Caixa Emancipadora de José do Patrocínio, antes, porém, convém tratar de outra jogada de mestre: o seu casamento com Rufina.

2.3 – Hemetério e o casamento com Rufina Vaz de Carvalho, neta do editor e tipógrafo negro Francisco de Paula Brito.

O casamento de Hemetério José dos Santos com Rufina Vaz de Carvalho, como bem informou a pesquisadora Luara dos Santos Silva³⁶⁴, foi divulgado pelo jornal *O Apóstolo* na data de 30 de dezembro de 1885. O jornal noticiou que o matrimônio do casal ocorrera cinco dias antes, em 25 de dezembro, na Capela Imperial. O referido jornal é um periódico da religião católica que trata de assuntos pertinentes aos seguidores do catolicismo, assim como divulga eventos e “expedientes do Bispado”, como os casamentos de vários casais, dentre estes o de Hemetério e Rufina. Interessado em conhecer um pouco mais sobre a família daquela que se tornara a esposa do professor Hemetério, pesquisei em periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional outras informações que me dessem pistas sobre a família de Rufina. Desta feita, fui surpreendido ao ler uma longa matéria intitulada “O marido de Carolina e D. Lucia (A propósito de um livro sobre Machado de Assis – João Lyra Filho)”, escrita pelo jornalista paraibano João Lyra Filho³⁶⁵ e publicada no periódico *O Jornal* em 21 de fevereiro de 1937.

Ao fazer comentário crítico a respeito de um livro de Lucia Miguel Pereira sobre Machado de Assis, João Lyra faz referências ao professor Hemetério lembrando o episódio

³⁶³ Hemetério José dos Santos, *Livro dos meninos*, 1881, p. 35.

³⁶⁴ Ver SILVA, 2015, p. 115.

³⁶⁵ Também foi jurista, reitor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e presidente do Botafogo de Futebol e Regatas nos primeiros anos da década de 1940. Nasceu em 24.04.1906 e faleceu em 30.11.1988.

em que o professor fez críticas muito duras ao Bruxo das Letras. Lyra, por sua vez, apresenta uma pista sobre a ascendência familiar de Rufina. Vejamos o trecho:

(...) Não sei se Machado de Assis era moleque do morro, moleque de rua ou moleque de salão, e duvido até que tenha sido tímido, como, de resto, se traça no fundo da sua psychologia menos versátil. “Moleque de morro”, como está escripto á pagina 189, não parece certo que tenha sido o grande mestre. Na realidade, ele era mulato, bem mulato, e porque fosse pobre, nascido de paes sem situação, nunca obteve, quando menino, uma escola de educação, vivendo a vida humilde e precaria de todos os destinos pobres que não encontram elemento de organização. Esse esclarecimento, além de figurar nos livros anteriores sobre Machado de Assis, inclusive os de Pujol e Alcides, é, ainda hoje, ratificado pelo depoimento daqueles que alcançaram o convívio do Mestre, inclusive os que possuem sobre ele motivos de reserva. O professor Hemeterio dos Santos, a esse respeito, é uma autoridade que não merece contestação. Certa feita, celebrou-se uma homenagem a Machado de Assis, logo depois da sua morte. Todos teceram epinícios á gloria do poeta, entoaram euges e dythirambos ao romancista, cantaram lóas, renderam hosanas, ao portico da sua gloria, menos o professor Hemeterio, presente á solenidade. Fábio Luz o interpellára sobre sua esquivança, dado que o seu conhecimento directo com o homenageado seria razão, ainda maior, para uma revelação de solidariedade. Hemeterio, entretanto, lhe teria dito que dissentia daquellas manifestações por motivos íntimos a que não era estranha uma nota de ingratidão da psychologia daquele. **O romancista fôra mimado pela sympathia de Paula Brito, parente bem proximo da mulher do professor Hemeterio** (grifo meu), e a sogra deste, muito pobre, no fim da vida, por varias vezes, mandára o genro á procura do romancista, em boa situação official, já na Republica, o qual nunca se animou a estender a mão amiga para o infortunio daquelles que tanto lhe haviam valido na hora da desgraça. Fabio Luz indagára do professor se este seria capaz de resumir as suas impressões pessoaes sobre Machado de Assis, empreitada a que não se furtou o velho cathedratico do Collegio Militar, conforme se lê em artigo enfeixado numa publicação do tempo e posteriormente reproduzido noutra folha do gênero (...).³⁶⁶

Sem querer entrar aqui no mérito entorno do entrevero ocorrido entre Hemetério e Machado, o morto, uma vez que o episódio polêmico, por si só, já repercutiu bastante; e sem me ater ao conteúdo propriamente dito do texto que João Lyra escrevera na matéria, causou-me surpresa a passagem grifada por mim acima em que Lyra afirma com todas as letras que Francisco de Paula Brito, mais conhecido por Paula Brito, fora “parente bem próximo da mulher do professor Hemetério”. Ora bolas! Ser parente de Paula Brito não me parece algo que possa passar despercebido, pois, em sendo de fato verdade, estamos falando de uma das pessoas negras mais influentes e importantes da Corte imperial até pelo menos a década de 1860. Depois da euforia, a prudência. Era preciso ir à busca de outras evidências para além da pista que o botafoguense João Lyra jogara em meu caminho de pesquisador.

³⁶⁶ *O Jornal*, 21.02.1937, p. 03, edição 05426-1.

Recorri, então, aos arquivos do Centro de Memória do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, instituição em que se pode encontrar documentos históricos do próprio Instituto, assim como da antiga Escola Normal da Corte e da Escola Normal do Distrito Federal. E foi assim que tive acesso à ficha de matrícula/histórico escolar de Rufina, documento cuja fotocópia vai logo a seguir:

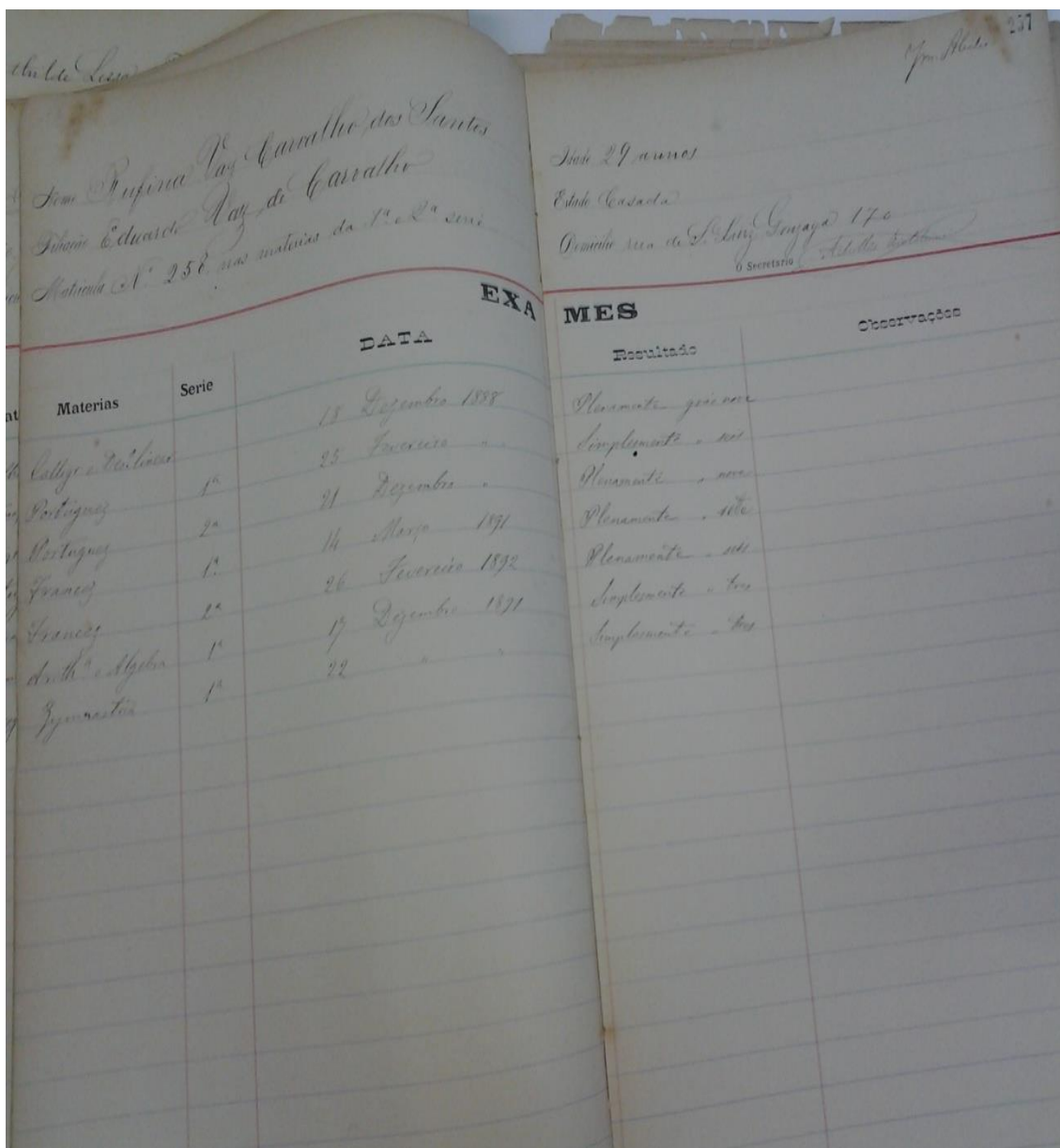


Figura 8: Matrícula de Rufina Vaz Carvalho dos Santos na Escola Normal da Corte (Fonte: CMEB/ISERJ)

O documento acima me possibilitou ter conhecimento sobre o nome do pai de Rufina: Eduardo Vaz de Carvalho. Além disso, o nome da estudante que consta é Rufina Vaz

Carvalho dos Santos, portanto, o nome de casada de Rufina. Em relação aos exames das disciplinas que ela fez, estes aparecem entre os anos de 1888 a 1892. Ou seja, é possível supor que ela tenha se matriculado na Escola Normal da Corte depois que se casara com Hemetério, uma vez que o casamento se deu no ano de 1885. Com o nome do pai de Rufina na memória, fui conhecer mais sobre Paula Brito através da leitura do capítulo primeiro do livro *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*, organizado por Sidney Chalhoub e Ana Flávia Magalhães Pinto (2016).

Além de editor, tipógrafo e livreiro, Paula Brito foi também poeta e político. O pesquisador Rodrigo Camargo de Godoi, estudioso da trajetória de Paula Brito, informa no capítulo *Cor e Política no Segundo Reinado: Editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro - 1840/1850*, que a Empresa Tipográfica Dous de Dezembro em 1853, de propriedade do editor negro, era “talvez o maior empreendimento gráfico até então visto no país”³⁶⁷. Em função disso, Godoi chegou a comparar Paula Brito, “a uma espécie de Barão de Mauá do ramo gráfico”³⁶⁸. Com base em informações do periódico editado no Rio de Janeiro de língua francesa, *Courrier du Brésil*, o pesquisador informa que o estabelecimento de Paula Brito “possuía diferentes departamentos, como o de impressão e encadernação, 13 prelos e empregava entre 30 e 40 operários brasileiros e franceses”³⁶⁹.

Godoi informa também que Eduardo Vaz de Carvalho é “marido da filha caçula de Paula Brito”³⁷⁰. O mesmo nome que aparece como pai de Rufina no documento referente à matrícula na Escola Normal da Corte. Apesar do documento não se referir ao nome da mãe de Rufina, o cruzamento das informações comprova o parentesco direto da esposa de Hemetério com o importante editor negro. Hemetério não chegou a conhecê-lo, pois o editor falecera em 1861. Não foi possível identificar as circunstâncias que fizeram Hemetério se aproximar de Rufina. O fato, porém, de saber que ela era neta de alguém como Paula Brito, pode ter sido um elemento a mais a alimentar a aproximação entre os dois. É certo, no entanto, que o magistério foi um meio que consolidou o encontro destes dois, já que, no início da carreira de professor particular, Hemetério teve que ministrar aulas em casa com a ajuda de Rufina.

A pesquisa para conhecer mais sobre Rufina prosseguiu e uma fonte jornalística da década de 1950 veio não só a confirmar a informação de que ela era neta de Paula Brito, como

³⁶⁷ GODOI, 2016, p. 19-20 – GODOI, Rodrigo Camargo de. *Cor e Política no Segundo Reinado: Editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro - 1840/1850*. IN: CHALHOUB, Sidney & PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Orgs.) *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Recôncavo Baiano: UFRB, 2016.

³⁶⁸ Idem, p. 20.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ Idem, p. 29.

também revelou aspectos importantes da sua biografia. A matéria foi publicada no Segundo Caderno do *Jornal do Brasil* de 26 de fevereiro de 1956 (p. 1 e 2), na coluna “Nossas Mestras”, quatro anos depois do seu falecimento, e foi assinada pela articulista Mariza Lira (1899-1971)³⁷¹.

O texto, “Professora Rufina Vaz de Carvalho Santos”, que se constitui numa pequena biografia da referida educadora, apresenta foto de perfil de Rufina como se pode ver abaixo:



Figura 9: Rufina Vaz Carvalo dos Santos³⁷²

³⁷¹ Em relação à Mariza Lira, José Geraldo Vinci de Moraes (2006), através do artigo *O Brasil sonoro de Mariza Lira*, escreveu: “Professora e diretora escolar, Mariza Lira se tornou reconhecida folclorista, sobretudo da cultura e costumes do Rio de Janeiro. Integrante da comissão nacional do folclore e também a do estado fluminense, foi defensora intransigente da cultura nacional e militante ativa, organizando exposições, compilações e cursos, escrevendo livros, textos para a imprensa” (MORAES, 2006, p. 31). Entre os anos de 1955 e 1956, Mariza Lira assinou a coluna “Nossas Mestras”, em que homenageou dezenove professoras do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Foram vinte artigos publicados nesta coluna, o primeiro tratou, no entanto, do educador suíço Henrique Pestalozzi (1746- 1827). Os demais abordaram dados biográficos das seguintes professoras: Olimpia do Couto, Virginia Pinto Cidade, Alina Fortunato de Brito, Tadea Fidelina da Silva, Laura da Silva Costa, Luiza de Lira e Oliveira, Guilhermina Barradas, Alba Cañizares Nascimento, Amélia Dias da Cruz Rocha, Narcisa Amália Campos, Zulmira Miranda, Gertrudes Binou – D. Tudinha, Rufina Vaz de Carvalho dos Santos, Valentina Martins de Figueirredo, Hortência de Miranda Rodrigues, Maria Luiza Paruolo, Maria Luiza Desray, Maria do Carmo Vidigal de São Payo e Leonor do Rêgo Marins Costa.

³⁷² *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, edição 00046(3), p.1 (folha 17).

Percebe-se, em comparação com o documento encontrado no Centro de Memória do Instituto de Educação, uma pequena divergência em seu nome, pois no documento do Centro de Memória consta “Rufina Vaz Carvalho dos Santos”.

Mariza Lira inicia destacando um aspecto importante: “A biografada de hoje descende de dois nomes brilhantes, que se destacaram pelo muito que fizeram em prol da educação infantil e da literatura do Brasil”. Na sequência do texto, a autora cita nomes e informações relevantes que vão descortinando a ascendência e a vida da biografada:

Além disso, o nome da professora Rufina Vaz de Carvalho Santos sugere uma figura muito popular no magistério, o Professor Hemetério José dos Santos, da Escola Normal, com quem se casou mais tarde. D. Rufina nasceu no Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Conceição de Macabu, a 8 de Dezembro de 1861. Era filha do comerciante Eduardo Vaz de Carvalho, da família do grande pedagogo Felisberto de Carvalho autor da série de cinco livros de leitura, nos quais estudaram os brasileiros que estão envelhecendo. A mãe, D. Alexandrina Brito Vaz de Carvalho era filha de Paula Brito – Francisco de Paula Brito, o famoso proprietário da livraria-tipografia da Praça Tiradentes, depois da Constituição, hoje Praça da Independência.³⁷³

Mariza Lira sinaliza para a popularidade que o nome do professor Hemetério adquiriu no âmbito do magistério. Popularidade esta que foi obtida em função do saber e respeitabilidade que ele conquistou, em face da presença regular de seu nome nos jornais da cidade, de seus artigos e cartas publicadas, das polêmicas com outras figuras públicas, da participação em eventos e, até mesmo, em função da reação dos racistas de plantão.³⁷⁴ A autora informa também que Rufina nasceu três anos depois do nascimento de Hemetério, o que significa que ambos eram da mesma geração e no ano do casamento de ambos (1885), o marido estava com 27 anos de idade e a esposa com 24. O ano de nascimento da professora coincide com o ano de morte de seu avô Paula Brito, em 1861. Depois de oito dias de nascida, o avô falecera. Talvez por isso os pais, Eduardo Vaz de Carvalho e Alexandrina Brito Vaz de Carvalho, tenham dado a ela o nome de Rufina, em homenagem a avó, viúva de Paula Brito, que também se chamava Rufina.³⁷⁵ Para aliviar um pouco a avó Rufina pela situação do marido enfermo, nada como ter ao colo a netinha Rufina para alegrar os ânimos da matriarca.

³⁷³ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 1.

³⁷⁴ Ao acessar a Hemeroteca Digital da BN com o nome “Hemetério José dos Santos” entre as décadas de 1870 a 1930, encontrei 663 ocorrências. Com o nome “Hemetério dos Santos” foram 1.348 ocorrências para as mesmas décadas. Vale lembrar que se inclui neste número referências aos filhos, que tinham o referido sobrenome. Considerando à aparição na imprensa, o auge da popularidade de Hemetério se deu entre as décadas de 1900 a 1920.

³⁷⁵ Em 16 de dezembro de 1861, o *Correio Mercantil* (edição 00332-1, p. 3) publicou a seguinte nota: “D. Rufina Rodrigues da Costa Brito, Leopoldo de Azevedo Coutinho e Eduardo Vaz de Carvalho, esposa e genros do finado Francisco de Paula Brito, convidão a todos os seus amigos e aos do finado para assistirem ao seu enterro,

A articulista, em seguida, tece algumas palavras sobre a importância do avô de Rufina no que tange a sua amizade com grandes figuras do mundo das letras que são dignas de nota:

Paula Brito além de ser o mais perfeito tipógrafo da época, era grande amigo dos cultores das letras. Ali se estabeleceu a “Petalógica”, espécie de Academia de letras, frequentada pelos nomes mais em evidência do tempo – Laurindo Rabelo, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Casemiro de Abreu, Justiniano da Rocha, Quintino Bocaiuva e outros mais, que ali se reuniam todas as tardes. Por isso ainda há pouco foi instituído o prêmio literário – Paula Brito, que coube ao escritor Raimundo Magalhães Junior.³⁷⁶

É interessante o enfoque da autora. Ao mesmo tempo em que afirma ser Paula Brito “o mais perfeito tipógrafo da época”, o mesmo, segundo ela, nutria grande amizade com “cultores das letras”, ao ponto de em torno dele circular nomes de peso da literatura e da política, alguns citados pela autora na passagem acima. Até a criação de um “prêmio literário” foi instituído com o nome do avô de Rufina, de acordo com a articulista. Mas Mariza esqueceu-se de complementar que, além de amigo das letras, Paula Brito também era um cultor das palavras. Com exceção de alguns como Gonçalves Dias que era da mesma geração dele, muitos dos nomes eram ainda jovens promessas literárias. Desta feita, Paula Brito, além de tipógrafo, editor, livreiro e poeta, era também um grande articulador político. Sua “Petalógica”, alcunhada pela autora como uma “espécie de Academia de Letras”, pode ser pensada também como um daqueles lugares de sociabilidade que nos destacou Sirinelli³⁷⁷. Depois de dedicar as linhas acima para exaltar a figura do avô, a articulista retoma no texto a trajetória da neta, sua biografada.

D. Rufina descendia de uma família de recursos. Foi criada no grande sobrado dos avós no Largo do Capim. Próximo a essa residência havia o estabelecimento de couros de um português muito culto, talvez formado pela Universidade de Coimbra. D. Rufina que devia ter sido uma criança encantadora a julgar-se pelo tipo lindo de mestiça que foi moça e senhora, era muito querida desse coureiro, amigo da família e como era assaz inteligente transformou a amizade em aprendizado e o fazia naturalmente, aperfeiçoando-se na leitura, escrita, aritmética e francês, que falava corrente e corretamente. Em casa tinha uma professora especializada em labores femininos e outra, uma grande pianista da época, que lhe ensinou a tocar otimamente. Assim foi crescendo e fez-se moça D. Rufina.³⁷⁸

hoje 16 do corrente, pelas 5 horas da tarde, acompanhando o corpo de carro do Campo do Sant’Anna n. 25 ao cemiterio de S. Francisco Xavier”.

³⁷⁶ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 1.

³⁷⁷ SIRINELLI, 1996, p.243.

³⁷⁸ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 1.

A passagem acima destaca aspectos importantes da possível vida de Rufina no período de sua infância e mocidade. De acordo com a articulista, ela teve uma vida rodeada de recursos. O convívio familiar com os avós e com um suposto amigo da família lhe proporcionou a aprendizagem de conhecimentos relevantes para a vida estudantil e docente. Além disso, a autora destaca ser Rufina um “tipo lindo de mestiça”. A foto que aparece no jornal, apesar de um tanto quanto difícil de ver com precisão, indica, pela aparência, que Rufina era fruto da mistura, possivelmente, de branco com negro. A brancura deve ser por parte do pai, apesar de não ter conseguido imagem do mesmo, e a negrura, certamente, por parte da mãe, uma vez ser filha de um negro retinto como Paula Brito. Em relação à mestiçagem da esposa, Hemetério já tinha sinalizado para isso na polêmica que travou com Alcino Guanabara pela imprensa, ao criticar posições preconceituosas do político em relação aos negros. Esta polêmica será retomada no último capítulo, mas Luara dos Santos Silva já a analisou em sua dissertação e um dos pontos que destacou foi exatamente a passagem em que Hemetério aborda o fato de sua esposa e a do próprio Alcindo Guanabara serem mestiças.³⁷⁹ Ao entrevistar o tataraneto de Hemetério, Renato Alhadas, entrevista que será abordada posteriormente, este me deu acesso a uma foto de Rufina do seu acervo familiar, confirmando tratar-se de uma mulher negra parda. A foto vai a seguir:



Figura 10: D. Rufina e a menina Suely, mãe de Renato Alhadas³⁸⁰

³⁷⁹ Ver SILVA, 2015, p. 115.

³⁸⁰ Acervo Familiar de Renato Alhadas.

Pela foto acima, percebe-se não apenas o fato de que D. Rufina tem traços de mulher negra mestiça: a menina Suely (Suely dos Santos Alhadas, mãe de Renato), cuja mãe se chamava Ely (filha de Aristides Hemetério dos Santos), era bisneta de Hemetério e Rufina, sua foto também evidencia certo embranquecimento de parte da família. Aspecto muito presente em grande parte das famílias brasileiras.

O passo seguinte da autora foi abordar sobre o encontro de Rufina com o professor Hemetério e sua vida em família após casar-se com o referido mestre. Como veremos na passagem a seguir, Mariza Lira sugere a interpretação de que Rufina decidiu-se pelo magistério após enfrentar uma crise financeira na família com a derrocada do Colégio Froebel de propriedade do professor. Vejamos o trecho:

Foi quando conheceu o professor Hemetério dos Santos, que embora preto, era pessoa muito insinuante, dotado de grande simpatia, maneiroso e a moça sentindo-se presa à palavra do professor Hemetério, com ele casou-se a 11 de janeiro de 1886. Nessa época era o professor Hemetério diretor-proprietário de um grande internato – o Colégio Froebel – na rua Conde de Bonfim. D. Rufina integrou-se perfeitamente na vida de mãe de família. Em sua casa rodeada de todo o conforto, vivia D. Rufina criando os filhos que iam nascendo. Vida calma, sem preocupações. Nisso irrompe na cidade uma grande epidemia de febre amarela. O aspecto da cidade era desolador. O Colégio Froebel, do professor Hemetério, da noite para o dia ficou vazio. Os alunos, quase todos do interior, foram retirados pelos pais, apavorados com a epidemia. A família do Professor Hemetério se viu a braços com uma crise tremenda. Foi então que D. Rufina resolveu ser professora. Uma nova crise já a acharia amparada. Fez o concurso de eficiência e foi nomeada adjunta.³⁸¹

Logo no início a autora deixa escapar, através das palavras utilizadas, certo preconceito racial, ao entender que o professor Hemetério dos Santos, apesar da sua cor de pele preta, “era pessoa muito insinuante, dotado de grande simpatia, maneiroso”, como se o fato de ser preto fosse algo impeditivo para ter tais atributos. Escorregão à parte, na sequência, Mariza Lira apresenta informações interessantes e uma sugestiva opinião sobre o motivo que fez Rufina interessar-se pelo magistério. A articulista sugere que a necessidade, em face de crise financeira causada pelo esvaziamento de alunos no Colégio de Hemetério, foi o fator motivador para que ela assumisse oficialmente o ofício de professora. Neste sentido, vale informar que foi no ano de 1894 que ela recebeu o diploma de professora primária pela Escola Normal Livre³⁸². Mas em 1891 fora nomeada professora adjunta interina para as

³⁸¹ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 1-2.

³⁸² *Jornal do Brasil*, 01.06. 1896, edição 00153-1, p. 3.

“escolas publicas primarias”³⁸³. No ano de 1903, o *Almanak Laemmert* informa que Rufina exercia o ofício de professora pública primária na 3ª escola feminina do 6º distrito.³⁸⁴

A epidemia de febre amarela, comum à época na cidade do Rio de Janeiro, como já nos ensinou Sidney Chalhoub em sua *Cidade Febril*, teria sido a causa da queda do colégio de Hemetério. Apesar de não ser absurda, não encontramos evidências da época que nos confirmasse esta versão da autora, porém, encontrei uma informação do Colégio Froebel publicada no *Jornal do Comércio* de 10 de abril de 1886. Eis o texto: “Cumprimos um dever declarando que o *Collegio Froebel*, dirigido pelo Sr. Hemetério José dos Santos, tem atravessado a quadra epidêmica sem registrar um único caso de febre amarela ou de máo caracter, graças a uma rigorosa e sabia distribuição de trabalho e precauções hygienicas.”³⁸⁵ A nota evidencia que de fato era uma grande preocupação da época.

Por sua vez, no que tange à adesão ao magistério por Rufina, creio que o interesse pelo ofício tenha se dado bem antes; possivelmente, nos tempos de namoro com Hemetério. Isto porque suspeito que Rufina tenha ajudado Hemetério em suas aulas particulares antes mesmo do casamento e que ela tenha também o ajudado a escrever alguns trechos do seu *Livro dos meninos*, que é, como já sabemos, de 1881. Esta suspeita advém de uma nota que Hemetério escrevera na página 53 deste livro, referente ao texto intitulado de “A mulher forte”, cujo conteúdo versa sobre os diversos atributos que a mulher deve ter. A nota de Hemetério foi a seguinte: “Este e alguns outros artiguinhos que se lêem neste livro são da penna criteriosa de uma inteligente e instruida menina, cujo nome occultamos para não desgostal-a”³⁸⁶. Fica aqui o registro desta suspeita de difícil comprovação. De todo modo, a versão de Mariza Lira pode explicar o fato do por que Rufina ter entrado para a Escola Normal depois de casada. Neste sentido, a seguir, a articulista trata do percurso percorrido pela professora Rufina na profissão docente após ter sido nomeada adjunta:

Depois D. Rufina matriculou-se na Escola Normal Livre, que funcionava no Palácio São Joaquim, onde hoje está instalado o Externato do Colégio Pedro II. Deve-se imaginar o sacrifício que foi esse curso feito por mãe de família, com filhos, trabalhando como adjunta de dia e estudando a noite. Assim terminou D. Rufina o curso normal pelo regulamento de 1881. Era diretor da Escola Normal Livre, o Dr. Nestor de Gouveia, que diante da distinção da nova professora indicou-a, com grandes elogios, às autoridades de ensino. Completado o estágio, foi D. Rufina nomeada catedrática e designada para reger a escola feminina no Curato de Sta Cruz. A bondosa senhora, não

³⁸³ *O Brazil: Folha Diaria – RJ*, 07.05.1891, edição 00328-1, p. 2.

³⁸⁴ Entre os anos de 1903 a 1916, o *Almanak Laemmert* informa a respeito do exercício de professora pública primária de Rufina Vaz Carvalho dos Santos.

³⁸⁵ *Jornal do Comércio*, 10.04.1886, edição 00183-1, p. 2.

³⁸⁶ *Livro dos meninos*, 1881, p. 53.

media esforços para harmonizar a vida do lar com as exigências do magistério. De Santa Cruz veio a professora Rufina para a escola da Rua Barão de Petrópolis, sempre dando aos seus alunos a maior atividade da vida diária, muitas vezes sacrificando os filhos e o lar para cumprir a missão de professora. Mais tarde conseguiu D. Rufina ser transferida para uma grande escola na Rua Barão de Ubá, onde finalmente pode instalar no mesmo prédio escola e família. A grande chácara acomodava bem as suas duas maiores preocupações. Naquele local esteve D. Rufina muitos anos. Pode-se dizer que a vida funcional de D. Rufina está muito ligada a esta escola de Barão de Ubá. A escola ali confundia-se com o lar.³⁸⁷

Mariza Lira não faz referência à passagem de Rufina pela Escola Normal da Corte, depois transformada em Escola Normal do Distrito Federal com a chegada da República. Sugere, no entanto, a matrícula dela na Escola Normal Livre³⁸⁸, instituição pouco pesquisada pelos estudiosos da História da Educação. No capítulo quinto da tese faço algumas abordagens das duas escolas normais. Em relação à Escola Normal Livre, Mariza Lira não faz menção ao fato de que Hemetério chegou a ser secretário e professor da escola. A articulista faz referências aos endereços “Barão de Petrópolis” e “Barão de Ubá”, por onde Hemetério e D. Rufina residiram e exerceram o magistério³⁸⁹. Não há dúvida de que, mesmo se tratando de um texto escrito por admiradora e, possivelmente, ex-aluna, a matéria de Mariza Lira revela o quanto Rufina Vaz Carvalho dos Santos foi uma mulher negra batalhadora enquanto mãe e professora. O final do texto da articulista enfatiza estas qualidades da professora Rufina:

Além de seus cinco filhos que criou com dedicação e orientou como mestra, fazendo das moças duas professoras distintas e dos filhos cidadãos bem colocados, D Rufina estendia dedicação, conselhos, amparo moral e até financeiro a várias crianças, filhos alheios. Suas alunas a adoravam, nas turmas de exame final que se sucediam eram as alunas melhor classificadas no concurso de admissão a Escola Normal. Às meninas mais modestas, D Rufina fora das horas do expediente, ministrava aulas particulares. Várias vezes foi D Rufina designada para comissões de exame final. Trabalhou demais a querida mestra e quem sabe lá se não sufocou muita mágoa nos recônditos da alma. Sentindo-se muito abatida jubilou-se antes do tempo legal. Mas em casa, no convívio dos netos, nunca perdeu o hábito de ensinar. Era sempre ouvida com respeito e carinho pelas antigas alunas. Viveu até 91 anos de idade, falecendo no dia 10 de novembro de 1952.³⁹⁰

³⁸⁷ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 2

³⁸⁸ Informação que se confirma com a notícia publicada pelo *Jornal do Brasil* de 1 de junho de 1896 (edição 00153-1, p. 3): “Em sessão solene a congregação da Escola Normal Livre conferio sabbado passado diplomas do magisterio primario ás alumnas dd. Elvira Pilar da Silva Guimarães, Rufina Vaz Carvalho dos Santos e Maria Guilhermina dos Santos, que concluíram o curso normal, *ex-vi* do decreto n. 82 de 1 de maio de 1894”. Portanto, apesar de ter iniciado seus estudos na Escola Normal da Corte, Rufina só conseguiu concluir o Curso Normal na Escola Normal Livre.

³⁸⁹ Em relação aos dois endereços, em ambos Hemetério e Rufina residiram e realizaram magistério particular. Na Rua “Barão de Ubá”, por sua vez, Rufina também praticou o magistério público, uma vez que a 7ª escola do 5º distrito localizava-se no mesmo endereço desta residência. Ela, inclusive, foi a diretora desta escola.

³⁹⁰ *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, 26.02.1956, p. 2.

Desta feita, ter casado com uma mulher como Rufina foi para Hemetério uma “jogada de mestre”. Ou melhor, “jogada de mestres”. Não só por ser ela neta de alguém tão importante no período imperial como o editor negro Francisco da Paulo Brito (fato que, certamente, deve ter ajudado a abrir algumas portas para o professor), mas, sobretudo, por tratar-se de alguém que esteve junto com ele na batalha da vida, lado a lado, o ajudando a educar pessoas e a fazer com que a família Hemetério dos Santos seguisse em frente. Família esta que analiso com mais vagar no capítulo sexto. Ter ao lado a neta de Paula Brito, possivelmente, foi um reforço para que Hemetério colocasse em prática o seu antirracismo político-pedagógico. E porque não dizer também em relação à causa abolicionista, assunto que trato a seguir.

2.4 – Hemetério e a causa abolicionista.

Em uma entrevista valiosa que me foi concedida para esta pesquisa, Heliana Hemetério dos Santos³⁹¹, bisneta do professor Hemetério, mulher negra militante das causas antirracistas e do feminismo, sinalizou para a questão que diz respeito ao assunto que será abordado neste item, ou seja, como se deu a participação (ou não) de Hemetério à causa abolicionista?

A entrevista de Heliana, assim como a de Renato Alhadas, tataraneto de Hemetério, serão analisadas no capítulo sexto da tese, quando abordo alguns aspectos referentes à trajetória de integrantes da família Hemetério dos Santos. No entanto, em face da respectiva questão ter surgido no depoimento da bisneta de Hemetério, acho importante iniciar este ponto destacando o trecho da entrevista em que o assunto apareceu, pois, até entre parentes do professor, a questão se mostrou polêmica, de acordo com a memória de Heliana.

Depois de destacar a importância que a memória sobre Hemetério teve no sentido de a família conscientizar-se sobre o problema do racismo e da questão racial, Heliana diz o seguinte:

Agora, lá em casa comentava-se que ele não tinha abraçado a luta abolicionista como se esperava. Não posso dá informações maiores, mas dizia-se isso. Meu pai dizia que esse comentário havia na família, e meu pai entendia isso como... meu pai achava que ele tinha abraçado a luta abolicionista à maneira dele. Na realidade, talvez, se não tivesse essa coisa de Hemetério José dos Santos e José do Patrocínio, entendeu? É isso que meu pai achava. Tinha o meu tio, esse meu tio solteirão, muito radical, ele dizia: “não!”. Ele tinha uma coisa de ser muito ligado na esquerda, ele era

³⁹¹ A entrevista com Heliana ocorreu em 17 de novembro de 2017. Ela me relatou sobre a memória familiar em relação ao bisavô Hemetério José dos Santos e alguns aspectos da sua própria trajetória.

bem radical meu tio Aristides³⁹². Esse meu tio era sobrinho do Aristides (no caso, o Aristides Hemetério dos Santos, o filho de Hemetério que morrera afogado). Meu tio era muito radical (...). Então, assim, meu tio Aristides era um cara, assim, bem duro, politicamente que eu estou falando, como pessoa era uma beleza de pessoa. Meu tio Aristides, ele achava que não, que ele deveria, ele falava: “vovô, acho que o vovô teve uma postura assim, meio em cima do muro” (...) O meu tio falava isso como uma falha. Dizia, é aquela coisa de você se acomodar no lugar de privilégio que você vive e chegou (...). O nome deste meu tio todo é Aristides Jorge Hemetério dos Santos, irmão do meu pai. Papai era Hélio Hemetério dos Santos. Acima do papai tinha Laerte Jorge Hemetério dos Santos. Depois Aristides Jorge Hemetério dos Santos e Luiz Antonio Hemetério dos Santos. Tudo netos do Hemetério. Papai era filho do Clóvis. Este meu tio ligado à esquerda (Aristides Jorge Hemetério dos Santos) era agrônomo, estudou em Viçosa, se formou em Agronomia na escola de Viçosa, e ele tinha uma crítica, assim, mais forte. Papai não. Papai entendia. Papai achava, não necessariamente, ele não precisava. O que papai dizia: “o contexto da organização da Abolição, a gente não conhecia”. Essa organização, o contexto não se conhecia. E aí ele dizia “não”, ele poderia ter um papel muito importante, mas numa retaguarda, construindo uma outra maneira de servir. Meu tio achava que ele deveria ser tão aguerrido quanto José do Patrocínio, achava que deveria ter essa obrigação. Eu acredito, sou mais da linha do papai. Eu acho que necessariamente você não precisa estar de frente nas coisas pra você fazer a construção...³⁹³

O tema da participação ou não de Hemetério à causa abolicionista foi trazido por Heliana de forma espontânea. Eu não lhe fizera uma pergunta específica a respeito deste assunto, apenas pedi para ela me relatar as memórias que ela tinha sobre Hemetério e que foram lembradas a ela por membros da família que o conheceram diretamente. E esta temática foi levantada por ela. O interessante é que veio como uma questão que a própria família discutia, tendo como centro do debate o posicionamento do seu pai, Hélio Hemetério dos Santos, e de seu tio, irmão de seu pai, Aristides Jorge Hemetério dos Santos. Pelo relato dela, transcrito acima, seu tio Aristides (segundo ela uma pessoa mais próxima da “esquerda”) entendia que Hemetério deveria ter tido um posicionamento mais aguerrido, ao estilo de José do Patrocínio. Enquanto seu pai achava que “não necessariamente”, que ele poderia ter contribuído de outra forma para “servir” à causa abolicionista, numa espécie de “retaguarda”. Heliana, por sua vez, se colocou mais próxima do posicionamento de seu pai. De qualquer forma, é uma questão que merece ser trabalhada nesta tese, sobretudo por tratar-se de um assunto que historiadores e comentadores de Hemetério pouco trataram.

³⁹² O tio de Heliana era Aristides Jorge Hemetério dos Santos, que era sobrinho de Aristides Hemetério dos Santos, filho de Hemetério e que morrera afogado. No capítulo sexto abordo a respeito dos filhos de Hemetério. Vale lembrar também que a equipe do PROEDS encontrou em seus arquivos documentos da Escola Técnica João Alfredo no nome de Jorge Thales Hemetério dos Santos, filho de Clóvis Hemetério dos Santos, de acordo com Heliana. Outros documentos escolares da Escola Técnica João Alfredo referentes ao estudante foram encontrados e alguns vão em anexo.

³⁹³ Entrevista de Heliana Hemetério dos Santos, 17.11.2017.

Neste sentido, vale lembrar que, *grosso modo*, os estudos sobre Hemetério privilegiam as conjunturas que correspondem às três primeiras décadas da República (final do XIX até a década de 1920). Pouco se falou até aqui da sua proximidade com a geração que tomou as rédeas do movimento abolicionista. André Rebouças, José do Patrocínio e Vicente de Souza, só para citar três dos grandes da época, estiveram próximos de Hemetério, apesar de que tudo indica que o professor não participou da linha de frente do movimento. Embora existam evidências que comprovam, de alguma forma, a sua participação.

Neste sentido, vale lembrar, inicialmente, a abordagem de Hemetério arrespeito da Lei do Ventre-Livre e contra a escravidão no *Livro dos meninos*. Concatenado com a conjuntura da época, o texto de Hemetério referente à temática da escravidão, publicado no início da década de 1880, se insere no contexto daquilo que Angela Alonso (2015) denominou de “O repertório moral do abolicionismo”. Assim, argumento que, com o referido texto, Hemetério exerceu a função de *intelectual mediador* ao traduzir para o universo dos estudantes não só um tema da conjuntura por ele vivenciada, como também uma demanda do movimento abolicionista, de forma que podemos interpretar este seu trabalho como um modo por ele encontrado para contribuir à causa abolicionista. Ou seja, como uma tarefa de professor: educar os estudantes contra o escravismo.

Em segundo lugar, se fossemos escolher o nome de uma pessoa que personificasse aquilo que entrou para a história do Brasil como movimento abolicionista, muito provavelmente o nome de José do Patrocínio nos chegaria ao pensamento. Por certo que Luiz Gama, Joaquim Nabuco (1849-1910)³⁹⁴ e André Rebouças, só para lembrar mais três nomes também muito identificados com aquele movimento antiescravista, poderiam aparecer em nossa memória. Ou, para destacar dois não muito conhecidos, poderíamos falar em Abílio Borges (o pai)³⁹⁵ e Vicente de Souza.

Apesar de serem nomes importantes que deixaram suas marcas no movimento abolicionista brasileiro, com a morte de Luiz Gama, que faleceu seis anos antes da Lei Áurea, José do Patrocínio veio a se tornar o mais popular dos abolicionistas. E seu nome personifica, sem sombra de dúvida, aquele movimento social.

Neste sentido, não foi à toa que o próprio Hemetério homenageou José do Patrocínio através de um poema cujo título leva o nome do importante abolicionista:

José do Patrocínio

³⁹⁴ Jornalista e político. Escreveu o clássico *O abolicionismo*.

³⁹⁵ Abílio César Borges, barão de Macaúbas. De acordo com Angela Alonso (2015), um dos precursores da estratégia de angariar apoio internacional para o movimento abolicionista brasileiro.

De um effluvio de amor, fusão de noite
Calmosa e negra com ardoroso dia,
Nasceu da escravidão o juste açoite,
O verbo lapidar de symphonia,

O grande Patrocínio que bramia
Tão alto como quem se mais afoite:
No peito a dor da raça lhe gemia,
Asylo de quem quer que allí se acoite.

Da fúria nasce a luz: e o rosiclér
Põe-lhe doçura na palavra; e a aurora
Tinge a Victoria no sabor do mel...

E aos pés divinos da Gentil Mulhér,
O mestre, de joelhos, canta e chóra,
Beijando o gesto augusto de Isabel...³⁹⁶

O poema que Hemetério fez para José do Patrocínio demonstra, por um lado, o respeito que o professor tinha pelo líder abolicionista, expresso através da imagem de Patrocínio como grande orador, o “mestre” corajoso que gritou alto contra a escravidão e o sofrimento dos negros escravizados. Por outro lado, o poema também apresenta elementos que estão presentes em outros textos do professor, no sentido de encontrar um ponto de equilíbrio entre os extremos, de consenso para a situação do negro, uma espécie de saída possível que permitisse o predomínio da exalação (“effluvio”) do amor, de modo que, da revolta contra a escravidão, nascesse a “luz” da liberdade. E o gesto simbólico deste encontro de extremos foi expresso pelo poema de Hemetério através da imagem que ele escreve sobre o momento em que José do Patrocínio beija (de joelhos) as mãos da Princesa Isabel após a assinatura da Lei Áurea. A cena que Hemetério poetiza transmite a ideia de que o professor considerou louvável a atitude do líder abolicionista.

A proximidade de Hemetério e Patrocínio é algo que as evidências não deixam dúvidas ter existido. Desta feita, estar próximo e ser aliado de uma pessoa como José do Patrocínio, que respirava luta contra a escravidão por todos os seus poros, pode ser visto como um indício de participação no movimento que o mesmo liderava. Se tal assertiva tiver fundamento, a hipótese de que Hemetério José dos Santos tenha participado, de algum modo, no movimento abolicionista se confirma, uma vez que evidências da aproximação entre Hemetério e Patrocínio são encontradas em fontes jornalísticas no próprio Jornal de José do Patrocínio.

³⁹⁶ Hemetério José dos Santos, *Fructos Cadivos*, 1919, p. 24-25.

A pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015) destaca em sua dissertação, por exemplo, a notícia que foi divulgada no jornal *Gazeta da Tarde*, na data de 07 de outubro de 1885, a respeito do Colégio Froebel, de propriedade de Hemetério, em que Patrocínio se refere ao professor como "nosso ilustrado amigo". Em outra notícia, já referida antes, diz respeito à propaganda de divulgação do curso preparatório para o Colégio Pedro II que Hemetério organizava. A notícia foi divulgada no Jornal *Cidade do Rio*. O interessante é que a mesma propaganda do curso de Hemetério foi divulgada no Jornal de Patrocínio diversas vezes, denotando certa parceria entre os dois. Como destacado anteriormente, na coluna "Diversidades", em que a propaganda de Hemetério foi divulgada, em meio à divulgação de outros profissionais, a propaganda de Hemetério é a única feita por professor. Além disso, se constitui indícios de amizade entre José do Patrocínio e Hemetério José dos Santos as notícias que o Jornal de Patrocínio divulgava sobre atividades que o professor participava e as referências sobre sua família. Estas informações são sinalizadas pela pesquisadora Luara dos Santos Silva em sua dissertação. A autora também lembra a importante participação de Hemetério no enterro de José do Patrocínio.³⁹⁷

Outra evidência destacada por Luara, talvez a mais significativa que ela sinalizara, e que, a meu ver, pode ser entendida como forte indício da participação de Hemetério no movimento abolicionista, diz respeito à notícia que o jornal de Patrocínio, *Gazeta da Tarde*, divulgara em 17 de novembro de 1881, página 2. Trata-se da matéria denominada de "Chronica do Bem". Vejamos seu conteúdo: "O senhor professor Hemetério José dos Santos remeteu ao diretor da Escola Noturna da Canela, 50 exemplares de sua obra intitulada - o Livro dos meninos – para o uso dos alunos daquela escola".³⁹⁸

Logo em seguida, Luara cita o artigo de Flávia Fernandes de Souza e Rosane dos Santos (2012), "Para além da abolição: apontamentos sobre as iniciativas para a educação popular promovidas pelo movimento abolicionista – Rio de Janeiro de 1880".³⁹⁹ De acordo com Luara, o respectivo artigo destaca que a Escola Noturna da Canela "foi fundada por iniciativa de Patrocínio e João Clapp, estava ligada ao Club Republicano de São Cristóvão e posteriormente à Caixa Emancipadora José do Patrocínio"⁴⁰⁰. E, citando outro estudo sobre a escola, o de Junior Magalhães (1969), destaca que a escola recebera da vizinhança o nome de "Quilombo da Canela", por estar "cheia de pessoas de cor" cuja maior parte se constituía de

³⁹⁷ SILVA, 2015, p. 17 e 18.

³⁹⁸ *Gazeta da Tarde*, 17.11.1881, p.2.

³⁹⁹ SOUZA e SANTOS, 2012.

⁴⁰⁰ SILVA, 2015, p. 29.

“escravos fugidos”⁴⁰¹. Alexandra Lima da Silva (2017)⁴⁰², em um artigo muito interessante sobre a trajetória do ex-escravo Israel Soares, que dirigiu a Escola da Cancela e presidiu a Caixa Libertadora de José do Patrocínio, também argumenta a respeito da importância desta instituição educativa.

Por certo que as evidências destacadas possam ser insuficientes para se atribuir participação de Hemetério à causa abolicionista. No entanto, outras evidências encontradas em minha pesquisa, talvez joguem luz para esclarecer que se, por um lado, Hemetério não fora de fato um José do Patrocínio, por outro, não ficara totalmente ausente do movimento que seu amigo liderou.

Em 21 de dezembro de 1909 (p. 3), Hemetério enviara ao redator do jornal *O Paiz* uma carta denunciando o professor Alfredo Gomes⁴⁰³, pois este infringira as leis ao não permitir que a filha do professor, Coema Hemetério dos Santos, realizasse o exame das filhas deste referido professor. Ao reclamar da atitude de Alfredo Gomes ao prefeito Serzedello Correia (1858-1932)⁴⁰⁴, nesta ocasião, Hemetério faz menção ao fato de que era frequentador das conferências emancipadoras, pois informa respeitar Serzedello “desde os tempos. das conferências abolicionistas”; deixando crer que fora participante daqueles importantes eventos que tiveram José do Patrocínio e Vicente de Souza, como dois dos principais organizadores.⁴⁰⁵ Em relação à participação de Hemetério no movimento relacionado às conferências abolicionistas, encontrei outras evidências importantes.

Ao lembrar, numa longa entrevista publicada no *Diário de Notícias* de 24 de abril de 1938, os momentos “memoráveis” das “Conferências emancipacionistas” na campanha em prol da Abolição, Evaristo de Moraes (1871 – 1939)⁴⁰⁶, uma autoridade no assunto, destaca ser o professor Hemetério, à época, “o único sobrevivente” daquele importante momento da luta pelo fim da escravidão no país: “Nessas conferências tomaram parte Vicente de Souza, José do Patrocínio, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, José Agostinho Reis, Nicoláo

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² Ver *Pela liberdade e contra o preconceito de cor: a trajetória de Israel Soares*, artigo de Alexandra Lima da Silva (2017). *Revista Eletrônica Documento Monumento*, V. 21, N.1, Jul/2017, Universidade Federal de Mato Grosso.

⁴⁰³ Assim como Hemetério, Alfredo Gomes era professor da Escola Normal, e um dos desafetos de Hemetério. No capítulo quinto, ao abordar sobre algumas das experiências do professor Hemetério na Escola Normal, este episódio foi retomado.

⁴⁰⁴ Inocêncio Serzedello Correia, militar e político paraense.

⁴⁰⁵ Sobre a importância destas conferências emancipacionistas como estratégia na luta anti-escravista, ver Angela Alonso (2015).

⁴⁰⁶ Antonio Evaristo de Moraes, advogado criminalista, professor e historiador. Publicou em 1924 o livro *A campanha abolicionista*, um dos livros clássicos sobre o tema.

Moreira, Teixeira da Rocha e Hemeterio dos Santos – este ultimo o unico sobrevivente dessa phase memorável”.⁴⁰⁷

O fato do velho e famoso advogado criminalista que também exerceu a profissão de professor, Evaristo de Moraes, lembrar-se do nome de Hemetério como um dos participantes do importante movimento daquelas conferências em prol da emancipação dos escravos é um indício significativo a ser considerado. Assim, faz-se necessário olhar um pouco mais de perto as experiências do professor neste importante momento do Império em que houve um debate nacional sobre os destinos daqueles que eram escravizados.

A evidência mais direta da participação de Hemetério naquele movimento das conferências emancipadoras em prol do fim da escravidão foi divulgada pelo *Jornal do Comércio* em 3 de abril de 1881. O referido jornal noticia a realização da trigésima quarta conferência emancipacionista realizada no Teatro São Luiz. Dois oradores são convocados para serem os conferencistas. Um dos oradores é exatamente o professor Hemetério José dos Santos. Eis o texto da notícia:

Conferencias emancipadoras: Domingo, das 11 ás 2 horas da tarde, no theatro S. Luiz, a conferencia n. 34. Oradores: **O professor Hemeterio José dos Santos** (grifo meu) e o Dr. João Baptista Augusto Marques, digníssimo sócio fundador da Sociedade Abolicionista Academica de S. Paulo, e da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão. Grande matinée musicale por Exmas. Senhoras, distinctos amadores e professores. Poesias abolicionistas pelo ilustrado poeta Arthur Bazilio e pelo talentoso menino Augusto Gitaly. Será apresentada pelo Dr. Vicente de Souza a menina quase branca, libertada na conferencia n. 33.⁴⁰⁸

Portanto, Hemetério não só fez parte do público que participara das conferências emancipadoras, como também chegou a ser um dos conferencistas. Fica evidente, desta feita, que não se pode atribuir a Hemetério a possível “falha” de não ter participado do ambiente que respirava o ar da Abolição. O fato dele não ter sido da linha de frente de combate do movimento abolicionista não significa que ele também não tenha usado uma de suas armas para combater a escravidão. Neste sentido, não tive acesso ao conteúdo da conferência emancipadora que Hemetério proferira em 03 de abril de 1881, mas, considerando a atuação de Hemetério enquanto professor e intelectual mediador, o conteúdo antiescravista que ele apresenta em seu *Livro dos Meninos*, publicado também em 1881, evidencia o tipo de arma que Hemetério utilizara para combater a escravidão: a arma da educação!

⁴⁰⁷ *Diario de Noticias*, 1938, edição 3751-1, p. 5.

⁴⁰⁸ *Jornal do Commercio*, 03.04.1881, edição 93-1, p. 2.

Convém destacar também, para finalizar este ponto, a abordagem que Hemetério fizera em um texto já na velhice, oito anos antes de falecer, quando escrevera o Prefácio de um livro de História do Brasil já referido. Há uma passagem que ilustra um pouco sobre a imagem que ficou na memória do professor a respeito do que se sucedeu em 13 de maio de 1888: de acordo com Hemetério foi uma “embriaguez geral”⁴⁰⁹. Em seguida, faz uma crítica aos negros livres que, possivelmente, não queriam mais exercer o mesmo trabalho de seus ancestrais escravizados: “os livres continuaram na indolência, não amando a lavoura, odiando a agricultura”⁴¹⁰. Além disso, sugere outra imagem com sabor de tragédia para os que foram libertos com a Lei Áurea, que, de acordo com o professor, “quizeram conhecer do gôzo da liberdade alcançada”⁴¹¹, mas que sofreram os horrores da fome: “E não sei porque a fome não os dizimou...”⁴¹².

A seguir, fechando o capítulo, veremos outra “jogada de mestre” do professor Hemetério: no apagar das luzes do Império, o movimento que lhe possibilitou ingressar em um dos mais importantes colégios oficiais da cidade do Rio de Janeiro, o Imperial Colégio Militar.

2.5 – A movimentação de Hemetério em direção ao Imperial Colégio Militar.

(...) o Belo, primeiro oficial, que foi do gabinete do Benjamim, contou-me que a nomeação do Hemetério (é um negro), para professor do Colégio Militar, foi sustada na gaveta por ordem do Lauro Sodré, que sempre lhe recomendava ao ele ir lhe pedir para expedir, que esperasse, que esperasse.

*É singular que, fazendo eles a República, ela não a fosse de tal forma liberal, que pudesse dar um lugar de professor a um negro. É singular essa República.*⁴¹³

Lima Barreto

Como se pode ver no trecho acima, Lima Barreto escreveu em seu *Diário Íntimo* (1956) uma passagem em que cita o nome do professor Hemetério. O tal “Bello”, citado por Barreto na epígrafe destacada, talvez seja Luiz Bello Lisboa, bacharel e tenente do Estado-maior que fez parte da administração do Colégio Militar.⁴¹⁴ O autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* questiona, através do trecho citado, se a República que nasceu em 15 de novembro

⁴⁰⁹ Hemetério José dos Santos, 1931, p. II.

⁴¹⁰ Idem.

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² Idem.

⁴¹³ Lima Barreto, *Diário Íntimo*, 1956, p. 82.

⁴¹⁴ Ver *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial* RJ, 1891, edição C00048(1), p. 477.

de 1889 teria sido de fato “liberal”, à medida que “sustava na gaveta por ordem do Lauro Sodré”, a nomeação de Hemetério (“é um negro”) como professor do Colégio Militar.

A crítica do literato se traduz na ideia de que a República nascente era “singular”, pois, ao invés de assumir a “forma liberal” que lhe deveria ser inerente em face do próprio significado do novo regime de governo, não o era, pois criava dificuldades para que um negro pudesse ocupar “um lugar de professor” em uma instituição educacional da importância do Colégio Militar. O trecho escrito por Lima Barreto também evidencia que o próprio Hemetério não ficou passivo a isso, procurando interceder junto ao Sodré em prol de sua nomeação na área de conhecimento em que ele adquiriu o “notório saber”.

Em que pese à crítica de Barreto, o fato concreto foi que a nomeação ocorreu e em plena República, mais precisamente em 02 de março de 1892, quando Hemetério assumiu a disciplina de Literatura Nacional.⁴¹⁵ Isto porque não era apenas um negro querendo ser professor, era um professor negro, com um espaço já conquistado no âmbito do magistério particular, que pleiteava nomeação no Colégio Militar.

Quando a República foi proclamada, Hemetério, em seu movimento de fazer-se professor, já havia galgado, no período do Império, degraus que o qualificariam para assumir o posto de professor no Colégio Militar. E, como bem nos informa a pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015), um mês antes do regime republicano ser implantado no Brasil, Hemetério conseguira ser “nomeado adjunto na cadeira de desenho em 17 de outubro de 1889”.⁴¹⁶ Portanto, em fins do Império.

Em relação ao primeiro corpo docente, convém destacar que, de acordo com a pesquisadora Beatriz R. da Costa e Cunha (2006), “na falta de tempo hábil para um concurso e, como medida de urgência, os professores foram admitidos apenas pelo notório saber”.⁴¹⁷ Beatriz informa que o referido corpo docente, acrescido dos adjuntos, civis ou militares, fora nomeado pelo ministro da Guerra. De acordo com a autora, o procedimento era o seguinte: “Os candidatos deveriam fazer um requerimento e juntar documentos comprobatórios da competência. Os requerimentos eram estudados pelo comandante do Colégio e pelo Conselho de Instrução que, juntos, indicavam os melhores candidatos. O ministro, depois, ratificava ou não a proposta do comandante.”⁴¹⁸

O que significa dizer, em outras palavras, que, para além da competência comprovada, é possível inferir que o fato de estar próximo de pessoas influentes do meio militar tenha

⁴¹⁵ Ver SILVA, 2015, p. 77.

⁴¹⁶ Idem.

⁴¹⁷ Ver COSTA e CUNHA, 2006, p. 141.

⁴¹⁸ COSTA e CUNHA, 2006, p. 141.

contribuído no movimento que o professor Hemetério fez para ingressar no respectivo colégio. Neste sentido, convém retomar aqui duas evidências já trabalhadas no item 1.5 da tese (Docência Particular), que sinalizam para a aproximação do professor Hemetério a pessoas influentes do Exército. Refiro-me as evidências de aproximação do professor com o bacharel João Severiano da Fonseca Hermes.

João Severiano da Fonseca Hermes era sobrinho de Deodoro da Fonseca, o marechal que proclamou a República e tornou-se primeiro presidente do Brasil, onze anos depois da divulgação das notícias já analisadas. O pai de João Severiano, Hermes Ernesto da Fonseca, irmão de Deodoro da Fonseca, era comandante de armas das províncias da Bahia e do Pará, além de ter presidido também as províncias de Mato Grosso e da Bahia. Portanto, a família de João Severiano da Fonseca Hermes era formada por pessoas importantes do campo militar. Ele teve outro tio, de nome parecido, João Severiano da Fonseca, que se notabilizou como “patrono do Serviço de Saúde do Exército”⁴¹⁹, além de ter participado como senador nos debates sobre a constituinte de 1891. Mas não parou por aí. Houve também um terceiro tio, Pedro Paulino da Fonseca, que governou Alagoas, sendo também senador. E, para finalizar as informações da família de João Severiano da Fonseca Hermes, o “irmão Hermes da Fonseca foi ministro da Guerra (1906-1909) e presidente da República (1910-1914)”⁴²⁰.

Quanto às informações sobre o próprio João Severiano da Fonseca Hermes, além de bacharel em Direito, tornou-se “secretário geral do governo provisório”⁴²¹ assim que Deodoro da Fonseca assumira a presidência da República em 15 de novembro de 1889. Ele também participou, como deputado do Rio de Janeiro, dos debates constituintes de 1890 e 1891. Exerceu a função de jornalista e, durante o mandato do irmão Hermes da Fonseca, elegeu-se deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Percebe-se, portanto, que o parceiro de Hemetério, que assinou com ele petição junto ao Ministério do Império em 1878⁴²², deve ter sido um importante aliado junto à rede de sociabilidade do campo militar que, possivelmente, influenciara a entrada do professor no Colégio Imperial Militar no ano de 1889.

Ao informar os nomes dos primeiros professores que foram nomeados no Imperial Colégio Militar, a pesquisadora Beatriz R. da Costa e Cunha (2006), através da dissertação

⁴¹⁹ Verbetes “HERMES, Fonseca” no Dicionário da política republicana no Rio de Janeiro (Coord. Alzira Alves de Abreu e outros, Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2014).

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ Idem.

⁴²² O *Diário do Rio de Janeiro*, na “Secção Official – Ministerio do Imperio – Expediente 2ª. Directoria” publicou: “Declarou-se ao reitor interino do internato do imperial collegio de Pedro II que não convém conceder a permissão pedida pelo bacharel João Severiano da Fonseca Hermes e por Hemeterio José dos Santos, para, por convite dos paes de alguns alunos, explicarem a estes no mesmo estabelecimento as matérias que tem de estudar.” (*Diário do RJ*, 26.05.1878, edição 00048-1, p. 1).

que ela produziu sobre o referido colégio, nos apresenta uma outra evidência a ser considerada. Segundo ela, os primeiros docentes do colégio foram os seguintes: Conselheiro Barão Homem de Melo, Primeiro Tenente da Armada Alfredo Augusto de Lima Barros, Capitão do Corpo de Engenheiros Antonio Vieira Arêas Junior, José Ferreira da Paixão, Horácio Fluminense e o Cirurgião Mor de Divisão Dr. João Severiano da Fonseca. Este último, como já informado anteriormente, tio de João Severiano da Fonseca Hermes (o parceiro de Hemetério) e irmão do Marechal Deodoro da Fonseca, o homem forte do Exército que iria liderar a derrubada do regime monárquico.

Assim, se por um lado o ingresso de Hemetério no Imperial Colégio Militar pode ter tido o dedo do imperador, como sugere alguns jornais da década de 1930, por outro, através da experiência de explicador e de professor particular, é possível que Hemetério tenha acessado uma rede de sociabilidade no campo militar que pode ter contribuído no caminho que ele batalhou rumo ao referido colégio.

Além disso, é sempre bom lembrar o que já foi assinalado antes, ou seja, que o Monsenhor Brito, possivelmente, uma das primeiras pessoas que Hemetério procurou quando chegou ao Rio de Janeiro, não só foi colega de docência dos padres diretores que criaram o Colégio da Imaculada Conceição, ao qual Hemetério efetuou seus estudos na juventude, como também lecionou sobre Religião no próprio Colégio Militar.

De qualquer modo, perante o prestígio que o colégio passou a ter na sociedade, o “notório saber” que o professor adquiriu e demonstrou publicamente através das suas publicações e de suas conferências, e considerando ainda a sua movimentação estratégica que se constituiu na nomeação efetiva que ele teve enquanto docente e professor-major do Colégio Militar, pode-se afirmar que, no xadrez de sua vida, Hemetério soube tirar proveito em prol do seu crescimento pessoal e profissional, da sua *jogada de mestre*, que foi se inserir no corpo docente do referido colégio. E este movimento só pôde ser executado, face às exigências profissionais necessárias ao pleito, e às barreiras raciais da época, porque Hemetério José dos Santos, ao final do Império, era um professor e intelectual negro publicamente reconhecido no seu ofício de docente.

Afinal, como demonstra a foto a seguir, que faz parte do acervo de fotografias do corpo docente do Colégio Militar no início do século XX, Hemetério é o único professor negro retinto presente. E a sua localização está bem à frente, permitindo que se veja com nitidez a sua presença.



Figura 11: Foto do corpo docente em 1908 (Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Militar)

Por coincidência ou não, assim como seu possível pai, que também recebeu o título de major no Maranhão, no momento em que foi tirada a foto acima, Hemetério já era professor-major do Colégio Militar do Rio de Janeiro. A respeito deste fato, cabe uma interrogação: de que modo Hemetério adquiriu esta patente de professor-major?

A resposta para a questão acima se encontra no *Diário Oficial da União* de 22 de dezembro de 1899, páginas 9928 e 9929. Primeiramente, o professor Hemetério solicita ao Presidente da República que lhe seja oficializado a “patente do posto de major”, a fim de que possa receber o pagamento pelo referido posto, uma vez que já o exerce desde 1894, em face do “decreto legislativo n. 1775, de 20 de agosto” do referido ano. A questão foi parar no Supremo Tribunal Militar, que, em face de situação semelhante já aprovada para o Ministério da Marinha, decidiu que a mesma fosse estendida também para o Ministério da Guerra. Desta feita, mesmo sendo ele funcionário civil, a condição de professor vitalício adquirida lhe permitiu receber a patente de professor-major.

Se, no início da sua trajetória para se afirmar como professor particular durante o Império, Hemetério buscou explorar nas propagandas divulgadas pelos jornais o fato de ter sido professor-explicador do Colégio Pedro II, como vimos no capítulo primeiro, na República, o que aparece mais na imprensa é o fato dele ser professor-major do Colégio Militar. Desta feita, em algumas das matérias da imprensa e das propagandas de colégios particulares, o nome Hemetério José dos Santos era precedido pela referida patente.

PARTE II – HEMETÉRIO E O ANTIRRACISMO

Partindo das contribuições da historiografia que tomou a trajetória do professor Hemetério como tema, busquei, fundamentalmente, nesta parte, ampliar o escopo da referida historiografia. Neste sentido, depois de algumas considerações sobre o fenômeno do antirracismo, o capítulo terceiro analisou as primeiras experiências do que denominei de antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério José dos Santos. Ainda no Império, o professor apresentou, em seu *Livro dos meninos*, publicado em 1881 e pouco analisado pela historiografia, abordagem inovadora no que diz respeito ao debate de questões raciais da época. Do mesmo modo, evidência nova encontrada referente ao ano de 1885, indicou atividade escolar realizada pelo professor Hemetério no seu colégio, em que a memória do Quilombo dos Palmares é mencionada. O quarto capítulo por sua vez, analisou outras experiências antirracistas do professor a partir do estudo detalhado da obra *Pretidão de Amor* (1905), do texto *Etymologias Preto* (1907), de dois dos seus poemas presentes no seu livro de poesia *Fructos Cadivos* (1919) e do diálogo com a imprensa negra da época.

CAPÍTULO 3 – O ANTIRRACISMO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO PROFESSOR HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS.

*Sempre que as nossas sociedades estritas, em perpétua crise de consciência, se põem a duvidar de si mesmas, verificamos que se perguntam sobre se fizeram bem em interrogar seu passado ou se o interrogaram bem.*⁴²³

Marc Bloch.

Início este capítulo me apoiando no pensamento de um grande historiador expresso na epígrafe acima. O pensamento de Marc Bloch me sugeriu algumas questões: seria o racismo⁴²⁴, além de problema político e prática que viola direitos humanos, um elemento de

⁴²³ March Bloch, *Introdução à História*, 1993, p. 12.

⁴²⁴ O conceito de “racismo” como categoria de análise foi e vem sendo trabalhado por diversos estudiosos dos Estudos sobre Relações Raciais no Brasil, a exemplo de Florestan Fernandes (1965), Thomas E. Skidmore (1976), Abdias Nascimento (1978), Carlos Hasenbald (1979), Roberto da Matta (1990), Lilia M. Schwarcz (1993), Antônio Sérgio A. Guimarães (1999), Jacques d’Adesky (2001), Michael George Hanchard (2001), Marcelo Paixão (2006), Amauri Mendes Pereira (2013), dentre outros. Aqui a abordagem do conceito de racismo é pensada a partir das contribuições de dois autores. O primeiro se refere à obra que se tornou um clássico do tema, pois apresentou na época, talvez, a principal crítica acadêmica ao argumento de Florestan Fernandes, que via o racismo no Brasil como uma herança escravista. Refiro-me ao livro de Carlos A. Hasenbald (1979), *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Através desta obra, este autor refutou o argumento de Florestan e apresentou uma perspectiva do fenômeno do racismo à qual compartilho e que foi sintetizada pelo

“perpétua crise de consciência” da sociedade brasileira, uma vez que a persistência do fenômeno revela o quanto ainda é problemático a sua existência cada vez mais demolidora do ideal de sociedade contido no mito da democracia racial⁴²⁵? Haveria ainda interrogações a

autor da seguinte forma: “Em suma, a raça, como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e espaço), o racismo caracteriza todas as sociedades capitalistas multi-raciais contemporâneas. Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifesta-se numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que um reflexo epifenomênico da estrutura econômica ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores. Sua persistência histórica não deveria ser explicada como mero legado do passado, mas como servindo aos complexos e diversificados interesses do grupo racialmente supraordenado no presente. (HASENBALG, 1979, p.118). Vejo ser proveitoso articular o argumento de Hasenbalg com a abordagem que Antônio Sérgio A. Guimarães apresenta no livro *Racismo e Anti-Racismo no Brasil* (1999), a qual considero satisfatória para os limites desta tese, “De fato, quando ‘raça’ está presente, ainda que seu nome não seja pronunciado, a diferenciação entre tipos de racismo só pode ser estabelecida através da análise do modo específico como a classe social, a etnicidade, a nacionalidade e o gênero tomaram-se metáforas para a ‘raça’ ou vice-versa. É com esse sentido preciso que falo de racismo neste livro”. (GUIMARÃES, 1999, p.35).

⁴²⁵ Há certo consenso entre pesquisadores da temática racial no Brasil de que Gilberto Freyre foi o intelectual que melhor forneceu argumentos sobre o que se convencionou chamar de “democracia racial brasileira”. Florestan Fernandes (1965), no âmbito do pensamento social, talvez tenha sido o primeiro grande crítico desta ideia ao argumentar em seu livro clássico, *Integração do negro na sociedade de classes*, que “a convicção de que as relações entre ‘negros’ e ‘brancos’ corresponderiam aos requisitos de uma democracia racial não passa de um mito” (FERNANDES, 1965, p. 204). A passagem se refere à importante perspectiva de Florestan Fernandes no sentido de criticar o consenso que a classe dominante brasileira buscou hegemonizar na sociedade em torno da ideia de que em nosso país as relações raciais se davam de forma democrática e harmônica. Como se viu, para Florestan isto não passa de um mito. Não um mito qualquer. O efeito ideológico deste mito se reproduz em nossa sociedade de forma ainda muito marcante e o campo educacional é um instrumento poderoso que ainda reforça o referido mito. Mas também o combate. Florestan resume as três funções sociais exercidas pelo mito da democracia racial brasileira em prol dos interesses de grupos dominantes da sociedade. Em primeiro lugar, ao oferecer “uma cobertura cômoda ao alheamento e à indiferença dos círculos dirigentes da ‘raça branca’ diante do destino ulterior do ‘negro’ no regime democrático” (FERNANDES, 1965, p.205). Depois, ao identificar “como ‘indesejável’ a discussão franca da situação da ‘população de cor’ e como ‘perigosa’ a participação em movimentos sociais destinados a minorá-la” (FERNANDES, 1965, p. 206). Por fim, ao concentrar “nas mãos do ‘homem branco’ das camadas sociais ‘altas’ o poder de juiz supremo, de árbitro da situação, de quem decide o que ‘convinha’ ou ‘não convinha’ ao homem de cor, individualmente, e à ‘população de cor’, coletivamente” (FERNANDES, 1965, p.206). Ao ser pensado na perspectiva de conformar uma situação de hierarquização racial na sociedade brasileira, o respectivo mito operou ideologicamente em sentido oposto ao que apregoava: “converteu-se numa formidável barreira ao progresso e autonomia do ‘homem de cor’ – ou seja, ao advento da democracia racial no Brasil” (FERNANDES, 1965, p.210). Educou e ainda educa para o conformismo no que tange ao enfrentamento do racismo em nosso país. Em que pese às análises questionáveis que Florestan Fernandes apresenta no livro *A integração do negro na sociedade de classes* a respeito de uma possível “patologia social” do negro diante do processo de se integrar à sociedade capitalista no pós-abolição, particularmente nesta obra, o autor apresenta postura inovadora ao argumentar por um lado, a respeito da persistência da discriminação racial na sociedade, por outro, ao refletir sobre o protagonismo negro silenciado pela historiografia da época. Geração de negros que atuaram nas primeiras décadas do século XX na cidade de São Paulo, criticando o racismo e a falta de oportunidades para os negros na sociedade. Através de jornais e periódicos (imprensa negra), e da criação de organizações políticas como a Frente Negra Brasileira, buscaram com suas ações defender demandas relacionadas à cidadania negra. No bojo das reivindicações, as demandas por educação tinham papel central, ao ponto da própria Frente Negra ter criado uma escola primária para seus associados. Este é um mérito que não se pode deixar de atribuir a este livro de Florestan Fernandes, publicado em plena ditadura militar e referente a uma pesquisa realizada por ele ainda nos anos de 1950 (MAIO, 1997). Se por um lado, como bem informou Florestan, havia em São Paulo negros que se destacavam em questionar o racismo nas primeiras décadas da República, por outro, a trajetória de vida do professor Hemetério José dos Santos aponta para uma atuação antirracista na cidade do Rio de Janeiro desde o final do Império, como veremos nesta parte da tese constituída pelos capítulos 3 e 4.

serem feitas sobre o passado do nosso “racismo à brasileira”⁴²⁶ O que fazer para superar a persistência deste fenômeno? Afinal, como já nos ensinou Marc Bloch (1993) ao refletir sobre o procedimento de se “compreender o passado pelo presente”: “É tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente nos dois sentidos. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja mais útil esforçarmos por compreender o passado se nada sabemos do presente”.⁴²⁷

Desta feita, no que tange à problemática da cidadania negra em articulação com o problema do racismo, outras pessoas em sua época e em épocas posteriores se deparam também com tais questões.

Assim, vale ressaltar as diversas formas do racismo se manifestar: os frequentes exemplos de pessoas negras serem chamadas de “macacas”, as históricas violências contra as mulheres negras, o racismo religioso contra as religiões afro-brasileiras, os assassinatos regulares da juventude negra e pobre⁴²⁸, só para destacar algumas. Não existirá democracia de verdade no Brasil enquanto o racismo persistir deste modo tão contundente como se evidencia na conjuntura brasileira. Para tanto, faz-se necessário o rompimento do silêncio⁴²⁹ que ronda os corações e mentes de grande parte dos brasileiros e brasileiras, até mesmo entre os mais conscientes e progressistas, quando o racismo assume seu protagonismo no cenário

⁴²⁶ Esta expressão se refere ao argumento de Roberto da Matta (1984) em sua “Fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira”, que reflete sobre a dimensão hierarquizada no tocante à questão racial no Brasil: “Nesta digressão, pois, apresento o caso do ‘racismo à brasileira’ como prova desta dificuldade de pensar socialmente o Brasil e ainda como uma tentativa de especular sobre as razões que motivam as relações profundas entre credos científicos supostamente eruditos e divorciados da realidade social e as ideologias vazadas na experiência concreta do dia-a-dia. Observo, então, nesta parte, como o nosso sistema hierarquizado está plenamente de acordo com os determinismos que acabam por apresentar o todo como algo concreto, fornecendo um lugar para cada coisa e colocando, completamente, cada coisa em seu lugar (DA MATTA, 1984, p. 59). O papel do racismo no reforço do “sistema hierarquizado” que impera em nossa realidade é simbolizado por Da Matta através da figura do triângulo no qual o vértice localizado acima é o lugar do branco, enquanto os dois de baixo são os lugares do negro e do índio (DA MATTA, 1984, p. 80), ou seja, um lugar para cada coisa, cada coisa em seu lugar. Entendo que as abordagens de Da Matta corroboram com a perspectiva de se pensar a questão racial como elemento de uma cultura política de longa duração que veio, por exemplo, a forjar o que se convencionou chamar de “mito da democracia racial brasileira”.

⁴²⁷ BLOCH, 1993, p.42.

⁴²⁸ Os Mapas da Violência informam de modo sistemático esta realidade, que para o Movimento Negro brasileiro, se constitui em uma espécie de “genocídio” da juventude negra brasileira, portanto, uma das faces mais cruéis do racismo no Brasil. Ver dissertação de mestrado de Aderaldo Pereira dos Santos (2007), *O Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei*, UERJ; ver artigo de Nilma Lino Gomes e Ana Amélia de Paula Laborne, *Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra*, 2018.

⁴²⁹ No tocante ao silêncio, Ricardo Henriques (2003) argumentou sobre a relação deste com o mito: “O silêncio oculta o racismo brasileiro. Silêncio institucional e silêncio individual. Silêncio público e silêncio privado. Silêncio a que nos habituamos, convencidos, por vezes, da pretensa cordialidade nacional ou do elegante mito da ‘democracia racial’. Mito que sobrevive como representação idealizada de nossa sociedade, sinalizando com a construção de uma sociedade tolerante e inclusiva. Mito que exercita, no cotidiano, o engano e a mentira escondendo, de forma perversa e sutil, a enorme desigualdade racial do país. Infelizmente, o poder de ocultamento desse mito enraizou-se em nosso senso comum e, desavisados, negamos a desigualdade e o racismo.” (HENRIQUES, 2003, p.13).

brasileiro. Este silenciamento inibe a consciência crítica tão necessária para o combate a este problema que estrutura as desigualdades raciais e sociais em nosso país.⁴³⁰

Neste sentido, ao me concentrar na trajetória do professor Hemetério José dos Santos, busquei centrar o olhar na história de vida de um negro que conseguiu superar obstáculos advindos do racismo (ou preconceito de cor, como queiram). Hemetério esteve no “olho do furacão” deste tal problema, ou seja, o da cidadania dos negros no pós-abolição.⁴³¹ Veremos neste capítulo e no próximo que Hemetério José dos Santos, ao seu modo, não optou pelo silêncio. Exerceu a sua *agência* antirracista.

Desta feita, a título de esclarecer o que denomino de antirracismo político-pedagógico de Hemetério José dos Santos, argumento que o professor empunhou “armas” políticas e pedagógicas para combater o racismo do seu tempo. Por conseguinte, identifiquei o seu antirracismo presente em diversas atividades e labutas com as quais esteve comprometido. Na abordagem que fez sobre o tema das “raças” no *Livro dos meninos*, publicado em 1881, em que se coloca frontalmente contra a teoria da hierarquização das “raças humanas”. Na organização da atividade pedagógica em que os estudantes do seu colégio tiveram contato com a experiência grandiosa do Quilombo dos Palmares, através do texto de Oliveira Martins,

⁴³⁰ Ver de Silvio Luiz de Almeida (2018), *O que é racismo estrutural?*

⁴³¹ No que tange ao debate historiográfico sobre a situação do negro no pós-abolição, o texto de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), *Experiência e Narrativa – o pós-abolição como problema histórico*, situa, no campo da pesquisa histórica, os diversos momentos em que os estudos de relações raciais se debruçaram a pensar sobre a questão de como seria a vida das pessoas negras depois do fim da escravidão. Questão esta que, regra geral, como bem demonstraram as autoras, implicou em lidar com o impacto da herança escravista na sociedade. Ao mapear o processo de revisão da historiografia, as autoras sinalizam para uma nova perspectiva, voltada, sobretudo, para a ideia de que tanto os escravos quanto libertos passaram a ser vistos como sujeitos sociais que buscaram criar “espaços de negociação” e se tornaram agentes da sua própria história. No que diz respeito à questão da cidadania no pós-abolição, a análise que Flávio dos Santos Gomes e Olívia Maria Gomes da Cunha (2007) apresentam na Introdução do livro *Quase-cidadão – histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, aponta para o entendimento de um problema complexo. Para estes autores, “a conexão entre estatutos jurídicos de cidadania, representações sobre ‘cor’ e concepções de ‘pessoa’ aparecem como peças de um quebra-cabeça aparentemente incompleto”, que, além de produzir “discursos polissêmicos” e díspares em relação ao tema da cidadania, se move em um “complexo território de práticas sociais” (GOMES & CUNHA, 2007, p. 10). Ao refletirem sobre o tema da liberdade dos escravos no Brasil, os autores concluem que “o território da liberdade é pantanoso”, em grande parte por tratar-se de “ambíguo terreno no qual ex-escravos e ‘livres de cor’ tornaram-se cidadãos em estado contingente: quase-cidadãos”. E se perguntam em seguida: “o que fazer então com as marcas físicas e simbólicas desse passado, inalteráveis mesmo diante de operações jurídicas, institucionais e simbólicas diversas?” (GOMES & CUNHA, 2007, p. 13). A questão levantada pelos autores me parece central nos debates relacionados à cidadania dos negros no período imediatamente posterior ao 13 de maio de 1888. Mais adiante, Flávio e Olívia esclarecem a perspectiva que os orienta para pensar a respeito da questão que os próprios autores destacaram: “(...) interessa-nos entender como e através de que operações discursivas, processos sociais e históricos, homens e mulheres cujo estatuto social estava condicionado à combinação de sua condição jurídica, origem social e aparência física passam a ser vistos e a ver a si próprios como iguais. Evidentemente, essa é uma transformação social complexa. A interpretação jurídica que permite essa mudança é clara, embora não o seja sua adoção como um sistema de crença, verdade e valor no plano das relações interpessoais. A lógica talvez seja muito mais próxima da conquista, do convencimento e da contínua produção de interpretações outras, através das quais a crença no estatuto jurídico igualitário seja possível. Nossa intenção é refletir sobre as vicissitudes das experiências de liberdade”. (GOMES & CUNHA, 2007, p. 13).

isto no ano de 1885. Na publicação do texto sobre o significado da palavra “preto”, no ano de 1907, em que desconstrói a ideia corrente de se associar “negro” a “escravo”. Na publicação da sua conferência *Pretidão de amor*, em que faz críticas diretas à discriminação racial na Igreja Católica e a determinadas teorias racialistas da época; além da denúncia sobre determinadas instituições escolares que não aceitavam o ingresso de estudantes negros. Em poemas que exaltam os significados da “África” e do “Negro”. Pela sua atuação no ano de 1917, em defesa do filho, que foi impedido de estudar no Colégio São Vicente de Petrópolis por ser negro. Além disso, exaltou a importância dos africanos e dos negros na formação da sociedade brasileira. Combateu posições racistas de intelectuais da época como Ruy Barbosa, Alcindo Guanabara e José Veríssimo. É este conjunto de experiências que veremos com mais vagar à frente e que denomino de antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério José dos Santos. Antes, porém, algumas reflexões sobre o fenômeno do antirracismo.

3.1 – Algumas considerações sobre o antirracismo.

Alguns historiadores entendem que o fenômeno do antirracismo no Brasil já se encontrava presente no posicionamento crítico de determinados intelectuais em relação à prática de se discriminar pessoas pela cor da sua pele. Assim, do ponto de vista histórico, o antirracismo pode ser encontrado no Brasil antes mesmo do movimento abolicionista. Tomando como fonte determinados jornais e periódicos de época, Célia Maria Marinho de Azevedo (2005), no artigo *A recusa da ‘raça’: anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos de 1830*, e Ana Flávia Magalhães Pinto (2006), na dissertação *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*, são exemplos de pesquisadoras que tratam do antirracismo no Brasil já nas primeiras décadas do século XIX, apesar do enfoque distinto das autoras. Além dessas duas referências, os textos que estão presentes no livro *Pensadores Negros – Pensadoras Negras*, organizado por Sidney Chaloub e Ana Flávia Magalhães Pinto (2016), apresentam abordagens muito satisfatórias sobre o assunto, sobretudo pelo fato de se referirem às pesquisas que tratam da atuação antirracista e pensamento de intelectuais negros e negros.⁴³² Portanto, creio ser pertinente interpretar as ações do professor Hemetério em defesa dos negros e contra a discriminação racial como expressão do seu antirracismo.

⁴³² Em relação ao século XIX, o livro organizado por Chaloub e Ana Flávia destaca a atuação de intelectuais negros (as) a exemplo: Paula Brito (cap. 1), Maria Firmina (cap. 2), Luiz Gama (cap. 3), Machado de Assis (cap. 4), José do Patrocínio (cap. 5), André Rebouças (cap. 6), Arthur da Rocha (cap. 7), Manuel Querino (cap. 9),

No entanto, creio ser pertinente também olhar para a experiência do antirracismo por outro ângulo. Numa sociedade pautada por visões e valores hegemônicos de superioridade da pessoa branca em relação às demais pessoas não brancas, e que reservava aos negros e seus descendentes um lugar subalterno na estrutura social (o caso da sociedade brasileira no período de vida de Hemetério), quando um ser humano negro se propõe a contrariar a lógica da hierarquia racial/social desta sociedade, estaria ele vivenciando uma experiência antirracista? Rebecca J. Scott e Jean M. Hébrard (2014), ao escreverem o livro *Provas de Liberdade – uma odisseia atlântica na era da emancipação*, qualificam de antirracista a saga de uma família (Tinchant) que buscou enfrentar a referida lógica. A pesquisa sobre a trajetória desta família, segundo os autores, os levou “ao âmago do problema da liberdade e dos fenômenos de raça, racismo e antirracismo”⁴³³, e mais ainda,

A história dessa família se desenvolveu em uma narrativa de escolhas individuais e coletivas condicionadas pela escravidão, pela guerra e pela hierarquia social. Apesar disso, os membros dessa família abriram seu caminho com discernimento e habilidade através da era da emancipação, cujas complicações se tornam mais visíveis à medida que seguimos suas trilhas sinuosas.⁴³⁴

Penso que os autores de *Provas de Liberdade* descrevem e analisam a *agência* da referida família, no sentido de se contrapor ao lugar “natural” de inferioridade reservado às pessoas negras pela dinâmica estrutural de sociedades escravistas e as recém-saídas do escravismo. Ao fim e ao cabo, o processo de análise dos autores revela os percalços e estratégias da família Tinchant para conseguir superar obstáculos advindos do racismo e da escravidão. O que se percebe no livro são ações de pessoas que buscam conseguir um lugar mais qualificado para as suas vidas, ao mesmo tempo em que, algumas delas, enfrentam mais diretamente a luta política contra o racismo. Este livro, então, nos permite pensar em uma *dupla dimensão* do antirracismo, ambas articuladas com o tema da educação: a dimensão em que o racismo é enfrentado a partir do *trabalho*, ou seja, do esforço das pessoas negras de não se deixarem se submeter a um suposto “lugar natural” de inferioridade social; e a dimensão de combater o racismo através da *luta política*, no enfrentamento às visões, valores, ideias e propostas que tomam como escopo à desigualdade racial entre os povos. Neste sentido, a educação é importante em ambas às dimensões, pois, além de possibilitar a obtenção de um trabalho em melhores condições, permite que ela mesma (a educação) seja instrumento

⁴³³ SCOTT e HÉBRARD, 2014, p.19.

⁴³⁴ Idem.

político de combate ao racismo. No que tange à primeira dimensão, cabe aqui um pequeno comentário para reforçar o argumento.

Também faz parte dessa dimensão do antirracismo o esforço de pais e mães de famílias negras e pobres que, exercendo trabalhos tidos como subalternos, buscaram (e ainda buscam) criar as condições para que seus filhos consigam superar os obstáculos advindos do racismo com vistas à mobilidade social. Um exemplo emblemático consiste no *trabalho doméstico*, que, historicamente, teve e ainda tem presença significativa de mulheres negras. Em momentos de grande desemprego para os homens negros, a exemplo do contexto pós-abolição, em que os governos e empresas deram preferência ao imigrante europeu, em grande parte, por ansiarem pelo branqueamento da sociedade, muitas famílias foram sustentadas pelas mulheres negras trabalhadoras domésticas. Para além do sustento das famílias, elas foram importantes, inclusive, no apoio a determinadas organizações do movimento negro, como foi o exemplo da Frente Negra Brasileira. Vale acrescentar também que a educação sempre foi importante instrumento para superar tais obstáculos, sendo, inclusive, uma das principais demandas do movimento negro brasileiro para enfrentamento do racismo. O mesmo pode se dizer em relação aos EUA, como argumenta Angela Davis (2016) no artigo “Educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras”, presente em seu livro clássico *Mulheres, raça e classe*.

Desta feita, a trilha de Rebecca e Jean, indicada anteriormente, sinaliza um ponto de partida para se refletir a respeito das experiências antirracistas do professor Hemetério José dos Santos. Dito de outra forma, resguardados os devidos limites e contextos, a perspectiva de *Provas de Liberdade* serve de inspiração para a análise da trajetória de Hemetério e alguns membros de sua família, formada por ele, a esposa, Rufina Vaz de Carvalho dos Santos e seus seis filhos, “Coema, Octavio, Gulnare, Clovis, Aristides e Luiz”⁴³⁵, todos com o mesmo sobrenome, Hemetério dos Santos. Enquanto para os Tinchant o “ponta pé” veio do *comércio*, para os Hemetério dos Santos o ponto de partida foi o *magistério*. Tanto ele, Hemetério José dos Santos, quanto ela, sua esposa, Rufina Vaz de Carvalho dos Santos, fizeram-se professores. Rufina, inclusive, tinha uma ascendência por demais importante, uma vez que ela era neta de Francisco de Paula Brito, editor e tipógrafo negro muito conceituado em seu período de vida no Império, assunto já abordado anteriormente.

Na vida, Hemetério travou determinadas polêmicas com intelectuais da época. É o caso das polêmicas com José Veríssimo, Alcindo Guanabara e Ruy Barbosa. O seu jeito de

⁴³⁵ SILVA, 2015, p. 116.

ser polêmico, no entanto, não poupou nem o grande Machado de Assis. Após a morte do primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, Hemetério escreveu uma carta para Fábio Luz (que a publicou) em que teceu críticas contundentes a Machado de Assis, inclusive afirmando que Machado tinha vergonha de ser negro. Baseando-se em artigo escrito por um ex-aluno de Hemetério (Manuel Cavalcante Proença), Maria Lúcia Rodrigues Müller (2006), autora que vislumbrou primeiro o potencial antirracista de Hemetério José dos Santos, em artigo que leva o mesmo título de uma obra do referido professor (*Pretidão de amor*), destaca a explicação que o respectivo ex-aluno formulara a respeito do ocorrido:

Em artigo publicado no Jornal das Letras, Manoel Cavalcante Proença procurou explicar a crítica intransigente desse professor a Machado de Assis. Hemetério tinha grande capacidade de transformar a mágoa num barulhento orgulho de ser preto, daí perder a mansuetude ao investir contra Machado de Assis com todas as pedras que achou à mão. É que Hemetério, segundo Proença, se apaixonara pelo problema dos negros. Gostava de contar que chegara ao Rio, preto, pobre, provinciano e vencera. Cogitou de associação de homens de cor, parece mesmo que o preconceito racial o estimulava a elevar-se, a adquirir cultura, para desmoralizar as prevenções contra os negros.⁴³⁶

A se considerar a passagem anterior, pode-se inferir que Hemetério buscou fazer da sua própria vida um exemplo de questionamento das previsões negativas em relação aos negros que eram divulgadas na época. Para o professor Hemetério, a educação aparece como uma “arma” a ser empunhada em pelo menos três dimensões: obter conhecimento para enfrentar no campo da política e das ideias os propagandistas das teorias raciais que defendiam a inferioridade dos negros; proporcionar a ele próprio e a sua família uma base de mérito profissional visando a mobilidade social; e, através da escolarização e instrução pública, estender para as outras camadas sociais a possibilidade de que elas mesmas viessem a manejar “a arma da educação” a seu favor no sentido do progresso de suas próprias vidas, ou, dizendo de outra forma, para que pudessem exercer sua *cidadania*.

Para compensar aquilo que Carlos Hasenbalg denominou de “desvantagem”⁴³⁷ pelo fato de ser uma pessoa negra nascida em sociedade escravista e racista, Hemetério levou muito a sério os aspectos da instrução e vínculos pessoais no movimento das “peças” em sua trajetória de vida. Além disso, vale ressaltar que tanto a escravidão quanto o fator racial eram aspectos que demarcavam a sociedade nesta época em diversos ângulos, a exemplo do mundo do trabalho.

⁴³⁶ MÜLLER, 2006, p.157.

⁴³⁷ HASENBALG, 1979, p. 198-199.

Antes de poder se contrapor às vozes da época que apregoavam visões preconceituosas em relação aos negros, foi preciso pavimentar, primeiro, o lugar que possibilitasse ter as condições básicas para que a voz do professor pudesse, minimamente, ecoar na sociedade. Como vimos anteriormente, desde cedo o jovem Hemetério identificou no *trabalho docente* o lugar deste combate. Combate que se deu, inicialmente, como expressão da luta que os seres humanos (que não nasceram em berço de ouro ou prata) fazem para atender as necessidades de sobreviver na sociedade em função do seu trabalho. Ao optar pelo trabalho de professor como “ganha pão”, e saber se mover no sentido de atrair para si determinada “rede de proteção”, em certa medida, Hemetério iniciou um percurso que se diferenciava dos “prognósticos naturais” que uma sociedade escravista estabelecia para a maior parte dos negros do país.

A este respeito, é sugestiva a experiência narrada anteriormente de que Hemetério, ao procurar uma pessoa assim que chegara ao Rio de Janeiro, a referida pessoa lhe providenciara um uniforme de condutor de bonde. Ao invés de aceitar o uniforme, Hemetério foi batalhar por seu projeto de ser professor. Ora, ao olhar um jovem negro vindo do Norte, a pessoa a quem Hemetério buscou contato primeiro deve ter imaginado que estava diante de alguém que se contentaria com a indicação do trabalho de guiar os bondes, porém, não lhe passou pela cabeça que aquele jovem maranhense queria na verdade trilhar o caminho que o levasse ao magistério.⁴³⁸ Esta experiência pode ser pensada como uma experiência antirracista? Pergunta que não quer calar.

Com seu simples ato de não querer ser motorista de bonde para realizar seu desejo de exercer a profissão de professor, Hemetério se contrapôs ao prognóstico que seria mais “natural” para aquele jovem negro, aos olhos do seu contato e, possivelmente, para a maior parte das pessoas da sociedade na época. A experiência antirracista se manifesta exatamente

⁴³⁸ Esta versão consta em matéria publicada no jornal *O Radical* (Edição 02241-1, 04.08.1939, p. 3) um dia após a morte do professor Hemetério. Vejamos um trecho: “Natural do Maranhão, ainda bem moço, veio Hemetério para o Rio de Janeiro, para a Côrte, pois se sentia com animo e valor bastante para conquistar um lugar de realce, uma projecção maior na vida do paiz, difícil de conseguir na sua província, embora seja ella a Athenas Brasileira. Seus primeiros dias de luta, nesta capital, foram fixados por um episodio interessante: apresentado a um protector, este lhe mandou fazer um uniforme de conductor de bonde, achando, naturalmente, que esta era a indumentária adequada ao preto humilde. Sem se molestar, Hemetério procurou outro padrinho, Monsenhor Brito, Reitor do Collegio Pedro II, que facilitou ao jovem maranhense não só os estudos, mas ainda o lugar de professor repetente no referido educandário. Começou ahi, para o jovem maranhense, uma brilhante carreira, conseguindo, a seguir, leccionar no Collegio Militar e na Escola Normal.”. Por certo que a pesquisa de Paulo Terra (2012) demonstrou que havia negros exercendo o trabalho de condutor de bonde, que era valorizado à época, como argumentou o pesquisador. Ocorre que Hemetério queria o “trabalho como pensamento”, voltado para a formação das pessoas. Neste sentido, considerando a veracidade desta versão, numa conjuntura em que predominava a suposta ideia de inferioridade das pessoas negras, entre condutor de bonde e professor, é possível que ao olhar do suposto “protetor”, a primeira opção fosse mais factível. Muito provavelmente, neste caso, Hemetério não teria chegado à projecção social que o ofício de professor lhe proporcionou.

na *agência* do jovem Hemetério que foi tratar de não aceitar esse “enquadramento” e batalhar seu espaço através do trabalho de professor.

Entendo que, em termos pragmáticos, como fruto do processo de vida de um jovem negro, filho de escrava, que queria sustentar seu dia a dia com o trabalho docente, Hemetério deu os seus primeiros passos em direção ao antirracismo à medida que, na prática, sem ter possivelmente consciência plena disso, moveu as “peças” para que a sua própria existência se tornasse um exemplo concreto de que a ideia de inferioridade do negro era algo sem procedência. Tal ideia deveria ser enfrentada, como de fato fizera depois que se preparou e construiu sua base de combate político-intelectual.

Neste sentido, o tipo de trabalho escolhido por Hemetério (docência) fez a diferença, pois, além de possibilitar o acesso a determinadas *redes de sociabilidades*, o trato com a matéria-prima do conhecimento (educação), se manejado com dedicação e esforço, como de fato foi, poderia se tornar importante “arma”, não só para se obter um lugar ao sol mais qualificado, com mais prestígio (para além de ter salário para colocar comida à mesa), mas também em prol da cidadania e do combate ao racismo. Como escreveu Angela Davis, “adquirir conhecimento” em sociedades escravistas e racistas era para os negros e negras um modo de possuir “uma lanterna para os passos de seu povo e uma luz no caminho da liberdade”⁴³⁹. Isto não significa, no entanto, que o notório reconhecimento que Hemetério conquistou através do estudo o livrasse da vivência de situações discriminatórias pelo fato de ser negro, muito pelo contrário, como bem demonstrou a valiosa dissertação da pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015) .

Ao experimentar situações de discriminação racial, o professor Hemetério esteve diante da necessidade de dar respostas ao racismo que sofria. Não apenas em relação ao que ocorria no cotidiano, mas também no que tange às ideias predominantes da época que tendiam a ver no negro um ser humano inferior ao branco. Hemetério tentou, ao seu modo, enfrentar esse debate racial. Neste sentido, o caso específico da trajetória do professor aponta para experiências com o antirracismo, que se expressou através do combate à discriminação racial que ele e sua família sofreram, e na disputa por visões, propostas, valores e ideias relacionadas às questões raciais da época.

Desta feita, a existência deste professor na cidade do Rio de Janeiro parece ter incomodado os racistas de plantão que, certamente, não queriam que um negro, tão retinto, ficasse por aí defendendo a gramática e os africanos. A este respeito, vale ressaltar a

⁴³⁹ DAVIS, 2016, p. 112.

importante pesquisa realizada por Luara dos Santos Silva (2015), cujo resultado está presente no capítulo terceiro da sua dissertação sobre algumas revistas de época que divulgavam notícias e propagandas racistas contra os negros. Luara argumenta que Hemetério José dos Santos e Monteiro Lopes⁴⁴⁰, deputado negro referido no capítulo seis, foram alvos prediletos de tais revistas.⁴⁴¹ A poesia também contribuiu para atacar, de forma racista, o professor Hemetério.

Antes de falecer em 03 de agosto de 1939, a doença (uremia)⁴⁴², que o vitimou, o manteve acamado por meses. Em função disso, alguns dos seus adversários chegaram a chamá-lo de “gramático zumbi”, não para homenageá-lo, se referindo ao grande líder dos Quilombos dos Palmares (uma vez que o professor era conhecido pela defesa que fazia aos negros), mas para dizer que, durante a fase em que ficara na cama por causa da doença, era uma espécie de “morto vivo”.

O jornal que divulgou este ataque a Hemetério foi um periódico de exaltação à obra de Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Passados vinte e um anos do episódio em que Hemetério fez críticas públicas a Machado de Assis, após o falecimento do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cuba*, o periódico trouxe à baila a lembrança deste fato, obviamente tecendo críticas ao ato do professor. Na matéria, o poeta Cruz e Sousa (24.11.1861 – 19.03.1898)⁴⁴³ é definido como tendo “complexo de inferioridade” e Hemetério taxado como “gramático zumbi”, como

⁴⁴⁰ Manoel da Motta Monteiro Lopes, advogado, deputado eleito em 1909 que sofreu a tentativa de impedimento da sua posse por ser negro. Para garantir a sua posse, Monteiro Lopes protagonizou uma mobilização política extraordinária. No sexto capítulo abordo sobre esta personagem.

⁴⁴¹ Quatro das revistas pesquisadas por Luara foram *Tagarela*, *Fon-Fon*, *Careta* e *o Malho*. Como escreveu Luara eram revistas “para fazer rir”, e através do seu suposto riso, divulgavam o seu racismo: “Para alguns dos seus contemporâneos, como é evidenciado nas páginas das revistas ‘para fazer rir’, o posto de intelectual e ‘homem das letras’ ocupado por Hemetério estava em xeque. Isto é, para muitos dos seus pares o fato de um homem negro dialogar horizontalmente com todo aquele universo letrado era sinônimo de muitas ‘suspeitas’ e ‘indagações’, traduzidas em pilhérias, ironias e ofensas públicas. Entretanto, não se pode perder a dimensão dialética e conflituosa desse processo, pois o intelectual negro não somente sofria as consequências do racismo, mas buscava interferir sobre as mesmas” (SILVA, 2015, 108). Esta prática das referidas revistas de tentar desqualificar as pessoas pelo fato de serem negras era algo contumaz: “As páginas das revistas ‘para fazer rir’ se inserem dentro desse contexto histórico em que ‘natural’ era encontrar o negro nos lugares da subalternidade e não o da erudição, da polidez, da intelectualidade e do domínio da cultura letrada. ‘Natural’, para muitos que certamente riam bastante com as páginas desses periódicos, eram os usos de palavras como ‘macaco’ e ‘símio’ para se referirem ao professor Hemetério e os demais negros notáveis como ele. A seguir destaco algumas das passagens encontradas entre as mais de cem ocorrências relacionadas ao professor e algumas ao deputado Monteiro Lopes. Tais revistas por vezes se utilizavam de pseudônimos como ‘M. Ehereo’, ‘Cemitério’, ‘Meterio’, ao se referirem ao professor ou mesmo atribuírem-lhe a autoria de artigos ou frases como esta publicada por *Careta*: ‘A prova mais evidente de que o homem descende do macaco, é que quando se sente perdido se agarra a todos os ramos’” (SILVA, 2015, p. 109-110). Ver também sobre este assunto, de Sílvia Capanema Almeida e Rogério Sousa Silva (2013), *Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República*, (*Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 26, nº 52, p. 316-345, julho-dezembro de 2013).

⁴⁴² *Gazeta de Notícias*, edição 00184(1), 04.08.1939, p. 8.

⁴⁴³ Ver ESPÍNDOLA. Elisabete Maria. Cruz e Sousa: a verve satírica contra o preconceito e a discriminação. *Afro-Ásia*, nº 53, p. 115-147, 2016.

dito anteriormente, não pelo fato de ser lutador da causa negra, mas por encontrar-se convalescido com uma doença que o levaria à morte três meses depois da divulgação da matéria no jornal *Dom Casmurro*. Vejamos o trecho da notícia: “Os mesmos motivos que punham Cruz e Sousa em estado de raiva contra o romancista levaram o gramático zumbi Hemetério dos Santos a idêntica e ingrátíssima tarefa. O que leu foi que este último encontrou a resposta merecida, naquela sátira tremenda de Emílio de Menezes...”.⁴⁴⁴

A sátira à qual o jornal se refere são palavras racistas escritas por Emílio de Menezes, escritor e poeta que, ao tomar as dores de Machado e usar a pena para defendê-lo, deixou transparecer o profundo racismo que se expressou nas palavras que escolhera para qualificar o professor Hemetério. O episódio marcou tanto Hemetério que, mesmo depois de trinta e sete anos do ocorrido, o jornal *A Manhã* de 17 de outubro de 1945 lembrou algumas das palavras de Emílio sobre Hemetério:

O preto não ensina só gramática,
É pelo menos o que o povo diz.
Mete-se na dinâmica, na estática,
E em muitas coisas mais mete o nariz.
Dizem que quando ensina matemática,
As lições de mais b, de igual a x,
Em vez de em lousa, com saber e prática,
Sobre a palma da mão escreve a giz.
Uma aluna dizia: - Este Hemetério
Do ensino faz um verdadeiro angú,
Com que empanturra todo o magistério.
E é um felizardo o príncipe zulu:
Quando manda um parente ao cemitério,
Tem um luto barato: fica nú.
Emílio de Menezes.⁴⁴⁵

Fica explícita, na sátira de Emílio, a proposta de tentar desqualificar o educador e o ser humano negro por ser negro. Mas o racismo de Emílio de Menezes não cessou por aí. Luiz Edmundo, em suas clássicas memórias, para além de lembrar episódios da passagem de Hemetério pela cidade, registrou as tristes linhas de Emílio. A crônica de Luiz Edmundo foi publicada pelo jornal *Correio da Manhã* de 4 de agosto de 1935, na celebre coluna “Rio de Janeiro do meu tempo”. O texto trata dos cafês da cidade, casos ocorridos, faz comentários sobre tipos de pessoas, dentre estas, o professor Hemetério dos Santos. Há algumas charges das pessoas citadas, inclusive, a do professor. Informa que Hemetério era míope, que Emílio

⁴⁴⁴ Jornal *Dom Casmurro*, 27 de maio de 1939, edição 103-1, p. 12.

⁴⁴⁵ *A Manhã*, 17 de outubro de 1945, edição 26-1, p. 9.

de Menezes não gostava dele, e reproduz outras palavras racistas do respectivo poeta. Vejamos um trecho da referida crônica:

(...) Outros typos curiosos da cidade, por vezes, tambem ali entram, ouvem dois compassos de musica, tomam uma chicara de café e vão embora. Entre eles está o grammatico Hemeterio dos Santos, preto, sempre dentro da sua sobrecasaca, muito myope... Uma vez, tendo quebrado o pince-nez, não podia ler a taboleta do bonde. Descobrimdo, a seu lado, uma negra velha a essa lhe pediu:
- Faça o favor minha senhora, leia, por mim, se esse bonde vae para o Mattoso...
- Eu tambem não sei lê, não sinhô...
O homem é um philologo profundo, coração de ouro, apenas um tanto discutidor. Essa mania cria-lhe algumas antipathias. Emilio de Menezes, por exemplo, não gosta dele. E quando ele não gosta de uma pessoa, geralmente a immortaliza. Hemeterio terá, assim, que passar á Historia, dentro deste soneto:
Neto de Obá o Principe africano
Não faz congadas, córta no maxixe,
Herbert Spencer de ébano e de guano
É um Froebel de nakin ou de azeviche.
No Pedagogium o grande o soberano
Quer que com ele a critica se lixe
É o mais completo pedagogo urbano!
Pertalozzi genial, pintado a pixe!
Major, fez da côr preta a côr reúna,
Na vasta escola da ornithologia
Se águia não é, não é, também, graúna....
Um amator de passaros diria:
- Este pretinho é um pássaro turuna,
É o vira-bosta da pedagogia...⁴⁴⁶

Emílio de Menezes fecha o soneto da forma mais racista e jocosa possível, contrastando com as palavras que Luiz Edmundo utiliza para qualificar o professor: “o homem é um philologo profundo” que tem “coração de ouro”.⁴⁴⁷

⁴⁴⁶ *Correio da Manhã*, 4 de agosto de 1935, edição 12323-1, p. 23-24.

⁴⁴⁷ Em outra crônica de Luiz Edmundo, ao dedicar algumas linhas para falar de Carlos Laet, gramático e defensor da Monarquia, o professor Hemetério é também citado, desta vez para destacar o grupo de filólogos que se reunia em livrarias para debater, dentre outras coisas, os temas ligados à língua portuguesa. A crônica foi publicada pelo *Correio da Manhã* na mesma coluna “Rio de Janeiro de meu tempo” (Edição 12565-1, 3 de novembro de 1935, p. 21): “(...) Na livraria Azevedo, á rua Uruguayana, ainda muito estreita, muito suja, cheirando a detricto de cavallo de tilbury, pontifica Carlos Laet, lindo espirito, embora solapado por um clericalismo intransigente e um inveterado monarchismo. Vive despejando satyras, disparando motejos e ironias, entre grupos de filólogos como Fausto Barreto, Maximino Maciel, Hemeterio dos Santos, Alfredo Gomes, Costa e Cunha e professores municipaes. Platêa curta, mas, animada, accesa... (...)”. Em pelo menos mais duas oportunidades, o nome de Hemetério é citado por Luiz Edmundo em suas famosas crônicas “O Rio de Janeiro do meu tempo”, publicadas pelo *Correio da Manhã* (Edição 12613-1, 29 de dezembro de 1935, p. 21; e Edição 12738-1, 24.05.1936, p. 23), o que denota ter sido o professor pessoa marcante na cidade.

Aos ataques racistas, Hemetério empunhou a arma da educação. Assim, pelo que pude investigar e observar a respeito da vida do professor, percebe-se que as experiências dele, no que diz respeito à dimensão antirracista explicitada anteriormente, não seriam, propriamente, de alguém que se envolvera em processos da chamada imprensa negra e de organizações e instituições tipicamente negras, no que se convencionou chamar de movimento negro brasileiro⁴⁴⁸. Apesar disso, determinadas ideias publicadas por ele eram bem próximas de algumas das demandas deste movimento social⁴⁴⁹. Algumas evidências, por sua vez, sugerem que ele se aproximou de determinada “associação de homens de cor”.⁴⁵⁰

Mesmo sem ter se envolvido em criar jornais de negros e instituições de negros, Hemetério, enquanto um negro que não se deixou vergar pelo racismo de sua época, deu, ao seu modo, sua contribuição para que o debate sobre questões raciais, numa perspectiva

⁴⁴⁸ A perspectiva do pensador Joel Rufino dos Santos desenvolvida no artigo *Movimento Negro e a Crise Brasileira* (1985) é, a meu ver, referência importante para se compreender o significado deste movimento social no processo de transformação que a sociedade brasileira experimentou no contexto que levou ao fim da ditadura militar no Brasil. Rufino faz uma reflexão sobre o sentido da “crise” de uma sociedade que foi projetada pelas elites políticas dominantes nas bases do que se convencionou chamar de “mito da democracia racial brasileira”, e que cada vez mais se via diante da demolição do referido mito. No bojo da sua reflexão, o autor situa historicamente o papel que o movimento negro brasileiro exerceu (e ainda exerce) no combate a este mito e apresenta duas perspectivas de entendimento do que seja movimento negro a partir do olhar e experiências dos próprios militantes deste movimento: uma no “sentido amplo” e outra no “sentido estrito”. No “sentido amplo”, movimento negro pode ser compreendido como as lutas negras “de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo” (RUFINO dos SANTOS, 1985, p.287). Em “sentido estrito”, foi, sobretudo, “uma resposta, em condições históricas dadas, ao mito da democracia racial” (RUFINO dos SANTOS, 1985, p.287), e, nesta perspectiva, corresponderia ao processo desencadeado a partir da década de 1930, com o surgimento da Frente Negra Brasileira. Apesar de que não se pode perder de vista o aspecto sinalizado por Amauri Mendes Pereira (2006) de que “foram as Entidades e grupos de negros surgidos na década de 1970 que tornaram comum o uso do termo Movimento Negro para designar o seu conjunto e as suas atividades” (PEREIRA, 2006, p.62). Assim, sem entrar no mérito do argumento do historiador Petrônio Domingues (2007), que entende como “problemática em uma abordagem historiográfica” (DOMINGUES, 207, p. 102), a perspectiva apresentada por Rufino, penso que, a se considerar o “sentido amplo” ao qual se refere Joel, a atuação do professor Hemetério José dos Santos pode ser compreendida sob este prisma. Vale lembrar, neste sentido, que, apoiando-se na perspectiva de Abdias Nascimento (2000), o historiador Amílcar Araujo Pereira (2013, p. 112) corrobora com a abordagem de Joel Rufino dos Santos.

⁴⁴⁹ A este respeito, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (1999) sintetizou da seguinte forma a agenda de luta do movimento negro: “Tal agenda pode ser resumida a um combate anti-racista em três frentes: a) recuperação da auto-estima negra, por meio da mobilização de valores estéticos, da reapropriação de valores culturais, da recuperação de seu papel na história nacional, e do avivamento do orgulho racial e cultural; b) combate à discriminação racial, por meio da universalização da garantia dos direitos e das liberdades individuais, incluindo os negros, mestiços e pobres; c) combate às desigualdades raciais, por meio de políticas públicas que estabeleçam, a curto e médio prazo, um maior equilíbrio de riqueza, prestígio social e poder entre brancos e negros” (GUIMARÃES, 1999, p.212). Como veremos adiante, alguns dos elementos apontados por Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, como sendo pertinente ao programa do movimento negro brasileiro, já se encontravam presentes em algumas das ideias defendidas pelo professor Hemetério José dos Santos, sobretudo, em relação à autoestima negra, orgulho racial, combate à discriminação racial e valorização do trabalho do negro e do africano. Mas ele não estava sozinho neste combate. Estudos que tratam da atuação de intelectuais negros, apontam para a existência do combate antirracista presente na conjuntura do movimento abolicionista e no pós-abolição, não tanto no formato de um movimento organizado como a partir de 1930, mas através de ações, pensamentos e redes de sociabilidades de determinados intelectuais negros. (AZEVEDO, 1999; VILLELA, 2004; GOMES, 2005; YOLANDA, 2008; DANTAS, 2008; MULLER, 2008; SCHUELER, 2011; PINTO, 2014).

⁴⁵⁰ Ver MULLER, 2006, p. 157.

antirracista, ocorresse na sociedade. Na mesma “Pátria” que é racista existe também o seu oposto: o antirracismo. Por causa de algo muito simples: uma coisa não existe sem a outra. Assim como disse certa vez Joel Rufino dos Santos de que não se pode pensar a escravidão sem a luta contra a escravidão⁴⁵¹, na medida em que são fenômenos que coexistem, é esclarecedor e necessário olhar para o fenômeno do racismo também a partir da sua contramão, ou seja, as experiências de homens e mulheres em sua *agência* possível para combatê-lo. É esta *agência* que torna tais pessoas antirracistas. Porque indivíduos e grupos reagem de acordo com os instrumentos que estão disponíveis. Ser um antirracista significa enfrentar o racismo da forma adequada e possível frente às condições que se apresentam naquele presente.

Não existe uma cartilha ou manual que informe e explique que métodos seriam mais aceitáveis para se qualificar alguém como antirracista. Antirracista é aquele ou aquela que questiona ou enfrenta, de alguma forma, o preconceito, a discriminação e o racismo do seu tempo. Portanto, foi isto que o professor Hemetério José dos Santos fez: encontrou a sua forma de ser antirracista. E grande parte deste aspecto já foi evidenciada por algumas das pesquisadoras que tomaram como tema a trajetória e o pensamento do professor Hemetério, como destaque a seguir.

3.2 – O antirracismo de Hemetério na historiografia.

As ações e discursos do professor Hemetério apontam para a percepção de que estaríamos diante de um sujeito histórico que pode ser pensado como um dos precursores de uma pedagogia antirracista no Brasil. Existe de fato o indicativo de que o professor fez da reação às diversas situações discriminatórias, pelos quais ele e membros de sua família experimentaram, e não foram poucas as situações, incluindo campanha sistemática por determinados periódicos e embates com outros personagens da época, um exercício de refletir, de forma política e educativa, sobre questões raciais e sobre as teorias racialistas do período, com destaque para o racismo científico, a miscigenação e a eugenia.

Neste sentido, a dissertação de Luara dos Santos Silva é o trabalho mais consistente que encontrei sobre a atuação antirracista do professor Hemetério. Porém, antes de destacar o percurso percorrido por Luara sobre a trajetória de Hemetério, convém lembrar que, antes dela, outras pesquisadoras, como Maria Lúcia Müller e Carolina Dantas, sinalizaram para o

⁴⁵¹ Ver SANTOS, Joel Rufino dos. “Quilombos”, Programa da TV Escola (DVD – Pluralidade Cultural, Vol. II/MEC).

fato de que estávamos diante de um personagem que valia a pena ter atenção, sobretudo por tratar-se de alguém empenhado em enfrentar o debate racial de sua época, tarefa um tanto quanto difícil até nos dias atuais, imagina numa época em que não havia aquilo que conhecemos hoje por movimento negro, e, ainda por cima, convivendo com ideias que tomavam como verdade a inferioridade dos negros em relação aos brancos. Além disso, Hemetério foi um trabalhador e um batalhador do campo educacional.

Ao publicar um artigo sobre o professor Hemetério José dos Santos, no livro *Cor e Magistério*, organizado por Iolanda de Oliveira (2006), Maria Lúcia Rodrigues Müller deu ao artigo o mesmo título de uma obra do referido professor: “Pretidão de amor”. Trata-se de conferência de Hemetério no “Clube de Senhoras”, na cidade do Rio de Janeiro, em 1905. Maria Lúcia explica, no início do artigo, os motivos que a levaram a dar ao seu texto o mesmo título do livro de Hemetério José dos Santos:

Pretidão de amor é um livro de difusão de ideias anti-racistas. Ali o autor faz toda uma explanação didática mas também cheia de erudição sobre a situação histórica do negro no mundo. Combate sutilmente as teorias racistas, que naquele momento tinham predomínio no pensamento social brasileiro. O objetivo deste artigo é construir uma biografia do professor Hemetério José. Adoto o mesmo título do livro como forma de homenagear um intelectual que lutou contra o racismo com as mesmas armas – e talvez com muito mais coragem – que os pesquisadores da área das relações raciais e educação lutamos hoje, usando a pesquisa e o conhecimento para desmascarar a falsidade do racismo e do preconceito.⁴⁵²

As palavras da autora não deixam dúvidas quanto ao entusiasmo de tornar público o que ela vislumbrou como potencial combativo no pensamento e na trajetória deste professor. Além de apresentar uma pequena biografia sobre Hemetério, Maria Lúcia pontuou alguns aspectos importantes da história de vida do personagem.

Na Escola Normal, teve como colega de trabalho e amigo o também professor Manoel Bonfim (08.08.1868 – 21.04.1932)⁴⁵³, um dos principais intelectuais da época, sobretudo no que diz respeito ao combate às teorias raciais. Teve também desafetos de peso, como Alfredo Gomes⁴⁵⁴ e José Veríssimo (08.04.1857 – 02.12.1916)⁴⁵⁵. Com o primeiro, dentre outras coisas, travou debates sobre “diversas questões sobre gramática” e, entre os dois, a inimizade chegou ao ponto de produzir um processo judicial, de acordo com Müller.⁴⁵⁶ Quanto ao segundo, autor do clássico *A educação nacional*, as polêmicas ocorreram em torno das

⁴⁵² MÜLLER, 2006, p.153-154.

⁴⁵³ Médico e professor da Escola Normal.

⁴⁵⁴ Professor da Escola Normal.

⁴⁵⁵ Professor da Escola Normal.

⁴⁵⁶ MÜLLER, 2006, p.155. Não consegui encontrar o referido processo.

“opiniões racistas” por parte deste escritor.⁴⁵⁷ Ao tratar de outra obra do professor Hemetério José dos Santos, *Carta aos maranhenses*, Maria Lúcia pontua aspectos que evidenciam a dimensão política no pensamento pedagógico do professor. Segundo ela,

(...) a Carta é um verdadeiro manifesto político-pedagógico que pretende pensar o Maranhão e o Brasil. Ele (Hemetério) aponta entre as causas da miséria do povo maranhense a situação fundiária do estado que provocava o êxodo rural e empurrava milhares de jovens maranhenses para o Norte e para o Sul do país. Sobretudo, indicava que as soluções para os problemas populares deviam ser políticas. Num período em que as questões sociais eram consideradas caso de polícia, acreditava ser responsabilidade do poder público zelar pelo bem-estar da população.⁴⁵⁸

Em outro trecho, a autora informa que, para o professor Hemetério, “o objetivo do ensino público deveria ser o de formar cidadãos capazes de pensar o Brasil e encontrar soluções adequadas à realidade em que viviam”.⁴⁵⁹ Fica evidente o quanto a personagem Hemetério, inserido numa determinada cultura política da época, parece ter consciência do papel estratégico da educação como forma de proporcionar cidadania para a população. Neste sentido, ele faz coro com outros intelectuais do período que também comungavam da mesma perspectiva política de “pensar a construção da identidade nacional através da escola”.⁴⁶⁰ Escola em duplo sentido: enquanto Escola Normal, lugar de formação de professores “em bases profissionais” e “escola pública primária”, para onde o professorado exerceria o seu trabalho.⁴⁶¹

Ao final do artigo, Maria Lúcia Rodrigues Müller sugere a possibilidade de se fazer relações e comparações entre as diferenças de pensamento do professor com outros importantes intelectuais, a exemplo de Afrânio Peixoto (17.12.1876-12.01.1974)⁴⁶², Fernando Azevedo (02.04.1894-18.09.1974)⁴⁶³ e Lourenço Filho (10.03.1897-03.08.1970)⁴⁶⁴, que também pensaram a educação, mas que apresentam visões “radicalmente diferentes” às ideias de Hemetério no que tange à questão racial. De acordo com a autora,

Afrânio Peixoto era adepto das teorias racistas. Creditava aos pretos e mulatos (sic) todos os males da população brasileira. Fernando Azevedo e Lourenço Filho eram favoráveis ao branqueamento da população, com a vinda de levas de migrantes europeus e acreditavam firmemente na extinção dos pretos. O pouco que conseguimos recuperar do pensamento do professor Hemetério

⁴⁵⁷ Idem, p.156.

⁴⁵⁸ Idem, p.159.

⁴⁵⁹ Idem, p.160.

⁴⁶⁰ Idem.

⁴⁶¹ Idem.

⁴⁶² Escritor, médico, professor e crítico literário.

⁴⁶³ Escritor, professor e sociólogo.

⁴⁶⁴ Escritor e professor.

apresentado nesse artigo, nos diz que ele tinha uma posição radicalmente oposta à desses educadores.⁴⁶⁵

Sem dúvida, a partir do artigo de Maria Lúcia Rodrigues Müller, foi aberto o caminho para as pesquisas sobre o professor Hemetério José dos Santos. Assim, outros pesquisadores e pesquisadoras também desenvolveram reflexões a respeito do professor. É o caso de Carolina Vianna Dantas.

Encontrei três referências em que esta autora trata a respeito de aspectos do pensamento de Hemetério: no artigo *Cultura histórica, República e o lugar dos descendentes de africanos na nação*⁴⁶⁶; no texto *Brasil café com leite – cidade e presença negra*, que se encontra como uma das partes do capítulo quatro de sua tese⁴⁶⁷; e no artigo *O Brasil café com leite – debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república*.⁴⁶⁸ As três referências mantêm entre si a mesma base de argumento sobre a visão que a autora apresenta a respeito do pensamento do professor Hemetério, pois os três textos se situam no âmbito da mesma pesquisa que a autora desenvolveu para pensar o tema “mestiçagem e identidade nacional” na primeira república. Desta feita, vamos considerar aqui a terceira referência, cujo artigo foi publicado depois das duas anteriores.

Preocupada em pensar a respeito das ideias de determinados intelectuais na primeira república no que tange aos temas da “mestiçagem” e “preconceito de cor”, Carolina Dantas analisou alguns periódicos que circulavam na cidade do Rio de Janeiro para investigar as visões apresentadas pelos mesmos no tocante às respectivas temáticas. Uma das hipóteses da autora, que veio a se confirmar através da pesquisa que deu origem a sua tese de doutorado, consistiu em identificar “um tipo de produção intelectual que investiu na construção de uma versão mestiça da identidade nacional brasileira, ainda na primeira república”.⁴⁶⁹ Produção esta que, longe de ter sido “homogênea”, apresentou uma variedade de interpretações.⁴⁷⁰

As diversas visões sobre o papel da mestiçagem no futuro do país se fundamentavam em perspectivas que poderiam se basear em argumentos “pessimistas” ou “otimistas”. Os pessimistas, pautados pelo chamado “racismo científico”, condenavam a mestiçagem por acreditarem que o resultado do cruzamento de raças geraria “degeneração e ameaça ao

⁴⁶⁵ Idem, p. 162.

⁴⁶⁶ Ver texto de Carolina Dantas no livro *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, organizado por Martha Abreu, Rachel Soihet e Rebeca Gontijo (2007).

⁴⁶⁷ DANTAS, Carolina. *Brasil 'café com leite': história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos (Rio de Janeiro, 1903-1914)*, UFF, 2007. (tese de doutorado).

⁴⁶⁸ Ver artigo de Carolina Dantas publicado na *Revista Tempo* (2008).

⁴⁶⁹ DANTAS, 2008, p. 58.

⁴⁷⁰ Idem, p. 249.

futuro”.⁴⁷¹ Assim, para estes, o mestiço traria a marca do atraso. Para os otimistas, no entanto, a mestiçagem seria o “remédio” para a cura deste presumível atraso, pois, através do “branqueamento”, o futuro do país estaria a salvo à medida que o elemento branco, visto como superior, suplantaria o “sangue negro”.⁴⁷² Percebe-se um elo comum entre essas duas formulações, ou seja, a visão racista de que o negro era inferior ao branco.

A “solução para o problema do negro” presente na visão de que era possível embranquecer a população, e que motivou em grande parte a política de imigração em massa de europeus para o Brasil, ganhou força com a ajuda de determinados intelectuais, a exemplo de “Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Afrânio Peixoto e João Baptista de Lacerda”. De acordo com a autora, eles “enalteceram a mestiçagem como instrumento de assimilação racial dos considerados grupos inferiores, de forma que escapavam da armadilha determinista que condenaria o Brasil ao atraso e à barbárie”.⁴⁷³

Em grande parte, os argumentos apresentados até aqui por Carolina Dantas se fundamentam na historiografia que a autora mobilizou para pensar as questões raciais da primeira república. Depois de situar o cenário que compunha o que Lilian Schwarcz (1993), em obra clássica, denominou de “espetáculo das raças”, Carolina avançou no sentido de tratar do aspecto central da sua reflexão. O referido aspecto consistiu em analisar o ponto de vista de um grupo de intelectuais que, ao abordar o tema da mestiçagem, o fez na perspectiva do combate ao preconceito de cor e da valorização dos africanos e seus descendentes.

Carolina Dantas identificou “alguns traços” entre os intelectuais analisados, “como a abordagem de temas relacionados à identidade nacional, uma postura tutelar em relação à sociedade e a intensa atuação na imprensa”, além do “significativo envolvimento com a educação” e participação nos movimentos abolicionista e republicano.⁴⁷⁴ O conteúdo das abordagens dos intelectuais que ela pesquisou nos periódicos sinalizou para “uma diversidade de formulações sobre mestiçagem e preconceito de cor”.⁴⁷⁵ Vários foram os intelectuais investigados, a exemplo de Gonzaga Duque, “cronista Gil”, Manoel Bonfim, Olavo Bilac, Juliano Moreira, dentre outros, e entre estes estava lá incluído no universo da pesquisa de Carolina Dantas o professor Hemetério José dos Santos.

O documento que deu base para as reflexões da pesquisadora a respeito do pensamento de Hemetério foi uma carta enviada pelo professor a Fábio Luz e que “foi

⁴⁷¹ Idem, p. 61.

⁴⁷² Idem.

⁴⁷³ Idem, p. 63.

⁴⁷⁴ Idem, p. 64.

⁴⁷⁵ Idem, p. 65.

publicada na Gazeta de Notícias, em 1908, e no Almanaque Garnier, em 1910”.⁴⁷⁶ Esta foi a famosa carta em que Hemetério torna pública a sua afirmação de que Machado fora negligente para com a situação do negro na sociedade, isto porque ele teria, de acordo com o professor, “vergonha da sua cor”. A partir da análise desta carta, Carolina Dantas pontuou aspectos que ela identificou em relação ao pensamento de Hemetério, no tocante aos temas da “mestiçagem” e “preconceito de cor”.

Em linhas gerais, a autora identificou, nas ideias de Hemetério, uma abordagem em que ele buscou se posicionar contra o “preconceito de cor” utilizando argumentos, por um lado, favoráveis à ideia da “mestiçagem”, por outro, afirmando como positiva a contribuição dos negros, chegando ao ponto de sugerir como exemplo para o mundo o processo que se deu na sociedade brasileira no tocante às relações raciais: “Dessa forma, para Hemetério, contrapor-se ao preconceito de cor implicava afirmar que o ‘problema do negro’ no país não teria se desdobrado em antagonismos em função da própria contribuição dos negros. Nesse quesito, o Brasil seria tão original que deveria servir de exemplo para mundo”.⁴⁷⁷

Ela se refere também ao estudo que Hemetério publicou no *Almanaque Garnier* (1907) a respeito da etimologia da palavra “preto”, em resposta a um gramático que publicara ideias negativas a respeito deste termo. De acordo com Carolina, Hemetério fez crer “que não existiam noções pejorativas associadas aos termos ‘preto’ e ‘negro’”.⁴⁷⁸ A autora conclui, por fim, que Hemetério, ao mesmo tempo em que “reconhecia a existência do preconceito de cor e posicionava-se contra ele, afirmava também o Brasil como uma nação construída com base no ‘amor’ e na ‘tolerância’”,⁴⁷⁹ apesar de que há registro do enfrentamento dele à intolerância racista da época.

Sem entrar no mérito de outras questões abordadas pela autora no contexto geral do artigo, gostaria de evidenciar que seu texto corrobora com a percepção de que o cenário vivenciado pelos atores, na temporalidade estudada, encontrava-se imerso (para não dizer encharcado) pela existência de uma cultura política em que o tema racial foi componente (no mínimo) muito marcante. Neste contexto, ela conseguiu “identificar investimentos de alguns intelectuais na descoberta e na difusão de manifestações culturais marcadamente mestiças”,⁴⁸⁰ as quais, a meu ver, para além da manifestação cultural, podem ser lidas como expressão de posições políticas destes intelectuais frente ao problema do racismo em sua época. Dito de

⁴⁷⁶ Idem, p. 74.

⁴⁷⁷ Idem, p. 74.

⁴⁷⁸ Idem, p. 75.

⁴⁷⁹ Idem.

⁴⁸⁰ Idem, p. 78.

outra forma, estes intelectuais contribuíram para o entendimento do problema do racismo como um problema político, sendo, portanto, elemento da cultura política na primeira república.

O texto evidencia que o professor Hemetério não estava sozinho no seu empenho de questionar as teorias raciais de seu tempo. Que semelhanças e diferenças existiram nas formulações destes e de outros intelectuais antirracistas na primeira república em relação ao pensamento de Hemetério? Esta é uma questão que se abre a partir da perspectiva apresentada por Carolina Dantas. Assim, deduz-se que Hemetério José dos Santos foi parte desta história e que as formulações por ele realizadas apresentam maior complexidade do que a destacada pelo texto da autora, até porque, como o foco da pesquisadora não era a trajetória de vida do referido professor, o universo documental mobilizado foi bastante restrito no que tange a esta personagem. O mesmo não se pode dizer das contribuições da pesquisadora Luara dos Santos Silva que, em setembro de 2015, defendeu valorosa dissertação de mestrado sobre o professor Hemetério, ampliando em muito o escopo das fontes de pesquisa sobre o referido educador.

Foram três as referências que encontrei sobre o professor Hemetério escritas por Luara dos Santos Silva. Os trabalhos de congresso *Negro, intelectual e professor: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1875 – 1920)*⁴⁸¹ e “*Etymologias, Preto*”: *sentidos da negritude em disputa no periodismo carioca (1900 – 1920)*⁴⁸²; e a dissertação de mestrado “*Etymologias Preto*”: *Hemetério José dos Santos e as questões raciais do seu tempo (1888 – 1920)*.⁴⁸³ Considerei aqui a análise da dissertação em função da maior densidade de reflexão e uso de fontes por parte da autora, até porque os dois artigos são análises que se encontram contempladas no corpo do texto da dissertação.

Seguindo talvez o mesmo propósito de Maria Lúcia Müller que deu ao artigo sobre Hemetério o título de uma das obras deste professor, como forma de homenageá-lo, Luara inclui, no título de sua dissertação, uma das publicações do professor (no caso “*Etymologias Preto*”). Nesta publicação, ele discute com um determinado gramático aspectos sobre o significado da palavra “preto”.⁴⁸⁴ Ao contrário do gramático que via negatividade na respectiva palavra, Hemetério se baseou em argumentos históricos para lhe atribuir positividade.

⁴⁸¹ Trabalho apresentado no XVI Encontro Regional de História – ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas (julho/2014).

⁴⁸² Trabalho apresentado no Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (outubro/2014).

⁴⁸³ Dissertação defendida em setembro de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Relações Etnicorraciais da CEFET/RJ.

⁴⁸⁴ Ver *Almanaque Garnier*, 1907, p. 237 a 239. O referido texto foi analisado mais a frente.

Em sua dissertação, Luara argumenta que a trajetória do professor Hemetério se pautou na sua afirmação enquanto negro, no enfrentamento do racismo e na valorização social através do trabalho docente. O período demarcado (1888-1920) sugere a preocupação da pesquisadora em investigar a atuação de Hemetério no pós-abolição.

Além da introdução e da conclusão, Luara dividiu a dissertação em quatro capítulos. Percebe-se que ela buscou articular elementos da trajetória do professor com determinadas questões que foram enfatizadas no percurso dos capítulos. Desta feita, o primeiro capítulo deu ênfase à questão da imprensa e do uso de periódicos por intelectuais da época para afirmar e/ou negar pontos de vista e disputas políticas por ideias e proposições. Assim, a autora busca situar a atuação de Hemetério neste contexto, e alguns embates e propostas por ele veiculadas, assim como informar a respeito de alguns vínculos políticos e de amizade do professor. O segundo capítulo busca situar o campo educacional pelo qual Hemetério transitou e algumas das visões do professor em torno do tema do ensino e da educação. O terceiro capítulo se dedica a tratar mais especificamente das questões raciais, tanto no que tange às discriminações sofridas por Hemetério (em especial, da forma como determinadas revistas e periódicos buscavam ridicularizar suas ações em prol da questão negra), quanto aos argumentos por ele utilizados para se contrapor às ideias racistas da época. O quarto capítulo se preocupa em localizar a política no âmbito da trajetória do professor. Os referenciais teórico-metodológicos aos quais a autora se apoia (dentre estes, Peter Burke e Giovanni Levi), foram apresentados na introdução. Na conclusão, ela reafirma a importância da trajetória de intelectual negro do professor.

Em uma passagem esclarecedora, Luara sintetiza os argumentos que sua dissertação buscou fundamentar:

(...) os textos publicados por Hemetério em alguns veículos de imprensa brasileiros do início do século XX traziam ao plano central não apenas suas “opiniões” ou “polemizações”. Para além disso, podem ser entendidos como textos que disputavam hegemonias discursivas e sociais sobre as concepções de ser negro, por exemplo. Os textos desse professor e dos demais intelectuais que usavam o espaço da imprensa para expressarem seus pontos de vista e propor debates, estavam também buscando atuar como “força ativa” na teia das relações sociais de seu tempo. O que este trabalho busca fazer é colocar em primeiro plano essas estratégias discursivas, entendidas como elementos de construção de um contexto social, e o modo como se coadunaram a outros artifícios de convencimento e conquista de espaços socialmente respeitados e valorizados. Ou seja, os textos escritos e publicados pelo professor Hemetério positivando o negro na história do Brasil, como veremos adiante, se articularam às palestras e conferências que realizou, às cartas pessoais

enviadas a alguns dos chefes políticos de então, ao apelo direto e ao apoio público estrategicamente dado a tais sujeitos.⁴⁸⁵

A passagem acima evidencia o caminho percorrido pela autora em sua pesquisa e revela alguns dos campos de possibilidades que ela explorou na trajetória do professor. Por um lado, destacar a participação dele nos debates em torno das “concepções de ser negro”, que significava para Hemetério, por sua vez, pensar argumentos para se contrapor às ideias de pensadores estrangeiros e nacionais que estavam em voga na época, e que, como bem demonstrou Gislene Aparecida dos Santos (2002) em *A invenção do ser negro – um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*, tinha nos periódicos e jornais um instrumento de divulgação:

A reprodução no Brasil de todos os preconceitos europeus se dava letra por letra. A perseguição aos africanos que eram símbolos de barbárie, de decadência cultural e de inferioridade era retratada nos jornais da época de forma corriqueira entre uma e outra notícia. Lidas e relidas com certa frequência, essas notícias, em vez de informar a população, disseminavam teorias racistas. Do escravo, artigo vendido ou comprado, ao marginal negro não havia muito espaço. O negro será retratado nos jornais: nas seções científicas, como objeto de estudo ou comprovação das teorias racistas; na seção de notícias, ora assassino, ora fugitivo, ora como um ser incapaz de viver em sociedade cometendo graves erros por ignorância, ora por práticas de feitiçaria ou canibalismo, ora por degeneração moral; na seção de anúncios, como mercadoria que se compra e vende, procurada ou encontrada; na seção de contas, como um semi-homem com características pouco civilizadas. Não podemos nos esquecer das seções policiais e dos obituários, em que a figura do negro era uma constante: é aquele que mata e também aquele que morre de forma quase sempre violenta.⁴⁸⁶

Por outro lado, a própria imprensa que divulgava preconceitos era também acessada pelo professor Hemetério (e por outros intelectuais) para propagar o contra discurso antirracista que era elaborado. A dissertação de Luara investiu no sentido de evidenciar o que ela denomina de “estratégias discursivas” presentes nos textos de Hemetério, ao mesmo tempo em que interpretou a movimentação dele de se aproximar de determinados “chefes políticos”.

Mais do que pretender explicar os porquês de todas as ações empreendidas por Hemetério, convém tratar da diversidade de experiências que a sua trajetória de vida revela, e, neste aspecto, o texto de Luara apresenta, a meu ver, grande contribuição. Neste sentido, uma das experiências promissoras de Hemetério que a pesquisadora indica foi a proximidade do professor com José do Patrocínio. A autora enumera diversas publicações feitas por jornais

⁴⁸⁵ SILVA, 2015, p.8 e 9.

⁴⁸⁶ Ver Gislene Aparecida dos Santos, *A invenção do ser negro*, 2002, p. 128-129.

dirigidos por Patrocínio que noticiam atividades realizadas por Hemetério e que já foram abordadas anteriormente.

De fato, Luara dos Santos Silva pontua, em sua dissertação, diversificada experiência vivida pelo professor Hemetério José dos Santos. Neste sentido, um aspecto que considero de grande importância, e que fora sinalizado pela autora ao analisar a resposta que Hemetério escrevera para combater as posições racistas de Alcindo Guanabara, evidencia o olhar que o professor tinha sobre os negros e o continente africano:

A África e os negros definitivamente eram, para o professor Hemetério, os verdadeiros “civilizadores” da humanidade, detentores de conhecimento e isso quem comprovava eram os “grandes intelectuais” europeus mencionados por ele ao longo do texto. Passado e presente se misturavam nessas narrativas e as leituras do professor em relação aos processos de dominação europeia e colonização, tanto na América dos séculos XV ao XVIII quanto na África dos séculos XIX e início do XX, se coadunavam no sentido de reforçar as “altas qualidades africanas”. Ou seja, tais processos tiveram na figura do negro/da África o elemento central não por conta dos discursos em prol da “necessidade de intervenção europeia contra o “barbarismo” e a “não civilidade” desses povos. Mas, ao contrário, tais intervenções seriam uma forma de incorporação e reconhecimento do elemento negro como colaborador da “obra civilizatória”.⁴⁸⁷

O resgate da História da África na perspectiva de se desconstruir a visão de inferioridade deste continente que se naturalizou com auxílio de vários ramos do conhecimento, sobretudo da historiografia, é aspecto importante. Hebe Mattos (2003), através do artigo *O ensino da História e a luta contra a discriminação racial* sinalizou para isso. Eu também tive a oportunidade de discutir esta temática no artigo *Reflexões educativas sobre o ensino da História da África* (2012), e, nesta ocasião, destaquei que os educadores antirracistas tinham o desafio de ampliar o “espaço da África” na sociedade brasileira. Meu raciocínio inspirou-se nas ideias de Franz Fanon (*Os condenados na Terra*, 1979) a respeito dos processos de *descolonização*⁴⁸⁸ e na já referida *Arma da Teoria* de Amílcar Cabral.

⁴⁸⁷ SILVA, 2015, p. 111.

⁴⁸⁸ Fanon compreendia o processo de descolonização como algo profundo: “A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo (...). A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a ‘coisa’ colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta” (FANON, 1979, p.26/27).

Argumentei que um conhecimento consistente da História da África se constituía em arma teórica importante para ajudar a descolonizar a educação brasileira.⁴⁸⁹

Neste sentido, considerando o aspecto sinalizado por Luara de que para o professor Hemetério os negros africanos eram “verdadeiros civilizadores da humanidade”, penso que o referido protagonista vislumbrou o potencial da História da África, relegada a visões racistas e preconceituosas do seu tempo. Tenho a percepção de que, com seus textos, Hemetério tentou contribuir, já naquela época, para que as pessoas tivessem mais África dentro delas, no sentido não pejorativo e estereotipado. Assim, pode-se inferir que o professor dera continuidade ao argumento da positividade africana sinalizado por intelectuais negros anteriores a ele, a exemplo de Luiz Gama.⁴⁹⁰

Para finalizar as contribuições de Luara dos Santos Silva, vale voltar a destacar a sua análise a respeito do modo sistemático com que determinadas revistas da época (a exemplo, da *Tagarela*, *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta*) propagavam mensagens racistas sobre Hemetério e Monteiro Lopes. Como escreve Luara:

suas páginas recheadas de textos “para fazer rir” atuavam na construção e reforço de muitos estereótipos relacionados aos negros. Utilizando-se de metáforas racistas, constantemente associavam homens como Monteiro Lopes e Hemetério à imagem de primatas e se protegiam sob o véu da ironia, situando mulheres e homens negros no lugar do “risível”.⁴⁹¹

Neste sentido, a título de exemplo do que as referidas revistas publicavam, vale destacar a passagem da *Tagarela*, que a pesquisadora fez menção: “Assim é que se entre mim e um gorila há aparentemente grande dessemelhança, essa mesma dessemelhança já é bem pequena entre ele e o ilustre Conselheiro V. Anna, tornando-se ainda quase nula se tomar-se para termo de comparação o meu distinto amigo M. Ethereo, que é quem entre nós representa com mais perfeição esse nosso primata”.⁴⁹² O trecho foi retirado do artigo “A criação do homem”, publicado em 16 de abril de 1903 pela referida revista. Quem assina tem o pseudônimo de “Dr. Medeiros”, numa alusão a Medeiros e Albuquerque (04.09.1867-09.06.1934)⁴⁹³, que era de fato amigo de Hemetério. A referência ao professor aparece através da alcunha de “M. Ethereo”.

Outra referência encontrada é o texto de Alessandra Schueler e Irma Rizzini (2017), *Hemetério José dos Santos: professor e intelectual negro nas disputas pela educação na*

⁴⁸⁹ Ver Aderaldo Pereira dos Santos, 2012, p. 83/84.

⁴⁹⁰ AZEVEDO, 1999.

⁴⁹¹ SILVA, 2015, p. 22.

⁴⁹² Idem, p. 111.

⁴⁹³ Jornalista, político, escritor e professor.

*cidade do Rio de Janeiro*⁴⁹⁴, em que as autoras apresentam importantes reflexões sobre a trajetória docente do professor. Ancoradas em farta bibliografia a respeito da atuação da intelectualidade negra que disputava projetos de nação e de cidadania, as autoras situam a atuação de Hemetério no âmbito deste campo de pesquisa, que vem se destacando a partir do início do século XXI. A preocupação delas foi demonstrar a experiência docente do professor através do diálogo com a historiografia e fontes analisadas. Neste sentido, Schueler e Rizzini também argumentam sobre a atuação antirracista do professor Hemetério.

As autoras destacam, por exemplo, a respeito de artigos escritos pelo professor no jornal *O Tempo*, como uma conferência pedagógica publicada no referido jornal, em que Hemetério, além de dissertar sobre temas relacionados à instrução, trata também de combater teorias raciais da época:

O rechaçamento das teorias científicas em voga sobre a hierarquização racial, embora não fosse temática central da conferência, foi problematizada por Hemetério José dos Santos ao interpretar a conjuntura da década de 1870 e o ingresso de parcelas da população negra livre e liberta nas instituições educacionais destinadas aos meninos pobres e desvalidos. A representação do passado recente pelo professor servia como instrumento de crítica ao racismo científico, em franca expansão nos anos de 1890. Para ele, “o hábito da educação” seria capaz de desmoralizar as teorias de Gall.⁴⁹⁵

O texto também traz referências ao *Livro dos meninos*, de autoria de Hemetério. Ao destacar algumas temáticas tratadas neste livro, as autoras afirmam que Hemetério “foi na contramão dos teóricos adeptos aos modelos baseados nas teses poligenistas da origem diversas das raças, que enxergavam a origem de todas as degenerescências”⁴⁹⁶. Desta feita, o texto de Alessandra Schueler e Irma Rizzini reafirma o argumento desta tese, de que a educação era para Hemetério uma “arma” de combate contra o racismo e em prol da cidadania. Como concluem as autoras: “Hemetério lutou para que homens e mulheres pobres e negros adentrassem os muros das escolas, a começar por seus próprios filhos e filhas”⁴⁹⁷.

Existem outras referências que precisam também ser lembradas. Uma delas já foi mencionada no primeiro capítulo. Trata-se do texto de Tadeu Luis Maciel Rodrigues. O respectivo autor também destaca a atuação de Hemetério no combate ao racismo da época. Além disso, o artigo *Hemetério dos Santos: o posicionamento do intelectual negro a partir*

⁴⁹⁴ O referido texto está no livro organizado por Marcelo Mac Cord, Carlos Eduardo Moreira de Araújo, Flávio dos Santos Gomes, *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*, 2017.

⁴⁹⁵ SCHUELER e RIZZINI, 2017, p. 84.

⁴⁹⁶ Idem, p. 86.

⁴⁹⁷ Idem, p. 87.

das obras *Pretidão de amor e Carta aos Maranhenses*, de Marcela Moraes Gomes (2011)⁴⁹⁸, referenda, da mesma forma, a perspectiva antirracista do professor Hemetério. Por fim, o texto de Antonio Martins de Araujo, acadêmico da Academia Brasileira de Filologia, que no próprio título, *Hemetério José dos Santos: o demolidor de preconceitos* destaca a agência antirracista do professor.⁴⁹⁹

Portanto, o que faço a seguir nos demais pontos sobre o antirracismo político-pedagógico do professor Hemetério José dos Santos, além de analisar novas evidências a respeito das experiências antirracistas do professor e procurar refletir sobre as formas que ele encontrou para exercer a sua agência antirracista, é ampliar o escopo de análise da respectiva historiografia.

3.3 – O antirracismo de Hemetério no *Livro dos meninos* (1881).

Já se viu páginas atrás, quando analisei diversos conteúdos do *Livro dos meninos*, que Hemetério José dos Santos escreveu de modo enfático, no “Prólogo” do livro, de que sua obra veio para combater preconceitos em um país como o Brasil onde, segundo o professor, “é palpável a heterogeneidade das raças”.⁵⁰⁰ Seu livro, como já informado, é de 1881. No importante artigo, *Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX*, Lillian K. Moritz Schwarcz (1996) escreve que Silvio Romero⁵⁰¹ “foi o primeiro a afirmar que éramos ‘uma sociedade de raças cruzadas’”.⁵⁰² Talvez, se a referida autora tivesse tido a oportunidade de ler *O Livro dos meninos* do professor Hemetério, sobretudo o “Prólogo” do livro e o texto “Raças e castas humanas” (o qual é objeto de análise neste momento da tese), perceberia que em 1881, Hemetério José dos Santos já afirmava textualmente não só a “heterogeneidade das raças” no país, como também a realidade de ser o Brasil uma nação de maioria de “mestiços”.

⁴⁹⁸ Ver *Revista Cantariera*, julho-dezembro de 2011.

⁴⁹⁹ Ver verbete “Hemetério José dos Santos” do Dicionário Bibliográfico da Academia Brasileira de Filologia.

⁵⁰⁰ Hemetério José dos Santos, *O Livro dos meninos*, 1881, p. 6.

⁵⁰¹ Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos (1851-1914) foi poeta, crítico literário, advogado, historiador, professor e escritor. Lilia Schwarcz refere-se a um texto de Silvio Romero de 1888, em que este escrevera que “somos mestiços isso é um fato e basta” (Schwarcz, 1996, p. 91). Setes anos antes, em 1881, Hemetério já teria escrito que a maior parte da população brasileira era mestiça (Hemetério José dos Santos, *Livro dos meninos*, p. 66).

⁵⁰² SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. *Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX*, 1996, p. 91.

Em outro texto relevante, *A ideia de raça e suas diferentes implicações*, capítulo primeiro do valioso livro de Amílcar Araújo Pereira, *O Mundo Negro: relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil*, este autor destaca que Sérgio Costa (2006) afirma ser Alberto Torres (1865-1917) e Manoel Bonfim (1867-1932) “precursores de um pensamento antirracista no Brasil”.⁵⁰³ Ocorre que o texto antirracista de Hemetério, como veremos, questiona de modo direto a teoria da hierarquização das raças, muito em voga na época, publicado no ano em que Alberto Torres tinha dezesseis anos de idade, e Manoel Bonfim, que se tornou amigo de Hemetério, apenas quatorze. Dentre os vários autores que Amílcar analisa, destaca-se o antropólogo Franz Uri Boas (1858-1942), importante intelectual antirracista que defendia ideias que eram próximas do que Hemetério escrevera no *Livro dos meninos*: “O trabalho de Boas, desde o final do século XIX, tem especial importância na medida em que ele foi um dos mais importantes acadêmicos a questionar a ideia de raça e a produzir um grande número de trabalhos colocando em xeque a associação direta entre biologia e cultura ainda no início do século XX”⁵⁰⁴, afirma Amílcar. Neste sentido, como veremos a seguir, vale lembrar que Hemetério já questionava a referida associação em 1881.

Por certo que o texto de Hemetério é um texto curto, escrito numa linguagem para estudantes, mas isso não invalida a iniciativa antirracista dele de ensinar seus alunos a não acreditarem na teoria da hierarquia das raças humanas, e isto no início da década de 1880. Eis o texto:

Raças ou castas humanas

A Religião nos ensina e a sciencia demonstra que o homem pertence a uma só família.

Todos nós descendemos de um só tronco.

Todos nós somos irmãos.

No entanto o clima, a alimentação e muitas outras coisas introduziram notaveis variedades phisicas na família humana que se dividio em raças.

As raças se distinguem pelas feições, cabellos, cores e estatura.

As raças principaes são:

Caucasea ou europeia, distincta pela sua cor mais ou menos branca;

Mongolica ou asiática, de cor de azeitona;

Ethiope ou africana, de cor negra;

Malaia ou amarella de cor de cobre ou da America.

Os sabios dividem ainda mais a família humana.

Todas essas raças são susceptiveis de aprendizagem.

⁵⁰³ PEREIRA, Amílcar Araújo. *O Mundo negro: relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil*, 2013, p. 71.

⁵⁰⁴ Idem, p. 51.

Entre nós, meus meninos, as raças que habitam este vasto Brazil têm tido os seus sabios, os seus poetas e seus escriptores.
Os mestiços que formam as três quartas partes da nossa população são activos, trabalhadores e intelligentes.
Muitos dos nossos principaes homens politicos, poetas, oradores e mathematicos são mestiços.
Amae-vos uns aos outros.⁵⁰⁵

Hemetério não informa as possíveis referências utilizadas para escrever o texto acima. Ele começa retomando o argumento religioso articulado ao científico para reforçar a ideia de que a humanidade era una, e de que os seres humanos descendiam do mesmo “tronco”. Assim, a primeira parte do texto não deixa dúvidas quanto à ênfase do professor no sentido de explicar aos estudantes que a humanidade era uma só, pois descendia do mesmo “tronco”. Para tanto, se apoia na “religião” e na “ciência” para reforçar este argumento.

No debate que existia na época entre monogenistas e poligenistas a respeito da origem da humanidade, os primeiros, como afirma Lilia K. Moritz Schwarcz (1996) eram “fiéis às escrituras bíblicas e à ideia de que a humanidade teria partido de um só núcleo original”⁵⁰⁶, enquanto os segundos, de acordo com a mesma autora, “advogavam a existência de diversos centros de origem, que por sua vez teriam levado a cisões fundamentais da humanidade”⁵⁰⁷. É nítido o posicionamento de Hemetério em prol do pensamento de que a origem humana seria una, numa operação que uniu, por um lado, a “religião”, com base nos escritos da Bíblia, e, por outro, a “ciência”, através do humanismo iluminista e suponho que também em face da publicação do livro de Charles Darwin, *A origem das espécies* (1853). Este livro, segundo Lilia K. Moritz Schwarcz colocou “um ponto final na disputa entre monogenistas e poligenistas, além de se estabelecerem as bases para a afirmação de uma espécie de paradigma da época, com o estabelecimento do conceito de evolução”⁵⁰⁸. Ou seja, a humanidade partia de um ponto comum, mas, através da evolução da espécie humana, ela produziu suas divisões. Como explicar, então, a divisão da humanidade?

Na resposta a este tipo de questão, alguns pensadores radicalizaram o argumento de que havia uma articulação determinista entre biologia e cultura, que estava na origem da divisão das “raças humanas”. Outros por sua vez não compreendiam desta forma, pois não subordinavam as diferenças culturais aos aspectos físicos e biológicos.

⁵⁰⁵ Hemetério José dos Santos, *O Livro dos meninos*, 1881, p. 65-66.

⁵⁰⁶ SCHWARCZ, 1996, p. 82.

⁵⁰⁷ Idem.

⁵⁰⁸ Idem.

Ao argumentar sobre o surgimento da divisão da humanidade em “raças”, Hemetério acentua apenas os aspectos físicos, “As raças se distinguem pelas feições, cabellos, cores e estatura”. Quando destacou as referidas “raças”, apresentou como distinção das mesmas apenas a cor da pele. O curioso é que em relação à “caucasea” (europeia) informa ser “mais ou menos branca”, sugerindo alguma dúvida quanto à brancura absoluta do europeu. Em nenhum momento ele faz menção ao aspecto moral ou cultural relacionados à inteligência para distinguir as “raças”; pelo contrário, sinalizou para a igualdade das mesmas quando escreve que “todas essas raças são susceptíveis de aprendizagem”. Neste sentido, como visto anteriormente, ele se aproxima das ideias de Boas.

A segunda parte do texto procurou tratar de como os estudantes deveriam compreender a questão racial no Brasil. Por um lado, eles deveriam perceber que todas “as raças que habitam este vasto Brazil” produziam o seu quinhão de “sábios”, “poetas” e “escritores”. O que sugere aos estudantes, a meu ver, desconsiderar a ideia de inferioridade entre as referidas “raças”. Por outro lado, os estudantes deveriam entender que, sendo a maior parte da população brasileira formada pela mistura de “raças”, o produto dessa mistura, no caso o “mestiço”, não seria inferior a nenhuma das raças isoladamente, pois os mestiços para Hemetério “são activos, trabalhadores e inteligentes”, sendo, inclusive, de acordo com o professor, “muitos dos nossos principaes homens politicos, poetas, oradores e mathematicos”. Resta, então, a irmandade de humanos se amarem “uns aos outros”, como apregoa o cristianismo.

Os argumentos de Hemetério em defesa da mestiçagem são um ataque direto aos que viam a mestiçagem como um problema sério para o desenvolvimento da nação. Através do livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* de 1855, Arthur Gobineau (1816-1882) é um dos principais divulgadores sobre a ideia negativa da mestiçagem. Como afirmou Amílcar Pereira: “O problema para Gobineau era a mistura. O que levava à degenerescência das raças era a mestiçagem”.⁵⁰⁹

De acordo com o autor de *O mundo negro*, o debate sobre o problema da mestiçagem produziu no Brasil duas vertentes, a “otimista” e a “pessimista”, ambas pautadas em visões preconceituosas para com os negros. Seguidor das ideias de Gobineau, o antropólogo e conterrâneo de Hemetério, Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), produziu um pensamento em que entendia a mestiçagem de modo pessimista, pois a mesma “constituiria um povo inferior necessariamente, se comparado aos europeus, devido à presença do ‘sangue

⁵⁰⁹ Amílcar Araújo Pereira, *O mundo negro*, 2013, p. 60.

negro' em sua formação".⁵¹⁰ Enquanto que para o professor Hemétero a "raça negra" era fator de engrandecimento e civilização, para Nina Rodrigues era fator de inferioridade. Desta feita, não há dúvida de que os dois maranhenses estavam em campos opostos. Os chamados "otimistas", por sua vez representados, dentre outros, por "João Batista de Lacerda (1846-1915), Sylvio Romero (1851-1914) e Oliveira Vianna (1883-1951)"⁵¹¹, entusiasmados com o ideal de branqueamento que estimulou políticas de imigração europeia, "vislumbravam na mestiçagem a redenção do Brasil, na medida em que haveria uma preponderância do 'elemento branco' na composição genética dos descendentes dos cruzamentos inter-raciais, gerando assim, através da miscigenação, um povo, um 'tipo nacional' com fenótipo branco europeu".⁵¹² Ou seja, no pensamento dos "otimistas" estava embutida a ideia racista de supremacia branca. Hemetério produziu argumentos contrários à referida perspectiva.

Ao final do texto tem a seguinte imagem que foi ampliada para melhor visualização:

⁵¹⁰ Idem, p. 69.

⁵¹¹ Idem.

⁵¹² Idem.

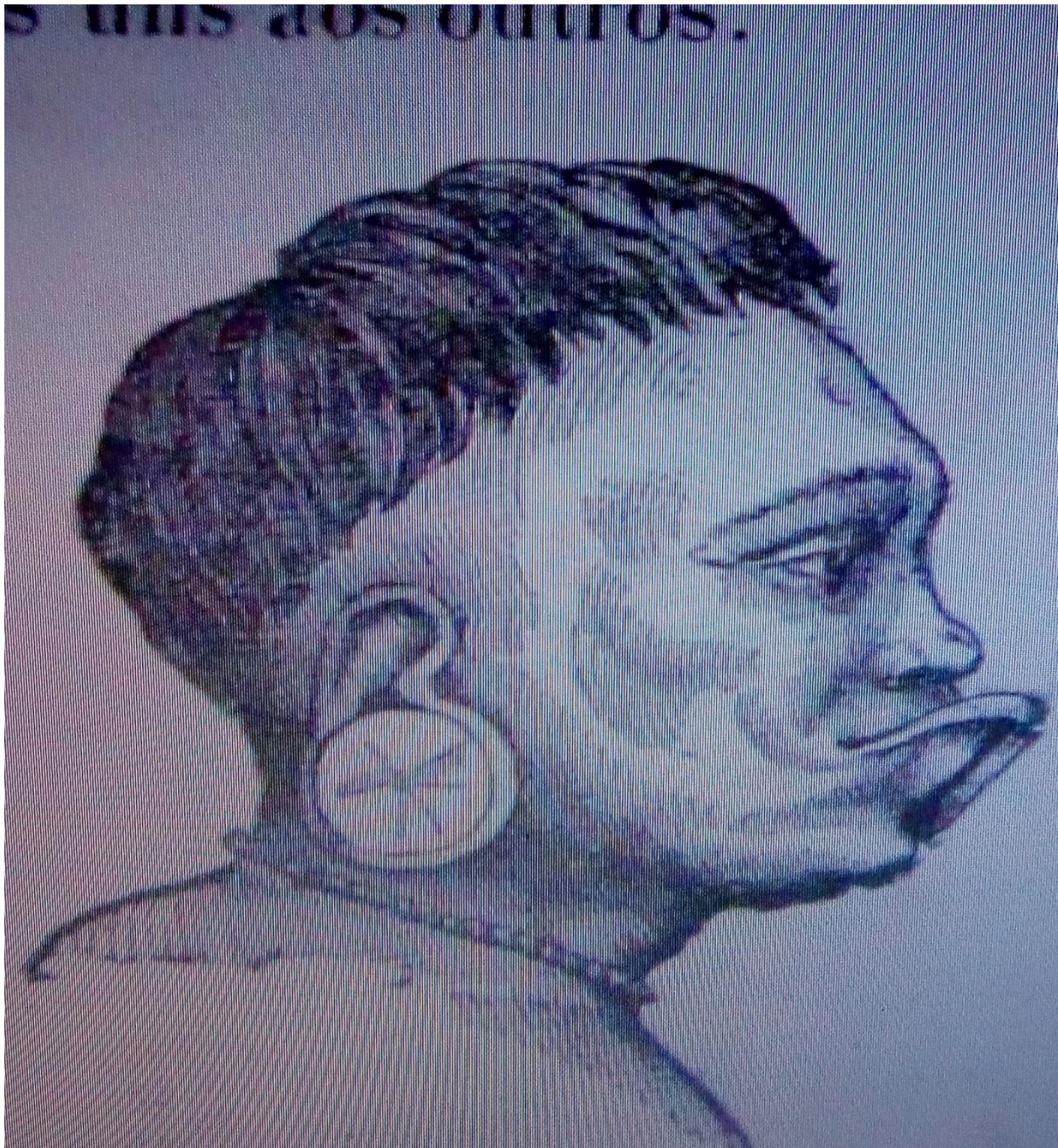


Figura 12: Imagem do *Livro dos meninos*, página 66.

A imagem que o professor incluiu ao final do seu texto expressa nitidamente a junção do índio com o negro. A pele escurecida, o nariz achatado, o cabelo escorrido e o uso de objetos redondos nos lábios e na orelha, tipicamente de tribos indígenas brasileiras e africanas. Por que a utilização desse tipo de imagem em um texto sobre as “raças humanas”, cujo conteúdo é expressamente contra a hierarquização das referidas raças? Penso que Hemetério utilizou-se da imagem para expressar, por um lado, a ideia de igualdade e a mistura entre esses dois povos, no caso, índios e negros. Numa conjuntura dominada pelo

Romantismo brasileiro, em que a figura do índio é exaltada por literatos, a exemplo de Gonçalves Dias e José de Alencar, e também dominada pelo “racismo científico” que se espalhou por diversas regiões do mundo, depreciando e inferiorizando negros africanos e indígenas, o professor Hemetério, após escrever algumas linhas para ensinar a seus estudantes sobre a igualdade das “raças”, exemplifica, através da imagem, a mistura dos dois povos que são objetos de ataque das teorias raciais da época. Para ele, ao contrário daqueles intelectuais que buscavam inferiorizá-las, se constituíam em povos que ajudaram a civilizar o Brasil.

A respeito do surgimento do racismo científico, escreve Wieviorka (2007), estudioso do tema:

O racismo propriamente dito, a ideia de uma diferença essencial, inscrita na própria natureza dos grupos humanos, em suas características físicas, não começa verdadeiramente a se difundir senão no final do século XVIII e no século seguinte. Abre-se então uma época de racismo clássico em que a ‘raça’, associada a atributos biológicos e naturais e atributos culturais, pode ser objeto de teorização científica. Essa inflexão deve muito, ela própria, à importância crescente que reveste então a ideia de nação, e de numerosos pensadores, contemporâneos ou próximos de nós, sublinhando apenas a relação entre nação e as fontes do racismo moderno.⁵¹³

Michel Wieviorka (1992) também argumenta que o referido racismo é produto de um conjunto de saberes que deram as suas contribuições para que as ideias de inferioridade dos povos negros africanos ganhassem dimensões no campo do conhecimento, como diz o autor ao tratar do século XIX,

El pensamiento social del racismo que se desarrolla entonces no es, ni mucho menos, obra exclusiva de los sociólogos, que por otra parte sólo en contadas ocasiones se definían como tales. Dicho pensamiento se fragua con la formidable convergencia de todos los campos del saber, con innumerables aportaciones de filósofos, teólogos, anatomistas, fisiólogos, historiadores, filólogos, pero también de escritores, poetas y viajeros, y tenía como base común el principio de la clasificación de las especies, de la que Linneo ofreció tal vez la formulación más influyente”.⁵¹⁴

Carl Linnaeus (1707-1778), ao qual se refere acima Wieviorka, classificou as raças humanas em quatro agrupamentos: europeu-branco, americano-moreno, asiático-amarelo e africano-negro, atribuindo valores positivos para o “europeu-branco” e negativos para os demais, sobretudo, o “africano-negro”.⁵¹⁵ Este naturalista é considerado (ao lado de

⁵¹³ WIEVIORKA, Michel. *O racismo - uma introdução*, 2007, p. 19-20.

⁵¹⁴ WIEVIORKA, Michel. *El espacio del racismo*, 1992, p. 30.

⁵¹⁵ Ver PEREIRA, Amílcar Araújo. *O mundo negro*, 2013, p. 58-59.

Buffon⁵¹⁶) um dos precursores do pensamento que hierarquizou os grupos humanos em bases raciais.

Além dos naturalistas, filósofos de peso como Kant e Hegel (existem outros), que usando o seu discurso de *poder-saber*, como sugere o conceito de Michel Foucault (2003)⁵¹⁷, fortaleceram as visões racistas e depreciativas de inferiorização do negro africano, visões estas que vindo de importantes pensadores soavam como força de verdade.

Para Kant,

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes.⁵¹⁸

Enquanto Hegel, além de ter afirmado que a África é um continente “sem história”, apresenta esta “pérola” de pensamento racista em relação aos negros africanos, um tipo de ideia que possivelmente teve grande influência na sociedade da época, sobretudo no meio intelectual:

Encontramos (...), aqui o homem em seu estado bruto. Tal é o homem na África. Porquanto o homem aparece como homem, põe-se em oposição à natureza; assim é como se faz homem. Mas, porquanto se limita a diferenciar-se da natureza, encontra-se no primeiro estágio, dominado pela paixão, pelo orgulho e a pobreza; é um homem estúpido. No estado de selvageria achamos o africano, enquanto podemos observá-lo e assim tem permanecido. O negro representa o homem natural em toda a sua barbárie e violência; para compreendê-lo devemos esquecer todas as representações europeias. Devemos esquecer Deus e a lei moral. Para compreendê-lo exatamente, devemos abstrair de todo respeito e moralidade, de todo o sentimento. Tudo isso está no homem em seu estado bruto, em cujo caráter nada se encontra que pareça humano (...).⁵¹⁹

Observe que, ao final da passagem acima, referente ao que Hegel escrevera, surge a ideia propagada pelo filósofo de que o negro africano tem um caráter que “nada se encontra que pareça humano”. Este tipo de ideia associada à teoria da hierarquização das raças, que

⁵¹⁶ Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788). Naturalista francês.

⁵¹⁷ Ver FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

⁵¹⁸ KANT, 1993, p. 75/76.

⁵¹⁹ HEGEL, 1928, p. 193/194.

atribuiu ao negro, de acordo com a referida classificação, o lugar mais baixo desta hierarquia (e, portanto, mais próximos dos animais irracionais), é que produziu a velha prática racista de comparar o negro ao macaco. Intelectuais de pele preta eram ridicularizados através deste tipo de comparação, dentre estes, Hemetério José dos Santos e Monteiro Lopes, como bem demonstrou a dissertação de Luara dos Santos Silva. Mesmo sendo intelectuais, não escaparam de sofrer a respectiva prática. Foi Luara, inclusive, que ressalta a referida prática racista contra Hemetério na posse de um determinado prefeito.

O episódio foi destacado no artigo de Luara dos Santos Silva (2014), “Negro, intelectual e professor: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1875 – 1920)”. A autora inicia o artigo com a seguinte epígrafe: “Depois anunciaram que o professor Hemeterio José dos Santos iria falar. Um rapaz, nessa ocasião, tirando alguns nickéis do bolso, chamou um contínuo e ordenou: - vá comprar bananas. Uma voz protestou: - ‘o dotô Hemeterio não é macaco!’ Novo sussurro, quasi barulho. O senhor Hemeterio não falou.” De acordo com a autora, o trecho foi retirado da matéria “A posse do sr. Rivadavia - sussurros e cafajestadas na prefeitura”, publicado pelo jornal *O Século* em novembro de 1914⁵²⁰ e escrito por Orestes Barbosa, jornalista, escritor e compositor, ao tratar da discriminação sofrida por Hemetério na cerimônia de posse do novo prefeito, quando o referido rapaz pretendia lhe dar “bananas”.

Mesmo reconhecendo que cada sociedade produz o seu tipo de racismo ou preconceito racial⁵²¹, a se considerar o exemplo em que Hemetério sofrera a ofensa de uma pessoa que mandara comprar bananas para ele, de modo a compará-lo ao macaco, a cultura política deste preconceito racial é produto de um processo de longa duração e está presente em diversas sociedades, haja visto os exemplos de jogadores negros que foram chamados de macacos ou receberam bananas da torcida na Europa e América do Sul, e isso inclui o Brasil.⁵²²

⁵²⁰ SILVA, 2014, p. 1.

⁵²¹ Stuart Hall (2003) no artigo *A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade* acentua a especificidade histórica do fenômeno do racismo.

⁵²² Sobre este tipo de prática racista é elucidativo o que ocorreu no dia 20 de novembro de 2015, na cidade do Rio de Janeiro, quando o gerente do restaurante Garota da Tijuca teve a ideia de presentear a dois trabalhadores negros da AMBEV duas bananas como homenagem pelo Dia Nacional da Consciência Negra. Os trabalhadores indignados pela humilhação denunciaram o gerente por prática de racismo e o mesmo foi preso e teve de pagar fiança de 800,00 reais. No dia seguinte, jornais cariocas como *O Extra* e *O Dia*, estamparam matérias sobre o ocorrido em suas primeiras páginas. Seis dias depois, em 26 de novembro de 2015, integrantes do movimento negro e do movimento social realizaram um ato público em frente ao restaurante, ato este que foi divulgado pelas redes sociais e alguns órgãos de imprensa. Mas a repercussão não parou por aí. Grupos de pessoas, incluindo moradores da Tijuca, divulgaram pela internet uma campanha para boicotar o restaurante. O gerente foi demitido e o dono do estabelecimento estampou no local uma faixa informando que ali não se discriminavam pessoas. Aquilo que fora feito, segundo o ponto de vista do gerente, como sendo “uma brincadeira”, de muito mau gosto por sinal, deu origem a uma atitude política de condenação à prática racista. A sequência das ações

Como se viu, a matriz de pensamento é antiga e se relaciona com as ideias que propagaram a suposta inferioridade dos povos negros africanos. Assim, em certa medida, quando alguém compartilha a visão de comparar negros aos macacos, mesmo sem ter consciência disso, está se inserindo nesta cultura política do chamado “preconceito de cor”, para usar uma expressão mais típica da época de Hemetério, gestada através de argumentos teológicos (séculos XV e XVI) e os ditos “científicos” (séculos XVII, XVIII, XIX e início do XX), como abordam estudiosos do tema.⁵²³

Neste sentido, é pertinente lembrar que a conjuntura histórica vivida por Hemetério (final do XIX e início do XX) correspondia ao momento favorável à divulgação e propaganda de teorias racialistas vindas, sobretudo, da Europa, que encontrou no Brasil solo fértil, proporcionando, através da produção de determinados intelectuais brasileiros, elaboração de ideias que buscaram interpretar problemas nacionais à luz destas teorias.⁵²⁴

Mesmo sendo breves as abordagens de Hemetério em relação aos temas acima, uma vez que não podemos esquecer que se trata de texto voltado para estudantes bem jovens, seu ponto de vista revela um tipo de pensamento que não só questionava a perspectiva de hierarquização das “raças”, como também se enquadrava no campo do movimento abolicionista do período. Considerando tratar-se de um professor e intelectual mediador, a forma como abordou o tema da “escravidão”, “Lei do Ventre Livre” e “raça”, pode ser compreendida, a meu ver, como uma das suas contribuições pedagógicas para o antirracismo da época.

3.4 – Hemetério e a memória do Quilombo dos Palmares na escola (1885).

desencadeadas a partir deste fato expressa a existência de uma cultura política que transforma a manifestação de racismo em protesto antirracista.

⁵²³ WIEVIORKA, 1992; SCHWARCZ, 1993; MUNANGA, 1999; SANTOS, 2002; dentre outros.

⁵²⁴ Ver: Thomas E. Skidmore (1976), *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; Lilia Moritz Schwarcz (1993), *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*; Kabengele Munanga (1999), *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*; dentre outros.

Devemos nos desvencilhar das narrativas romantizadas, sem abrir mão das invenções da memória, que são também processos históricos. É possível reconhecê-las, localizar escolhas e contextos. Para cada Palmares e para cada Zumbi do passado, há muitos outros que foram (e continuam sendo) reconstruídos.⁵²⁵

Mas não há dúvida de que Ganga-Zumba, Zumbi e seus comandados descobriram uma liberdade em Palmares e com isso inventaram uma escravidão para aqueles que queriam destruí-los.⁵²⁶

Flávio dos Santos Gomes

Vou retomar neste ponto da tese uma evidência importante não abordada pela historiografia e que foi mencionada no segundo capítulo: a notícia de jornal que informou sobre uma atividade pedagógica realizada no Colégio Froebel, colégio criado e dirigido pelo professor Hemetério José dos Santos, em que os seus estudantes fizeram leitura de textos de determinados autores. O destaque desta informação foi o aspecto do professor Hemetério ter selecionado para leitura alguma das passagens do texto do historiador e cientista social português Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-1894) que tratam da experiência do Quilombo dos Palmares⁵²⁷. Considerando o fato de esta atividade ter sido realizada no ano 1885, entendo como relevante a iniciativa do professor de possibilitar aos alunos conhecer aquele que foi um dos maiores quilombos da América⁵²⁸, cujo Movimento Negro brasileiro transformou em seu símbolo maior ao instituir como Dia Nacional da Consciência Negra, a data que é considerada o momento de morte de Zumbi dos Palmares, ou seja, 20 de novembro de 1695.⁵²⁹ Desta feita, não foi à toa a minha opção de abrir este texto com as epígrafes acima.

⁵²⁵ GOMES, Flávio dos Santos. *De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social*, 2011, p. 8.

⁵²⁶ Idem, p. 99.

⁵²⁷ A obra de Oliveira Martins (1880) é *O Brasil e as Colonias Portuguezas*

⁵²⁸ Neste sentido, Flávio Gomes informa que “grandes e pioneiras comunidades de fugitivos não foram exclusividade do Brasil colonial”. O historiador afirma, por exemplo, que se têm notícias delas em outras partes do continente americano, como Panamá, Venezuela, Colômbia e México (GOMES, 2011, p. 9).

⁵²⁹ Em entrevista publicada no site do Geledés em junho de 2008, “O negro de alma negra: Uma entrevista com Oliveira Silveira”, o referido poeta relata o processo ao qual o Movimento Negro brasileiro passou a valorizar o 20 de novembro em detrimento do 13 de maio. Foi a partir da atuação deste poeta militante junto ao Grupo Palmares do Rio Grande do Sul no início da década de 1970, que começou a ganhar força social o reconhecimento do 20 de novembro. Silveira também relata na entrevista feita pela jornalista Fernanda Pompeu o momento em que o 20 de novembro se transforma em *Dia Nacional da Consciência Negra*: “Não o chamávamos ainda Dia Nacional da Consciência Negra. O feliz nome seria dado, sete anos depois, numa assembleia do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCRD), pelo ativista Paulo Roberto dos Santos”. Flávio Gomes (2011) também faz referência a este momento histórico (GOMES, 2011, p.90-91). Da mesma forma, Amílcar Pereira (PEREIRA, 2013, p. 134-136) e Petrônio Domingues (DOMINGUES, 2007, p. 115) se referem a este processo de surgimento do 20 de Novembro e sua passagem para Dia Nacional da Consciência Negra. No sexto capítulo apresento algumas abordagens sobre a entrevista que Paulo Roberto dos Santos me concedeu para esta tese. Este importante militante, autor da proposta de transformar o 20 de novembro em Dia Nacional da Consciência Negra, e com quem tive a satisfação de compartilhar momentos decisivos da atuação do movimento negro nas décadas de 1980 e 1990, esteve na linha de frente da criação de duas das mais importantes entidades negras: O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras

As epígrafes foram retiradas do livro do historiador Flávio dos Santos Gomes (2011), *De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social*. Nesta obra, o autor apresenta um panorama muito interessante sobre as pesquisas que tratam do tema do *Quilombo dos Palmares*, assim como, em relação àqueles que foram alçados a condição de “heróis” da comunidade negra brasileira, a exemplo de Zumbi.

Flávio revisita as principais questões e polêmicas dos pesquisadores do assunto e, a meu ver, transforma o seu livro, voltado para orientar estudantes interessados em conhecer o tema⁵³⁰, em texto importante para pesquisadores de toda a ordem.

Na primeira epígrafe, o historiador argumenta que, a *memória*, se por um lado, pode produzir “narrativas romantizadas” às quais devemos nos afastar, por outro, suas invenções expressam determinados “processos históricos”, aos quais os historiadores precisam reconhecer, localizar e contextualizar. Foi isto que Flávio Gomes realizou ao tratar do Quilombo de Palmares e de Zumbi. Reconheceu questões, localizou processos, contextualizou debates. Neste sentido, ele finaliza a epígrafe sinalizando para um dos aspectos fundamentais dos processos da memória, ou seja, a capacidade de reconstrução do passado, “Para cada Palmares e para cada Zumbi do passado, há muitos outros que foram (e continuam sendo) reconstruídos”, nos ensina o historiador.

Como veremos neste ítem, quando Hemetério mobiliza o texto de Oliveira Martins para que seus alunos tomassem conhecimento da experiência do Quilombo dos Palmares, uma determinada memória desta experiência foi valorizada em detrimento de outras.

Na segunda epígrafe, Flávio Gomes opera uma inversão fundamental para se entender a experiência dos quilombolas palmarinos como expressão da agência de sujeitos políticos que, ao descobrirem “uma liberdade em Palmares”, inventam a “escravidão para aqueles que queriam destruí-los”. Ou seja, destruir Palmares tornou-se uma necessidade política para a época, pois, no contexto colonial, a liberdade dos que viviam no Quilombo dos Palmares era a negação do projeto escravista-colonial português.

Algumas das abordagens que Flávio Gomes desenvolve em seu livro me serviram de apoio para cotejar o assunto do Quilombo dos Palmares, que Hemetério colocou no caminho da minha pesquisa, ao vasculhar a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional em buscas de evidências sobre a trajetória do professor maranhense.

(1975) no Rio de Janeiro e o Movimento Negro Unificado (1978), em São Paulo. A entrevista de Oliveira Silveira está disponível em <https://www.geledes.org.br/o-negro-de-alma-negra-uma-entrevista-com-oliveira-silveira-2/> (Acesso 22.02.2018).

⁵³⁰ Vale dizer, neste sentido, que Flávio incluiu ao final do livro, além das referências bibliográficas, indicações de outras leituras sobre o assunto, uma cronologia de apoio sobre fatos e acontecimentos relacionados ao tema que vai de 1535 até 2006, e sugestões de atividades para ajudar o estudante a pensar sobre o conteúdo do livro.

A referida matéria foi publicada no jornal *A Vanguarda* de 03 de dezembro de 1885.⁵³¹ *A Vanguarda* estava no seu primeiro ano de atuação. O periódico noticiava, como a maior parte dos jornais do Rio de Janeiro, uma diversidade de coisas. Desde anúncios comerciais de vários tipos, assim como eventos culturais, avisos dos correios, notícias esportivas, notícias militares, fatos cotidianos da cidade, etc. Sua Redação, Tipografia e Administração localizavam-se na tradicional Rua do Ouvidor, número 121. O primeiro número do jornal saiu em 15 de novembro de 1885. Consta a informação de que era possível ter assinatura do jornal na Corte, Niterói, outras províncias, e até no exterior. Não encontramos referências sobre o proprietário do jornal.

Não imaginei que, ao pesquisar fontes sobre a trajetória de vida do professor Hemetério, fosse me deparar com a informação de que ele organizara uma atividade em seu colégio que proporcionara aos seus alunos o contato com a experiência do Quilombo dos Palmares, e isto no ano de 1885. Não sei o que pensarão os possíveis leitores desta minha tese, mas fiquei surpreso com a evidência encontrada. Penso que a atividade escolar que envolvia a leitura de um texto do historiador e cientista social português Oliveira Martins sobre o Quilombo dos Palmares, no evento do Colégio Froebel, evidencia a preocupação do professor Hemetério com o assunto. Ao valorizar a memória do Quilombo dos Palmares na escola, Hemetério contribuiu para a “reconstrução do passado” ao qual se referiu Flávio Gomes.

Na pesquisa sobre o possível texto que fora objeto da leitura proposta por Hemetério a respeito do Quilombo dos Palmares na atividade que ele organizara, fui à busca da obra de Oliveira Martins que tratasse do tema. Para tanto, segui o rastro indicado pelo próprio professor, através do prefácio que o mesmo escrevera para o livro de história, *Da República à Dictadura* (1931), de autoria de Dormund Martins, jornalista, médico, ex-intendente do Conselho Municipal do Distrito Federal, e, segundo escrevera o próprio Hemetério no prefácio do livro, “político já experimentado”.⁵³² Dormund foi ativo participante da campanha de Júlio Prestes para presidência da República em 1930. Seu nome aparece em grande número

⁵³¹ *A Vanguarda*, 03.12.1885, edição 00016-1, p. 01.

⁵³² Hemetério José dos Santos, prefácio do livro *Da República à Dictadura* (1931), p. V (obs: no prefácio as páginas estão em algarismos romanos).

de jornais e referências disponibilizadas pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.⁵³³ O referido livro também ganhou destaque na imprensa da época.⁵³⁴

No prefácio escrito por Hemetério, depois de afirmar que o Dr. Dormund colocou “em pleno sol as mazelas dos passados governos republicanos”⁵³⁵, o experiente professor que, em 1931 (ano de publicação do livro), estaria com 73 anos de idade, assume um tom otimista e conclui que “nem tudo está perdido”.⁵³⁶ Seu texto não trata apenas de aspectos referentes aos conteúdos abordados pelo autor do livro, conteúdos estes que se referem, sobretudo, aos eventos políticos, econômicos e militares da chamada República Velha. Hemetério também procurou, através do prefácio, mandar recados para alguns intelectuais, como por exemplo, quando afirma, ao tratar da população pobre que habitava “as províncias do norte” do país, que “o povo era doente, não preguiçoso”.⁵³⁷ Penso que através desta frase Hemetério estaria se contrapondo aos que acreditavam na crença do “caboclo doente e preguiçoso”, cuja personagem mais emblemática da época talvez seja o “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato, personagem de seu artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914, e do conto publicado em seu primeiro livro, *Urupês*, em 1918.

O percurso que o professor tece no texto do prefácio sinaliza para crenças, tradições, valores políticos e referências nas quais ele acredita. São, portanto, elementos da cultura política e histórica que o professor compartilhava.

Percebe-se que seu texto apresenta reflexões ancoradas, em grande medida, no campo da política. Neste sentido, como bem nos ensina um dos principais representantes deste campo de pesquisa, o historiador René Rémond (1996), a história política tem, essencialmente, uma “natureza interdisciplinar”, o que faz dela uma espécie de “ciência-encruzilhada”, em que “a pluridisciplinaridade é para ela como o ar de que ela precisa para

⁵³³ Encontrei na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional cerca de quatro mil referências com o nome “Dormund Martins”, em vinte e quatro jornais, entre as décadas de 1910 a 1950. Aparecem referências com este nome até o final da década de 1980, relacionadas a familiares que mantiveram o nome de “Dormund Martins” como seus sobrenomes.

⁵³⁴ Em 15 de maio de 1931, o *Diário de Notícias* publica, na página 5, matéria a respeito do livro. Além de elogios sobre a obra, consta também uma foto de Dormund Martins. O articulista, Arnaldo Pereira, traça uma pequena biografia de Dormund, informando sobre suas atividades na imprensa, na medicina e na política. Ao final, faz propaganda favorável à obra: “É esse homem que acaba de firmar o livro – “Da Republica á Dictadura”. – uma obra de narrador fiel, de observador dos mais atilados e argutos, de escriptor cujo estylo e pureza de linguagem se impõem ao apreço do leitor, nesse momento em que, bem escrever, se vae tornando cada vez mais raro. (...) Da primeira á ultima pagina, Dormund Martins, que se apresentou ao publico com um bello prefacio do professor Hemeterio dos Santos, observando uma interessante linha evolutiva, estuda e comenta, ora com irreverente graça, ora com certo azedume, toda a nossa vida republicana, desde a alvorada de 89 até os dias que correm. (*Diário de Notícias*, página 5, 15.05.1931).

⁵³⁵ Hemetério José dos Santos, prefácio do livro *Da Republica á Dictadura* (1931), p. V.

⁵³⁶ Idem.

⁵³⁷ Idem, p. II.

respirar”.⁵³⁸ O prefácio do professor Hemetério José dos Santos tem esta característica: trata de política, economia, educação e também de história, e outras coisas mais. Desta feita, seu texto costura diversos aspectos da vida social, e o recurso à história é uma constante, na curta, média e longa duração.

Hebe Mattos (2009) nos fornece elementos para se pensar sobre algumas das questões históricas que o professor Hemetério trata no prefácio. A abordagem desta historiadora no artigo *Memória e historiografia no Oitocentos: a escravidão como história do tempo presente*, destaca argumentos que nos ajudam a refletir sobre possíveis “relações entre memória e historiografia”.⁵³⁹ Isto porque esta autora, ao analisar as obras *História Geral do Brasil (1854 – volume I e 1857 – volume II)*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, e *Capítulos de história colonial (1907)*, de Capistrano de Abreu, opera com o que ela denomina de “noção de história do tempo presente”, que, de acordo com os argumentos da historiadora, “traz para o centro da reflexão a possibilidade de pensar historicamente fenômenos ainda disputados pela historiografia com a memória coletiva e o testemunho individual”.⁵⁴⁰

Penso que esta perspectiva teórica de Hebe é muito promissora para se proceder à análise do texto de Hemetério, pois, considerando o aspecto de que alguns dos eventos históricos por ele tratados no texto do prefácio, como a Abolição da Escravatura e o processo que redundou no que ficou conhecido como Revolução de 1930, correspondem a eventos por ele vivenciados. Desta forma, é possível entrever no texto do professor Hemetério, articulações e disputas entre memória e uma determinada historiografia, como argumenta a historiadora em seu artigo: “Passados presentes na vida política dos contemporâneos, em que memória e história dialogam diretamente na produção do discurso historiográfico”.⁵⁴¹

Na temporalidade tratada por Hebe Mattos, o discurso historiográfico está comprometido, sobretudo, com um determinado projeto de construção nacional. O professor Hemetério, ao abordar sobre eventos históricos anteriores à República, expressa visões que trazem à tona aspectos relacionados a este sentido político que articula história e nação.

Manuel Luís Salgado Guimarães também acentua este ponto ao afirmar o caráter político da historiografia do século XIX no Brasil, que era, segundo ele, “compreendida como a necessidade de fomentar a unidade nacional”.⁵⁴² Em texto anterior, Manuel Salgado destaca o caráter “elitista” desta historiografia, produzida no sentido de fornecer visões e argumentos

⁵³⁸ RÉMOND, 1996, p. 29.

⁵³⁹ HEBE MATTOS, 2009, p. 133.

⁵⁴⁰ Idem, p. 137.

⁵⁴¹ Idem.

⁵⁴² GUIMARÃES, 2003, p. 184.

em prol de um projeto nacional que, de acordo com este autor, se assenta numa perspectiva excludente para negros e índios:

Ao definir a Nação brasileira enquanto representante da ideia de civilização no Novo Mundo, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto por não serem portadores da noção de civilização: índios e negros. O conceito de Nação operado é eminentemente restrito aos brancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que o conceito se propunha no espaço europeu.⁵⁴³

A historiografia à qual se referem Hebe e Manuel foi, possivelmente, aquela que ajudou a formar o estudante Hemetério em termos de ensino da História. Desta feita, ao argumentar que os povos formadores do Brasil eram, cada qual a seu modo, portadores de civilização, Hemetério se coloca na perspectiva contrária da “historiografia excludente” referida anteriormente por Manoel Salgado.

No respectivo prefácio e também em outros de seus escritos, o professor se apoia na história para pensar determinadas questões. De alguma forma, sua memória disputa com uma determinada historiografia de sua época, interpretações sobre aspectos abordados a respeito da vida social e da própria história.

O referido prefácio, por sua vez, se constitui um dos últimos textos escritos pelo professor e registra dois aspectos importantes: o primeiro é a permanência de um dos traços característicos da sua trajetória, ou seja, o compromisso com a crítica ao preconceito racial; o segundo é o indício a respeito das leituras e dos autores que contribuíram para a sua formação no sentido da cultura histórica e cultura política por ele valorizadas. Neste sentido, ao se referir, por exemplo, a Oliveira Martins e ao Padre Antonio Vieira, este que, por sinal, aparece em diversos de seus escritos, percebe-se a presença marcante da cultura histórica tradicional portuguesa nas ideias cultuadas por este professor. Neste sentido, é elucidativo o comentário feito pelo professor ao citar um determinado livro do historiador português Oliveira Martins.

Mesmo exaltando a obra de alguns autores, a exemplo de Oliveira Martins, Hemetério deixa espaço para destacar sua crítica à visão preconceituosa deste autor em relação à questão racial. Isto fica evidente na nota que o professor escreve no prefácio, referindo-se ao livro de Oliveira Martins, *O Brazil e as Colonias Portuguezas*, cuja primeira edição ocorrera em 1880. Após destacar a frase “sem os negros, o Brasil não teria existido”, o professor Hemetério escreve na sequência ser esta “eloquente phrase de Oliveira Martins”, e indica uma nota em que informa o livro *O Brazil e as Colonias Portuguezas*. Na sequência da nota escreve

⁵⁴³ GUIMARÃES, 1988, p.7.

Hemetério: “Esta obra se recomenda por todos os títulos apesar de canonizar preconceitos de raça”.⁵⁴⁴

No caso específico da obra de Oliveira Martins citada pelo professor, há outro ponto a se destacar, quer dizer, a possibilidade de se pensar a articulação da história do Brasil com a história da África como um elemento presente no pensamento do professor, pois, em *O Brasil e as Colônias Portuguezas*, o historiador português analisa as relações entre o Brasil e as colônias portuguesas na África como sendo expressão e resultado de um único sistema (FRANCHETTI, 2000).

Paulo Franchetti (2000) afirma que Oliveira Martins influenciou diversos pensadores, nos séculos XIX e XX, que “se dedicaram a refletir sobre o Brasil e sobre o significado na nossa vida político e social, da herança da colonização portuguesa”.⁵⁴⁵ Citando a resenha de Antonio Callado, que fora publicada no jornal *Folha de São Paulo* em 1995, sobre um dos livros de Oliveira Martins, Franchetti argumenta sobre a força das obras do intelectual português no contexto brasileiro:

Seja como for, do que não há dúvida é que boa parte da literatura de caráter reflexivo sobre a sociedade brasileira, no final do século XIX e começo do XX, tem como referência importante, a negar ou a afirmar, a obra histórica de Oliveira Martins. Suas teses, muitas vezes já desvinculadas de seus textos, formam uma espécie de solo comum de algumas das mais fortes interpretações do sentido da herança portuguesa na formação do Brasil. Dissolvidas, aclamadas ou contestadas, suas ideias parecem ter penetrado profundamente na cultura do país. E é por isso que a leitura de qualquer dos livros de Oliveira Martins provoca ainda hoje em qualquer brasileiro culto, como provocou em Antonio Callado, uma espécie de efeito de reconhecimento: está ali, sistematizado num conjunto coeso, muito do que no Brasil se foi pensado do que foi Portugal na história da civilização ocidental.⁵⁴⁶

De acordo com Paulo Franchetti (2000) em seu artigo sobre *Oliveira Martins e o Brasil*, Manoel Bonfim, Euclides da Cunha, Sylvio Romero, Gilberto Freyre são alguns exemplos de intelectuais brasileiros que foram influenciados pelas obras do intelectual português. Ele não citou Hemetério, mas é perceptível também a influência de Oliveira Martins em diversos textos escritos pelo professor no decorrer de sua trajetória.

Em relação a Manuel Bonfim, por exemplo, Franchetti afirma que o mesmo se apoia em obras do intelectual português para escrever o seu importante livro *Os males de origem*

⁵⁴⁴ Hemetério José dos Santos, prefácio do livro *Da Republica á Dictadura* (1931), p. II.

⁵⁴⁵ FRANCHETTI, 2000, p. 239.

⁵⁴⁶ Idem, p. 239-240.

(1905), mas que o mesmo corrigiu “o pendor racista dos trabalhos de Martins” e abriu “as portas a uma nova compreensão do sentido da mistura racial no Brasil”.⁵⁴⁷

A obra em que constam análises de Oliveira Martins sobre o Quilombo dos Palmares é exatamente *O Brasil e as colônias portuguesas*, cuja primeira edição, como já informado, é do ano de 1880. Tive acesso à quinta edição, que é de 1920. Como afirmara Hemetério no prefácio referido anteriormente, o racismo do autor em relação ao negro é explícito, mas, curiosamente, sobre Palmares, tomamos ciência do valor que o historiador português atribuiu à experiência daquele quilombo. Valor este que presumimos ter sido transmitido aos alunos do colégio do professor Hemetério José dos Santos.

Neste sentido, é bom lembrar que, ao direcionar para que os alunos de sua escola tomassem contato com as ideias de Oliveira Martins a respeito do Quilombo dos Palmares, e isto no ano de 1885, Hemetério selecionou uma parte do pensamento do intelectual português em que este não propagou o preconceito racial. Pelo contrário, como veremos a seguir, é o momento em que Oliveira Martins exalta a experiência palmarina.

A obra *O Brasil e as colônias portuguesas* tem a seguinte divisão: Livro primeiro, que trata da “Formação das colônias na África e América (1418-1654)”; Livro segundo, que aborda sobre “Negros, açúcar e ouro (1654-1808)”; Livro terceiro, que faz abordagens sobre “O Império do Brasil”; Livro quarto, que trata da “África portuguesa”; Livro quinto, “A exploração do continente africano”. Na parte referente ao “Livro segundo”, o autor apresenta abordagens sobre o Quilombo dos Palmares. Muito provavelmente, o texto que o aluno de Hemetério lera foi retirado desta parte do livro.

Oliveira Martins acentuou logo no início que, “de todos os exemplos históricos de protesto do escravo, Palmares é o mais bello, o mais heroico”, e, mais ainda, “É uma Troya Negra, e a sua história uma Illiada”.⁵⁴⁸ Percebe-se que o modo de Oliveira Martins atribuir grandeza de valor à experiência do Quilombo dos Palmares foi estabelecer comparações com as experiências dos gregos e romanos. Considerando o fato de que Grécia e Roma são vistos como sendo um dos berços da civilização ocidental, não deixa de ser interessante este procedimento do historiador português de olhar para a história de Palmares à luz do que ocorrera em Roma, por exemplo. A este respeito, Flávio Gomes argumenta o quanto que a memória sobre Palmares sofrera influência de referências vinda da Europa: “Num imaginário eurocêntrico, o poder político de Palmares era percebido no contexto das realezas

⁵⁴⁷ Idem, p. 255.

⁵⁴⁸ MARTINS, 1920/1880, p. 64.

européias”⁵⁴⁹, escreve o historiador. Desta feita, o texto de Oliveira Martins segue este tipo de abordagem. Isto fica bem explícito na passagem em que ele descreve, em linhas gerais, o desenvolvimento do Quilombo:

Em 1630, quarenta negros guinés, escravos de Porto Calvo, refugiaram-se nos Palmares, causa de trinta léguas para o interior de Pernambuco, e fortificaram-se. Como os romanos, raptaram as sabinas, índias e mestiças dos arredores. Principiaram por viver da razzia das plantações próximas, do saque dos fazendeiros. Assim viviam os romanos. Palmares era o azylo dos escravos fugitivos, como também fora Roma e os concelhos medievaes. Crescendo em numero, constituíram-se em sociedade. Tinham um rei, o zambi, um christianismo copiado de jesuita, e leis que foram escriptas por um Numa preto. A’ maneira que prosperavam, abandonavam a pilhagem, fazendo-se agricultores. Lavraram e commerciavam; e os fazendeiros dos arredores, vendo-se livres do incommado antigo de vizinhos tão hostis, tratavam agora com a cidade nascente, vendiam-lhe fazenda e armas. Assim as nações se formam, e Palmares merecia já este nome, quando, reconquistado e pacificado o norte do Brazil, o governo resolveu submeter a republica (1695).⁵⁵⁰

Grosso modo, já se encontram na passagem acima aspectos que foram consagrados e propagados por obras clássicas a respeito da grandeza daquele quilombo.⁵⁵¹ Apesar da data de 1630 que Oliveira Martins informa para o surgimento do Quilombo ser trinta anos depois do que aparece como primeira referência a Palmares (já que para Flávio Gomes esta seria em 1597⁵⁵²), algumas narrativas coloniais localizam na “Vila de Porto Calvo”, possível revolta que dera início a formação da comunidade de escravos fugidos⁵⁵³, corroborando com a versão que Oliveira Martins apresenta.

Além disso, o rapto de mulheres, saque às plantações, depois, com o crescimento da comunidade, a prática do plantio e trocas com “fazendeiros dos arredores”, correspondem à memória que foi registrada em documentos oficiais e narrativas da época, que, de modo geral, de acordo com Flávio Gomes, tratavam de “economia, religião, cultura material, relações de gênero, cotidiano e costumes em Palmares”⁵⁵⁴. Aspectos que aparecem no texto de Oliveira Martins.

⁵⁴⁹ GOMES, 2011, p. 51.

⁵⁵⁰ MARTINS, 1920/1880, p. 65.

⁵⁵¹ Ver livro de Flávio dos Santos Gomes, *De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social*, 2011.

⁵⁵² GOMES, 2011, p. 13.

⁵⁵³ Idem, p. 29.

⁵⁵⁴ Idem, p. 42.

Possivelmente, a historiografia mobilizada pelo autor⁵⁵⁵ se pautou em documentos de época que deram o tom das interpretações e análises sobre o Quilombo, a exemplo, segundo Flávio, do “mais extenso e descritivo relato sobre Palmares” (no caso, a “*Relação das Guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do governador dom Pedro de Almeida - 1675 a 1678*”).⁵⁵⁶ Gomes faz uma análise do referido documento destacando vários aspectos, dentre estes, um que aparece no texto de Oliveira Martins, quando este autor cita a existência de “um chistianismo” em Palmares. Para o autor do livro *De olho em Zumbi dos Palmares*,

Em Palmares, foram encontrados capelas e santuários. Havia imagens de santos católicos como a do Menino Jesus e a de Nossa Senhora da Conceição. Os habitantes de Palmares, não só os africanos, mas também os crioulos e os nascidos na floresta, cultuavam deuses africanos e santos católicos, além de criar novos deuses e significados religiosos. Assim como em diversas sociedades africanas, percebiam seus deuses como detentores das forças da natureza: as plantas, o fogo e a água podiam fazer associações com imagens e símbolos cristãos.⁵⁵⁷

Em outra passagem, Oliveira Martins sintetiza alguns dos elementos relativos à organização do Quilombo e do número de seus habitantes, como vimos na anterior, organização esta comparável a uma “cidade” ou “republica”:

Tinha ella então quatro ou cinco milhas de circuito, porque não attingira ainda a idade em que as republicas se tornam conquistadoras. O recinto era fortificado por uma paliçada alta, á modas dos aringas ou mocambas da Africa. Dentro havia as pantações, um rio com agua abundante, frondosas bananeiras, campos de milho e mandioca. A população contava mais de vinte mil pessoas, das quaes oito ou dez mil em armas esperavam os aggressores.⁵⁵⁸

O uso de armas, algumas obtidas através de trocas, outras produzidas no próprio Quilombo, também está presente no relato que Flávio Gomes analisou no livro.⁵⁵⁹ Em relação à quantidade de habitantes do Quilombo, o autor assume os relatos que indicavam ter “mais de vinte mil pessoas”, muito embora este número possa ser um tanto quanto exagerado, de acordo com Flávio Gomes⁵⁶⁰. No entanto, é consenso que o quantitativo podia “ser mesmo de milhares de moradores, divididos em aldeias estáveis e/ou acampamentos improvisados nas bordas das serras e vizinhanças das vilas”.⁵⁶¹

⁵⁵⁵ As referências historiográficas do autor são bem extensas, dentre estas, consta o clássico da época de F. A. Varnhagen, os dois volumes de *História Geral do Brasil* (1854).

⁵⁵⁶ GOMES, 2011, p. 46.

⁵⁵⁷ Idem, p. 53.

⁵⁵⁸ MARTINS, 1920/1880, p. 65.

⁵⁵⁹ GOMES, 2011, p. 50.

⁵⁶⁰ Idem, p. 15.

⁵⁶¹ Idem, p. 16.

Ao escrever sobre a destruição de Palmares, dentre outras coisas, o intelectual português fez questão de dar ênfase à heroica resistência dos quilombolas, comparável aos troianos: “caiu a republica, destruída pelas armas portuguezas, mas caiu épicamente como uma Troya de negros (...)”.⁵⁶² Ele também sentenciou, a título de conclusão, a força da memória que a experiência do Quilombo dos Palmares deixou para a posteridade: “A Troya dos negros foi arrasada, mas a memória dos seus heroes ficou e ficará como um nobre protesto da liberdade humana contra a dura fatalidade da natureza, cujas ordens impozeram á exploração da America a condição do trabalho escravo.”⁵⁶³

Esta foi uma memória que o professor Hemetério José dos Santos ajudou a propagar na escola, e que o Movimento Negro brasileiro e todas e todos os antirracistas deste país ajudam a divulgar até nos dias atuais, conformando um processo que Amauri Mendes Pereira (2006) denominou de “cultura da consciência negra”. Fundamentado no conceito de movimento negro em “sentido amplo”, do historiador Joel Rufino dos Santos (já referido), Amauri argumenta que os eventos do *Dia Nacional de Consciência Negra* realizados em diversas escolas desde a década de 1980, para lembrar a grandeza da luta de Zumbi e dos quilombolas do Quilombo dos Palmares, expressam momentos importantes na ampliação de uma “cultura de consciência negra” no Brasil.

O que a evidência destacada aqui revela é que, pelo menos no que tange a memória do Quilombo dos Palmares, o professor Hemetério José dos Santos já começara a fazer isso no século XIX. Desta feita, é interessante a questão que Flávio Gomes levanta a respeito do pouco conhecimento que se tem sobre a “evocação de Palmares e Zumbi na luta abolicionista popular no final do século XIX”⁵⁶⁴; questão esta que carece de pesquisas. De todo o modo, como já foi dito antes, a evidência sobre Hemetério que foi trabalhada neste ponto da tese é de 1885. Ano que faz parte da década em que o movimento abolicista brasileiro tomou a forma popular à qual se refere Flávio Gomes. Em face disso, talvez possamos inferir a hipótese de que o referido professor seja um dos pioneiros de uma pedagogia antirracista no Brasil. Além do mais, outras evidências da época podem ter se perdido por aí, ou estão escondidas em recantos que só mesmo o trabalho de garimpo do historiador pode trazer ao conhecimento das novas e velhas gerações.

⁵⁶² MARTINS, 1920/1880, p. 65-66

⁵⁶³ Idem, p. 65.

⁵⁶⁴ GOMES, 2011, p. 85.

CAPÍTULO 4 – OUTRAS EXPERIÊNCIAS DO ANTIRRACISMO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE HEMETÉRIO: *PRETIDÃO DE AMOR* (1905), *ETYMOLOGIAS PRETO* (1907), *FRUCTOS CADIVOS* (1919) E O DIÁLOGO COM A IMPRENSA NEGRA.

Ao realizar “reflexão comparativa com a historiografia norte-americana e do caribe”⁵⁶⁵, a historiadora Martha Abreu afirma, em seu estudo sobre o artista e compositor Eduardo das Neves, que “a música, a poesia e o conto foram fundamentais para a luta dos afro-descendentes contra a opressão e dominação racial, ao longo da escravidão e no período logo após”.⁵⁶⁶ Como bem argumentou a historiadora com relação à música (sobretudo o samba), a literatura e as abordagens sobre textos literários como armas de combate ao racismo, também foi, de fato, uma estratégia posta em prática por intelectuais antirracistas brasileiros, sejam os mais consagrados, a exemplo de Lima Barreto, até aqueles anônimos e poucos conhecidos poetas que publicaram seus poemas em jornais da imprensa negra no século XIX e início do XX. Neste sentido, o livro do poeta e escritor negro Oswaldo de Camargo (1987), *O negro escrito*, destaca alguns nomes importantes. Hemetério José dos Santos não aparece no referido livro, no entanto, sua conferência literária (que depois foi publicada como livro), *Pretidão de amor* (1905), e alguns poemas presentes no livro de poesias *Fructos Cadivos* (1919) evidenciam que o professor Hemetério fez uso também da estratégia de se apoiar na literatura para enfrentar a discriminação racial de seu tempo.

No que se refere ao texto *Etymologias Preto* (1907), se por um lado não pode ser pensado como um discurso sobre artefato literário, por outro, vê-se a literatura, sobretudo os poemas, sedimentando os argumentos do professor, que era um amante da poesia. Em vários de seus textos ele se ancorou em determinados poetas para desenvolver suas reflexões e argumentos. Camões e Gonçalves Dias eram dois dos seus preferidos. A poesia, no entanto, não estava sozinha. O autor das obras que são objeto de análise neste momento da tese buscava apoio também na História. Apesar de referidas por comentadores e historiadores, as respectivas obras necessitam ser revisitadas para que se possa compreender o enfoque antirracista que o autor buscou explorar. Este é o objetivo do ponto que vamos tratar a seguir.

⁵⁶⁵ ABREU, 2005, p. 413.

⁵⁶⁶ Idem.

4.1 – *Pretidão de Amor* (1905).

Na conferência literária que Hemetério proferiu no Clube das Senhoras em 1905, no Rio de Janeiro, e que foi publicada no mesmo ano com o título de *Pretidão de Amor*, numa referência direta ao poema de Camões que poetizou seu amor pela “escrava Bárbara”⁵⁶⁷, o professor desenvolveu o tema do amor numa perspectiva histórica e também crítica no que tange à questão racial. Esta conferência, apesar de referida por alguns comentadores e historiadores, não foi alvo de uma análise mais sistemática do seu conteúdo. Diante da profundidade que eu identifiquei ao analisá-la, o objetivo deste item é contribuir para dar conta desta lacuna.

A obra se encontra no acervo de livros da Biblioteca Nacional. Como se pode ver na foto logo abaixo, Hemetério usou o pseudônimo de Benedicto Severo. Não consegui identificar o sentido do referido nome utilizado pelo professor.

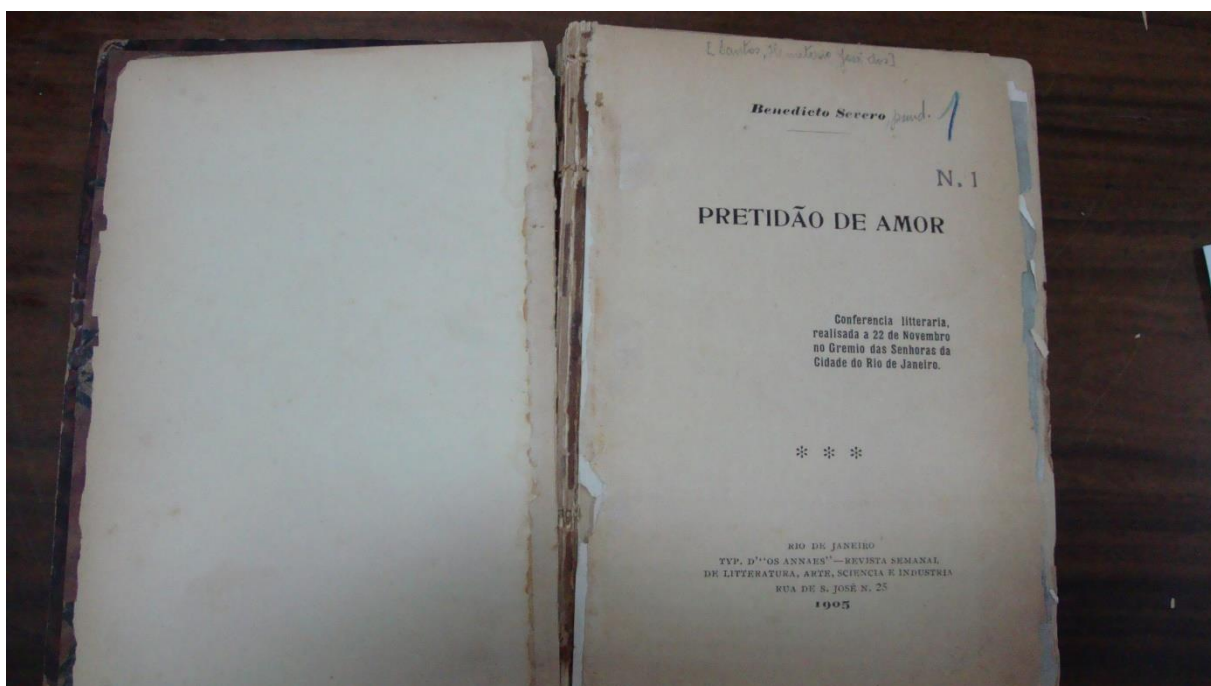


Figura 13: Livro *Pretidão de Amor* (Fonte: Biblioteca Nacional)

Logo após a folha de rosto do livro, nos deparamos com a foto de Hemetério José dos Santos que foi capa da obra organizada pela professora Iolanda Oliveira (2006), *Cor e magistério*, em que consta o artigo sobre Hemetério escrito por Maria Lúcia Rodrigues Müller com o título também de “Pretidão de amor”.

⁵⁶⁷ “Aquella cativa,/Que me tem cativo,/Porque nella vivo/Já não quer que viva./Eu nunca vi rosa/Em suaves molhos./Que para meus olhos/Fosse mais formosa. (...)” – Trecho do poema de Camões que Hemetério destacou em *Pretidão de amor* (Hemetério José dos Santos/ Benedicto Severo, 1905, p. 28.)

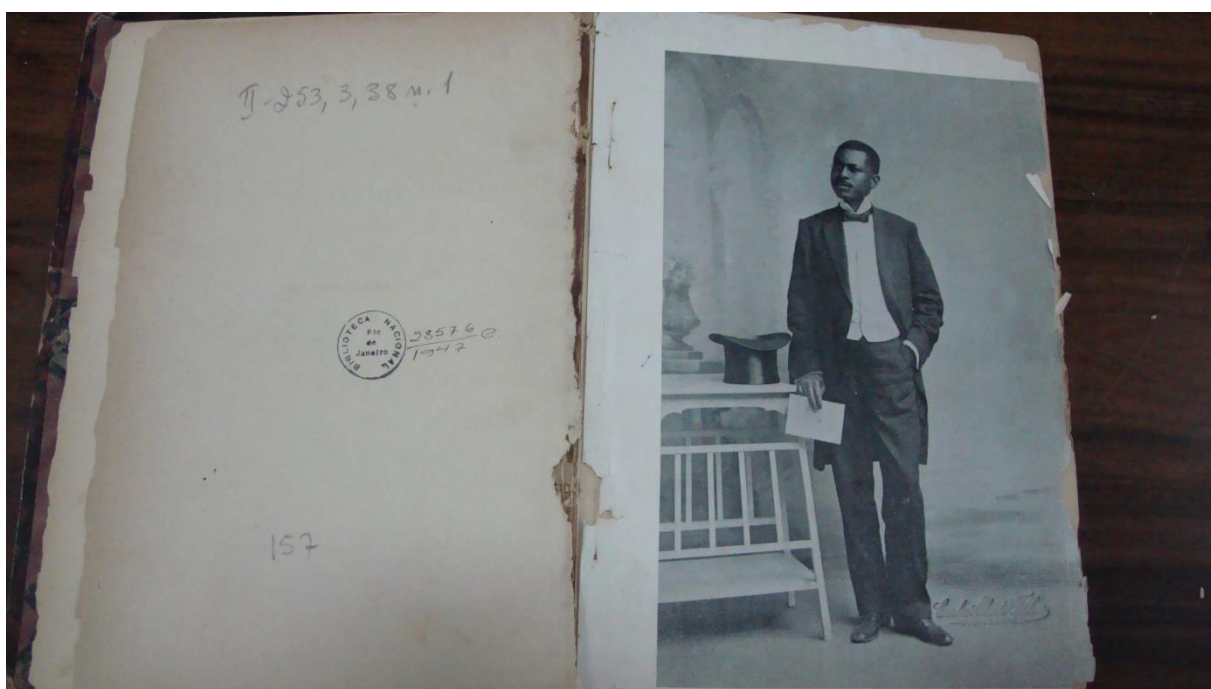


Figura 14: Foto de Hemetério José dos Santos que consta no livro *Pretidão de Amor* (Fonte: Biblioteca Nacional)

Convém destacar que a conferência de Hemetério ganhou as páginas de alguns periódicos da época. O *Almanaque do Garnier* informa para o “Ano Literário de 1905”, em meio a várias publicações de literatos, “a conferencia litteraria realizada por Benedicto Severo”, colocando entre parênteses o nome “Hemetério dos Santos”.⁵⁶⁸

O jornal *O Paiz*, em 04 de janeiro de 1906, por exemplo, divulgou uma matéria sobre a conferência que destaca questões importantes:

Pretidão de amor. Benedicto Severo, pseudonymo que esconde um dos nossos mais distintos professores e polemistas, imprimiu em folheto a conferencia que realizou a 22 do mez findo, no Gremio das Senhoras do Rio de Janeiro tendo por thema a sugestiva qualificação empregada pelo poeta dos *Lusiadas* e umas estancias á escrava Barbara – *Pretidão de amor*. § Esse thema, ou melhor esse mote da conferencia, define-a toda. A conferencia é o panegyrico e a defesa da raça negra no Brazil, principalmente da mulher mestiça, tão intimamente ligada á nossa organização nacional, e cujas qualidades de dedicação e de ternura, o autor, accentuado mestiço que timbra de o ser, exalça em paginas finamente literárias. § É um trabalho interessante, anotado de episódios da propria conferencia, e que termina por um apelo ás senhoras para que não consintam que a escola “seja fechada ao filho de quem formou este bello Brazil moral e hospitaleiro, amorosamente vos criando com o branco leite do seu amor”. § Não sabemos a razão deste apelo; ele deve existir, entretanto...⁵⁶⁹

⁵⁶⁸ *Almanaque do Garnier*, Edição 0008(1), p. 376.

⁵⁶⁹ *O Paiz*, 04. 01. 1906, edição 07758(1), p. 1.

A matéria do jornal destaca três questões relevantes que fez parte dos objetivos do professor ao realizar a conferência: “a defesa da raça negra”, a exaltação da mulher negra, que no texto do jornal aparece como “mulher mestiça”, e o “apelo” para que a escola não “seja fechada” à infância e juventude negra da época. A matéria termina afirmando não saber “a razão deste apelo”, ao mesmo tempo em que também afirma que “ele deve existir”. Voltaremos mais a frente a estas questões destacadas pelo jornal *O Paiz*, ao analisar as passagens do próprio texto do professor. Antes de adentrar no texto da conferência, convém destacar a dificuldade do autor da matéria de assumir, em seu escrito, a palavra “negro”. Ao contrário do articulista, Hemetério a utiliza em diversos momentos do texto, não demonstrando ter nenhuma dificuldade com o termo. O autor da matéria chega ao ponto de cunhar uma expressão curiosa ao se referir à pessoa do professor: “acentuado mestiço”. Qual seria o sentido desta dificuldade? Veremos mais adiante que, no texto *Etymologias preto*, o próprio Hemetério indica um caminho para responder a questão. Ao questionar o sentido negativo que era atribuído à referida palavra, o professor contribuía, à sua maneira, para que a dificuldade de se assumir o termo “negro” ou “preto” fosse superada; mas veremos isso depois. Agora, vamos ao texto da conferência do professor.

A obra tem cinquenta e três páginas. Ela indica, logo no início, a presença de alguns nomes de intelectuais que estiveram presentes à conferência. Nomes estes que integram a rede de sociabilidade de Hemetério José dos Santos. São eles: Medeiros e Albuquerque, Manoel Bomfim, Nestor Victor, Pedro Coutto, Gustavo Santiago, José Maria Goulart de Andrade, Maximino Maciel, Flóriano Britto e Curvelo de Mendonça.⁵⁷⁰

Como já foi informado, o título da conferência de Hemetério se refere ao poeta Camões, com base no poema que o poeta lusitano escrevera à africana e amada Bárbara. Por que Hemetério nomeou sua conferência de “Pretidão de amor”? Será que foi apenas pelo seu apreço ao poema de Camões e ao poeta português? Ou existe algo mais a se considerar quando se une o adjetivo “pretidão” ao substantivo “amor”? É preciso refletir primeiro sobre

⁵⁷⁰ Medeiros e Albuquerque e Manoel Bomfim já foram referidos anteriormente. Nestor Victor (12.04.1868-13.10.1932) foi escritor e poeta, estudioso da obra e amigo de Cruz e Sousa. José Maria Goulart de Andrade (06.04.1881-9.12.1936) foi poeta e escritor. Maximino Maciel foi médico, advogado e professor catedrático do Colégio Militar. Curvelo de Mendonça (29.07.1870-17.09.1914) foi escritor, jornalista, professor e adepto do anarquismo cristão. A respeito de Pedro Couto encontrei informações de que foi Delegado Geral do Departamento Nacional de Ensino, professor catedrático do Colégio Pedro II, jornalista e escritor de livros didáticos e de literatura (*Revista Brasileira de Ensino*, fevereiro de 1926, edição 0007 (Ano I) (1), p. 11). Heliana Hemetério dos Santos, bisneta de Hemetério, informa em sua entrevista que Coema Hemetério dos Santos foi amante de Pedro Couto. Não obtive referências sobre os outros nomes.

os significados destas duas palavras e (em seguida) relacioná-los às questões e conteúdos que o professor optou por destacar e argumentar na conferência proferida.

A palavra “pretidão” se refere às qualidades e particularidade de quem é preto. Ou seja, da pessoa preta, do continente preto. Pode ser entendida também como sinônimo de “negritude”, ou qualidade de quem é negro. Já “amor” talvez seja o sentimento mais sublime que o ser humano criara. Numa conjuntura dominada por ideias e teorias advindas do racismo científico e da eugenia, que propagavam a inferioridade e degeneração dos povos negros, Hemetério torna pública uma conferência que busca argumentar na contramão destas teorias, pois, ao discurso de ódio do racismo, do preconceito e da discriminação racial, pautados na perspectiva de afastar brancos e negros, o professor apresenta sua “Pretidão de amor” e fundamenta, com base na História e na Poesia, exatamente o contrário: que a união amorosa destes dois povos era algo deveras positivo. Isto porque era a união, através do amor, de povos produtores de civilização. Percebe-se que este tipo de argumento é também uma resposta para aqueles intelectuais que viam o Brasil como uma nação inviável, em face da presença da população negra.

Hemetério, então, insere seus argumentos tendo como pano de fundo a questão racial, ou, dizendo de outro modo, a questão das relações raciais. Parece que um dos seus objetivos é ironizar e desqualificar as teorias racistas que desestimulavam a aproximação e as relações mais íntimas entre negros (as) e brancas (os). Para Hemetério, o sentimento do amor, por ser sentimento que atua profundamente nos seres humanos, tem essa capacidade de romper barreiras e agir para que homens e mulheres sintam atração um pelo outro, independente da cor de suas peles. Sob esta perspectiva, o amor que Hemetério argumenta em sua conferência, é, essencialmente, um sentimento antirracista, daí ele se apropriar do amor que Camões se expressa poeticamente pela mulher negra africana Bárbara e definir sua conferência como uma “pretidão de amor”.

Olhando mais detalhadamente o percurso que o professor imprimiu ao seu texto, consta no início do livro a quem Hemetério dedica à conferência: “Ao meu Maranhão”. Em seguida, ele cita as seguintes palavras do conterrâneo Gonçalves Dias: “Que não cessei de querer-te. Pezar de quanto soffrí.”. Qual sofrimento seria este que levou Hemetério abrir sua obra com tais palavras? No corpo do livro, como veremos, talvez tenha uma pista: Hemetério explora a discriminação sofrida por Gonçalves Dias pelo fato deste ser, assim como o professor, uma pessoa negra. O poeta fora preterido no amor por carregar no corpo o chamado “defeito de cor”. Até rimou. De todo modo, a rima tem certo sentido, pois uma das estratégias discursivas utilizadas por Hemetério na conferência foi explorar esta relação entre “amor” e

“discriminação racial”. No Prólogo, o próprio professor assume o caráter doloroso do assunto a ser tratado: “Esta minha conferência é um grito de dôr”.⁵⁷¹ Em seguida, ele complementa:

É um desabafo, e, ainda mais do que isto, é um registro de factos que evocam dolorosamente saudades, não já do Imperio, mas dos tempos coloniaes do Padre Antonio Vieira, Gregorio de Mattos e José de Anchieta: tempos tristes em que, por sua garantia, a sociedade educava o negro e o indio, e amorosamente arrancava a herva má de preconceitos, erradamente divulgados por um falso entender religioso.⁵⁷²

Apesar de ser uma pessoa formada com base nos ensinamentos religiosos do catolicismo, como visto nos capítulos anteriores, um dos alvos de Hemetério com esta conferência, como pretendo demonstrar, foi exatamente a Igreja Católica. Observe que, na passagem acima, Hemetério atribuiu à educação o mérito de arrancar da sociedade “a herva má de preconceitos”, ao mesmo tempo em que já sinaliza sua crítica à Igreja ao responsabilizar determinados religiosos por divulgar a falsidade do preconceito.

Depois de afirmar que a conferência teria um quê de “desabafo”, Hemetério delimita o caminho por onde pretende percorrer com seu discurso. Por um lado, tratar do “amor em geral”, tomando como referência as “paixões do negro, desencadeadas dentro da nossa civilização”.⁵⁷³ Desta feita, Hemetério preferiu se guiar pela experiência de amor vivida por Camões, segundo ele, “um homem pratico, que é, ao mesmo tempo, (coisa maravilhosa!) um genio, um vidente, cheio de rara e inimitável intuição”.⁵⁷⁴ A escolha pela experiência amorosa do poeta português foi justificada por ter sido Camões, de acordo com Hemetério, “que poetizou primeiro entre nós, o claro e límpido olhar da mulher azeviche, de coração piedoso e bom.”⁵⁷⁵ O uso do termo “azeviche”, bela pedra preciosa da cor de carvão, é uma referência direta à beleza da mulher negra, que também inspirou o conterrâneo de Hemetério, o compositor e músico maranhense Zeca Baleiro, na canção *Flor de azeviche*, lançada em 1997.⁵⁷⁶

O poder sedutor e “persuasivo” de Camões influenciou gerações. Este poder foi potencializado pela sua capacidade de poetizar através da língua portuguesa, “a bela musica,

⁵⁷¹ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, *Pretidão de amor*, p. V.

⁵⁷² Idem, p. V-VI.

⁵⁷³ Idem, p. 9.

⁵⁷⁴ Idem, p. 9-10.

⁵⁷⁵ Idem, p. 10.

⁵⁷⁶ “Quando você pinta tinta nessa tela cinza/Quando você passa doce dessa fruta passa/Quando você entra mãe benta amor aos pedaços/Quando você chega nega fulô boneca de piche, flor de azeviche...”. (Zeca Baleiro)

sem igual, sonora e macia que a nossa lingua divulga na copiosa multidão do seu vocabulário”⁵⁷⁷, escreve Hemetério.

A experiência vasta de ter amado “brancas e pretas, louras e morenas, plebéas e fidalgas”⁵⁷⁸ e de ter visto “como se ama, sendo rei e sendo réu, e sobretudo isso, com uma luminosa visão das cousas sociais, civis e religiosas”⁵⁷⁹, permitiu a Camões, de acordo com Hemetério, apresentar a mais sábia definição de amor, immortalizada no poema que atravessa os tempos:

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dóe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dôr que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas, como causar pode o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor?⁵⁸⁰

A partir do belo poema de Camões, Hemetério conclui: “Na vida da humanidade, nos actos mais simples, bem como nas expansões mysticas, a sciencia tem verificado que não ha um, mas muitos amores”.⁵⁸¹ Quer dizer, os amores são múltiplos e podem se manifestar de diversas formas, inclusive, na forma curiosa do que Hemetério definiu como “adultério divino”: “Quando ha convergencia de amores para o ponto frágil, o homem, afim de evitar escandalos, faz desse poema de tres ou mais personagens, uma epopéa mysteriosa, como no secular adulterio divino, em que a mulher se conserva sempre virgem aos affagos geradores do condescendente esposo que não se fez marido”. Observe nesta passagem a ousadia sutil do professor de falar, para senhoras no ano de 1905, que a gravidez de Maria, mãe de Jesus, foi resultado de um “adultério divino”.

E, como em outros textos de Hemetério, argumentos do padre Antonio Vieira são usados para dar base ao raciocínio do professor. No caso, o argumento se pautou no poder que o tempo tem para “desarmar” e “curar” os desamores: “tudo cura o tempo, tudo faz esquecer,

⁵⁷⁷ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, *Pretidão de amor*, p. 12.

⁵⁷⁸ Idem.

⁵⁷⁹ Idem, p. 12-13.

⁵⁸⁰ Idem, p. 13.

⁵⁸¹ Idem.

tudo gasta, tudo digere, tudo acaba”; “De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo”⁵⁸² (p. 14-15); “Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor!”⁵⁸³

O próximo passo do professor foi dissertar poeticamente sobre o “amor sensual”, amor este que, de acordo com Hemetério, tem as seguintes “variedades”: “táctil, visual, auditiva, olfactiva ou gustativa (itálico)”⁵⁸⁴. A abordagem que ele fez a respeito de cada uma destas variantes buscou explorar a atração que ocorre, segundo ele, entre negros(as) e brancos(as). Atração esta que o professor argumentou como sendo resultado da “lei do contraste”; em outras palavras, ele quis dizer que os contrastes se atraem.

Os exemplos que o professor usa para confirmar a sua “lei do contraste” são curiosos. O amor de Camões por Bárbara é o exemplo guia do seu argumento. Além deste, Hemetério cita também o encontro de “Portugal” com a “África”: “Assim, nos belos tempos épicos dos nossos avós, o Portugal, senhor, nobre e cavalheiresco, sellou o seu direito á veneração da humanidade, com o beijo de amor, estampado nas faces da portentosa Africa, de adustos areaes, e de candente sol”⁵⁸⁵.

A expressão “Africa portentosa” foi usada por ele em outros momentos, como no poema com mesmo título, analisado mais à frente. Hemetério retirou esta expressão do livro de Oliveira Martins, referido anteriormente. O autor português tem um tópico em que trata sobre a África e o título utilizado é exatamente este “África Portentosa”.

Além disso, Hemetério explora também a experiência de vida de pessoas negras, a exemplo de Domingos Caldas Barbosa⁵⁸⁶ e Gonçalves Crespo⁵⁸⁷, que, assim como ele, foram filhos de mulher negra escravizada e se tornaram pessoas importantes na sociedade: “No século 18, o amavioso mulato, Domingos Caldas Barbosa, era o querido das loubas lisboenses, cujos corações venciam, no doce arrastado da modinha brasileira, em languidos compassos fugidos e entrecortados, de quem lhe falta o folego, numa embriaguez de sensualidade macia e quente.”⁵⁸⁸; já Gonçalves Crespo, “cantando os requebros felinos, e o ar senhoril das nossas mestiças, conquistou a mão fidalga da talentosa escriptora portuguesa, d.

⁵⁸² Idem, p. 14-15.

⁵⁸³ Idem.

⁵⁸⁴ Idem, p. 15.

⁵⁸⁵ Idem, p. 17.

⁵⁸⁶ Filho de mulher africana escravizada com um português, nasceu no ano de 1739 e morreu em 09 de novembro de 1800. Foi sacerdote, poeta, músico, considerado um criador do estilo “modinha”.

⁵⁸⁷ Nasceu em 11 de março de 1846 e morreu em 11 de junho de 1883. Foi jurista, poeta e jornalista. Filho de mãe escravizada.

⁵⁸⁸ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, Pretidão de amor, p. 17.

Maria Amalia Vaz de Carvalho⁵⁸⁹, cujo íntimo dilacerado ainda hoje está viúvo de um companheiro tão seu na delicadeza do trato”.⁵⁹⁰ A dança, ao possibilitar o contato físico entre dois corpos, é facilitadora da aproximação entre homem e mulher, de acordo com Hemetério.

Hemetério se apoia também no, segundo ele, “inimitável Gil Vicente”, poeta português, para tratar do amor à mulher negra:

Eu andava namorado
De uma moça *pretesinha*,
Muito galante mourinha,
Um ferretinho delgado,
Oh! quanta graça que tinha!
Então amores de moura,
Já sabeis o fogo vivo,
Ella captiva, eu captivo (...) ⁵⁹¹

No decorrer da conferência publicada surge um parêntese escrito em itálico no meio do caminho do texto que relata uma situação ocorrida na plateia em que um homem branco e idoso, sentado ao lado de uma jovem negra, ameaça se retirar, ocasionando no público “*vozes de protestos*”.⁵⁹²

Parece que o tal “*velho branco*” ficara incomodado com as palavras do conferencista. A informação de que estava presente uma mulher negra sugere pensar que talvez outras mulheres negras estivessem também presentes à conferência. As “*vozes de protestos*” à atitude do velho de reclamar do conferencista e, em seguida, o outro parêntese informando “*Calorosas aprovações; bravos, agitar de lenços, palmas*”⁵⁹³, nos leva a crer o quanto que a plateia estava gostando das palavras do professor Hemetério. Ao ponto do velho ter saído “*em meio de estrondosa manifestação de desagrado*” ⁵⁹⁴. A cena é hilária e revela o sucesso de Hemetério com a conferência, pois, ao informar que o tal velho retirou-se em meio às vaias das senhoras presentes, tem, por um lado, o seu aspecto um tanto quanto hilário, mas, por outro, denota que o professor Hemetério cativara com seu discurso o auditório (majoritariamente feminino). Não se sabe a cor de pele destas senhoras, mas, é possível supor que devia ter mulheres de diversos tons de pele, possivelmente, professoras primárias, normalistas e alunas (também ex-alunas) do professor, que à época da conferência, já era docente da Escola Normal do Distrito Federal e da Escola Normal Livre.

⁵⁸⁹ Poetisa, escritora e jornalista portuguesa, lutou pela educação feminina e pelos direitos da mulher. Nasceu em 01.02.1847 e morreu em 24.03.1921. Ver CARULA, Karoline. *A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 261-279, janeiro-abril/2016.

⁵⁹⁰ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, *Pretidão de amor*, p. 18.

⁵⁹¹ Idem, p. 18.

⁵⁹² Idem, p. 22-23.

⁵⁹³ Idem, p. 24.

⁵⁹⁴ Idem, p. 24.

Depois dos aplausos e demonstração de que estava fazendo sucesso com a plateia, Hemetério afia sua crítica à Igreja Católica. As passagens são duras e revelam o compromisso do professor com o antirracismo, através da denúncia contra a discriminação racial patrocinada pelos religiosos:

Como ia fallando, minhas senhoras... Ha qualidades que a religião capitulou em crimes; não digo bem a religião, direi melhor: ha qualidades que a curia romana, os corrilhos de Egreja, os padres, os sacristãs e frades, capitularam em stigmas, que se transformam em pesadas barras de ferro, em grilhetas contra quem as possúe. Tal a velha e cruel questão de côr e raça. § Almas virtuosas e bôas, piedosas e meigas poderiam amar, pelo que de bom e de humano de si desprendem, se não fossem os olhos perscrutadores, ainda da mais remota cambiante de negra cor. § Nas confrarias e ordens religiosas, nos elevados cargos de responsabilidade da egreja catholica, o homem mestiço de sangue negro, não pode ter aspiração alguma.⁵⁹⁵

Hemetério não poupou sua crítica ao afirmar que a Igreja Católica e seus religiosos capitularam em “crimes” e “stigmas” as “qualidades” do negro, transformando tais stigmas “em pesadas barras de ferro, em grilhetas” contra quem possui na pele “a velha e cruel questão de cor e raça”. Percebe-se que ele faz questão de articular o componente da cor com a questão racial, ao mesmo tempo em que pontuou a discriminação racial como sendo algo “cruel” (mais a frente definido por ele como “tão hediondo e vil preconceito”).⁵⁹⁶ Ele prosseguiu sinalizando para o problema dos “olhos perscrutadores” dos preconceituosos que não veem bondade nas pessoas negras e, por consequência, sentenciou o fenômeno do racismo na Igreja Católica: “Nas confrarias e ordens religiosas, nos elevados cargos de responsabilidade da egreja catholica, o homem mestiço de sangue negro, não pode ter aspiração alguma”.

Ao fazer críticas contundentes ao racismo na (e da) Igreja Católica em uma conferência sobre o tema do amor, ou melhor, da “pretidão de amor”, Hemetério sinaliza para uma enorme contradição: a instituição religiosa que prega o evangelho de Jesus Cristo, evangelho este que se pauta na proposta do amor ao próximo (ou no “amai-vos uns aos outros”), torna-se protagonista de ideias e práticas discriminatórias que tem como fundamento um sentimento oposto ao do amor, ou seja, o do ódio racial contra os negros. Hemetério afia mais ainda sua crítica quando faz referência ao Papa Leão XIII, falecido dois anos antes da data da conferência realizada pelo professor. A passagem é deveras surpreendente, sobretudo pelo fato de ter sido escrita por uma pessoa que, de acordo com os textos no *Livro dos*

⁵⁹⁵ Idem, p. 25.

⁵⁹⁶ Idem, p. 25.

meninos, se mostrou bastante religiosa. Ela se enquadra no momento em que o professor argumenta sobre o papel da audição no processo do amor. Eis o trecho:

O homem, no egoísmo estreito do seu gozar, prende a graúna, o canário e outros passaros, para lhes ouvir o canto de amor não satisfeito, repassado de tristura languida. § Esse goso muita vez attinge, infelizmente, o requinte da perversidade: assim é proverbial que o papa Leão XIII, grande caçador na sua mocidade, vasava os olhos dos passaros que, desconhecendo o dia e a noite, lhe amenizavam, na velhice, as horas tristes do retiro do Vaticano.⁵⁹⁷

Por que o professor Hemetério fez questão de abordar em sua conferência, a respeito da “perversidade” do Papa Leão XIII, logo após de tratar do racismo na Igreja Católica? Haveria alguma relação entre uma coisa e outra? Vou arriscar uma interpretação, a título de hipótese, para além do que a passagem acima enuncia.

Hemetério começa destacando um aspecto importante que é inerente ao ser humano: “o egoísmo estreito”. É este egoísmo que move o ser humano a usar do seu poder para aprisionar os pássaros para que estes possam estar a serviço “do seu gozar”, dito de outra forma, a serviço do seu bel prazer. Ao falar de pássaros engaiolados, duas questões me vêm à mente: o que caracteriza o sentido de ser da vida de pássaro? Qual seria, talvez, o maior desejo de um pássaro que esteja preso na gaiola? Penso que, para ambas as questões, a resposta seria a mesma: liberdade! Ora, liberdade é algo desejado não apenas pelos pássaros que estão presos na gaiola. Seres humanos escravizados também desejam a liberdade, sobretudo se forem objeto de perversidade dos seus senhores. “Escravidão” e “perversidade” caminharam juntas, de mãos dadas, no sistema escravista que foi implantado nas Américas pelos europeus. Foi um sistema que escravizou negros e indígenas e, por conseguinte, o “racismo” se uniu à “escravidão” e à “perversidade” formando um trio que esteve presente nas experiências daqueles e daquelas que foram objeto da escravização moderna. A Igreja Católica foi partícipe e cúmplice deste processo. Hemetério tem plena consciência disso, e, talvez, um dos seus propósitos com a conferência tenha sido isto que acabei de fazer aqui, ou seja, possibilitar que interpretações sobre o seu texto pudessem trazer ao público esta leitura do papel da Igreja Católica, personificada na figura do Papa, seu dirigente maior, em relação à cumplicidade com a escravidão e as práticas racistas.

Mas é preciso também problematizar o enfoque crítico do professor em relação ao preconceito racial na Igreja Católica. Isto porque os argumentos que a historiadora Martha Abreu (1999) apresenta em seu texto *Os impasses do catolicismo no século XIX*, presente no

⁵⁹⁷ Idem, p. 33-34.

livro *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro – 1830/1900*, sugere pensar a hipótese de que, diante da complexidade e diversidade de linhas de pensamento que configuram o movimento católico no Brasil no século XIX e início do XX, como bem demonstrou a historiadora, é possível supor que o próprio Hemetério tenha bebido nesta fonte para reforçar suas convicções políticas em relação à questão racial e ao negro no Brasil.

Sem entrar aqui no mérito de todas as questões pontuadas por Martha Abreu a respeito da análise sistemática que a historiadora fez dos editoriais do jornal católico *O Apóstolo*, gostaria de pontuar o que ela argumenta a respeito de um “espaço de tolerância” católica em relação às manifestações culturais negras, “dentre as formas de tolerância localizadas, chama a atenção a pequena expressividade – e quase ausência – dos combates ou críticas aos batuques, às demonstrações vistas como supersticiosas e sincréticas, populares e negras”,⁵⁹⁸, escreve Martha Abreu. Além disso, a autora do *Império do Divino* destaca a posição política favorável aos “libertos” e “ingênuos”:

O Apóstolo foi veículo de um tipo de tolerância que complementava todas as outras. Afirmava a existência de uma nacionalidade católica, incorporando todos os brasileiros, inclusive os escravos (em geral, não tão “bons” católicos assim), numa só família, com uma mesma religião, costumes e língua. Desta posição, inclusive, emerge, principalmente nos anos 1880, uma defesa radical contra a imigração estrangeira e, surpreendentemente, a favor da educação dos ingênuos e libertos.⁵⁹⁹

De todo o modo, resta saber se, no início do século XX, quando Hemetério proferiu sua conferência, esta posição favorável ao liberto e ao cidadão nacional foi mantida.

Retornando ao texto, Hemetério afirma ser “tanto pior para a Igreja catholica”⁶⁰⁰ não entender o amor sincero que pode existir entre negros e brancos e cita diversas poesias que tratam deste tipo de amor, inclusive, o poema guia de Camões que deu título à sua conferência. Neste sentido, vale reproduzi-lo por inteiro:

Aquella cativa,
Que me tem cativo,
Porque nella vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

⁵⁹⁸ ABREU, 1999, p. 328.

⁵⁹⁹ Idem, p. 331.

⁶⁰⁰ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, Pretidão de amor, p. 28.

Nem no campo flores,
Nem no céu estrelas
Me parecem belas
Como os meus amores:
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

Uma graça viva
Que nelles lhe mora,
Para ser senhóra
De quem é cativa.
Pretos os cabelos,
Onde o povo vão
Perde opinião,
Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas Barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa;
Nella emfim descança
Toda minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo;
E pois nella vivo
E' força que viva.⁶⁰¹

O poema é um louvor à mulher negra africana Bárbara, que, com sua beleza, torna o poeta seu “cativo”, por ser ela uma rosa “mais formosa”. A mais bela no campo de flores, a mais bela no céu de estrelas. A poesia também critica o “povo vão” que “perde opinião” por achar mais belos os cabelos louros, ao invés de apreciar a beleza dos cabelos pretos da mulher negra. Mulher esta que o poeta entende ser uma “Pretidão de Amor”. Doce figura ao qual o poeta dedica toda a sua poesia. Depois da leitura do poema de Camões, Hemetério registra manifestações favoráveis (“*Muito bem, palmas e aprovações*”⁶⁰²) e informa que os aplausos das senhoras presentes lhe dão “coragem e animo” para seguir em frente, apesar do “hediondo

⁶⁰¹ Idem, p. 28-30.

⁶⁰² Idem, p. 30.

preconceito de pelle” que o poeta Camões também presenciara nos tempos em que estivera na Índia.⁶⁰³

Ao tratar do aspecto que a voz exerce no processo do amor, Hemetério traz para a sua conferência a experiência que o poeta maranhense Gonçalves Dias vivenciara ao não ser aceito pela família de sua amada. Ele negro, ela branca. Hemetério já tinha citado (algumas páginas antes) um poema de Gonçalves Dias que vale a pena destacar:

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei;
Que dentre as fronte humanas,
Entre as fronte soberanas,
Levanto a fronte: sou rei.
Sou preto, sim, tu és branca;
Mas que importa? Junto ao dia,
A noite o poente cria,
E cria a aurora também,
Que mais luzentes belezas,
Mais doces do que ambos tem.⁶⁰⁴

Observe que o poema afirma que tanto o preto (“a noite”), quanto o branco (“o dia”), além de ter cada um suas “luzentes belezas”, são produto um do outro. Desta feita, o poeta se pergunta: “Sou preto, sim, tu és branca; Mas que importa?”. A escolha deste poema se coaduna com a proposta que orienta o argumento de Hemetério de entender de modo igualitário o negro e o branco, pois ambos têm os seus valores e são produtores de civilização. Entretanto, por que este entendimento não prevalece na sociedade? Porque existe uma “pedra no caminho”, parafraseando o poema de Drumond, e esta “pedra” é o preconceito racial, produtor de discriminações que impediu, por exemplo, o casamento de Gonçalves Dias com sua amada. Ao trazer para a sua conferência esta experiência do poeta maranhense, Hemetério sinaliza para a existência deste problema, ou seja, o problema do racismo em nossa sociedade:

Pela graça musical de uma voz, rica de modulações menores, foi que o nosso Gonçalves Dias se viu enamorado da exma. D. Anna Amelia do Valle, de uma das mais distintas famílias nossas, por sciencia, lettras, e capitaes. § Não foi uma paixão de chofre nascida. Em 1846, a familia Valle se achava em Lisboa, e então era menina folgazã e espirituosa essa, que inspirou ao poeta estes versos, sobre os quaes, como vereis, um funda e quieta meditação deveis fazer: (...) Tu és vária e melindrosa/Qual formosa/Borboleta num jardim;/Que as flores todas afaga/E divaga/Em devaneio sem fim(...)§ Em 1851, o poeta se acha no Maranhão, com essa borboleta vária e melindrosa, já então mulher, cujas formas, com os anos, ainda mais se tornaram da ethérea mansão.§ Educação aprimorada, com muitas belas prendas, voz cheia, aveludada e fresca, D. Anna Amelia aceitou a dedicação sincera e

⁶⁰³ Idem.

⁶⁰⁴ Idem, p. 26.

intima do poeta e ‘vendo-se e fallando-se a toda a hora, desintranhando-se ambos em affectos, refinados na mais divinal, pura e ardente paixão, amaram-se loucamente...’§ Mas, se, no dizer do philosopho, a natureza é que fez a afinidade sexual, o homem o amor, a sociedade é que instituiu o casamento, e este se não permittiu pela familia, por causa da descendencia do poeta, vistas a côr, e a sua filiação natural.⁶⁰⁵

Gonçalves Dias fez o pedido de casamento por carta no ano de 1852, recebendo por carta a não aceitação. Atorreado, casou-se no mesmo ano com outra mulher, D. Olympia da Costa, por sugestão do amigo poeta Manoel de Araujo Porto Alegre. O casamento ocorreu na capela da do Outeiro da N. S. da Glória⁶⁰⁶. De acordo com Hemetério, apesar do casamento, Gonçalves Dias não se esquecera da primeira amada: “O casamento que é uma invenção social, se fez, mas o primeiro amor, que espontaneo nascera no coração do poeta, continuou.”⁶⁰⁷. E complementa logo em seguida: “Muito pode o amor, minhas senhoras”⁶⁰⁸. Ao lembrar-se da “resignada e bôa D. Olympia Gonçalves Dias”, que, de acordo com Hemetério, permaneceu ao lado do poeta, “trinta longos annos trabalhosos”, o professor afirma que “muitas decepções tambem nos dá o amor”⁶⁰⁹.

Ao tratar do papel que o perfume exerce no processo do amor, Hemetério destaca o “amor africano”: “No amor africano e no oriental é conhecida a orgia de incenso, myrrha e de infinidades de perfumes que alentam o organismo debilitado pelo calor, e pela effervescencia dos areaes queimados”.⁶¹⁰ Na sequência, o professor aproveita para dar mais uma alfinetada a respeito do preconceito na Igreja Católica, desta vez, inserindo também o preconceito contra os judeus: “Eis como é o amor, minhas senhoras: cheio de dramas, comedias e tragedias na civilização nossa, puro e casto entre os negros e judeus, pobres bestas, condemnados a uma perseguição atroz e eterna, pelas estreitas malhas do codigo catholico.”⁶¹¹

Para combater visões negativas em relação ao modo africano de viver, Hemetério José dos Santos alimenta seu texto com passagens que visam enaltecer o caráter dos negros da África: “O jurisconsulto portuguez, quando de perto conheceu o intimo viver do povo de Angola, exclamou contente e satisfeito: ‘Abençoado povo, que não conhece nem expostos, nem prostitutas!’”⁶¹² Neste sentido, o poeta Camões serve mais uma vez de apoio ao argumento do professor, “E Camões, da Africa toda admira a paz e tranquillidade, planta que

⁶⁰⁵ Idem, p. 36-39.

⁶⁰⁶ Idem, p. 39-40.

⁶⁰⁷ Idem, p. 40.

⁶⁰⁸ Idem.

⁶⁰⁹ Idem, p. 43.

⁶¹⁰ Idem, p. 45.

⁶¹¹ Idem, p. 47.

⁶¹² Idem.

viçosa brota de corações inteiros: Olha as casas dos negros, como estão/Sem portas, confiados em seus ninhos/Na justiça real, e defensão/E na fidelidade dos vizinhos...”.⁶¹³

O interessante é que logo depois de louvar o modo de vida dos africanos, Hemetério exalta os atrativos da mulher negra brasileira e destaca a corrupção dos costumes que imperava na Corte portuguesa sob os auspícios e cumplicidade das autoridades religiosas. Para tanto, o professor se utiliza da vida do poeta Gregório de Mattos (1636-1696), que ao invés de permanecer vivendo na Corte em Lisboa, preferiu retornar para Bahia.

Hemetério começa afirmando que Gregório “estava enojado das immoralidades do throno, e dos escândalos praticados pela auctoridade ecclesiastica”.⁶¹⁴ Depois, relata alguns dos escândalos que caracterizavam a relação do rei de Portugal com sua esposa:

Governava Portugal o *infeliz* (destaque de Hemetério) D. Affonso VI, que não se prestava a ser vil instrumento da curia romana. § Sua mulher, D. Maria Francisca, publica e notoriamente se tomou de amores com o seu cunhado d. Pedro II, e, com o apoio dos padres e da curia romana, depois de ruidosos escandalos, de baixas torpezas e animalidades caprinas, em que fazia queixas luxuriosas de que não a abraçava o marido, insensível e imóvel aos seus affagos ás suas ledices de incestuosa impudente, teve o prazer de alcançar a nullidade civil e ecclesiastica do seu casamento, e de legitimar assim a sua barreguice.⁶¹⁵

O relato serviu de apoio para Hemetério informar que “por essas e outras, Gregorio regressou á Bahia, sua terra natal, ‘desgostoso, descrente e mazombeiro’”. Em seguida, o professor introduz outro motivo que fez o poeta regressar a sua terra: “O aceio, a limpeza fidalga e meticulosa da morena bahiana, o attrahiu deveras.”⁶¹⁶ Por isso que o poeta, segundo Hemetério, “Cantou e decantou as moças pardas”: “(...) As damas desta cidade,/Ainda as que são mais bellas,/Não são nada deante delas (...)”.⁶¹⁷

Cabe aqui tratar de um argumento importante que a historiadora Giovana Xavier (2012) desenvolveu em seu texto *Entre personagens, tipologias e rótulos da “diferença”: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX*, presente no livro que ela organizou junto com Juliana Barreto Farias e Flávio Gomes (2012), *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. Para a historiadora, uma variedade de escritores do século XIX se utilizavam de imagens da mulher negra “como metáfora da patologia, da corrupção e do primitivismo, configurando o corpo feminino negro como doente e, portanto,

⁶¹³ Idem.

⁶¹⁴ Idem, p. 48.

⁶¹⁵ Idem, p. 48.

⁶¹⁶ Idem.

⁶¹⁷ Idem, p. 49-50.

nocivo à saúde de uma nação em construção”⁶¹⁸. Giovana afirma também que “dezenas de narrativas ficcionais da época convergem para a mesma direção: o esforço em demonstrar a confluência entre traços físicos ‘anormais’ e o caráter ‘duvidoso’ como a principal marca da mulhe ‘de cor’ e do seu corpo”⁶¹⁹. Esta perspectiva de ver a mulher negra como nociva à nação foi combatida por Hemetério, que argumentou o contrário, exaltando suas qualidades de agente civilizador do país. Isto não significa, por outro lado, que ele estivesse totalmente imune ao machismo da época, sobretudo, no que tange a abordagem que a historiadora faz em relação à “bela mulata” e à “mestiça virtuosa”. Vale ressaltar ainda que Giovana argumenta sobre um procedimento essencial, no que diz respeito à análise do tema:

Como vimos, a mulher negra e seu corpo ocuparam lugar especial na literatura oitocentista. Considerando os diálogos entre história e literatura, é importante historicizar esse conjunto de tipologias nos quais o feminino de cor foi enquadrado. Nesta proposta, menos do que ver o estereótipo como categoria estática, é fundamental resgatar seu caráter dinâmico, pois, de acordo com o que também pudemos ver, seus significados são alterados por variantes tais como classe e cor. Nessa direção, a articulação entre raça, gênero e sexualidade deve ser entendida como palco privilegiado para a percepção dos conflitos sociais dentro do movimento da história.⁶²⁰

Retornando ao texto de Hemetério, na parte final da conferência, o professor se pergunta: “E o gosto? Como actúa?...E o amor psychico?...”.⁶²¹ É neste instante que o professor se aventura em refletir sobre “a psychologia nossa”, que segundo ele é, “nada mais, nada menos, isto que, tristemente, eu vos venho expondo”⁶²², ou seja, os caminhos e descaminhos da “pretidão do amor”, que além de revelar preconceitos raciais diversos, por “aquelles que se tornaram falsos”, “orientados por uma falsa sciencia, por uma falsa religião, cheia de contrassenso”.⁶²³ De quais ciência e religião Hemetério atribui falsidade e contrassenso? Penso que seu alvo é o racismo científico, a eugenia e ideias de religiosos católicos propagadores de preconceitos.

Em seguida, Hemetério faz um desabafo e uma denúncia, ao mesmo tempo em que apresenta sua perspectiva política de unidade entre trabalhadores e patrões e, possivelmente, sua proximidade com o anarquismo cristão:

⁶¹⁸ Giovana Xavier, 2012, p. 67.

⁶¹⁹ Idem.

⁶²⁰ Idem, p. 81-82.

⁶²¹ Hemetério José dos Santos/Benedicto Severo, *Pretidão de amor*, p. 50.

⁶²² Idem.

⁶²³ Idem, p. 51.

Não posso mais continuar, minhas senhoras, que estas e outras delicadas questões do amor o peito me magoam dolorosamente. § Só quando a sociedade attingir o ideal de simples e natural anarchia, na bôa accepção do termo: quando o amor se livrar das impurezas dos sordidos e mesquinhos interesses, da grosseria soez e caprina, quando as portas dos nossos INSTITUTOS (caixa alta posta pelo professor) se não fecharem aos negros e aos desherdados da fortuna, quando fôr efficaz e real a salutar e justa fraternidade, quando de braços unidos e de corações em harmonia forem amigos, na vida, os que cultivam a terra, e aquelles que dos seus fructos o goso têm, sem trabalho e sem fadiga, é que podemos dizer como o poeta: De amor escrevo/De amor trato e vivo;/De amor me nasce amar sem ser amado;/De tudo se descuida e meu cuidado;/Quanto não seja ser de amor captivo (...).⁶²⁴

O desabafo se expressa na mágoa que o professor informa sentir em relação “as delicadas questões do amor”, que no texto da conferência foram articuladas com as manifestações de preconceitos e de discriminações raciais existentes na sociedade. A denúncia, por sua vez, também diz respeito à discriminação racial, pois o professor leva a leitor a pensar que as “as portas dos nossos INSTITUTOS”, estariam fechadas aos negros e pobres da sociedade. Observe que ao escrever “institutos” em caixa alta, Hemetério dá ênfase a este problema por ele destacado. Não foi à toa, neste sentido, que ele termina a conferência com as seguintes palavras:

Minhas senhoras, vós que nos amamentastes do carinho sem igual da mulher negra, não consintais que a escola, esse céu iluminado por vinte e cinco constellações sonoras, seja fechada ao filho de quem formou este bello Brazil moral e hospitaleiro, amorosamente vos criando, com o branco leite do seu amor. § Grato vos sou; e só então, emudecerei contente.⁶²⁵

O professor fecha a conferência, portanto, convocando o protagonismo das senhoras presentes, no sentido de ganhar aliadas para enfrentar o problema da falta de escola à infância e juventude negra. Para tanto, Hemetério se apoia no papel que exerceu a mulher negra ao ceder “o branco leite do seu amor” aos herdeiros dos poderosos. Assim, a conferência de Hemetério, além de combater o preconceito racial, é uma verdadeira viagem pela cultura portuguesa tradicional como Camões e Gil Vicente e, ao final, o professor aterrissa reivindicando uma das coisas mais modernas para a nação na época: ter escola. E ele o fez mobilizando o sentimento feminino para a trincheira dos combatentes que tentavam convencer o poder branco e masculino a abrir concessões para que os filhos da mulher negra tivessem a oportunidade de estudar. Percebe-se, ao estilo dos abolicionistas, o apelo de

⁶²⁴ Idem, p. 51-52.

⁶²⁵ Idem, p. 53.

Hemetério para a conciliação, no entanto, esta conciliação tem uma direção certa: o acesso à escola para os filhos e filhas das pessoas negras.

A perspectiva política conciliatória de Hemetério também se manifesta na proposição que ele apresenta na passagem anteriormente destacada, ao tratar do que ele denomina de “justa fraternidade”, ou seja, “quando de braços unidos e de corações em harmonia forem amigos, na vida, os que cultivam a terra, e aqueles que dos seus fructos o gozo têm, sem trabalho e sem fadiga”. Fica nítida, então, a perspectiva política de conciliação de classe de Hemetério, o que nos sugere o entendimento de que a hipótese de sua possível proximidade com o anarquismo cristão não deve passar pelas correntes anarquistas que se fundamentam doutrinariamente na luta de classes.

À referida hipótese, o próprio Hemetério nos sugere quando escreve, na passagem anterior, que o amor verdadeiro só será alcançado “quando a sociedade atingir o ideal de simples e natural anarchia, na bôa accepção do termo”. Qual seria esta simples, natural e boa anarquia para Hemetério? O trecho destacado fez-me inferir a possibilidade de que o professor estaria se referindo à doutrina que buscou articular alguns princípios do anarquismo com princípios cristãos, configurando o que ficou conhecido como *anarquismo cristão*, à medida que o mesmo se pautou, dentre outros aspectos, pela defesa de uma vida que valorizasse a simplicidade, o apego à natureza e ao sentimento de bondade, guiado, sobretudo, pelo “amor ao próximo”. Neste sentido, em grande parte, o anarquismo cristão buscou resgatar os fundamentos do “cristianismo primitivo”.⁶²⁶

Da mesma forma, a proximidade de Hemetério com o anarquismo cristão pode ser pensada, por um lado, através do próprio tema do *amor* que o professor desenvolveu em sua conferência; por outro, pela preocupação com as temáticas sociais. Neste sentido, vale lembrar o argumento do professor de que o verdadeiro amor ocorrerá quando este “se livrar das impurezas dos sordidos e mesquinhos interesses, da grosseria soez e caprina”, assim como quando os negros e os “desherdados da fortuna” tiverem acesso à escola.

Outro aspecto a considerar é a amizade e admiração que alguns conceituados intelectuais anarquistas cristãos tinham pelo professor Hemetério. Dois desses são emblemáticos, no caso, Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914) e Fábio Luz (1864-1938).⁶²⁷ Ao primeiro, que esteve presente na conferência do professor, Hemetério escreveu

⁶²⁶ Ver artigo de Gustavo Ramus (2008), “Anarquismo cristão e sua influência no Brasil”.

⁶²⁷ Ver dissertação de Eduardo Carracelas Lamela (2017), *Da instrução dos trabalhadores à revolução social – a formação da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro em 1904*; ver dissertação de Andreia da Silva Lucas de Campos (2007), *Fábio Luz e a Pedagogia Libertária: Traços da Educação Anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)*; ver artigo de José Adriano Fenerick (2004), *A literatura anarquista dos anos 1900-1920*:

um texto/carta que foi publicada em 1909 com o título de “Ensino Municipal”. Ao segundo, Hemetério escreveu a famosa carta em que tece críticas contundentes a Machado de Assis. Dentre algumas das ideias que Curvelo de Mendonça e Fábio Luz defendem em seus escritos e romances estão a educação para os pobres⁶²⁸ e maior liberdade no amor, temas abordados por Hemetério em sua conferência.

Por fim, convém sinalizar para outro elemento a ser considerado, a título de hipótese, e que se relaciona com a proximidade que existiu entre Hemetério e o deputado Monteiro Lopes. De acordo com a pesquisadora Carolina Vianna Dantas, Monteiro Lopes era admirador do escritor e pensador russo León Tostoi (1828-1910), ao ponto de fazer, em 22 de novembro de 1910, uma proposição na Câmara dos Deputados em homenagem ao escritor falecido.⁶²⁹ Tostoi é considerado por estudiosos do tema um dos criadores do anarquismo cristão.⁶³⁰ Perante esta constatação em relação a Monteiro Lopes, teria sido Hemetério também um admirador do escritor russo? Não consegui encontrar respostas para esta pergunta.

4.2 – Etimologias Preto (1907).

Outra das contribuições fundamentais do professor no combate ao racismo da época consistiu na sua atuação enquanto filólogo antirracista. Para se contrapor aos gramáticos, a exemplo de Alfredo Gomes e João Ribeiro, que insistiam em atribuir sentido negativo ao vocábulo “preto”, Hemetério escreveu “Etimologias Preto”, texto que analisaremos a seguir.

Antes, porém, vale ressaltar que me senti na obrigação de revisitar o respectivo texto, referido por alguns comentadores e historiadores por compreender que a análise sistemática do seu conteúdo é uma lacuna que precisa ser preenchida, sobretudo, pela importante contribuição realizada pelo filólogo e educador Hemetério José dos Santos, que estava ciente do quanto às ideias preconceituosas e racistas são propagadas através das palavras. Neste

um estudo da recepção em dois quadros críticos; ver artigo de Gustavo Ramus (2008), *Anarquismo cristão e sua influência no Brasil*.

⁶²⁸ Ver: MARTINS, Angela Maria Souza (2013). *A Educação Integral segundo a pedagogia libertária*. In: Lígia Martha C. da Costa Coelho. (Org.). *Educação Integral: história, políticas e práticas*. 1ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013, v. 1, p. 3-17; MARTINS, Angela Maria Souza (2005). *A educação anarquista no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Movimento* (Niterói), Niterói, v. 11, p. 123-130, 2005.

⁶²⁹ DANTAS, 2008, p. 5.

⁶³⁰ Ver RAMUS (2008); LAMELA (2017); CAMPOS (2007); FENERICK (2004); dentre outros.

sentido, vale lembrar que as palavras são portadoras de ideologia, como já nos ensinou BAKHTIN (2010)⁶³¹.

O referido texto foi publicado pelo *Almanaque Garnier* no ano de 1907, disponível através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁶³². Apesar de publicado no ano de 1907, o texto fora escrito em 12 de setembro de 1905.

Hemetério iniciou o texto pontuando o que ele entendeu com sendo equívoco de um determinado gramático no tocante à visão que este tinha em relação à palavra “preto”:

Aqui ha quatro annos passados, um estudioso grammatico brasileiro suppoz enxergar na palavra *preto*, o vocabulo latino – *spretum*, de *sperno*, desprezar. § Assim o pensou, por imaginar tambem que o trabalho, por servidão, havia lançado o negro no mais baixo estado de vida e trato nas relações sociaes. § Não lhe cabia razão nenhuma, nem historica, nem litteraria e nem socialmente visto o caso que se vae examinar (grifo de Hemetério).⁶³³

O equívoco do gramático (Alfredo Gomes) se deu, de acordo com Hemetério, pelo fato de ele ter compreendido o trabalho servil e escravo como sendo algo de exclusividade dos negros. Esta abordagem fez o referido gramático associar “preto” a algo desprezível, em face deste tipo de trabalho ser visto na época como sendo do mais baixo nível social. Em outras palavras, o gramático atribuiu significado a palavra “preto”, a partir do sentido ideológico que associava trabalho de negro como sendo trabalho servil e escravo. Hemetério alerta, na passagem acima, que não existia “razão nenhuma” para esta espécie de abordagem, visto não haver “nem histórica, nem litteraria e nem socialmente” fundamento que a sustentasse. Percebe-se de imediato a agência antirracista do professor filólogo, que localiza na visão preconceituosa de Alfredo Gomes para com o negro, o entendimento equivocado do respectivo gramático.

O próximo passo do professor foi proceder, numa perspectiva histórica, o exame do referido vocábulo. E ele vai buscar argumento na História Antiga para iniciar o seu exame:

Na alta e média antiguidade, o captiveiro não foi opprobio só do *negro*: todas as raças foram submettidas ao estado servil, e o *branco* o precedeu nessa dura provação de bravia e encarniçada lucta, de povo contra povo. § E para designar essa crúa, e até mesmo natural oppressão, se a encararmos sob o exclusivo ponto de vista de animalidade, que lhe justificava a existencia, palavra nenhuma foi usada que exprimisse o opposto de sentimentos que só brotaram, e foram carinhosamente cultivados, muito mais tarde, no estado de

⁶³¹ Ver BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

⁶³² Ver *Almanaque Garnier*, 1907, edição 00008-1, p. 237-239.

⁶³³ Hemetério José dos Santos, *Etymologias Preto*, Almanaque Garnier, 1907, p. 237.

plena, completa e inteira *humanização* do homem. § Essas palavras designaram apenas o facto na sua completa nudez: *captivus*, do verbo latino – *capesso*, que por sua vez é o derivado de *capio*, significava o prisioneiro de guerra; e pelo correr dos tempos veio a dizer o mesmo que – *fraco*, e daqui *miseravel, vil, desprezível* (grifo de Hemetério).⁶³⁴

Hemetério procura então demonstrar que, “na alta e média antiguidade”, o cativo não era uma exclusividade da “raça” negra; pelo contrário, não só “todas as raças foram submetidas ao estado servil”, como, segundo ele, “o branco o precedeu nessa dura provação de bravia e encarniçada luta, de povo contra povo”. Neste sentido, ele prosseguiu afirmando que “palavra nenhuma foi usada que exprimisse o oposto de sentimentos que só brotaram” tempos depois. O professor então procurou desconstruir o ideário que alimentava a visão do trabalho escravo como exclusividade do negro. Esta desconstrução se fundamentou, por um lado, no dado histórico de que houve época em que todos os tipos humanos poderiam ser escravizados, o branco inclusive. Por outro lado, Hemetério argumenta que, por este tempo, não existia vocábulo que expressasse de modo preconceituoso a pessoa que estivesse na condição servil. Isto surgira apenas mais tarde, vinculada à ideia de “prisioneiro de guerra”, que progrediu, com o decorrer do tempo, para ideia de fraqueza (“fraco”), desdobrando-se depois para “miseravel, vil, desprezível”. O enfoque antirracista do professor continua, desta vez, na operação que Hemetério realiza no sentido de apontar o equívoco (que guarda lastro ainda em dias atuais) de se pensar como sinônimos as palavras “negro” e “escravo”. Afinal, como ele mesmo demonstrou, a exclusividade da condição de escravo não coube apenas aos povos negros. Isto me lembrou o verso do poeta sambista Candeia, quando escreveu na sua bela canção “Dia de Graça”, que diz: “negro não humilhe, nem se humilhe a ninguém, todas as raças já foram escravas também...”.⁶³⁵

Em seguida, o professor se debruçou sobre a origem da palavra “escravo”:

Escravo, outr’ora *esclavo*, é a palavra *slavus*, que, na origem se applicou gentilmente aos prisioneiros de Carlos Magno, reduzidos, como de uso e costume, a uma necessaria e fatal servidão. § O homem, apesar de sua bruteza primitiva, não creou raizes vocabulares que fossem tristes attestados de um ideal menos digno e menos nobre. § Já no seculo XII, porém, *escravo* tem o sentido de servo em geral, sem distincção de côr e nacionalidade. § Na origem entretanto não significam esses termos o *contrario* de sentimentos, cuja só existência seria bastante para abolir a escravidão (grifo de Hemetério).⁶³⁶

⁶³⁴ Idem.

⁶³⁵ Verso de *Dia de Graça*, canção de Antonio Candeia Filho (17.08.1935-16.11.1978).

⁶³⁶ Idem.

Ao tratar da origem do termo “escravo”, Hemetério argumentou, por um lado, sobre a associação que este tinha com a prática da servidão, comum, sobretudo, na Idade Média europeia. Por outro lado, ele acentuou que, mesmo nesta época, não se “creou raízes vocabulares que fossem tristes attestados de um ideal menos digno e menos nobre”. Em seguida ele afirmou que “escravo tem o sentido de servo em geral, sem distinção de côr e nacionalidade”. Ou seja, para Hemetério, em sua origem, não existia sentido pejorativo e preconceituoso para o termo “escravo” que fosse associado à cor da pele ou nação; caso existisse, já “seria o bastante para abolir a escravidão”, segundo o professor. Observa-se a preocupação dele ao argumentar sobre a origem da palavra “escravo”, em se contrapor as visões elitistas que estabeleciam, através das palavras, maior ou menor dignidade às pessoas de acordo com suas funções na sociedade. Hemetério chama isso de “tristes attestados”, numa defesa antirracista de que ninguém pode ser visto como sendo “menos nobre” por causa do trabalho que realiza, mesmo que este trabalho seja de alguém escravizado.

Para reforçar este argumento, o professor usa a metáfora sobre o “burro” e o “cavalo”: “Haverá alguém que por ahi julgue ter sido *burro* um termo de desprezo e needade, apesar de ser o animal que este nome tem, superior de muito ao cavalo, em delicadeza, inteligencia e zelo? Tal se não pode suppôr”.⁶³⁷ Vejam a sutil comparação feita pelo professor Hemetério. Por que ele se apoiou nesta metáfora logo depois de tratar do problema de se entender a pessoa escravizada como “menos nobre”? Ora, a meu ver, a metáfora foi utilizada para sinalizar que nem sempre a palavra que designa uma determinada coisa expressa automaticamente a essência da coisa designada. Assim, a palavra “burro”, que nomeia o animal correspondente, e que carrega consigo um sentido de “needade”, ou seja, de ignorância, produz um efeito enganador, pois, comparado ao “cavalo”, de acordo com o professor, o animal chamado de “burro” é mais inteligente e tem mais zelo. Que leitura podemos fazer se, ao invés de usarmos as palavras “burro” e “cavalo”, trocássemos por “escravo” e “senhor”, ou “negro” e “branco”? A ideia de que tanto o escravo pode ser mais inteligente e zeloso que o seu senhor, quanto o negro pode ser mais inteligente e zeloso que o branco. Portanto, não se pode ter preconceito com as pessoas a partir do termo pelo qual ela é designada. É preciso que se tenha uma visão crítica quanto a isso. Este é o ensinamento antirracista que o professor nos ensina. Não foi por acaso que o próximo passo de Hemetério foi introduzir o tema da escravidão negra e o uso comum do vocábulo “preto”:

⁶³⁷ Idem.

O *negro* entrou escravo em Portugal pelos anos 1430... em diante. E de logo, empregado no serviço domestico, e no amanho do campo, foi sempre *amimado*, como amimado era o boi, o cavallo ou outro qualquer animal, companheiro do homem, na rude e ingrata labuta da vida. § Nessa época, já era de uso popular a palavra *preto*, para designar tudo que fosse da côr do ébano, applicando-se indistinctamente quer aos homens, quer ás cousas (grifo de Hemetério).⁶³⁸

Partindo da informação sobre o momento histórico em que o negro começou a ser escravizado pelos portugueses a partir de 1430, Hemetério argumentou que já seria comum por essa época o “uso popular” do termo “preto”, utilizado para se referir a “tudo que fosse da côr de ébano”. Neste caso, o uso da palavra “preto” era aplicado “indistinctamente quer aos homens, quer ás cousas”. Ou seja, o uso do termo fazia referência apenas à cor escura, como um modo de se diferenciar das outras cores. Além disso, os sentidos atribuídos à cor preta não apresentavam uma correspondência com algo ruim, negativo e desprezível, muito pelo contrário. Para fundamentar este ponto de vista, Hemetério recorreu à literatura e às canções populares portuguesas, chegando, então, à sua primeira conclusão: “Claramente se vê que por esses longinquos tempos, não havia sequer resaiço de desprezível e vil na palavra *preto*, que por um negro mesmo era empregada em galanteios (...)”.⁶³⁹ Para reforçar o argumento, Hemetério deu andamento à sua análise, destacando, agora “a etymomia da palavra *ethiope*”:

Os antigos na sua sciencia e nas suas producções litterarias, pensaram, são sei se com razão para a característica primitiva, e só primitiva das raças, que o negro era o *queimado* dos tropicos. Não preciso de encher paginas com citações de trechos em prosa e verso, na sua maioria banaes e correntes, basta lembrar a etymologia da palavra *ethiope*. § *Ethiope*, de *aithô*, eu queimo, e *ops*, rosto, é termo que designa não só o *homem preto*, como também, com leves alterações, certos oxydos e sulfuretos metallicos, de côr negra, no dizer de todos os diversos dicionaristas (grifo de Hemetério).⁶⁴⁰

O termo “*ethiope*”, usado para expressar o povo “queimado dos tropicos”, ou mais diretamente “o homem preto”, como destacou Hemetério na passagem acima, refere-se também ao país africano Etiópia, cuja cultura, tão antiga quanto à egípcia, manteve contato com a cultura grega (que “a todo negro de etiope chamou”, como nos ensina o samba de Nei Lopes e Wilson Moreira⁶⁴¹). O professor se valeu deste termo para reforçar seu argumento de

⁶³⁸ Idem.

⁶³⁹ Idem, p. 238.

⁶⁴⁰ Idem.

⁶⁴¹ Ver *Ao povo em forma de arte*, samba-enredo da Escola de Samba Quilombo no ano de 1978. Esta escola de samba foi criada a partir da liderança do sambista Candeia.

que a palavra se vinculava a algo que tivesse a “cor negra”. E, no caso dos seres humanos, às mulheres e homens negros.

Hemetério também acentuou que a origem das palavras relacionadas às diversas formas de cores não surgiu do abstrato, e sim da concretude dos seres:

Há ainda a notar que os termos que nos pintam côres, têm sempre uma origem *concreta* nos seres naturaes: nenhuma ha completamente abstrato de *principio*. Assim – *negro, niger*, se reporta á raiz *nux*, a noite, que é o negro commum; o *bleu*, francez, o *blaw*, allemão, o céu sem nuvens, o que chamamos *azul*, que é a pedra – *lâpis-lazuli*, termo introduzido na península pela emprestada sciencia arabe (...) (grifo de Hemetério).⁶⁴²

Percebe-se, pela passagem acima, que a origem etimológica de determinadas cores, de acordo com Hemetério, estava vinculada a elementos ou fenômenos da natureza (noite, céu sem nuvens e pedra) e não a ideias preconceituosas criadas pela mente humana. Para exemplificar e, ao mesmo tempo, justificar o raciocínio desenvolvido até aqui de que o uso do vocábulo “preto”, para além de expressar a tonalidade de uma cor mais escura, não poderia ser associado a um significado negativo, Hemetério se apoiou numa interessante “poesia popular portugueza”:

Anda cá meu preto, preto,
Meu queimadinho do sol;
Quanto mais preto, mais firme,
Quanto mais firme, melhor.

Os teus olhos negros, negros,
São gentios de Guiné:
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.

Os olhos dos meus amores
São pretos – não têm maldade;
Hei de mandar fazer delles
Um painel de piedade.⁶⁴³

Percebe-se que, na poesia destacada, a palavra “preto” é utilizada em mais de um sentido: para designar alguém que é objeto de amor de outrem, “Anda cá meu preto, preto”; pessoa esta da pele preta, “Meu queimadinho do sol”; e pelo fato de que ser “preto” é “mais firme” e o sendo, por conseguinte, “melhor”. Preto também aparece no poema para designar que se trata de um africano (“De Guiné”). E, por fim, “preto” torna-se expressão de algo

⁶⁴² Hemetério José dos Santos, *Etymologias Preto, Almanaque Garnier*, 1907, p. 238.

⁶⁴³ Idem.

positivo, “não têm maldade”. Desta feita, o argumento antirracista de Hemetério busca desqualificar o gramático que tomou partido do preconceito racial ao assumir para o termo “preto” um sentido negativo de desprezível. A poesia portuguesa demonstra exatamente o contrário: o termo em questão não apresenta esta conotação preconceituosa.

Em seguida, Hemetério esclareceu um pouco mais sua abordagem: “Na linguagem popular, *preto* representa um colorido mais forte do que *negro*, de uso mais geral para designar a raça simplesmente, e Oliveira Martins, muito lido em crônicas e alfarrábios, assim o emprega no – *Brasil e as Colonias*: ‘Se o *negro* é *preto* na costa da Guiné, os obongos do Gabão são de um amarelo sujo’” (grifo de Hemetério).⁶⁴⁴ Aqui ele assume o termo “negro” como sendo o conceito de caráter “mais geral” para expressar as pessoas que fazem parte da “raça” negra. Raça esta composta por pessoas de pele mais escura, como os “pretos”, ou pessoas negras de pele mais claras, como os “pardos” ou “mestiços”, que na linguagem de Oliveira Martins, aparecem como sendo “de um amarelo sujo”. É importante lembrar que a obra de Oliveira Martins citada por Hemetério foi publicada em 1880. Ao fazer referência a esta obra para explicitar sua visão de quem pertenceria a “raça” negra, Hemetério estaria, talvez, de forma um tanto quanto pioneira, postulando uma definição de *negro* que, nos tempos atuais, é assumido pelo IBGE ao compreender o grupo social negro como a soma de pretos e pardos. Compreensão esta, inclusive, reivindicada pelo Movimento Negro brasileiro.

Em nota extensa, colocada após reafirmar que, “por estas expedidas razões, de origem popular e de comparações etymologicas”, não aceitava “a derivação de *sperno*, desprezar, aventada pelo sr. Alfredo Gomes”, discordando também do “ phillogo João Ribeiro”, Hemetério afirma que, dos tempos da conquista da África em diante por parte dos portugueses, “o epitheto de *negro* ou *preto* é indiferente, quando applicado substantivamente, como nome geral, aos negros”, e lembra que o padre Nóbrega chamava sempre de “negros aos índios”.⁶⁴⁵

Depois de se referir à atuação dos árabes no século XII, “empenhados na vulgarização da assimilada sciencia grega”, e também “dos postulados de Aristoteles e das artes então em voga”⁶⁴⁶, Hemetério afirmou ter sido através dos árabes que fora lançado “em circulação a palavra preto”, cuja origem do vocábulo veio “de PYRITES, e, ou de PYRITIS, IDIS” (grifo de Hemetério), que significava “pedra de côr negra”.⁶⁴⁷ Hemetério então concluiu sua argumentação com o seu querido Camões: “O que é certo é que, como vimos, esta palavra era

⁶⁴⁴ Idem.

⁶⁴⁵ Idem, p. 239.

⁶⁴⁶ Idem.

⁶⁴⁷ Idem.

já corrente nas composições genuinamente populares, no século de quinhentos, e que o contemplativo Luiz de Camões não a excommungou do seu épico e lyrico vocabulário (...)⁶⁴⁸. Fechando o texto com o poema do poeta português “Pretidão de amor”, já referido no ponto anterior.

A atitude do professor Hemetério José dos Santos de questionar o sentido negativo da palavra “preto”, divulgado por gramáticos da sua época, notadamente, Alfredo Gomes e João Ribeiro, se constituiu numa agência antirracista pedagógica e politicamente fundamental. Isto porque, como bem argumentou Bakhtin (e já sinalizado), as palavras são portadoras de significados ideológicos. Para este pensador, a linguagem é portadora de um “material ideológico” que se constitui em “meio onde se reflete ideologicamente a existência, uma vez que reflexão da refração da existência na consciência humana só se efetua na palavra e através dela” (BAKHTIN, 2010, p. 202).⁶⁴⁹

Desta feita, não foi à toa que, após a promulgação da Lei 10.639 em 2003, ganhou força na sociedade a reivindicação do Movimento Negro brasileiro para se evitar o uso e divulgação de palavras que tivessem o cunho pejorativo para com o negro, a exemplo da palavra “denegrir” no seu sentido costumeiro de reproduzir a ideia de negro como coisa ruim. Neste sentido, o combate filológico de Hemetério expressou um pioneirismo antirracista que deve sempre ser lembrado.

4.3 – *Fructos Cadivos* (1919).

*Aqui tens os antigos e os modernos sonetos que pediste...
O duro fado iniquo, em golpe triste,
Não quis que os visses...*
Hemetério José dos Santos (trecho do poema dedicado ao filho
Aristides)

Hemetério não só se utilizou da poesia como também se aventurou em escrever poemas. Seu livro *Fructos Cadivos* (1919) se constitui numa coletânea de poesias que abarca uma diversidade de temas. O livro foi publicado pela Livraria Francisco Alves, com edição simultânea para o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, no ano de 1919. Hemetério o publicou em memória a seu filho, Aristides Hemetério dos Santos, falecido em decorrência de

⁶⁴⁸ Idem.

⁶⁴⁹ BAKHTIN, 2010, p. 202.

afogamento. No capítulo sexto abordo sobre a trajetória de Aristides e de outros membros da família Hemetério dos Santos. Agora, vamos à poesia.

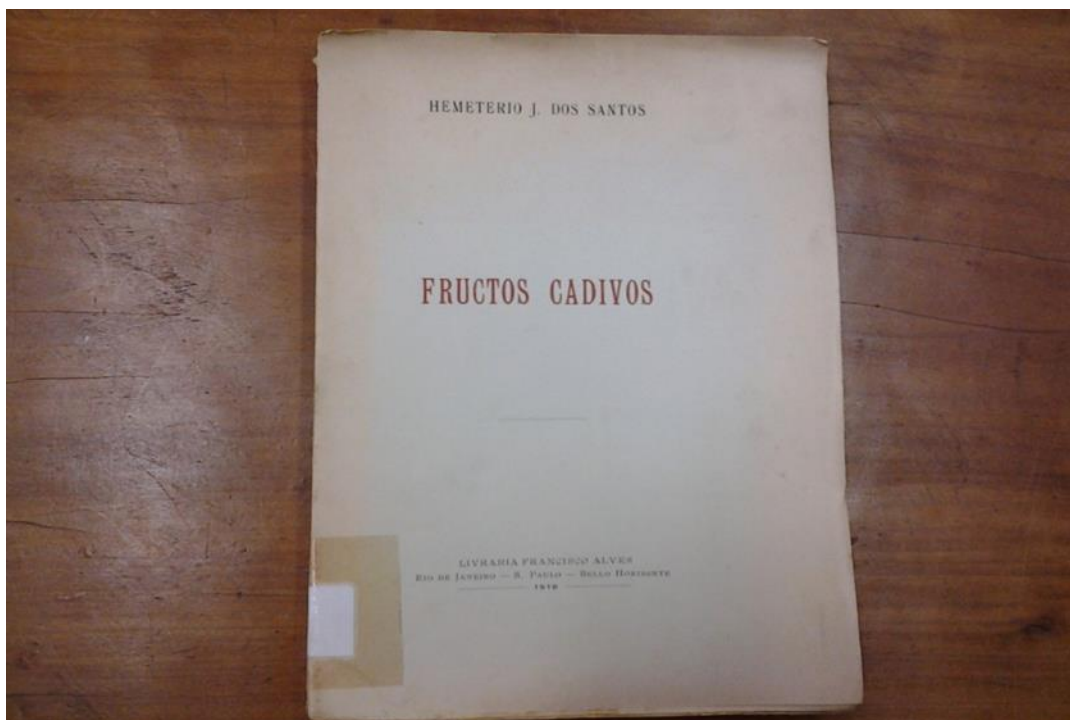


Figura 15: Capa do livro *Fructos Cadivos* (Fonte: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ)

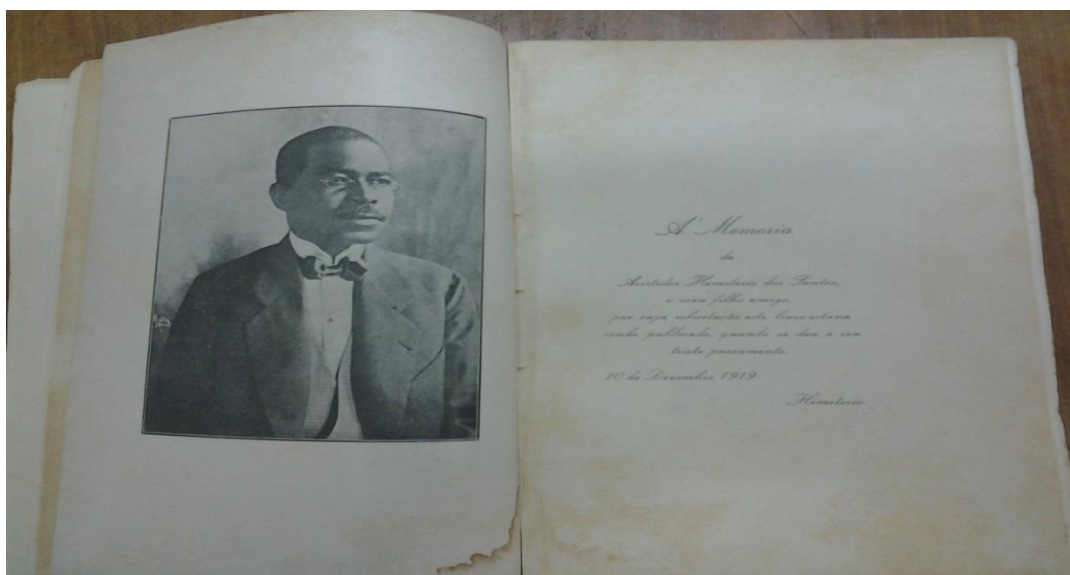


Figura 16: Foto do professor Hemetério e a dedicatória ao filho Aristides Hemetério dos Santos no livro *Fructos Cadivos* (Fonte: Biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ)

Vou destacar e analisar aqui dois poemas do professor: “África Portentosa” e “O negro”. Através deles podemos inferir mais elementos sobre a visão que ele tinha de cada um

destes temas. Iniciaremos com o poema sobre a África. Antes, porém, cabe um comentário sobre o título da poesia, “África Portentosa”. Como vimos, Hemetério utilizou também esta expressão na conferência *Pretidão de amor*. A expressão é título de um dos conteúdos que constam no livro já referido de Oliveira Martins, *Brasil e as colônias portuguesas*. O respectivo conteúdo aparece no Livro Quinto intitulado “A exploração do continente africano”. O primeiro ponto vem exatamente com o título de “Africa portentosa”. Suspeito que a expressão soou favorável aos ouvidos de Hemetério, ao ponto dele assumi-la. O texto em si de Oliveira Martins trata da descoberta pelos europeus de regiões africanas desconhecidas, regiões estas com riquezas que alimentariam o industrialismo das nações europeias, liderado pela Inglaterra. A visão preconceituosa sobre o negro está presente no texto do historiador português, ao contrário do que trata o poeta Hemetério. Vejamos a poesia:

Africa Portentosa⁶⁵⁰

E para o Portugal audaz e bellicoso,
Portugal, creador de gênios e nações,
Teve o sol africano, ardente e luminoso,
O mais soberbo dom de glória, amor e ações.

Que da Barbara o seio amante e carinhoso,
Fonte de boa graça e mil consolações,
Poliu, por Moçambique adusta, o fragoso
Canto de amor da Pátria e o que sagrou Camões,

O remoto e amoroso abraço maternal
Deu de Angola, Mombaça ou da Guiné gentil,
O eloquente Vieira, e o constructor Pombal.

Superior, porém, ás artes de Amenophe,
Exelle a formação do amado meu Brasil,
Dos cantos immortaes a fulgurante estrophe.

A pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015) já argumentara sobre o procedimento, presente nos textos de Hemetério, de pensar a África como um continente civilizador e o negro como agente desta civilização. Este tipo de abordagem esteve presente em intelectuais negros anteriores a Hemetério, a exemplo de Luiz Gama e da conterrânea de Hemetério, Maria Firmina dos Reis, professora que protagonizou a proeza de ser considerada a primeira romancista do Brasil.⁶⁵¹

⁶⁵⁰ Hemetério José dos Santos, *Fructos Cadivos*, 1919, p. 18-19.

⁶⁵¹ Ver livro *Pensadores negros – Pensadoras negras* organizado por Sidney Chalhoub e Ana Flávia Magalhães Pinto (2016). Em relação à Maria Firmina dos Reis ver capítulo 2 “Na contracorrente do escravismo, o negro como referência moral” assinado por Eduardo de Assis Duarte; sobre Luiz Gama ver capítulo 3 “Se negro sou,

No poema “África Portentosa”, a visão civilizadora do continente africano também está presente, a começar pelo título. Hemetério vê a África como um continente extraordinário. Continente este que possui um sol “ardente e luminoso”, capaz de transmitir “o mais soberbo dom de glória, amor e ações” ao “audaz” Portugal. Para desenvolver o seu ponto de vista de ver como positivo o encontro de Portugal com a África, Hemetério usa o recurso de trazer, para o poema, a experiência do encontro de Camões com a escrava Barbara, pela qual o poeta português se apaixonara. E ele o faz de modo a acentuar o quanto o encontro do português Camões (representando simbolicamente Portugal) com a africana Barbara (representando simbolicamente a África) possibilitou o aprimoramento (“poliu”) do primeiro pela segunda. Ou seja, o par África/Barbara, “fonte de boa graça e mil consolações”, consagrou o outro par Camões/Portugal.

O resultado desta operação produziu belos frutos: por um lado, “Deu de Angola, Mombaça ou Guiné gentil”, regiões da África dominadas por Portugal; por outro, “O eloquente Vieira, e o constructor Pombal”, personalidades portuguesas, ou seja, o Padre Antonio Vieira e o Marquês do Pombal. Ao final do poema, Hemetério destaca como excelente (“excelle”) ter tido a influência da África “na formação do amado meu Brasil”. África produtora de uma cultura “superior”, “às artes de Amenophe”, numa referência ao Egito através da figura de Amenófis, um alto governante egípcio. É por tudo isto que Hemetério considera a África “portentosa”.

Numa época em que o continente africano era visto por grande parte da sociedade como um continente selvagem, sem cultura e fonte de coisas negativas, não deixa de ser pedagogicamente antirracista este olhar positivo de Hemetério sobre a África. Aliás, é sempre bom lembrar que esta perspectiva positiva a respeito da cultura e da história africana, presente na luta do Movimento Negro brasileiro para implementação da Lei 10.639, é uma luta que se trava até nos dias atuais. O que nos possibilita inferir sobre a existência de certo elo entre o combate do professor Hemetério (e seus antecessores e contemporâneos que lutaram pela abolição e contra o racismo no pós-abolição) com a luta do Movimento Negro no Brasil.

O outro poema a ser analisado é mais longo e diz respeito à visão que o professor tinha em relação ao ser *negro*:

ou sou bode, pouco importa, o que isso pode?': inclusão e cidadania na pena de Luiz Gama” escrito por Elciene Azevedo.

O Negro

I

Bem longo o teu soffrer... De longa data,
O Egypto, a Nubia, a Lybia antiga, e a Espanha,
A Arabia, e montes, valles que o rio banha
Do Paraizo, e toda a terra ingrata

Da America formosa, que se engata
De um pólo a outro pólo, gente estranha
Contra ti, contra os teus, atroz campanha
Move sem piedade! E a vil chibata

Retribue com bruteza o teu serviço
De com sangue regar a terra dura,
De com leite nutrir o filho alheio,

Nesse soffrer cruel e abafadiço,
Trazes o sol na tua pelle escura,
E o perdão se irradia do teu seio.

II

E no tempo de El-Rei, o Afortunado,
Quando o teu sangue converteste em ouro,
Do mundo inteiro enchendo o vil thesouro
Que contra ti se armava logo irado,

Tu inda foste o nume abençoado,
Cuidadoso, do imenso sorvedouro
Matando a peste, a fome, o mau agouro,
Com o pão no teu suôr argamassado.

Escravos de Guiné, fostes o abrigo
Do povo então senhor de todo o mundo:
Ouro em pó para o luxo, e pão – o trigo

Que foi vida, e de amôr lhe foi profundo!
Tiveste o galardão – o mór castigo –
De espalhar pelo reino o bem fecundo.

O poema “O Negro” foi elaborado por Hemetério em duas partes. A primeira parte se iniciou, por um lado, destacando a longevidade do sofrimento do negro, “Bem longo o teu soffrer...De longa data”; por outro, destaca a extensão territorial da sua presença, “O Egypto, a Nubia, a Lybia antiga, e a Espanha, A Arabia, e montes, valles que o rio banha(...)”, e completando com o início da segunda estrofe, “toda a terra ingrata da America formosa (...)” . Percebe-se, nesta primeira estrofe que abriu o poema, o recurso à história negra africana, reivindicando a presença negra em regiões da África do Norte, como Egito e Líbia, assim como da diáspora, a exemplo da Europa (Espanha), Ásia (Arábia) e América. O destaque que se apresenta ao final da primeira estrofe, e complementado na segunda, foi a ideia da América como uma “terra ingrata”, que, “de um pólo a outro polo”, o negro e seus descendentes

sofreram “atroz campanha” movida “sem piedade”. Desta feita, Hemetério denunciou de modo contundente a escravidão e as relações racializadas, cuja expressão maior da sua crueldade talvez seja “a vil chibata”; a mesma que motivou João Cândido e seus companheiros da Marinha a realizarem a grande revolta de 22 de novembro de 1910.

Na terceira estrofe, Hemetério fez referência à ingratidão e à injustiça dos poderosos para com o homem negro e a mulher negra, pois, enquanto o primeiro regou com seu sangue “a terra dura”, e a segunda nutriu com seu leite “o filho alheio”, ambos receberam em troca a brutalidade do racismo.

Mesmo assim, seguindo a perspectiva do professor de encontrar uma saída para o sofrimento do negro, ele o faz sinalizando para o recurso do “perdão” que o negro carrega em seu interior, apesar da violência presente “nesse soffrer cruel e abafadiço”. Para Hemetério, isto se constitui em uma das virtudes das pessoas negras, pois, apesar de tudo que sofre, irradia “o sol na tua pelle escura”. E o poema continua.

Na parte dois do poema Hemetério perseguiu as grandezas das virtudes do negro através da história de Portugal. Neste sentido, ele destacou, logo na primeira estrofe, o tempo de “El-Rei, o Afortunado”, quando através do “sangue” e trabalho do negro, o ouro, este “vil thesouro”, se espalhou pelo mundo, através das nações escravistas que se armaram contra o negro. E na segunda estrofe, Hemetério continuou exaltando o negro ao entendê-lo como uma espécie de protetor (“nume”) “abençoado”. Além disso, o trabalho “cuidadoso” do negro produziu o “pão” que matou “a peste, a fome, o mau agouro”, afirma o professor. Na penúltima estrofe do poema Hemetério fez alusão à ideia de que Portugal conseguiu ser “senhor de todo o mundo”, porque teve como seu “abrigo” os “escravos de Guiné”. E contrariando as vozes que associavam o negro à coisa ruim, ao final do poema sentenciou: “Tiveste o galardão – o mór castigo – de espalhar pelo reino o bem fecundo”.

O poema trata, portanto, da importância do trabalho do negro africano escravizado para o fortalecimento do Império português. Convém lembrar, neste sentido, que esta contribuição também se deu pelo trabalho do negro livre.

Achille Mbembe (2014), em *Crítica da razão negra*, argumenta que a presença negra em Portugal foi significativa, e que contou com a participação não apenas de escravos, mas também de pessoas livres, cuja atuação se deu em diversas atividades, inclusive, campanhas militares:

A transformação de Espanha e de Portugal – de colônias periféricas do mundo árabe em motores de expansão europeia para além do Atlântico – coincide com o afluxo de africanos à própria Península Ibérica, que participam na reconstrução dos principados ibéricos a

seguir à Grande Peste (Black Death) e à Grande Fome do século XIV. A maioria são escravos, mas nem todos, também há alguns homens livres. Se até então o aprovisionamento de escravos na Península era efectuado através das rotas transarianas controladas pelos mouros, uma reviravolta vai operar-se por volta de 1440, quando os ibéricos inauguram contactos directos com a África Ocidental e Central via oceano Atlântico. Os primeiros negros, vítimas de pilhagens e transformados em objectos de venda pública, chegam a Portugal em 1444. O número de capturados aumenta sensivelmente entre 1450 e 1500. Nesse processo, a presença africana cresce, e milhares de escravos desembarcam anualmente em Portugal, até ao ponto de o seu afluxo desestabilizar o equilíbrio demográfico de certas cidades ibéricas. É o caso de Lisboa, Servilha e Cádiz, nas quais, no início do século XVI, cerca de 10 por cento da população é composta de africanos. À maioria são-lhe atribuídas tarefas agrícolas e domésticas. Em todos estes casos, afro-ibéricos e escravos africanos integram tripulações marítimas, postos comerciais, plantações e centros urbanos do Império. Participam em várias campanhas militares (Porto Rico, Cuba, Flórida) e fazem parte, em 1519, dos regimentos de Hernán Cortés que assaltam o México.⁶⁵²

Como já sinalizado anteriormente, o orgulho pelo fato de ser negro, muito bem argumentado pela pesquisa que Luara dos Santos Silva (2015) fez sobre Hemetério, tem no poema “O negro” o seu reforço. Assim como a África foi para Hemetério um continente civilizador da humanidade, o seu filho, ou seja, o negro, foi o agente civilizador deste processo. Desta feita, para além da imprensa, impressos, conferências e aulas, também através da poesia, Hemetério exerceu sua experiência antirracista, que teve como uma das suas estratégias desconstruir ideias e visões negativas e preconceituosas em relação à *África* e ao *negro*.

4.4 – Hemetério e o diálogo com a imprensa negra.

Argumento agora que o antirracismo de Hemetério também pode ser pensado a partir do diálogo com a imprensa negra. Isto se deu quando o professor foi referido por alguns jornais da respectiva imprensa, em geral como exemplo para a juventude em face de ser ele intelectual negro que suplantou os obstáculos do racismo através da educação. Desta feita, a trajetória vitoriosa do professor se transforma ela mesma em instrumento de luta antirracista, que os respectivos jornais se apropriam em prol do trabalho de conscientização que os mesmos realizam a partir das matérias publicadas. Outro modo que as evidências indicaram de perceber este diálogo foi através da divulgação mais abrandante feita pelo jornal de imprensa negra *O Exemplo*, em relação ao ocorrido com o filho de Hemetério, quando este

⁶⁵² MBEMBE, 2014, p. 31-32.

sofrera a discriminação racial por não ter sido aceito no Colégio São Vicente de Paula de Petrópolis em face de ser negro. A discriminação racial ocorreu, mas Hemetério lutou contra essa covardia.

O fato se deu em abril de 1917 e repercutiu na imprensa da época. Hemetério enviou carta de protesto à presidência da República e ao ministro do Interior. Da ação racista vinda da referida escola, surgiu a reação antirracista do professor Hemetério. Considerando que até nos dias atuais, num cenário mais promissor para as lutas do Movimento Negro, é preciso ter certa dose de consciência e coragem para enfrentar o racismo, imagine no início do século XX? Pode-se argumentar que ele só reagiu por tratar-se de seu filho. Sem dúvida que o fato de ser seu filho foi uma forte motivação para a reação de Hemetério. Porém, o fato concreto é que sua ação repercutiu, contribuindo para criar um clima de debate sobre preconceito e discriminação racial em relação ao problema de algumas escolas não aceitarem alunos negros. Há uma dimensão coletiva na ação de Hemetério, pois creio que suas ações mobilizaram alguns dos corações e mentes daquela época. Seus textos publicados e suas ações, vindo de alguém com certa penetração pública, repercutiam na imprensa do período. A repercussão chegou, inclusive, em outros estados, a exemplo do protesto feito pela Federação dos Homens de Cor de São Paulo.⁶⁵³ Mesmo passados alguns anos, a lembrança do episódio ocorrido com o filho de Hemetério veio à tona na situação semelhante em que Procópio Ferreira (1898-1979)⁶⁵⁴ sofrera, no ano de 1929, ao não conseguir matricular sua filha no colégio religioso SION (possivelmente, Bibi Ferreira⁶⁵⁵), pelo fato de seu pai ser um ator.⁶⁵⁶

4.4.1 – Hemetério José dos Santos, o exemplo de superação a ser seguido.

Já foi informado anteriormente que não encontramos evidências que indiquem a participação de Hemetério José dos Santos em jornais de imprensa negra. Ao contrário de Luiz Gama e José do Patrocínio, nomes que aparecem com certa constância na referida imprensa, sobretudo o de Luiz Gama, as referências sobre Hemetério, apesar de menor escala, também existem. Talvez isto se explique, por um lado, pelo fato de que grande parte dos jornais serem paulistas; e, por outro, em função da participação de Hemetério no movimento

⁶⁵³ Ver SILVA, 2015, p. 128 a 132.

⁶⁵⁴ João Álvaro de Jesus Quental Ferreira, ator e dramaturgo, conhecido como Procópio Ferreira.

⁶⁵⁵ Abigail Izquierdo Ferreira, filha de Procópio Ferreira. É atriz, cantora e diretora de teatro. Nasceu em 01.06.1922.

⁶⁵⁶ Ver *Gazeta do Norte de MG* (Edição 00651-1, 02.03.1929, p. 1). Evaristo de Moraes escreveu sobre práticas de discriminação do colégio SION em relação às pessoas negras (*O Exemplo*, 22.04.1917, edição 00017-1, p. 1 e 2).

abolicionista não ter sido na linha de frente, enquanto Luiz Gama e José do Patrocínio serem lideranças incontestáveis deste movimento.

O jornal de imprensa negra *A Alvorada* de Pelotas, no Rio Grande do Sul, noticiou, em 16 de novembro de 1919, uma matéria intitulada “Epopéia de Manoel Mello”, escrita por Edmundo de P. Lima.⁶⁵⁷ O texto faz referências à vida do cantor e músico negro Manoel Mello. Abordou sobre a vida dele de operário e do preconceito racial sofrido. Lembrou-se de dois nomes de negros que conseguiram romper e enfrentar as barreiras do “preconceito de cor”: José do Patrocínio e Hemetério dos Santos.

O articulista iniciou a matéria destacando o orgulho que Manoel Mello tinha por ter pertencido à classe operária:

Esse vulto, que surgiu no palco pelotense, como tenor. Foi outr’ora das classes proletária, ou aliás das classes conservadora do trabalho. Muito se entusiasmava por ser operário, muitas vezes, por ocasiões de festas comemorativas de operários; fazia uso da palavra regozijando á data, e enaltecendo á classe que a qual, pertencia.

Depois exaltou a sua força de vontade e a sua dedicação na escola: “Mello foi desses homens, que se faz á força, de vontade. Nunca aventurou auxílios. Nunca granjeou padrinhos. Sim! Ouvia as lições de seus mestres”.

Em seguida informou que, em 1913, Manoel Mello começou a “se dedicar aos elementos do canto e música”, desejo que tinha “desde seus tempos primitivos”. É a partir deste momento que o autor introduziu o aspecto do “preconceito de cor” sofrido pelo músico, obstáculo este que ele superou a exemplo de José do Patrocínio e Hemetério José dos Santos. Observe de que modo o articulista construiu sua abordagem:

Mello, nunca foi retrahido, nunca julgou-se, por ser d’uma classe que tem por meios de subexistência, o trabalho, por ter contra si, o preconceito de côr! Não tem o direito, de expor o que sabe, o que recebeu elementos. Hoje, ainda quando chega, uma ocasião dessa em alguns lugares do Estado, ainda ha equívocos. Porque julgo, que a raça ethiopica, é uma raça atrasada e mesquinha! Não é tal como julgam! Tenho por base, como o contrario. Assim moldado José do Patrocínio, falecido em 29 de Janeiro de 1905, foi uma perda desta que assumiu o character de um acontecimento nacional. § Não houve em seu tempo publicista brasileiro cuja nomeada e popularidade excedesse o desse homem, de origem humilde. Se impoz a opinião, constituindo-se desde os primeiros anos de sua carreira na Gazeta da Tarde, e depois na Cidade. Hemeterio dos Santos, jornalista nortista que muito se impoz também. § Esse demonstrativo (ou referencia) que sito não é eu querer annivelar o degrau de Mello com os degraus que ocupou o grande imortal

⁶⁵⁷ *A Alvorada*, 16.11.1919, edição 00045-1, p. 2.

Patrocínio, nem de Hemetério. Encarando uma desclassificação de uma raça expalhada pelo globo é lícido em certas ocasiões citar-se. Não com grau de comparação. Mas de positivismo. Hesitamos sempre em primeiro lugar. Cada cidadão, é livre, é útil a seu paiz. Eu desejo mais alto triunfo a Manoel da S. Mello.

O autor começou afirmando que Manoel de Mello nunca se deixou retrair pelo fato de ser um negro de origem operária que tinha “contra si o preconceito de cor!”. Observe que o uso da exclamação buscou dar ênfase ao aspecto do preconceito, de modo a acentuar o quanto este era um fator a ser considerado no processo de vida de uma pessoa negra. Não foi à toa, portanto, que o articulista destacou, em seguida, a experiência da discriminação racial que se originou do preconceito de cor: “Não tem o direito, de expor o que sabe, o que recebeu elementos. Hoje ainda quando chega, uma ocasião dessa em alguns lugares do Estado, ainda há equívocos”. Aspectos da ideologia do racismo da época (que influenciou o modo de pensar preconceituoso) também foram sinalizados pelo autor quando este afirmou que o julgamento racista se fundamenta na ideia equivocada de que “a raça ethiopica, é uma raça atrasada e mesquinha!”. O articulista, no entanto, fez questão de mencionar que tinha opinião contrária: “Tenho por base, como o contrario”. Para exemplificar o quanto a ideia de inferioridade da “raça” negra era errada, além da exaltação que fez de Manoel de Mello, se apoiou nas trajetórias de José do Patrocínio e de Hemetério José dos Santos. O primeiro, visto como “o grande imortal Patrocínio”; o segundo como “jornalista nortista que muito se impoz também”.⁶⁵⁸

Ao lembrar de Patrocínio e Hemetério, ele não buscou nivelar as trajetórias destes dois com a de Manoel de Mello. Usou como recurso para explicitar exemplos positivos de vida a serem seguidos: “Encarando uma desclassificação de uma raça expalhada pelo globo é lícido em certas ocasiões citar-se. Não com grau de comparação. Mas de positivismo”. Este recurso de lembrar exemplos de pessoas negras que conseguiram superar o preconceito e a discriminação racial foi utilizado por jornais da imprensa negra como forma de exaltar a capacidade e inteligência dos negros, assim como para questionar os divulgadores da ideia de inferioridade das pessoas negras. Este tipo de recurso também serviu para estimular a juventude negra a se dedicar ao estudo, pois, de maneira geral, os exemplos de superação são acompanhados de experiências educativas bem-sucedidas. Neste sentido, é esclarecedor o artigo que foi publicado em outro importante jornal da imprensa negra e que lembrou o nome do professor Hemetério José dos Santos.

⁶⁵⁸ Observe que Hemetério é lembrado como “jornalista” não como “professor”. Isto deve ter ocorrido, talvez pelo fato de ser um nome que aparecia com frequência na imprensa.

O jornal a que me refiro é *O Clarim d'a Alvorada*, de 20 de fevereiro de 1927 (Edição 00030-1, p. 02), organizado por Jim de Araguay e José Correia Leite, este último um dos principais integrantes da Frente Negra Brasileira no momento da criação desta Frente. Posteriormente, Correia Leite rompeu com esta organização.⁶⁵⁹ O artigo intitulado “Os Homens Pretos e a Evolução Social...” teve a assinatura de Horacio da Cunha.

Curiosamente o articulista inicia o texto questionando a existência do preconceito racial no Brasil: “Ha muitos pretos que afirmam a existencia de um pequeno preconceito em nossa terra! §Não é verdade, meus patricios de cor”. Porém, em seguida, ele interpretou o obstáculo da discriminação racial como consequência da inveja: “Existem uns incurtos e invejosos que sempre procuram obstruir á ascensão de alguns dos nossos de cor, em beneficio dos seus candidatos”. Para enfrentar o referido obstáculo, o autor atribuiu ênfase à educação como um importante instrumento neste combate à medida que prepara profissionalmente a pessoa para a concorrência: “Para combater esses obstaculos, nós os pretos, precisamos mandar educar nossos filhos, dando-lhes uma educação conforme a nossa força; assim elles estarão preparados para tomar parte em qualquer cargo que dependa de exame ou concurso.”

O articulista se apoia em frases de João Ribeiro e Sylvio Romero, cujas personalidades exaltaram a importância da educação, para reforçar seu argumento. Depois citou a estrofe de um “samba” publicado em antiga revista “que contava factos dos tempos da escravidão”. De acordo com o autor da matéria, o referido “samba” fora cantado “por um dos nossos paes velhos, d’aquelle tempo”:

Hoje nós somos livres
Amanhã nossos filhos
Vão todos para estudar
Depois serão Professor,
Medico, Deputado, e Senador

Ele concluiu o artigo convidando os leitores a conhecerem o “bello quadro de homens pretos que occupam lugar de destaque em nossa gloriosa terra de Santa Cruz!”, que seria, segundo ele, “o orgulho para a nossa raça negra brasileira”. E cita alguns nomes, dentre estes o do professor Hemetério:

Padre Dr. José Joaquim Lucas, Inventor da Machina de escrever musica; Dr. Alcides Bahia, Deputado Federal pelo Amazonas; Dr. Evaristo de Moraes Jurisconsulto; Dr. Cassimiro da Rocha, Medico e Deputado Estadual; Dr. Cuba dos Santos, Juiz de Direito de Bananal; Dr. Francisco de Assis, Lente de

⁶⁵⁹ PEREIRA, 2010, p. 90.

Latim do Gymnasio de Campinas; Professor Hemeterio dos Santos, Lente de Portuguez da Escola Militar. E muitos mais que não posso citar em virtude de não se julgarem negros.

Percebe-se que mesmo não tendo uma participação direta em jornais organizados por negros, a trajetória de vida do professor Hemetério, que não tinha vergonha da cor da sua pele, pelo contrário, serviu de exemplo para fortalecer o discurso antirracista. É a própria trajetória de vida se tornando um elemento de combate político e pedagógico contra aqueles que apregoavam a inferioridade dos negros na sociedade. Daí o orgulho que muitos negros tinham pelo exemplo de superação, como o do professor Hemetério e de outros intelectuais. Alguns o articulista resolveu não citar por “não se julgarem negros”. Não foi o caso do professor Hemetério.

Desta feita, interpretar o projeto de ascensão social de determinados intelectuais negros, cuja trajetória se identifica em assumir a sua negritude e o combate ao racismo da época, simplesmente como um processo de embranquecimento, esbarra-se na perspectiva política da própria comunidade negra organizada. O exemplo da mobilização ocorrida em defesa do mandato de Monteiro Lopes, que veremos no sexto capítulo e, como visto acima, a utilização, em jornais da imprensa negra, da trajetória vitoriosa de pessoas que não se envergonhavam da cor da sua pele, a exemplo de Hemetério José dos Santos, como forma de incentivar a juventude a levar a sério a educação (sobretudo para demonstrar que era possível se vencer na vida e manter a sua identidade de ser negro), se coloca na contramão deste tipo de interpretação. O raciocínio em si tem um quê de preconceito e uma lógica mecânica, pois sugere que, para ser um negro de verdade, é preciso estar imerso na pobreza. Além de jogar por terra toda uma história do movimento social de intelectuais negros/negras em diversas partes do mundo, que ao se apropriarem dos códigos e espaços aos quais foram excluídos, os utiliza como arma antirracista.

4.4.2 – O jornal *O Exemplo* e a discriminação racial sofrida pelo filho de Hemetério.

No que diz respeito ao episódio da discriminação que um filho de Hemetério⁶⁶⁰ sofrera, antes de abordarmos sobre as matérias publicadas no jornal *O Exemplo*, vale destacar

⁶⁶⁰ O nome do respectivo filho não foi divulgado pelos jornais pesquisados. Trabalho com a hipótese de que teria sido Luis Hemetério dos Santos, o filho mais novo, referido no último capítulo da tese, no ponto que trata dos membros da família de Hemetério.

que jornais da imprensa em geral também publicaram matéria sobre o ocorrido. Neste sentido, o *A Época* de 05 de abril de 1917 (edição 01728-1, p. 1) publicou matéria intitulada “O velho preconceito de raça – Um incidente entre o professor Hemetério dos Santos e o director do Collegio S. Vicente de Paulo”. Ao escrever “velho preconceito de raça” no título, o articulista sugere que o referido problema vem de longas datas. O conteúdo da matéria é favorável à luta de Hemetério, como se pode perceber no seu parágrafo final:

Somos, pois, solidarios, com as idéas e os sentimentos que dilataram a representação do professor Hemetério dos Santos ao sr. presidente da Republica e ao sr. ministro do Interior, pedindo em nome da nossa Constituição, das nossas leis, usos e costumes, providencias contra o acto de um estrangeiro que offende e humilha o paiz onde gosa de todas as prerrogativas dos nacionaes, sem nenhuma restricção.⁶⁶¹

O trecho acima indica que uma das formas de reação do professor contra o que ocorrera com seu filho foi requerer providências a algumas autoridades do país, dentre estas, o presidente da República e o ministro do Interior. Além disso, o mesmo jornal *A Época* publicou a “carta-protesto” que o professor Hemetério enviou ao diretor do Colégio S. Vicente de Paula, “sr. padre mestre C. Guilherme Adriannus”. Hemetério começa questionando a carta que recebera do referido diretor informando a expulsão do seu filho: “Acabo de receber a carta de v. revdma., tão pagã e pharisaica na fôrma e no fundo que me força a não me conformar com a sua resolução final”⁶⁶². A respectiva carta indignou Hemetério. Além de ter, segundo ele, “envenenado a sua alma”, o fez “descrer da moral christã, quando pregada por sacerdotes estrangeiros, ávidos do ouro, e, porventura, missionarios das ruins paixões que ora convulsionam o mundo”⁶⁶³, desabafa o professor. Sua indignação não se deu apenas pelo fato de ter sido o seu filho o alvo da discriminação, para ele, “a coisa é mais séria”: “vejo ferida a civilização e a cultura da minha patria, por estrangeiros e sacerdotes que eu suppunha piedosos e ungidos pelas virtudes christãs”⁶⁶⁴, escreve Hemetério. Na sequência, dentre as várias questões tratadas pelo professor, destaco a denúncia que ele fez de determinados colégios “semear a hedionda e abominavel doutrina anti-evangelica do prejuizo e do preconceito de côr”⁶⁶⁵, em detrimento da Constituição, das leis e dos costumes. Hemetério sugere que o referido problema existia em outras partes do Brasil: “Não citarei os milhares de collegios de todo o paiz, por não vilipendial-os, nem de leve, envolvendo-lhes os nomes em tão nojenta e sporadica maneira de educar pela

⁶⁶¹ *A Época*, 05.04.1917, edição 01728(1), p. 1.

⁶⁶² Idem.

⁶⁶³ Idem.

⁶⁶⁴ Idem.

⁶⁶⁵ Idem.

exclusão⁶⁶⁶. Os colégios aos quais se refere são os religiosos, no entanto, retira deste rol aquele em que fora educado (Imaculada Conceição de São Luiz) “em fraternal e fidalga união com meninos que o saber e a moral de padres brasileiros, converteram em engenheiros tafues, medicos astutos, políticos e administradores”⁶⁶⁷. Depois de se referir “a alma de S. Vicente de Paulo”, que, de acordo com Hemetério, estaria “profunda e intimamente magoada”⁶⁶⁸, o professor arremata: “não foram os negros e mulatos da Europa, da America, e os do Oriente da Africa, que deixaram os filhos nas sarjetas e nos muladores, e que os afogaram nas lezírias, os homens abjectos que deram pabulo á santificação do Justo, dignos de melhores discipulos, e de melhores sacerdotes que piedosos e bons lhe continuasse a obra só de amor e de caridade”. Doze anos depois de sua conferência literária *Pretidão de Amor*, Hemetério retoma o seu combate ao racismo de determinados religiosos.

O jornal *O Imparcial* (10.04.1917, p. 5), por exemplo, noticiou o protesto feito pela Federação dos Homens de Côr de São Paulo⁶⁶⁹: “A directoria da Federação dos Homens de Côr convocou uma assembleia, para protestar contra o facto do sacerdote diretor do Collegio Petropolis, por haver expulsado o filho do professor Hemeterio dos Santos, por ser preto”⁶⁷⁰. Outros periódicos noticiaram a discriminação⁶⁷¹, mas foi o jornal de imprensa negra *O Exemplo* do Rio Grande do Sul que explorou mais o ocorrido. Foram cinco matérias publicadas entre 8 de abril de 1917 a 12 de agosto de 1917.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional constam exemplares do jornal *O Exemplo: o jornal do povo* entre os anos de 1894 a 1919. No entanto, Melina Kleinert Perussatto (2018) informa que o mesmo existira de 1892 a 1930, e que os exemplares estão espalhados por diversos acervos⁶⁷².

O jornal era um periódico semanal com redação localizada em Porto Alegre na Rua General Lima e Silva nº 38. O diretor do jornal era João Baptista de Figueiredo. De acordo com o periódico *A Federação*, órgão do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, João

⁶⁶⁶ Idem, p. 1 e 2.

⁶⁶⁷ Idem, p. 2.

⁶⁶⁸ Idem.

⁶⁶⁹ Para informações a respeito desta instituição de negros, ver comunicação de Petrônio Domingues (2013) ao XXVII Simpósio Nacional de História, *Federação dos Homens de Cor: notas de pesquisa*.

⁶⁷⁰ *O Imparcial*, 10.04.1917, edição 01558(1), p. 5.

⁶⁷¹ *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (26.07.1917, edição 00206-1, p. 5), *Pacotilha* do Maranhão (07.04.1917, edição 00081-1, p. 1), *A União* do Rio de Janeiro (12.04.1917, edição 00029-1, p. 1), *A Capital* do Amazonas (28.07.1917, edição 00013-1, p. 1), *Lanterna* do Rio de Janeiro (02.04.1918, edição 00397-1, p. 1), dentre outros.

⁶⁷² Para uma análise mais detalhada deste jornal ver: *O Exemplo, a imprensa e os homens de cor em Porto Alegre no pós-abolição*, Melina Kleinert Perussatto, *Intellèctus*, N. 1, 2018.

Baptista de Figueiredo era “alfêres” e “co-religionario”⁶⁷³ do referido partido. Além da publicação de matérias e notícias de cunho político, econômico, social e cultural, o jornal também publicava anúncios diversos mediante “preços convencionaes”. O periódico circulava na capital e no interior do Estado.

A primeira matéria publicada pelo jornal *O Exemplo* (08.04.1917, p. 1) a respeito do episódio que impediu o filho Hemetério de estudar no Colégio São Vicente de Paula de Petrópolis veio com o título de “Expulso por ser preto”. Logo no início da matéria, o articulista expressa sua indignação pelo ocorrido:

Esse facto è um attestado frizante de quanto é grosseira e falha de idoneidade moral a administração de certos estabelecimentos de ensino no nosso Paiz. Por um simples accidente de epiderme o acto malaventurado e infeliz da direcção do Collegio de Petrópolis, atirou um labéo ignominioso sobre uma creança attingindo em sua injustiça a individualidade de um homem honrado e acatado por quantos o conhecem, como é Hemeterio dos Santos, pae do menino expulso.⁶⁷⁴

Percebe-se que, assim como escrevera Hemetério na sua carta-protesto analisada anteriormente, o articulista de *O Exemplo* sugere que o referido problema ocorra também em outros colégios do país. Problema este, visto pelo articulista, como um “acto malaventurado e infeliz” da administração do colégio em questão. Dentre as outras questões destacadas pelo articulista, uma sugere que o ocorrido se deu por vingança ao professor:

Nesse acto vemos também um processo de vingança contra o pae da victima que, como todos sabem, é illustrado professor de fama reconhecida. Si foi a vingança o movel que levou a administração do Collegio de Petropolis a proceder de maneira tão baixa e abjecta torna-se, por isso mesmo, duplamente reprovavel quer pelo argumento da cor quer pela mesquinhez da vingança⁶⁷⁵.

O articulista prossegue atacando a atitude dos administradores do colégio, chegando a afirmar que os mesmos seriam “nada menos que foragidos do Manicomio”⁶⁷⁶.

Duas semanas depois, em 22 de abril de 1917, o jornal *O Exemplo* publica nas páginas 1 e 2 do jornal quatro matérias condenando o ocorrido: o comentário do jornal *A Federação*, A carta-protesto de Hemetério, um interessante artigo de Evaristo de Moraes tratando de outros episódios de discriminação racial ocorridos em outras instituições educativas, a

⁶⁷³ *A Federação*, 11.03.1910, edição 00059(1), p. 4.

⁶⁷⁴ *O Exemplo*, 08.04.1917, edição 00015(1), p. 1.

⁶⁷⁵ Idem.

⁶⁷⁶ Idem.

reprodução do editorial do jornal *A Epocha* e mais uma matéria do periódico *O Exemplo*.⁶⁷⁷ Na semana seguinte, em 29 de abril, o jornal *O Exemplo* volta a divulgar matéria extensa sobre a discriminação sofrida pelo filho do professor, “Ainda o caso da expulsão de um aluno por ser ‘preto’”⁶⁷⁸. O conteúdo de condenação ao ocorrido se mantém.

No dia 6 de maio o periódico reproduz matéria publicada no jornal *Estado de São Paulo* com o título “Ainda o caso da expulsão de um aluno por ser ‘preto’ – Como a imprensa de S. Paulo encara o facto. Protestos de solidariedade”⁶⁷⁹. Mais uma vez o jornal *O Exemplo* ajuda a divulgar a luta de Hemetério. Na respectiva edição, além da reprodução da matéria do jornal Estado de São Paulo, o periódico *O Exemplo* publicou também, em sua coluna “Da Educação”, nova abordagem a respeito do assunto. Depois de exaltar a erudição de Hemetério, suas qualidades de intelectual e os argumentos por ele utilizados em sua carta-protesto, o articulista lança um apelo aos seus “patrícios” em defesa da educação como arma para enfrentar o preconceito: “Os nossos caros patrícios que se eduquem, que se instruem, que se tornem dignos por seu saber, tacto fino e compostura moral e, nesse plano elevado, compreenderão que só nelle o individuo consegue ficar inatingivel ás convenções anti-sociaes e apto para a conquista e reivindicações de direitos que lhe foram outorgados pela natureza, pelo passado historico e pelas leis da humanidade”⁶⁸⁰.

A última matéria publicada pelo jornal *O Exemplo* (12.08.1917, p. 1) tem como título “A solução do caso da expulsão dum aluno por ser ‘preto’”⁶⁸¹. A matéria divulga a informação de que o Conselho Superior de Ensino, em represália a atitude discriminatória do Collegio S. Vicente de Paula, fez parecer contrário à atitude do referido colégio. Com suas cinco matérias exaltando a luta de Hemetério em defesa de seu filho, o periódico *O Exemplo* contribuiu para o diálogo de Hemetério com a imprensa negra.

⁶⁷⁷ *O Exemplo*, 22.04.1917, edição 00017(1), p. 1 e 2.

⁶⁷⁸ *O Exemplo*, 29.04.1917, edição 00018(1), p. 1.

⁶⁷⁹ *O Exemplo*, 06.05.1917, edição 00019(1), p. 1.

⁶⁸⁰ Idem.

⁶⁸¹ *O Exemplo*, 12.08.1917, edição 00032(1), p. 1.

PARTE III – HEMETÉRIO NA REPÚBLICA

Esta parte da tese (capítulo 5 e 6) vai abordar experiências de Hementério na República. Assim, vale lembrar que além da categoria thompsoniana de *experiência* já referida nas *considerações iniciais* da tese, as categorias de *rede de sociabilidade*⁶⁸² e *cultura política*⁶⁸³ assumem relevância para análise da trajetória de Hementério, tanto na República como no Império. Grande parte das redes que o professor integrou teve como origem

⁶⁸² No que tange à questão das *redes de sociabilidade*, como já sinalizado, entendo como promissora a abordagem de Sirinelli (1996). Este autor acentua a importância das “redes” em pesquisas sobre trajetórias dos intelectuais. Nesse sentido, Sirinelli as entende como “estruturas elementares da sociabilidade” que podem tomar forma através das “revistas”, “manifestos”, “abaixo-assinados” e determinados espaços que entendemos também ser a *escola*. Desta feita, compreendemos que aquilo que o autor atribui à “revista” também pode ser atribuído às instituições educativas, ou seja, “antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 1996, p. 249). Vale dizer que são da mesma forma iluminadoras as análises de João Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa (2010) cujos estudos refletem sobre a “trama das redes”. Ao tratar sobre o “sistema de normas” vigente na sociedade, Fragoso e Gouvêa pensaram sobre as “redes” numa perspectiva que, a nosso ver, contribui também para se interpretar a trajetória do professor Hementério José dos Santos: “Na verdade, cada vez mais se sabe que a sociedade, como um sistema de normas, está impregnada de incoerências. Fenômeno que permite aos sujeitos atuarem e se valerem dessas incoerências para assim engendrarem suas estratégias de vida e com isso produzirem a sua história como processo generativo”. (FRAGOSO & GOUVÊA, 2010, p. 15). Considerando a passagem acima, os indivíduos buscam agir muitas vezes no âmbito do que escapa ao sistema de normas, ou no que o próprio sistema deixa em aberto, como determinadas “brechas” que permitem a ação dos sujeitos em prol dos interesses e necessidades. Penso que o professor soube se guiar por tais caminhos. Assim, entendo ser possível pensar a formação ou incorporação a uma rede de sociabilidade como sendo ela mesma expressão de uma determinada estratégia de vida. Desta feita, a própria definição do conceito de rede estabelecida por Fragoso e Gouvêa esclarece a este respeito: “As redes são aqui percebidas como networks de relacionamentos, construídos a partir das ações e das relações vivenciadas entre diversos indivíduos com acesso a informações e recursos diferenciados entre si. Essas diferenças potencializavam a possibilidade de sua imbricação, tirando-se assim partido das fraturas que cotidianamente eram identificadas nos diversos cenários sociais (...)”. (FRAGOSO & GOUVÊA, 2010, p. 23).

⁶⁸³ Em relação ao conceito de cultura política, o artigo “História, historiografia e cultura política no Brasil” (2005), da historiadora Ângela de Castro Gomes, é um referencial a ser lembrado. Neste texto, a historiadora acentua as grandes contribuições que as reflexões de Thompson trouxeram à renovação teórica e metodológica da pesquisa histórica, dentre essas, o modo como o historiador inglês trabalhou o conceito de classe social, “questionando sua reificação e toda uma lógica de determinação ‘em última instância’ do político e do social pelo econômico” (GOMES, 2005, p. 25). Na sequência, a autora reflete sobre algumas das possibilidades de se trabalhar com Thompson: “A afirmação da centralidade dos valores e comportamentos de um grupo social, que se relaciona com a posição que ocupa no mercado de trabalho, mas não se esgota nela, foi fundamental para a valorização de questões que abarcavam a etnia, o gênero e as tradições culturais dos trabalhadores, por exemplo. A categoria ‘experiência’, que coloca definitivamente a vivência dos atores políticos em cena, traduz, por excelência, a forma como Thompson influenciou essa historiografia”. (GOMES, 2005, p. 25). Neste mesmo artigo, Ângela de Castro Gomes trata sobre o conceito de *cultura política*. A autora aborda as potencialidades de se trabalhar com o referido conceito em pesquisas que tomam como objeto de análise “mitos, tradições e ideologias”. Assim, a historiadora considera cultura política “como ‘um sistema de representações, complexo e heterogêneo’, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que um determinado grupo (cujo tamanho pode variar), atribui a uma dada realidade social, em determinado momento do tempo”. A autora afirma que o manejo com o conceito de cultura política é capaz “de possibilitar a aproximação com uma certa visão de mundo” que orienta “as condutas dos atores sociais em um tempo mais longo”, na medida em que redimensiona “o acontecimento político para além da curta duração” (GOMES, 2005, p. 31). Entendo que as experiências do professor Hementério podem ser interpretadas a luz do referido conceito.

determinada escola. Foi assim na sua experiência de estudante do Colégio Imaculada Conceição, o que lhe possibilitou acessar rede maranhense ao chegar bem jovem ao Rio de Janeiro. No Colégio Pedro II foi onde o professor teve suas primeiras experiências docentes através das atividades de monitor e professor-explicador, aproximando-se de pessoas influentes na época. Do mesmo modo, foi em sua experiência como gestor e professor de escola particular de ensino primário e secundário no Colégio Froebel, de sua propriedade, ocasião em que manteve contato com proeminentes figuras da época. Veremos nesta parte da tese que o mesmo se deu a partir do seu trabalho docente no período republicano. Experiências de Hemetério no Colégio Militar, na Escola Normal do Distrito Federal, no *Pedagogium*, na Escola Normal Livre e em outras instituições educacionais particulares são analisadas. A partir do seu lugar de intelectual e professor destas instituições educativas, Hemetério travou debates importantes sobre temas educacionais da época. Neste sentido, ele mobilizou a imprensa e publicou textos pedagógicos. Alguns destes não foram abordados pela historiografia, a exemplo do seu *Ensino Municipal*, obra que, dentre outras coisas, buscou contestar opiniões de Curvelo de Mendonça a respeito de temas educacionais.

CAPÍTULO 5 – EXPERIÊNCIAS DE HEMETÉRIO NAS REDES ESCOLARES, IMPRENSA E PUBLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.

Neste capítulo, vou tratar de algumas das redes escolares pelas quais o professor Hemetério José dos Santos fez parte no contexto da República. Vimos nos capítulos primeiro e segundo que Hemetério adquiriu experiências fundamentais nos movimentos que ele realizou no contexto imperial. Quando a República chegou, em 15 de novembro de 1889, Hemetério já integrava o corpo de professores adjuntos do Colégio Militar. Quatro anos depois, em 1893, o *Almanak Laemmert* informa sobre a presença dele no Curso Secundário do respectivo colégio na disciplina de Literatura Nacional.⁶⁸⁴ Como qualifiquei anteriormente, esta foi uma “jogada de mestre”. Isto porque fazer parte deste colégio tão prestigiado no Distrito Federal foi, para o professor Hemetério, um trunfo que soube manejar, principalmente nos movimentos percorridos por ele nas redes escolares às quais passou a

⁶⁸⁴ Ver *Almanak Laemmert*, 1893, edição A00050(1), p. 1291.

integrar na República, dentre estas, a Escola Normal do Distrito Federal e a Escola Normal Livre, como será visto adiante.

5.1 – Considerações preliminares sobre alguns aspectos da conjuntura vivida por Hemetério na República

Se no Império, o nome do colégio público que o professor Hemetério explorou em suas propagandas de professor particular foi o Colégio Pedro II, como já visto nos capítulos anteriores, na República, este lugar foi ocupado primeiramente pelo Colégio Militar; depois, somou-se a este, a Escola Normal do Distrito Federal. Dois estabelecimentos educacionais dos mais conceituados na capital da República. República esta constituída por “astúcias da ordem e ilusões do progresso”⁶⁸⁵, como bem argumentou Nicolau Servcenko (1998) ao escrever a introdução ao volume terceiro da Coleção *História da vida privada*. Nesse texto, o autor nos presenteia com uma análise da conjuntura que proporcionou o surgimento da República no Brasil e que fora vivenciada pela personagem desta história, Hemetério José dos Santos. A análise conjuntural de Servcenko se deu em sua dupla dimensão: o contexto internacional e o nacional.

Desta feita, Nicolau acentua o papel da expansão capitalista oriunda da “Revolução Científico-Tecnológica”, ou também conhecida como “Segunda Revolução Industrial”. A primeira, como se sabe, teve início na Inglaterra do século XVIII. A segunda, no século seguinte, incorporou outros países europeus, além dos Estados Unidos e do Japão. Uma das principais características dessa “segunda Revolução Industrial”, de acordo com o autor, foi o enorme salto que ela representou “tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, em relação à primeira manifestação da economia mecanizada”⁶⁸⁶, proporcionando grandes alterações no modo de vida das pessoas e dando impulso à integração do mercado capitalista mundial.

Expansão que avançou sobre as sociedades de economia agrícola e suas culturas tradicionais, a exemplo da brasileira. Impôs novos hábitos e modos de vida, e como consequência, surgiram revoltas e guerras contra a tentativa de desestruturar “culturas e costumes seculares”⁶⁸⁷. O autor situou a Guerra do Paraguai neste contexto, como

⁶⁸⁵ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil*/ Coor. Geral Fernando A. Novais; Org. do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (História da vida privada no Brasil, volume III – Introdução, p. 7 – 48).

⁶⁸⁶ SEVCENKO, 1998, p. 8.

⁶⁸⁷ Idem, p. 13.

consequência da disputa pelo “controle do eixo econômico e territorial estratégico representado pelo Rio do Prata e sua rede hidrográfica”⁶⁸⁸. Esta guerra, de acordo com o autor, contribuiu para enfraquecer o Império, ampliando um contexto de crise que abriu caminho para a participação de novos sujeitos sociais e políticos:

A escala e o custo extraordinário dos confrontos bélicos no Prata, em especial a catastrófica Guerra do Paraguai, forçaram um endividamento galopante que desestabilizou as bases do Império brasileiro. Foi no contexto desse processo de desestabilização institucional que se fundou o Partido Republicano (1870), propondo a abolição da monarquia, e entrou em cena uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada “geração de 70”, comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos.⁶⁸⁹.

Se por um lado, como observa o autor, o Partido Republicano (surgido em 1870) preocupou-se em defender a “abolição da monarquia”, por outro, não apresentou uma linha em relação à abolição da escravatura. Optou pela omissão, como que sugerindo a convivência harmoniosa entre “república” e “escravidão”.

As “diretrizes científicas”, às quais o autor sinaliza na passagem acima, e que serviram de orientação para os segmentos políticos e sociais que defendiam a implantação da República, foram, como destaca Servcenko, “o darwinismo social do inglês Spencer, o monismo alemão e o positivismo francês de Auguste Comte”⁶⁹⁰.

Em termos de apoio político e econômico em prol do sistema federalista, a base social era a mesma que enriqueceu com a escravidão ilegal⁶⁹¹, ou seja, os “ricos fazendeiros de café do Sudeste”⁶⁹², que conspiraram de modo a “usar seu poder econômico para decidir os destinos da futura ordem republicana”⁶⁹³.

O 15 de novembro de 1889, data da chamada “Proclamação da República”, foi compreendida pelo autor como “um conluio envolvendo militares radicais, cafeicultores paulistas e políticos republicanos”⁶⁹⁴. Atendendo aos anseios do capitalismo internacional, uma das primeiras decisões do novo governo foi proceder “uma completa abertura da economia aos capitais estrangeiros, sobretudo ingleses e americanos, a permissão para bancos

⁶⁸⁸ Idem.

⁶⁸⁹ Idem, p. 14.

⁶⁹⁰ Idem.

⁶⁹¹ CHALHOUB, 2012.

⁶⁹² SEVCENKO, 1998, p. 14.

⁶⁹³ Idem.

⁶⁹⁴ Idem.

privados emitirem moeda, uma nova lei liberal das sociedades anônimas e a criação de um moderno mercado de ações, centrado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro”⁶⁹⁵. A “todo custo”, buscava-se colocar o país na era da moderna industrialização.

A nova política econômica teve consequência: por um lado, “um fluxo inédito de penetração de capitais ingleses e americanos”; por outro, o chamado “Encilhamento”, segundo o autor, um nome singelo para “a mais escandalosa fraude especulativa de todos os tempos”⁶⁹⁶. O regime recém-surgido também foi embalado por crises políticas que desencadearam “generalizadas deposições e ainda mais volumosas reposições nos quadros de funcionários e empregados públicos de toda a ordem, por meio das ‘degolas’, ‘derrubadas’, ‘exílios’, ‘despejos’”, destaca o autor⁶⁹⁷. Paralelamente, e em decorrência da Abolição da Escravatura (1888), dois processos se intensificaram: “a desmobilização de enormes contingentes de ex-escravos no Sudeste” e “a vultosa imigração estrangeira”⁶⁹⁸.

Nicolau Servcenko argumenta que tais transformações produziram um processo desestabilizador para as culturas e sociedades tradicionais. De acordo com a análise do autor, em termos rurais, a Revolta de Canudos (1893 a 1897), na Bahia; e em termos urbanos, a Revolta da Vacina (1904), na cidade do Rio de Janeiro, são acontecimentos que expressam de modo dramático as consequências da política supostamente modernizadora dos primeiros governos republicanos. Nesse sentido, as mudanças ocorridas na capital do país foram acentuadas pelo autor.

Cidade em que a presença da população pobre e negra era significativa, população esta que habitava em grande número o centro da cidade e que era vista pelas autoridades como “uma ameaça permanente à ordem, à segurança, e à moralidade públicas”⁶⁹⁹. Por conta disso, manifestações culturais relacionadas a esta população, a exemplo da prática da capoeira e rituais religiosos, sofreram represálias e perseguições. Havia também o problema das “endemias” e a necessidade de novas instalações portuárias. Desta feita, de acordo com Nicolau, “um plano em três dimensões” foi concebido pelo governo: “Executar simultaneamente a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana”⁷⁰⁰. Para tanto, Rodrigues Alves, como presidente da República na época, deu “carta branca” para os responsáveis que iriam executar o referido plano:

⁶⁹⁵ Idem, p. 15.

⁶⁹⁶ Idem.

⁶⁹⁷ Idem, p. 16.

⁶⁹⁸ Idem.

⁶⁹⁹ Idem, p. 21.

⁷⁰⁰ Idem, p. 22.

O engenheiro Lauro Müller para a reforma do porto, o médico sanitarista Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado a reforma urbana de Paris sob o barão de Haussmann, para a reurbanização. Aos três foram dados poderes ilimitados para executar suas tarefas, tornando-os imunes a quaisquer ações judiciais, o que criou uma situação de tripla ditadura na cidade do Rio. Como era de se prever, os três se voltaram contra os casarões da área central, que congregavam o grosso da população pobre. Porque eles cerceavam o acesso ao porto, porque comprometiam a segurança sanitária, porque bloqueavam o livre fluxo indispensável para circulação numa cidade moderna. Iniciou-se então o processo de demolição das residências da área central, que a grande imprensa saudou denominando-o com simpatia de a “Regeneração”. Para os atingidos pelo ato era a ditadura do “bota-abaixo”, já que não estavam previstas quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias, nem se tomou qualquer providência para realocá-los. Só lhes cabia arrebanhar suas famílias, juntar os poucos bens que possuíam e desaparecer de cena. Na inexistência de alternativas, essas multidões juntaram restos de madeira dos caixotes de mercadorias escartados no porto e se puseram a montar com eles toscos barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrados. Era a disseminação das favelas.⁷⁰¹

As autoridades desejaram que a população pobre atingida pela “tripla ditadura” saísse de cena, mas esta população não deixou “barato” o desejo autoritário, voltou à cena através de um grande motim urbano que ficou conhecido na História como a Revolta da Vacina, ocorrida no ano de 1904. Para derrotar o movimento dos amotinados (que durou dez dias) foi necessário trazer forças de apoio de outros estados, como Minas Gerais e São Paulo. Com o fim da revolta, a repressão foi retomada com mais força: “O chefe de polícia da capital deu ordens para que toda e qualquer pessoa abordada no centro da cidade que não pudesse comprovar emprego e residência fixos, fosse detida”⁷⁰². Considerando que as próprias reformas aumentaram o déficit habitacional e que grande parte da população pobre vivia de trabalhos informais, o decreto do chefe de polícia atingiu, sobretudo, a referida população. O resultado desta decisão foi o aumento do número dos que eram espancados na Ilha das Cobras e dos que eram deportados para a floresta amazônica⁷⁰³. Como se percebe, foram difíceis para a população pobre os primeiros anos da República. Anos que conformaram um “tempo republicano”, sintetizado pelo autor da seguinte forma:

Tanto o episódio de Canudos quanto o da Revolta da Vacina, com suas evidentes afinidades, são dos mais exemplares para assinalar as condições que se impuseram com o advento do tempo republicano. Um tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos, em

⁷⁰¹ Idem, p. 22-23.

⁷⁰² Idem, p. 26.

⁷⁰³ Idem.

que a exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização “a qualquer custo”. As ações concretas desencadeadas por esses discursos, como visto nesses dois exemplos, se traduziram em formas extremas de opressão quando voltadas para as populações destituídas de qualquer educação formal e alheadas dos processos decisórios. Casos como esses se multiplicaram, como se sabe, em outros episódios trágicos como, apenas para ilustrar, a Guerra do Contestado (1912-6) na fronteira entre o Paraná e Santa Catarina ou o bombardeio desumano da população paulista quando da Revolta de 1924, seguido de execuções de imigrantes.⁷⁰⁴

Apesar da tentativa dos poderosos de controlar a população pobre, seus integrantes souberam, em certa medida, criar meios para se prevenir das “invasões da autoridade arbitrária e intolerante”⁷⁰⁵, através de “trocas culturais e práticas ritualizadas em redes clandestinas, cercadas por códigos de silêncio e jargões indecifráveis, acessíveis apenas aos iniciados”. Sevcenko cita como exemplo, o uso de tatuagens de Jesus Cristo pelo corpo, de modo a inibir a ação da polícia quando esta se voltava para espancar as pessoas detidas.⁷⁰⁶

Passada a transição conturbada dos governos militares para os governantes civis, em que pese às resistências diversas, o novo regime foi se consolidando. Em termos políticos, a articulação patrocinada por representantes das oligarquias dos Estados, no que ficou conhecido como “política dos governadores” e os “arranjos conservadores” que redundou na chamada “política do café-com-leite”, conformou uma hegemonia política que se manteve pelo menos até a chamada “Revolução de 1930”⁷⁰⁷.

Vale lembrar também um ponto não destacado pelo autor que merece menção aqui. No caso, o acontecimento planejado por dois anos e iniciado em 22 de novembro de 1910 e que ficou conhecido como a *Revolta da Chibata*, liderada pelo marinheiro João Cândido (24.06.1880 – 06.12.1969), cantado na canção original (antes da cesura) de João Bosco e Aldir Blanc como o “Almirante Negro”. Para além de se revoltarem contra os castigos brutais que ocorriam na Marinha brasileira, os marinheiros (maioria de negros) revoltosos protagonizaram “um movimento organizado e planejado”, distinguindo-se “de outros movimentos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro no período”⁷⁰⁸, como destaca a análise de Álvaro Pereira do Nascimento (2008) no livro *Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910*. De acordo com este autor, o movimento dos marinheiros rebeldes abarcou um conjunto mais amplo de reivindicações:

⁷⁰⁴ Idem, p. 27.

⁷⁰⁵ Idem, p. 32.

⁷⁰⁶ Idem.

⁷⁰⁷ Idem, p. 33.

⁷⁰⁸ NASCIMENTO, 2008, p. 18.

A revolta, enfim, não foi uma simples luta contra a chibata, como o seu nome (*Revolta da Chibata*) induz. As reivindicações dos marinheiros compunham um projeto de melhoria das condições de trabalho e de carreira extremamente positivo para eles na Aramada. Retirar os artigos do código militar relativos aos castigos físicos, desligar oficiais que se excediam na aplicação de castigos corporais, fornecer educação aos marinheiros indisciplinados, evitar o sobretrabalho através da implementação de uma nova tabela de distribuição de serviços e aumentar os vencimentos são, em seu conjunto, reivindicações urdidas na experiência cotidiana das embarcações.⁷⁰⁹

Assim como não contemplou sobre a revolta dos marinheiros negros, está ausente, na análise de Sevcenko, o contexto educacional, no que diz respeito ao período que me é particularmente interessante destacar. Ademais, por tratar-se de anos vivenciados ativamente pelo professor Hemetério, ou seja, entre o ano em que a República se institucionaliza (1889) até a virada política decorrente da Revolução de 1930. A este respeito, Cynthia Greive Veiga (2007), no seu *História da Educação*, fornece um quadro sintético que me parece, por ora, satisfatório. Isto porque a autora apresenta elementos importantes sobre “a organização da educação nas primeiras décadas republicanas” e demais temas correlatos.⁷¹⁰ Sua análise destacou aspectos referentes à “Escola primária”, “Escola Normal”, “Ensino secundário”, “Ensino profissionalizante”, “Ensino superior”; assim como “reformas pedagógicas” das décadas de 1920⁷¹¹ e 1930⁷¹², “higienismo, eugenia e civilismo na organização da escola republicana” e as influências de assuntos oriundos da Biologia, Psicologia e Sociologia na “conformação do conteúdo da pedagogia”. Apesar de ser uma síntese, percebe-se que o quadro é amplo. O mesmo, todavia, pode ser entendido como um panorama geral ao qual o professor Hemetério se deparou e se posicionou.

Coube a Benjamin Constant, de acordo com a autora, empreender “as reformas educacionais do Distrito Federal (Rio de Janeiro)”⁷¹³. Nesse sentido, a Reforma de 1890

⁷⁰⁹ Idem, p. 21.

⁷¹⁰ A este respeito ver *Filhos da Pátria, Homens do Progresso: o Conselho Municipal*, de Rosane dos Santos Torres, 2012.

⁷¹¹ Neste sentido, para se pensar sobre as relações entre reformas pedagógicas nos anos de 1920 e as transformações no Distrito Federal ver tese de doutorado de José Cláudio Sooma Silva, *Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920* (UERJ, 2009). Ver também: SILVA, José Cláudio Sooma; RIZZINI, Irma; SILVA, Maria de Lourdes (2012). *Remodelar a capital carioca e sua gente: educação e precensão nos anos 1920* (Hist. Educ. (Online) Porto Alegre v. 16 n. 38 set./dez. 2012 p. 199-225).

⁷¹² Ver o texto de André Luiz Paulilo (2015), *O programa social da Reforma do Ensino de Fernando Azevedo (Distrito Federal – 1927-1930)*, (Revista Eletrônica Documento-Monumento: Dossiê História da Educação: horizontes de pesquisas, Vol. 15 – N. 1 – Set/2015 – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR/Universidade Federal de Mato Grosso – disponível em: www.ufmt.br/ndihr/revista).

⁷¹³ VEIGA, 2007, p. 239.

estabeleceu uma legislação para a *escola pública primária* que previa, por um lado, “a gratuidade e a instrução laica”; mas, por outro, a não obrigatoriedade. Assim, o ensino era gratuito, mas, na medida em que não havia a obrigatoriedade dos responsáveis em matricular seus filhos na escola, grande parte deixava de estudar, pois um contingente significativo de crianças e jovens trabalhavam para complementar a renda familiar.⁷¹⁴ Apesar destes problemas sociais graves que consistiram na presença de criança com idade escolar fora da escola e no trabalho infantil, escolas primárias existiam e estudantes matriculados também. Desta feita, questionamos: como era este ensino primário a partir da Reforma de 1890? Cynthia nos responde que o respectivo ensino era “em dois graus”. O primeiro era organizado em três cursos, com base na faixa etária (6 a 9 anos; 9 a 11 anos; 11 a 13 anos); já o segundo grau “se destinava a alunos de 13 a 15 anos”⁷¹⁵. Meninos e meninas estudavam em classes separadas; e o ensino das disciplinas era “enciclopédico”. De acordo com o decreto do governo provisório de 1890, a autora apresenta um quadro das disciplinas que eram ministradas nos dois cursos⁷¹⁶: a Escola de primeiro grau ensinava Leitura e escrita, Língua portuguesa, Aritmética, Geometria, Lições de coisas, Geografia, História pátria, Instrução moral e cívica, Desenho, Música, Ginásticas (jogos e evoluções militares), Trabalhos de agulha (para meninas), Trabalhos manuais (para meninos) e Noções de agronomia; a Escola de segundo grau, por sua vez, trabalhava o ensino da Caligrafia, Português, Francês, Aritmética (e noções de Álgebra), Geometria (e Trigonometria), Física, Química, Geografia, História, História natural, Economia política (e Direito pátrio), Desenho, Música, Ginástica (manejo de armas e exercícios militares), Trabalhos de agulha (para meninas) e Trabalhos manuais (para meninos). Percebe-se que a disciplina “Ginásticas” (atualmente chamada de “Educação Física”) sofreu forte influência dos interesses militares.

Os estudantes que conseguissem vencer a maratona das disciplinas destacadas no parágrafo anterior receberiam certificados que lhes dariam alguns benefícios importantes. Para quem concluisse o primeiro grau, teria direito a ingressar no curso normal, assim como no curso secundário. O primeiro grau também “era pré-requisito para qualquer emprego público”. A conclusão do segundo grau, por sua vez, abria caminho almejado por muitos: ficava isento “da prestação de concurso para emprego público administrativo”⁷¹⁷. Quem não conseguisse concluir os cursos, mas fosse aprovado nos exames, também tinha direito ao

⁷¹⁴ Ver dissertação de Aline Mendes Soares, *Precisa-se de um pequeno: O trabalho infantil no pós-abolição no Rio de Janeiro 1888-1927* – Rio de Janeiro, UNIRIO, 2017.

⁷¹⁵ VEIGA, 2007, p. 239.

⁷¹⁶ VEIGA, 2007, p. 239-240.

⁷¹⁷ Idem, p. 241.

certificado. Ter o certificado, portanto, era algo que qualificava o trabalhador, uma conquista necessária para se conseguir um emprego, sobretudo público, em um contexto de disputa acirrada por emprego frente o aumento da entrada de imigrantes estrangeiros no país. A este respeito, Claudio Batalha (2000) em *O movimento operário na Primeira República* ressalta a questão da “diferença entre trabalhadores mais e menos qualificados”; para os primeiros, segundo ele, “as condições tanto de trabalho como de vida eram melhores, devido a sua maior capacidade de barganha e seus ganhos mais elevados”⁷¹⁸. De acordo com este autor, em face do crescimento da imigração nos primeiros anos da República, “o surgimento de disputas e rivalidades opondo estrangeiros e brasileiros, bem como estrangeiros de diferentes origens nacionais”⁷¹⁹ foi uma realidade da época.

Pelo menos em teoria, o governo republicano, na figura de Benjamin Constant, parecia estar interessado em melhorar as condições do ensino no Distrito Federal⁷²⁰. Isto porque a lei criada por ele, como bem destaca Cynthia Greive Veiga,

determinou a construção de prédios, a compra de equipamentos pedagógicos e a instalação de bibliotecas, além de regulamentar aspectos administrativos e a subvenção de escolas particulares – desde que elas admitissem no mínimo 15 estudantes pobres. Também criava a escola itinerante, que percorria os subúrbios sob a responsabilidade de um professor e poderia estabelecer-se de forma permanente se contasse com a frequência regular média de 50 alunos.⁷²¹

Apesar de o Distrito Federal ser o centro político e cultural do país e, em certa medida, modelo a ser seguido por outros Estados, no que tange a questão educacional, o Estado de São Paulo protagonizou iniciativas importantes que mereceram destaque por parte da autora em relação às reformas realizadas por Antônio Caetano de Campos durante o governo estadual de Prudente de Moraes, nos anos de 1891 a 1894. Baseando-se em Marta de Carvalho em *A escola e a República*, Cynthia escreve: “o discurso que acompanhou as reformas de Caetano de Campos foi modernizador e definiu a escola como o principal símbolo da República e um divisor de águas em relação ao passado, sendo a instrução do povo instrumento básico para o progresso do país”⁷²².

Foi ressaltado pela autora o fato da reforma de Caetano de Campos implantar duas escolas primárias (uma para cada sexo) que foram anexadas à Escola Normal daquele Estado.

⁷¹⁸ BATALHA, 2000, p. 11.

⁷¹⁹ Idem, p. 12.

⁷²⁰ Do mesmo modo, Rosane dos Santos Torres (2012) analisa este aspecto.

⁷²¹ VEIGA, 2007, p. 241.

⁷²² Idem, p. 242

Esta iniciativa visava proporcionar aos “alunos-professores” a prática de suas respectivas regências. Para coordenar este empreendimento, duas professoras foram nomeadas: “a americana Marcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, uma brasileira com formação no Estados Unidos”⁷²³. O segundo nome escolhido (a professora Maria Guilhermina), contemporânea do professor Hemetério José dos Santos, é tema de pesquisa de Vinícius Monção, companheiro de doutorado da Faculdade de Educação da UFRJ. No artigo “Viajar para aprender, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e sua viagem à cidade de Nova York (1883-1887), Vinícius Monção (2016) explora exatamente o processo de formação desta professora nos Estados Unidos e o domínio que ela passou a adquirir em relação ao “método froebeliano”. Como afirma Vinicius, “na cidade de Nova York, permaneceu por quatro anos, de 1883 e 1887, onde obteve formação pedagógica específica na metodologia froebeliana de Jardins de Infância”⁷²⁴.

Caetano de Campos também foi pioneiro na criação do modelo conhecido como “grupo escolar” (ou “escola seriada”), e que, de acordo com Cynthia, “aos poucos se disseminou pelo Brasil e só foi substituído em 1971”⁷²⁵. O referido modelo trouxe como novidade, “a organização das classes em séries, cada série numa sala, um professor para cada série, organização das séries em etapas sucessivas e grupos de quatro ou cinco séries reunidas no mesmo prédio”⁷²⁶, destaca Cynthia Greive Veiga. Além disso, a nova forma de organização previa não só a existência de mais funcionários com funções específicas, como também “o uso de espaços coletivos para o desenvolvimento das novas prescrições pedagógicas”, tais como “pátios para recreio, local para ginástica, gabinetes, museus, biblioteca, refeitório, auditório, hortas etc.”⁷²⁷. A mudança abriu caminho para uma “nova cultura pedagógica”, como argumenta a autora: “Mais do que facilitar a administração do ensino e racionalizar a utilização de espaços físicos, os grupos escolares inauguraram uma nova cultura pedagógica. Os prédios foram planejados de acordo com uma concepção de ensino previamente definida e com a necessidade de reorganizar o tempo em função de horários, turnos e exames”⁷²⁸.

⁷²³ Idem.

⁷²⁴ MONÇÃO, 2016, p. 10.

⁷²⁵ VEIGA, 2007, p. 242.

⁷²⁶ Idem.

⁷²⁷ Idem, p. 243.

⁷²⁸ Idem.

Minas Gerais, Rio de Janeiro e outros Estados implementaram a novidade que se disseminava por cidades brasileiras de todo o país.⁷²⁹ A paisagem urbana destes grandes centros foi afetada pela grandeza dos prédios aos quais os grupos escolares foram criados. Festas cívicas e desfiles de estudantes realizados por tais escolas também contribuíram para marcar a referida paisagem. Entretanto, como ressalta a autora, “essa visibilidade não implicou, porém, a democratização efetiva do acesso à escola”, pois, segundo ela, “amplos setores da população brasileira continuaram excluídos do processo educacional”⁷³⁰.

A legislação de novembro de 1890 também regulamentou a organização e o acesso à *Escola Normal*.⁷³¹ O ingresso nesta escola exigia o certificado do primeiro grau ou então aprovação nos exames de admissão. A idade mínima era de quinze anos e o acesso gratuito para meninos e meninas, de acordo com a lei republicana. Após os cinco anos do curso, o estudante estava habilitado para exercer a profissão de professor primário, assim como estava apto para participar de concurso público. Com cinco anos na função, o docente tornava-se catedrático. Se atuasse nas séries primeiras com a comprovação de um ano na função, podia se tornar professor adjunto, ou professor auxiliar. Além disso, a referida legislação transformou o antigo Museu Escolar dos tempos imperiais na instituição do *Pedagogium*, que se protagonizou em órgão de capacitação de professores, por meio de conferências, cursos diversos e biblioteca. Como veremos, Hemetério participou desta instituição como professor conferencista e diretor interino.

De modo geral, como afirma a autora, “as reformas das escolas normais acompanhavam as reformas no ensino primário e a instalação dos grupos escolares”; além disso, um aspecto comum foi acentuado: “a edificação de prédios imponentes e sua associação com a modernidade”⁷³². Os currículos destas escolas também acompanharam este “aspecto de monumentalidade”, através do conteúdo excessivamente enciclopédico e da ênfase que era atribuída a chamada “lições de coisas”⁷³³.

O *ensino secundário* no Distrito Federal também foi contemplado pela legislação de 8 de novembro de 1890. Neste caso, as mudanças ocorreram no Colégio Pedro II, que voltou a

⁷²⁹ Veja essa discussão e bibliografia sobre grupos escolares deste período em: SCHUELER, Alessandra; RIZZINI, Irma. “*Tradições Inventadas*” de uma Belle Epoque no Estado do Pará: expansão da escola primária para a infância. In: ARAÚJO, Sônia; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro; ALVES, Laura. *Educação e instrução pública no Pará imperial e republicano*. Belém: EDUEPA, 2015, p. 217-243.

⁷³⁰ VEIGA, 2007, p. 247.

⁷³¹ Para uma compreensão do funcionamento da Escola Normal, as disputas, debates e representações que envolviam o ofício docente, ver tese de doutorado de Marina Natsume Uekane (2016), “*Com o bom professor tudo está feito, sem elle nada se faz*” – A Escola Normal e a conformação do magistério primário no Distrito Federal (1892-1912), UFF, 2016.

⁷³² VEIGA, 2007, p. 248.

⁷³³ Idem.

ter a denominação de *Gymnasio Nacional*. Manteve os cursos na forma de externato e internato. Como nas demais escolas da época, prevaleceu o ensino enciclopédico de base propedêutica. A duração do curso era de sete anos. Os professores secundários (também chamados de “lentes”) responsáveis pelas “cadeiras” ministravam as seguintes disciplinas: “português; latim; grego; francês; inglês; alemão; matemática; astronomia; física; química; história natural; biologia; sociologia e moral; geografia; história universal; história do Brasil; literatura nacional; desenho; música; ginástica, esgrima e evoluções militares”⁷³⁴. O ensino secundário dava ao estudante a possibilidade de ingressar ao ensino superior, entretanto, como a frequência não era obrigatória (pelo menos até 1931), se fosse aprovado nos exames, seu ingresso estaria garantido. Houve uma reforma patrocinada por Carlos Maximiliano em 1915 que tornou obrigatório o certificado de conclusão do curso secundário para ingresso no ensino superior. A mesma também reduziu a duração do curso para cinco anos.

No tocante ao *ensino profissionalizante*, desde os fins do século XIX houve iniciativas nesse sentido. Cynthia Veiga cita exemplos de instituições educativas que, em sua origem, foram criadas para atender a chamada “infância desvalida”, mas que posteriormente se transformaram em escolas profissionais masculinas e femininas. Este é um ponto importante. Hemetério tinha uma preocupação para com a vida de crianças e jovens chamados na época de “menores desvalidos”⁷³⁵ ou “menores delinquentes”.⁷³⁶ Em geral, a saída para aqueles que não tinham família em condições de sustentá-los ou orientá-los, o poder público e a sociedade da época (inclusive o professor Hemetério) apostavam na internação em instituições (pelo menos em teoria) de cunho educativo e profissional. Além das citadas pela

⁷³⁴ Idem, p. 249.

⁷³⁵ Vale lembrar neste sentido a dissertação de mestrado de Rafaela Rocha do Nascimento (2017), *A admissão de alunos pretos e pardos no Instituto Profissional Masculino (Rio de Janeiro, 1900-1910): um processo possível para as experiências escolares*. Faculdade de Educação, UFRJ, 2017. Ao pesquisar os arquivos do Asilo dos Meninos Desvalidos que se encontram no acervo do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES/UFRJ), Rafaela Rocha encontrou um documento de Registro de batismo do aluno André Borges, com data de 1 de julho de 1896. O documento informa que o padrinho do referido menino era um tal de “Hemetério” (NASCIMENTO, 2017, p. 209). Talvez o respectivo padrinho tenha sido o professor Hemetério José dos Santos. Desta feita, outro aspecto relevante de se destacar aqui é o fato do professor Hemetério ter conhecido um dos alunos do Asilo dos Meninos Desvalidos que se tornou músico importante da época. Trata-se do compositor negro Francisco Braga (1868-1945). Ele também foi professor de música da referida instituição (NASCIMENTO, 2017, p. 175). Como se pode ver no livro sobre a *Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de Francisco Braga* publicado pela Biblioteca Nacional (1968), o músico chegou a compor canção para quatro letras de Hemetério: *Ao avião* (p. 66), *Hino escolar* (p. 69), *Velha canção* e *Vilancete* (p. 74).

⁷³⁶ A respeito das referidas escolas ver: MARQUES, Jucinato de Sequeira (1996). *Os desvalidos: o caso do Instituto Profissional Masculino (1894-1910) – uma contribuição à história das instituições educacionais na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado em Educação, UFRJ; SOUZA, Maria Zélia Maia de (2013). *Educar o jovem para ser “útil à si e à sua Pátria”: a assistência pela profissionalização, Rio de Janeiro (1894 – 1932)*. Tese de doutorado em Educação, UFMG; BONATO, Nailda Marinho da Costa (2003). *A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica*. Tese de doutorado em Educação, UNICAMP.

autora, podemos incluir outras, a exemplo da Escola XV de Novembro e da Escola João Luiz Alves, no caso do Rio de Janeiro.⁷³⁷

No entanto, um problema persistia no quadro da conjuntura do novo regime: o *analfabetismo*. As iniciativas educacionais dos governos republicanos não debelaram este obstáculo que permanecia firme e forte nos caminhos da educação primária. Os números revelavam o tamanho do problema: “Em 1920, aproximadamente 75% dos brasileiros eram analfabetos”⁷³⁸, informa Cynthia Veiga. Citando números organizados por José Murilo de Carvalho (“Os três povos da República”)⁷³⁹, a autora apresenta o resultado do que foi registrado no país até 1920 em termos de taxa de alfabetização: “Alagoas, 14,8%; Bahia, 18,4%; Distrito Federal, 61,3%; Minas Gerais, 20,7%; Pernambuco, 17,8%; Piauí, 12,0%; Rio de Janeiro, 24, 7%; Rio Grande do Sul, 38,8%; São Paulo, 29,8%; Santa Catarina, 29,5%”⁷⁴⁰. Uma estrada longa precisava ainda ser percorrida para superar o analfabetismo no Brasil. Cynthia argumenta que, frente a estes números e “outros fatores” que a autora não elencou, “a elite intelectual da época” reivindicou “novas reformas pedagógicas”⁷⁴¹. Reformas estas que fizeram parte de um contexto mais amplo de crise, como argumenta a autora:

Tais reformas integraram o contexto político de crise das oligarquias e que culminou na Revolução de 1930 e na ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Dentre os acontecimentos marcantes daquele momento histórico vale citar o recrudescimento do movimento operário, do movimento tenentista, a fundação do Partido Comunista (1922), a Coluna Prestes (1924-1927), a industrialização, a expansão urbana e o movimento modernista. Estes foram movimentos que colocaram em evidência a necessidade de reformas políticas e sociais.⁷⁴²

Evidentemente que a Cynthia Veiga privilegiou acontecimentos e processos históricos em detrimento de outros. Penso que, para além da importante atuação de operários e tenentistas, o movimento de negros⁷⁴³ e o de mulheres⁷⁴⁴ (segmentos sociais atuantes na

⁷³⁷ Em relação à Escola XV de Novembro ver dissertação de Aderaldo Pereira dos Santos (2007), *Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei* e artigo do mesmo autor, *Fotografia e a Memória da escolarização de estudantes negros na FUNABEM de Quintino* (2017); sobre a Escola João Luiz Alves ver o livro *Os primeiros anos da Escola João Luiz Alves (1926-1929)*, de Aderaldo Pereira dos Santos (2018). O assunto sobre as políticas públicas para a infância desvalida também é tratado no livro *Padre Severino: da pessoa ao Instituto*, de Aderaldo Pereira dos Santos e Raul Japiassú Câmara (2013).

⁷³⁸ VEIGA, 2007, p. 253.

⁷³⁹ A autora faz referência ao estudo que redundou no “Dossiê Brasil República”, editado pela Universidade de São Paulo em 2003 (Ver VEIGA, 2007, p. 253).

⁷⁴⁰ VEIGA, 2007, p. 254.

⁷⁴¹ Idem.

⁷⁴² Idem.

⁷⁴³ Ver de Joel Rufino dos Santos (1985), “O Movimento Negro e a Crise Brasileira”; de Flávio dos Santos Gomes (2005), *Negros e Política (1888-1937)*; de Petrônio Domingues (2007), “Movimento Negro Brasileiro:

conjuntura da época) devam também ser lembrados no referido contexto. Isto porque, enquanto o primeiro fazia a luta possível contra o racismo frente às *teorias raciais* da época que propagavam a inferiorização do negro e à política de *branqueamento* que veio articulada com a imigração europeia, o segundo enfrentava o *machismo* que subtraía das mulheres determinados direitos, a exemplo do direito de voto.

No que tange à questão feminina, inclusive, o debate sobre a “emancipação da mulher” foi tema recorrente na conjuntura da Primeira República. Um exemplo a ser lembrado, nesse sentido, foi o plebiscito organizado pelo jornal *O Paiz* a respeito do referido tema. Irma Rizzini e Alessandra Schueler (2018) analisaram o respectivo plebiscito que resultou no artigo *Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906)*. Assim, vale destacar que, de acordo com as autoras, “a temática da atuação das mulheres no espaço público por meio do magistério esteve presente nos debates sobre a emancipação feminina veiculados na grande imprensa e na imprensa pedagógica da cidade do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX”⁷⁴⁵. Ao analisarem as diversas “cartas” publicadas em decorrência do referido plebiscito, Irma e Alessandra argumentam que,

Na maioria das vezes, as cartas publicadas difundiam representações “generificadas”, demarcando performances, comportamentos e atribuições relacionadas às supostas identidades do masculino e do feminino. Ao prescreverem ocupações relacionadas a uma “natureza feminina”, as missivistas enfatizavam, para as mulheres, o exercício das funções tradicionais no âmbito doméstico, o destino da maternidade e o cuidado da casa, dos filhos, dos maridos e pais. Porém, esses discursos também apresentavam ambiguidades e contradições, apontando para as mudanças e as tensões sociais nas relações sociais de gênero, na medida em que defendiam o ingresso massivo das mulheres no magistério e também admitiam a sua entrada nas profissões de histórico predomínio masculino, tais como a medicina, a advocacia, as letras e a escrituração comercial e pública.⁷⁴⁶

alguns apontamentos históricos”; de Amílcar Araújo Pereira (2013), *O mundo negro – Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil*.

⁷⁴⁴ Ver no livro *Nova História das mulheres no Brasil*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (2013), o texto de Rachel Soihet, *A conquista do espaço público*. Esta autora traça um panorama das lutas feministas no contexto republicano. Segundo ela, “As aspirações das mulheres brasileiras mudaram significativamente a partir de fins do século XIX, com o advento da República” (SOIHET, 2013, p. 218). Para um panorama das lutas das mulheres negras, ver no mesmo livro, o texto de Bebel Nepomuceno, “Protagonismo ignorado”. A autora argumenta, dentre outras questões, que, “entre as mulheres negras, acostumadas aos percalços da vida, não havia muito espaço para a imagem da esposa passiva, submissa ao marido e dedicada exclusivamente ao lar” (NEPOMUCENO, 2013, p. 387). Pelo contrário, “a preocupação maior era que a mulher tivesse meios de obter uma fonte de renda e não ficasse dependente economicamente do companheiro” (NEPOMUCENO, 2013, p. 387), destaca a autora.

⁷⁴⁵ RIZZINI e SCHUELER, 2018, p. 127.

⁷⁴⁶ Idem, p. 133-134.

Voltando ao texto de Cynthia Veiga, a autora destaca que o surgimento da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, se constituiu em algo marcante para o campo educacional do período. Entretanto, os debates gerados por esta associação (formada dentre outros por médicos, engenheiros, juristas, professores e jornalistas) também proporcionaram o estímulo à discriminação e ao preconceito, pois, segundo a autora, “havia quem sustentasse a tese da degeneração do brasileiro, que, de acordo com algumas interpretações científicas da época, constituiria uma sub-raça”⁷⁴⁷. A instituição esteve no centro das discussões que redundaram nas reformas pedagógicas. Reformas estas que não só “preconizavam a adoção de métodos pedagógicos fundados na psicologia (testes vocacionais e de aptidão) e na biologia (preceitos higienistas)”, mas que também tinha como adeptos “reformadores” que “se apoiaram nas teorias raciais do período, expressando discriminações de natureza étnica e cultural”⁷⁴⁸, afirma a autora. Nomes como Antônio Carneiro Leão (1887-1966), Francisco Campos (1891-1968), Lourenço Filho (1897-1970), Fernando Azevedo (1894-1974) e Anísio Teixeira (1900-1971) foram lembrados.

Para finalizar as contribuições de Cynthia Veiga, vale lembrar o papel que a *eugenia*⁷⁴⁹ exerceu no campo educacional da época. Nesse sentido, ressalta a autora:

A difusão das concepções higienistas e eugênicas e sua aplicação na rotina escolar revelam uma nova concepção de infância, a criança como objeto de experimentação e especulação científica. Por sua vez, a ênfase na eugenia, principalmente até meados da década de 1940, produziu uma identidade fundada na hierarquia racial, pois permeada pelos padrões físicos e estéticos das crianças brancas.⁷⁵⁰

Tomada como uma “ciência” portadora de uma “verdade” compartilhada por intelectuais de peso da época, a exemplo de Fernando de Azevedo, que, de acordo com Eivaldo Góis Junior (2009), “foi um militante, participando da discussão dos Congressos de

⁷⁴⁷ VEIGA, 2007, p. 254.

⁷⁴⁸ Idem, p. 254-255.

⁷⁴⁹ Jerry Dávila (2006), em *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*, conceitua eugenia da seguinte forma: “A eugenia foi uma tentativa científica de ‘aperfeiçoar’ a população humana por meio do aprimoramento de traços hereditários – noção popular por toda a Europa e Américas no entre guerras. Os cientistas voltaram-se para a eugenia como uma ciência de ampla abrangência, que combinava diferentes teorias sobre raça, hereditariedade, cultura e influência do meio ambiente em práticas e receitas que visavam geralmente a ‘melhorar uma população nacional’” (DÁVILA, 2006, p. 31). Nesta obra, o autor analisa a influência da eugenia no campo educacional brasileiro. Outra referência importante sobre a influência da eugenia no campo da educação no Brasil é a tese do historiador Sidney Aguilar Filho (2011), *Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência desamparada no Brasil (1930-1945)*, que inclusive serviu de inspiração para o filme documentário “Menino 23”.

⁷⁵⁰ VEIGA, 2007, p. 264.

Eugenia e de Higiene”⁷⁵¹, a referida “ciência” esteve de mãos dadas com o racismo do período. Para tanto, forneceu argumentos para que o respectivo racismo se aprimorasse, como nos faz entender as seguintes palavras da autora:

O discurso republicano aprimorou os preconceitos raciais por meio da ciência. Esse fator é muito importante para pensarmos os processos de desqualificação social da população escolar negra e mestiça. A tentativa de introduzir na escola um procedimento de homogeneização cultural se fez à custa da negação dos valores étnicos e da cultura de grande parte da população brasileira.⁷⁵²

“Negação” esta que se manifestou da mesma forma, através de uma visão preconceituosa para com a “tradição” educativa advinda do passado imperial. Ou seja, fruto até certo ponto de um “embate entre memórias”, o chamado “tempo republicano”, no que tange a questão educacional, se constituiu, de certa forma, na negativa e tentativa de esquecimento das experiências anteriores à República, vistas como “atrasadas” e “anti-modernas”. Nesse sentido, se por um lado a síntese proposta por Cynthia Veiga nos permite visualizar certo panorama da conjuntura que o professor Hemetério vivenciou no contexto republicano, por outro, deixa de problematizar o referido aspecto. Em face disso, penso ser relevante referir-me ao artigo, *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*, escrito por Alessandra Frota Martinez de Schueler e Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2008). Dentre outras questões, as autoras argumentam sobre a respectiva problematização:

No embate entre memórias da educação republicana, buscamos apreender a historicidade e os lugares de produção e enunciação destas representações em disputa, de modo a perceber o quanto estas visões permanecem impregnadas pelas próprias concepções produzidas pelos atores e sujeitos que vivenciaram as tensões e as lutas do processo histórico de constituição de uma (nova) ordem republicana. Próprias do jogo de construção/reconstrução de memória, lembranças e esquecimentos, luzes e sombras, estas representações em disputa permanecem circunscritas ao âmbito das clássicas análises diagnósticas e prognósticas. Devem, portanto, ser desconstruídas e problematizadas pelo pesquisador da educação na sua operação historiográfica, no diálogo e confronto permanente entre a empiria e os instrumentos/categorias teóricas de compreensão de uma dada realidade histórica.⁷⁵³

⁷⁵¹ Ver *Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930)*, artigo de Eivaldo Góis Junior publicado na *Revista Brasileira de Ciência e Esporte* de Campinas, V. 30, n. 2, p. 39-56, jan/2009.

⁷⁵² VEIGA, 2007, p. 265.

⁷⁵³ SCHUELER e MAGALDI, 2008, p. 34.

Para Schueler e Magaldi, por conseguinte, “o sentido da invenção republicana” consistiu, sobretudo, em “esquecer a experiência do Império”⁷⁵⁴. As autoras argumentam que este processo de esquecimento se deu de diversos modos. Quando os republicanos exaltavam o fato de constar na primeira Constituição da República, em 1891, a gratuidade da educação primária, em geral, omitiam o aspecto de que a Constituição de 1824 já estabelecia este princípio. Além disso, o critério de ser alfabetizado para exercer o direito de voto estabelecido pela Constituição republicana foi algo que a Reforma Eleitoral de 1881 já havia efetivado. A exaltação às diversas reformas educacionais ocorridas na Primeira República tinha como estratégia de esquecimento simplificar as reformais imperiais de modo a colocar nas sombras o seu respectivo *legado*.⁷⁵⁵

Ao argumentarem sobre “a educação na República que foi”, referência crítica a clássica abordagem de José Murilo de Carvalho em sua “República que não foi”, as autoras analisam “debates, disputas, projetos” naquela conjuntura. Ressaltaram uma visão crítica que se deve ter em relação à tão badalada reforma paulista de Caetano de Campos e seu corolário que foi o chamado “grupo escolar”. Isto porque, ao se colocar luz excessiva sobre as influências da referida reforma, perde-se as dimensões específicas dos processos ocorridos em outros lugares. Como afirmam as autoras, “é preciso compreender, por exemplo, as especificidades de processos em estados como Rio de Janeiro, Maranhão, Rio Grande do Norte, entre outros, que implantaram os grupos escolares, independentemente da participação dos paulistas”⁷⁵⁶.

Nesse sentido, as autoras destacaram, por exemplo, as chamadas “Escolas do Imperador”, na cidade do Rio de Janeiro, as quais, segundo elas, podem ser vistas com “elementos típicos de um quadro de modernidade pedagógica na cidade do Rio de Janeiro,

⁷⁵⁴ Idem, p. 37.

⁷⁵⁵ O legado que autoras se referem é constituído, de acordo com elas, do seguinte: “a difusão de novos métodos de ensino simultâneo, intuitivo (as lições de coisas) e de alfabetização (os métodos analíticos, que buscavam conciliar o ensino da leitura e da escrita); a propagação das bibliotecas escolares e a criação do Museu Pedagógico (1883); a expansão da iniciativa privada, dos colégios, escolas, cursos de preparatórios e de jardins-de-infância; o progressivo incremento da atuação de mulheres no magistério público e particular e o processo tenso de criação das Escolas Normais, como modelo de formação escolarizada de professores, coexistente e concorrente com os mecanismos tradicionais de formação pela prática; a realização das Conferências Pedagógicas de Professores da Corte, nos anos de 1870 e 1880, e a crescente participação do magistério na imprensa pedagógica e nos movimentos associativos; a transformação da cultura material da escola primária (mobiliários, livros, textos, mapas e globos, lousas e ardósias individuais, caixas econômicas escolares etc.); a efervescência do mercado editorial de livros didáticos; a constituição de novos espaços e temporalidades escolares, a partir da construção de prédios específicos para o ensino primário e a afirmação de uma arquitetura escolar moderna, com os “palácios escolares” da Corte imperial, edificadas nos anos de 1870 e 1880.” (SCHUELER e MAGALDI, 2008, p. 37-38).

⁷⁵⁶ Idem, p. 44.

num momento anterior ao advento da república”⁷⁵⁷. Uma dessas escolas, no caso a Escola de São Sebastião, teve seu nome modificado para Escola Benjamin Constant no ano de 1897, ano em que os grupos escolares passaram atuar na cidade. Esta operação é reveladora da estratégia de tentar dar outra roupagem para algo que foi criado no Império, mas que o projeto republicano buscou, de certo modo, apagar. Como explicam as autoras:

É digno de nota que o marco assinalado – e que contribuirá, mais uma vez, para uma dada cristalização da memória educacional republicana, como já vem sendo destacado nesse texto –, tendo como foco uma das escolas já existentes no período final no Império, não diga respeito a mudanças na dinâmica de sua vida escolar, e nem mesmo na arquitetura de seu prédio, mas à adoção de um novo nome, escolhido, sugestivamente, como homenagem a um líder político republicano. Remetendo-nos novamente ao personagem machadiano Conselheiro Aires, podemos interpretar essa situação segundo a idéia da “troca de roupa e não de pele”, o que nos sugere que as disputas referidas a projetos de escolarização e de construção da nação tenham sido, nesse caso, desconsideradas pela historiografia, em nome de uma memória que confere centralidade à “novidade” da institucionalidade republicana.⁷⁵⁸

Outras questões foram ressaltadas pelas autoras, a exemplo do papel da Liga Brasileira de Combate ao Analfabetismo, criada em 1915, assim como, a operação realizada pelos chamados reformadores da Escola Nova de se autodenominarem “pioneiros”, como se antes de 1920/30 não tivessem existido iniciativas relevantes em prol da educação primária. Nesse sentido, se valeram também da estratégia de tentar jogar no esquecimento os processos educativos que lhes antecederam. Foi neste cenário minimamente pinçado que o professor Hemetério José dos Santos se movimentou nas primeiras décadas da República. A seguir, busco olhar mais de perto para alguns dos seus movimentos.

5.2 – As experiências de Hemetério no campo educativo republicano: Colégio Militar, Escola Normal do Distrito Federal, Escola Normal Livre, *Pedagogium* e Imprensa Pedagógica.

Vou agora trazer ao primeiro plano algumas das experiências do professor Hemetério no *campo educativo* republicano. Nesse sentido, a noção de *campo* referido por Bordieu (1989), em seu clássico *Poder Simbólico*, me parece adequada para pensar o campo educativo ao qual Hemetério fez parte. Isto porque o referido campo foi palco de disputas, relações e

⁷⁵⁷ Idem, p. 44-45.

⁷⁵⁸ Idem, p. 45.

acordos entre agentes que ali atuaram em prol de validar e legitimar determinadas propostas e representações. Vale destacar também que, ao me referir à categoria de *representação*, não se pode deixar de considerar, por conseguinte, a abordagem da História Cultural pela via de Chartier (*O mundo como representação*, 1991), uma vez que o campo educativo ao qual me refiro foi cenário do que Chartier denominou de “lutas de representação”, e, como bem argumentou este historiador:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade.⁷⁵⁹

Hemetério José dos Santos foi um ator neste cenário, ao qual me refiro. Busco, então, a seguir, evidenciar alguns dos movimentos realizados pelo professor Hemetério no respectivo campo. Frente à grande quantidade de evidências encontradas, sobretudo, através da pesquisa que realizei no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, priorizei analisar suas experiências em sete momentos: Colégio Militar, Escola Normal do Distrito Federal, Escola Normal Livre, Outras escolas, *Pedagogium*, Conselho Superior de Instrução Pública e Imprensa Pedagógica. As duas primeiras são instituições públicas de grande prestígio na cidade do Rio de Janeiro e nas quais Hemetério se tornou professor catedrático. O terceiro e o quarto momento tratam de instituições privadas que muito contribuíram para estreitar as redes de sociabilidades do professor Hemetério. A quinta instituição pública, dentre outras coisas, foi lugar em que estreitou relação com Manuel Bonfim. A sexta, lugar de prestígio e de exercício de certo poder. E, por fim, o sétimo momento foi espaço de propagação de suas ideias e propostas pedagógicas.

⁷⁵⁹ CHARTIER, 1991, p. 183-184.

5.2.1 – Hemetério e o Colégio Militar



Figura 17: Foto da placa inaugurada em 2018 no Colégio Militar para homenagear o professor Hemetério José dos Santos.

Já foi informado, no capítulo segundo da tese, que a entrada de Hemetério no Colégio Militar (na época Imperial Colégio Militar) se deu no ano de 1889, meses antes da Proclamação da República, portanto, nos últimos suspiros do regime imperial. Na ocasião ele foi admitido como professor adjunto, uma espécie de professor auxiliar, apesar da experiência e formação adquirida no período do Império. Assim como os demais professores admitidos no colégio, Hemetério entrou pelo “notório saber” que ele conquistou e que era publicamente reconhecido por seus pares e imprensa da época. Como já assinalado, Lima Barreto deixou um registro em seu *Diário Íntimo* evidenciando que a entrada no colégio se deu também por insistência do próprio Hemetério. Possivelmente, os conhecimentos que ele tinha de professores e militares do colégio podem também ter contribuído nesse sentido. O fato concreto é que ele foi admitido para o corpo docente desta instituição educativa de prestígio na capital federal. Tornou-se professor catedrático e construiu uma longa história na instituição até a aposentadoria na década de 1930.

Como já argumentei no capítulo dois, foi, a meu ver, uma *jogada de mestre*, pois, se no Império o professor soube fazer da aproximação que tinha com o Colégio Pedro II um trunfo para o seu futuro profissional, na República, o fato de ter se tornado (apesar de civil) “professor-major” do Colégio Militar deu a ele uma qualificação e prestígio maior ainda. Qualificação que esteve associado ao seu nome através da imprensa e das propagandas da época. Vale ressaltar que a referida qualificação de “professor-major” foi também uma insistência dele próprio, que levou a reivindicação até a decisão favorável do Tribunal Militar, como assinalado no capítulo segundo. Além disso, o fato também da Academia Brasileira de Filologia ter sido criada no espaço do Colégio Militar e logo depois da sua morte, pode ter influenciado a inclusão do seu nome como um dos quarenta patronos desta Academia, para além da reconhecida competência que ele tinha desde o Império neste campo de saber.

Em meio a setenta e uma ocorrências, (destas, dezenove sobre o Colégio Militar) a primeira aparição do nome de Hemetério em relação a este colégio no *Almanak Laemmert (Administrativo, Mercantil e Industrial – 1891 a 1940)* foi no ano de 1891. Nesta ocasião, ele ainda aparece como professor adjunto⁷⁶⁰ vinculado ao “Curso preliminar”, também conhecido como curso primário ou de “adaptação”.

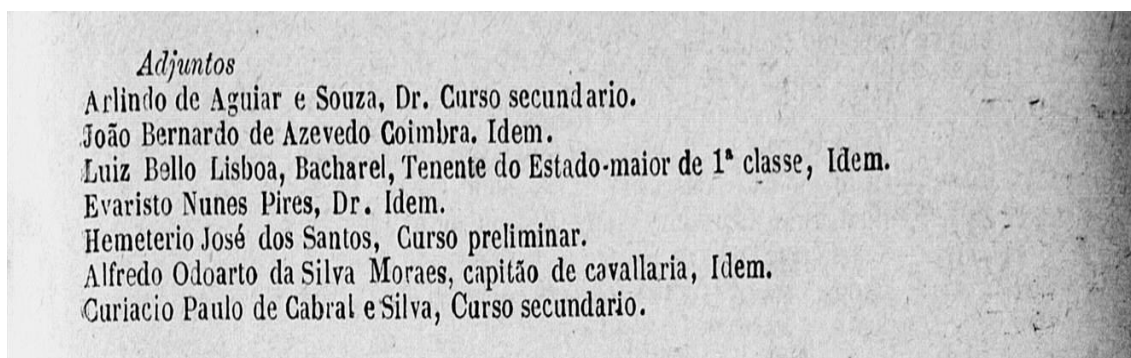


Figura 18: Professores adjuntos do Colégio Militar⁷⁶¹

Beatriz Costa e Cunha (2012), em sua tese sobre colégios militares (cujo objeto de pesquisa se refere à constituição dos Colégios Militares na primeira República e sobre o lugar da educação no projeto de modernização proposto pelos intelectuais do campo militar), assinala que o curso de adaptação estava voltado para “suprir as carências intelectuais dos alunos matriculados” no sentido de prepará-los a seguir o curso secundário.⁷⁶²

⁷⁶⁰ Observe que Hemetério é o único citado que não consta referência outra além do nome.

⁷⁶¹ *Almanak Laemmert*, edição C00048(1), 1891, p. 477.

⁷⁶² COSTA e CUNHA, 2012, p. 109-110.

Nesse sentido, a partir de 1892, os aprovados no referido curso ganhavam o direito de se matricular “no primeiro ano do Ginásio Nacional ou de qualquer outro instituto secundário da República”⁷⁶³. Houve quem tentasse extinguir o curso preliminar do Colégio Militar com o argumento de que diminuiria os custos e aumentaria a possibilidade de vagas para o curso secundário. Entretanto, de acordo com Beatriz, a proposta de extinção não teve êxito.

O *Almanak Laemmert*, neste ano de 1891 e em outros anos mais a frente, ao informar sobre o Colégio Militar, destaca a que se destinava o colégio e outras informações importantes:

Collegio Militar: “É destinado á instrucção e educação dos filhos e netos de officiaes de todas as classes do exercito e da armada e aos de praças mortas em combate; mas também recebe, mediante contribuição pecuniária, alumnos cujos pais pertença a qualquer outra classe social. Foi instalado a 6 de maio de 1889, e abertas as aulas, começando desde logo a funcionar as de geographia, arithmetica, portuguez, francez e desenho linear, assim como as de musica, gymnastica, natação e outras pertencentes á parte pratica do ensino. Tem 200 alumnos matriculados.” Rua S. Francisco Xavier, 21, edifício próprio. Dependente do Ministerio da Guerra. Creado pelo Decreto n 10202 de 9 de março de 1889. Reorganizado pelo Decr. 371 de 2 de maio de 1890.⁷⁶⁴

Percebe-se, pelas informações acima, que, apesar de se destinar prioritariamente a filhos e netos de militares, o colégio também abriu espaço para filhos de pessoas de “qualquer outra classe social”. No entanto, se observarmos a fotografia dos “primeiros alunos matriculados” em 1889 cujas imagens a pesquisadora Beatriz Costa e Cunha publica em sua tese na página 118, constata-se a ausência de alunos negros:

⁷⁶³ Idem.

⁷⁶⁴ *Almanak Laemmert*, edição C00048-1, 1891, p. 477.



Figura 19: Primeiros alunos do Colégio Militar matriculados no ano de 1889⁷⁶⁵ (Fonte: Museu do Colégio Militar do Rio de Janeiro)

O *Almanak Laemmert* também informa, na passagem anterior, a localização (a mesma até nos dias atuais com mudança apenas na numeração da rua), o ano e o mês de instalação do Colégio e as primeiras disciplinas ministradas. Vale lembrar, nesse sentido, que os professores admitidos foram aceitos em função do “notório saber”, não por concurso público.⁷⁶⁶

O *Almanak* também informou os valores a serem pagos e as exigências para que os estudantes fossem matriculados:

Os alumnos internos contribuintes pagarão, adiantado, de uma só vez, no acto da matricula, a joia de 50\$ e a pensão annual de 420\$, em quatro prestações. Os externos pagarão a joia de 30\$ e a pensão annual de 360\$, também em quatro prestações mensaes, quando os alumnos fôrem filhos de militares ou de empregados do Ministerio da Guerra e da Marinha. Serão obrigados também a fornecer o enxoval, que será annualmente renovado, de accordo com o regimento interno, ficando á cargo do collegio a lavagem e o engommado da roupa.⁷⁶⁷

Como se pode perceber acima, o colégio tinha a modalidade de internato e externato, e cobrava valores, pois a gratuidade só seria implementada posteriormente em função da Reforma de Benjamin Constant.

⁷⁶⁵ COSTA E CUNHA, 2012, p. 118.

⁷⁶⁶ COSTA E CUNHA, 2012, p. 112.

⁷⁶⁷ *Almanak Laemmert*, edição C00048-1, 1891, p. 478.

Na sequência das dezenove ocorrências do *Almanak Laemmert*, a primeira em que o professor Hemetério aparece como professor efetivo foi no curso secundário em 1893, ocasião em que ele ministrou a disciplina de Literatura Nacional:

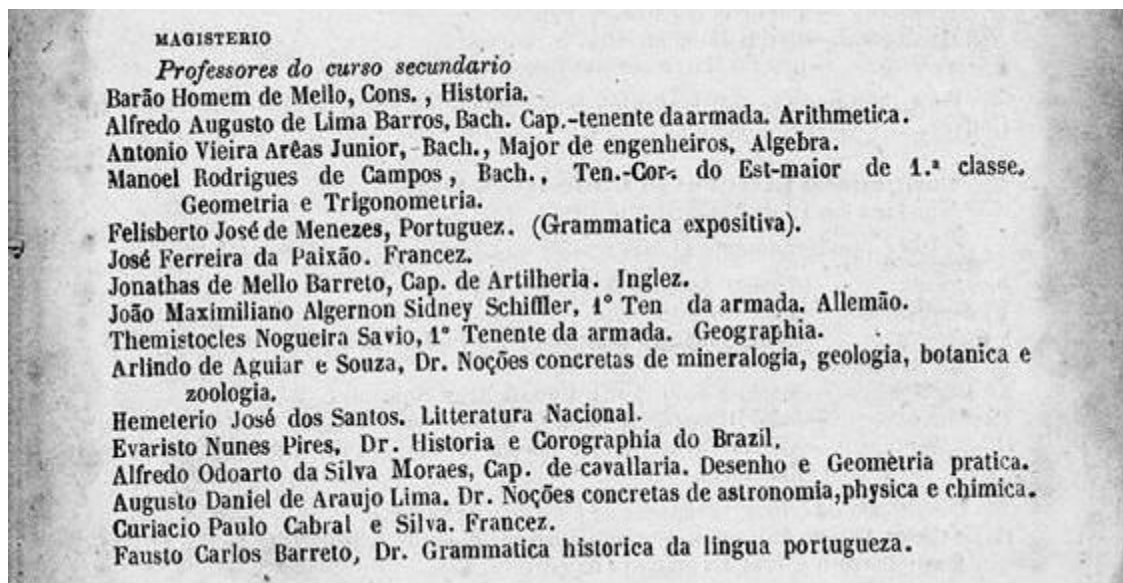


Figura 20: Professores do Curso Secundário do Colégio Militar⁷⁶⁸

Nesta mesma edição do *Almanak Laemmert* consta a informação da gratuidade, exceto para os “alumnos procedentes de outras classes sociaes”:

Collegio Militar: Tem por fim proporcionar á educação e instrucção, gratuitamente, aos filhos e primeiros netos dos officiaes effectivos e reformados do exercito e da armada, bem como aos filhos dos professores não militares do mesmo collegio e das escolas militares, e das praças de pret mortas em combate; e mediante contribuição pecuniaria, a alumnos procedentes de outras classes sociaes. É internato, mas admite o collegio alunos externos, comtanto que estes só se retirem do estabelecimento depois do findos os trabalhos theoricos e praticos do dia.⁷⁶⁹

De acordo com as informações do *Almanak Laemmert*, Hemetério permaneceu no curso secundário ministrando a disciplina de Literatura Nacional por alguns anos. Porém, o mesmo *Almanak* informa que, em 1906, houve o retorno de Hemetério ao curso primário (ou de adaptação), mas desta vez como professor catedrático. A partir de 1924 consta a informação de que passou a exercer no Colégio Militar a função de professor de Português. Aliás, o campo de saber relacionado à língua portuguesa era o ramo do conhecimento que Hemetério conhecia muito bem, o que o fez se envolver em debates e polêmicas ligados ao

⁷⁶⁸ *Almanak Laemmert*, edição A00050 -1, 1893, p. 1291.

⁷⁶⁹ Idem.

ensino desta disciplina. Isto ocorreu, por exemplo, no Colégio Militar. Beatriz Costa e Cunha destacou esta questão ao abordar sobre Hemetério em sua tese. A situação que a pesquisadora ressaltou se relaciona com a discussão que ocorrera no colégio a respeito da implementação de um novo programa de ensino para os anos de 1898 a 1900.

Hemetério propôs que fosse aumentada a carga horária do ensino do Português nos cursos da escola que, segundo ele, “estava muito aquém de outros estabelecimentos de ensino no tocante ao modo porque nele é estudada a língua nacional, ensino que lhe parece necessitar de maior amplitude”⁷⁷⁰. Dois irmãos, Alexandre Barreto e Fausto Barreto, que também eram professores de português do colégio, discordaram da proposta de Hemetério e saíram em defesa do modo como o Português era ensinado até então. Beatriz identificou aí uma “disputa entre os professores dessa cadeira”. Disputa essa que também se traduziu na gramática que deveria ser usada no curso preliminar do colégio, uma vez que os irmãos Barreto não queriam admitir o uso da gramática escrita pelo professor Hemetério, por ser, segundo um dos irmãos, “um veneno para o cérebro infantil dos jovens alunos do Colégio Militar”⁷⁷¹. A Congregação rejeitou o aumento da carga horária de português proposta por Hemetério, mas, em relação à gramática, “a obra foi adotada, com ressalvas”⁷⁷².

Em outro momento, no ano de 1913, quando Alexandre Barreto era comandante do Colégio Militar, este fez uma repreensão ao professor Hemetério por ele ter feito um discurso contra “a reforma de 1913” na presença de Hermes da Fonseca (presidente da República), do ministro da Guerra e do chefe do Estado Maior. Autoridades máximas do Exército e do país. Em outras ocasiões, autoridades do mesmo tipo se dispuseram a ouvir o professor Hemetério discursar, a exemplo da conferência que o professor proferiu em 1892 na Escola Normal. Dentre os jornais que informaram sobre a realização da referida conferência, o jornal *O Tempo*, em 21 de julho de 1892, noticiou o seguinte:

Com assistencia do Sr. marechal vice-presidente da Republica, sábbado, 23 do corrente, realiza na escola normal ás 7 horas da noite, o professor Hemeterio dos Santos, uma conferencia pedagogica sobre a organização do ensino primário na capital e o collegio militar.⁷⁷³

O “vice-presidente” ao qual o jornal se refere é o Marechal Floriano Peixoto. No dia da respectiva conferência, o *Diário de Notícias* também divulgou sobre o evento: “É hoje, às 7 horas da noite, na Escola Normal, a conferencia publica do professor Hemeterio José dos

⁷⁷⁰ COSTA E CUNHA, 2012, p. 136-137.

⁷⁷¹ Idem, p. 137.

⁷⁷² Idem.

⁷⁷³ *O Tempo*, 21.07. 1892, edição 00421(1), p. 1.

Santos, sobre a organização do ensino primario na capital e Collegio Militar, á qual assistirá o sr. marechal vice-presidente da Republica”⁷⁷⁴.

No dia seguinte à conferência, o jornal *O Tempo* publicou uma notícia que informa a respeito do público presente que assistiu o professor Hemetério discursar. De acordo com o jornal, estavam presentes na conferência de Hemetério “o marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da República, Dr. Porciuncula, governador do estado do Rio, inspector geral da instrução publica, inspetores escolares, professores públicos, particulares e municipaes, grande numero de alumnos da escola normal e pessoas gradas”⁷⁷⁵.

Não tive acesso ao conteúdo da conferência, entretanto, as abordagens de Hemetério sobre o ensino primário e o Colégio Militar repercutiram de modo que ele achou necessário responder publicamente interpretações e visões equivocadas de determinados periódicos⁷⁷⁶ em relação ao que ele discursou. Nesse sentido, através de alguns textos que o professor Hemetério publicou no jornal *O Tempo* após a realização da conferência na Escola Normal é possível, no entanto, inferir algumas temáticas por ele ressaltadas, dentre as quais, a importância que ele atribuía ao Colégio Militar, sobretudo, o curso preliminar do referido colégio.

O primeiro texto foi publicado em 26 de julho de 1892, com o título “Conferencia Publica”⁷⁷⁷, três dias depois da palestra do professor. Ele começa assinalando a informação equivocada do jornalista que cobriu o evento pelo periódico *Figaro*: “O *Figaro* foi mal informado pelo seu reporter, a respeito da conferencia publica que, sabbado, fiz na Escola Normal, honrado com a presença do chefe da Republica”, escreve Hemetério. Aqui já começamos a identificar uma divergência importante em relação às notícias que divulgaram a realização da conferência e que foram destacadas anteriormente. Quer dizer, enquanto os jornais citados identificam Floriano Peixoto como “vice-presidente”, Hemetério o define como o “chefe da Republica”. A divergência, no entanto, talvez se relacione com o conturbado clima político da época após a renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca, em 23 de novembro de 1891. Como se sabe, o período foi conturbado: estado de sítio, Revolta da Armada, greve dos Ferroviários, guerras civis no Sul e a polarização política entre os “deodoristas” contra os “florianistas”.⁷⁷⁸ Nesse sentido, em que pese à atuação das forças

⁷⁷⁴ *Diário de Notícias*, 23.07.1892, edição 02567(1), p. 1.

⁷⁷⁵ *O Tempo*, edição 00424(1), 24.07.1892, p. 2.

⁷⁷⁶ Os periódicos “Figaro” e “Novidades” são citados por Hemetério. No entanto, não consegui encontrar o que foi publicado pelos respectivos jornais a respeito da conferência do professor.

⁷⁷⁷ *O Tempo*, 26.07.1892, edição 00426(1), p. 2 e 3.

⁷⁷⁸ Ver verbete “PEIXOTO, Floriano”, de Renato Lemos, disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEIXOTO.%20Floriano.pdf>. Último acesso em 09.06.2018.

políticas contrárias à posse de Floriano (que se deu no mesmo dia em que Deodoro renunciou), este era de fato o presidente da República. Por que os referidos jornais ainda o consideravam “vice-presidente”? Uma pergunta que se coloca. Hemetério, por sua vez, afirmava o que correspondia à realidade institucional da época, ou seja, que Floriano era o presidente da República. Com esta afirmação talvez estivesse deixando crer de qual lado se colocava.

O texto prossegue, e Hemetério anuncia as duras críticas que fez à situação do ensino público na capital: “Em face da anarchia que reina no ensino publico, quer primario, quer secundario, a minha linguagem não podia deixar de ser enérgica, vibrante e nua como espada que fere. A’ males grandes, rubros cautérios; foi o que fiz. Mas, dahi para insultar, vai um abysmo”. Como se lê, Hemetério entende o quadro do ensino público primário e secundário em estado de “anarchia”. A anarquia à qual o professor se refere me parece ligar-se ao sentido de desordem e falta de direcionamento e condições de trabalho. Sua escrita, portanto, ataca aqueles que estariam no comando da Diretoria de Instrução Pública naquele ano de 1892. Depois, o professor esclarece que, em face do quadro anárquico do ensino público (a seu juízo), teve que usar uma linguagem “enérgica” de modo a “tocar o dedo na ferida”, contudo, sem ofender a ninguém, como parece ter sido o tom usado pelo periódico *Figaro*. Em seguida, o professor elenca diversos pontos de críticas que teriam sido assinaladas por ele na conferência, mas que O *Figaro* se aproveitou para “lançar insultos gratuitos a alguns cidadãos”(grifo de Hemetério), sob protestos do professor.

Um detalhe na passagem que foi destacada no início do parágrafo deve ser ressaltado: a comparação feita pelo professor, que comparou a sua “linguagem” a uma arma militar da época, ou seja, “como espada que fere”. Esta alusão ao objeto militar (espada) se coaduna com o argumento que ele buscou sustentar neste e em outros textos publicados, ou seja, a ideia de fazer do Colégio Militar um exemplo a ser seguido como modelo de ensino para solucionar a desordem do ensino primário e secundário criticado por ele. Em outras palavras, ele se ancorava no prestígio do colégio e na sua experiência docente no Colégio Militar para lançar suas críticas e denúncias; como a afirmação de que, enquanto no Colégio Militar “os pequenos” tem três refeições, nas outras escolas “se decreta a *miseria* (grifo de Hemetério) dos organismos infantis”, pois os mesmos ficam de “9 horas da manhã até às 3 e pouco da tarde, tendo, pobres crianças, tomado apenas ligeira refeição”. Mas a alusão ao objeto “espada” também pode ser mais um indício do seu possível “florianismo”, pois, além da presença do Marechal Floriano em sua conferência, sabe-se da clássica frase de Floriano de querer instalar o “governo da espada” para botar “ordem” no país. Para Hemetério, a “espada”

era o “Colégio Militar”, visto por ele como modelo a ser seguido para colocar “ordem” no ensino público.

Outras questões foram lançadas por Hemetério no texto, dentre estas, o fato dos “direitos sagrados” dos pobres estarem sendo afetados pela “babel que vai no ensino publico primario, secundario e normal”. Percebe-se que o uso do termo “babel” expressaria, a seu juízo, o grau de confusão dos referidos ensinos.

Depois de usar palavra que exaltava o presidente da República (“o venerando Marechal Floriano Peixoto”) por este ter criado colégio modelo⁷⁷⁹ “qual o *Collegio Militar* (grifo de Hemetério)”, o professor (futuro candidato a intendente municipal)⁷⁸⁰ finaliza o texto destacando: por um lado, o que, segundo ele, o periódico *Figaro* não mencionara; por outro, a publicação de “artigos pedagógicos” em defesa dos pobres:

Não disse o *Figaro* que eu immediatamente recebi, na secretaria da Escola Normal, uma comissão de quarenta senhoras que me foram agradecer o interesse expontaneo que tomava eu pela sorte dos infelizes; que o chefe do Estado e o mais humilde cidadão que ali se achava me felicitaram pela hombridade de caracter na exposição de minhas idéas... Porque? § Começarei amanhã uma serie de artigos pedagogicos. Tratarei dos interesses dos pobres, com os quaes sempre estarei, não os abandonando na hora das vicissitudes. Hemeterio José dos Santos.⁷⁸¹

Percebe-se que a “escrita de si” de Hemetério é de autovalorização (“hombridade de caracter na exposição de minhas idéas”). Além disso, na hipótese que de fato recebera “uma comissão de quarenta senhoras” que lhe fora agradecer pela palestra, revela, possivelmente, que sejam professoras primárias (incluindo sua própria esposa Rufina), suas aliadas na defesa de um ensino público mais adequado para “os pobres”. Ao final, ele assume a defesa deste segmento social, posição esta que se manifesta em outros de seus textos.

O próximo texto a ser referido aqui foi divulgado na coluna “Pelos Escolas...” cujo conteúdo o professor Hemetério publicou no jornal *O Tempo* por dois meses (julho e agosto), no ano de 1892. Neste texto, ele volta a se referir à conferência que fez na Escola Normal. Como já informado, a respectiva conferência deu o que falar e Hemetério teve que lidar com as críticas recebidas.

⁷⁷⁹ Esta menção de Hemetério pode estar relacionada com os debates ocorridos no campo militar a respeito da expansão (ou não) dos colégios militares, um dos temas centrais da tese da pesquisadora Beatriz Costa e Cunha (2012).

⁷⁸⁰ Esta questão será tratada no ponto referente às experiências de Hemetério no campo político.

⁷⁸¹ *O Tempo*, 26.07.1892, edição 00426(1).

O extenso texto foi publicado em 30 de julho de 1892 (edição 00430, p. 1) e versou sobre o tema da “educação cívica”. Hemetério se posicionou contrário à educação para as crianças no que diz respeito aos temas “cívicos” que se fundamentassem em assuntos ligados à política. Nesse sentido, citando autores estrangeiros, ele fez críticas aos modelos pedagógicos francês e americano por se pautarem na perspectiva de proporcionar às crianças contatos com fatos políticos que, a seu ver, tais estudantes não teriam a maturidade para compreender sem incorrer “um serio risco para o futuro da geração”.⁷⁸² Hemetério já teria tratado deste assunto na conferência da Escola Normal, como deixa a entender na passagem destacada por ele: “Foi contra este modo de encarar a educação civica, já reprovado na França, desde á legislativa, já condemnado pelos publicistas, a respeito dos Estados Unidos, que protestei na conferencia de 23 do corrente”⁷⁸³. Depois de se referir a autores de fora do país, Hemetério prepara o caminho para inserir no texto fatos nacionais: “Para que recorrer-me a escriptores estrangeiros? Aqui mesmo, nós temos um facto bem proximo e que dolorosamente feriu aos que cogitam do problema da educação”⁷⁸⁴. É partir deste momento que o professor se apoia em um relato curioso relacionado à família real para sustentar seu argumento:

Corria o anno...; era no tempo do ultimo governo do barão de Cotegipe. Toda a nação era abolicionista, e se batia com esse venerando estadista que apenas se illudia, julgando ainda não chegada a hora da redempção da raça que, com seu sangue, fundára o Brazil economicamente e ethnicamente. Todos eram abolicionistas, mas todos ficaram dolorosamente feridos quando souberam que os meninos da familia imperante fundaram um jornal, - O CORREIO IMPERIAL – e dahi, sem respeito a um passado todo de sacrificios pela causa da Patria, se atacava o velho servidor, cançado, doente, molestado e já inclinado, pela força dos anos, á borda da sepultura! Todos eram abolicionistas, pois que todos eram brasileiros; mas todos, inclusive a familia que então governava os nossos destinos, sentiram-se acabrunhados pela perversão que um educador lançava em cerebros ainda não dirigidos no mar das paixões politicas. É por isso que eu condemno a educação civica assim dada. Só pela língua, verdadeiro estandarte de uma nação, é que se deve dirigir a educação dos nossos filhos. Livros apropriados, o nosso folklore, como na Allemanha se faz, vinculam nos seus corações o amor sagrado da Patria, e planta-lhe, incute-lhe o ideal unico por onde se eleva um povo livre e democrata.⁷⁸⁵

A passagem acima evidencia um traço que acompanhou Hemetério até sua morte, relacionado à defesa da tradição e do passado da nação. Como em outros de seus textos, o

⁷⁸² *O Tempo*, 30.07.1892, edição 00430, p. 1.

⁷⁸³ Idem.

⁷⁸⁴ Idem.

⁷⁸⁵ Idem.

negro é entendido como aquele que “fundára o Brasil economicamente e ethnicamente”. Mesmo se posicionando como republicano, como veremos mais a frente ao tratar das experiências dele no campo político, a passagem também evidencia sua reverência e respeitabilidade pelo monarca, definido por ele de o “velho servidor”. Portanto, a postura moderada e conciliatória é outro traço que se evidencia. A defesa do ensino da língua (“verdadeiro estandarte de uma nação”), neste caso, a língua portuguesa, é outra constante em suas ideias. Mas o melhor (ou pior) está por vir na sequência do texto, quando Hemetério transmite a ideia de que a solução para se evitar uma educação cívica influenciada pelas “paixões políticas” é seguir o modelo da “organização miliar” e, por conseguinte, ter o Colégio Militar como parâmetro pedagógico a ser seguido pelas demais escolas:

Sejam uma realidade os batalhões escolares, e só pela organização militar, unica que resiste á anarchia que lavra, não o Brazil só, mas o mundo inteiro, se pode educar, impavida, nobre, altiva a geração que nos ha de suceder. Faça-se de cada cidadão um soldado, e de cada soldado um cidadão. Assim se fez e assim se faz no collegio militar, cuja organização do ensino primario há de ser em breve tempo, o typo da capital. Hemeterio J. dos Santos.⁷⁸⁶

Desta feita, percebe-se a ambiguidade da abordagem de Hemetério, que procura argumentar no texto uma postura contrária à educação cívica pautada na política, e termina o mesmo texto com a frase clássica da ideologia do “soldado-cidadão” (“Faça-se de cada cidadão um soldado, e de cada soldado um cidadão”), que esteve no cerne do processo relacionado ao tema da “politização dos militares”, tema este que fez parte das análises da pesquisadora Beatriz Costa e Cunha (2012), em sua tese já referida.

Pautada numa bibliografia clássica que, segundo Beatriz, “confirma o protagonismo dos militares como atores políticos nos anos iniciais, principalmente no golpe que conduziu ao fim da monarquia”⁷⁸⁷, a autora argumenta ser o Exército, nos primeiros anos da República, “única instituição verdadeiramente nacional” que veio a se consolidar, naqueles anos, como “formador de cidadãos” e “mantenedor da unidade territorial”⁷⁸⁸. Isto, no entanto, não pode ser visto como resultado de uma suposta “homogeneidade” da instituição, à medida que, de acordo com a autora, o quadro era de “instabilidade” e nem sempre o consenso se instituiu.⁷⁸⁹

⁷⁸⁶ Idem.

⁷⁸⁷ COSTA e CUNHA, 2012, p. 28.

⁷⁸⁸ Idem.

⁷⁸⁹ Nesse sentido, afirma Beatriz Costa e Cunha: “Em relação às Forças Armadas, existiam concepções divergentes, no seio da oficialidade do Exército, a respeito do papel dos militares na nova ordem instituída, do lugar que ocupariam na sociedade política e acerca dos rumos do seu próprio processo modernizante e o do país (...). Constatou-se que, longe de formar um grupo coeso e homogêneo, as Forças Armadas abrigavam profundas

A própria noção de “soldado-cidadão” se modificara. Surgida no Império e associada à ideia de “insubmissão”, veio a se transformar posteriormente, de modo que, no período de Floriano Peixoto este “teria sido quem melhor encarnou a noção de cidadão armado”, sobretudo, por veicular “que seria o governo da espada” o responsável pela “purificação” da sociedade corrompida.⁷⁹⁰

Na passagem anteriormente citada, o jogo de palavras feito por Hemetério de propor que cada cidadão fosse um soldado e “cada soldado um cidadão” se insere em seu projeto de ver o ensino ministrado no Colégio Militar como modelo e parâmetro (“o typo da capital”) a ser instituído no Distrito Federal. Este tipo de abordagem o fez receber a crítica de que estaria defendendo o “militarismo” e, nesse sentido, a referida crítica parece ter o incomodado, ao ponto de ele buscar respondê-la no texto que ele publicara em 05 de agosto de 1892, na coluna “Pelas Escolas” do jornal o *Tempo*. Antes, porém, Hemetério publicou em 2 de agosto, na referida coluna, um artigo que, dentre outras coisas, volta a denunciar o que escreveu como “acto deshumano e anti-científico”. Ao mesmo tempo afirma ser “um atentado contra o futuro do Patria”, o que ocorria no ensino da época de colocar “meninos de sete a oito anos nas classes, desde 9 horas da manhã, até às 3 horas da tarde”. Escreve, então, o professor:

Quando querem todos que os operarios trabalhem oito horas diarias, como impor seis longas horas de escola a uma criança de sete e oito annos de idade? Sahindo de suas casas, pelas oito horas da manhã, apenas com uma chicara de café e pão, voltando pelas tres e meia da tarde, essas pobres crianças sentem que se lhes arruina a saude, e dahi a mortandade pelas febres, como o accusa o obituario desta cidade, relativamente uma das mais saudaveis do globo.⁷⁹¹

Hemetério, então, elenca diversos problemas de saúde que tais crianças estavam sujeitas a sofrer: dentre estas, os problemas dentários. Hemetério apresenta também argumentos para provar que o aprendizado da escrita e da leitura exigem esforços para as crianças e que este estado de coisas complica mais ainda o respectivo aprendizado⁷⁹². Em

diferenças que permaneceriam, ao menos na primeira fase republicana.” (COSTA e CUNHA, 2012, p. 30). Na sequência, a autora ressaltou “a rivalidade entre o Exército e a Marinha”: “enquanto o Exército tinha sido ator fundamental para a implantação do novo regime, a Armada, cuja oficialidade desfrutara de prestígio desde o início do período imperial, era vista como ligada à Monarquia”. (COSTA e CUNHA, 2012, p. 30-31).

⁷⁹⁰ COSTA e CUNHA, 2012, p. 29.

⁷⁹¹ *O Tempo*, 02.08.1892, edição 00433, p. 1.

⁷⁹² Um ano depois, em 1893, Hemetério volta a denunciar este problema de as crianças ficarem nas escolas mais de seis horas sem se alimentar. Desta vez, ele se apoia na opinião de um importante médico da época, o Dr. Benjamin da Rocha Faria. Ao ser questionado pelo professor a respeito dos problemas de saúde que as crianças poderiam sofrer se continuassem a ficar nas escolas sem se alimentar durante várias horas, este respondeu de forma didática ao professor, respaldando a denúncia de Hemetério. A resposta do médico Rocha Faria foi publicada no jornal *O Paiz* em 08 de julho de 1893 (edição 04078(1), p. 1).

resposta a um “distinto professor” chamado Sr. Velho da Silva, Hemetério volta a se referir à conferência do dia 23 de julho na Escola Normal:

Aproveito a ocasião para tornar bem patente o que a respeito disse na conferencia de 23, tão calumniada por interesses chocados e contrariados. Então disse eu, que no momento actual, sem professores normalistas, não tínhamos outra sahida senão aproveitarmos os distintos professores do 2º grau com outros que fossem escolhidos no ensino das materias accrescidas no ensino publico primario. O modelo ahi esta no collegio militar – no seu curso de adaptação.⁷⁹³

Como se vê, ele volta a reafirmar que o Colégio Militar é o modelo a ser seguido, sobretudo, o “seu curso de adaptação”, ao qual o professor fazia parte. No artigo seguinte, em 05 de agosto, Hemetério se debruça na tarefa de dar explicações ao porquê do seu entendimento de considerar o Colégio Militar como modelo de ensino, ao mesmo tempo em que rebate as críticas recebidas de que estaria defendendo o “militarismo”. No percurso escolhido para fundamentar seus argumentos, Hemetério recorre a fatos do passado e direciona sua crítica à Reforma de Benjamin Constant e ao *positivismo*.

O artigo se inicia em resposta ao periódico *Novidades*: “Devemos uma resposta ao *Novidades*, e será esta uma rapida e ligeira explicação sobre o collegio militar”⁷⁹⁴. A resposta em si não foi tão rápida nem tão ligeira. A primeira parte do texto foi reservada para tecer críticas à organização e ao funcionamento do ensino primário, qualificado por Hemetério de “hypocrisia de ensino”, que, segundo ele, deveria ser “extirpado”. Em seguida, apresenta o seguinte argumento:

Nós não vimos ao publico defender a organização do collegio militar, que aliás possui exemplar modelo de instrucção primaria, ministrada por um corpo docente não só distincto mas de mecanismo simples, por isso que cada instituidor professa a matéria em que a opinião publica o julga estreme de qualquer censura. O curso geral de adaptação desse collegio prepara o menino a preencher, numa cidade commercial, industrial e burocratica como a nossa, todas as funções que exigem boa e equilibrada educação intellectual. Não sendo uma casa de educação professional, e sim um estabelecimento de instrucção, na vasta força do termo, não proporciona o ensino de artes liberaes. Comtudo a musica, volcal e instrumental, o desenho em todos os seus multiplos desenvolvimentos, são materiais que muito auxiliam os que as sabem, com rigor e immediata applicação. Quanto ao curso secundario, outro tanto não diremos, pois lhe faltam as bases do latim e do grego. Por preconizarmos a organização do collegio como um corpo que nos substituirá amanhã nos encargos publicos, pregamos o militarismo?

⁷⁹³ *O Tempo*, 02.08.1892, edição 00433, p. 1.

⁷⁹⁴ *O Tempo*, 05.08.1892, edição B00434(1), p. 1.

Que militarismo? É cousa que não conhecemos. O Sr. J. M. Pereira da Silva, Plutarco Brasileiro, obra oferecida ao imperador D. Pedro II, dá-nos a entender que semelhante cousa nunca tivemos, e nem havemos de ter entre nós.⁷⁹⁵

O argumento que o professor Hemetério apresenta na passagem anterior consiste em justificar porque ele considera “exemplar” o “modelo de instrução primaria” do Colégio Militar. É em função deste carácter, de ser um “exemplo” de organização de ensino (de acordo com os critérios que o professor valoriza) que o professor propõe às demais escolas seguirem o respectivo modelo. Mas qual seria este modelo? Em outro texto, ele já informara que, enquanto as crianças nas outras escolas ficam de 9h às 15h com apenas uma refeição, situação que contribui contra a saúde das mesmas, no Colégio Militar os estudantes faziam três refeições. No texto de 05 de agosto de 1892, Hemetério informa sobre aspectos que fazem parte da organização do Colégio Militar no que diz respeito ao curso de “adaptação”, como o fato de preparar “intelectualmente” o estudante para assumir funções “numa cidade commercial, industrial e burocrática” como a do Rio de Janeiro. Além disso, o colégio investe no ensino da música e do desenho.

Percebe-se uma crítica ao curso secundário do colégio por este não trabalhar “as bases do latim e do grego”. E apresenta duas questões. A primeira, se pergunta se ao preconizar “a organização do collegio como um corpo que nos substituirá amanhã nos encargos públicos” significa pregar o “militarismo”, em função de ser o Colégio Militar o colégio em questão; a outra, Hemetério questiona: “Que militarismo” é este? A partir destas duas questões, o professor refuta, no decorrer do texto, a crítica que lhe foi feita em relação à pregação do militarismo em face de defender o Colégio Militar. Mas na passagem ele mesmo já antecipa seu posicionamento: “É cousa que não conhecemos” e “nem havemos de ter entre nós”. Hemetério se apoia na obra do historiador e escritor João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)⁷⁹⁶, *Plutarco Brasileiro* (clássico com várias biografias e publicado em 1847), para dar início a sua refutação. De acordo com o professor, em relação ao *militarismo*, a respectiva obra “dá-nos a entender que semelhante cousa nunca tivemos”⁷⁹⁷. Depois de destacar eventos

⁷⁹⁵ Idem.

⁷⁹⁶ Articulando “escrita biográfica” e “imaginação histórica”, a partir das obras de João Manuel Pereira da Silva, Rafael Terra Dall’agnol (2017), na dissertação *Biografar, Imaginar, Escrever: Escrita Biográfica e Imagem Histórica em Pereira da Silva*, estudou o referido historiador, com destaque para a obra *Plutarco Brasileiro*, obra constituída de diversas biografias. De acordo com o pesquisador Rafael Terra, “biografia” e “história”, na referida obra de Pereira da Silva, são manejadas no sentido de tratar da “questão nacional”, de modo que “a elas é conferido o papel de narrar a história da nação”, temática comum ao período imperial (DALL’AGNOL, 2017, p. 39-40).

⁷⁹⁷ *O Tempo*, 05.08.1892, edição B00434(1), p. 1.

históricos do passado imperial⁷⁹⁸ Hemetério afirma: “Não ha militarismo na nação; e nem militarismo se plantou na moderna organização do collegio militar”⁷⁹⁹. Seu passo seguinte foi atacar o regulamento do colégio de 1890, assinado pelo “patriarca da Republica”:

Seu regulamento, aprovado pelo decreto n. 371 de 2 de maio de 1890 e assignado pelo patriarca da Republica, é que obrigava os alumnos gratuitos á prestação de serviço militar. O novo regulamento, aprovado pelo decreto n. 750 A de 2 de março de 1892, acabou com essa iniqua e vexatoria exigencia, por não ser equitativa, e por ser immoral.⁸⁰⁰

Hemetério deixou, para o final do texto, o destaque sobre dois posicionamentos que, a meu ver, merecem ser mencionados. O primeiro diz respeito à defesa que ele faz do “direito” em detrimento da “força”: “Nós não precisamos pregar o horror pelo predomínio da força sobre o direito, porque ella não tem ostensivo representante entre nós”⁸⁰¹. O segundo, seu ataque bem direto ao *positivismo*:

Ha um só inimigo que todos devemos atacal-o de todos os lados, porque ele tem entrado manso pelas nossas escolas. Este inimigo é o positivismo, sem sciencia, sem educação classica, tolo e balofo que em opposição ao art. 72, § 6º da constituição tem penetrado as nossas aulas. Esse inimigo é aquelle que no seu catechismo pretende evangelisar, destruindo-nos, que – *la notion de droit doit disparaître du domaine politique comme la notion de cause du domaine philosophique...Ainsi, les droits quelconques supposent nécessairement une source surnaturelle, qui peul seule les soustraire á la discussion humaine* (grifo de Hemetério)⁸⁰². É esse o inimigo. A nação que o mate.⁸⁰³

O artigo 72 da Constituição de 1891, citado acima pelo professor Hemetério, informa que “a Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade

⁷⁹⁸ Dentre outras coisas, ao se referir ao tempo do Império, o professor, por um lado, frisou “a impopularidade de Pedro I” e “o seu character violento e cavalheiresco”; por outro, exaltou a atuação do Duque de Caxias, visto como “a molecula, a força cohesiva que nos entregou a Patria unida, forte e cheia de tradições gloriosas”. Este movimento do professor, de ir ao passado imperial para buscar respostas a determinadas questões presentes na República, revela um aspecto bem peculiar do seu pensamento. Ao mesmo tempo em que apresenta elementos de aproximação com os republicanos, também não rompe de modo absoluto com os monarquistas. A abordagem dele sobre o papel do Duque de Caxias é revelador, nesse sentido. Exalta o patrono da força militar que teve papel central no surgimento da República. Mas o que destaca de Caxias é sua atuação exercida sob a ordem do poder monárquico, que manteve a nação “unida” e “cheia de tradições gloriosas”, tradições estas valorizadas pelos monarquistas.

⁷⁹⁹ *O Tempo*, 05.08.1892, edição B00434(1), p. 1.

⁸⁰⁰ *Idem*.

⁸⁰¹ *Idem*.

⁸⁰² Tradução livre do trecho: “a noção de direito deve desaparecer do domínio político como a noção de causa do domínio filosófico, de modo que quaisquer direitos pressupõem necessariamente uma fonte sobrenatural, que só pode excluí-los da discussão humana”.

⁸⁰³ *O Tempo*, 05.08.1892, edição B00434(1), p. 1.

dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade”. Em seu parágrafo sexto, consta que “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos”⁸⁰⁴. Em face disso, evidencia-se que o alvo de Hemetério é a *Igreja Positivista*, mais precisamente, o *Apostolado Positivista*. Apostolado este em que alguns dos seus integrantes exerceram influência no campo educacional e político da época⁸⁰⁵. Em outro artigo publicado no jornal *O Tempo* (edição 00447, 18.08.1892, p. 1), Hemetério explicita mais uma vez seu ataque ao Apostolado Positivista: “Este governo, em face da lei fundamental, deve fazer arrancar do estandarte nacional a divisa *Ordem e Progresso* (grifo de Hemetério) que por proposta do Apostolado do Brazil, e segundo as indicações de Augusto Comte, por ser ella o resumo da politica dictatorial, foi ahi lançada em facha, attentando assim contra a liberdade de consciência da nação inteira!”.

A participação de Hemetério no Colégio Militar também recebeu a atenção de alguns periódicos. A nomeação do professor para o curso secundário do colégio na disciplina de Literatura Nacional foi informada pelo *Gazeta de Noticias* em 05 de março de 1892 (edição 00065, p. 1). A aula inaugural do professor na referida disciplina para o ano de 1894 foi noticiada pelo mesmo *Gazeta de Noticias*: “Inaugura-se hoje, ás 10 ½ horas da manhã, no Collegio Militar, a aula de litteratura nacional, pelo respectivo professor, o Sr. Hemetério José dos Santos”⁸⁰⁶. No mesmo ano de 1894, a *Revista Ilustrada* divulgou a realização de uma festa de conclusão de curso no Colégio Militar em que Hemetério discursou como paraninfo da turma dos formandos daquele ano. Em 14 de fevereiro de 1897, o *Jornal do Commwecio* divulgou evento semelhante em que o professor Hemetério falou como paraninfo dos formandos.⁸⁰⁷ Já no dia 10 de abril de 1906, *O Paiz* publica matéria (edição 07859(1), p. 2) também referente a uma festa ocorrida no colégio em que divulga as fotos de alguns dos seus professores, dentre estes, Hemetério José dos Santos, o único professor negro, como se vê ao centro na imagem a seguir:

⁸⁰⁴ Constituição brasileira de 1891, disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35081-24-fevereiro-1891-532699-publicacaooriginal-15017-pl.html> - Último acesso em 18.06.2018.

⁸⁰⁵ Ver artigo de João Carlos da Silva, *Pesquisa historiográfica em educação: o Apostolado Positivista do Brasil e a Instrução Pública no Brasil*.

Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Joao_Carlos_da_Silva_artigo.pdf Último acesso em 18.06.2018.

⁸⁰⁶ *Gazeta de Noticias*, 28.05.1894, edição 00146 (1), p.1.

⁸⁰⁷ *Jornal do Commwecio*, 14.02.1897, edição 00045(1), p. 3.

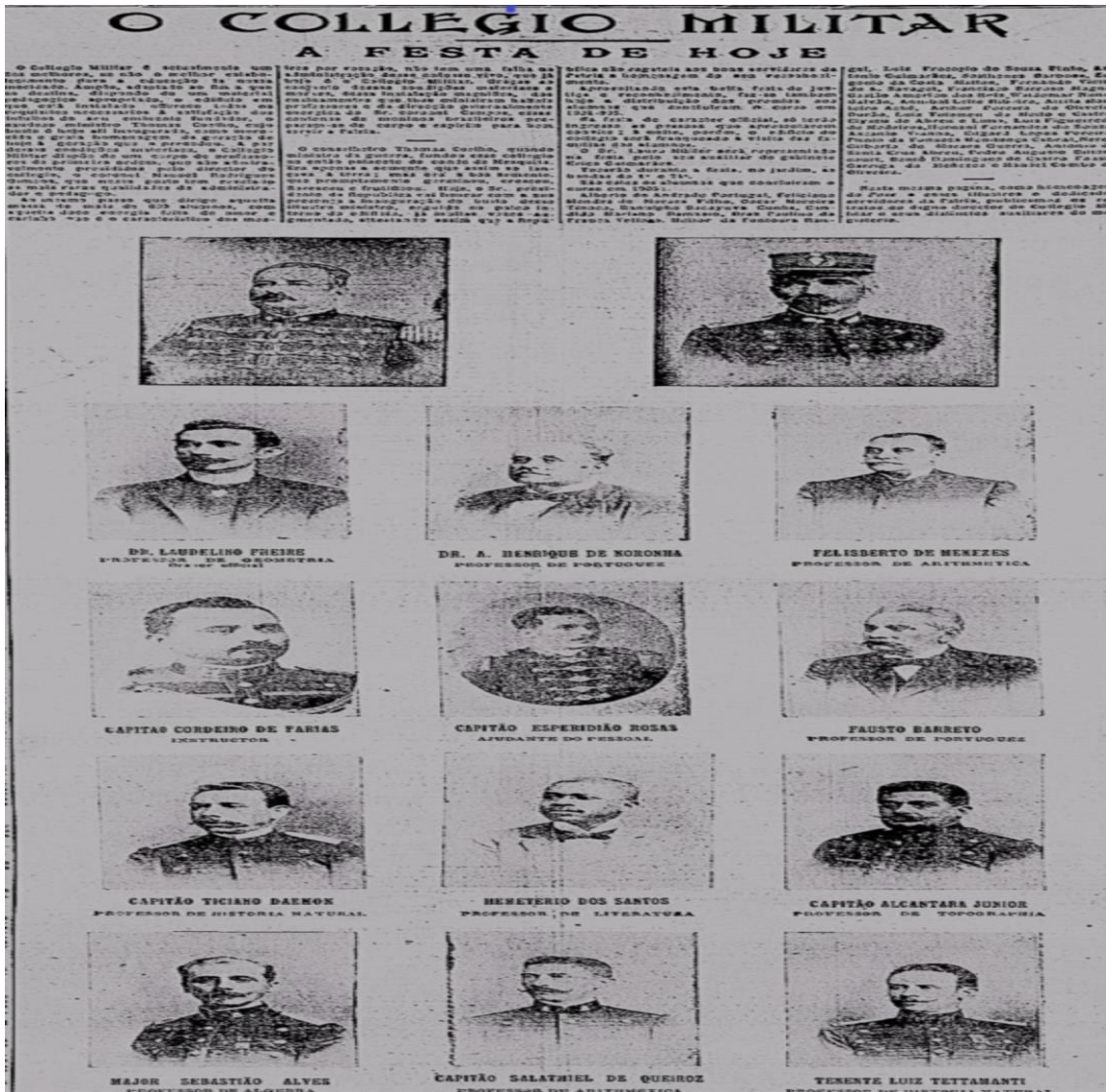


Figura 21: Fotos de professores do Colégio Militar⁸⁰⁸

O texto da matéria faz elogios ao Colégio Militar. Conta um pouco da história do surgimento da escola, cita os nomes dos alunos formandos e anuncia a instalação do busto em homenagem a Thomaz Coelho, que, na época em que fora Ministro da Guerra, fundou o referido colégio.

Das homenagens que recebeu após sua morte, em 3 de agosto de 1939, consta a da Associação dos Ex-alunos do Colégio Militar convidando para a missa de sétimo dia do professor Hemevério e que fora divulgada pelo jornal *A Noite*, em 9 de agosto (edição 09877(2), p. 5). Um dos seus alunos no Colégio Militar, o general Antonio Carlos Muricy, ao falar do professor que lhe “marcou muito”, cita o “velho Hemevério”:

⁸⁰⁸ *O Paiz*, 10.04.1906, edição 07859(1), p. 2.

Tive o velho professor, o velho Hemetério José dos Santos, que foi o paraninfo da nossa turma. Preto, um homem que no tempo do Império fez o concurso para o colégio Pedro II e foi laureado pelo imperador. Ele era professor do Pedro II e do colégio Militar. Era um homem que exigia a pronúncia mais perfeita do português. Ele mandava um de nós ler. Dizia: "Leia!" A gente lia: "O 'pedrêro`..." E ele dizia: "Outra vez!" E a gente: "O 'pedrêro`..." E ele: "Outra vez!" E nós: "O 'pedrêro`" E ele: "O pedreiro! Carpinteiro! Açougueiro! Sem vergonha! Canalha! Seu patife!" [risos] Isso era o Hemetério.⁸⁰⁹

Sem dúvida, fazer parte desta instituição educativa proporcionou prestígio e respeito ao intelectual e professor Hemetério José dos Santos. Nesse sentido, seu prestígio reforçou-se mais ainda quando passou a integrar o corpo docente da Escola Normal do Distrito Federal.

5.2.2 – Hemetério e a Escola Normal do Distrito Federal

Começarei este ponto referente à Escola Normal do Distrito Federal ressaltando o episódio que está na origem da minha escolha de pesquisar as experiências de vida do professor Hemetério José dos Santos. Isto porque, como já fora sinalizado nas *Considerações Iniciais* da tese, no período em que estive trabalhando no Centro de Memória do Instituto de Educação, me vi envolvido em uma disputa de memória em torno do nome do referido professor. Uma pessoa movida pelo desconhecimento da história do professor Hemetério, e, talvez, também por preconceito racial, tentou impedir que fosse publicado no site do Instituto informações sobre o professor. O preconceito, neste caso, não saiu vitorioso, pois as informações foram publicadas no site da escola. Este episódio ocorreu no ano de 2015, mas, se retrocedermos no tempo, (no caso, para o ano de 1939, ano em que o professor falecera) saberemos que o ocorrido em 2015 dificilmente aconteceria em 1939; pelo contrário, pois, ao invés de tentativa de esquecimento, Hemetério foi lembrado e homenageado pelo Instituto de Educação, como divulgado pelo periódico *O Jornal*:

HOMENAGEM DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Associando-se às homenagens prestadas ao professor Hemeterio José dos Santos, docente da antiga Escola Normal, o Instituto de Educação hasteou a bandeira do estabelecimento em funeral, enviou uma corôa de flôres e designou uma comissão composta dos professores: Arminda Augusta Bastos,

⁸⁰⁹ MURICY, Antônio Carlos da Silva. Antônio Carlos Murici I (depoimento, 1981). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 768 p. dat. (A citação sobre Hemetério está na página 18. Além de Hemetério, ele cita nomes de outros professores que também lhe foram marcantes.).

Carmen Landim, Asterio de Campos e Mario Vieira de Rezende, para representá-lo em todas as cerimônias fúnebres.⁸¹⁰

Portanto, a direção do Instituto de Educação na época não só “hastearia a bandeira” em respeito pela morte do professor Hemetério, como também enviou flores ao seu funeral e constituiu uma comissão composta por duas professoras e dois professores do Instituto de Educação para participar das cerimônias em razão do seu falecimento. Isto porque o professor teve uma trajetória marcante na história da Escola Normal do Distrito Federal iniciada em fins do século XIX.

Nesse sentido, o *Almanak Laemmert* registra o nome de Hemetério José dos Santos como professor de Português a partir do ano de 1898 (edição A00055(2), p. 485). Mas sua investidura na Escola Normal do Distrito Federal foi no ano anterior, em 1897, como demonstra o documento que se encontra no Centro de Memória do Instituto de Educação:

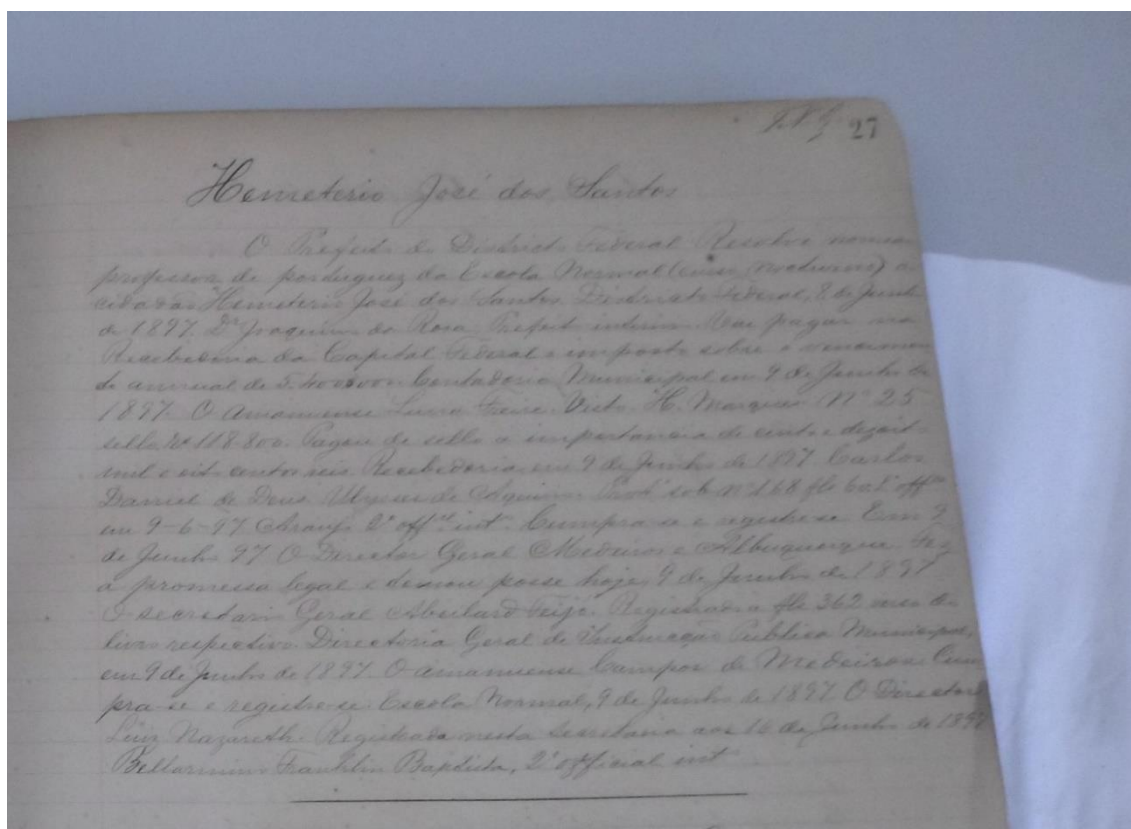


Figura 22: Fotocópia da página 27 do Livro de Investidura em que consta o nome de Hemetério José dos Santos.⁸¹¹

⁸¹⁰ *O Jornal* – RJ, 4 de agosto de 1939, p. 6.

⁸¹¹ Nas primeiras linhas consta o seguinte: “O Prefeito do Districto Federal resolve nomear professor de portuguez da Escola Normal (Curso Nocturno) o cidadão Hemeterio José dos Santos. Districto Federal, 8 de junho de 1897. Dr. Joaquim da Rosa, Prefeito Interimo (...)”(CMEB/ISERJ).

Em 1901, o mesmo *Almanak Laemmert* informa a presença de Hemetério no Curso Noturno da Escola Normal (edição A00058(4), p. 296). Entretanto, no Centro de Memória do Instituto de Educação, constam programas de ensino do curso noturno desde o ano de 1899. O nome de Hemetério aparece desde esta data. A seguir, reproduzimos fotocópias de 1899, 1912 e 1914.

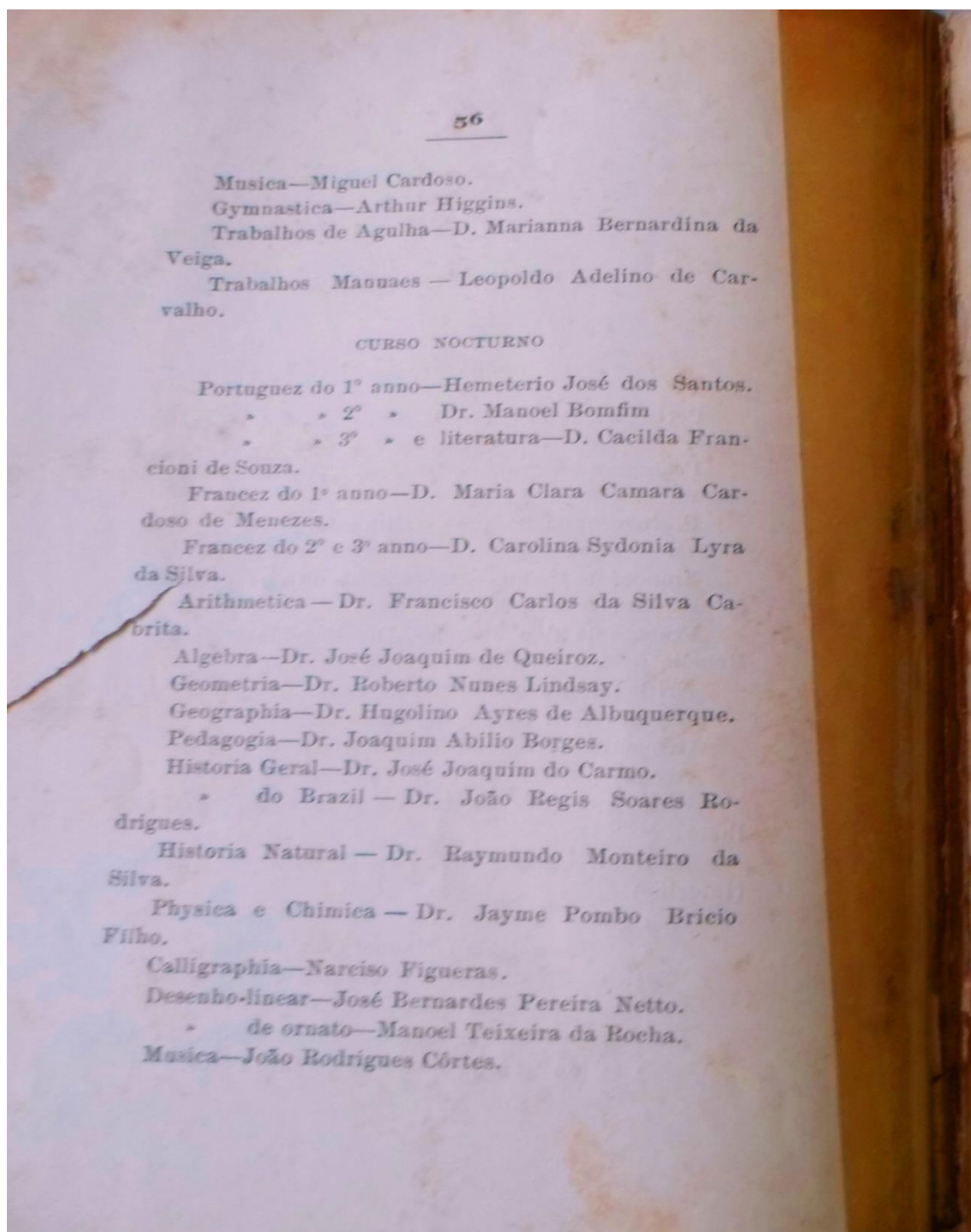


Figura 23: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1899⁸¹²

⁸¹² Acervo CMEB/ISERJ.

CURSO NOCTURNO

Portuguez.....	Arminda Augusta Bastos.—travessa S. Vicente de Paula, 2.
e litteratura.....	Hemeterio José dos Santos.—rua Barão de Ubá, 89.
Francez.....	Gentil Feijó. — rua Buarque de Macedo, 47.
Arithmetica.....	Dr. Francisco Carlos da Silva Cabrita. —rua Conde de Bomfim, 49.
Geographia.....	Dr. Ugolino Ayres de Albuquerque. — rua Souza Dantas 46.
Gymnastica.....	Arthur Higgins. — rua Sete de Setembro, 177—loja.
Trabalhos manuaes.....	Olavo Freire da Silva.—rua Silva Manoel, 126.
Musica.....	Dr. Alfredo Raymundo Richard. — rua do Bispo, 105
Geometria.....	Dr. Roberto Nunes Lindsay.— rua Visconde da Gavêa, 46.
Historia geral e da America..	Leoncio Corrêa. — rua do Bispo, 249.
Physica e chimica.....	Dr. Jayme Pombo Bricio Filho. — avenida Rio Branco, <i>O Seculo</i> .
Historia Natural e hygiene...	Dr. Manoel Bomfim. — rua Mauá, 74—Santa Theerza.
Pedagogia.....	Manoel Teixeira da Rocha. — rua Barão de Itapagipe, 295.
Desenho de ornato.....	

Figura 24: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1912.⁸¹³

⁸¹³ Acervo CMEB/ISERJ.

CURSO NOCTURNO

Portuguez	Arminda Augusta Bastos. — travessa S. Vicente de Paula, 2.
» e literatura	Hemeterio José dos Santos. — rua Barão de Ubá, 89.
Francez	Gentil Feijó. — rua Buarque de Macedo, 47.
Arithmetica	Dr. Francisco Carlos da Silva Cabrita. — rua Conde de Bomfim, 49.
Geographia	Dr. Hugolino Ayres de Albuquerque. — rua Souza Dantas, 46.
Gymnastica	Arthur Higgins. — rua Sete de Setembro, 177 — loja.
Trabalhos manuaes	Olavo Freire da Silva. — rua Silva Manoel, 126.
Musica	Dr. Alfredo Raymundo Richard. — rua do Bispo, 105.
Geometria	Dr. Roberto Nunes Lyndsay. — rua Visconde da Gavêa, 46.
Historia geral e da America Physica e chimica	Leoncio Corrêa. — rua do Bispo, 249. Dr. Jayme Pombo Bricio Filho. — avenida Rio Branco, <i>O Seculo</i> .
Historia natural e hygiene .	Dr. Carlos Oscar Lessa. — rua S. Francisco Xavier, 607.
Pedagogia	Dr. Manoel Bomfim. — rua Mauá, 74 — Santa Thereza.
Desenho de ornato	Manoel Teixeira da Rocha. — rua Barão de Itapagipe, 295.

Figura 25: Programa de Ensino do Curso Noturno da Escola Normal do Distrito Federal – 1914⁸¹⁴

Em seus primeiros anos, o curso noturno da Escola Normal contou com a presença de Manoel Bomfim, Joaquim Abilio Borges, Arthur Higgins, José de Medeiros e Albuquerque,

⁸¹⁴ Acervo CMEB/ISERJ.

Cacilda Francioni de Souza, dentre outros. Esta última, esposa de Vicente de Souza, médico e professor do Colégio Pedro II, e um dos principais parceiros de José do Patrocínio na época do movimento abolicionista. Uma das principais polêmicas travadas por Hemetério na Escola Normal foi exatamente em defesa da continuidade deste curso noturno. A polêmica se iniciou em função da proposta feita por José Veríssimo ao diretor da Escola Normal de fechar o referido curso⁸¹⁵. O embate chegou às páginas dos jornais da época.

A referida polêmica se tornou pública quando o jornal *O Paiz* de 14 de janeiro de 1910 (edição 009233, p. 6) publicou uma carta do professor Hemetério questionando a proposição feita por José Veríssimo, na época sub-diretor da Escola Normal, para que o curso noturno fosse fechado.

Na referida carta, Hemetério faz uma análise em que relaciona a defesa da permanência do curso noturno da Escola Normal, com a necessidade de ampliar o número de escolas públicas no país. Ele abre o texto da carta anunciando o problema: “o Dr. José Verissimo acaba de propor ao director da Escola Normal, o Dr. Silva Gomes, a supressão do curso nocturno de professores”⁸¹⁶. Em seguida, afia sua crítica ao argumentar que mesmo em estados “miseravelmente trabalhados” se “pensou em fechar escolas normaes”⁸¹⁷. Isto porque, segundo ele, perante um quadro de “eleitores meio-analfabetos”, “curtos de idéas” e “immoralmente consagrados á obra da corrupção”, é necessário abrir “escolas publicas primarias” numa “progressão geometrica”⁸¹⁸. Mas, para que tais escolas conseguissem cumprir “os seus fins sociaes”, era preciso que as mesmas fossem “providas por pessoal idoneamente instruido e experimentado”⁸¹⁹.

Portanto, o argumento que Hemetério apresenta contra o fechamento do curso noturno da Escola Normal se relaciona com a necessidade de ter cada vez mais escolas públicas primárias com professores normalistas para enfrentar o analfabetismo e a “correção moral” dos indivíduos. Ou seja, o fechamento do referido curso geraria o problema de ter menos professoras primárias preparadas, e, por consequência, menos escolas públicas primárias poderiam ser criadas com pessoal adequado.

Na sequência, Hemetério volta ao ano de 1903 quando, segundo ele, “eram pessimas as condições hygienicas e pedagogicas do velho pardieiro em que funcionava a Escola

⁸¹⁵ Marina Natsume Uekane (2016) discute em sua tese algumas das tensões que envolviam professores dos cursos noturno e diurno da Escola Norma.

⁸¹⁶ *O Paiz*, 14.01.1910, edição 009233, p. 6.

⁸¹⁷ Idem.

⁸¹⁸ Idem.

⁸¹⁹ Idem.

Normal⁸²⁰, e, em cumprimento ao decreto “n. 378 de 28 de janeiro”, o diretor, “Dr. Passos”, suspendeu “a admissão de *novas* alumnas na 1ª série do referido curso noturno”⁸²¹. Entretanto, de acordo com o professor Hemetério, o mesmo diretor rapidamente percebeu que esta decisão “profundamente contrariava as aspirações da cidade”, sobretudo, porque a procura por escolas era “dia a dia” cada vez maior. Nesse sentido, como afirmou o professor, “as necessidades do ensino reclamavam insistentemente o dobro e o tresdobro de professores públicos que a escola normal não conseguia preparar”⁸²². Em face disso, o referido diretor voltou atrás na decisão.

Como se vê, o retorno ao passado recente da história da Escola Normal serviu para reforçar o argumento apresentado no início da carta, pois, em 1903, o diretor da época teve o bom senso de perceber que, diante da procura por escolas e da necessidade de mais professores primários, não seria adequada a decisão de restringir o acesso ao curso noturno da Escola Normal. A citação do decreto de 1903, por parte de Hemetério, também se justifica em face de que, ao propor o fechamento do curso noturno em 1910, José Veríssimo recorre ao referido decreto.

Percebe-se também que o texto de Hemetério sinaliza para um aspecto importante da época, ou seja, a pressão de determinados grupos sociais para ter acesso à escola. Desta feita, vale lembrar que houve, de certo modo, pressão popular por escolas. Portanto, na ótica de Hemetério, o curso noturno de formação de normalistas cumpria este papel importante de ajudar a fornecer professoras primárias para dar conta da demanda que existia à época. A defesa do seu argumento também ia à contramão dos professores que eram nomeados sem “aprendizagem regular” adequada por não terem se formado pela Escola Normal. Hemetério também denuncia as condições de trabalho das professoras primárias que, além de ter “minguado vencimento”, trabalhavam “sem mobília escolar suficiente, nem os auxiliares necessários”⁸²³. Em face de ser contraproducente, o professor critica, da mesma forma, o número excessivo de estudantes nas turmas: “hoje, em 1910, na capital da Republica, as aulas, ainda as elementares, têm mais de 60 alumnos, quando, na Republica Aregentina, no Uruguay e nos Estados Unidos, as aulas mais numerosas não vão além de 20 alumnos”⁸²⁴.

Depois de elencar os aspectos sinalizados acima, Hemetério pergunta: “Como então, o sub-director da Escola Normal propõe ao director geral o cumprimento do decreto dictatorial

⁸²⁰ Idem.

⁸²¹ Idem.

⁸²² Idem.

⁸²³ Idem.

⁸²⁴ Idem.

n. 378, já relaxado pelo seu proprio autor, o Dr. Passos, que lhe reconheceu a immoralidade politica?”⁸²⁵ O professor, em seguida, apresenta dados estatísticos de 1907 e 1908, de modo a fundamentar, a partir dos números a crescente quantidade de matriculados nas escolas do Distrito Federal. Ele também compara com a precária “província do Maranhão”, que, apesar de ter turmas com “apenas sete alumnos”, ninguém pensou em fechar a escola; enquanto “hoje, na Republica, em 1910, propõe-se o fechamento da Escola Normal nocturna, porque muitos são os sequiosos de aprendizagem que a desejam frequentar”⁸²⁶, afirma o professor. Observe que, para Hemetério, o fato de existir muitos interessados em frequentar a “Escola Normal nocturna” teria sido um dos motivos de se propor o fechamento dela, como se José Veríssimo não estivesse gostando disso. Hemetério nomeou de “capricho doentio”, a posição de José Veríssimo de querer fechar o curso noturno da Escola Normal:

Se para aulas de 60 alumnos, desde 1881 até hoje, a Escola Normal não tem conseguido dar ao Distrito professores necessarios ás exigencias da matricula, a ponto de se nomearem analfabetos para os cargos do magisterio primario, como fechar a Escola Normal nocturna, para satisfazer a um capricho doentio do Sr. sub-diretor da Escola Normal?⁸²⁷

E para concluir o texto da carta, Hemetério sentencia: “a Patria não é uma feitoria, é uma Nação”⁸²⁸. Ou seja, ele sugeriu que a proposta de José Veríssimo, autor do clássico *Educação Nacional*, foi atitude de um “feitor”, não de alguém preocupado com o futuro da nação.

Uma semana depois da carta de Hemetério, o *Jornal do Commercio* publicou um texto de José Veríssimo em que este justifica a sua posição contra a existência do curso noturno da Escola Normal. Em um determinado trecho, José Verísssimo escreve o seguinte:

Nunca achei justificativa para a existencia da Escola Normal nocturna. Repugnava-me, em primeiro lugar, o habito que ella criava ás moças que a frequentavam da vida nocturna, habito que no meu matutismo não me parece muito conveniente dar a senhoras, e muito menos a mocinhas. Em todas as Capitaes e até em algumas outras cidades do Brasil funccionam Escolas Normais; nenhuma, porém, á noite. Qual seria o motivo que determinou aqui, onde as condições da vida não são diversas do que são noutras terras brasileiras, a instituição de uma Escola Normal funccionando das 4 da tarde ás 9 horas da noite?⁸²⁹

⁸²⁵ Idem.

⁸²⁶ Idem.

⁸²⁷ Idem.

⁸²⁸ Idem.

⁸²⁹ *Jornal do Commercio*, edição 00022, p. 04.

Portanto, o primeiro aspecto sinalizado por José Veríssimo para justificar seu posicionamento contrário à existência de uma Escola Normal noturna é de caráter moral, numa tentativa de evitar que senhoras, moças e mocinhas criassem o hábito de frequentar a “vida noturna”. Mais à frente no texto, Veríssimo apresenta outro motivo que se relaciona, a seu juízo, ao “cansaço” e à “falta absoluta de tempo” que estas estudantes teriam para fazer seus deveres escolares, uma vez que trabalhavam durante o dia:

Não há nenhuma utilidade de ordem publica na manutenção desse curso. Pelos motivos apontados, sobre os quaes é desnecessario insistir e dos quaes resulta a absoluta impossibilidade material de estudarem convenientemente a maior parte das alumnas que o frequentam, empregadas 5 horas por dia nas escolas primarias como adjuntas, - e porque ele não faz se não concorrer para aumentar inoportunamente, antes com desvantagem social, o numero, que está prestes a ser excessivo das professoras diplomadas, este curso deve ser extinto.⁸³⁰

Veríssimo, no trecho acima, apresenta outro motivo que o fez se colocar contrário ao curso noturno na Escola Normal, ou seja, a possível concorrência que o mesmo faria com as professoras diplomadas no curso diurno, que, possivelmente, seriam oriundas de setores sociais distintos daqueles que frequentavam a aula à noite. E, ao contrário de Hemitério, que argumentava a necessidade de se formar mais professoras primárias, Veríssimo afirmou ser “excessivo” o número de “professoras diplomadas”.

Os jornais da época informam que José Veríssimo foi muito criticado por ter tomado esta posição. Em mais de uma ocasião, os jornais também noticiaram as manifestações em defesa do referido curso noturno da Escola Normal, lideradas por Hemitério. Era uma estratégia para tentar neutralizar as investidas de José Veríssimo e de seus seguidores contra a permanência do curso. De modo geral, as manifestações eram direcionadas às pessoas que tinham poder de decisão, como o prefeito da cidade e o presidente da República. Manifestações foram feitas, como a divulgada a seguir, em artigo escrito pela professora Aurea Corrêa Martinez no *Gazeta de Notícias*, em 25 de maio de 1910 (edição 00145, p. 6).

⁸³⁰ Idem.

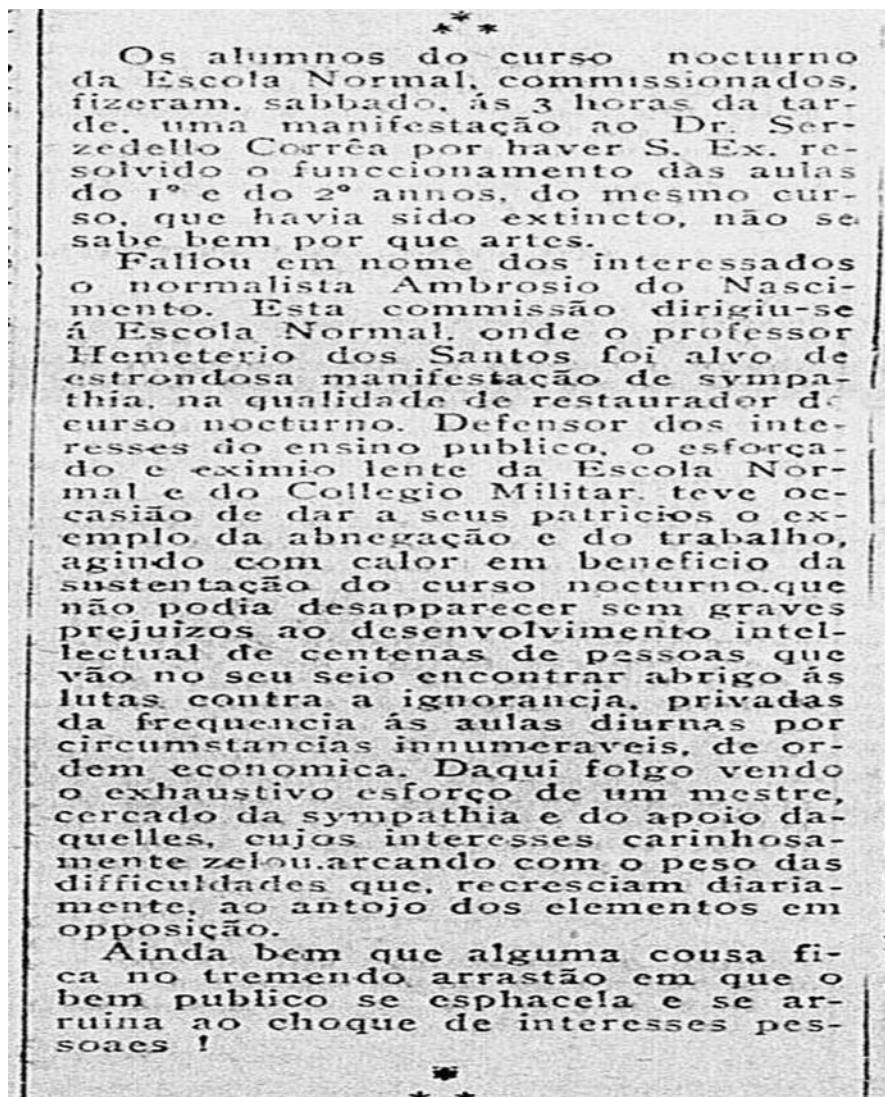


Figura 26: Fotocópia do artigo da professora Aurea Corrêa Martinez⁸³¹

O artigo da professora Aurea é mais amplo e aborda diversas questões. Dentre estas, faz duras críticas ao governo do marechal Hermes da Fonseca. Trata também do curso noturno. Recortei acima o trecho em que ela aborda o assunto ao fazer referência à manifestação ocorrida por parte de uma comissão de normalistas ao prefeito da cidade em defesa da permanência do curso noturno na Escola Normal. Observe que o texto aponta Hemetério como o “restaurador do curso noturno”. A autora tece elogios ao professor como “defensor dos interesses do ensino publico”⁸³² e exalta sua “abnegação” em prol do referido curso. Aurea também destacou, ao seu juízo, os problemas surgidos em decorrência da possível extinção do curso noturno, como os “graves prejuizos ao desenvolvimento intellectual de centenas de pessoas que vão ao seu seio encontrar abrigo ás lutas contra a

⁸³¹ *Gazeta de Notícias*, 25.05.1910, edição 00145, p. 6.

⁸³² *Idem*.

ignorância⁸³³. Em outras palavras, para muitos daqueles e daquelas que desejavam crescer socialmente através dos estudos, o curso noturno era uma alternativa importante, pois, como afirma a autora, em função de trabalharem para obter seus sustentos, tais pessoas se achavam “privadas da frequência às aulas diurnas”⁸³⁴.

Outra dessas manifestações foi divulgada pelo jornal *O Paiz*, em 31 de maio de 1910 (edição 009369, p. 3). Para além da presença do professor Hemetério José dos Santos, e de “professoras cathedricas, adjuntas, effectivas e estagiarias diplomadas pelo curso noturno da Escola Normal, bem como todos os alumnos do referido curso”⁸³⁵, um dos aspectos interessante da referida matéria consistiu em divulgar o discurso proferido por uma “adjunta estagiaria”, D. Cacilda Gilberti, para o então primeiro e único presidente negro do Brasil, o senhor Nilo Peçanha, independentemente da sua suposta falta de consciência enquanto pessoa negra. Vale lembrar, também, que a oradora foi aluna de Hemetério, o que nos possibilita inferir que os argumentos que se apresentam em seu discurso podem ter tido a influência das ideias defendidas e propagadas pelo professor.

Para defender o curso noturno da Escola Normal, em que pese os trechos do discurso exaltando as figuras do prefeito e do presidente da República, Cacilda apresentou argumentos em defesa da inspiração que a *noite* influencia positivamente para o proveito do estudo e do trabalho noturno. Criticou os opositores do curso noturno. Exaltou o trabalho dos mais pobres e dos negros. Exaltou a cultura negra dos egípcios. Reverenciou determinadas pessoas, como Patrocínio e Rebouças. Para tanto, se apropriou da figura maligna da *serpente*, portadora do mal, que representava aqueles que eram contrários ao curso noturno. Contra estes, a posição do presidente em favor da permanência do curso noturno foi exaltada. Selecionei alguns trechos para serem destacados e analisados aqui. Vamos ao primeiro:

Veiu a serpente, e dentro da Republica que é um protesto vivo contra as tyrannias, contra todas as feitorias, e quis abafar a lei – plantando a autocracia, a bruteza, a prepotencia contra os fracos e contra os humildes: - não o consentistes, e pela autoridade do republicano que a vossa vontade, o vosso querer representa no Districto, do lado dos fracos vos collocastes, com o só empenho de servir ao vosso ideal de governo honesto e justiceiro. Nós vos agradecemos.⁸³⁶

⁸³³ Idem.

⁸³⁴ Idem.

⁸³⁵ *O Paiz*, 31.05.1910,edição 009369, p. 3.

⁸³⁶ Idem.

A oradora começa, no trecho acima, falando na *serpente*, que me parece ser a representação de José Veríssimo, uma vez que este intelectual tomou as rédeas de ser aquele que se colocou contrário à permanência do curso noturno da Escola Normal, polarizando com Hemetério, que foi defensor “abnegado” da manutenção do referido curso.⁸³⁷ Observe que o uso do termo “feitorias” usado pela oradora se assemelha à qualificação que Hemetério usara ao sugerir que José Veríssimo seria um “feitor”, na carta publicada pelo jornal *O Paiz*, em janeiro de 1910. Cacilda também sugere a ideia de que o mesmo “quis abafar a lei”, foi prepotente e agiu “contra os fracos e contra os humildes”, argumentos que se aproximam das ideias que Hemetério utilizou para combater aquele que queria a extinção do curso noturno. Cacilda volta a falar na *serpente*, que recriminava o trabalho noturno, mas o presidente da República discordava dessa ideia de entender como sendo crime o trabalho “depois que o sol se ausenta”. Ela também compara a participação da Europa e da América no “banquete da civilização”. A primeira, “fria e utilitaria”; enquanto a segunda, de acordo com Cacilda, deu “exemplos de humanidade, reais, sentidos e vividos”. Em outro trecho, Cacilda falou em escolas para ricos e pobres, e voltou a se referir à *serpente*:

Escolas, nós as temos, não só para os gozadores das classes privilegiadas, para os filhos dos sybaritas de todas as espécies, como também para os pobres, para os seus filhos, para todos aqueles que, com o seu suor, fizeram e nos lograram esta pátria, única no mappa, e que, por escarneio, só escarneio e só desprezo, coitados, receberam por prêmio do serviço que haviam prestado... Porque veio a serpente e disse: “Pobres, e filhos de negros se devem contentar com a só posição de criados de servir, de lavadeiras, de costureiras e de chapeleiras”.⁸³⁸

Na passagem acima, ao tratar das escolas, percebe-se que a oradora se utiliza de expressões que buscam transmitir um posicionamento seu de crítica ao comportamento dos poderosos da época, vistos por ela como “gozadores das classes privilegiadas” e “filhos dos sybaritas”, ou seja, pessoas dadas a viver a vida em torno dos prazeres e gozos, como os habitantes da Síbaris da Grécia antiga, que, por serem ricos, tinham estes hábitos de quem nascera em berço de ouro sem precisar viver do esforço e do suor pelo trabalho. Em contrapartida, Cacilda exalta os pobres, aqueles que fizeram com o seu trabalho esta pátria “única no mappa”, e que receberam, como “prêmio”, o “escarneio” e o “desprezo”. A *serpente* volta a surgir, desta vez, para querer determinar o destino dos “pobres” e “filhos dos negros”,

⁸³⁷ A atuação de Hemetério é *interessada*: na ampliação do número de professoras e escolas primárias, do acesso dos pobres e dos negros às escolas. E também não se pode desconsiderar os empregos dos professores da Escola Normal.

⁸³⁸ Idem.

aqueles que, ao desejo da serpente, deveriam se “contentar com a só posição de criados de servir”, a exemplo “de lavadeiras, de costureiras e de chapeleiras”. Uma questão se faz necessária: o que este tipo de raciocínio tem a ver com o fechamento do curso noturno da Escola Normal?

Se tomarmos por base os argumentos da professora Aurea e do professor Hemetério em defesa do curso noturno, já assinalados anteriormente, percebe-se que o raciocínio de Cacilda vem a complementá-los. Isto porque Hemetério batia na tecla de que o fechamento do curso noturno da Escola Normal, em uma cidade que necessitava de mais escolas públicas primárias e, portanto, de mais professoras primárias, sobretudo, para dar conta das demandas populares para ter acesso à escola, significaria restringir o número de professoras primárias formadas de modo adequado. Cacilda, por sua vez, acentuou o aspecto de que o fechamento do curso noturno tiraria a possibilidade de pessoas pobres (que não podiam estudar de dia por causa do trabalho) terem acesso ao estudo. Cacilda adverte que, para além destes aspectos, existe o “desejo da serpente” de querer que os pobres não progredissem socialmente através dos estudos e que permanecessem a realizar trabalhos que estivessem a serviço das “classes privilegiadas”. Ela também sinalizou para a questão de que, ao se falar em “pobres”, fala-se, sobretudo, de negros e de “filhos dos negros”, para usar a expressão utilizada pela própria oradora. Outro aspecto precisa ser ressaltado.

Ao exemplificar os tipos de serviços que a *serpente* gostaria que fosse o destino dos pobres, ela cita “lavadeiras”, “costureiras”, “chapeleiras”, portanto, trabalhos tipicamente exercidos por mulheres. Isto me fez pensar que, sem abordar de forma direta este aspecto, Cacilda sinaliza para outra questão importante: o fato de que o curso noturno era uma oportunidade não só para que mulheres e jovens pobres e negras pudessem ter acesso à profissão de professora primária, como também o curso noturno em si se constituía uma possibilidade de trabalho para estas pessoas. Enfim, através do curso noturno algumas mulheres pobres e negras poderiam deixar de ser lavadeiras, costureiras, etc, para serem professoras. Contudo, na linha argumentativa que Hemetério apregoava desde os tempos do *Livro dos Meninos* (1881), Cacilda fez questão de ressaltar também que todo o tipo de trabalho tinha o seu valor:

Todos os encargos são nobres e grandes, quando servidos com talentos e virtudes, e perseverança e character. Legislar ou cultivar a terra, clinicar ou fazer hygiene da cidade, classificar madeireiras ou construir moveis, na torturada exigencia da arte, são officios igualmente bellos e nobres na

Republica; e, sejamos francos, foram officios igualmente nobres na colonia e no imperio tambem.⁸³⁹

Ao estilo dos textos de Hemetério, que gostava de fazer referências a pessoas negras que conseguiram subir na vida através dos estudos, Cacilda, na mesma linha, cita alguns nomes como Patrocínio, “o vulcão de amor e luz”; “o velho Rebouças”, e também o outro Rebouças, “o moço, o coração de ouro, conduzindo os principes expatriados, abandonados na praia”⁸⁴⁰; continua exaltando André Rebouças ao dizer que “ainda a historia não lhe achou o par, o companheiro na grandeza e na pureza da alma”⁸⁴¹. E, possivelmente influenciada pelo ensino que deve ter tido com o professor Hemetério ou pela leitura de algum dos seus textos, faz referência à cultura negra do antigo Egito: “Se distincções houve por ahi, no alvorecer das civilizações, essa coisa nefanda e triste não depõe contra o negro: negro foi Amenoph II, o espirito da arte egypcia, que elevou ao esplendor dos monumentos e das pyramides”⁸⁴². Observe que, ao exaltar o negro tomando por base a cultura africana do Egito Antigo, Cacilda se apoia em um argumento utilizado por Hemetério para combater o “preconceito de cor” da época de alguns intelectuais disseminadores de teorias racistas que inferiorizavam o negro na sociedade, dentre estes o próprio José Veríssimo.

Mas os argumentos de Cacilda não pararam por aí. Como forma de demonstrar o valor e a importância da continuidade do curso noturno da Escola Normal, o próximo passo da oradora foi desenvolver o interessante argumento em prol do trabalho durante a noite:

Se a Republica não continuasse o trabalho nocturno, esta seria mensageira do regresso. “Noite, melhor que o dia, quem não te ama: Quem não vive mais brando em teu regaço?”. A navegação, as viagens terrestres, os serviços do correio, o arduo, múltiplo e complexo trabalho da imprensa, tudo que é luz e tudo que é progresso, á noite se faz, á noite se cria. (...) Qual é o grande trabalho de literatura, e de arte, e de sciencia que por ella não foi elaborado? Fechar o curso nocturno que tem o seu apoio na lei, na tradição, na vontade e no querer de todos, é mais do que um crime – é uma obsessão.⁸⁴³

Depois de argumentar sobre o “progresso” que “a noite” traz à sociedade através de trabalhos, como a “imprensa”, “correio”, “trabalho de literatura”, “de arte”, e de “sciencia”, Cacilda arremata denunciando que o fechamento do curso noturno da Escola Normal contraria não só “a lei”, “a tradição” e a vontade da maioria, mas se constitui, por conseguinte, em

⁸³⁹ Idem.

⁸⁴⁰ Idem.

⁸⁴¹ Idem.

⁸⁴² Idem.

⁸⁴³ Idem.

“mais do que um crime”. De acordo com a oradora, é uma “uma obsessão”. E Hemetério já demonstrara que esta era a “obsessão” de José Veríssimo.

Ao final do discurso de Cacilda, falou o presidente da República e o prefeito; em seguida, o professor Hemetério. Discurso este exaltado pelo articulista do jornal: “O professor Hemeterio dos Santos, secundando as palavras do Sr. Prefeito, pronunciou um magno discurso sobre o curso nocturno da Escola Normal, discurso eloquentissimo interrompido por vezes com delirantes aplausos”⁸⁴⁴.

Além de José Veríssimo, diretor e professor da Escola Normal e que era adversário de Hemetério no campo das ideias, como já vimos, o professor tinha outro desafeto de peso na Escola Normal: o professor Alfredo Gomes que, ao lado de José Veríssimo, formava a dupla de professores que enfrentava Hemetério. O conflito entre Hemetério e Alfredo Gomes vinha desde a época em que Hemetério entrou na escola e chegou às raias de um processo judicial. Alfredo Gomes processou Hemetério por injúria em 1898 (*A Noticia*, 06.09.1898, edição 00219(1), p. 2). Hemetério foi defendido por seu amigo Evaristo de Moraes e o resultado do processo foi noticiado pelo jornal *A Noite*:

Foi hontem julgado pelo conselho da câmara criminal o Dr. Hemeterio José dos Santos, professor da escola normal. O conselho absorveu esse professor depois de terem orados os Drs. João Marques, advogado de acusação, e Evaristo de Moraes, advogado de defesa. Ao ser conhecido o resultado da votação, as alumnas da escola normal, que assistiram ao julgamento, foram levar ao professor Hemeterio felicitações pela victoria que alcançou. A acusação appellou da sentença.⁸⁴⁵

Como se pode ver na passagem acima, Hemetério saiu vitorioso no processo e as estudantes da Escola Normal que assistiram ao julgamento deram-lhe “felicitações pela vitória”. A indignação de Hemetério para com o professor Alfredo Gomes também foi expressa em uma carta que fora publicada no jornal *O Paiz*, em 21 de dezembro de 1909 (edição 009209, p. 3):

⁸⁴⁴ Idem.

⁸⁴⁵ *A Noite*, 22.09.1898, edição 00233(1), p. 2.

Escreve-nos o professor Hemetério dos Santos :

"Sr. redactor do "Paiz"—Eu venho, por meio desta, dizer-vos que "as pessoas insuspeitas, entre as quaes varias pertencentes ás corporações dos mestres e alumnos, illaquearam a vossa boa fé, dizendo que eu "provoco" scenas deprimentes de desrespeito á autoridade, as quaes ficam impumes", não é verdade.

Nesse congresso pedagogico, em que, por honra da Republica, se acha constituida a Escola Normal, eu tenho idéas, como as exponho diariamente, na aula, nas reuniões, por toda a parte, como ha pouco pelo nosso querido "Paiz", na carta que dirigi ao Sr. Dr. Curvello de Mendonça, e por tal tenho adversarios... Mas, creio eu, não é isto faltar respeito á autoridade constituida.

Ha dias, o director geral de instrucção, contra a lei, contra os regulamentos e contra as praxes, não consentiu que a minha filha, D. Coema Hemetério dos Santos, examinasse as suas alumnas: não ha affronta maior para um docente, que preza a sua reputação profissional.

Pedi providencias ao honrado Dr. Serzedello Correia, a quem me acostumei a respeitar, desde os tempos das conferencias abolicionistas: mandou-me ao Dr. Silva Gomes, que, maciamente, docemente e risonhamente, me disse: "que o que estava feito, estava feito."

Bravamente, fortemente e energicamente, eu protestei que não ha ninguém que se possa sobrepôr ás leis e aos regulamentos, e ás praxes...

Se isto é faltar o respeito, eu o farei, e continuarei a faltar... Acho que na Republica este é um bello exemplo á mocidade, que se está educando para a espinhosa carreira do magisterio. Acostumado ao trabalho e ao soffrimento, desde os mais verdes annos de minha vida, jámais me queixo e invoco a ajuda de quem quer que seja, para as luctas que travo. Gozo da amizade do mais alto chefe republicano na actualidade, mas nunca lhe invoquei o nome em publico, e jámais com elle conversei sobre as pequeninas miserias das autoridades municipaes, que se não tornam fortes, abroquelando-se no alto respeito ás leis, e na fidalga compostura dos cargos occupados: o respeito se incute, não se impõe...

Na defesa da minha filha, duplamente offendida, por ser mulher e por ser subordinada, eu talvez me haja excedido... Quem pensar que me cabe a culpa, atire-me a primeira pedra."

Figura 27: Fotocópia de parte da carta publicada por Hemetério.⁸⁴⁶

A carta começa com Hemetério se defendendo de possíveis insinuações de que ele era uma pessoa que provocava "scenas deprimentes de desrespeito á autoridade"⁸⁴⁷, e de que tais

⁸⁴⁶O Paiz, 21.12.1909, edição 009209, p. 3.

⁸⁴⁷Idem.

provoações ficavam “impunes”. Para Hemetério, tais insinuações não eram verdadeiras. Isto porque o fato de ele ser uma pessoa que expõe suas ideias “na aula, nas reuniões, por toda a parte”⁸⁴⁸, em sua opinião, não significava desrespeitar a “autoridade constituída”, uma vez que a própria Escola Normal se constituía em uma espécie de “congresso pedagógico”, ou seja, lugar de troca de ideias, de acordo com Hemetério. Ele também lembra a carta publicada que escrevera para Curvelo de Mendonça e que será analisada mais a frente. Em seguida, o professor expõe a sua real motivação da carta enviada ao jornal *O Paiz*, quer dizer, o desrespeito praticado por Alfredo Gomes com a filha do professor, também professora da Escola Normal, Coema Hemetério dos Santos, ao não consentir que a mesma fizesse o exame das alunas, filhas do próprio Alfredo Gomes. Para Hemetério, “não há affronta maior para um docente, que preza a sua reputação profissional”⁸⁴⁹. O entrevero entre os dois cresceu, pois, como fariam a maioria dois pais, Hemetério saiu em defesa da filha. Foi ao prefeito Serzedello Correia solicitar sua intervenção; mas este “lavara as mãos”, ao pedir para que Hemetério resolvesse com o Diretor de Instrução Pública Joaquim da Silva Gomes, que, de acordo com Hemetério agiu com ironia ao falar com ele “maciamente, docemente e risonhamente”⁸⁵⁰ que não mudaria a decisão tomada.

Diante disso, o professor Hemetério “explodira”: “Bravamente, fortemente e energicamente”⁸⁵¹ protestara e afirmara que “não há ninguém que se possa sobrepor às leis e aos regulamentos, e às praxes”⁸⁵². E continuou: “Se isto é faltar o respeito, eu o faltei, e continuarei a faltar”⁸⁵³. Hemetério ainda se aproveitou do ocorrido para enviar mensagem às normalistas, que, ao se educarem para exercer “a espinhosa carreira do magisterio”, deveriam ver como “um bello exemplo á mocidade” o fato de que, “na Republica”, ninguém deve estar acima da lei.⁸⁵⁴ Além disso, Hemetério afirmara que nas lutas que ele travava não invocara ajuda “de quem quer que seja”. Ao final da carta, um desabafo: “Na defesa da minha filha, duplamente offendida, por ser mulher e por ser subordinada, eu talvez me haja excedido....Quem pensar que me cabe a culpa, atire-me a primeira pedra”⁸⁵⁵. Percebe-se, na passagem que Hemetério sinaliza, a dupla opressão da mulher: enquanto gênero e enquanto trabalhadora. Em outras ocasiões, o professor fez referências à questão da mulher, como no soneto “A emancipação da mulher – o paiz democratico” que o jornal *Gazeta de Notícias*

⁸⁴⁸ Idem.

⁸⁴⁹ Idem.

⁸⁵⁰ Idem.

⁸⁵¹ Idem.

⁸⁵² Idem.

⁸⁵³ Idem.

⁸⁵⁴ Idem.

⁸⁵⁵ Idem.

informara ser de autoria do professor Hemetério e que o publicaria no seu “Suplemento ilustrado”⁸⁵⁶. Infelizmente, não consegui encontrar este soneto.

Hemetério fora acusado de que desrespeitara a autoridade, no entanto, o jornal *O Seculo* de 24 de maio de 1910 (edição 01151(1), p. 2) noticiou que José Veríssimo e Joaquim da Silva Gomes resolveram não acatar a decisão do vice-presidente Nilo Peçanha, que determinara a abertura do curso noturno da Escola Normal. A matéria veio com o título de “Escola Normal – Ainda a questão do curso noturno – As chicanas do Sr. Verissimo” e o início do texto já anuncia o problema: “O sr. José Verissimo, macommunado com o dr. Silva Gomes, diretor geral de instrução, deliberou não dar cumprimento á ordem de restabelecimento do 1º e 2º annos do curso noturno da Escola Normal, embora essa ordem tenha sido dada, de modo claro e explicito, pelo vice-presidente da Republica”⁸⁵⁷. De acordo com o jornal, José Verissimo usou de “sofismas” para burlar a decisão e o prefeito Serzedello se deixou levar pelas artimanhas do autor de *A Educação Nacional*. Ao final, uma questão é levantada: “O sr. Nilo Peçanha permitirá que essa situação se prolongue, mesmo com o enfraquecimento da sua autoridade?”⁸⁵⁸. Na mesma página em que esta matéria foi publicada, logo abaixo dela, consta uma outra que informa sobre a realização de manifestação organizada “por parte do corpo de alumnos da Escola Normal”⁸⁵⁹ em homenagem ao professor Hemetério José dos Santos. A homenagem feita ao professor foi em função do “restabelecimento do curso noturno”. Ou seja, mesmo com a atitude de José Veríssimo de pretender não reabrir o referido curso, os estudantes fizeram a manifestação, possivelmente para fortalecer Hemetério e pressionar a direção da escola. Vejamos a matéria:

Realizou-se no sabbado, no edificio da Escola Normal, uma importante, justa e significativa manifestação ao professor Hemeterio José dos Santos, por parte do corpo de alumnos da Escola Normal. Como é sabido, deve-se em grande parte aos esforços desse professor, o restabelcimento do curso noturno. Por esse motivo os alumnos resolveram receber o seu mestre com manifestações de regosijo, já pela victoria alcançada, já por ser o primeiro dia em que o sr. Hemeterio leccionava, no presente anno lectivo. O professor Hemeterio foi recebido á porta da Escola pelos alumnos e alguns professores, sendo conduzido, por entre vivas e flores, até a sala da sua aula, onde tiveram a palavra os alumnos Mario Coutinho Duque Estrada e Hortencia Pyrrho, saudando o estimado docente e felicitando as suas collegas pelo restabelecimento do curso noturno. Na occasião em que os vivas eram estridentes achava-se no edificio da Escola o pedagogo chaleira – o sr. Alfredo Gomes – um dos membros do Conselho Superior que mais

⁸⁵⁶ *Gazeta de Noticias*, edição 00346(1), 11.12.1908, p. 2.

⁸⁵⁷ *O Seculo*, 24.05.1910, edição 01151(1), p. 2.

⁸⁵⁸ *Idem*.

⁸⁵⁹ *Idem*.

procuraram fechar aquelle curso. O sr. José Verissimo tambem chegou á Escola nessa mesma occasião; mas não subiu...Pela manifestação de sabbado bem se vê como é antipathica a alumnos e professores a figura esqualida do sr. José Verissimo. Terminada a manifestação, o professor Hemeterio deu inicio á sua aula, sendo, ao terminar, procurado, na Escola, por vários amigos que o iam felicitar.⁸⁶⁰

Na matéria acima, enquanto Alfredo Gomes é citado como “pedagogo chaleira”, um dos articuladores contra o curso noturno, e José Veríssimo como antipático aos alunos e professores e “figura esqualida”, o professor Hemetério tem a liderança e respeito dos alunos da Escola Normal, como informa o jornal a respeito da manifestação feita em sua homenagem pelo fato de Hemetério ter enfrentado os adversários da Escola Normal Noturna. Em conferência bem concorrida e realizada na Associação dos Empregados do Comércio, três dias antes da referida manifestação, Hemetério dissertou sobre o ensino municipal e sobre os benefícios do curso noturno na Escola Normal. Uma síntese desta conferência foi publicada no jornal *O Seculo*, em 21 de maio de 1910 (edição 01123, p. 1 e 2). A referida conferência, no entanto, foi uma resposta a uma conferência anterior realizada no salão nobre da Prefeitura por Eugênio Guimarães Rebello, “partidário da suppressão do curso nocturno da Escola Normal”. O mesmo jornal *O Século*, em 7 de abril de 1910 (edição 01111-1, p. 1 e 2), publicou matéria tratando da conferência de Eugênio Guimarães. Vamos, então, começar por esta conferência de Eugênio.

O título da matéria já anuncia uma crítica a quem exercia a função de prefeito na época, no caso, Serzedello Correia: “Prefeitura acephala – Escola Normal – O curso nocturno – Conferencia na Prefeitura”. Pelo título, o articulista da matéria já dá uma alfinetada em Serzedello ao afirmar que a Prefeitura estava sem direção. No corpo do texto, a crítica contra Serzedello foi mais dura, como veremos. Antes, porém, consta a informação de que a conferência de Eugênio Guimarães Rebello fora presidida por André Cavalcante e que, além do prefeito Serzedello, estavam presentes o “Silva Gomes, diretor geral de instrucção” e “varios membros do Conselho Superior”. De acordo com o articulista, o conferencista não empolgou a plateia:

É inutil dizer que o sr. Guimarães Rebello não conseguiu provar a legalidade do acto de supressão das matriculas no curso nocturno da Escola. Mastigou muitas razões, repisou as mesmas coisas por longo tempo, cansou o auditorio e retirou-se. O sr. Serzedello, o velho parlamentar e excellente orador, maluco hoje, esquecendo-se da sua posição, incumbiu-se de bater palmas ao orador a ver si assim, provocado por essas palmas prefeituraes, o auditorio

⁸⁶⁰ Idem.

também descobria belezas na oração do professor Rebello. E assim, só devido a esse aperitivo, pôde o sr. Guimarães Rebello ter a honra de alguns applausos. Quando o orador, no meio da sua estirada, fez referência ao professor Hemetério dos Santos, este pediu ao prefeito que lhe concedesse um quarto de hora para responder ao seu colega que se achava na tribuna. O sr. Serzedello, apatetado, bateu com a cabeça sem sinal de assentimento. Mas, depois da ligeira permuta de cochichos, trocados entre os srs. Serzedello e Silva Gomes, foi deliberado que o professor Hemetério teria o direito de, em outro dia, e naquele mesmo salão, responder às considerações do sr. Rebello.⁸⁶¹

No trecho acima da matéria, Serzedello Correia foi citado como “velho parlamentar e excelente orador”, mas também qualificado de “maluco” e “apatetado”, e de que se demonstrara favorável ao término do curso noturno na Escola Normal ao bater palmas para o orador. Hemetério estava presente e tentou usar da palavra para rebater de imediato as palavras de Rebello, mas numa manobra de Silva Gomes, Rebello, Alfredo Gomes, “dr. Cabrita” e com o consentimento de Serzedello, evitou-se que Hemetério falasse e jogaram para outro dia em que Hemetério teria o direito de fazer a sua conferência no salão nobre da Prefeitura. Terminada a conferência de Rebello, “o grupinho que dirige actualmente o ensino municipal”, com anuência do prefeito, decidiu que a conferência de Hemetério não se realizaria nas dependências da Prefeitura. Eles agiram rápido de acordo com o articulista:

Parece incrível, mas, de facto, o órgão oficial onde se publicam os actos da Prefeitura inseriu hoje em suas columnas editoriaes, a seguinte local: “O sr. prefeito municipal resolveu que não se effectue em dependencias da Prefeitura, á vista das razões expostas pelo director geral de instrução, a conferencia annunciada pelo professor Hemetério José dos Santos, que, entretanto, poderá apresentar por escripto qualquer idéa sobre o ensino publico municipal, que, com prévio exame, será publicado no jornal official da Prefeitura”. Os proprios inimigos do professor Hemetério, ao lerem essa declaração do prefeito hão de convir que o sr. Serzedello agiu com má fé, faltando á sua palavra, dada perante regular auditorio. É a molecagem do sr. Nilo Peçanha a estender-se até ás regiões da Prefeitura...O sr. Serzedello está evidentemente maluco. É um titere, é um juguete nas mãos dos seus auxiliares. Não obstante, esse pobre homem, ao envez de ser recolhido ao Hospicio, a ver si se restabelece da sua atroz enfermidade, é conservado á testa dos negocios públicos do primeiro municipio do Brazil!⁸⁶²

Como se pode ler no trecho acima, de acordo com o articulista do jornal, o director geral de instrução pública, o prefeito e os adversários de Hemetério armaram para que ele não realizasse a sua conferência na Prefeitura. O prefeito, inclusive, fora esculachado pelo articulista em face da sua atitude de “má fé”. Não queriam obviamente abrir espaço para que o

⁸⁶¹ *O Seculo*, 07.04.1910, edição 01111-1, p. 1 e 2.

⁸⁶² *Idem*.

professor Hemetério apresentasse seus argumentos em defesa da Escola Normal Noturna. Em face disso, Hemetério articulou para que a sua conferência fosse realizada no mês seguinte, na Associação dos Empregados do Comércio. Como já informado, *O Século* apresentou uma síntese da mesma com o título “A Escola Normal – o curso noturno” (edição 01123, 21.05.1910, p. 1 e 2). De acordo com a matéria, o professor Hemetério dividiu sua conferência “em duas partes”. Na primeira, tratou “das necessidades geraes do ensino municipal”; na segunda, do ensino noturno na Escola Normal. Em relação à primeira parte, o articulista escreveu o seguinte:

Preconiza o illustre professor a construcção de predios escolares, onde haja espaço para os serviços da escola, residencia do professor, como meio de economia e de zelo para as cousas escolares; a egualdade do ensino em todas as escolas, quer pertençam aos bairros ricos, quer aos menos abastados, devendo-se mesmo preferir estes para serem primeiramente dotados de bons edificios e de bom pessoal de ensino. A construcção de edificios deve começar dos suburbios para o centro da cidade. Descreveu o seu plano de reforma, no qual devem apparecer estes typos de casas de ensino: escola elementar, com um só programma em toda a parte, o gymnasio municipal e a escola normal, em que só se aprenderá a ensinar, como escola profissional que deve ser.⁸⁶³

Na passagem acima, percebe-se a perspectiva apresentada por Hemetério de priorizar e valorizar as condições de ensino para o público mais pobre da cidade e dos subúrbios. Isto porque além de propor “egualdade de ensino para todas as escolas”, propôs ter preferência pelos bairros “menos abastados”. Não por acaso ele ter proposto que a construção dos prédios escolares devesse “começar dos suburbios para o centro da cidade”.

A outra parte referente ao ensino noturno, Hemetério argumentou com base na lei, que, de acordo com o articulista da matéria, “é clara a respeito”. Afirmou também que a proposta de extinção do curso noturno, de acordo com o professor, “é inspirada nos sentimentos de vingança do sr. José Verissimo para com o orador” como uma forma de tentar afastá-lo da Escola Normal. Além de informar que a conferência fora muito aplaudida e teve a participação de diversas pessoas importantes da cidade, a matéria também se refere à petição que Hemetério apresentara junto com os seus seguidores e que seria entregue ao prefeito Serzedello Corrêa:

Exmo. sr. dr. Prefeito do Districto Federal – Nós abaixo assignados paes, mestres, amigos dos candidatos á matricula na Escola Normal Nocturna, infelizmente unica, no Districto Federal; Municipices com direito de se interessarem pela causa publica, que é a sua tambem; e interessados, de toda

⁸⁶³*O Seculo*, 21.05.1910, edição 01123, p. 1 e 2

a ordem, pelos progressos da instrução publica, e pelo seu desenvolvimento por todos os recantos deste Districto e deste grande paiz, por consideral-os caminhos unicos para a perfectibilidade, para a felicidade e para a realização das niveladoras aspirações democraticas da Liberdade bem comprehendida, da Fraternidade bem praticada e de Igualdade moral; protestamos respeitosa e perante V. Ex. contra o fechamento de escolas neste regimen e nesta terra, que arrasta o labéo infamante de “paiz de analphabetos” – e respeitosa e ainda depositamos em vossas mãos de Republicano, cheio de responsabilidades no regimen vigente, o pedido de revogação da *medida administrativa* que fechou aos estudiosos pobres, filhos do proletariado, as portas da Escola Normal Nocturna. Assim, requeremos que, na fórmula da lei n. 844, mandeis effectuar as matriculas pedidas nos 1º e 2º annos do curso nocturno da Escola Normal. (grifo do articulista).⁸⁶⁴

O texto da petição, corroborando o espírito da época, dá ênfase ao papel da escola como meio de realizar as “niveladoras aspirações democráticas” que deveriam existir em um regime republicano. Também denuncia a política equivocada de fechar escolas em um “paiz de analphabetos”. E conclama ao prefeito rever a “*medida administrativa* que fechou aos estudiosos *pobres*, filhos do proletariado, as portas da Escola Normal Nocturna”. O grifo em itálico foi feito pelo próprio articulista da matéria ou foi reproduzido como na petição original. De todo modo, percebe-se a intenção de associar a decisão administrativa do prefeito de fechar a Escola Normal Noturna como um ato que atingiria a classe pobre ou do proletariado da cidade. O que equivale dizer, em outras palavras, que a existência da Escola Normal Noturna era de fato uma possibilidade de estudos para as pessoas pobres que desejavam se formar na profissão docente.

Mesmo quando esteve ausente na Escola Normal, o nome de Hemetério era citado nos jornais. Reproduzindo matéria que teria saído no jornal *O Paiz*, o periódico *A Federação* de 25 de junho de 1915 (edição 00145(1), p. 7) informa sobre um suposto “motim” que teria acontecido na escola motivado por discussões entre alunas e inspetoras, e atitudes arbitrarias do diretor da escola. O início do relato que saiu na imprensa com o título “Tristes scenas - Na Escola Normal do Rio” foi o seguinte:

Ao contrário de outras que são sempre passadas na Escola Normal, num ambiente de paz e de calma, a noite de hontem foi, para aquelle estabelecimento de ensino, agitada, desordenada, sendo toda ella occupada por um motim que se estendeu das 18 até as 21 horas. Áquella hora, um grupo numeroso de alumnas do 1º anno, que não tinham dado aula de portuguez por haver faltado o respectivo professor, dr. Hemeterio dos Santos, estava reunido numa sala do pavimento terreo,

⁸⁶⁴ Idem.

quando entre uma alumna e a inspectora surgiu uma discussão sobre um motivo qualquer.⁸⁶⁵

Portanto, o professor Hemetério tinha faltado a sua aula no curso noturno da Escola Normal em 24 de junho de 1915. Suas alunas estariam sem atividades em uma sala no térreo e uma discussão entre aluna e inspetora se iniciara, motivando a primeira confusão. Ocorre que, de acordo com o jornal, outra confusão também se iniciou no primeiro andar, quando a aluna Lucinda Ramos e a inspetora Marcolina entraram em rota de colisão. A inspetora se dirigiu ao diretor Hans Heinborn para “pedir providencias”. De acordo com o articulista, “os animos das alumnas estavam exaltados” pelo fato de ter ocorrido aula no dia anterior, “dia de festa nacional”, e, segundo ele, este teria sido o motivo, a seu ver, para o “grande escandalo”. Mas a confusão estava apenas começando. O diretor atendeu ao chamado da inspetora e foi até a sala repreender “asperamente” a aluna Lucinda. Depois, desceu para o lugar da primeira confusão para retirar de sala uma aluna. Acontece que Lucinda Ramos ficou indignada pelo tratamento recebido do diretor e, “muito nervosa”, teve “um grande ataque”. Indignadas, outras alunas também se revoltaram, dentre estas, Verina Caldas e Rosa de Jesus Teixeira. A confusão cresceu: “Toda a escola, então, entrou em franca desordem. Não mais foi possível conter as moças, que, no auge da indignação, protestavam, em altas vozes, contra a direcção do estabelecimento”, afirma o texto do jornal.

A *agência* das normalistas se fez presente. Mas não parou por aí. Fora da escola formou-se uma “grande aglomeração na rua”, que, de acordo com as palavras do articulista, foi motivada pelo “boato de que o diretor tinha agredido physicamente a uma aluna”. Como se diz, “onde há fumaça há fogo”: “os populares se exaltaram, não faltaram gritos sediciosos aconselhando o assalto ao edificio”, escreve o articulista da matéria. Com medo da manifestação popular em frente à escola, o diretor pediu auxílio à força policial. As alunas se agitaram mais ainda com receio de serem presas. O uso da força foi utilizado: “Á chegada dos soldados, as alunas ainda mais se agitaram por pensarem que iam ser presas; não houve outro remédio senão mandar retirar a força, porque novas alumnas foram accommettidas de ataques, principalmente a de nome Albertina Guimarães, do 4º anno”, continuou o articulista. De acordo com o jornal, a manifestação foi tão intensa que mobilizou outras autoridades. O delegado Osorio de Almeida e o prefeito Rivadavia Corrêa foram ao local. O jornal informa que um funcionário chamado Abilio agrediu as estudantes, pois “pretendia dominar as moças,

⁸⁶⁵ A *Federação*, 25.06.1915, edição 00145-1, p. 7.

insultando-as”. A presença de familiares das alunas também foi registrada na matéria. O irmão de uma das alunas agredidas sacou uma arma contra o tal Abílio.

Com auxílio de alguns professores às 22 horas “tudo estava serenado”. Mas o diretor teve que se retirar no carro do delegado. Parece ter sido uma manifestação em tanto. A manifestação revelou o protagonismo das estudantes e da população que as apoiou. Possivelmente, algumas destas normalistas estiveram presentes nas manifestações que o professor Hemetério liderava em defesa da Escola Normal Noturna. Participar de manifestações de protestos em defesa dos direitos e contra atitudes arbitrárias também é um ato pedagógico. As normalistas daquela época foram protagonistas neste sentido.

Hemetério também se preocupava com a “opressão” que ocorria nas casas de suas alunas normalistas e “colegas de trabalho”. Em carta publicada na *Revista Brazil Moderno* para o seu colega Maciel Espinheiro, com data de 03 de junho de 1911 (edição 0005-0006 (3), p. 6), o professor escrevera sobre a atitude da mãe da normalista e professora primária Nilda Juracy, que castigara a filha por “ser amada e querida”. A carta de Hemetério começa situando o problema da opressão familiar que existia sobre as jovens professoras: “Agora não te posso dar notícias alegres, porque o inferno das paixões mesquinhas se desencadeou nas casas das nossas companheiras de trabalho. Cada dia uma dor nos fere e nos humilha... Não podes imaginar os protagonistas desses cenas que se desenrolam contra o maternal amor”⁸⁶⁶.

Em seguida, Hemetério relata o modo como tomou conhecimento dos maus tratos que uma de suas alunas estava sofrendo por parte da sua própria mãe. Em dia chuvoso, um tal de Barbosa de Almeida batera à porta de Hemetério para lhe contar sobre o referido castigo. De acordo com o professor, o mensageiro estava “pallido” e com “o coração maguado pelas novas desgraças que o affligiam”. Barbosa, então, relatou para Hemetério “a historia da mãe *que tão pouco o parecia*, castigando a própria filha pela alhèa culpa de ser amada e querida” (grifo de Hemetério). O castigo da mãe ocorria pelo fato de a menina ter um pretendente, que parecia ser do agrado dela, mas não de sua mãe. Hemetério interpretou a atitude desta mãe como uma ato doentio de “perversão” e “cobiça”: “Uma perversão de instinto, uma cèga cobiça que não trepida de infamar, desacreditar, matar moralmente e physicamente aquella frágil e indefesa creança, a nossa amiguinha Nilda Juracy”. Depois de lembrar momentos da menina na sala de aula, “sempre assidua, sempre prompta, sempre repetindo as palavras dos mestres”, Hemetério detalha o modo como a opressão familiar se manifestara contra sua aluna Nilda Juracy:

⁸⁶⁶ *Revista Brazil Moderno*, 03.06.1911, edição 0005-0006 (3), p. 6.

Amou; e o seu pendor natural e bom para com o eleito do seu coração lhe não deu forças bastantes para lutar e vencer a vontade da mãe, que mil obstaculos, mil baixeiras praticou, por não perder-a, a ella que há muito lhe dava casa, dinheiro, carinho, bem estar, consideração e affeição tão imperiosa que a subordinava toda inteira ao querer de todos da sua casa. Os irmãos a governavam, e noite e dia a espiavam, prohibindo-lhe mesmo a conversação com collegas sobre questões do seu officio... *Até com as colegas...*(grifo de Hemetério). A mãe dispunha-lhe do dinheiro, sem consulta e sem dar-lhes satisfações. A toda hora, a todo o instante, abroquelada nos seguros do seu disfarce astuto, ia roendo a vida da pobrezinha. O longo trabalho escolar, a estafa, enfraquecera-lhe tambem a vontade, e o seu amor não teve forças por se revelar em factos: ella o guardou, no peito, bem fechadinho, com muito mêdo, e alli estourou, não lhe dando a morte, infelizmente, mas tornando-a peteca e ludibrio da sorte, pois enlouqueceu subita, e brutalmente.⁸⁶⁷

O ocorrido com Nilda Juracy, de acordo com o relato que Hemetério apresentou na carta publicada, possivelmente, se constitui em realidade vivenciada por outras jovens da época. A mãe, além de agredir a filha, controlava o dinheiro que a jovem recebia pelo seu trabalho como professora primária. Os irmãos agiam em cumplicidade com a mãe. Hemetério atribuiu de “disfarce astuto” a postura da mãe de Nilda, que se aproveitava da condição de ser mãe dela, para usar desta condição e explorar a filha. Ou seja, para Hemetério, a mãe, enquanto ser protetor dos filhos se mostrava como uma farsa na carapuça da mãe “roedora” de Nilda. Como onde há farsa, sempre tem espaço para a tragédia, parafraseando o velho Marx, ao invés de proteger a filha, a levou à loucura. E para Hemetério, isto foi pior que a morte.

O professor também considerou a opressão que a mulher sofria naquela época, a exemplo do que ocorrera com Nilda, como sendo pior do que a da própria condição de escravo: “O escravo que se via vigiado, espionado e tolhido nas suas amizades e affeições legítimas, pedia papel de venda, mudava de senhor. As nossas pobres collegas que trabalham para sustentar uma horda de ociosos e parasitas, só têm uma valvula: enlouquecer ou morrer...Nilda não podia e não pode mudar de mãe...”. Na passagem anterior ele já sinalizara para o aspecto da exploração do trabalho (“O longo trabalho escolar, a estafa”). Nesta agora, o professor identifica os exploradores da família de algumas das normalistas e professoras primárias como Nilda, “uma horda de ociosos e parasitas”. As palavras usadas pelo professor Hemetério revelam o grau da sua indignação, não só pelo ocorrido com Nilda, mas também por saber que não se tratava de um caso isolado, pois outros existiram:

⁸⁶⁷ Idem.

E vaes ficar admirado e triste...Não foi só a meiga Nilda a victima da cobiça e do zelo pharisaico e lórpa da megera sua mãe. Este anno já tres... Tres que estão no dominio publico: a Alice Cataldi, e a Maria de Oliveira, ambas, coitadinhas, enlouqueceram, victimas tambem das mães e das irmãs domesticas, e a...Para isso, não vale a pena cursar a escola...⁸⁶⁸

Hemetério chegou a revelar o nome do eleito por Nilda para um casamento que não ocorrera em função da negativa da mãe: Alfredo; segundo o professor, “rapaz bem apessoado e de maneira gentil, bem empregado”, mas que também deixou de amparar a jovem quando esta “succumbio no isolamento”. Depois do desabafo (“Ah! essas mães!”), Hemetério ainda alfineta o costume da época de preparar as moças para o casório como se fosse uma relação comercial:

Uma (mãe) de S. Paulo deixa a filha na ignorância: prepara-a sómente para o requinte do banquete carnal, entrega-a á voracidade do instinto lubrico nascente de um jovem milionario, e, quando o comprador por vêr que a fazenda não tem os attributos de uma nobre esposa, foge, a megera assassina cobardemente a victima do seu meio e do seu lar pervertido, e sem amor e sem idéal, povoado apenas de cobiça torpe... Por isso o poeta, indignado bradou: *Andam as mães vendendo as filhas Messalinas/ Umas pelos salões, outras pelas esquinas.* (grifo de Hemetério).⁸⁶⁹

De fato, Hemetério soltou o verbo. O costume casamenteiro da época “deixa a filha na ignorância”, a prepara para o “banquete carnal”, de modo que as filhas acabam se tornando objeto de uma relação de compra e venda.⁸⁷⁰

Neste sentido, como destacado anteriormente, vale lembrar que cinco anos antes de Hemetério publicar a sua referida carta, o tema da “educação da mulher” foi assunto discutido na cidade, a partir de um plebiscito organizado pelo jornal *O Paiz* no ano de 1906 e que fora analisado pelas pesquisadoras Irma Rizzini e Alessandra Schueler (2018) no artigo, *Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906)*. Desta feita, no que diz respeito ao tema da “emancipação da mulher”, as autoras identificaram “vários sentidos”, dentre estes, corroborando com o espírito da época, o ofício do magistério aparece como consensual para o público feminino.⁸⁷¹

⁸⁶⁸ Idem.

⁸⁶⁹ Idem.

⁸⁷⁰ O emprego da metáfora da escravidão para representar o casamento não foi incomum nas páginas da imprensa carioca em meados do século XX, conforme analisou Lericé Garzoni (GARZONI, L. C. Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX). Tese (Doutorado em História Social), UNICAMP, Campinas, 2012).

⁸⁷¹ Ver Irma Rizzini e Alessandra Schueler (2018). *Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906)*. *Revista de História e Historiografia da Educação*, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 122-146, janeiro/abril de 2018.

Vale ressaltar também que, como em relação aos meninos do Colégio Militar, Hemetério parece ter sido uma pessoa querida entre as meninas da Escola Normal. As evidências indicam, portanto, que a sintonia de Hemetério com suas alunas normalistas era muito boa. Suas alunas chegavam até a organizar festas para ele, como a ocorrida em 17 de novembro de 1906 e que fora noticiada pelo jornal *O Seculo* (edição 00070-1, 19.11.1906, p. 3). Da parte de Hemetério, a sintonia se revelou, por exemplo, no momento em que se aproximou a sua aposentadoria na referida escola, quando escreveu o “Soneto de despedida”, “A Normalista”:

A Normalista (Soneto de despedida)

Aqui jamais o mestre se aborrece
Neste ninho bemdito de esperança...
Corre sempre pelo ar que se estremece
U’a doce nota, um halo de aliança

Flôr de mulher gentil que não falece,
Transformando-se n’alma da criança,
Cujo esp’rito no amor se faz e cresce,
Tu és do meu Brasil a segurança.

Semente do trabalho, luz de amor,
O Brasil só em ti confia, certo
Do seu maior progresso, e seu vigor.

E não se apaga aqui o teu esforço;
Antes, crescendo em pigue campo aberto,
Domará da montanha o agreste dorso.
Hemeterio dos Santos.⁸⁷²

A normalista é, então, para o professor Hemetério “a segurança” do Brasil, a “semente do trabalho” e do “progresso”. E o lugar de formação da normalista, no caso, a Escola Normal, é o “ninho bemdito de esperança” para o país. Como vimos anteriormente, o professor Hemetério tinha uma crença muito grande no trabalho de formação de professores primários da referida escola, que teve duração até 1930.

Nesse sentido, a Escola Normal do Distrito Federal, como se sabe, foi transformada, no início da década de 1930, sobre a gestão de Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, em Instituto de Educação. Um prédio imponente foi construído na Rua Mariz e Barros (Tijuca) para abrigar este Instituto. Parece que Hemetério foi um crítico deste tipo de política educacional. Isto se evidencia em um dos últimos textos escritos pelo professor, o prefácio (já referido) ao livro de história *Da Republica á Dictadura* (1931), de autoria de Dormund

⁸⁷² *O Jornal*, 28.11.1931, edição 04008-1, p. 6.

Martins. Em uma passagem deste prefácio, Hemetério se expressa de forma crítica à criação da “escola palácio”: “Não palacios vistosos e nabadescos, mas sim um trabalho proficuo do professorado, sem imitação européa, uma pedagogia singular que forme um espirito nosso, implantando a brasilidade”.⁸⁷³

A passagem acima começa com uma nítida referência crítica ao prédio do Instituto de Educação. “Não palacios vistosos e nabadescos”, escreveu o velho Hemetério. Ao invés de prédios excepcionais, o professor defendia “um trabalho proficuo do professorado”. Ao invés de uma pedagogia que fosse pautada numa “imitação européa”, Hemetério queria que fosse implantada “uma pedagogia singular”, voltada para formar “um espirito nosso”, pedagogia que fosse “implantando a brasilidade” nos estudantes.

Em suas experiências na Escola Normal e no Colégio Militar, Hemetério ampliou seus vínculos pessoais e suas redes de sociabilidade. A passagem dele por outras instituições públicas e privadas também contribuiu não só para ampliar e consolidar outros vínculos e outras redes, mas também ajudou a fortalecer a sua respeitabilidade enquanto intelectual e professor. A seguir, apresentaremos um panorama das experiências do professor em algumas destas outras instituições.

5.2.3 – A participação de Hemetério em outras instituições educativas.

As experiências do professor Hemetério José dos Santos no campo educacional durante a República foram de fato muito amplas. Nos dois pontos anteriores tratei de algumas de suas experiências relacionadas ao Colégio Militar e à Escola Normal. Contudo, seu nome não esteve vinculado apenas a estas duas importantes instituições educativas. Existiram outras que precisam ser destacadas, mesmo que de forma panorâmica.

Uma destas instituições foi a chamada *Escola Normal Livre*, que se constituiu em uma escola normal particular criada por uma associação de professores na data de 18 de maio de 1893 e localizada na Rua Sete de Setembro, número 58. No ano seguinte, em 1894, o decreto municipal número 103 de 03 de agosto estabeleceu a equiparação da Escola Normal Livre com a Escola Normal do Distrito Federal. O corpo docente e administrativo desta escola indica ter sido ela um espaço importante de sociabilidade da época:

Administração: Director – Oscar Nerval de Gouvêa, Dr.; **Secretario** – **Hemetério José dos Santos, Maj.**; Escripturario – Domingos Magno da Silva; Inspectoras de alumnas – Custodia Ramalho, D.; Euphrosina Barbosa, D.; Constança dos Santos, D;Corpo docente- Francez (José Bernardino

⁸⁷³ Hemetério José dos Santos, *Prefácio* ao livro *Da Republica á Dictadura*, 1931, p. IV.

Paranhos da Silva, Bch.); Arith. E Algebra (João Cancio Póvoa e Antonio Maria Moreira Guimarães; Geometria (Francisco Baptista do Nascimento, Dr.); Desenho (Professor da mesma matéria na Escola Polytechnica – Delfim da Camara, Cap.); Musica (Professores do Instituto Nacional de Musica – Arnaud de Gouvêa e José de Lima Coutinho); Gymnastica (Professor Municipal – Domingos Miguel Dias); Trabalhos Manuaes (Professor cathedatico do 1º gráo – Augusto de Miranda); Trabalhos de agulha (Romana di Genova, D.); Inglez (Luiz Maria Martins Corrêa); Mechanica (Lente na Escola Militar – Francisco Ferreira Braga, Dr.); Geographia (Professor do Collegio Militar – Evaristo Nunes Pires, Dr.); Chorographia (Director do Externato do Gymnasio Nacional – José Verissimo de Mattos, Dr.); Pratica escolar (Professor no Instituto Commercial – Paulino Martins Pacheco, Dr.); Physica (Da Escola de Medicina – Carlos Dantas Bastos, Dr.); Historia (Do Gymnasio Nacional – Eugenio de Barros Raja Gabaglia, Dr.); Sociologia e Moral (Da Escola Normal Official – Joaquim Abílio Borges, Dr.); **Litteratura nacional (Professor do Collegio Militar – Hemeterio José dos Santos, Maj.)**; Portuguez (Do Gymnasio Nacional – Francisco Pinheiro Guimarães, Bach.). Corpo docente honorário: Director – Fausto Carlos Barreto, Dr. Professores: João Barbalho Uchôa Cavalcanti, Dr. Senador; Alfredo Barcellos, Dr.; João Baptista Capelli, Dr.; João Baptista Maia de Lacerda, Dr.; José Bernardo da Serra Belfort, Dr.⁸⁷⁴ (grifo meu)

Como se observa nas informações acima do *Almanak Lammaert*, nomes consagrados como Oscar Nerval de Gouveia, José Veríssimo de Mattos, Joaquim Abílio Borges, dentre outros, estiveram presentes nesta empreitada pedagógica. Mas, além destes, também fizeram parte os irmãos Alexandre e Fausto Barreto, colegas de Hemetério no Colégio Militar, assim como, Carlos Laet e outros, como informa, em 21 de maio de 1893, o jornal de José do Patrocínio *Cidade do Rio* (edição 00135 (1), p. 2):

Com o titulo de Escola Normal Livre, vai inaugurar-se no dia 3 do mez proximo, um curso nocturno com os mesmos programmas de ensino e os mesmos compendios adoptados pela escola normal official. Destina-se o novo instituto de educação a auxiliar os alumnos da Escola Normal, que, pela nova lei de ensino, passou a ter cursos apenas diurnos. Fazem parte do pessoal administrativo e docente da Escola Normal Livre os seguintes professores: Fausto Barreto (director), Carlos de Laet, Maximino, Hemeterio, Alexandre Barreto, Barjona, Thimotheo Pereira, Delfino de Faria, Rangel de Sampaio, Narciso Figueiras, Domingos Dias(...).⁸⁷⁵

O detalhe interessante da notícia acima, para além de citar nomes importantes que não aparecem na passagem destacada anteriormente do *Almanak Lammaert*, é a informação de que o surgimento da Escola Normal Livre ocorrera em função da “nova lei de ensino” ter suprimido o curso noturno da Escola Normal oficial. Em face disso, de acordo com o jornal de Patrocínio, “os mesmos programmas de ensino e os mesmos compendios adoptados pela

⁸⁷⁴ *Almanak Lammaert*, 1896, edição A00053(3), p. 1545.

⁸⁷⁵ *Cidade do Rio*, 21.05.1893, edição 00135(1), p. 2.

escola normal official" foram utilizados na Escola Normal Livre. Como era um ferrenho defensor de uma Escola Normal noturna, se evidencia que o professor Hemetério parece ter sido linha de frente na criação e na defesa desta referida Escola Normal Livre, uma vez que, além de assumir a secretaria, assumiu também a disciplina de Literatura Nacional, a mesma que ele ministrava no Colégio Militar. Além disso, Hemetério gostava de participar e discursar em eventos desta instituição educativa. Isto ocorrera, por exemplo, no evento que celebrou o segundo ano de fundação da escola e que fora divulgado pelo jornal *Diário de Notícias*, em 18 de maio de 1895 (edição 03577(1), p. 1):

Escola Normal Livre - Celebra hoje, ás 7 horas da noite, magna sessão solemne a Escola Normal Livre, uma das mais belas e uteis instituições de ensino que honram este municipio. Commemora assim grandiosamente essa escola o 2º anniversario de sua fundação, distribuindo aos seus primeiros diplomas aos alunos que nella terminaram este anno o curso normal, segundo o regulamento de 1881. Serão inaugurados por essa occasião os retratos dos drs. Paulino Martins Pacheco, digno fundador da esola, Oscar Nerval de Gouvêa e Fausto Carlos Barreto, os primeiros directores que brilhantemente a dirigiram. Sabemos que fallará como paranymphe dos diplomados o illustrado educador dr. Joaquim Abilio Borges, respondendo-lhe por parte destes o sr. Aristides de Drummond Lemos. **Usarão igualmente da palavra os professores major Hemeterio dos Santos** e dr. Joaquim Borges Carneiro, sendo igualmente inaugurado o lindissimo. Foram convidados para o acto solemne os srs. drs. Presidente e vice-presidente da Republica, prefeito municipal, intendentes, professores dos nossos institutos de ensino, associações e toda a imprensa d'esta capital (...). (grifo meu).⁸⁷⁶

O referido evento também se justificou por ter sido o momento de entrega dos diplomas dos primeiros formandos pela escola. Retratos dos três primeiros diretores foram inaugurados, dentre estes, o de Paulino Martins Pacheco, citado como o “digno fundador da escola”. Joaquim Abílio Borges falou como paraninfo, e o professor Hemetério também usou a palavra. Os organizadores da solenidade buscaram fazer um evento de ponta, pois, além de convidar o prefeito, intendentes, professores, associações e “toda a imprensa” da capital, convidaram também o “presidente e o vice-presidente da Republica”. Quase um mês após este evento, Paulinho Martins Pacheco assumira a direção do curso primário que fora criado anexo à Escola Normal Livre (*Diário de Notícias*, 09.06.1895, edição 03596 -1, p. 1).

Em outra atividade relacionada à Escola Normal Livre, que teve a presença de professores e alunos, o professor Hemeterio falou em nome dos docentes da escola juntamente com Paranhos da Silva. Isto ocorreu em 31 de agosto de 1895 e foi divulgado nesta data pelo *Cidade do Rio* (edição A00202-1, p. 1). A atividade foi para saudar Prudente

⁸⁷⁶ *Diário de Notícias*, 18.05.1895, edição 03577(1), p. 1.

de Moraes e Manoel Victorino. Os nomes de algumas das alunas foram divulgados pelo jornal: Esmeralda Masson, Olga Maggioli, Maria Luiza Desray, Cinira Reis, Emília da Rosa e Maria José de Magalhães Pinto.

A Escola Normal Livre também foi espaço para a realização de conferências do professor Hemetério José dos Santos. Nos dias 07 e 14 de março de 1895, por exemplo, o jornal *Diário de Notícias* publicou, respectivamente, a divulgação das segunda e terceira conferências do professor sobre “humanistas e grammaticos do século XIX no Brazil”. Pelo título, deve ter sido interessante estas conferências, mas, infelizmente, não consegui ter acesso ao conteúdo das mesmas. Em 29 de fevereiro de 1896, o jornal do Patrocínio divulgou outra notícia importante: “Foram reeleitos os Srs. Dr. Oscar Nerval de Gouvêa e Hemeterio dos Santos, diretor e secretario da Escola Normal livre. Pela congregação da Escola Normal Livre foram nomeados professores de literatura e de pratica escolar os conhecidos docentes Dr. Sylvio Romero e D. Maria da Gloria Loureiro de Andrade.” (*Cidade do Rio*, edição 00061-1, p.1). Como se pode saber através da notícia, além do diretor, Hemetério fora reeleito secretário, e Sylvio Romero, importante intelectual da época, foi também integrado ao corpo docente da Escola Normal Livre. Além deste, a professora Maria da Gloria, irmã de Maria Guilhermina, já referida.

A Escola Normal Livre realizava exposição de trabalhos escolares confeccionados por seus estudantes. Algumas destas exposições foram feitas no *Pedagogium*, instituição que o professor Hemetério também participou, chegando, inclusive, a ser diretor interino em mais de uma ocasião.⁸⁷⁷ Não por acaso, era o próprio professor que acompanhava as alunas expositoras, como na ocasião em que informou o jornal *Cidade do Rio*, em 24 de dezembro de 1895 (edição B00314-1, p. 2). O professor também realizava conferências no *Pedagogium*: “Realiza-se hoje, ás 7 ½ horas da noite, no *Pedagogium*, a 2ª conferencia desta série. Dissertará o professor Hemeterio dos Santos sobre o ensino da orthographia portugueza nas escolas primarias. A entrada é franca e comparecerá todo o professorado municipal”, informa o *Jornal do Brasil* de 28 de agosto de 1902 (edição 00240-1, p. 3).

Desta feita, o *Pedagogium* se constituiu em outra importante instituição da época que os jornais informam ter tido a participação de Hemetério. A instituição foi criada em 1890, no âmbito das novas legislações sobre instrução pública empreendidas por Benjamin Constant (Decretos 667 e 980). Seu primeiro diretor, Menezes de Vieira, que dirigiu a instituição de 1890 a 1897, foi a mesma pessoa a quem Hemetério rivalizou na época em que o professor

⁸⁷⁷ Ver *Jornal do Brasil* de 10.07.1902 (edição 00191(1), p. 2) e *Correio da Manhã*, 01.10.1908, p. 3.

criou seu Colégio Froebel (capítulo 2). O outro diretor que assumiu a direção do *Pedagogium* em dois momentos (1897- 1905 e 1911-1919) foi Manoel Bonfim, importante professor e intelectual, combatente das teorias raciais da época que propagavam a suposta inferioridade do negro, e amigo do professor Hemetério. Como já assinalado, quando Manuel Bonfim precisava se ausentar da direção do *Pedagogium* por algum motivo, Hemetério, em algumas ocasiões, assumia, interinamente, a direção da instituição.

Originalmente pensada como uma instituição educativa que pudesse impulsionar e aprofundar a formação dos professores primários, transformou-se, com o tempo e falta de investimento governamental, em “museu pedagógico” vinculado à Escola Normal do Distrito Federal. O *Pedagogium* também tinha uma revista pedagógica da qual Hemetério José dos Santos era colaborador efetivo juntamente com Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Carlos Leoncio de Carvalho, Eduardo Salamonde, Manoel Curvello de Mendonça, Eugenio Guimarães Rebello, Leoncio Correia, Alfredo Gomes, José Verissimo Dias Mattos, Virgílio Varzea, Candido Jucá, Antonio Mariano Alberto de Oliveira, Julio Novaes e Alcides Maia. Além de homens, existiram também mulheres que colaboraram com a referida revista: as professoras Ilza de Souza Martins (secretária da revista), Maria Joanna de Paiva Palhares, Alzira Barbosa da Costa Rocha, Leonie Teixeira da Silva, Mariana Pinto Fernandes Porto, Maria Amelia Costa Azevedo e Maria Luiza Desray (*O Paiz*, edição 09664-1, 23.03.1911, p. 8). O *Pedagogium* foi extinto em 1919 e durante a sua existência se constituiu em importante espaço de debates e de sociabilidade.⁸⁷⁸ Vale lembrar que, no entanto, na época em que o *Pedagogium* apareceu, Hemetério foi um crítico do surgimento desta instituição. Isto pode ser evidenciado a partir da análise do texto em que o professor escrevera para o jornal *O Tempo*, em 12 de agosto de 1892 (edição 441-1, p. 1). A crítica de Hemetério se iniciou da seguinte forma:

(...) Viram todos e sentiram que não bastam as reformas pomposas e rigorosas na seriação científica; que não bastam os regulamentos de sabor *burocratico* (grifo de Hemetério), que não bastam os aparelhos, as que ostentam luxuosas mobílias que servirão de thema ás eruditas explanações de marceneiros geômetras. Não: alguma cousa mais de imprescindível necessitamos: carecemos dos verdadeiros e unicos instrumentos de reformas: - precisamos de professores. Sem mestres idoneos, toda a reforma é improficua e de negativos resultados; será um ludíbrio e um escarneio ao

⁸⁷⁸ Para uma compreensão de algumas das facetas históricas da referida instituição, ver livro organizado por Ana Chrystina Venâncio Mignot (2013), *Pedagogium – símbolo da modernidade educacional republicana*. Nesta obra, constam capítulos de pesquisadores diversos que tratam, dentre outras questões, da relação de Benjamin Constant com o *Pedagogium*, dos períodos de gestão de Menezes Vieira e Manoel Bonfim, da *Revista Pedagógica*, periódico publicado pela instituição, e outros temas relevantes.

povo, que tem o direito de esperar leis que se traduzam em realidades tangíveis num governo honesto e democrático.⁸⁷⁹

O professor, então, começa sua crítica atacando a própria reforma da época que deu origem ao *Pedagogium* e acentua uma questão que acompanha a sua trajetória de intelectual, ou seja, a defesa constante da formação de docentes: “carecemos dos verdadeiros e únicos instrumentos de reformas: precisamos de professores”, afirma ele. O fato, então, de o *Pedagogium* ser instituição que não tinha a presença de professores fez com que Hemeério afixasse seu ataque a partir deste aspecto. Nesse sentido, citou uma conferência realizada por Benjamin Constant em que este anunciou a criação do *Pedagogium* através do decreto “n. 667 de 16 de agosto de 1890” e se pergunta, em seguida: “Que é *Pedagogium*?”. A questão levantada foi respondida pelo próprio professor e, junto com a resposta, veio a crítica:

No sentido clássico do termo, é uma escola superior que *completa* (grifo de Hemeério) a educação profissional de quem se destina ao magistério primário e mesmo superior, e que, por circunstâncias especiais se não acha ainda provida em cadeira alguma; e por extensão, um curso que melhora as condições didáticas de professores que já se acham providos. Esta é a idéia corrente na arte de ensinar. O estabelecimento, porém, fundado pelo citado decreto não se pode abalar a tanto, por isso que lhe faltam professores: apenas tem administração composta do venerando e operoso educacionista brasileiro o Dr. Menezes Vieira, como director; do emérito normalista Felisberto de Carvalho, secretario; de um conservador e um porteiro. Por optimista que sejamos, não podemos ver, em quatro distintos empregados, os instrumentos vivos de obra tão ingente – qual a de coroar os conhecimentos de professores diplomados pela escola normal da capital, que, deve ser, indubitavelmente, um centro modelo de educação integral. Assim pensamos, quarta-feira, desta semana, quando percorriamos as salas do *Pedagogium*, que já instalado e funcionando se acabava de fotografar. Tudo analisámos; tudo vimos e de tudo fizemos idéia, não absoluta, mas relativa ao objetivo a que se deve propor estabelecimento de tal categoria.⁸⁸⁰

Percebe-se, portanto, que, de acordo com Hemeério, a maneira como a instituição foi estruturada, com apenas “quatro distintos empregados”, não daria conta do objetivo a que se propunha, sobretudo, porque carecia da presença de docentes que pudessem “completar” a formação profissional realizada pela Escola Normal. Na sequência, Hemeério se apoia na opinião de um tal de “Dr. Souza Bandeira”, que idealizou um *Pedagogium* como uma escola anexa à Escola Normal, com presença de professores, e que teria a função de proporcionar completude ao ensino profissional dos normalistas formados. A instituição também deveria

⁸⁷⁹ *O Tempo*, 12.08.1892, edição 441(1), p. 1.

⁸⁸⁰ *Idem*.

ter um museu pedagógico, “onde estejam expostos todos os materiais aperfeiçoados, que são admitidos nas escolas dos países mais adiantados”; biblioteca, “onde se encontrem bons livros sobre as matérias ensinadas na escola”; gabinetes “para as experiências de *physica*, *chimica* e *historia natural*”; e ginásio “bem montado” para ginástica, “sob a direção de professor habilitado”. A referência ao projeto de Souza Bandeira foi feita para dar sustentação à proposta que Hemetério defendia: “Viram que se deve pois annexar, por todos os motivos, á escola normal, o pedagogium da rua do Visconde do Rio Branco, que outra cousa não é que um *museu pedagogico*, ainda em começo, ainda balbuciando”. Anexação esta que de fato ocorrera tempos mais tarde. Mas, ao defender que o *Pedagogium* fosse anexo à Escola Normal, Hemetério estava preocupado também com outra coisa: “Com a vérba do *Pedagogium* cream-se muito bem umas quatro escolas primarias de que tanto precisamos...”. Mais e mais escolas queria o professor Hemetério na cidade do Rio de Janeiro.

Numa época em que vivemos sob ataque aos professores e com escola sendo fechada, esta crença que o professor Hemetério tinha no professorado e no potencial da escola merece ser destacada. É verdade que outros intelectuais e professores da época compartilhavam também desta crença, mas alguns combatiam Hemetério no Conselho Superior de Instrução Pública. Desta feita, o referido Conselho ao qual Hemetério era integrante foi outra instituição do campo educativo da época que merece ser mencionada. Não só por ser mais um lugar que deu reconhecimento profissional ao professor, mas também porque se constituiu em cenário por onde passaram algumas de suas lutas, como em relação ao curso noturno e à discriminação sofrida pelo seu filho.

Além da Escola Normal Livre, outras escolas particulares também precisam ser lembradas, começando pelo *Instituto Normal*, criado por Hemetério para preparar estudantes que desejavam ingressar na Escola Normal do Distrito Federal e que funcionava em sua própria residência. Em 27 de novembro de 1916, por exemplo, o jornal *Correio da Manhã* divulgou propaganda divulgada também em outros periódicos da época: “ Instituto Normal – R. Barão de Ubá 89. Direção do prof. Hemeterio dos Santos. Começam a funcionar a 3 de novembro, as aulas de curso de admissão ao 1º anno, da E. Normal. Há apenas vinte logares vagos” (edição 06486-1, p. 6). A existência deste curso preparatório gerou polêmicas na imprensa, como a que foi divulgada pelo *Gazeta de Noticias* em 14 de janeiro de 1916 (edição 00014-1, p. 3) em uma matéria intitulada “O professor Hemeterio dos Santos quer ser o ‘Papa Negro’”. O texto também traz a foto a seguir do professor:



Figura 28: Fotocópia do rosto de Hemetério José dos Santos⁸⁸¹

Além de fazer alusão, em mais de uma oportunidade, ao hábito de Hemetério de fumar charuto (“Esteve hontem em nossa redacção, com seu inseparavel charuto, o professor Hemeterio dos Santos”), o texto do articulista faz referência à outra matéria anteriormente publicada pelo mesmo jornal em que fora criticado o fato de Hemetério ter um curso preparatório para ingressar na Escola Normal, sendo ele professor catedrático da mesma escola. Hemetério, então, teria ido até à redacção do jornal pedir que o jornal retificasse a crítica publicada, pois, como destaca o articulista, o professor Hemetério “não concordou com a nossa noticia e por isso pediu-nos que a rectificassemos de accordo com as informações que nos passava a fornecer”. O jornal, então, reproduz o que Hemetério teria informado:

O illustre professor da Escola Normal confessa que, de ha três annos para cá, autorisado pelo decreto Alvaro Baptista, n. 838, possui um curso particular a que naquella época denominou de “Instituto Normal”. Revogado o alludido

⁸⁸¹*Gazeta de Noticias*, 14.01.1916, edição 00014-1, p. 3.

decreto o Instituto Normal transformou-se num curso particular, onde, mediante “pequenas” remunerações mensaes, varios professores, sob a sua direcção, preparam alumnos para exames do 1º e 2º annos da Escola Normal.⁸⁸²

Além disso, a matéria faz referência à participação da filha Coema no referido curso preparatório. Apesar de permitir espaço para a ponderação de Hemetério, o articulista reafirma a crítica feita pelo jornal. Ao final do texto, revela supostas “aspirações” do professor: “Uma das suas mais vivas aspirações é adquirir um saliente destaque entre os professores em cujo meio exerce a sua atividade”⁸⁸³; e, mais ainda: “Desejo ser – affirmou-nos o illustre cathedratico – entre os meus collegas ‘um papa negro’”⁸⁸⁴, destacou o articulista do jornal, que acreditou ter “satisfeito o pedido do professor Hemeterio dos Santos e seu constante charuto”⁸⁸⁵.

Vale dizer que outros professores da Escola Normal tinham suas próprias escolas, como no caso de Alfredo Gomes (Colégio Alfredo Gomes) e Joaquim Abílio Borges, proprietário do Colégio Abílio. Colégio este em que Hemetério, antes de fazer parte da Escola Normal, também foi professor, como informa propaganda divulgada pelo periódico *O Tempo*:

Collegio Abilio: 20 Rua Marquez de Abrantes 20 Botafogo. Internato, semi-internato e externato. Intrucção primaria, secundaria e comercial. Corpo docente em effectivo exercício: Major Dr. Alcides Bruce (Escola Militar); Alberto Pfeil; Dr. Antonio do Lago; Dr. Alfredo de Albuquerque; A. Stiévenart de Harven; A. Jambeiro (prep. da Escola Normal); Domingos J. Lisboa (professor publico); Alfredo Soares; Edmundo Pereira da Costa (professor publico); Dr. Fausto Barreto (Gymnasio Nacional); Coronel Dr. Lino de Andrade (Escola Militar); Major **Hemeterio J. dos Santo (Collegio Militar)**; José Bittencourt; Herculano de Aquino; **Dr. Joaquim Abilio (Escola Normal)**; J.J. Fernandes de Souza (Gymnasio Nacional); Dr. J. Feliciano de Noranha Feital (Escola Militar); José Luiz Ribeiro (Lyceu de Artes e Officios); Dr. Luiz Irineu P. da Silva; Lydio Thomaz de Aquino; M. Said Ali Ida (Gymnasio Nacional); N. A. de Carvalho (ex-professor da Escola Normal); Pedro F. Guimarães Lobo (Escola Superior de Guerra); Dr. Raymundo Monteiro (Escola Normal); Vicente Amabile; V. Casali (Gymnasio Nacional).⁸⁸⁶

Como se pode ver, o referido Colégio Abílio também foi ninho de experientes educadores, a começar pelo próprio diretor e proprietário, Joaquim Abílio Borges, filho de um dos principais educadores do período imperial; no caso, Abílio Borges (1824-1891), o Barão

⁸⁸² *Gazeta de Noticias*, 14.01.1916, edição 00014(1), p. 3.

⁸⁸³ *Idem*.

⁸⁸⁴ *Idem*.

⁸⁸⁵ *Idem*.

⁸⁸⁶ *O Tempo*, edição 00506-1, 10.10.1892, p. 4.

de Macaúbas.⁸⁸⁷ O nome dado por Joaquim ao colégio é, portanto, em homenagem ao pai Abílio. Antes de entrar na Escola Normal, Hemetério fez parte, também, do “Externato Gabalda”, onde, de acordo com a propaganda divulgada pelo jornal de José do Patrocínio,

Os professores são os mesmos e difficilmente se encontrará um corpo docente tão antigo e tão conhecido: basta mencionar os nomes dos Srs. Jasper N. Figueiras, Drs. Pereira Brandão, Zeferino, Ramos Silliy, Thimoteo Pereira, Maximino Maciel, **Hemeterio dos Santos**, Oscar de Souza, etc., e o director E. Gabalda; e dizer que quase todos pertenceram ao corpo docente dos antigos Externatos Jasper e Hewitt que funcionavam na mesma casa no 124 hoje: Externato Gabalda.⁸⁸⁸

Desta feita, somadas às experiências com o Colégio Militar e com a Escola Normal, as experiências de Hemetério elencadas anteriormente se constituíram em espaços que proporcionaram ao professor acúmulo de conhecimento, de prestígio e de participação em redes de sociabilidade. Além disso, já tivemos oportunidade de demonstrar o quanto Hemetério soube manejar a escrita e usar a imprensa como cenário de divulgação de suas lutas e ideias. A seguir, busco analisar e me referir sobre outras produções e participações dele na imprensa e na imprensa pedagógica que precisam também ser destacadas, isto porque, além de evidenciarem a complexidade e amplitude do pensamento do referido educador, elas próprias são matérias-primas que conformam o seu *fazer-se* de professor e de intelectual em seu tempo histórico.

⁸⁸⁷ Ver GONDRA, 2009.

⁸⁸⁸ *Cidade do Rio*, edição 00183-1, 08.07.1893, p. 4.

5.3 – Imprensa e publicações pedagógicas

Como já foi assinalado, Hemetério publicou artigos, cartas e conferências tratando de assuntos pedagógicos e políticas educacionais. A produção dele é vasta, e, nesse sentido, vou tratar sobre algumas publicações que ainda não foram abordadas e analisadas na tese, a começar por dois artigos que ele escrevera na coluna *Pelas Escolas*, no jornal *O Tempo*. Coluna esta onde Hemetério escrevera entre os meses de julho e agosto de 1892. Alguns artigos desta referida coluna já foram destacados anteriormente. Entretanto, um que não foi analisado antes precisa ser referido aqui, isto porque trata da exclusão dos pobres ao ensino secundário (*O Tempo*, edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1). Além disso, Hemetério ataca Ramiz Galvão, inspetor geral de instrução pública. A este respeito, antes de analisarmos o referido artigo, cabe algumas considerações sobre o estudo feito pelo pesquisador Jucinato de Sequeira Marques (2105).

Trata-se da tese *Fios e os rastros da escolarização do Distrito Federal (1890-1906)*. Através dela é possível não só situar o processo de escolarização na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e no início do XX, (sobretudo, a partir das reformas patrocinadas por Ramiz Galvão e Medeiros e Albuquerque) como também compreender os embates políticos em jogo naquele momento em torno da instrução pública, que correspondia, de acordo com autor, a duas espécies de “tradições”, cada qual envolvendo suas “redes governativas” e “redes de sociabilidades”. Jucinato demonstra o quanto Hemetério, juntamente com Manuel Bonfim, foi sujeito ativo em defesa da “tradição” liderada por Medeiros e Albuquerque e, por conseguinte, crítico da outra “tradição” que existia em torno de Ramiz Galvão.

O ponto de partida de Jucinato foi um inquérito organizado pelo jornal *O Paiz*, em 1906, para avaliar a situação do ensino nacional. Com objetivo de ouvir intelectuais envolvidos com este tipo de temática, o jornal publicou as opiniões de doze destes intelectuais e, entre estes, estava o professor Hemetério. De acordo com a análise de Jucinato, ele era um dos “propagandistas” da tradição capitaneada por Medeiros e Albuquerque:

Nas palavras de Hemetério dos Santos, Medeiros e Albuquerque é o bastião da instrução pública, do Distrito Federal. Suas reformas a recolocaram no plumo. Diferente dos outros graus, a instrução primária na capital federal é próspera, basta visitar as escolas. O progresso é tão acentuado que as “escolas primárias acham-se derramadas por toda a cidade”. A artilharia disparada por Hemetério contra os “monarquistas” e “reacionários” urge deslocar a tradição da instrução pública e reinventá-la. Estabelece de forma

nítida a sua filiação nessa manobra representada pelos propagandistas: Medeiros, Bonfim, Bilac e Alcindo Guanabara.⁸⁸⁹

Além de sinalizar a respeito de certo campo político ao qual Hemetério estaria possivelmente vinculado, (no caso, “contra os monarquistas e reacionários”) Jucinato aponta nomes, como Medeiros de Albuquerque, Manuel Bonfim, Olavo Bilac e Alcindo Guanabara, que seriam integrantes da rede de sociabilidade de Hemetério. No caso de Alcindo Guanabara, é interessante confrontar com o episódio destacado no capítulo seis a respeito do entrevero entre Hemetério e Alcindo por causa de questões raciais. O que significa constatar que os conflitos poderiam existir entre pessoas da mesma rede de sociabilidade.

Vamos ver agora as questões que Hemetério aborda no artigo do jornal *O Tempo*. O artigo foi publicado em 15 de agosto de 1892 (*O Tempo*, edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1) e se inicia tratando do difícil acesso que os pobres tinham na época para cursar o ensino secundário. A abordagem do professor, por conseguinte, toma como ponto de partida o ensino no *Gymnasio Nacional* (nome dado, na época, ao Colégio Pedro II):

Num regimen democratico, quando ministra e superintende o governo o ensino secundario, è de boa escola philosophica abrir quanto possivel as portas dos estabelecimentos aos pobres que tambem aspiram a direcção do paiz, cujo numero maior representam elles. Tal se não dá com o Gymnasio. Os pobres alli são em maioria desodalora. Estes mesmos que são os *que mais pagam* não só politicamente mas tambem *historicamente* (grifo de Hemetério), em vista da fundação do internato, são ahi classificados sob a denominação de 3ª classe, havendo pois uma differença sem razão, apesar de não a fazerem a administração e o corpo docente. Assim é que os ricos que por suas apolices recebem do thesouro os 6%, quando os órphãos têm apenas 5%, conseguem educar os filhos com a insignificante quantia de 30\$ mensais, terça parte da pensão tambem mensal das suas hacaneas em qualquer estabulo, em detrimento dos pobres, que desta forma se veem arredados da lucta intellectual por uma olygarchia immoralmente sustentada pelo estado! Que acontece? Os alumnos pobres contribuem desta arte pelo fundo do seu patrimônio a aperceber os seus rivaes que se tornam invenciveis na concorrência social.⁸⁹⁰

De acordo com o que Hemetério escrevera acima, os estudantes pobres teriam acesso restrito ao ensino público secundário, uma vez que a presença deles no Ginásio Nacional era de uma quantidade “desoladora”, apesar dos pobres serem maioria (e “os que mais pagam”), tanto “politicamente” quanto “historicamente” na sociedade. A respectiva restrição, por sua vez, criava barreiras aos pobres para a “lucta intellectual”, em detrimento de uma “olygarchia

⁸⁸⁹ MARQUES, Jucinato S., 2015, p. 57.

⁸⁹⁰ *O Tempo*, edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1.

immoralmente sustentada pelo estado!"; uma vez que era dado aos mais ricos o direito de seguirem no ensino público secundário, (que era condição para o exercício do ensino superior) os tornando, de acordo com o professor, "invencíveis na concorrência social". Percebe-se, na passagem citada, que Hemetério tinha plena consciência da luta política e intelectual que estava travando na época, e que, ao afirmar que os pobres também aspiravam "a direção do país", estaria ele sinalizando também para o seu próprio projeto de se candidatar para Intendente Municipal, como veremos mais adiante (fato que ocorrera no mesmo ano de 1892).

Outro aspecto a assinalar em relação à abordagem de Hemetério é que ele já sinalizava, ao final do XIX, para o problema político do monopólio que as chamadas classes privilegiadas exerciam em relação ao ensino secundário e superior, e que teve como uma das consequências históricas a exclusão de pobres e de negros dos quadros secundários e superiores do ensino no país. Este tipo de problema está na base das reivindicações do movimento negro brasileiro a respeito das políticas de ação afirmativas⁸⁹¹, dentre estas, a política de cotas, como forma de minimizar a desigualdade que existe no âmbito educacional brasileiro. Quando Hemetério aponta para uma quantidade "desoladora" de estudantes pobres no Ginásio Nacional, está, a meu juízo, propondo a ampliação de vagas para este segmento social. Isto porque ele tinha plena consciência de que a *educação* era a principal arma para a cidadania.

No mesmo texto, o professor ainda faz referências ao fato de que, segundo ele, "de tempos não próximos, as antigas províncias do norte dão gratuitamente a instrução secundária ao lado da primária". As "províncias" às quais Hemetério se refere são Maranhão, Piauí e Sergipe. Sem escrever isto de modo direto, creio que ele toma como referência a sua própria trajetória e de outros "nortistas" não abastados que tiveram acesso ao ensino secundário e superior, e que vieram para o Rio de Janeiro, de acordo com Hemetério, ocupar lugares "mais salientes e mais honrosos!" na sociedade carioca. Assim, Hemetério José dos Santos, candidato a intendente municipal questiona: "Como podemos explicar o estado negociando com a instrução secundária, e em palpável detrimento do pobre?". A proposta de Hemetério para enfrentar o problema que ele próprio destacou veio logo em seguida: "Reforme-se, pois, o Gymnasio, de accordo com a moral democratica". Quer dizer, possibilitar mais espaços para os pobres na referida instituição educativa secundária.

⁸⁹¹ A este respeito ver texto de Aderaldo Pereira dos Santos (2018), *Ação afirmativa e outras questões*, que se encontra no livro *21 dias de ativismo contra o racismo* organizado por Leila da Silva Xavier, Luciene da Silva Lacerda e Luiz Fernandes de Oliveira.

Não por acaso a outra parte do texto é dedicada a atacar Ramiz Galvão, inspetor geral de instrução pública, que, além de não concordar com a proposta de Hemetério, foi contrário à reforma pedagógica aprovada pela Congregação dos docentes do Ginásio Nacional. Hemetério, no entanto, se posicionou a favor: “Quanto á sua organização pedagogica, a nossa voz nada póde trazer de valor ao que já propoz o seu corpo docente, que se compõe de notabilissimos professores, que honrariam com certeza qualquer nação da Europa central”. Ramiz Galvão, por sua vez, enviou ofício ao ministro de instrução pública, em nome do conselho diretor de instrução, argumentando contra a aprovação do projeto de reforma pedagógica. Para tornar público o que fora escrito no referido ofício, Hemetério o reproduziu por inteiro e, ao final, se pergunta:

Pode continuar a dirigir a educação nacional um homem que pensa de accordo com as conveniencias de momento, a respeito das mais sérias questões do ensino? Pode, alto posto que occupa, o inspetor geral, servir de modelo aos corpos docentes das diversas secções de ensino da capital? Tem ele a precisa energia, a força moral necessaria que se não impõe, mas se incute, a poder cortar abusos que, por ventura, se dém num pessoal tão numeroso e tão heterogêneo? De certo que não.⁸⁹²

As palavras acima falam por si. Para Hemetério, Ramiz Galvão não tinha competência para propor reforma educacional alguma. Tempos depois, em 1909, numa carta escrita para o sergipano Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914), seu amigo, professor e escritor anarquista cristão muito conceituado à época, Hemetério volta a abordar sobre a educação para os pobres. A carta para Curvelo de Mendonça foi publicada em livreto de dezoito páginas em que Hemetério versa sobre o tema do *Ensino Municipal*, que é o título da publicação. Como esta publicação não foi ainda referida na tese e também não foi tratada por comentadores e historiadores de Hemetério, vejo ser pertinente apresentar uma análise sobre o conteúdo que a mesma aborda.

⁸⁹² *O Tempo*, edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1.

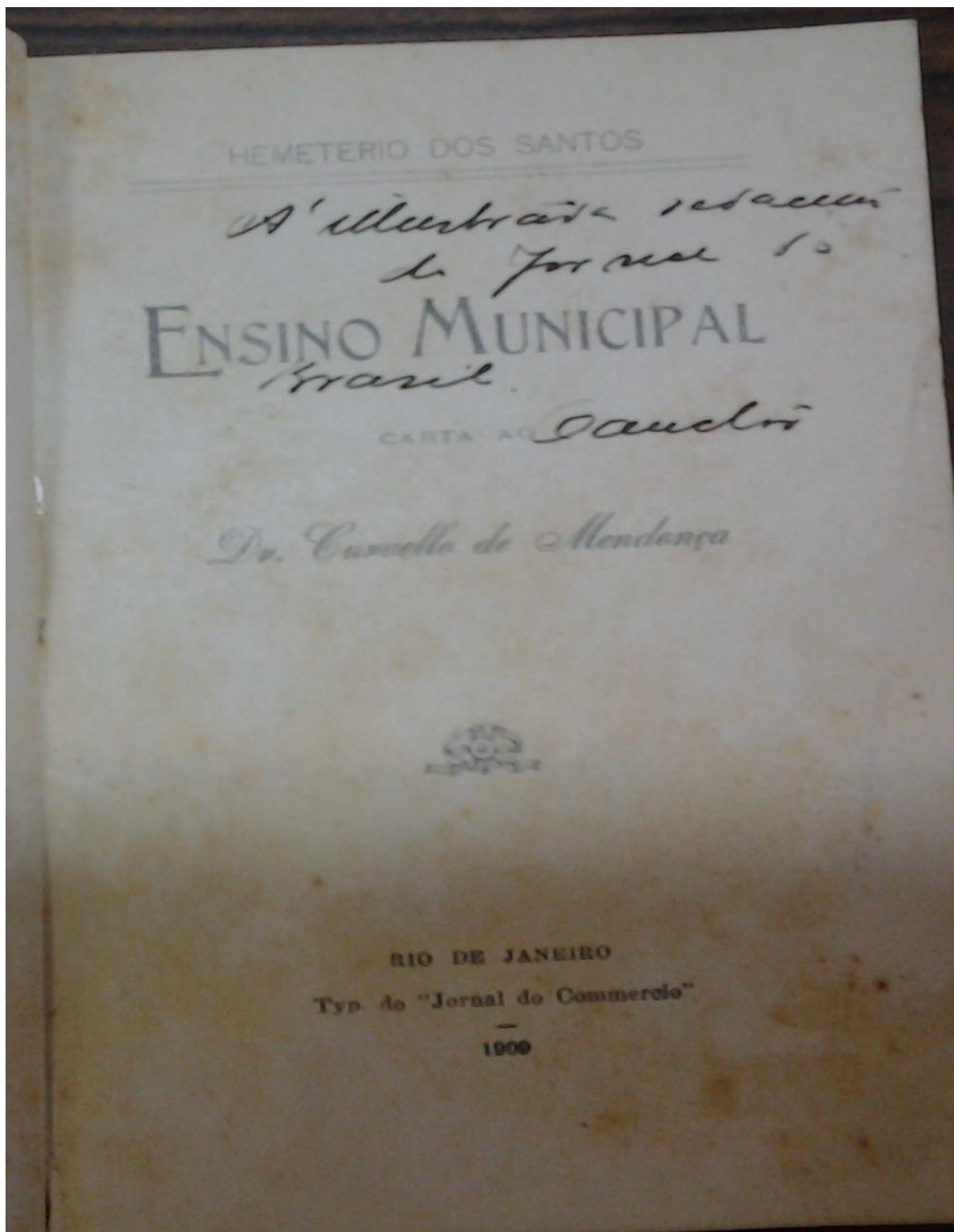


Figura 29: *Ensino Municipal* – publicação de Hemetério em resposta a Curvello de Mendonça (Acervo da Biblioteca Nacional).

Hemetério começa afirmando para Curvello que alguns dos problemas pelos quais passa o ensino municipal não ocorrem em função da carência de “reformas”, pois, segundo

ele, “o mal não se lhe encontra na legislação que o rege”⁸⁹³ (1). Ao contrário do que pensara Curvello, de que haveria falta de empenho dos alunos, Hemetério localiza o problema na “imperícia” de determinados docentes e pedagogos:

Criticos e poetas, visionarios e escrivinhadores, não achando no seu officio o necessario cibo, o pão ordinario da vida, imaginam logo o caminho da escola: - *fazem-se professores* (grifo de Hemetério). De maneira que o magisterio é o refugio dos desclassificados, dos naufragos de todas as demais profissões, daqueles que, na escola, não conseguiram formar o espirito, adquirindo os mysteriosos segredos da arte de viver, e que, no entamto (perversidade atroz!), egoisticamente se apercebem para vingar-se, na criança, dos males que os seus professores lhes fizeram também sofrer. §É voz geral, e os mestres conscienciosos o affirmam, que setenta por cento, talvez, dos meninos que se matriculam nos cursos officiaes, da União, dos Estados ou do Districto são, por inepecia, sacrificados, e muitos se desanimam pela impericia dos docentes e dos pedagogos que o Poder Publico lhes dá. § Sem nenhum dos attributos ordinarios que o arduo mister exige, sem bondade e paciência, ha directores de escolas que inquinam de crimes hediondos erros e irreflexões fataes da idade dos seus educandos, e capitulam de vicios insanaveis heranças paternas e atavicas que os mesmos levam até á escola, até á escola, cujos principal dever é de annullar ou corrigir. § Taes directores criminosamente pretendem, e com desrespeito á infância e á mocidade, reprimir com brutalidade faltas não proprias, mas da especie, que a natureza inexorável costuma cegamente reproduzir no individuo, ou do meio que lh’os imbebe fatalmente no organismo. § A grita que, como V. me diz, se levanta dolorosa contra a falta de applicação dos collegiaes, justa e infelizmente justa seria, se se levantasse contra a corporação docente.⁸⁹⁴

O trecho acima evidencia a preocupação que o professor Hemetério tinha para com o tratamento que diretores, pedagogos e docentes reservavam para os “educandos” da cidade e do país. Se fossêmos utilizar a linguagem atual, a questão sinalizada por ele se relacionaria com o tema da “evasão escolar”. O interessante no argumento de Hemetério é que ele localiza a causa deste problema não nos estudantes, mas naqueles profissionais de educação que não têm aptidão para o officio do magistério, ou da arte de ensinar. O texto apresenta, também, outras questões que merecem ser comentadas. Desta feita, vale seguir o roteiro do seu próprio escrito, ao qual destaca, primeiramente, a *escola* como espaço que se torna refúgio “dos naufragos de todas as demais profissões”. Hemetério está, então, sinalizando para o fato de que muitos assumem o trabalho no magistério, não por terem vocação e por estarem formados e preparados para o exercício da profissão docente, mas sim por causa do “pão ordinario da

⁸⁹³ Hemetério José dos Santos, *Ensino Municipal*, Typografia do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1909, p.1

⁸⁹⁴ Idem, p. 4 e 5.

vida”, ou seja, para conseguir o seu ganha pão uma vez que o seu ofício originário não lhes permite obter o seu sustento.

Nestes casos, como não possuem o tino para o trabalho em sala de aula, reproduzem na relação com os estudantes aquilo que sofreram com seus professores no tempo em que frequentavam a escola. Deste modo, de acordo com Hemetério, cometem uma “perversidade atroz!”, pois realizam uma espécie de “vingança” para com as crianças que estão sob a responsabilidade da sua aprendizagem, uma vez que fazem com elas os “males que os seus professores lhes fizeram também sofrer”. Uma das consequências por esta situação, em que se manifesta a inépcia e a imperícia por partes destes tipos de educadores, é o desânimo dos estudantes que são “sacrificados” na escola. Acompanhado por um “talvez”, Hemetério cita o número de setenta por cento que deixam de estudar. Em seguida o professor sinaliza dois atributos que devem acompanhar o ofício docente, quer dizer, “bondade e paciência”. Tudo que determinados diretores de escola não tem, pois, “criminosamente pretendem, e com desrespeito á infância e á mocidade, reprimir com brutalidade” as atitudes erradas dos estudantes. Ele chega a advertir Curvello de Mendonça que viu “falta de applicação dos collegiaes”, quando, para Hemetério, a falta de aplicação seria destes maus professores. Desta feita, Hemetério completa afirmando que “a prevalecer o modo pedagogico seguido pela maioria”⁸⁹⁵, os “cavallos de circo”, “não só quanto á alimentação, mas tambem quanto ao ensino, seria mais bem tratado e cuidado”⁸⁹⁶ que os educandos das escolas.

Na sequência, Hemetério especifica alguns cursos nos quais são formados os “maus” professores que ele se refere, e volta a afirmar o papel central dos docentes para a boa organização do ensino, além de defender os estudantes:

Esses diplomados em engenharia, medicina, direito ou qualquer outra profissão, sendo incapazes de servir á sua ou qualquer outra missão, sem quéda ou inclinação se dispõem logo a exercer alheios officios, accusando os allunos, suas victimas innocentes, da sua manifesta e comprovada impericia: não sabem ensinar, em summa, e, no emtanto, o alumno é que não quer aprender; é a mocidade que se mostra refractaria aos livros e aos conselhos dos seus mestres...§ O que nos falta, pois, é o professor na altura da sua sacratissima e delicada missão social. § Ainda não houve artista, por imbecil que fosse, capaz de lançar a culpa do seu desaso ao instrumento e ao objecto do seu officio: se a estatua não sabe do marmore com aquella perfeição que a palavra do Padre Antonio Vieira soube esculpir, não é a dureza da pedra, nem a fragilidade do buril que se evidencia, mas sim a incompetencia do mestre, quem quer que seja elle.§ De tudo isto resalta que uma boa organização do ensino depende só e exclusivamente da pericia do professor:

⁸⁹⁵ Idem, p. 5.

⁸⁹⁶ Idem.

do artista, que muito bem deve ser remunerado, por ser exímio modelador de homem, e não *daquelle* que é *professor* por ver o seu nome na folha do pagamento mensal. § Esses são *professores* (grifos de Hemetério) apenas para dizer mal da infância e da mocidade, reprovando os alunos que se alimentaram sómente da ignorancia e imbecilidade, traslados unicos expostos á sua memoria.⁸⁹⁷

Reafirmando o que já sinalizara antes, no tocante à falta de aptidão de alguns professores para o exercício do magistério, Hemetério fez questão de citar Engenharia, Medicina e Direito, três das principais profissões da época. O fato de ter estes importantes diplomas, no entanto, não era garantia de que, ao atuar no magistério, tais profissionais seriam capazes de realizar bom trabalho como professor. Pelo contrário, sendo estes “incapazes de servir á sua ou qualquer outra missão”, ao atuarem como docentes, acusam os estudantes, “suas victimas innocentes, da sua manifesta e comprovada imperícia”, ou seja, “não sabem ensinar”, conforme afirma Hemetério. Quer dizer, de acordo com o raciocínio de Hemetério, os educandos, além de se tornarem “vítimas” da falta de habilidade de tais professores para exercerem o trabalho docente satisfatório, os mesmos jogam a culpa da sua incapacidade nos estudantes. Assim, “o alumno é que não quer aprender; é a mocidade que se mostra refractaria aos livros e aos conselhos dos seus mestres”, escreve Hemetério numa crítica direta a opinião do seu amigo Curvello de Mendonça, e muito provavelmente, a de outros dos seus mais contumazes adversários. Não por acaso, Hemetério destaca, em seguida, a importância do papel do professor, “na altura da sua sacratissima e delicada missão social” de ensinar adequadamente e defender a escola e a educação.

Vale lembrar que muitos daqueles que eram adversários de Hemetério e desejavam fechar a Escola Normal Noturna, por exemplo, eram professores, mas tinham outra formação, como no caso de José Veríssimo, Alfredo Gomes e outros mais. Hemetério ainda teve espaço para citar o nome de um dos seus intelectuais preferidos, no caso, o Padre Antonio Vieira; e o fez numa passagem curiosa em que compara a atividade de ensinar como sendo a de um artista, que não pode “lançar a culpa do seu desaso ao instrumento e ao objecto do seu officio”. Quer dizer, Hemetério via o educando como uma espécie de “pedra bruta” que precisaria ser lapidada pelo artista professor e pela escola para se tornar um ser humano melhor, de acordo com os valores da época. Se isso não ocorresse, o que se evidenciaria era “a incompetencia do mestre, quem quer que seja ele”, afirma Hemetério.

Em outras palavras, mesmo que a pessoa fosse um intelectual de referência na sociedade, não tendo ele aptidão para ensinar, era visto pelo professor como um incompetente

⁸⁹⁷ Idem, 6 e 7.

para atuar no magistério. Com este tipo de escrito, talvez ele estivesse direcionando seu ataque para alguns dos seus consagrados adversários. Portanto, no que diz respeito “a uma boa organização do ensino”, Hemetério conclui que “depende só e exclusivamente da pericia do professor”. Mas é preciso, sobretudo, que este “artista” do ensino, aquele que era visto por Hemetério como “exímio modelador de homem”, seja “muito bem remunerado”. Quanto aos “maus” professores, uma das razões dos problemas que ocorriam na organização do ensino, uma vez que estes, de acordo com Hemetério, só desejavam “ver o seu nome na folha do pagamento mensal”, e exerciam o magistério “para dizer mal da infância e da mocidade”. Além disso, contribuíam para o índice de reprovação e de fuga dos estudantes da escola.

Ao ler algumas das questões presentes no texto de Hemetério, no que diz respeito à “evasão” e à “reprovação”, nem parece que estamos diante de um texto escrito em 1909, tamanha atualidade da abordagem. Nesse sentido, pode-se perceber, nas passagens anteriormente citadas, que Hemetério também ressalta a ideia corrente de que a escola tinha o dever de “anular ou corrigir” a rebeldia e a delinquência da infância e da juventude da época. Esta crença no poder correccional da escola, da qual Hemetério compartilhava, é uma questão que está no cerne das discussões a respeito das políticas para a chamada infância desvalida e infratora do período.

Retornando ao texto sobre *Ensino Municipal*, percebe-se que o professor era defensor de uma forma de organização do ensino em que as suas diversas modalidades se inter-relacionassem, tendo como centro a Escola Normal, e que o curso primário se realizasse de modo integral:

A instrução municipal se deve ministrar em estabelecimentos que se relacionem entre si, formando círculos concêntricos, sendo a base, a raiz – o de raio menor – a Escola Normal; porque a *Escola Normal* (grifo de Hemetério), como diz o nome, é uma escola primaria, onde devem leccionar os professores dos professores, isto é, aquellos mestres que, em maximo gráo, possuem a arte de transmittir conhecimentos, alliada á summa bondade e á summa paciencia.(...) A Escola Normal terá como ancilla e reflexo do seu valor as escolas primarias completas e de curso integral.§ *Completas* – por que abranja o ensino da infancia dos cinco aos quatorze annos de idade; *de curso integral* – porque transmitta concretamente todos os conhecimentos humanos já systematizados (grifos de Hemetério).⁸⁹⁸

No raciocínio de Hemetério, o sistema de ensino deveria ser interligado “formando círculos concêntricos”, e a Escola Normal era a instituição educativa fundamental (“a base, a raiz”) que estaria no centro deste sistema e seria sua principal engrenagem. Daí o professor ter

⁸⁹⁸ Idem, 7 e 8.

sido um defensor da existência de mais escolas normais. Isto porque era o lugar de formação de professores primários. Lugar onde o futuro professor aprenderia a “a arte de transmitir conhecimentos”, e que incluiria ter aptidão para “bondade” e “paciência”, atributos que Hemetério considerava fundamentais para o exercício da profissão docente. Isto porque, a seu juízo, era o modo possível de o estudante ter acesso a “todos os conhecimentos humanos já systematizados”.

Em texto anterior já referido⁸⁹⁹, Hemetério demonstra preocupar-se com o acesso dos pobres à escola ao propor que a criação de escolas deveria ocorrer primeiramente nos subúrbios da cidade para, depois, seguir em direção ao centro. Esta preocupação aparece também no texto-carta do professor, quando este se refere ao *jardim de infância*: “Para os meninos de famílias normalmente constituídas; de pais com pronunciada herança moral e intellectual, a vida escolar deve começar só depois do primeiro septenario; de maneira que o *jardim de infancia* (grifo de Hemetério), o vestibulo da escola primaria, terá existencia apenas nas escolas proximas ás fabricas e ás estabelecidas nos bairros de proletarios”⁹⁰⁰. Desta feita, Hemetério considerava que os filhos das famílias privilegiadas poderiam receber os primeiros ensinamentos no âmbito familiar, enquanto os das famílias dos trabalhadores pobres, em face do trabalho dos pais, careciam mais do jardim de infância. Assim, para Hemetério, a ausência do jardim de infância para os filhos dos pobres era algo problemático, isto porque, segundo ele, “se faz em torno do menino pobre, filho de trabalhadores manuaes, um vacuo de affectos e de bons exemplos”⁹⁰¹. Logo, “o Districto deve estabelecer, unica e exclusivamente, para a infancia desprotegida da sorte, os jardins de infancia, nas escolas fábris, ruraes e suburbanas”⁹⁰², escreve ousadamente o professor Hemetério José dos Santos. Ele também fez críticas aos “grandes” recursos recebidos por determinados institutos que mantinham “um jardim de infancia custoso e aristocratizado”⁹⁰³.

No decorrer do texto, Hemetério ainda tratou do tipo de curso que a Escola Normal deveria ter e se aventurou a abordar sobre modos mais adequados para o ensino de algumas disciplinas. Como não poderia deixar de ser, o ensino da Língua Portuguesa foi o que ganhou mais destaque e esta matéria seria a disciplina articuladora das demais: “Na distribuição das materias pelos cinco annos do curso normal, o portuguez deve ser estudado em todos elles, directa ou indirectamente, e os professores das outras disciplinas guardarão uma certa

⁸⁹⁹ *O Tempo*, edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1.

⁹⁰⁰ Hemetério José dos Santos, *Ensino Municipal*, Typografia do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1909, p. 8.

⁹⁰¹ *Idem*, p. 9.

⁹⁰² *Idem*.

⁹⁰³ *Idem*, p. 10.

harmonia com o docente da língua materna”⁹⁰⁴. Depois de abordar sobre aspectos que ele achava importante em relação ao ensino do Português, tratou também do Francês, História Geral, História Natural e Geografia. Nesse sentido, em relação a estas disciplinas, ele escreveu que “são disciplinas que atraem a atenção do aprendiz, desde que o professor saiba dizer e tenha riqueza e variedade de vocabulário”⁹⁰⁵. Contudo, de acordo com Hemetério, nem todos os professores eram capazes de fazer isso, pois, segundo ele, “há professores de história geral, entre nós, que não conseguem dar dez por cento de aproveitamento com alumnos que se distinguem naturalmente, sem esforço, em outras disciplinas”⁹⁰⁶. A crítica de Hemetério assume, então, um modo irônico quando este afirma que “não podem taes professores dar de si attestado mais flagrante de imbecilidade”⁹⁰⁷. Em seguida, Hemetério escreve passagens interessantes a respeito do que ele entendia ser mais adequado à dinâmica do ensino:

Vi, na minha infancia, velhas que, nos serões de inverno, ensinavam perfeitamente todo o primeiro circulo da doutrina christã, historias da carocha, o cyclo carolino, os evangelhos – a meninos analphabetos, alguns, filhos de escravos, sem herança intellectual e que não se queixavam da desatenção dos seus discipulos, sempre alegres e promptos á escuta absorvente. § Com quadros synchronicos e synopticos, projecções luminosas, em salas abertas, com linguagem viva, animada e rythmada, o estudo da geographia e da historia é um encanto e não um supplicio. § Com os jardins abertos, que o gosto e a pericia infatigavel do Dr. Julio Furtado espalharam pela nossa encantadora cidade, com os museus federaes e municipaes, com os jardins particulares, o estudo da historia natural é um divertimento e um agradável passatempo, mas com um professor que saiba o seu officio e que dentro de uma mesma aula saiba, com os olhos, ir dosando a cada alumno a matéria pela fórmula que o possa empolgar. § Meu caro Dr. Curvello, botanica até os cães a conhecem para o uso medicamentoso: elles sabem procurar a graminea que lhes provoca a lienteria, evitando assim a assimilação de alimentos que, inadvertidamente ingeridos, lhes podem causar damno á saúde. § Com vidros, aparelhos caseiros, garrafas e um pequeno arsenal de ingredientes da lição a fazer, o professor de sicencia própria e assimilada póde dar cursos de physica e de chimica capazes de notabilizar ainda mais os mais refractarios ás cousas humanas, a tudo o que cheira trabalho⁹⁰⁸.

Não deixa de ser interessante a abordagem acima de Hemetério em relação ao seu modo de ver o processo de ensino: como referência às “velhas” em sua infância, que, através da contagem de histórias, atraíam a atenção das crianças e ensinavam determinados assuntos, mesmo que de forma embrionária. Dentre os recursos didáticos que ele destaca para o

⁹⁰⁴ Idem, p. 12.

⁹⁰⁵ Idem, p. 14.

⁹⁰⁶ Idem, p. 14 e 15.

⁹⁰⁷ Idem, p. 15.

⁹⁰⁸ Idem, p. 15 e 16.

trabalho em sala de aula como: “quadros synchronicos e synopticos”, “projecções luminosas” e o uso de uma “linguagem viva, animada e rythmada”. Além disso, utilizar o recurso de “aulas abertas”, com visitação a museus, jardins e os instrumentos para as aulas de Física e Química. O que parece nortear a abordagem de Hemetério é a ênfase que ele dá ao esforço do professor em buscar soluções criativas para que a sua aula chame a atenção e “empolgue” os estudantes, que significa dizer, usando as palavras do próprio Hemetério, que o professor não pode ser “refractorios ás cousas humanas”, muito menos temer “a tudo o que cheira trabalho”.

Ao se referir às reclamações de professores de Física e Química “que se queixam amargamente dos seus alumnos”⁹⁰⁹, Hemetério cita um laboratório de Química (“de nomeada mundial”) na França do século XVII que pertencia a Turquet de Mayerne (28.09.1573 – 22.03.1655)⁹¹⁰, “cujo director e mestre, de facto, era um negro analphabeto, em honra do qual o protochlorureto de mercurio se ficou chamando *calomelano*, isto é, *bom negro* (grifo de Hemeterio), apesar de branco ser, ennegrecido apenas pelo contacto da luz”⁹¹¹. E lamenta em relação a estes tais professores que traduzem suas reclamações aos estudantes em reprovação: “Se aos alumnos se dêsse tambem a faculdade de reprovar...”⁹¹². Outras questões foram abordadas por Hemetério neste texto em que argumenta, sobretudo, em defesa dos educandos, pois, a estes, se atribuía a responsabilidade pelo insucesso do ensino municipal, cuja afirmativa não tinha sentido para ele. O professor chega até a escrever, ao final do texto, que tinha “vontade de morrer”, ao perceber a divulgação desta infundada crença. Na Revista *A Escola Primária*⁹¹³ (disponível na Hemeroteca Digital BN), por exemplo, para a qual Hemetério escrevera entre os anos de 1917 a 1937 sobre temas relacionados à Língua Portuguesa e questões sobre gramática, ele abordou o problema de alguns professores que abusavam da prática da reprovação dos alunos, alegando que os mesmos não se empenhavam em aprender a língua, quando, de acordo com Hemetério, o problema estaria na forma equivocada de se ensinar o Português.

⁹⁰⁹ Idem, p. 17.

⁹¹⁰ Théodore Turquet de Mayerne foi médico, físico e químico genovês que tratou dos reis da França e da Inglaterra.

⁹¹¹ Hemetério José dos Santos, Ensino Municipal, Typografia do Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1909, p. 16.

⁹¹² Idem, p. 17.

⁹¹³ Revista voltada à capacitação dos professores primários através das discussões sobre temas pertinentes à educação da época. Para um estudo sobre a respectiva revista ver: OLIVEIRA, Mariza Gama Leite de. *Debates e embates na instrução pública primária e seus efeitos nas práticas do Instituto Ferreira Vianna (Rio de Janeiro, 1929 - 1940)*. Tese (Doutorado em Educação), UFRJ, Rio de Janeiro, 2015; SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. *Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in) visível (1880-1923)*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.; SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. *A Escola Primária: revista pedagógica dos inspetores escolares do Distrito Federal (1916-1939)*. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação: Matrizes Interpretativas e Internacionalização, Maringá-PR, 2015.

Além disso, na *Carta aos maranhenses*, texto em que Hemetério faz críticas ao senador Benedicto Leite pela escolha de um determinado “moço” para “reformatar e dirigir a instrução pública” (p. 3) do Maranhão, já destacamos, no primeiro capítulo, que Hemetério escrevera o seu entendimento de que a Língua Portuguesa era “instrumento político”. Isto porque, “como órgão das artes da palavra, primava sobre todas as disciplinas de humanidade, e de todas era como base e fundamento” (p. 6), e, mais do que isso, porque saber ler e escrever era uma das condições para se exercer o direito ao voto. Nesse sentido, a relação de Hemetério com o campo da Política passava também pela ampliação social do ensino do Português, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 6 – REDE POLÍTICA, A FAMÍLIA E O INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS (IPCN)

O capítulo vai tratar de algumas das experiências de Hemetério no campo da política. O objetivo é buscar compreender a *cultura política* por ele valorizada, sobretudo, no aspecto de se fazer das questões raciais um instrumento para se lutar politicamente contra os preconceitos e discriminações da época que afetavam as pessoas negras. Dito de outro modo, tomar a luta contra o racismo como uma luta política. Desta feita, vale antecipar que alguns de seus familiares mobilizaram de forma política a memória sobre a vida de Hemetério, no sentido de participar de atividades do Movimento Negro, a exemplo da sua bisneta, Heliana Hemetério dos Santos, que esteve junto comigo em atividades do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), nas décadas de 1980 e 1990⁹¹⁴. Em face disso, reuni no mesmo capítulo estas experiências e apresentei reflexão sobre o papel do IPCN enquanto “escola” do Movimento Negro e centro irradiador da luta contra o racismo. Por fim, busco dar um tratamento sobre as trajetórias de alguns dos seus familiares visando compreender seus investimentos educativos e suas *redes de sociabilidade*.

⁹¹⁴ Nesta ocasião eu desconhecia o protagonismo do seu sobrenome.

6.1 – Hemetério e as experiências no campo político

Vou fazer agora algumas abordagens a respeito das experiências de Hemetério com o campo da Política. A primeira a ser destacada se relaciona com o que já foi sinalizado antes, ou seja, possibilitar que pessoas analfabetas se alfabetizassem para terem o direito ao voto. Desta feita, vale lembrar o que foi divulgado pelo jornal *Gazeta de Notícias* em 31 de dezembro de 1889. A referida notícia vem com o título de “Ler e Escrever” (edição 00365-1, p. 2):

Por iniciativa dos professores Evaristo de Moraes, Hemeterio dos Santos e João Ribeiro trata-se activamente de abrir um curso nocturno gratuito de ensino primário, para os cidadãos analfabetos que pretendam votar nas próximas eleições. A inscripção está aberta na rua do Carmo, redacção da Republica Brasileira, e na rua de Gonçalves Dias, redacção da Revista Sul Americana.⁹¹⁵

Houve também a escola que fora criada pela Associação Humanitária de São Cristóvão, e que teve, inclusive, a presença do próprio Benjamin Constant, como divulgou o *Diário de Notícias* em 03 de maio de 1890: “Hoje á noite inaugurar-se-há a escola nocturna da Associação Humanitaria de S. Christovão, á rua Bella de S. João n. 42. Presidirá o acto o general Benjamim Constant, ministro da instrucção publica e o inspector geral da mesma. É orador official o professor Hemeterio José dos Santos. A festa é publica e não há convite official” (edição 01773-1, p. 2). Não consegui informações sobre a citada Associação Humanitária, mas a evidência revela uma preocupação em possibilitar o acesso à escola primária de pessoas que não tinham condições de frequentá-la durante o dia. Além disso, mesmo depois de aposentado e já com 75 anos de idade, Hemetério dirigia curso de Português gratuito através da Federação Nacional das Sociedades de Educação, como divulgou o jornal *Correio da Manhã*, em 28 de junho de 1933 (edição 11831-1, p. 8). A referida Federação foi criada em 1929 com o propósito de atuar na coordenação das sociedades de educação criadas pelo país.⁹¹⁶ Retirar pessoas do analfabetismo e possibilitar o acesso social à escola expressam formas do sujeito político de Hemetério José dos Santos fazer política.

⁹¹⁵ *Gazeta de Notícias*, 31.12.1889, edição 00365-1, p. 2.

⁹¹⁶ Ver matéria do jornal *O Paiz* que anuncia o surgimento desta Federação (*O Paiz*, edição 16355-1, 31.07.1929, p. 2). A referida Federação foi criada pelo engenheiro civil e escritor Vicente Licínio Cardoso (1889-1931), em 1929. Além de ter sido um dos fundadores do Botafogo Football Club, em 12 de agosto de 1904, Vicente Licínio também chegou a ser presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE) na década de 1920. Ver *Embates*

Assim, participar de iniciativas como as que foram destacadas se constituiu como um dos modos do professor Hemetério se relacionar com a política. Desta feita, a criação de escolas noturnas, escolas vinculadas às organizações operárias e cursos gratuitos do ensino do Português, foram maneiras de o professor se relacionar com o fenômeno do político. Isto porque ele parte da perspectiva de que se tratava de uma questão política possibilitar que mais pessoas tivessem acesso à escola e ao ensino do Português, pois, aos olhos do professor, eram condições que ajudavam no exercício da cidadania. Em outras palavras, de exercerem, na prática, a condição de cidadãos. Nesta ótica, a luta para ampliar o acesso à educação para as pessoas pobres se constitui, fundamentalmente, numa luta política; e, sobre este aspecto, não resta dúvida de que a trajetória de vida do professor Hemetério esteve imersa nesta perspectiva.

Hemetério também participou diretamente da política partidária relacionada ao Partido Republicano. Nesse sentido, como informam as evidências encontradas na Hemeroteca Digital BN e nas análises da pesquisadora Luara dos Santos Silva (2015), no quarto capítulo de sua dissertação sobre Hemetério, em termos da política partidária da época, Hemetério se candidatou para Intendente Municipal⁹¹⁷ no ano de 1892 em chapa organizada por grupos de operários. Além disso, participou como consultor do Diretório Distrital do Partido Republicano Nacional da Paróquia de São Cristóvão, e fez parte, em várias oportunidades, de mesas eleitorais na mesma Paróquia. Hemetério chegou até a se candidatar para deputado federal em 1915, não obtendo êxito nas eleições para intendente e nem para deputado.

É importante também destacar que Hemetério esteve no raio de ação de uma rede política que girava em torno do general e senador Pinheiro Machado, que, inclusive, foi padrinho de casamento da filha do professor, a também professora Coema Hemetério dos Santos.⁹¹⁸ Não são poucas as evidências encontradas da presença de Hemetério e outros intelectuais do seu círculo de amizade em eventos e momentos em que este senador esteve presente, a exemplo da matéria noticiada pelo periódico *A Federação*, em 30 de outubro de 1906 (edição 00252-1, p. 1). O periódico informou sobre a chegada do senador Pinheiro

no campo educacional: A Sociedade de Educação de São Paulo (1922-1931), texto de Ana Clara Bortoleto Nery (disponível em : http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02_06.pdf – acesso 13.11.2018).

⁹¹⁷ O trabalho de Rosane dos Santos Torres (2012) ajuda a entender a importância do Conselho Municipal para a área educacional, especialmente, para a Instrução Pública.

⁹¹⁸ A notícia sobre o casamento da filha de Hemetério foi divulgada pela *Revista Ilustração Brasileira*, em 01 de novembro de 1910 (edição 00035-1, p. 148): “Realizou-se a 21 de outubro o auspicioso enlace matrimonial da senhora Coema dos Santos com o Sr. Octavio Ferreira Pacheco. A senhorita Coema dos Santos é filha do provector educador major Hemeterio dos Santos, cujos numerosos amigos foram levar à sua residência os mais fervorosos votos de felicidade ao jovem par. Foram paranymphos dos noivos os Srs. General Pinheiro Machado e Exma. Esposa e Sr. Carlos Gomes Xavier e sua digna consorte.”.

Machado ao Rio de Janeiro, depois de viagem feita a Poços de Caldas. Grande número de pessoas aguardava o senador, de acordo com o jornal, dentre estes: Hemetério dos Santos, Manoel Bonfim, Monteiro Lopes e diversas autoridades políticas e militares. Foi informado também que houve almoço e jantar na casa do senador com presença de algumas esposas de políticos e autoridades. A esposa de Manoel Bonfim e o próprio participaram. Ocorreu também manifestação com presença de grupos de operários e foram citados trechos do discurso feito pelo senador. Em relação à presença de operários no evento, o articulista escreveu o seguinte:

Os operários, cêrca de mil, precedidos de duas bandas de música, penetraram no jardim (da casa do senador), já aquella hora cheio de gente. Fallaram, em nome da classe, oferecendo palmas e cestas de flores ao senador Pinheiro Machado e sua esposa, os operários Luiz Gabriel de Sousa e Ezequiel Faria de Sousa, que saudaram o representante do Rio Grande do Sul no Senado Federal como o legitimo defensor dos direitos do povo.⁹¹⁹

As experiências destacadas anteriormente são reveladoras de um sujeito preocupado em atuar no processo político representativo, seja se colocando como um possível representante ou como alguém que buscou auxiliar a efetividade desse processo através da garantia do processo eletivo. Da mesma forma, Hemetério preocupou-se com questões sociais da época. E, nesse sentido, vale lembrar que a admiração de alguns anarquistas cristãos para com o professor, como Curvello de Mendonça e Fábio Luz, também deve ser considerada, pois, em grande parte, a admiração advinha do fato de Hemetério tocar em temas espinhosos até nos dias atuais, a exemplo do seu combate ao preconceito racial. Fábio Luz, inclusive, abre um dos seus artigos com uma epígrafe escrita por Hemetério⁹²⁰.

Portanto, percebe-se que determinadas experiências de Hemetério apontam para elementos da *cultura política* da qual o professor compartilhava, e, nesse sentido, em grande medida, seu pensamento e suas experiências são ancoradas no campo da política. Assim, creio ser pertinente recorrer-me a elementos da História Política para melhor compreender o percurso deste professor. Até porque, como bem nos ensina René Rémond (1996), uma das características desta história é tratar-se de “ciência encruzilhada”. A trajetória e as ideias do professor Hemetério José dos Santos têm esta característica: trata de política, economia, educação e também de história, e outras coisas mais. Diante disso, como já sinalizado, o

⁹¹⁹ A *Federação*, 30.10.1906, edição 00252-1, p. 1.

⁹²⁰ O artigo foi escrito na *Revista Brazil Moderno* (edição 0016-1, 1908), para a qual Hemetério era também colaborador. O texto tem como título “Variações em torno de um thema” e o tema tratado por Fábio Luz é “a dor”. Ele cita como epígrafe do artigo a seguinte frase atribuída a Hemetério: “A dor tem sua decência”.

conceito de cultura política me é de grande valia para abordar este tópico da tese, e, nesse sentido, para além dos autores já referidos, vale destacar o pensamento do próprio Rémond:

(...) só a história, e a mais longa, explica os comportamentos das microssociedades que se fundem na sociedade global. Enfim, a noção de cultura política, que está prestes a ocupar, na reflexão e explicação dos fenômenos políticos, um lugar proporcional ao vazio que ela acaba de preencher, implica continuidade na longuíssima duração. Assim, no que diz respeito ao tempo, a história política não o cede à história de qualquer outro aspecto da realidade. (...) a história política – e esta não é a menor das contribuições que ela extraiu da convivência com outras disciplinas – aprendeu que, se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise reducionista, ele também tem relações com os outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os aspectos da vida coletiva. O político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.⁹²¹

De acordo com o argumento acima de Rémond, “o político não constitui um setor separado”, mantém “relações”, “vínculos” e “laços” com “todos” os setores da vida em sociedade. Assim, no que diz respeito à vida de Hemetério, já é possível afirmar que a sua relação com o “político” tinha como centralidade os vínculos deste setor com a questão educacional, com a problematização ao pensamento que propagava a suposta inferioridade dos negros e, por conseguinte, com o combate ao preconceito de cor, como se dizia à época. Era, portanto, um pensamento político que pensava uma nação desprovida de preconceitos raciais e democratizada através da socialização da educação.

Percebe-se, a partir do que foi escrito acima, o quanto a perspectiva da História Política orienta a abordagem sobre os intelectuais. Nesse sentido, Martha Abreu (2005) me fornece um importante argumento para se pensar sobre a trajetória intelectual do professor Hemetério José dos Santos. Isto porque Martha destaca o quanto determinados intelectuais podem passar por um processo de desvalorização e esquecimento em face de análises simplificadoras, algumas vezes preconceituosas e moralistas, cujos significados dificultam o entendimento mais complexo de suas trajetórias:

Assim, para o que interessa ao meu campo de estudo, chama a atenção o interesse atual da História Política em resgatar a ação autônoma de atores sociais nem sempre valorizados, como os trabalhadores e os intelectuais. Para o caso dos primeiros, foram afastados os esquemas predeterminados ou valorativos, que estabeleciam diagnósticos de fraqueza ou desvio na sua atuação. No caso dos intelectuais, passou-se a duvidar que simplesmente reproduziam esquemáticas ideias importadas (ou “fora do lugar”) ou a sua situação de classe e poder. O estudo do pensamento e da atuação política dos sujeitos sociais tornou-se muito mais complexo, ao levar em conta as discussões sobre

⁹²¹ RÉMOND, 1996, p. 35-36.

as diferentes formas com que são significadas as doutrinas políticas, oficiais ou não, e os fatos políticos, tanto por agentes contemporâneos, como por parte daqueles que, posteriormente, consolidaram sua versão e memória.⁹²²

A historiadora alerta para que se fique atento à complexidade da atividade política dos intelectuais, de modo a se considerar a diversidade de significados e formas com que a cultura política é apropriada pelos sujeitos analisados. Penso que este olhar que Martha propõe é pertinente para o estudo da trajetória e pensamento do professor Hemetério José dos Santos, personagem muitas vezes estigmatizado pela maneira como polemizou a respeito de questões raciais, assim como por sua proximidade com o campo militar e com figuras importantes do mundo político na época em que viveu. A miopia do olhar que estigmatiza pode se tornar um obstáculo para se visualizar e compreender a diversidade de experiências que um sujeito realiza em sua trajetória de vida. Penso que é exatamente nesta diversidade de experiências que a trajetória do professor Hemetério se torna um objeto valioso de análise. A circulação que ele teve por lugares diversos para além do meio educacional, a exemplo da imprensa, partidos e outras redes de sociabilidade, expressa uma complexidade que é inerente aos processos políticos e sociais. Como bem destacou o historiador Flavio Gomes (2005) no seu *Negros e Política*,

Mais do que a preocupação em classificar – um quase julgamento histórico -, é fundamental, em termos historiográficos, entender personagens, contextos e ideias em torno da raça e do racismo. Para a população negra, talvez não houvesse necessariamente o impasse quanto a permanecer invisível no centro ou escolher o caminho da esquerda ou da direita. Tratava-se de fazer políticas com lógicas e significados próprios.⁹²³

Tomando por base as palavras acima do historiador Flávio Gomes e considerando as experiências diversas de Hemetério José dos Santos, um dos propósitos desta tese se consistiu em tentar entender as lógicas e significados de suas ações.

Por conta disso, e pelo meu interesse em pensar um pouco mais sobre a relação de Hemetério com o “político”, a partir do argumento de que a luta contra o racismo (em qualquer tempo histórico) se constitui em uma expressão da luta política, vou privilegiar, na sequência, a análise do posicionamento político de Hemetério em relação a um político bem tradicional da época: Rui Barbosa⁹²⁴. O centro da questão de Hemetério com este importante intelectual foi de cunho racial, de modo que uma leitura possível de se compreender esta

⁹²² ABREU, 2005, p. 410.

⁹²³ GOMES, 2005, p. 79-80.

⁹²⁴ No artigo *Medo Branco de Almas Negras: Escravos, Libertos e Republicanos na Cidade do Rio*, Sidney Chalhoub (1988) também faz alusão ao preconceito que Rui Barbosa demonstrava ter para com os negros, sobretudo, os “libertos”. (Ver Rev. Bras. de Hist, São Paulo, v.8, nº 16, pp. 83-105, mar.88/ago.88).

polêmica é a percepção que o professor tinha de fazer do combate ao “preconceito de cor” um combate político. Da mesma forma, vou refletir sobre o movimento organizado por Monteiro Lopes em torno da garantia da sua candidatura, à qual o professor Hemetério foi um dos participantes da rede política articulada pelo referido deputado negro. Antes, porém, vale lembrar a polêmica com Alcindo Guanabara, importante político da época, analisada por Luara dos Santos Silva em sua dissertação sobre Hemetério. O entrevisto entre os dois também se deu por questões raciais, pois Alcindo Guanabara fez coro com aqueles que propagavam a infundada inferioridade dos negros. Luara destaca as duras críticas feitas por Hemetério ao seu aliado no disputado campo das decisões políticas sobre a instrução pública nos primeiros tempos do regime republicano: “O tom de seu artigo é extremamente áspero e o mesmo não mede palavras ao criticar os argumentos”⁹²⁵ de Alcindo Guanabara. De acordo com a pesquisadora, Hemetério escreveu que lhe causava “nojo” a leitura do texto do respectivo político.⁹²⁶ Enfim, o fato de ser da mesma rede de sociabilidade não significava ausência de críticas contundentes. E, só para antecipar, Hemetério também sentiu “nojo” de Rui Barbosa, como destaco a seguir, depois de refletir sobre a aproximação de Hemetério a Monteiro Lopes.

6.1.1 – Hemetério e a rede política de Monteiro Lopes

Manoel da Motta Monteiro Lopes, advogado formado pela Faculdade de Direito de Recife, no ano de 1889, capital de Pernambuco, nascido em dezembro do ano de 1867 na mesma cidade, elegeu-se deputado federal pelo Partido Republicano Democrata nas eleições ocorridas em 30 de janeiro de 1909, depois de tentativas frustradas em que se candidatou sem vínculo partidário. Sua candidatura vitoriosa, no entanto, sofreu ameaça de ser cassada pelo fato de ser ele um negro de pele preta bem retinta, como se pode ver através da foto a seguir:

⁹²⁵ SILVA, 2015, p. 104.

⁹²⁶ Idem.



Figura 30: Foto de Monteiro Lopes⁹²⁷

Para garantir o resultado da sua eleição, Monteiro Lopes protagonizou um processo de mobilização, sem dúvida, pioneiro em termos de *política negra* (GOMES, 2005). Processo este que se constituiu, de acordo com pesquisadores, em momento ímpar para se pensar sobre a temática do antirracismo. Nesse sentido, Carolina Dantas (2008) afirma que “a eleição e o processo de reconhecimento de Monteiro Lopes em 1909 motivaram debates que revelaram preconceitos e barreiras racias, evidenciando também as estratégias de luta e posições contrárias ao chamado, na época, ‘preconceito de cor’”.⁹²⁸ Em seguida, a autora complementa que “trata-se de um debate sobre os espaços ocupados e que poderiam ser ou não ocupados por negros” (DANTAS, 2008, p. 31), ou seja, a questão de se saber qual lugar na política da época era possível o negro ocupar. Na mesma linha, afirmou Petrônio Domingues (2013):

A eleição do político afro-brasileiro não foi um ato de heroísmo, mas produto de um processo de mobilização racial e popular, que enredou

⁹²⁷ Esta foto consta no artigo “*Vai ficar tudo preto*”: Monteiro Lopes e a cor na política, escrito pelo historiador Petrônio Domingues. No artigo, Petrônio analisa o protagonismo do deputado negro em sua campanha contra aqueles que queriam impedi-lo de assumir o mandato de deputado legitimamente eleito em face de ser uma pessoa negra. (DOMINGUES, 2013, p. 61).

⁹²⁸ DANTAS, 2008, p. 31. Em texto biográfico intitulado “Manoel da Motta Monteiro Lopes, um deputado negro na I República”, Carolina Vianna Dantas (2008) argumenta sobre a trajetória política peculiar do referido deputado.

múltiplos interlocutores do Estado e da sociedade civil. Quando a notícia da ameaça de “deputação” de Monteiro Lopes circulou pela imprensa do país, os “homens de cor” entraram em cena, ousaram dizer seu nome, demarcaram fronteiras identitárias, agenciando-se em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, e levando a efeito uma ampla campanha de pressão em prol da diplomação do “candidato dos negros”, como consignou a imprensa (*O Século*, 13/02/1909). Essa campanha talvez tenha inaugurado uma rede transregional de conexões, interdependências e ações coletivas afrodiaspóricas no Brasil pós-emancipação, cujos significados e dimensões precisam ser mais bem avaliados. Se essa rede não foi a responsável pelo acúmulo de forças que conduziram ao triunfo do político negro, ela não pode ser negligenciada.⁹²⁹

A *rede transregional* formada por pessoas negras, à qual se refere Petrônio Domingues na passagem acima, teve a participação do professor Hemetério José dos Santos, aliado de Monteiro Lopes (DANTAS, 2008, p. 12). Os dois, inclusive, foram alvos preferenciais da imprensa racista da época, que buscava depreciá-los e ridicularizá-los comparando-os à “macaco”, “gorila”, “primata”, e demais formas de manifestações preconceituosas, como já me referi ao abordar sobre a dissertação de Luara dos Santos Silva (2015). Acontece que Hemetério e Monteiro Lopes eram negros que não se deixaram abater por causa das manifestações de “preconceito de cor” da época. Devem ter sofrido na intimidade esta espécie de violência, porém, consubstanciados pela “arma da educação”, ambos seguiram em frente em seus projetos. O primeiro, como já se sabe, através do magistério. O segundo, pelo exercício da advocacia. A morte suprepente de Monteiro Lopes em 1910, um ano depois de conseguir garantir o direito de exercer seu mandato de deputado federal, interrompeu, no entanto, seu projeto político, pelo qual lutara com toda a garra e disposição necessária.

O enterro do deputado, em 14 de dezembro de 1910, foi registrado pela imprensa da época. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, colocou a foto do deputado deitado no caixão, e outra foto foi publicada logo abaixo da anterior, mostrando várias pessoas negras ao redor do caixão sendo carregado. Na parte inferior da foto tinha os seguintes dizeres: “Sahida do enterro, sendo conduzido o esquife por membros das Irmandades de Santa Ephygenia e Rosario e S. Benedicto”⁹³⁰. Dentre outras referências, a exemplo de “advogado dos oprimidos”, em face do vínculo que o deputado tinha com segmentos de trabalhadores, Monteiro Lopes era lembrado também como “advogado das Irmandades”. A foto do *Jornal do Brasil*, portanto, corrobora este tipo de referência. Outros periódicos também noticiaram

⁹²⁹ DOMINGUES, 2013, p. 78.

⁹³⁰ Ver *Jornal do Brasil*, 15.12.1910, edição 00349 (1), p. 5.

sobre o seu enterro, a exemplo do *Correio da Manhã*, através da notícia intitulada “Dr. Monterio Lopes” e publicada em 15 de dezembro de 1910.

O texto noticiado informou que o enterro ocorrera às 16 horas, no Cemitério São Francisco Xavier. Indicou também alguns nomes de pessoas presentes, e que “no cemitério achavam-se muitas famílias, que esperavam a chegada do corpo do dr. Monteiro Lopes”. Ao se referir sobre “o grande numero de corôas” de flores depositadas, destacou dedicatórias que nos permite inferir sobre alguns dos apoiadores do deputado falecido e alcunhas a ele atribuídos:

Ao dr. Monteiro Lopes, a Camara dos Deputados; ao dr. Monteiro Lopes, o Conselho Municipal; ao dr. Monterio Lopes, o presidente do Estado do Rio de Janeiro; saudades dos amigos Irineu e Bittencourt; ao deputado Monteiro Lopes, saudades da bancada carioca; ao eminente batalhador, os operarios da Fabrica de Cartuchos do Realengo; gratidão da familia Machado; ao inolvidavel consocio Monteiro Lopes, a Caixa Auxiliar dos Bagaceiros; ao paladino do operariado, os operarios das oficinas do Engenho de Dentro; ao deputado Monteiro Lopes, a redação d’*O Seculo*; ao dr. Monteiro Lopes, os empregados do S. P. da Febre Amarella; ao dr. Monteiro Lopes, homenagem dos operarios da Imprensa Nacional; ao dr. Monteiro Lopes, gratidão dos operarios do Arsenal de Marinha.⁹³¹

Chamado, dentre outras coisas, como “eminente batalhador” e “paladino do operariado”, como se observa na passagem acima, Monterio Lopes teve o apoio de diversos segmentos e pessoas, inclusive da “redação d’ *O Seculo*”. Nesse sentido, não foi por acaso este jornal ter publicado, em 15 de dezembro de 1910 (páginas 2 e 3), uma das matérias mais completas sobre a presença das pessoas que compareceram ao enterro do respectivo deputado. Desta feita, fundamentado por esta fonte, destaca Petrônio Domingues:

A reportagem d’*O Século* registrou a presença, dentre outras pessoas, do advogado Evaristo de Moraes, do professor Hemetério José dos Santos, de senadores, deputados federais, membros da “Irmandade do Rosário”, militares, operários, estudantes e representantes de sociedade literária, dos órgãos da imprensa, de associações beneficentes e do Ministério da Viação.⁹³²

Como se pode ler acima, Petrônio fez questão de destacar dois dos importantes nomes que estiveram ao lado de Monteiro Lopes, ou seja, Hemetério José dos Santos e Evaristo de Moraes. Este último, por sinal, no âmbito dos acirrados debates em torno da campanha contra

⁹³¹ *Correio da Manhã*, 15.12.1910, edição 03437-2, p. 3.

⁹³² DOMINGUES, 2013, p. 60.

e a favor da garantia da eleição do deputado federal, publicou um artigo analisando a situação política que merece um olhar mais atento. Isto porque, além de abordar o problema da discriminação racial contra Monteiro Lopes, Evaristo também tratou de um problema já anunciado por Hemetério em sua conferência *Pretidão de amor* (1905): a não aceitação de estudantes negros em determinadas escolas.

O artigo de Evaristo de Moraes foi publicado na página três do *Correio da Manhã*, em 14 de fevereiro de 1909, com um título sugestivo: “A côr... política – Oposição ao preto!”. Logo no primeiro parágrafo, Evaristo explica o sentido que dá título ao seu artigo:

Desde alguns dias, com o bom sucesso (*sans arrière-pensée*) da candidatura Monteiro Lopes, a expressão “cores políticas” baixou das regiões do figurado para a terra-a-terra do realismo. Deu-se a materialização da velha maneira de falar. Isto que ali se anuncia (esta muito escandalosa depuração, no *escrutínio* do reconhecimento) aparece como demonstração da preferência dada pela Política às duas cores patricias – a branca e a parda – com prejuízo da outra côr, que tanto distingue o venerando e milagroso S. Benedicto.⁹³³

O autor destaca que o sucesso da eleição do deputado “preto” Monteiro Lopes evidenciou o preconceito racial daqueles que dominam a *política* oficial. O “pardo” (muitos dos quais se passam por branco) era tolerado, mas o “preto” não. Assim, o preconceito racial materializou-se em discriminação (“Deu-se a materialização da velha maneira de falar”), numa franca “oposição ao preto”, como bem escreveu Evaristo no título do seu artigo. Oposição esta que se traduziu na “escandalosa depuração” que objetivou o não reconhecimento da eleição vitoriosa do referido deputado. Mais a frente, escreve o autor: “A Política repelle o negro, aceita o pardo, abraça o branco, e – quem sabe? – não desgostaria do vermelho, si elle ousasse saindo do matto espesso, levantar uma candidatura aborígene. Que fazer?”.

Apropriando-se da clássica pergunta que deu título ao livro de Lênin, *Que fazer*, publicado em 1902, Evaristo, na sequência do texto, faz uma pequena análise do seu ponto de vista a respeito da questão racial e da presença do negro na sociedade brasileira. O enfoque do autor se aproxima da visão de Hemetério. Por um lado, no sentido de exaltar a participação e a contribuição dos negros na formação da sociedade; por outro, de compartilhar de um ideal de sociedade em que prevaleça a boa convivência entre as “raças” formadoras da nação. Percebe-se a preocupação de evitar que ocorra no Brasil “a calamitosa *luta de raças*” (grifo do autor):

⁹³³ *Correio da Manhã*, 1909, edição 02779, p. 3.

“Não temos, até agora, a calamitosa *luta de raças*, que infelicitava nacionalidades de grande vulto, como, na Europa, a Austria-Hungria, e na America, os Estados Unidos”.

A tentativa de impedir a posse de Monteiro Lopes e a consequente mobilização racial promovida pelo deputado e seus aliados pertencentes às organizações de trabalhadores e das “pessoas de cor” foi interpretada com preocupação, sobretudo pelo fato de o acontecimento estimular a referida “luta de raças” destacada acima pelo autor:

Ora, si temos a rara felicidade de assistir á completa fusão das raças sem oppressões, sem sobresaltos, sem violencias; se pouco falta para desaparecerem os vagos preconceitos que são apenas sobrevivencias da escravidão – como permittir esse levantamento de odios, esse despertar de paixões ruins, que será inevitavel, dada a opposição feita á cor de um deputado eleito?⁹³⁴

Percebe-se que, apesar de existir na sociedade, de acordo com o autor, “a rara felicidade” da “completa fusão de raças” vista por ele, “sem oppressões, sem sobresaltos, sem violências”, em face do quase desaparecimento do preconceito que seria “apenas sobrevivencias da escravidão”⁹³⁵, o enfrentamento racial seria “inevitável”, segundo Evaristo, em função da tentativa de impedir a posse do deputado eleito por ser ele um negro. Inevitável por quê? Pergunta que se coloca diante da argumentação de Evaristo de Moraes. Creio que uma possível resposta a esta pergunta pode ser pensada a partir do próprio processo desencadeado em prol do apoio à Monteiro Lopes. Apoio este que consistiu em ampla mobilização de pessoas negras, e que me parece sem precedentes na história.

A mobilização se voltou para garantir a presença de um deputado negro na Câmara de Deputados, legitimamente eleito, e que envolveu, como visto acima, o que Petrônio Domingues definiu como sendo uma “rede transregional”, em face de ter se agenciado “em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul”, como afirmara o historiador. Seria isto a expressão de um movimento negro da época? Creio que sim. Tanto Carolina Dantas quanto Petrônio Domingues, pesquisadores do acontecimento, destacaram a grandiosidade da mobilização ocorrida à época.

A pressão popular se deu, em grande parte, porque havia pessoas negras conscientes. Não somente da importância de se ter um deputado negro no Parlamento, mas também conscientes da necessidade de se enfrentar aquela manifesta discriminação real e concreta do “preconceito de cor”, como se dizia à época. E o professor Hemetério José dos Santos fez

⁹³⁴ *Correio da Manhã*, 1909, edição 02779, p. 3.

⁹³⁵ Pensamento expressado muito antes de Florestan Fernandes. De acordo com as primeiras obras de Florestan, o racismo brasileiro seria fruto de uma herança escravista.

parte deste processo. Se o que ocorreu não foi movimento negro, o que teria sido? Questão que fica aqui em aberto, pois, além desta não ser o foco central da minha pesquisa, precisamos voltar ao texto de Evaristo de Moraes, uma vez que o autor destaca problemas que dialogam com questões que preocupavam o professor Hemetério e que já foram sinalizadas anteriormente. Refiro-me ao problema de determinadas escolas não aceitarem a entrada de estudantes negros.

Evaristo introduz, no texto, o referido problema através da seguinte passagem: “Bastam já certas prevenções – algumas pouco conhecidas do publico – com as quaes se conformam covardemente nossos homens mais cultos e mais generosos...”. Quais seriam estas “prevenções” que o público pouco conhecia e que “homens mais cultos e mais generosos” se conformavam de maneira “covarde”? O autor desenvolve o argumento logo em seguida, explicitando ao leitor de seu artigo a denúncia de racismo que existia na época, no âmbito de determinadas instituições educacionais:

Censura-se – e com sobeja razão – o acto de um presidente da Republica que mandou excluir os pretos da guarnição de uma galeota de luxo. Mas nesse genero, ha coisa peor, pois diz com a educação da mocidade. Pelo lado dos que podem, dos ricos, se nos depara o escandaloso exclusivismo das religiosas que dirigem em Petropolis e nesta cidade certos internatos muito afreguesados. As piedosas educadoras, quase todas estrangeiras, não admitem, em absoluto, alumna que não possa, ao menos *disfarçar* a raça: - a mulatinha clara ainda passa: mas a escurinha, *a côr de café com leite á ingleza* já não entra, tenha os empenhos que tiver!§ Pelo lado dos que não possuem, da gente pobre, dessa que pede ao Estado e á Municipalidade o pão do corpo e o do espirito, ahi se nos antolha o pouco edificante exemplo do Instituto Profissional Feminino, onde, até certo tempo, (podemos garantir) não eram admittidas meninas de côr preta!⁹³⁶ (grifos do autor).

Para aqueles que insistem em olhar apenas para o problema de “classe”, em detrimento das questões raciais, a passagem acima escrita por Evaristo de Moraes é um exemplo a se pensar. O autor relata a discriminação racial sofrida tanto por filhos de pessoas negras com condições econômicas de pagar escolas particulares quanto por filhos de pessoas negras pobres que eram impedidas de estudar. O alvo principal da discriminação são os de pele mais escura, comumente denominados de “pretos”, de acordo com Evaristo.

Pela maneira como usa as palavras, ele parece não ter dúvidas da denúncia de racismo publicizada no artigo. Primeiro, após se referir à discriminação racial praticada por “um presidente da Republica que mandou excluir os pretos da guarnição de uma galeota de luxo”, Evaristo argumenta que, em relação a este “gênero” de racismo, existe “coisa peor”. Pior por

⁹³⁶ *Correio da Manhã*, 1909, edição 02779, p. 3.

quê? Na sequência, ele acentua que o racismo se torna pior porque atinge “a educação da mocidade”. Percebe-se que Evaristo de Moraes aproveitou o debate em torno da discriminação racial praticada contra o deputado Monterio Lopes para trazer à baila um problema já anunciado por Hemetério José dos Santos, quatro anos antes, em sua conferência literária *Predição de amor*. Ou seja, o problema de estudantes negros serem impedidos de estudar, por questões raciais, em determinadas escolas.

A argumentação em seguida do autor não deixa dúvida quanto ao fator que estava determinando a não aceitação dos estudantes: o fato de serem pretos! Tanto pelo “lado dos que podem, dos ricos”, quanto pelo lado “da gente pobre”, de acordo com Evaristo de Moraes, operacionalizou-se “o escandaloso exclusivismo”: “a mulatinha clara ainda passa; mas a escurinha (...) já não entra, tenha os empenhos que tiver!”, escreve o autor em relação a “certos internatos” de Petrópolis. Ele se refere como já assinalado, à mesma localidade na qual o filho de Hemetério foi discriminado em 1917, impedido de estudar no Colégio São Vicente de Paula por ser negro. Evaristo usa o ponto de exclamação (“tenha os empenhos que tiver!”) para dar ênfase à sua afirmação. O mesmo recurso foi utilizado quando citou o exemplo do Instituto Profissional Feminino, que, segundo ele, “até certo tempo, (podemos garantir) não eram admitidas meninas de côr preta!”.

Na parte final do artigo, Evaristo de Moraes conclama a todos a abandonarem a “hipocrisia”, pois o Brasil é terra de “mulatos, pardos e mestiços de todas as cores e espécies, uns com dois quartos, outros com três quartos de sangue negro”. Desta feita, ele sugere que se deixe de lado “a chamada *vergonha do estrangeiro*” (grifo do autor), e, ao invés de se “olhar” para cor da pele, deve-se direcionar a visão, por um lado, para “a aptidão, a competência, a capacidade moral e intelectual dos eleitos”; por outro, “para as unhas de alguns que lembram as aves de rapina, e cujos mandatos as oligarquias garantem a ferro e fogo, diante da covardia e da impotência da UNIÃO” (grifo do autor).

A sinalização feita por Evaristo de Moraes no tocante à capacidade intelectual e moral não diz respeito apenas a quem pretendia ser candidato em eleição política. Trata-se de um valor que era cultivado entre pessoas negras preocupadas em conseguir um “lugar ao sol” na sociedade. Mas não só isso. Numa conjuntura que revelava a propaganda sistemática a respeito da inferioridade dos negros, o sucesso de uma pessoa negra tornava-se também uma arma de combate contra este tipo de propaganda. As trajetórias vitoriosas de intelectuais como Monteiro Lopes, Hemetério José dos Santos e outros, também serviam de exemplos para estimular a infância e juventude negra da época a crescerem na vida através do esforço e da educação. Através do diálogo com alguns jornais da chamada imprensa negra, visto

anteriormente, podemos reconhecer esta perspectiva no que tange à trajetória do professor Hemetério.

6.1.2 – Hemetério contra Ruy Barbosa

Tomei conhecimento da existência da carta em que Hemetério justifica porque Rui Barbosa não teria o seu voto na campanha presidencial⁹³⁷, através de uma matéria publicada no periódico *A Federação*, em 25 de abril de 1919 (edição 00097-1, p. 4). A matéria fazia referências ao que fora debatido no Congresso de Paris após o término da Primeira Guerra, a respeito do “problema das raças”. Epiácio Pessoa, candidato a presidência que competia com Rui Barbosa, participou neste Congresso como embaixador do Brasil, e votou, ao lado dos EUA, em relação à proposta do Japão, que defendia a “igualdade das raças”, visando que seus imigrantes pudessem ter acesso livre às outras nações. O representante norte-americano votou contra a proposta e o representante brasileiro o acompanhou. De acordo com o articulista da matéria, que reproduziu a posição de três jornais (*O Paiz*, *Correio da Manhã* e *A Razão*) em relação ao voto dado por Epiácio Pessoa no Congresso de Paris, os apoiadores de Rui Barbosa atacaram o candidato à presidência, Epiácio Pessoa, com o argumento de que o seu voto no Congresso expressou uma posição a favor do preconceito racial. Para contestar este argumento e atacar Rui Barbosa, a matéria do jornal *O Paiz*, reproduzida pelo periódico *A Federação*, fez referência à crítica de Hemetério a Rui Barbosa, como se pode ver no seguinte trecho:

Não queremos revidar sobre esse mesmo thema aos que se servem deste facto para accusar o embaixador brasileiro, por sua nobre attitude. Devemos recordar, porem, que o illustre professor Hemeterio dos Santos, em carta que publicamos sob a epigraphe “Porque não votamos em Ruy Barbosa” assignalou que na conferencia de Buenos Aires o eminente brasileiro menospresou a raça negra, negando a sua contribuição na nossa formação ethnica. Ahi, sim, poder-se-hia accentuar que o problema das raças em relação ao nosso desenvolvimento fôra tratado com evidente depreciamento para um dos elementos formadores da nossa nacionalidade.⁹³⁸

Não pretendo aqui enveredar pela análise da conjuntura na qual o problema em questão esteve inserido; no caso, a conjuntura do final da Primeira Guerra Mundial e os seus

⁹³⁷No que diz respeito à campanha presidencial de 1910, em que Ruy Barbosa disputou contra o marechal Hermes da Fonseca, o jornal *O Paiz* de 09.03.1910 (edição 09286-1, p. 5) publicou notícia de um abaixo-assinado de funcionários municipais felicitando a vitória eleitoral de Hermes da Fonseca. O nome de Hemetério consta no referido abaixo-assinado. A notícia sugere, portanto, que o professor também não apoiara Rui Barbosa na respectiva campanha.

⁹³⁸*A Federação*, 25.04.1919, edição 00097-1, p. 4.

desdobramentos relacionados à questão racial em si. Vou me ater à análise da carta escrita por Hemetério, cuja existência tomei conhecimento em face do trecho acima, e que fora citada pelo articulista do *O Paiz* como apoio para combater os defensores de Rui Barbosa. Nesse sentido, no que tange ao tema racial, a autoridade de Hemetério foi mobilizada pelo articulista do jornal para enfrentar os adversários de Epiácio Pessoa. Sabendo da existência da carta, o próximo passo foi tentar encontrá-la, e isto foi possível a partir do jornal de imprensa negra do Rio Grande do Sul, *O Exemplo*, que publicou a referida carta, em 09 de março de 1919 (edição, 00010-1, p. 01 e 02) . O jornal *O Exemplo* foi o mesmo que publicou alguns artigos tratando do episódio sobre a discriminação racial sofrida pelo filho de Hemetério no Colégio São Vicente de Paula, em Petrópolis, como vimos em capítulo anterior. O preâmbulo à carta “Porque não votamos no sr. Ruy” fez referência, inclusive, ao acontecido com o filho de Hemetério: “Transcrevemos abaixo as seguintes linhas que nos foram remetidas impressas do Rio de Janeiro, pelo sr. Adelino de Aquino e que pertencem a pena de Hemetério dos Santos, o pae da victima do caso da *Expulsão de um alumno por ser preto* (grifo do articulista).” A carta em si se inicia com o tom crítico e contundente de Hemetério:

Porque não votamos no sr. Ruy. A fraqueza dos que se envergonham da sua gente, e da sua estirpe, deprimindo-se sempre que se acham em terras estranhas, ou se dirigem a estrangeiros notaveis, causou-nos em todo o tempo, tristeza e nojo. Logo, do principio da nossa vida republicana, o sr. Ruy, mais por fazer desaparecer documentos condemnatorios, do que por piedade e por gratidão aos escravizados negros que, com o Portuguez, formaram este Brazil, homogêneo pelo sentimento e pela cohesão moral, apesar do seu dilatado territorio, mandou queimar os torpes archivos e apagar todas as vilezas dos negreiros e dos ladrões, cujos filhos continuariam os crimes dos pais, cevando-se agora na obra, depois de haver sugado o suor e o sangue dos seus portentosos e humildes constructores.⁹³⁹

O mesmo “nojo” que Hemetério sentira em relação às posições racistas de Alcindo Guanabara aparece também, com todas as letras, na carta contra Ruy Barbosa. E logo no início dela, para não deixar dúvidas da consciência que o professor tinha do quanto o combate ao preconceito racial para com os negros era um *combate político*. Esta questão, inclusive, é o aspecto principal que a sua carta a Rui Barbosa revela, pois, ao tornar pública a sua posição em relação à candidatura presidencial tomando por base o problema racial, a meu juízo, Hemetério evidencia o caráter político da luta antirracista. E mais que isto: ele politiza o debate da época em relação às teorias racialistas que buscavam convencer a sociedade da suposta veracidade em relação à hierarquização das raças. Observe que esta é uma luta que ele

⁹³⁹ *O Exemplo*, 09. 03.1919, edição 00010-1, p. 01 e 02.

vem travando desde 1881, como foi demonstrado através da análise do seu *Livro dos meninos*, publicado no referido ano. O roteiro da carta corrobora esta assertiva.

Ao relembrar a famosa queima de arquivos da escravidão patrocinada por Rui Barbosa, Hemetério fez questão de destacar que o mesmo “mandou queimar os torpes arquivos”, não “por piedade e por gratidão aos escravizados negros”, mas sim para “fazer desaparecer documentos condenmatorios”, e, desta feita, tentar apagar da História “as vilezas dos negreiros e dos ladrões”, no caso, os escravocratas, qualificados pelo professor de criminosos. De acordo com o raciocínio de Hemetério, o referido crime continuou a existir através dos filhos dos escravocratas, que “agora” passaram a “cevar-se” (engordar/enriquecer) “na obra” (o Brasil construído), “depois de haver sugado o suor e o sangue” dos escravos, qualificados por Hemetério de “portentosos e humildes constructores”, por terem sido os construtores da nação brasileira.

Quer dizer, o enfoque político do discurso de Hemetério é bem direto e não deixa espaço para dúvidas. Este tipo de argumento, inclusive, se constitui em uma das justificativas para as políticas de reparação histórica defendidas pelo movimento negro brasileiro, à medida que, não havendo questionamento da participação do trabalho compulsório de gerações e gerações de famílias negras na construção histórica das infraestruturas que tornaram possível o Brasil se constituir como um país efetivamente (ao mesmo tempo que as gerações de famílias brancas foram as principais beneficiárias deste trabalho compulsório), é justo que seus descendentes possam ao menos ter acesso às políticas de reparação para minimizar o fosso de desigualdades que assola a nação. Sem estar diretamente ligado às organizações tipicamente negras, Hemetério, enquanto intelectual, defendia ideias que se aproximavam das demandas destas organizações. Não por acaso ter sido um jornal da imprensa negra a publicar a carta de Hemetério contra Rui Barbosa. E a carta continua. O próximo passo de Hemetério foi buscar acentuar a contradição de alguém como Rui Barbosa, que, mesmo tendo nascido em terras baianas (“filho da Bahia”), lugar de maioria negra, tem posições preconceituosas para com os negros. Para destacar a presença negra na Bahia, Hemetério cita um tal padre Raphael Galanti, que informou existir, em Salvador, “em principios do seculo passado, pouco mais de cincoenta mil habitantes: deles, - quatro mil eram brancos; onze mil, mestiços; vinte e cinco mil, - negros”. Depois disso, Hemetério cita o episódio em que as palavras preconceituosas de Rui Barbosa vieram a público:

o que sabemos e temos de memoria, é o trecho da conferencia realisada na Faculdade de Direito de Buenos Aires, em 14 de julho de 1916. Nesse

templo da sciencia, onde só sentenças de justiça e de reivindicações humanas se deveriam dizer, o sr. Ruy, trazendo á discussão descabidas e pagãs questões de raça, proferio o seguinte: “A America tem nas veias o sangue, a intelligencia e a riqueza dos seus antepassados, que não são os apaches, os guaranys, ou os africanos, mas inglezes, e os ibéros, os Saxonicos e os latinos cuja substancia vivente, cujas tradições, cujas idéas, cujos capitaes nos criaram, nos educaram, nos opulentaram, até sermos o que hoje somos”. Por este pedaço de ouro vernaculo, e de grande philaucia geneologica, numa eructação innata nos individuos mestiçados, o eminente sr. Ruy, claramente, francamente, repudiou o sangue africano da nossa formação (o negro tem sido atrozmente ferido, por haver de graça trabalhado na civilização occidental), e geitosamente supprimio o esforçado e venturoso portuguez, incluindo-o, com disfarce e manha, na erudita expressão de ibéro. Eloquent e profundo sabedor da philologia portugueza, o sr. Ruy, mais do que todos excellente no talento verbal, não desconhece que ibérico, ibérino, ibéro, - è hespanhol, pertence á Hespanha ou Iberia. Assim, os que repudiam, desgraçadamente, as suas origens portuguezas, africanas e guaranys, votem no sr. Ruy, que nós não o podemos fazer.⁹⁴⁰

Como se pode ler acima, as palavras de Rui Barbosa foram ditas, de acordo com Hemetério, numa conferência que se realizou em 14 de julho de 1916 na Faculdade de Direito de Buenos Aires. O professor afirma ter sido palavras “descabidas” sobre “questões de raça”, aquelas proferidas pelo “sr. Ruy”. Fundamentalmente, segundo Hemetério, ao afirmar que a riqueza e inteligência dos habitantes do continente americano não seriam oriundas dos antepassados “apaches”, “guaranys” e “africanos”, mas sim de “inglezes”, e “ibéros”, “o eminente sr. Ruy, claramente, francamente, repudiou o sangue africano da nossa formação”. Repúdio este que se mostrou inaceitável para Hemetério, ao ponto dele fazer desta questão o motivo para não depositar seu voto em Rui Barbosa: “Assim, os que repudiam, desgraçadamente, as suas origens portuguezas, africanas e guaranys, votem no sr. Ruy, que nós não o podemos fazer.” Ou seja, na perspectiva de Hemetério, não votar em Rui Barbosa era uma forma de protestar politicamente contra aqueles que, “desgraçadamente”, não valorizavam os povos construtores da nação brasileira.

⁹⁴⁰ Idem.

6.2 – Hemetério e sua família

A família Hemetério dos Santos se constituiu, em sua primeira geração, nos seis filhos que o professor Hemetério teve com sua esposa Rufina Vaz de Carvalho dos Santos. Sobre Rufina, tratei a respeito da sua trajetória no segundo capítulo. No entanto, vale lembrar que nasceu em 08 de dezembro de 1861, em Conceição de Macabu, no Estado do Rio de Janeiro. Faleceu em 10 de novembro de 1952. O casamento com Hemetério ocorrera em 30 de dezembro de 1885. Rufina era filha de Eduardo Vaz de Carvalho e de Alexandrina Brito Vaz de Carvalho; esta última, filha do importante editor negro Francisco de Paula Brito. Rufina, portanto, era neta deste conceituado editor, tipógrafo e intelectual negro do Império. A esposa de Hemetério foi normalista da Escola Normal da Corte, da Escola Normal do Distrito Federal e também da Escola Normal Livre, da qual recebera o diploma do magistério no ano de 1896.⁹⁴¹ Iniciou seus estudos de normalista após o casamento com Hemetério. Também foi adjunta, professora primária da Escola “Barão de Petrópolis” e depois professora primária e diretora da Escola “Barão de Ubá”, escola feminina localizada em sua própria residência.⁹⁴² Desta feita, o casal Hemetério e Rufina construíram sua família tendo, como “ganha pão”, o magistério. Nesse sentido, vale destacar que alguns dos seus filhos também seguiram o mesmo caminho profissional.

Todos os filhos de Hemetério têm o mesmo sobrenome: Hemetério dos Santos. São eles: Coema Hemetério dos Santos, Octávio Hemetério dos Santos, Gulnare Hemetério dos Santos, Clóvis Hemetério dos Santos, Aristides Hemetério dos Santos e Luiz Hemetério dos Santos. Esta marca familiar se manteve para além da primeira geração, como veremos ao tratar da entrevista que fiz com Heliana Hemetério dos Santos, bisneta do professor. Entrevista esta já referida parcialmente.

Coema, a primeira filha a nascer, seguiu a profissão dos pais depois de concluir o curso de normalista na Escola Normal do Distrito Federal. A seguir, foto da página em que constam informações sobre sua matrícula no Livro de Matrículas da Escola Normal:

⁹⁴¹ *Jornal do Brasil*, edição 00153-1, 01.06.1896, p. 3.

⁹⁴² Ver: *Almanak Gazeta de Notícias* – 1902 – edição 00023-1, p. 364; *Almanak Laemmert*, 1900, edição A00057-1, p. 1530; *Almanak Laemmert*, 1902, edição A00059-1, p. 539 – até 1927.

Dr. Servulo Lima

Cosma Hemiterio dos Santos

Nascido a 19 de Outubro de 1888.

Natural do Estado Federal.

Filho legítimo de Hemiterio José dos Santos e Rufina Tave Carvalho dos Santos.

Apresentou certidão de idade, atestado de vacinas e sanidade e diploma de 1º grau.

1904 Matriculado no 1º anno do curso diurno, sob n.º 72. Na 1ª chamada foi approvada com distincção em Francês, plenamente em Portuguez, Arithmetica, Calligraphia, Gymnastica, T. de agulha, T. manual e Musica e eliminada em Geographia em cuja disciplina foi approvada plenamente na 2ª chamada.

1905 Matriculado no 2º anno do curso nocturno, sob n.º 48. Na 1ª chamada foi approvada com distincção em Portuguez, Historia Geral e Trabalhos de agulha, plenamente em Francês, Algebra, Geographia, Desenhos lineares e Musica e reproada em Geometria em cuja disciplina foi approvada simplesmente na 2ª chamada.

1906 Matriculado no curso nocturno, sob n.º 54, em matutino no 3º anno. Na 1ª chamada foi approvada com distincção em Portuguez, Pedagogia e Geographia, plenamente em Francês e Historia da Phisica e T. manual e simplesmente em T. Natural. O Arithmetico e o Geometria na 2ª chamada.

1907 Matriculado no curso nocturno, sob n.º 48, em matutino no 3º anno. Na 1ª chamada foi approvada com distincção em Litteratura, Hygiene e Pedagogia e plenamente em Historia do Brasil, Desenho e matutino e Chimica.

Terminou o curso. Em dezembro de 1908 foi approvada com distincção no exame de pratica escolar.

Historia Natural do 3º anno, sendo na 1ª chamada...
Francês, Portuguez e Musica, simplesmente e T. manual e T. de agulha, e eliminada em Geographia em cuja disciplina foi approvada plenamente na 2ª chamada.

1904 Matriculado no 1º anno do curso diurno, sob n.º 72. Na 1ª chamada foi approvada com distincção em Francês, plenamente em Portuguez, Arithmetica, Calligraphia, Gymnastica, T. de agulha, T. manual e Musica e eliminada em Geographia em cuja disciplina foi approvada plenamente na 2ª chamada.

Figura 31: Foto da página 56 do Livro de Matrícula da Escola Normal do Distrito Federal⁹⁴³

943 Acervo CMEB/ISERJ.

O documento informa que Coema Hemetério dos Santos nasceu em 20 de outubro de 1888, no Distrito Federal. Matriculou-se no curso diurno da Escola Normal no ano de 1904, no qual cursou o primeiro ano. Nos anos seguintes, segundo (1905), terceiro (1906) e quarto ano (1907), Coema foi normalista do curso noturno, onde seu pai era professor de Português. Depois de passar por estágios em 1908 e 1909⁹⁴⁴, colou grau no ano de 1910⁹⁴⁵. O casamento com o funcionário do Ministério da Agricultura, Octavio Ferreira Pacheco, ocorreu no dia do seu aniversário, em 20 de outubro de 1910, e teve, como uma das testemunhas, nada mais nada menos que o poderoso general Pinheiro Machado⁹⁴⁶.

Em relação ao seu trabalho como professora, dentre outras coisas, Coema exerceu atividade de professora adjunta na escola em que sua mãe Rufina era diretora no ano de 1912⁹⁴⁷. No ano seguinte, depois de ingressar como docente da Escola Normal, participou de comissões examinadoras na referida escola⁹⁴⁸ e exerceu seu trabalho docente como professora de Português no Curso Noturno da Escola Normal⁹⁴⁹. O trabalho de Coema na comissão examinadora motivou um conflito entre Hemetério e Alfredo Gomes, que não concordou que suas filhas fossem examinadas por Coema. Hemetério ficou indignado e saiu em defesa da filha, chegando até a publicar uma carta para denunciar o ocorrido, como vimos anteriormente.

Coema Hemetério dos Santos passou por uma situação difícil quando sua casa foi assaltada. O jornal *A Noite* de 25 de janeiro de 1937 (edição 08963, p. 1) divulgou o ocorrido, publicando, inclusive, uma foto de perfil do rosto da filha de Hemetério, como se vê abaixo:

⁹⁴⁴ *O Paiz*, 07.03.1909, edição 08920(1), p. 6.

⁹⁴⁵ *O Seculo*, 29.08.1910, edição 01234(1), p. 1.

⁹⁴⁶ *Gazeta de Noticias*, 20.10.1910, edição 00293(1), p. 4.

⁹⁴⁷ *O Paiz*, 28.02.1912, edição 10006(1), p. 3.

⁹⁴⁸ *O Paiz*, 23.02.1913, edição 10366(1), p. 9.

⁹⁴⁹ *O Paiz*, 05.04.1913, edição 10407(1), p. 10.



Figura 32: Notícia com foto de Coema Hemetério dos Santos.⁹⁵⁰

O assaltante mascarado entrou na casa de Coema e foi surpreendido por ela. De acordo com o jornal, ao tentar dominar Coema, o criminoso quase a estrangulou. Ela resistiu ao ataque e ambos rolaram pela escada da casa. Como não conseguiu efetuar o assalto, o criminoso tentou fugir, mas foi “preso por populares” e levado à delegacia. Coema, por sua vez, ficou muito machucada e foi encaminhada “ao posto central da Assistencia” para ser medicada. Mulher negra bonita e corajosa esta filha de Hemetério.

A outra filha do professor, Gulnare Hemetério dos Santos, seguiu também o caminho do magistério através da Escola Normal⁹⁵¹. A partir de 1912, já aparece noticiado na imprensa da época a atuação dela enquanto adjunta, como foi informado pelo jornal *O Paiz*, em 25 de julho de 1912 (edição 10154-1, p. 9): “Actos do Sr. Dr. director geral designando Gulnare Hemeterio dos Santos para a 1ª escola feminina do 7º districto, a cargo da professora Francisca de Souza Monteiro”. Assim como sua irmã Coema, Gulnare também foi normalista na Escola Normal Noturna, onde seu pai era professor.⁹⁵² Ela passou por várias escolas, dentre estas, a Escola Bernardo de Vasconcelos.⁹⁵³ Sua aposentaria como professora primária data de 21 de agosto de 1947.⁹⁵⁴ O jornal *Gazeta de Noticias* de 06 de fevereiro de 1915 (edição 00037-1, divulgou um evento denominado de “Batalha de confêtes” em que

⁹⁵⁰ *A Noite*, 25.01.1937, edição 08963, p. 1.

⁹⁵¹ Ver *O Paiz* de 10.04.1910 (edição 09318-1, p. 08, “Classificação das alunas da Escola Normal”); e de 07.03.1911 (edição 09648-1, p. 10, “Classificação das alunas da Escola Normal”).

⁹⁵² Ver *O Paiz* de 08.03.1913 (edição 10379-1, p. 10); de 28.01.1915 (edição 11070-1, p. 8); e de 05.02.1916 (edição 11443-1, p. 9).

⁹⁵³ *Jornal da Moças - Revista Illustrada*, 23.08.1923, edição 00427(1), p. 19.

⁹⁵⁴ *Diario de Noticias*, 21.08.1947, edição 07614(1), p. 11.

participara Coema, Gulnare e o próprio Hemetério denotando o gosto da família por festas públicas, uma vez que o referido evento envolveu pessoas do bairro em que residia à família do professor.

Dentre os filhos homens, Clovis Hemeterio dos Santos também seguiu a carreira do magistério. Ele estudou no Colégio Militar⁹⁵⁵ e tentou primeiro a carreira no Exército chegando, inclusive, a cursar Escola de Guerra⁹⁵⁶. No entanto, em 07 de abril de 1913 informa o periódico *A Epoca* (edição 00251-1, p. 5): “Tendo sido na inspecção de saúde por que passou, nesta capital, julgado incurável e incapaz para o serviço militar e alumno da escola de Guerra Clovis Hemeterio dos Santos, foi o mesmo excluído das fileiras do Exercito, por incapacidade physica”. Assim como Aristides, que veremos mais a frente, Clovis frequentou a Faculdade Livre de Direito. Ele lecionou “Letras” no Instituto Profissional João Alfredo⁹⁵⁷ e na Escola Profissional Souza Aguiar⁹⁵⁸. Também trabalhou no Externato São Jorge⁹⁵⁹ e deu aulas no “1º. curso popular nocturno masculino do 22º. Districto” (*Diario da Noite*, 10.07.1930, edição A00235-1, p. 9). Ficou noivo de Nair dos Santos Silva, de acordo com informação publicada no *Diario de Noticias*, em 28 de abril de 1933 (edição 01036-1, p. 4).

Octavio Hemetério dos Santos, por sua vez, trabalhou na Estrada de Ferro Central do Brasil. Nesse sentido, em 13 de julho de 1909, o jornal *Correio da Manhã* (edição 02918-1, p. 4) divulgou notícia referente à “E. F. Central do Brasil” convocando candidatos para realizar “prova oral do concurso para o preenchimento de vagas de praticantes de conferente, conductor e de telegrafista”. Dentre os candidatos estava o nome de Octavio Hemetério dos Santos. Anos depois o nome dele já aparece como membro de comissão, “nomeada pelo Sr. ministro da viação”, para realizar estudos voltados à implantação “da linha ferrea de Uberaba a Villa Platina”.⁹⁶⁰ Assim como seu pai Hemetério, que perdera o filho Aristides, como veremos mais a frente, Octavio também sofrera com a perda de um ente querido; no caso, a sua filha Zelia, como divulgou *O Paiz*, em 11 de outubro de 1914 (edição 10961-1, p. 05). O mesmo jornal também divulgou no ano seguinte, o batizado de outra filha de Octavio com sua esposa Geraldina Hemeterio dos Santos; no caso, a pequena Zara.⁹⁶¹ Esta filha de Octavio, inclusive, chegou a conviver com a bisneta de Hemetério, Heliana Hemetério dos Santos.

⁹⁵⁵ Ver: *Gazeta de Noticias*, 07.04.1906, edição 00097-1, p. 02; *O Paiz*, 13.02.1910, edição 09262, 02.

⁹⁵⁶ Ver: *A Imprensa*, 18.12.1912, edição 01812-1, p. 7; *O Paiz*, 14.03.1912, edição 10021- 1, p. 9.

⁹⁵⁷ Almanak Laemmert, Edição A00074(1), 1918, p. 644.

⁹⁵⁸ *A Epoca*, 25.01.1919, edição 02385-1, p. 4.

⁹⁵⁹ *A Esquerda*, 07.01.1931, edição 00919(1), p. 2.

⁹⁶⁰ Ver: *O Paiz*, 18.06.1911, edição 09751(1), p. 3; e *Anuario de Minas Gerais*, 1913, p. 929.

⁹⁶¹ *O Paiz*, 08.04.1915, edição 11140(1), p. 5.

Desta feita, vale adiantar que Heliana chegou a conviver também com um dos filhos de Hemetério; no caso, Luiz Hemetério dos Santos, abordado mais a diante.

Aristides Hemetério dos Santos foi o filho de Hemetério que morreu afogado na Praia de Guaratiba em 1919.



Figura 33: Foto de Aristides Hemetério dos Santos⁹⁶²

Aristides estudou no “Externato do Gymnasio Nacional”⁹⁶³, na “Faculdade Livre de Direito”⁹⁶⁴ e exerceu o trabalho de “amanuense” na “Directoria de Geral de Policia

⁹⁶² *O Jornal*, 01.12.1919, edição 00168-1, p. 4.

⁹⁶³ *A Capital*, 11.11.1903, edição 00631(1), p. 2; *A Capital*, 12.11.1903, edição 00632(1), p. 1.

⁹⁶⁴ *O Paiz*, 24.03.1909, edição 08937(1), p. 2; *O Paiz*, 25.03.1909, edição 08938(1), p. 3; *O Paiz*, 27.03.1909, edição 08940(1), p. 03; *O Paiz*, 03.04.1910, edição 09311(1), p. 4.

Administrativa”⁹⁶⁵ e na “Directoria Geral de Instrução Publica”.⁹⁶⁶ Na ocasião da tragédia que tirou sua vida, notícias em sua homenagem foram publicadas nos jornais, a exemplo do que saiu no *O Imparcial*, em 2 de dezembro de 1919 (edição B01326-1, p. 3), com o título de “A pescaria da morte – Aristides Hemeterio dos Santos”:

A secretaria da Directoria de Instrução presta homenagens ao seu auxiliar. O fallecimento do Sr. Aristides Hemeterio dos Santos, ante-hontem occorrido na praia de Guaratyba, causou funda impressão na secretaria da Directoria de Instrução Municipal, onde o extincto trabalhava e gosava da mais franca sympatia. Hontem, o secretario geral da Instrução, Dr. Rocha Bastos, resolveu prestar significativa homenagem ao seu saudoso auxiliar, encerrando o “ponto” com a seguinte declaração: “Encerrando hoje o ‘ponto’ dos funcionarios, o faço com o mais profundo pezar, por ver desaparecido do nosso convívio Aristides Hemeterio dos Santos, funcionario exemplar, capaz, diligente e bom, que deixa, sem duvida, em nossos corações, grande e imperecível saudade”. Os inspetores escolares estão promovendo varias festas no sentido de angariar donativos para a compra de uma casa, a ser offerecida á viuva de Aristides, que ficou pobre, merecedora de uma dadiva tão generosa. Outras homenagens estão sendo preparadas, á memoria do mesmo funcionario, arrebatado á vida de uma maneira tão tragica. O corpo do Sr. Aristides Hemeterio dos Santos ainda não apareceu. Durante todo o dia de hontem, prosseguiram os trabalhos de pesquisa do corpo do Sr. Aristides Hemeterio dos Santos, que pereceu afogado no domingo ultimo, na longiqua Praia de Guaratiba. Esses esforços não foram infelizmente corados com êxito, pois apesar de todo o trabalho feito, o cadaver não foi ainda encontrado. O professor Hemeterio dos Santos, passou hontem o dia em Guaratiba, acompanhando os trabalhos em procura do cadaver de seu filho. Ao retirar-se, o professor Hemeterio autorizou uma pessoa da localidade a lhe telegrafar, caso fosse verificado o encontro. Logo que appareça o corpo do Sr. Aristides dos Santos será immediatamente removido para o Necroterio, pois, com certeza o estado de putrefação em que deve se encontrar, não permitirá a remoção para casa de sua família. Até á ultima hora o corpo não havia apparecido.⁹⁶⁷

De acordo com a matéria acima, o filho de Hemetério era uma pessoa muito querida no trabalho, ao ponto de seus colegas organizarem “varias festas no sentido de angariar donativos para a compra de uma casa, a ser offerecida á viuva de Aristides”. Viúva esta que tinha o mesmo primeiro nome de sua irmã Coema, como informa *O Jornal* (edição 00168-1, 01.12.1919, p. 4): “Aristides Hemeterio dos Santos, nascera em 2 de março de 1890, era funcionario da Directoria de Instrução Publica e 4º. annista de Direito. Deixa elle sua esposa, d.Coêma Lage dos Santos, e 4 filhos, Eduardo de 8 annos de idade, Eli de 6, Ebba de 2, o Eloir de oito mezes”. Mas houve também um outro filho chamado “Edmundo” que faleceu

⁹⁶⁵ *O Paiz*, 24.10.1911, edição 09879(1), p. 2.

⁹⁶⁶ *O Paiz*, 25.08.1914, edição 10914(1), p. 5.

⁹⁶⁷ *O Imparcial*, 02.12.1919, edição B01326-1, p. 3.

três anos antes⁹⁶⁸. Em 05 de dezembro de 1919, o jornal *O Imparcial* (edição B01329-1, p. 10) noticiou que o corpo de Aristides fora encontrado “na enseada de Guaratiba”.

Em relação ao último filho de Hemetério, possivelmente aquele que sofrera a discriminação racial no Colégio S. Vicente de Paula, a imprensa da época noticia que, em meados da década de 1910, Luiz Hemetério dos Santos estaria estudando o “curso médio”.⁹⁶⁹



Figura 34: Foto de Luiz Hemetério dos Santos⁹⁷⁰

⁹⁶⁸ *O Paiz*, 19.06.1916, edição 11578(1), p. 5.

⁹⁶⁹ Ver: *O Seculo*, 10.12.1915, edição 01559-1, p. 3; e *O Paiz*, 28.12.1915, edição 11404(1), p. 6.

⁹⁷⁰ Acervo familiar de Renato Alhadás.

Na década seguinte (1920), por sua vez, o nome dele aparece realizando estudos na “Escola Nacional de Bellas Artes”.⁹⁷¹ Mas, a partir de 1930, seu nome é efetivado na Imprensa Nacional.⁹⁷²

Na busca por tentar compreender um pouco sobre a memória que pessoas de outras gerações da família Hemetério dos Santos tinham a respeito do professor, tive a satisfação de entrevistar a bisneta e o tataraneto dele; no caso, Heliana Hemetério dos Santos e Renato Alhadas, respectivamente. Ao lembrar a memória que lhes foi passada através da família sobre o professor Hemetério, Heliana e Renato revelam histórias importantes e interessantes sobre o professor e alguns dos seus filhos.

6.2.1 – Entrevista com Renato Alhadas, tataraneto de Hemetério.



Figura 35: Foto de Renato Alhadas segurando retrato do tataravo no momento da entrevista

⁹⁷¹ *O Jornal*, 10.12.1920, edição 00541(1), p. 11.

⁹⁷² Ver: *A Batalha*, 02.08.1933, edição 01052(1), p. 3; *Jornal do Brasil*, 08.02.1933, edição 00033(1); e *Diario de Noticias*, 28.07.1944, edição 06676(1), p. 9.

Renato Alhadas era neto de Ely, filha de Aristides, o filho de Hemetério que faleceu em acidente de barco. O entrevistado está com 52 anos de idade, o que significa ser cerca de 20 anos mais novo que Heliana. Estuda Geografia na UFRJ e tem experiência no trabalho de produtor cultural na área de cinema e áudio visual. A entrevista com Renato ocorreu no dia 17 de julho de 2017, em sala localizada no prédio da Geografia, que fica na Ilha do Fundão, quatro meses antes da entrevista com Heliana. Renato começa destacando, dentre outras coisas, a interessante fala da sua avó Ely de que ele, Renato, lembrava o avô dela, Hemetério José dos Santos:

Minha avó tomava conta da gente. E ela sempre falava pra mim, em algumas ocasiões, algumas coisas que eu fazia, e ela dizia assim: “você me lembra muito o meu avô”. Ela não era de ficar contando muitas histórias. Eu que depois fui crescendo e perguntando. Por que que eu sou igual ao seu avô? Aí ela falou: “Sabe? Você é fresco igual meu avô. Porque você é metido igual o meu avô. Porque você tem mania de saber tudo igual meu avô (risos)”. E assim eu fui meio que sendo criado com aquilo. E eu sempre gostei de estudar, de ler, de fazer essas coisas, e aos poucos eu fui tentando entender muito. Porque eu sabia, obviamente, que esse avô dela era um preto, então, ela não estava falando isso porque eu parecia fisicamente com o avô dela. Porque também era uma outra coisa. Quando o meu avô era vivo, que era uma pessoa, amo o meu avô, mas era uma pessoa preconceituosa. Porque vinha, exatamente, de famílias de imigrantes, do interior de Minas Gerais. Com toda aquela carga machista, essas coisas todas. Quando a minha avó falava isso e alguém falava alguma coisa, ele falava exatamente: “aquele crioulo era muito besta, aquele crioulo era muito besta”. Ele se referia exatamente assim. Porque ele também se referia assim ao meu pai, que também era negro. Na verdade aquilo ficou na minha cabeça. Quando eu perguntava, ela dizia que ele era professor, mas eu não tinha noção, assim, que ele era um intelectual, que na época ele era reconhecido e com toda a obra que ele fez. Mas, aquilo de qualquer maneira ficou gravado na memória dessas coisas todas que ela falava e também uma certa curiosidade porque quando ela estava com as irmãs, na verdade ela era filha do filho dele, do Aristides, e Aristides morreu em um acidente de barco, tenho quase certeza que ele era também professor. (...) Ele faleceu em um acidente de barco e ela pega, ela e os irmãos, tinha ela, a Ely, tinha o mais velho que era o Eduardo, filhos do Aristides. A Ely, Eva e Eloá. Quatro filhos. E os quatro filhos foram morar com o avô, junto com a mãe, a Coema. Ele tinha, realmente, uma filha chamada Coema, mas a mãe da minha avó chamava-se Coema também. (...) então, os filhos do Aristides foram criados com o Hemetério. E por isso que a minha avó tinha essa ligação muito forte. (...) Ela (a avó) foi criada pelo avô (Hemetério). (...) E eu depois mais tarde, quando eu procurei tentar entender mais ou menos quem era esse avô dela, que era professor, que tinha sido o primeiro professor negro do Colégio Militar e tudo mais, e conversando também com as minhas tias, porque uma das irmãs dela, a Eva, tinha sido minha madrinha de batismo, conversando com as minhas tias, elas repetiam essa coisa. Elas falavam da coisa do avô, não, obviamente, como minha avó falava, assim, “que ele era exigente, que ele gostava das coisas no lugar, e você também é todo assim”, “ele cheirava a comida, você também cheira”, umas coisas do dia a dia, mas eu fiquei muito curioso pra saber porque que as minhas tias falavam isso, principalmente, a Eloá, que morreu

tem uns seis ou sete anos, que era mais nova, a neta mais nova por parte dos filhos de Aristides, que ela falava que ele era muito mal. Inclusive da última vez que eu estive com a Eloá, com essa minha tia Eloá, eu já estava lá prevendo que ela não ia durar muito tempo, e era a última das irmãs da minha avó, conversando com ela, eu falava, “pô titia, que mania de falar que ele era mal”. Mas aí depois eu fui compreender que, realmente, não é que ele era mal. Elas eram crianças, vão morar com o avô, que já era militar, que era um negro que sofria todo o tipo, que sofria toda uma espécie de preconceito. E que queria que as suas netas fossem pessoas, cidadãs, está vendo? Que estudassem, entendeu? Que tivessem uma educação. Já não tinham pai. Então, eu acho que ele era exigente. E isso depois, mais tarde, até com o lançamento do livro *A cor do magistério*, eu vi ali naqueles escritos, que ele era considerado um professor muito exigente em sala de aula. Que ele tinha muito esse embate, mas era aquela coisa, exigência de um professor que quer o bem. (...) Ele era muito duro porque ele queria que elas fossem alguém. Ele era uma pessoa, mesmo naquela época, exigia que elas estudassem. Poucas mulheres estudavam e seguiam essas coisas todas. Então, compreendi esse perfil mais ou menos do professor Hemetério. Eu fui montando esse quebra cabeça um pouco na minha mente, né? Porque é uma coisa distante, mas compreendendo exatamente essa coisa de ser exigente, essa coisa que a tia Eloá falava que ele era mal. Até porque eu acabei, de uma certa maneira, mesmo que eu ache que não tem uma ligação com ele, experimentando isso na minha vida familiar, quando os meus sobrinhos também falam que eu sou exigente porque, exatamente, eu forço a barra com meus irmãos de que eles têm que educar, tem que cuidar, entendeu? (...) Aí, eu sei que eles me amam, mas quando a família está reunida, essas coisas todas, eles sabem, e eu escuto exatamente isso. (...) Eu não sou melhor do que eles (da família), mas é uma certa atenção que eu tenho e que eu acho que reconheci um pouco isso nessa ancestralidade do Hemetério, entendeu? De correr atrás, de saber, na verdade, que o caminho é a educação. Agora, com toda essa dificuldade, com o país em crise (...). Eu vejo, obviamente, que se não for através da educação, a gente tem uma população, que, na verdade, não está muito interessada e sem educação não vai ter muita chance.⁹⁷³

Renato relata que sua avó Ely teve um papel importante na sua criação, pois, após a separação da sua mãe, ele e seus irmãos foram morar com a mãe na casa da avó. A mãe, por outro lado, em face do trabalho, ficava muito tempo fora de casa, de modo que quem cuidava dele e dos irmãos na maior parte do tempo era a avó Ely. Ela, por sua vez, foi criada por Hemetério. Tinha dois anos de idade quando seu pai Aristides faleceu, vítima de afogamento. Hemetério levou para sua casa os quatro netos e a nora, que tinha o mesmo nome da sua filha. Também se chamava Coema. Relatando com orgulho, Renato diz que sua avó e suas tias avós falavam que ele lembrava Hemetério em alguns aspectos do seu comportamento. A memória de Renato ressalta o aspecto que é uma marca constante na trajetória de Hemetério, ou seja, a preocupação com a educação como uma forma de se progredir na vida. Hemetério aparece, na fala do tataraneto, como sendo exigente para com as netas no sentido do estudo, e ele, Renato, faz o mesmo com os sobrinhos. Assim, do mesmo modo que fora ressaltado pelo depoimento

⁹⁷³ Entrevista com Renato Alhadas, 17 de julho de 2017.

de Heliana, Renato destaca esse aspecto de que a influência da história de Hemetério na família se liga à cobrança por estudo, assim como Hemetério fazia, segundo ele, quando estava em sala de aula. Ao ser perguntado sobre de onde surgiu seu interesse pelo estudo de Grafia de Heranças Africanas (uma das disciplinas eletivas da Geografia), Renato relata sobre a cultura umbandista da família:

Na verdade, eu sempre me interessei por este aspecto da cultura negra. Tem umas coisas que eu não sei se são engraçadas, mas são curiosas. Essa minha avó que me criou é casada, filha de um negro com a minha bisavó Coema, que era branca, mas neta desse cara (Hemetério) tão importante na época, que falava que a palavra “preto” não era algo pejorativo, que se podia usar, esse cara que era filólogo, essas coisas todas. Mas quando eu me reconheço mais ou menos como gente, eu tinha esses avós, o meu avô, mineiro, de família de imigrantes europeus, dentro da religião umbandista. Ele chegou a frequentar algum centro, essas coisas todas, mas depois, que é a minha lembrança, porque eu era adolescente, ele fazia as coisas dele em casa e quem cuidava das coisas dele era essa minha avó. Então, não era nem através dessa pessoa que tinha uma descendência africana (Hemetério), mas era do meu avô branco, que veio do interior de Minas, cidade de Bicas, a mãe era italiana e o pai era português. Meu avô era umbandista. Ele recebia a preta velha dele lá, que cuidava, obviamente, da família e de questões familiares e de vizinhos. Não tinha terreiro, mas eu achava interessante porque ele sabia palavras em Yorubá. Eu achava aquilo fascinante entendeu? Quando eu era criança você vê aquele meu avô falando palavras assim que a Preta Velha chegava. E eu sei disso hoje em dia porque eu também sou umbandista, que para o Preto Velho falar palavras em Yorubá, você tem que saber Yorubá, entendeu? Então, ele sabia. Mas depois, eu também meio que procurando saber essas coisas todas, eu percebi que ele tinha, aí entra muito o lado espiritual, (...) eu não consigo separar isso da minha vida, então, o que vou te falar é o seguinte, o que eu achei interessante é que esse meu avô tinha tido como ama de leite, uma Preta Velha. Preta Velha no tipo físico, que tinha uma foto, exatamente, que era a Joaquina. Imagina, a família vai para o interior de Minas Gerais, então, tinha, obviamente, as pessoas que eram lá da cidadezinha, essas coisas todas, então, ele tinha tido essa ama de leite por muito tempo, devia ser empregada da família, essa coisa toda. Então, eu, particularmente, fiz essa ligação, está entendendo? Meio que espiritual dele ter sido criado por essa Preta Velha. Não necessariamente pela mãe dele italiana, mas por essa Preta Velha e ter pego isso, de uma certa maneira da Joaquina, ter pego isso da questão cultural. (...) Você me perguntou sobre essa coisa africana, eu sempre gostei dessa linha, e sempre quis estudar, e tinha umas coisas...cara, eu trabalhei muito. Ajudei muito a minha família. Então, como eu trabalhava, eu mergulhei nesse mundo cultural, essas coisas todas, que foi importante também para eu dar esse salto qualitativo na minha vida de poder compreender o mundo, na medida do possível (...). Eu sempre me interessei pela cultura africana, ou do que eu entendi do que era uma cultura africana. (...). Vou te dizer exatamente o seguinte: o tio Eduardo que faleceu, ele era umbandista mesmo. Eu tenho na memória de ir na casa dele vendo meu tio incorporar. (...). O filho do tio Eduardo também. Minha avó frequentou muito tempo um fundo de quintal próximo ali ao Norte Shopping. Ele já faleceu também. Mas ele tinha o “Sítio do Pai Benedito”. Era uma coisa (centro) no fundo do quintal dele. Ele era filho do tio

Eduardo e carregava aquilo na linhagem dele. Que provavelmente está sendo levado pelas netas. Minha avó frequentou. Era uma coisa mista. Tinha mesa. Umbanda uma vez por mês. Ele recebia lá o Pai Benedito, aquela coisa toda, e a minha avó e as minhas outras tias, as três irmãs frequentavam muito lá. Porque elas eram muito ligadas à viúva do tio Eduardo. (...) Então, a minha avó (Ely), a tia Eloá e a minha tia Eva, as três frequentavam esse sítio lá na Abolição. (...) E a minha tia Eloá, tinha uma mediunidade pra fazer exatamente essa questão, tinha uma vivência muito grande pra fazer “cardecismo”. Quando eu li a dedicação de um livro do Hemetério, ele dedicando o livro ao filho falecido, achei aquilo uma pegada espiritualista. Eu não sabia dessa relação dele com a igreja. Minha avó nunca falou disso. Nunca ouvi isso na família. Mas vi uma pegada, pelas palavras que ele bota no livro dele, que era pelo menos espiritualista. Ele usa termos como “passamento”, “vamos nos encontrar”, que eu acho que pra igreja, uma pessoa não utiliza isso, entendeu? Eu quando li fiquei arrepiado, entendeu? Eu falei assim: êpa! Não sei o que é, mas tinha uma pegada ali muito interessante. Porque eu pensei assim: não é uma maneira católica de falar. E porque também essa minha ligação com a cultura africana, com a chamada cultura negra, essas coisas todas? Porque aí eu já sabia que tinha esse lado.⁹⁷⁴

Renato me presenteou com um relato sobre como diversos familiares (inclusive ele próprio) praticavam a cultura umbandista. Ficou nítido, com a fala dele e também da Heliana, que boa parte da família de Hemetério era de pessoas ligadas à Umbanda. Os relatos informam que isto se deu a partir de alguns dos seus próprios filhos passando para outras gerações futuras da família. No processo de vida de Renato, o seu apego a determinados temas da cultura africana vem dessa vivência cultural com as práticas umbandistas que a família realizava. Outra coisa interessante da sua fala, mas de difícil comprovação, é a leitura que ele fez de palavras usadas por Hemetério no livro de poemas (Fructos Cadivos) que o professor dedicou ao filho Aristides, falecido no ano de publicação do livro (1919).

Renato suspeita que, por trás de determinadas palavras utilizadas, a exemplo de “passamento” (que pode ser entendida como falecimento, mas também pode ser vista como uma espécie de passagem para outra dimensão), haveria aí um indício de alguém ligado ao espiritualismo umbandista. É uma interessante hipótese levantada pelo entrevistado, porém, trata-se de algo em aberto, pois, nas pesquisas que fiz, Hemetério, em termos religiosos, pode ser visto como uma pessoa cristã. Não encontrei nenhuma evidência nas fontes escritas que o ligasse à religião umbandista. Contudo, tanto Renato quanto Heliana relatam que Hemetério agia como patriarca da família, de modo que ele buscava ter o controle sobre a formação e o destino dos seus familiares. Se a ligação da família com a Umbanda vem desde a primeira geração, ou seja, com os próprios filhos de Hemetério, e se manteve nas gerações futuras, no

⁹⁷⁴ Idem.

mínimo, ele foi tolerante com esta aproximação. São pistas que podem ser trilhadas por futuros pesquisadores de Hemetério.⁹⁷⁵

6.2.2 – Entrevista com Heliana Hemetério dos Santos, bisneta de Hemetério



Figura 36: Foto de Heliana Hemetério dos Santos com seu neto Caetano Rodrigues Hemetério.

Heliana Hemetério dos Santos é uma mulher negra. Aposentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), militante negra e LGBT, defensora dos direitos humanos, e ativista em prol da saúde da população negra. Participou, nos anos de 1980, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), a mesma instituição do Movimento Negro

⁹⁷⁵ Sobre o surgimento da Umbanda ver: *A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda*, texto de Mário Teixeira de Sá-Junior (2012), Revista Eletrônica História em Reflexão, Vol. 6, n. 11 - UFGD – jan-jun/2012; a respeito da relação entre espiritismo e educação ver AZEVEDO, Alexandre Ramos de. *Abrigos para a infância no Brasil: por que, quando e como os espíritas entraram nessa história*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: UERJ/PROPed, 2006; sobre a relação da Umbanda com o Samba ver romance de Paulo Lins (2012), *Desde que o Samba é Samba*, Editora Planeta, 2012.

que eu participara quando iniciei minha atuação neste movimento social. Em face disso, quando vi seu rosto pelo Facebook, percebi que era um rosto conhecido e, então, pensei: que coincidência esta de eu estudar a trajetória de uma pessoa nascida em 1858 e ter como fonte histórica a memória de alguém que esteve presente nos eventos e atividades do movimento negro na década do Centenário da Abolição? Sem dúvida que é algo surpreendente. Naquela época, nos conhecíamos, mas não tivemos uma relação mais próxima de poder conversar frente a frente. O processo da pesquisa me possibilitou esta oportunidade.

A entrevista com Heliana ocorreu em 17 de novembro de 2017, no rol de um hotel na Lapa, localizado na Rua Joaquim Silva. Residindo no Estado do Paraná, Heliana estava de passagem pelo Rio de Janeiro para realizar palestras na UERJ e na UFF e me fez a gentileza de me conceder depoimento sobre as lembranças que fazem parte da memória familiar a respeito de Hemetério José dos Santos. Em capítulo anterior, utilizei um trecho dessa entrevista para abordar a questão do movimento abolicionista na trajetória de Hemetério. Assim, este ponto não será retomado nas questões a seguir. Vou começar, portanto, com a seguinte passagem:

Então essa história do Hemetério dos Santos sempre foi muito colocada lá em casa por causa das questões raciais. Sabe? Eu fui criada com todo o conhecimento do racismo. Né? Da questão racial. E a história dele também por causa da questão de cultura. Meu pai, minha mãe. Minha mãe é professora também. Meu pai era estatístico. E aí mamãe e ele prezavam muito a questão cultural. Então, eu, com oito anos, já tinha lido Monteiro Lobato, Mundo da criança, sabe? Alexandre Dumas, aprendi a ler. Eu li a vida inteira. Isso era muito colocado. E a questão da exigência do Português correto. As conjugações. Então, ele (Hemetério) era uma referência por ter sido professor de Português. Então, ele sempre foi uma referência cultural para nós, por conta de ser um homem negro e com toda essa história. Uma história que a gente não sabia direito. A gente sabia muito pouco dele. Ele falava muito pouco dele na família. É como se ele fosse uma pessoa só. Não tinha irmãos. Era esse filho natural. Casou-se com vovó “Gutinha” (Rufina Vaz de Carvalho dos Santos, esposa de Hemetério). Vovó Gutinha tinha uma história parecida com a dele. Como se dizia antigamente, a minha bisavó era uma mulata clara. Que era da família de Paula Brito, que é uma rua que tem aqui no Andaraí. Ela era filha natural dessa família Paula Brito. (...) Ela era filha dele, mas não usava o sobrenome porque era filha ilegítima. Então, na realidade, o que a gente concluía em conversa familiar. Parece que foi um casamento arranjado mediante ele ser um homem negro formado e não ter uma mulher negra a altura. E uma mulher branca também não casaria por questões raciais. E a bisavó Gutinha, pela história da família era uma mulata clara e filha natural desse Paula Brito. E aí faz o casamento, ele casa e tem aqueles filhos todos, que é o meu avô Clóvis, o que morreu afogado, o avô de Renato, que era Aristides (...). Tinha Gulnare, tinha Coema, tinha Luiz, esse eu conheci. Esse Luiz foi o único dos velhos, filhos de Hemetério, que eu conheci. Era um homem negro, magro, sempre de terno e gravata, que morava com a Gulnare, mas eu não conheci Gulnare. A minha infância que

eu recordava, quando juntava, assim, a família em aniversário, era esse homem negro, sempre de terno e gravata. Muito quieto, que era um dos filhos dele (Hemetério). Clóvis também era professor, que era o meu avô. Meu avô também era professor. Gulnare era professora também. Gulnare era, assim, muito apagada. Muito apagada porque não se tem quase fala de Gulnare. A solteirona. Assim como o Luiz, entendeu? Então, esses dois, por serem solteirões, eles ficaram assim meio... não construíram família, então ficaram meio assim. E a Coema, que tem uma história interessante porque é uma mulher que se separa do marido naquele tempo. Você imagina o escândalo que foi a separação e até porque ela era filha dele (Hemetério). E ela tem um caso com um homem da época chamado Pedro Couto. Ela tem um filho com Pedro Couto, que dá o nome de Maurício Mauro D. Hemetério dos Santos. (...). Hemetério teve também outro filho chamado Octávio, que sumiu. Anos depois acharam ele no interior. (...) Então, Hemetério para nós é uma referência muito positiva. Sabe? O estímulo da leitura. O valor desse nome para nós dentro de uma história de negro, sem ancestralidade. É claro que nossa ancestralidade é ele. A dele a gente não sabe né? Uma coisa que eu gostaria muito de saber é o nome da mãe dele. Que nome teria essa mulher preta.⁹⁷⁶

No trecho acima, a memória de Heliana ressalta dois aspectos que acompanharam a trajetória de vida do professor Hemetério, ou seja, o seu apreço pela cultura do conhecimento e a sua preocupação com as questões raciais. Heliana fala com orgulho o fato de ter começado a ler muito cedo e de que o hábito da leitura foi um incentivo dado por seus pais. Em mais de um momento, ela destaca o fato de ter professores na família, de modo que o hábito de ler e saber escrever bem e direito teria relação com esse dado ressaltado por ela em vários momentos da entrevista. Quer dizer, o fato de ser uma família de professores. A memória da entrevistada, portanto, busca acentuar a principal herança que o bisavô deixou como legado para as outras gerações da família: a “arma da educação”, expressão que dá título a minha tese. No processo de lembrar a respeito da memória familiar em relação ao Hemetério, Heliana traz à tona outros nomes já tratados na tese, a exemplo da sua bisavó Rufina Vaz de Carvalho dos Santos, esposa de Hemetério, e que era gentilmente chamada pelo apelido de “Gutinha”. Ela afirma a versão de que o casamento de Rufina com Hemetério teria sido “arranjado” em face de se encontrar uma mulher negra a “altura” de Hemetério. Heliana também destaca uma informação que não me foi possível confirmar, ou seja, de que Rufina era uma filha “ilegítima” e que, em face disso, apesar de ser neta direta, não tem em seu registro de nome a marca da família Paula Brito. Os filhos de Hemetério também aparecem na memória de Heliana.

Sobre alguns destes, a entrevistada acrescenta algo que as fontes pesquisadas não conseguiram revelar, a exemplo de Gulnare Hemetério dos Santos e Luiz Hemetério dos

⁹⁷⁶ Entrevista com Heliana Hemetério dos Santos ocorreu em 17 de novembro de 2017.

Santos. Ambos não se casaram e não tiveram filhos. Eram os “solteirões” entre os filhos de Hemetério. De acordo com Heliana, Gulnare era uma pessoa “muito apagada”, no sentido de não se ter “quase fala de Gulnare”. Luiz, o único dos filhos de Hemetério que Heliana chegou a conhecer pessoalmente, era um homem negro “muito quieto”. A entrevistada destacou também a atitude de Coema Hemetério dos Santos, que se separou do marido e teve como “amante” o professor e escritor da época chamado de Pedro Couto⁹⁷⁷. E revela a curiosidade de conhecer um pouco mais sobre a mãe de Hemetério, algo que esta tese não teve condições de acrescentar para além da informação de que esta teria sido a “escrava Maria”. Quiçá outros pesquisadores interessados em Hemetério possam avançar neste aspecto tão pouco conhecido da história do professor.

A entrevista com Heliana me fez retornar ao Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM) para investigar se Hemetério foi de fato nomeado, em algum momento de sua trajetória, professor do Colégio Pedro II. Eu já tinha ido lá e não encontrara nenhum registro. Jornais da década de 1930 que noticiaram sobre o falecimento do professor Hemetério informam que, além do Colégio Militar e da Escola Normal, Hemetério teria sido professor também do Colégio Pedro II. O blog do compositor Nei Lopes (ver dicionário de Nei Lopes) também faz esta afirmação. De fato, como trabalhado nos primeiros capítulos da tese, assim que chegou ao Rio de Janeiro, na década de 1870, Hemetério esteve muito próximo do Colégio Pedro II. Foi possivelmente monitor deste colégio, e há vários registros na imprensa da época de que ele tinha curso preparatório para quem desejasse ingressar no Colégio Pedro II. Entretanto, a pesquisa que realizei na Hemeroteca Digital da BN não apresentou registro da nomeação dele ao referido colégio. Ocorre que o depoimento de Heliana foi muito enfático no sentido de afirmar que Hemetério fora professor desta importante instituição educativa. Ela, inclusive, relata que também foi aluna do Colégio Pedro II.

Quando eu entrei no Colégio Pedro II (isso é uma coisa que me emociona muito) o diretor, chamava-se “Lacerre”, era um filho de indiano, preto, alto, magro, mas é claro que não se achava preto, né? (...) Engraçado, ele falou comigo como se eu fosse preta, mas ele é preto também, com cabelo branco lisinho e aí ele falou: “eu queria conhecer você, como é que você escreveu tão bem “uma estante de livros”? E aí eu detonei tudo que eu passei a vida toda lendo. Aí fiz uma redação... Matemática eu era muito ruim, passei raspando. Mas a nota do Pedro II válida naquele tempo era Português. Se

⁹⁷⁷ Foi Delegado Geral do Departamento Nacional de Ensino, professor catedrático do Colégio Pedro II, jornalista e escritor de livros didáticos e de literatura (*Revista Brasileira de Ensino*, fevereiro de 1926, edição 0007 (Ano I) (1), p. 11).

você passasse em Português aí você ia para Matemática. Que coisa rígida que era né? Aí da Matemática você ia embora. E aí, a nota de Português me levantou maravilhosamente, e aí eu passei para o Pedro II, e lá teve isso, além de eu passar, ele disse pra mim: “você é neta do professor né?”. E aí teve dois professores que tinham sido alunos de Hemetério dos Santos. E aí foi muito bom pra mim. Eu me lembro da minha autoestima, de ser uma bisneta daquele homem. Pra mim era muito importante essa questão da minha autoestima, entendeu? Eu era bisneta desse homem, né? Ali no Pedro II, Engenho Novo, e aí tinha o professor Gomercindo, o professor de História que tinha sido aluno dele. Essas pessoas existiam. A professora Aladir, era uma velha bem idosa, de Matemática, de repente eu era bisneta dele. Agora, também o lado pesado, né? Mas teve o lado bom. Como eu lia muito e escrevia muito bem, eu não tinha erros de Português. (...) Ela (Aladir) tinha sido aluna de Hemetério no Instituto de Educação, e os outros dois no Pedro II na cidade. (...) Você já ouviu falar em Argenor Miranda? Pai Argenor Miranda do “Olô Opó Afonjá”, que faleceu, velhinho? Ele foi professor do Pedro II e foi aluno do meu bisavô. Quando eu fui fazer o jogo de búzios com ele, foi Helena Theodoro que me levou, eu tinha acabado, tinha feito santo, isso foi em 1989, aí eu estava falando com a Helena, que eu tinha tido um sonho, sonhava muito, e a minha mãe de santo, aquele modelo Bahia, que eu ligava e falava, mãe me ajuda, estou com essa intuição, e não falava, ela era da turma antiga, hoje está uma bagunça, eu venho dessa turma antiga, né? E aí a minha mãe Irene dizia: “vou ver”. Aquilo me dava uma angústia. E eu tinha tido um sonho com Ogum muito forte e muito assustador. Aí eu cheguei na aula da Helena Theodoro, aí perguntei, professora você pode me dar uma orientação. Ela falou: “Posso”. Aí eu falei com ela. Eu tive um sonho muito ruim com um orixá, estou assustada. Ela então me falou: “você vai ligar para o professor Argenor você vai dizer para ele que você é minha aluna e que eu autorizei que você ligasse”. Aí eu ligo para ele e falo que sou aluna da professora Helena Theodoro. Aí a moça chama e ele atende. Ele falou: “você pode vir amanhã”. Eu respondo que posso. Ele então me pergunta: “qual o seu nome?”. Eu respondo que é Heliana Hemetério dos Santos. Ele falou: “você é neta do professor Hemetério?”. Eu digo que sou bisneta. Ele então fala: “fui aluno dele”. Aí quando eu chego lá, ele me contou toda a história do meu bisavô pra mim, a rigidez, e me falou: “eu me tornei professor de Português por conta do seu bisavô. Ele fazia a gente gostar de falar Português”. Por isso estou falando que ele foi aluno do professor Hemetério no Pedro II, seu Argenor Miranda.⁹⁷⁸

Heliana ressalta mais uma vez o domínio que ela tinha do Português e que, segundo ela, foi fundamental para sua aprovação no concurso para o Colégio Pedro II. O fato de ter o sobrenome “Hemetério dos Santos” fez com que o diretor e dois professores do colégio lembrassem-se do seu bisavô. Além disso, sua memória destaca o sentimento de “autoestima” que sentira por ser bisneta de alguém que, mesmo passado tanto tempo, ainda era lembrado por pessoas (que a sua lembrança informou terem sido alunos de Hemetério). Para enfatizar a informação de que o professor Hemetério deu aulas no Colégio Pedro II, Heliana traz à tona o momento em que conheceu Argenor Miranda (1907-2004), professor e Babalorixá. Essa

⁹⁷⁸ Idem.

passagem da entrevista foi bem reveladora, não só por apresentar mais um dado que reforçou a hipótese de que o professor Hemetério esteve no magistério do Colégio Pedro II, mas também sinalizou para sua aproximação com religiões afro-brasileiras (Candomblé e Umbanda); e, mais do que isto, de que era uma aproximação que vinha da própria família, como será visto mais adiante. As palavras que ela utiliza para falar de Argenor Miranda foram bem convincentes.

O professor de Português do Colégio Pedro II, Argenor Miranda, afirmou a ela que não apenas foi aluno de Hemetério, como também resolveu se tornar professor de Português por causa do seu bisavô. Diante de depoimento tão enfático e emocionante, resolvi retornar ao NUDOM, apesar do adiantado da tese, para investigar vários livros de nomeação que me foram entregues, livros estes que não tive acesso na vez anterior em que pesquisei no NUDOM. Isto foi satisfatório, pois revelou que a memória de Heliana estava certa. A evidência concreta de que Hemetério fora nomeado professor do Colégio Pedro II estava lá no Livro de Nomeação referente ao ano de 1911, como se vê nas fotos abaixo das folhas (uma seguida da outra) em que consta a informação de que Hemetério fora nomeado professor do Colégio Pedro II, com data de 27 de maio de 1911, para a nomeação, e de 01 de junho de 1911, para posse:

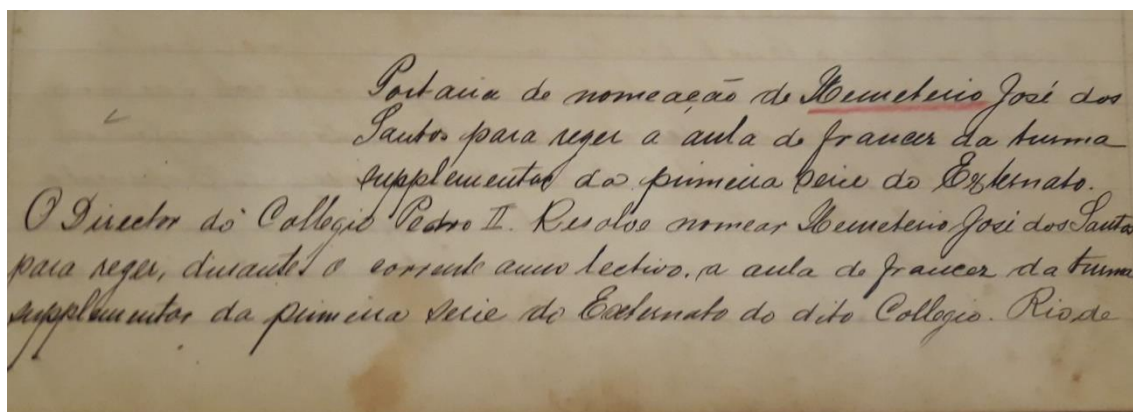


Figura 37: Portaria de nomeação de Hemetério José dos Santos no Colégio Pedro II⁹⁷⁹

⁹⁷⁹ Livro destinado ao Registro dos Títulos de Nomeação e de Licença do Pessoal Administrativo e Docente do Externato e Internato (folha 15 e verso) – NUDOM/CPII.

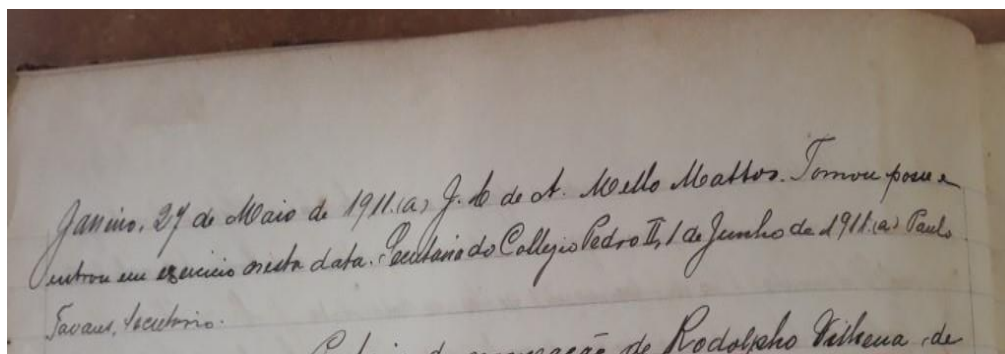


Figura 38: Portaria de nomeação de Hemetério José dos Santos no Colégio Pedro II (continuidade)⁹⁸⁰

A nomeação se deu para ministrar a disciplina de Francês. Pode ser que outras nomeações tenham existido, pois, além da existência de outros livros que não foram consultados, nem todos os livros em que constam estas informações estão sobre a guarda do NUDOM. Foi uma espécie de contrato, e, nesse sentido, pode ser que tenham existido outros momentos em que Hemetério tenha sido contratado para ministrar aulas no Colégio Pedro II.

Apesar de não podermos afirmar que tenha alguma relação com a memória de Hemetério, outro aspecto a ser destacado da entrevista de Heliana e já anunciado na passagem anterior é a questão religiosa. A entrevista com o tataraneto de Hemetério, Renato Alhadas, como se viu antes, acentuou a relação da família com a Umbanda. Heliana afirma que era “fortíssima” esta relação:

Por exemplo, a tia Amélia, que era mulher do Eduardo, era de Umbanda também. Professora, negra, era de Umbanda. A Gulnare, recebia também. Também era de Umbanda. Sabe? Eles eram todos de Umbanda. A gente sabe. Mas tudo assim, todo mundo católico, mas todos tinham esse viés da Umbanda. (...) Eu fui de Umbanda desde pequena. Eu fui “cambono” desde pequena. Eu “cambonava” os orixás da minha tia, irmã da minha mãe. Que era filha de Maria. E um dia o caboclo pegou ela na igreja. Minha tia tem uma trajetória muito engraçada. Teria feito cem anos este ano. A irmã de mamãe. Então, a Umbanda permeia toda a nossa família.⁹⁸¹

Por fim, convém ressaltar a parte do depoimento em que Heliana trata da sua experiência no Movimento Negro, através da participação que teve no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). De acordo com o que ela relatou, a sua preocupação com a luta contra o racismo e as questões raciais tem relação com a influência da memória de Hemetério na família e também com as experiências que o IPCN lhe proporcionou:

⁹⁸⁰ Idem.

⁹⁸¹ Entrevista com Heliana Hemetério dos Santos.

Assim, o IPCN serviu pra me dar o princípio da discussão do Movimento Negro e me colocar num lugar. Quer dizer, o IPCN colabora para me dar solidez a minha identidade negra. Foi muito difícil pra mim. Isso foi muito bom ser bisneta dele (Hemetério). Foi muito bom pra mim como referência de mulher negra, como ser uma mulher negra. Eu digo sempre que ser Hemetério dos Santos me salvou. Eu e minhas primas temos isso, principalmente, eu e Maria Teresa. A gente conversa sobre isso. Por que Aderaldo? A gente vivia na classe média da Tijuca. Então, era insuportável. Mas minha mãe gostava daquela Tijuca. Moramos no Méier durante anos, depois resolveu comprar um apartamento na Tijuca. Eu estava com treze anos de idade. Então, é assim: o racismo era muito claro. Então, o que aconteceu? Eu sempre li muito, e ler me salvou muito da minha angústia de ser uma menina negra naquele ambiente inóspito racialmente. Então, assim, li muito, fui para a Universidade. Sempre lendo e cercada de pessoas brancas, mas me casei com homem negro. Perdi uma filha coisa e tal, e aí, dentro dessa trajetória, como é que era você ser negra? Mas o fato de eu ser uma negra Hemetério me dava uma suavidade. É muito interessante esse meu sentimento. Me suavizava. Suavizava o lado pesado do racismo. Eu acho que tanto eu quanto Maria Teresa, minha prima, utilizamos isso para suavizar, embora ela tivesse uma outra sociabilidade. Porque o irmão do papai sempre morou em Marechal (Marechal Hermes). Então, eu passava muito fim de semana. Ia dançar no baile do Maran. Sabe? A adolescência toda. Quando eu voltava para a Tijuca era aquela coisa enjoada de branco tujucano, Conde de Bonfim. Meu pai tinha essa percepção, mas minha mãe não tinha. E aí, hoje em dia eu diria para você o seguinte. Quando eu chego no IPCN, chego na década de 1980. Vinte poucos anos de idade. Eu estou ali. Já tinha lido. Tive logo o prazer de encontrar a Lélia (Lélia Gonzalez). Fiquei apaixonada porque estava vendo Lélia de carne e osso. Estou formada. Vou para a UERJ. Faço curso com Helena Teodoro. Leio tudo. Leio Beatriz Nascimento. Conheci Beatriz Nascimento no encontro de mulheres negras. Depois veio aquela tragédia que se abateu contra ela. Me lembro como se fosse hoje. Um dia de domingo a notícia chega. A Miriam do IBGE. Você se lembra da Miriam? A Miriam que me liga e me dá a notícia. Então, o IPCN me traz essas mulheres para perto. Me traz o que era ser mulher negra. Eu começo a ler, e pra mim, para minha formação foi perfeito. Tanto que eu digo, a minha vida foi uma vida muito chata até os trinta anos. A minha trajetória de vida, de quando eu me sinto viva é quando eu me torno negra. Aí o IPCN teve todo esse papel. A coisa fervendo. Vem Mandela. Lembra? Eram reuniões e reuniões. A gente fazia era reunião. A Marcha. Tudo. Em 1988. A gente na Presidente Vargas. Cem anos da Abolição. E a Escola de Samba. Eu saí na Vila Isabel. Tudo isso foi efervescente. Então, pra minha vida. Eu tenho muita pena de ver o IPCN hoje em dia. Ele está muito caído. Então, pra mim foi importantíssimo. Depois eu vou para o Fórum de Mulheres Negras. Aqueles encontros de mulheres negras. Pra mim foi tudo.⁹⁸²

Na passagem acima, a fala de Heliana articula sua experiência de ser uma jovem mulher negra de classe média, que viveu em um bairro como a Tijuca, onde, segundo ela, “o racismo era muito claro” e com o fato de ser uma “negra Hemetério”. Uma mulher negra que

⁹⁸² Idem.

tinha o gosto pela leitura e pelo conhecimento, práticas que lhe proporcionaram vivenciar o sentimento de enfrentar o “lado pesado do racismo” com “suavidade”, pois o estudo e a leitura (arma da educação) lhe salvaram da angústia “de ser uma menina negra naquele ambiente inóspito racialmente”. Neste contexto de vida, as experiências adquiridas no Movimento Negro a partir da aproximação com o IPCN e o Fórum de Mulheres Negras aparecem em sua memória como sendo algo fundamental para sua autoestima e consciência militante. Usando suas próprias palavras, deu “solidez” à sua “identidade negra”. Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Helena Theodoro são nomes de intelectuais negras ativistas do Movimento Negro que a lembrança de Heliana traz à tona como referências importantes à sua formação.

Como vimos anteriormente, a entrevista com o tataraneto de Hemetério foi importante, sobretudo, porque mesmo sendo o tataraneto de pele mais clara, em face do processo da miscigenação familiar, a identificação com o tataravô foi algo revelado pelas lembranças de Renato Alhadas. Do mesmo modo, a conversa que eu tive com Heliana foi gratificante no sentido de entender a influência da história de Hemetério em sua vida e em parte da sua família. Além disso, como veremos a seguir, sua entrevista me estimulou a apresentar uma reflexão sobre o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, a casa do Movimento Negro em que vi Heliana pela primeira vez na década de 1980.

6.3 – O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) – uma “escola” do Movimento Negro e centro irradiador da luta contra o racismo⁹⁸³

O IPCN serviu pra me dar o princípio da discussão do Movimento Negro e me colocar num lugar. Quer dizer, o IPCN colabora para me dar solidez a minha identidade negra.

Heliana Hemetério dos Santos

⁹⁸³ O IPCN teve várias diretorias no decorrer da sua história, que se estende de 1975 até os dias atuais. Foi na gestão de 1979-1980, com Yedo Ferreira e Amauri Mendes Pereira à frente (Yedo e Amauri foram uma espécie de meus primeiros professores no Movimento Negro), que este caráter de “centro irradiador da luta contra o racismo” ficou estampado (a frase foi colocada em uma placa de compensado de 2,5m X 1,5m e ficou exposta na frente do prédio até 1983) na entrada do prédio de dois andares localizado à Rua Mem de Sá 208, próximo à Praça da Cruz Vermelha, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Lembro que este entendimento de compreender o IPCN como uma espécie de centro irradiador de combate ao racismo era comungado por boa parte da militância que passava pela casa, pois era algo que se realizava na prática, através das reuniões, debates e organização de atividades de combates nas ruas contra o racismo em geral e situações específicas, como aquela em que aparece na capa do Jornal do Brasil em 1982 com o policial segurando uma corda em que amarra negros pelo pescoço, lembrando os tempos da escravidão. Em protesto contra o ocorrido, a atividade de organização da marcha que se dirigiu à Secretaria de Segurança foi pensada e organizada no IPCN. Esta e outras atividades de combate ao racismo foram organizadas no IPCN. A mais expressiva, com certeza, foi a Marcha de 1988. No site CULTNE encontram-se disponíveis imagens de ambas as marchas.

Já escrevi em páginas anteriores que não imaginava iniciar uma pesquisa no ano de 2015 sobre uma personagem nascida no século XIX e que o processo da pesquisa me conduziu ao encontro de um dos seus descendentes, Heliana Hemetério dos Santos, que vivenciou experiências na mesma instituição do Movimento Negro, a qual experimentei minhas primeiras atuações de militante negro. Esta salutar coincidência me levou a abordar como o último ponto desta tese, uma breve reflexão a respeito desta referida instituição, no caso, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, conhecido, no âmbito do Movimento Negro brasileiro, através da sigla IPCN. Neste sentido, como *lugar de sociabilidade* (SIRINELLI, 1996) e de formação para a militância negra, o IPCN exerceu, na prática, o papel de “escola do Movimento Negro” e de “centro irradiador da luta contra o racismo”.

Em livro instigante, *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*, Nilma Lino Gomes (2017) argumenta sobre o potencial educativo que o movimento social dos negros vem exercendo na sociedade brasileira, no decorrer da sua história. A “tese principal” do livro (à qual compartilho), de acordo com as palavras da própria autora, consiste em afirmar “o papel do Movimento Negro Brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil”⁹⁸⁴. Neste sentido, considerando o fato de que a constituição de um movimento social se define a partir da atuação de suas organizações, instituições e seus militantes, argumento aqui sobre o caráter educativo do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, instituição do Movimento Negro criada em 1975 na cidade do Rio de Janeiro na qual a bisneta do professor Hemetério José dos Santos, Heliana Hemetério dos Santos, teve a oportunidade de participar, a partir da década de 1980, de atividades, reuniões e debates sobre a temática racial, além de conhecer intelectuais proeminentes como Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez.

Como já dito anteriormente, o IPCN também foi o lugar dos meus primeiros aprendizados sobre a temática racial e da luta contra o racismo, iniciados a partir de 1980, ano em que eu estava até então com os meus dezenove anos de idade.

Assim, tomando como perspectiva de análise o argumento de Nilma Lino Gomes, o IPCN, para além de ser um “centro irradiador da luta contra o racismo”, exerceu em seu fazer institucional/militante o que eu chamo de “escola do Movimento Negro”. Não uma escola tradicional voltada para a escolarização oficial aos moldes da que foi criada pela Frente Negra Brasileira, mas uma escola de cunho político, no sentido de pensar estratégias, formar e

⁹⁸⁴ GOMES, 2017, p. 14.

arregimentar militantes para um combate político contra o racismo. E o dado fundamental que não pode deixar de ser considerado é que isto se inicia em plena ditadura militar, pois a fundação do Instituto se deu no ano de 1975.

Para recuperar o registro deste momento histórico de criação do IPCN em meados da década de 1970 entrevistei um dos seus sócios fundadores, o professor de Português/Literatura e ativista do Movimento Negro, Paulo Roberto dos Santos. Como bem destaca Nilma, “é importante que a memória e a história dos movimentos sociais não sejam perdidas”⁹⁸⁵. Neste sentido, vale lembrar que a história do IPCN, sobretudo, neste momento inicial, é um tema em aberto que clama por pesquisadores interessados na temática do Movimento Negro e de suas instituições. Para além de ser pessoa próxima a mim por ter convivido comigo inúmeras situações de militância através do IPCN, Paulo Roberto não só fez parte das articulações que levaram a criação do Instituto, como também foi o militante que propôs, em assembleia do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, que o dia da morte de Zumbi dos Palmares (20 de Novembro) se transformasse em Dia Nacional da Consciência Negra, como destacou Oliveira Silveira, em entrevista publicada e já referida. O depoimento de Paulo, portanto, contribui para elucidar alguns aspectos da criação do IPCN, o caráter educativo da instituição e os meandros do surgimento do Dia Nacional da Consciência Negra.

Antes de me debruçar sobre a entrevista de Paulo Roberto dos Santos, convém relembrar o que Heliana Hemetério dos Santos destacou em seu depoimento a respeito do IPCN. A epígrafe que abre o ponto, retirada do depoimento de Heliana, evidencia que, a partir da sua participação no IPCN, a bisneta de Hemetério foi iniciada aos debates que o Movimento Negro travava na sociedade em prol da valorização da cultura afrodescendente e do combate ao racismo em suas diversas formas de manifestação. Ter acesso a este tipo de conhecimento possibilitou a Heliana tomar consciência do seu “lugar” de mulher negra. Mais do que isto. O contato com o IPCN contribuiu para solidificar a identidade negra que ela já trazia em sua história de vida, em grande parte por ser herdeira de um Hemetério José dos Santos, intelectual assumidamente negro. Ela chegou ao IPCN “na década de 1980”. Teve

⁹⁸⁵ GOMES, 2017, p. 16. A respeito da questão destacada pela autora, no que tange à memória e história do Movimento Negro brasileiro, existe significativa literatura que a própria indica algumas nas referências do seu livro. Gostaria de sinalizar, no entanto, para uma referência não indicada por Nilma no livro em questão, mas que, a meu juízo, remete ao aspecto por ela destacado. Estou me referindo ao livro *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*, organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira (2007). O livro registra as memórias e experiências de diversos ativistas em várias regiões do país cujas atuações remontam as décadas de 1970 e 1980. Muitas das experiências relatadas corroboram com o argumento de Nilma no sentido de entender que o Movimento Negro é educador. O registro dessas experiências constitui valiosas fontes orais que ajudam a evitar a ocorrência do problema apontado pela autora.

contato com Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Helena Theodoro e tantas outras intelectuais. As conheceu pessoalmente e aprendeu com seus escritos. “O IPCN me traz essas mulheres para perto”, “Me traz o que é ser mulher negra”, afirma Heliana. Neste sentido, ela participou de diversas reuniões. Como ela disse, “A gente fazia era reunião”. Como veremos através do depoimento de Paulo Roberto, estas reuniões tinham o seu aspecto educativo, no sentido de possibilitar com que aqueles e aquelas que se iniciavam no movimento pudessem compreender as questões raciais debatidas à época. Enfim, Heliana participou daqueles momentos efervescentes que culminaram com a Marcha no ano do Centenário da Abolição.

Por fim, Heliana conclui que o IPCN “foi importantíssimo”, em sua vida. Na minha também. Na do entrevistado também. E na vida de tantas outras pessoas que participaram do Movimento Negro no Rio de Janeiro. O fato de ter sido, por um bom tempo, uma das poucas entidades negras com sede própria, contribuiu bastante para o protagonismo desta instituição nascida no bojo da ditadura militar, como veremos a seguir através do depoimento de Paulo Roberto dos Santos.

6.3.1 - Entrevista com Paulo Roberto dos Santos, sócio fundador do IPCN.

A entrevista com o professor de Português/ Literatura e militante do Movimento Negro Paulo Roberto dos Santos ocorreu em 07 de março de 2018, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Paulo Roberto nasceu no ano de 1945, estava com 72 anos quando me concedeu a entrevista. Ao ser informado que um dos propósitos da entrevista era relembrar a sua militância desde o início da década de 1970, o entrevistado me presenteou com lembranças do tempo em que foi despertado para as questões raciais:

Esse é um recuo formidável porque cada um de nós teve o seu momento de despertar, vamos dizer assim, da licença poética para o despertar. Eu, por exemplo, quando era bem jovem, minha mãe era empregada doméstica na casa de uma francesa e foi ali que eu despertei para as leituras, eu sou um ávido leitor, sou um cara que consumo muita leitura, muita informação. E eu comprava os jornais para a francesa, e pelos jornais eu acompanhava o que ocorria nos EUA com o movimento dos negros americanos. E aquilo é como se fosse hoje um seriado na TV. Eu lia e ficava alucinado de saber o que ia sair e o que tinha acontecido. Então, este foi o primeiro momento que me despertou sobre esta questão. E me despertou nesse aspecto. (...) Sou de 1945. Estou com 72. Estou aqui na fonte da juventude. Mas aquilo ao mesmo tempo em que essa coisa me chamou atenção, aquela coisa não tinha me despertado para a minha própria individualidade como negro. Eu acompanhava aquilo, então, eu tinha um

sentimento para esse tipo de coisa, mas não tinha aquela consciência de que eu próprio, garoto, poderia ser discriminado. No andar das coisas, pelo acompanhamento desse tipo de questão, eu, sozinho, fui evoluindo. Fui lendo, comprando livros, comprando alguma coisa que nessa área acontecia. E, eu acho que a primeira vez que eu sofri uma discriminação, ainda quando jovem, eu não sei te precisar as idades, sou muito ruim de guardar essas temporalidades, foi no cinema. Fui ao cinema, eu me lembro disso porque marca. Pra quem sofre esse tipo de coisa, é uma coisa que marca para sua vida. Eu estava sentado lá no meio do cinema, quando entrou uma mulher e falou “eu não vou sentar perto desse negro”. Ouvir aquilo me deu um choque. Talvez ali tenha sido o momento em que houve o despertar mesmo para a questão racial. E eu, ainda sozinho, uma vez soube que havia lá no Renascença Clube, aqueles bailes de Soul. E eu voluntariamente fui lá. Aí caramba, deve ser legal. Me lembro que foi lá que eu conheci o Jorge Cândido. Eu estava em pé no meio do salão, assim sozinho, não conhecia ninguém, e veio aquele cara grandão na minha direção, ele já quando me viu, e foi interessante que foi desta forma que nós nos conhecemos, e foi ali, a semente inicial da minha convivência com essas questões, que acabaram, posteriormente, nos levando lá para a Cândido Mendes, naquelas reuniões que aconteciam em Ipanema. Eu fui uns dos primeiros a participar daquele tipo de coisas.⁹⁸⁶

Paulo abre o depoimento revelando algo que é comum à vida de pessoas negras participantes ou não no Movimento Negro, ou seja, o fato de ser filho de mãe empregada doméstica. O hábito da leitura e da busca por conhecimento também foi sinalizado pelo entrevistado. Hábito este que o fez tomar contato com os acontecimentos que ocorriam nos Estados Unidos relacionados à luta negra americana, no movimento que ficou conhecido na história como movimento dos negros americanos por direitos civis. As palavras de Paulo deixam ver o fascínio e atração que aqueles acontecimentos proporcionaram ao despertar da sua consciência para as questões raciais. Mas foi a vivência de uma situação de discriminação racial que lhe marcou a percepção de sua identidade negra: “Talvez ali tenha sido o momento em que houve o despertar mesmo para a questão racial”, destaca Paulo Roberto.

Situação semelhante ocorreu comigo. Quando jovem, meu pai sempre me dizia para não esquecer a identidade ao sair de casa. Ele sempre me alertava que as blitz da polícia eram direcionadas principalmente para as pessoas negras. Aquilo ficava na minha cabeça. Mas foi no momento em que presenciei a situação que meu pai insistia em me alertar, que este despertar, ao qual Paulo Roberto destaca em seu depoimento, me chegou à consciência. Isto me marcou porque eu era a única pessoa negra no ônibus em que estava. E eu fui o único revistado pelo policial. O cinema também teve o seu papel no despertar da minha consciência negra, mas de um modo diferente daquele relatado por Paulo Roberto. Foi quando, ainda bem

⁹⁸⁶ Entrevista com Paulo Roberto dos Santos ocorreu em 07 de março de 2018.

jovem, vi pela primeira vez o filme *Barravento*, do cineasta Glauber Rocha. Ver na tela imensa do cinema um filme com elenco majoritariamente negro, numa época em que a visibilidade de negros na televisão e cinema brasileiros era quase nula, me marcou, ao ponto de ter colocado, tempos mais tarde, o nome de Glauber em meu primeiro filho.

Voltando ao depoimento de Paulo Roberto, com a questão racial na cabeça em termos individuais, o próximo passo que ele sinaliza foi a sua aproximação a espaços de encontros da coletividade negra, que, naqueles primeiros anos da década de 1970, em termos culturais, realizava-se no Renascença Clube através dos bailes de Soul⁹⁸⁷; e, em termos político-educacionais, através de reuniões que ocorriam no Centro de Estudos Afro-Asiáticos localizado na Universidade Cândido Mendes de Ipanema⁹⁸⁸. Foi desse processo que surgiu o núcleo inicial que desembocou na criação do IPCN. Ao lembrar sobre as referidas reuniões, Paulo apresenta um relato muito interessante do cenário daqueles momentos em que grupos de pessoas negras buscavam pensar conjuntamente sobre os problemas raciais em um contexto de ditadura militar:

Essas reuniões eram realizadas lá no Centro de Estudos Afro-Asiáticos, com o Zé Maria (José Maria Nunes Pereira). Eu estou tentando puxar aqui da minha memória, eu acredito que tinha negros de todos os lugares, de Marechal Hermes ao Leblon, acabavam se concentrando ali. Era um grande número de pessoas. Quando terminavam as sessões, aquilo era um escândalo, a gente descia ali em Ipanema, na Praça Nossa Senhora da Paz, a Cândido Mendes em Ipanema era na Rua Joana Angélica, então, aquilo causava um alvoroço muito grande, aqueles negros de cabelos Black. Era início da década de 1970. Então aquilo era terrível. Tinha sempre patrulha. E tinha um bar, padaria, enfim, chamado Chaika, muito famoso ali em Ipanema. A galera saía e íamos ali. Cara, aquilo era um escândalo. Uma confusão porque nunca, naquela época, se via tantos negros reunidos entrando naquele lugar. E essas reuniões na Cândido Mendes eram muito interessantes porque nós trabalhávamos textos. E uma coisa que nós começamos a operacionalizar lá nos encontros da Cândido Mendes, eram as dinâmicas de grupo. Eu nunca me esqueço disso porque acabei sempre usando isso na minha militância, inclusive, no IPCN, nas minhas participações, era você utilizar a técnica de dinâmica de grupo, que era muito interessante porque, naquela época, alguns de nós já estávamos, vamos dizer assim, com a educação formal mais adiantada, mas tinham os nossos irmãos e irmãs que não tinha nenhuma escolaridade. E era legal na dinâmica

⁹⁸⁷ Sobre a importância desses bailes e o papel do Renascença Clube neste período, ver o livro de Luiz Felipe de Lima Peixoto e Zé Octávio Sebadelhe (2016), *1976 – Movimento Black Rio*.

⁹⁸⁸ A respeito destas reuniões e deste contexto do início da década de 1970 no que tange às primeiras organizações do Movimento Negro brasileiro do período, Amílcar Araújo Pereira (2013), em seu livro *O Mundo Negro – Relações Raciais e a Constituição do Movimento Negro no Brasil* apresenta no capítulo quarto um panorama das décadas de 1970, 1980 e 1990 deste movimento social. Algumas das fontes acessadas por este historiador são fontes orais, através de depoimentos de militantes que vivenciaram a movimentação da época. Neste sentido, boa parte do depoimento que Paulo Roberto me concedeu tem conexão com questões que estão presentes neste livro de Amílcar, assim como no livro de entrevistas com militantes do Movimento Negro que o mesmo organizou e já referido em nota anterior.

porque a dinâmica proporciona isso, desinibe. E era muito interessante a gente ao final de um ano verificar que a “dona Maria”, nossa irmã, que chegou ali e não conseguia falar absolutamente nada, por timidez e por falta de conhecimento, você no final do ano vê levantando o braço e questionando. Foi um trabalho excepcional. Ali também, pelo menos na minha visão, foi o primeiro momento que as mulheres negras se reuniram. Aí eu posso lembrar da Beatriz, posso lembrar da Marlene, as mulheres eram todas do Grupo André Rebouças de Niterói, da Fluminense, que se reuniam lá. Elas se reuniam antes de nós chegarmos, depois se reuniam todo mundo junto, mas as mulheres se reuniam antes, faziam a sua reunião. Evidentemente que as grandes lideranças eram a Beatriz e a Marlene, que era uma intelectual negra que também faleceu (...) Dali surgiram grupos de mulheres negras.⁹⁸⁹

Paulo começa destacando sobre o papel que o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (da Universidade Cândido Mendes) desempenhou naqueles anos iniciais da década de 1970, no sentido de ser um polo de aglutinação de pessoas negras para debater questões raciais. O saudoso professor de História da África da casa, José Maria Nunes Pereira⁹⁹⁰, era um dos articuladores que possibilitaram aqueles encontros na Cândido Mendes de Ipanema. Mulheres negras lideradas por Beatriz Nascimento⁹⁹¹ e Marlene Cunha⁹⁹² também se reuniam no local. A imagem da cena descrita pelo entrevistado em relação à presença de muitas pessoas negras vindas “de Marechal Hermes ao Leblon”, como diz Paulo, pelas ruas do bairro da Zona Sul após o término das reuniões, é digna de um filme de Zózimo Bulbul, cineasta, ator e grande companheiro de militância que também participou naquele período⁹⁹³. Paulo

⁹⁸⁹ Idem.

⁹⁹⁰ Ver relato de Yedo Ferreira destacado por Amílcar Araújo Pereira (2013, p.235-236), em que o mesmo informa sobre a importante participação do professor José Maria Nunes Pereira nesta época.

⁹⁹¹ Para conhecer a trajetória da importante historiadora e militante negra Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), ver livro de Alex Ratts (2006), *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*; ver também tese de doutorado de Wagner Vinhas Batista (2016), *Palavras sobre uma historiadora transatlântica - estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento*. Recentemente fiz um samba para Beatriz: Beatriz Nascimento/A todo o momento/ Lutou contra a discriminação/Beatriz Nascimento/A todo o tempo/ Foi a voz que enfrentou/O racismo desta nação/Beatriz Nascimento/Com o seu talento/Iluminou os caminhos do movimento/Beatriz Nascimento/Sua trajetória/Está na história/Deste país/Escuta o que ela diz/A Beatriz/É nossa raiz... (Aderaldo Gil, 15/12/2018).

⁹⁹² Para conhecer sobre as contribuições de Marlene de Oliveira Cunha, Antropóloga e militante negra pioneira, ver artigo de João Alípio de Oliveira Cunha (2017), *Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola – À memória de Marlene de Oliveira Cunha*.

⁹⁹³ Zózimo foi companheiro de debates e boêmia. Depois que ele faleceu escrevi um poema que gostaria de deixar aqui registrado nesta minha tese:

Zózimo, cineasta guerreiro:

Cada combatente

Um instrumento de luta

Cada luta

Um argumento

Com as palavras

O poeta labuta

E o romancista também

Mas há quem lute

Com as imagens...

relembra com entusiasmo a dinâmica daquelas reuniões na Cândido Mendes, também muito utilizada nas reuniões que ocorreram depois no IPCN. Ele destaca o caráter educativo da dinâmica de grupo que era utilizada, com leitura e debates de textos, assim como estímulos para que as pessoas recém-chegadas e com menos escolaridade se desinibissem e pudessem não só conhecer os conteúdos abordados pelos textos, como também exercer seu pensamento crítico. Eu sou testemunha desse tipo de dinâmica porque vivenciei isso assim que comecei a participar no IPCN. Heliana também lembrou este aspecto. Os primeiros contatos que tive, por exemplo, com as questões raciais foram através destas reuniões voltadas para a formação política. Paulo qualificou de “trabalho excepcional” o que era feito nestas reuniões. Ao final do trecho destacado, ele acentua o quanto foi importante para as mulheres negras na época as reuniões que elas organizavam na Cândido Mendes e destaca o papel do Grupo André Rebouças neste sentido.⁹⁹⁴

Em seguida, Paulo relata um episódio que serviu para aproximar as pessoas que participavam das reuniões na Cândido Mendes com às que frequentavam o Renascença Clube, como negras e negros do mundo artístico. Foi do encontro destes três grupos que brotou a proposta de se criar uma instituição de negros, que veio a se denominar de Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e ter, posteriormente, sede própria:

Não existia ainda o IPCN. A gente foi fazer uma reunião no Teatro Opinião porque tinha surgido um problema na TV Globo ligado à novela, e a mulher

Luz, câmara, ação:

Alma no Olho, Filhos do Vento, Abolição!

A tela não é branca

Nem azul...

É tela negra!

Imagens de um guerreiro:

Zózimo Bulbul!

Filho de um Movimento

Pai de uma geração...

Seu argumento?

Sonho, raiva, razão!

Seu instrumento?

Cinema feito com paixão!

O corpo se vai...

Fica o espírito do artista

E sua arte antirracista!

Que jaz em paz

Com a energia dos orixás...

Zózimo? Presente! Sempre!

Em nossa mente...

Aderaldo Gil, 24.01.2013.

⁹⁹⁴ A respeito da atuação do Grupo André Rebouças, ver artigo de Togo Ioruba (Gerson Theodoro), Sandra Martins e Flávio Gomes (2015), Redemocratizando na raça: sobre memórias, intelectuais negros e movimentos sociais contemporâneos (notas de pesquisa).

do Pitanga, a primeira mulher do Pitanga, a mãe da Camila Pitanga, não vou lembrar o nome dela agora, ela foi preterida, uma mulher linda, linda, negra linda, ela foi preterida para fazer o papel de Dona Flor e seus dois maridos.⁹⁹⁵ Escolheram a Sônia Braga. Foi ali que apareceram os atores da TV Globo, atores negros que faziam novelas e etc e tal; e também apareceu o Benedito Sérgio⁹⁹⁶ que vinha com esse grupo, grupo que se reunia em Ipanema com esses atores, e um grupo nosso oriundo do Renascença Clube, então, nesse grupo inicial que se reunia ali, foi que apareceu a Lélia (Lélia Gonzalez), que já era professora da PUC naquela época. Era professora de Filosofia na PUC. Ela apareceu nessa reunião. Foi aí que nós conhecemos a Lélia Gonzalez. O Januário Garcia⁹⁹⁷ já conhecia a Lélia. Ana⁹⁹⁸ e Januário já conheciam a Lélia porque eles eram compadres em tempos anteriores. E a partir dessa reunião que houve ali no Teatro Opinião para resolver a questão, para refletir sobre esta questão que tinha surgido na TV Globo, nesta reunião com nossos irmãos artistas, que acabou surgindo o núcleo inicial do IPCN. Entendeu? Foi dali. E uma pessoa que pode colaborar muito contigo, lembrando mais do que eu talvez, no processo de compra daquela casa do IPCN é o Medeiros⁹⁹⁹. O Medeiros participou diretamente na conexão com aquela Fundação americana, que era um contato com um americano que tinha chegado ao Brasil, Jimmy Lee, que quando ele chegou aqui no Brasil, ele ficou muito sobre o olhar da repressão porque era tido como um cara que estava chegando no Brasil, negro americano, pra fomentar essas questões entre nós. Mas o Jimmy Lee que proporcionou o contato com a Fundação Interamericana. Eu naquela oportunidade não participei daquele núcleo de negociação, mas o Medeiros participou. Especificamente sobre essa negociação o Medeiros pode te dar um depoimento.¹⁰⁰⁰

O relato de Paulo Roberto faz-me lembrar de alguns nomes que eu conheci (e conheço) pessoalmente como Lélia Gonzalez, Januário Garcia, Ana Maria, Benedito Sérgio, Carlos Medeiros, e que estiveram presente na reunião realizada no Teatro Opinião para discutir a questão da indicação da atriz que faria o papel de Gabriela em Dona Flor e seus dois maridos. Um dos aspectos importantes do seu relato diz respeito ao processo de articulação de pessoas negras naquele contexto para discutir e enfrentar situações de discriminação racial. Foi nesse bojo que brotou o “ovo” do que viria a ser depois o IPCN. Da movimentação em

⁹⁹⁵ Pesquisei depois o nome da atriz e descobri que foi Vera Manhães.

⁹⁹⁶ Benedito Sérgio de Almeida Alves foi o primeiro presidente do IPCN em 1975. Depois de vários outros nomes que assumiram a presidência do IPCN, Benedito retornou, e atualmente está no seu segundo mandato à frente do IPCN.

⁹⁹⁷ Januário Garcia é fotógrafo consagrado no Movimento Negro e também dirigiu o IPCN. Já chegou a morar nas ruas e foi interno da FUNABEM como informa em entrevista que realizei com ele para minha pesquisa de mestrado (ver minha dissertação de mestrado Movimento Negro e a Juventude em Conflito com a Lei – UERJ, 2007).

⁹⁹⁸ Refere-se à filósofa Ana Maria Felipe Garcia, companheira de Januário Garcia na época e grande amiga de Lélia Gonzalez.

⁹⁹⁹ Refere-se a Carlos Alberto Medeiros, militante do movimento negro de longas datas e amigo de Paulo Roberto. Têm vários depoimentos importantes dele no livro *Histórias do Movimento Negro no Brasil* organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira (2007). Alguns dos depoimentos de Medeiros evidenciam este caráter educativo do Movimento Negro.

¹⁰⁰⁰ Idem.

grupos, partiu-se para a criação de uma instituição negra. Mais a frente, Paulo informa que o nome de Benedito Sérgio para primeiro presidente foi escolhido “porque de todos nós era o cara que não tinha nenhum problema com coisa nenhuma”. Ou seja, segundo o entrevistado, “ele tinha acabado de se formar e não era visado pela ditadura”. Foi, portanto, dentre o núcleo inicial de dez pessoas, o nome escolhido por “exclusão”. Paulo Roberto dos Santos era o sexto nome dentre os dez sócios fundadores. O depoimento acima de Paulo também faz referência ao papel exercido por um negro norte-americano chamado Jimmy Lee na articulação que levou a compra da sede para o IPCN dois anos depois da criação, com recursos financiados pela Fundação Interamericana. Com sede própria, o IPCN se tornou em espécie de “albergue” político e “incubadora” para as questões raciais. A Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, por exemplo, conhecida como SINBA, criada por Yedo Ferreira e Amauri Mendes Pereira, e vista por alguns militantes da época como lugar dos “negros radicais”, exerceu durante algum tempo suas atividades, principalmente em relação à confecção do Jornal SINBA, em uma sala que se localizava no IPCN. Quando iniciei minha atuação no IPCN fiz parte do grupo da SINBA que se dedicava em produzir e estimular a imprensa negra. Vale destacar que na SINBA, além de Yêdo e Amauri, existiram outros militantes, a exemplo de Suzete Paiva dos Santos, ativista abnegada, a primeira pessoa que eu tive contato no Movimento Negro. Neste sentido, me sinto estimulado a reproduzir aqui o trecho em que me referi a este episódio em minha dissertação de mestrado:

Em 1980, caminhando pela Praça XV de Novembro no Centro da cidade do Rio de Janeiro, encontrei uma pequena banca em que uma mulher negra, Suzete Paiva, vendia jornais, alguns livros e distribuía um panfleto no qual tenho a lembrança do título: “Por que devemos lutar contra o racismo”. O texto do panfleto informava sobre a ausência de pessoas negras nos altos escalões da política brasileira, além de tratar da situação de violência policial e miséria que a maioria da população negra enfrentava. Nesta banca, havia uma faixa fixada na parte de cima, com uma frase sugestiva: “Movimento Negro bota banca”. Este episódio representou o meu primeiro contato com o Movimento Negro e selou o início da minha trajetória de pessoa preocupada com a temática racial. O Movimento Negro me educou a pensar em questões que se relacionam, de uma forma ou de outra, com a questão racial. Isto porque convivi com uma geração de companheiros e companheiras educadores desta problemática. O Movimento Negro me ensinou a pensar o problema racial relacionado a outras questões. Foi a partir do Movimento Negro que pude saber da existência de pensadores como Franz Fanon e Amílcar Cabral.¹⁰⁰¹

Pode-se ver que a passagem destacada, para além de lembrar o episódio que selou o começo da minha militância, destaca também o processo educativo do Movimento Negro a partir da minha própria experiência de militante negro. E, neste sentido, Paulo Roberto

¹⁰⁰¹SANTOS, 2007, p. 16.

acentua esta dimensão exercida na prática institucional do IPCN que marcou a trajetória de diversos ativistas e pessoas que passaram pela casa:

É histórico. Aliás, uma coisa que está faltando muito, eu, particularmente, já fui muito cobrado por isso também, o MNU, que eu participei, eu estive naquela escadaria no dia 7 de julho, tem coisas escritas, mas o IPCN, nós não temos a história do IPCN escrita. Então, depois com essa questão da Lélia, com a visibilidade que a Lélia alcançou pela militância dela e pela liderança, o MNU passou a ser o centro da História. Eu estou careca de ler livros, teses, não sei o que, que trata de 1978 pra frente. O IPCN é de 1975. O IPCN foi um grande laboratório. Foi um grande centro irradiador. Ali formou muitas lideranças. Por ali passaram todos. Teve gente que se tornou governador, no caso da Benedita. Depois deputados, vereadores passaram por ali. Essas lideranças dos blocos afros, naquela parte inicial, todo mundo militou ali, saíram dali de dentro. Aquilo foi realmente, eu particularmente, extraí dali grandes experiências que eu usei profissionalmente. De tanto participar daquelas assembleias você acaba se exercitando de tal maneira nos debates, e, posteriormente, nas negociações, que me serviu muito no tempo em que eu estava nas minhas atividades profissionais aí por dentro das máquinas de governo. Então, o IPCN teve uma importância, teve não, tem, o IPCN está aí, teve uma importância extraordinária, e nós não escrevemos esta história do IPCN. Eu, particularmente, já fui cobrado várias vezes. Fica aí pra quem se dispuser a fazer isso. (...) O IPCN sempre foi (e você participou disso), sempre foi intensamente uma organização de atividade de política negra. Muitos encontros, muitas passeatas, muitas discussões internas lá dentro. Eu me lembro desse momento inicial antes do aparecimento do MNU, como uma atividade de combate ao racismo direto. De participar de coisas, de ir a lugares. O que me lembro assim de modo rarefeito é neste sentido. E da gente se organizar internamente (minimamente) de forma administrativa para poder funcionar. Eu, na primeira diretoria, fui diretor administrativo. Eu participei de três diretorias. Uma delas fui presidente, duas delas eu participei como vice-presidente, uma delas como administrativo. E outra se não me engano cultural.¹⁰⁰²

Fica aí um alerta importante no depoimento acima de Paulo Roberto dos Santos. Enquanto as pesquisas sobre o MNU (Movimento Negro Unificado) existem em quantidade razoável hoje em dia, em relação ao IPCN é praticamente inexistente. Ele associa o maior interesse pelo MNU à visibilidade que Lélia Gonzalez conquistou enquanto intelectual negra de grande estatura no cenário brasileiro. Mas é sempre bom lembrar que Lélia passou também pelo IPCN, sendo, inclusive, Vice-Presidente Cultural em uma determinada gestão (RATTs e RIOS, 2010).¹⁰⁰³ Além disso, como destaca Paulo, o IPCN é anterior ao MNU e foi “um

¹⁰⁰² Entrevista com Paulo Roberto dos Santos.

¹⁰⁰³ Ver *Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro*, de Alex Ratts e Flavia Rios, SP, Selo Negro Edições, 2010. Ver também a instigante dissertação de Raquel Barreto (2005), *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Sem dúvida que Lélia marcou muito a trajetória de vários militantes do Movimento Negro e continua sendo fonte de inspiração para diversos tipos de

grande laboratório”, “um grande centro irradiador”. Tem também a sua importância na história do Movimento Negro, sobretudo, porque, como diz Paulo, “por ali passaram todos” (e todas), inclusive, “gente que se tornou governador” (Benedita da Silva), e tantas outras lideranças que vieram a se tornar depois deputados, vereadores, etc. Ele destaca também a participação, no seu momento inicial, de “lideranças dos grupos afros”. Enfim, foi “uma organização de atividade de política negra”, com “Muitos encontros, muitas passeatas, muitas discussões internas lá dentro”. Quer dizer, uma verdadeira escola do Movimento Negro.

A entrevista de Paulo Roberto prosseguiu trazendo pontos importantes que ajudam a refletir sobre a trajetória do IPCN e do Movimento Negro. Não é possível trazer todos estes pontos para esta tese. Ficarão para outra oportunidade. Mas os alertas do entrevistado plantaram sementes nos meus interesses de historiador. Como não vai ser possível trabalhar todos os pontos do rico depoimento de Paulo Roberto, pelo menos mais um será necessário trazer à tona, como uma espécie de fechamento deste item, que nasceu da coincidência entre

trabalhos. Eu, por exemplo, escrevi uma letra de samba que tenta condensar a trajetória desta grande intelectual negra:

Lélia Gonzalez:

Nasceu em Belo Horizonte

Morreu no Rio de Janeiro

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez...

Ela mandou seu recado

Por este Brasil inteiro

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez...

Foi Lélia que disse:

Ser machista não é legal

Ela também disse:

Ser racista é ser do mal

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez...

Foi socióloga, foi antropóloga

Estudou História e Filosofia

E fez até poesia

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez...

Criou o NZINGA, O MNU,

E a Quilombo do mestre Candeia

Lélia Gonzalez sua luta encandeia

Deixou raiz...

Não sou eu que digo

É a História que me diz

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez

Seguiu os exemplos

Que vieram de Palmares

E da Revolta dos Malês

Tudo que ela fez

Foi enfrentar os males

Da discriminação

Lélia Gonzalez, Lélia Gonzalez...

A guerreira negra

Desta nação.

Aderaldo Gil.

mim e Heliana, a bisneta de Hemetério José dos Santos, de termos participado desta escola, que foi o IPCN. Refiro-me ao grande momento histórico em que Paulo Roberto dos Santos veio a sugerir que o 20 de novembro, Dia de Zumbi dos Palmares, passasse a ser o Dia Nacional da Consciência Negra. Paulo elucidava como foi esse processo:

Mas isso foi lá em Salvador. Mas antes disso chegar em Salvador, essa coisa surgiu foi aqui. O que aconteceu? Não sei se você viu ou lembra, passou um filme aqui chamado *Wattstax* que era um filme de uma rebelião que houve na cidade de Watts que fica em Los Angeles (EUA). Passou no MAM. Isso atraiu. Nunca o MAM recebeu tantos negros como naquela oportunidade. Houve várias sessões extras do filme. Foi como se fosse esse *Panteras Negras* hoje, tenha sido o *Wattstax* daquela época. E no *Wattstax*, o reverendo Jacson, ele dizia várias vezes durante o filme: “Dia da consciência negra...”. Eu vi esse filme dezessete vezes. Não fui eu só que fez essa loucura de ver dezessete vezes, muita gente viu quinze, dez vezes esse filme. Esse filme foi impactante pra gente naquela época. Um troço extraordinário. Já viu esse filme? O Medeiros tem um vídeo. Não sei se consegue pelo Google. Não deixe de ver. Filme muito marcante. É importante. Assim como livro do Cleaver (Eldridge Cleaver) *Alma no Exílio*, esse filme e o livro do Cleaver, pra mim, pra nós, alguns de nós, foram fundamentais naquele momento. Então, nesse filme, de tanto o Jacson falar sobre isso, eu cheguei lá no IPCN, não foi no mesmo dia, deve ter sido no mês seguinte, naquela escadinha logo que entra, de frente para a porta em que tem aquela parede com um mural, e tinha o dia do 20 de novembro, que era comemorado como Dia de Zumbi, aquela coisa lá do Rio Grande do Sul, do Oliveira Silveira. Aí eu cheguei lá e escrevi 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, foi pela primeira vez, e aquilo ficou lá no quadro. Dia Nacional da Consciência Negra. E aquilo foi um rastilho. Que aí em todo lugar que eu ia eu falava sobre aquilo, e foi dessa forma que propus numa assembleia. Foi interessante que eu nunca falei disso esses anos todos. Foi o Silveira (Oliveira Silveira), é que foi dá uma entrevista que lembrou e falou. Pra mim era normal. Nem podia imaginar também que aquilo se tornou uma espécie de uma grife, um epíteto nosso, forte. Dia Nacional da Consciência Negra. Agora já está esmaecendo, né? Agora está sendo Dia da Consciência Negra, já está não sei o que, mas foi um negócio que durante anos, Dia Nacional da Consciência Negra, negócio forte, baseado no reverendo Jacson que falava Dia da Consciência Negra, ele só falava isso, aí eu encaixei um “nacional” ali e meti no 20, foi legal, foi uma espécie de inspiração, foi uma coisa muito interessante. E a princípio, nesse sentido da coisa do 20 é por aí.¹⁰⁰⁴

Oliveira Silveira agiu com respeito ao dar os créditos ao ativista Paulo Roberto dos Santos. Isto entrou para a história. A entrevista em que Oliveira Silveira registra a informação cita por Paulo já foi referida por vários pesquisadores, a exemplo de Flávio Gomes, como já destaquei nesta tese. O depoimento acima de Paulo Roberto elucidava o percurso da ideia. De onde nasceu? De um filme documentário, que ao retratar evento musical (espécie de

¹⁰⁰⁴ Idem.

“Woodstock negro”) realizado na cidade de Watts, em lembrança à rebelião de negros ocorridas nesta cidade em 11 de agosto de 1965, exaltou a “consciência negra” e a valorização de “ser negro” na sociedade americana. O reverendo Jesse Jackson foi um dos apresentadores do evento e vez por outra afirmava no microfone que estava ocorrendo ali o “Dia da Consciência Negra”. De tanto ver o filme (viu dezessete vezes!), o que denota o impacto do mesmo no entrevistado, Paulo se fixou nesta frase e a escreveu no mural que fica na entrada da sala principal do IPCN, onde já estava escrito “20 de Novembro, Dia de Zumbi dos Palmares”. Ao complementar a frase já escrita, incluiu “Dia Nacional da Consciência Negra”, e passou a defender esta ideia de que o 20 de Novembro era o Dia Nacional da Consciência Negra. A assembleia do Movimento Negro consolidou esta proposta. E a marca ficou até os dias de hoje, apesar de o entrevistado ter dito que esmaeceu um pouco. Mais uma coisa a se acrescentar na história do IPCN. De acordo com o depoimento de Paulo Roberto, o embrião da ideia saiu das imagens do filme, foi para a sua cabeça, chegou ao mural da “escola” IPCN e espalhou-se feito a luz do sol por este Brasil afora. Como escreveu Hemetério, o negro traz “o sol na tua pele escura”¹⁰⁰⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! fez o caixa indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!" Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos.

Lima Barreto (*Memórias do Escrivão Isaías Caminha*, 1909).

É que em cada experiência existe uma lição.

Almir Guineto (*Conselho*, 2002).

¹⁰⁰⁵ Trecho retirado do poema O Negro, de Hemetério José dos Santos (*Fructos Cadivos*, p. 29).

Para iniciar estas *Considerações Finais*, optei por me apoiar em duas epígrafes. Cada uma carrega o seu sentido. A primeira foi retirada do romance de estreia de Lima Barreto, *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. No Prefácio que Francisco de Assis Barbosa escreveu para este livro de Lima Barreto, na publicação da Editora Brasiliense (1961), consta referência de uma carta endereçada a um “confrade de letras” no ano de 1911. Na carta, Lima Barreto explica o que pretendia com o livro: mostrar que “um rapaz nas condições do Isaiás, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito” (1961, p. 12). A passagem da epígrafe se refere ao momento em que o jovem Isaias Caminha, personagem principal da trama, se encontra no trem a caminho da cidade do Rio de Janeiro. Quando o transporte parou em uma das estações, ele resolvera descer para se alimentar. O atendimento que recebera o fez perceber certo tratamento diferenciado em relação a ele e a um “rapazola alourado”.

Fica nítido que Lima Barreto buscou pontuar, através da passagem em epígrafe, a questão de que o aspecto racial de uma pessoa pode ser fator de tratamento diferenciado nas relações que se estabeleciam com outras pessoas naquela sociedade. Enquanto Isaiás recebera tratamento brusco do “caixeiro” ao reclamar seu troco em face da demora, o “rapazola alourado” foi tratado de modo afável. A percepção do literato no que diz respeito ao impacto que uma determinada discriminação pode causar numa pessoa é outro aspecto a se destacar: “O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação”. Observa-se que a situação fez com que a personagem não só guardasse dentro de si “uma raiva muda”, como também a fez refletir a respeito daquela experiência, “Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos”.

A narrativa do livro de Lima Barreto pontuou situações de reflexão e de ação contra a discriminação racial, a exemplo da experiência que levou Isaiás a ser preso por ter tido a coragem de enfrentar a discriminação que sofrera ao ser identificado como “gatuno” pelo delegado, que achou pouco provável que aquele jovem negro fosse de fato um “estudante”: “Qual o quê! Pensa que me embrulha... você o que é, é um gatuno, sabe?”, disse o delegado a Isaiás. Uma dura discriminação pode gerar reação à altura. Isaiás o respondeu: “Imbecill”. Foi colocado no “xadrez”, e novamente Lima Barreto soube politizar a experiência causada pelo preconceito racial:

Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer que, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões;

desnecessários aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria!

A obra de Lima Barreto revela a importante mensagem de que é preciso reagir à ação discriminatória. Ao fim e ao cabo foi isto que Isaías fez: reagiu ao racismo da época. Foi isto que Lima Barreto fez ao utilizar a literatura como uma arma de combate à discriminação e ao preconceito racial de seu tempo. Assim como a personagem Isaías Caminha, que fez da discriminação que sofrera objeto de reflexão e de ação, Hemetério também fez da experiência com a discriminação racial matéria-prima para o seu pensar e o seu agir. E o fez de forma político-pedagógica, de modo a transformar o conhecimento em uma arma de luta, a arma da educação. Inspirado em Amílcar Cabral que cunhou a sua “Arma da Teoria”, e apoiando-me na relevante maneira do historiador E. Thompson tratar a “experiência” e a “agência” humanas, esta tese buscou argumentar sobre o sentido que norteou a trajetória de vida do professor Hemetério José dos Santos: tomar a educação como instrumento de cidadania e de combate ao racismo do seu tempo.

Se for verdade o que escreveu o grande músico e compositor de reggae Bob Marley, na letra da canção *No Woman no cry*¹⁰⁰⁶, ao sugerir que “os pés são a única carruagem”, para se perscrutar a caminhada de uma pessoa no decorrer de sua vida, penso que uma das primeiras coisas a se fazer é olhar com atenção para os vestígios que ela deixou pelo caminho. Observar e refletir sobre as evidências da sua trajetória de vida: este foi um dos sentidos deste trabalho. Outro sentido é o fato de que, ao tratar do pensamento e das experiências de um intelectual negro ainda pouco conhecido na sociedade brasileira, a presente tese pretendeu ser um estudo a contribuir, no campo da História da Educação, para os debates a respeito do protagonismo dos intelectuais negros na História do Brasil.

Desta feita, a segunda epígrafe, retirada da canção, *Conselho*, composta pelo sambista Almir Guineto, sintetiza o propósito da minha pesquisa, que gerou, como produto final, os seis capítulos anteriores. Fundamentalmente, busquei compreender e aprender com as experiências e ideias do professor Hemetério José dos Santos. Acredito no que disse o saudoso sambista, existe de fato uma lição a ser aprender em cada experiência da vida. A vida de Hemetério, que tantas aulas proferiu aos seus estudantes nos seus vários anos de docência, é uma vida que carrega em seu bojo não uma, mas várias lições. Lição de como não se deixar abater pela perversidade do racismo. Lição de ser persistente no propósito de viver a vida como professor. Lição de querer que a educação chegasse ao alcance dos mais pobres, aos que

¹⁰⁰⁶ “My feet is my only carriage” (Meus pés são minha única carruagem), trecho da letra de Bob Marley.

viviam nos subúrbios da cidade. Lição de que ser negro não era um problema, era solução, pois, assim como todos os demais povos da humanidade, os negros contribuíram para o avanço das civilizações. Enfim, meu propósito com a tese foi poder tornar públicas estas e outras lições apreendidas a partir do estudo da trajetória deste intelectual que não se envergonhava de ser negro, numa época em que a própria palavra “negro” era vista de modo negativo. Hemetério está no rol daqueles e daquelas que combateram esta ideia.

Mais do que ter sido marcado pelo fato de ter atacado Machado de Assis, e de ter sido ridicularizado pelo poeta Emílio de Menezes, em que pese as ambiguidades inerentes à trajetória de qualquer ser humano, Hemetério deixou sua importante marca na história da educação brasileira e da luta antirracista deste país. No momento em que tento finalizar a respectiva tese, em meio à campanha presidencial, ainda somos assombrados com as manifestações explícitas de racismo, temperadas com desejos fascistas e neonazistas. O que significa que a luta de Hemetério e de todos e todas antirracistas do passado e do presente persistirá por longo tempo.

Neste sentido, contribuir para retirar Hemetério do esquecimento¹⁰⁰⁷ ao recuperar as ideias e a trajetória deste intelectual negro (meus propósitos com esta tese), se constitui um “tijolo” a mais para pavimentar este longo percurso da luta antirracista no Brasil; sobretudo, aquele em que o campo de combate é o da *educação*. Esta “praia” em que Hemetério nadou desde a juventude até a morte.

Longa também foi a trajetória de vida de Hemetério. As três partes da tese, com seus respectivos capítulos, buscou acentuar algumas das experiências que considere marcantes na referida trajetória. Na parte I da tese (capítulos 1 e 2), em que priorizo as experiências de Hemetério José dos Santos no contexto imperial, o argumento consistiu em demonstrar que estas foram fundamentais para definir as trilhas futuras que ele veio a percorrer em sua trajetória de professor e intelectual. A parte II (capítulos 3 e 4), por sua vez, teve como foco o olhar mais direcionado à compreensão do que denominei de *antirracismo político-pedagógico* do professor Hemetério José dos Santos. Já a última parte da tese (capítulos 5 e 6), colocou em primeiro plano as experiências de Hemetério no contexto republicano, com destaque para a participação dele em determinadas instituições educativas, relação com o campo político e com a memória familiar.

¹⁰⁰⁷ A este respeito, minha tese deu prosseguimento às contribuições de outras pesquisadoras e pesquisadores (a exemplo de Maria Lúcia Muller, Carolina Dantas e Luara dos Santos Silva) que buscaram recuperar a história deste intelectual negro.

Hemetério nascera ou não do ventre de uma escrava? Esta foi a primeira questão levantada por esta tese, que assumiu a resposta positiva. Se, por um lado, a referida versão se baseia na informação de um único pesquisador que afirma ter tido acesso ao Livro de Batismo em que consta esta evidência, por outro, não foi encontrado nenhum pesquisador ou pesquisadora que apresentasse evidência contrária. Além disso, os dicionários biográficos pesquisados omitem o nome do pai e da mãe quando se referem ao Hemetério José dos Santos, o que nos sugere que a referida versão tem pé na realidade, uma vez que não foi incomum, no período escravista, fazendeiro engravidar escrava e libertar o filho sem assumir o compromisso de registrar sua paternidade.

Relacionada à discussão acima, outra questão foi destacada no sentido de se pensar o ponto de partida da trajetória de Hemetério, ou seja, o fato de ele ter sido registrado como pessoa livre. Numa sociedade escravista, o fato de ser um negro retinto como era, ter o registro da sua liberdade foi, ao meu juízo, um ponto de partida a ser considerado, uma vez que a dinâmica daquela sociedade era movida, em grande parte, pela polarização liberdade *versus* escravidão.

Outro aspecto que se associa à questão acima é o fato de Hemetério ter tido a oportunidade de ter acesso à escolarização oficial. Não tive acesso ao registro de matrícula dele no Colégio Imaculada Conceição, em São Luiz do Maranhão. Esta informação foi considerada em função do registro da memória do próprio Hemetério. Pelos registros jornalísticos encontrados, o referido colégio era de boa qualidade e deu base para Hemetério iniciar sua carreira no magistério. Assim, é preocupante o olhar de quem se volta para o passado e não consegue perceber que, se houve negros e negras que não tiveram acesso à escola, houve também os que conseguiram este acesso. Os que manejaram as estratégias possíveis para entrar em uma sala de aula. Isto porque, desde os tempos mais longínquos até os dias atuais, a demanda por escola está na pauta de vida das pessoas. Quando se fecha os olhos para isso, não se consegue ver as experiências dos que conseguiram estudar, apesar dos muros, apesar dos obstáculos e das pedras que rolam no caminho daqueles e daquelas que não nasceram em berço de ouro ou de prata. Como já musicou o compositor Zé Ramalho, “entrecortando, mas seguindo a linha reta”. Quer dizer, é possível seguir uma determinada linha, entrecortando caminhos, buscando brechas e atalhos. Hemetério, negro retinto, estudou sim. E fez mais. Defendeu o ensino noturno. E foi ganhar a vida como professor.

O poema que ele escrevera na juventude tecendo elogios ao ofício do professor evidencia que seu desejo em exercer esta profissão vem desde muito jovem. Possivelmente, chegou até a rejeitar o uniforme de condutor de bonde para não se desviar do propósito de dar

aulas. Assim, as evidências não deixam dúvidas de que a trajetória de Hemetério foi o percurso de um professor. Como fizeram os docentes da época, ele deu aula particular em sua casa, criou curso preparatório e cavou seu espaço no campo educacional na cidade do Rio de Janeiro. Desta feita, o exercício do magistério foi uma de suas marcas fundamentais. Sua trajetória profissional se iniciou na década de 1870. “Atirou” para todos os lados no que tange à profissão de professor: Jardim de Infância, Ensino Primário, Secundário e Superior. Ao final do Império, ele já era profissional reconhecido na sociedade da época.

Neste percurso inicial, Hemetério esteve muito próximo do Colégio Pedro II. Depois, seguindo exemplos de outros intelectuais-professores criou o seu próprio colégio, o Colégio Froebel. Em torno desses dois colégios, Hemetério teceu suas primeiras redes de sociabilidades que abriram caminho para os passos futuros. Paralelamente, iniciou sua produção intelectual no campo da Língua Portuguesa, área de conhecimento em que se destacou até o final de sua vida, ao ponto de ser incluído entre os quarentas nomes que se tornaram patronos da Academia de Filologia, nascida na década de 1940.

A proximidade de Hemetério com o Colégio Pedro II, no decorrer do Império, manteve-se na República, quando ministrou aulas no referido colégio, como indica o documento encontrado no NUDOM em relação ao ano de 1911. Entretanto, no período republicano, o nome de Hemetério esteve ligado ao Colégio Militar e à Escola Normal do Distrito Federal. Em ambas as instituições se tornou professor catedrático e travou debates importantes pela imprensa da época. Seu discurso foi marcado, por um lado, pela defesa de um sistema educacional que atendesse as necessidades da população mais pobre; por outro, em prol da existência do curso noturno da Escola Normal e da Escola Normal Livre, como forma de proporcionar a formação de mais professores. Isto não só porque ele, corroborando com o espírito da época, via o professor como uma espécie de missionário. Mas também porque tinha a convicção da necessidade de suprir a demanda por escolas que exista na cidade, por parte de diversos grupos e setores sociais, sobretudo, populares. Hemetério também defendeu as normalistas e os educandos da opressão que estes sofriam das autoridades escolares da época. Na defesa dessa política enfrentou intelectuais de peso, como José Veríssimo.

O estudo da trajetória de Hemetério José dos Santos também proporciona uma reflexão estimulante no que tange ao debate do professor como intelectual. A este respeito, como busquei demonstrar na tese, o conceito de *intelectual mediador* me foi muito proveitoso, no sentido de me dar apoio à análise do percurso de Hemetério enquanto intelectual negro preocupado com as questões políticas, sociais e raciais da época, a exemplo

do combate feito por ele às teorias racialistas que divulgavam a suposta inferioridade dos negros. Neste sentido, no que diz respeito ao antiescravismo e ao antirracismo, a contribuição de Hemetério vem desde o período imperial, através da participação no movimento das conferências emancipacionistas que José do Patrocínio e Vicente de Sousa organizavam e também com a publicação do seu *Livro dos Meninos* em 1881. Hemetério chegou a ser conferencista no movimento das conferências. O *Jornal do Comércio* publicou isto no ano de 1881. Não tive acesso ao conteúdo da conferência de Hemetério, mas, em relação ao *Livro dos Meninos*, o conteúdo analisado não deixa dúvidas que, para além da crítica que ele faz à escravidão, Hemetério traduz para o universo estudantil aspectos da plataforma política dos abolicionistas. Com este livro, ele também combate a ideia de hierarquização dos povos por fatores raciais. Neste ponto, Hemetério foi mais que um *mediador*, foi intelectual *criador*, para usar um termo de Sirinelli (1996). Isto porque, anos a frente de um Sylvio Romero, por exemplo, Hemetério, em pleno ano de 1881, argumentava a respeito do carácter heterogêneo, em termos raciais, da sociedade brasileira. Mais do isto, anos antes do seu amigo Manuel Bonfim, Hemetério argumentava em prol de um projeto de sociedade antirracista.

Por sinal, o combate às teorias racistas da época foi outra marca da trajetória de Hemetério José dos Santos. Além do *Livro dos Meninos*, sua conferência literária *Pretidão de amor* e sua reflexão sobre as *Etymologias* da palavra “preto” revelam um pensador e filólogo atento às mazelas do seu tempo, no que tange a prática da discriminação racial, e preocupado com o acesso da juventude negra à escola. Em *Pretidão de Amor*, texto referido, mas pouco analisado em sua profundidade pela historiografia que tomou Hemetério como tema, vi um pensador preocupado em apresentar argumentos que visavam ao combate às teorias da miscigenação. Tanto àquela do ponto de vista negativo, que negando importância aos negros e os tomando como agente de impulsos não civilizatórios, propunha o *branqueamento* como saída para o suposto problema do Brasil ser de maioria negra; quanto à outra que, apesar de ver importância na contribuição dos negros à sociedade, os tomava em inferioridade à contribuição dos brancos, visto como agentes da suposta civilização superior. Hemetério se apropria do tema do *amor* para combater estas ideias, pois, ao seu juízo, todos os povos, como seres humanos que são, têm qualidades e defeitos, e a melhor miscigenação é aquela que toma o encontro de pessoas com tom de pele distinto em pé de igualdade.

Enfim, Hemetério argumenta em prol de um amor antirracista, pois, o amor, no sentido da sua essência fraterna, só pode ser compreendido na perspectiva do antirracismo, à medida que é um sentimento voltado à fraternidade entre os povos. Neste sentido, Hemetério atacou diretamente a hipocrisia de autoridades da Igreja Católica (não poupando nem o Papa),

que patrocinavam e reproduziam o preconceito e a discriminação, em termos raciais, no interior da igreja. A coragem que Hemetério teve de enfrentar o racismo do seu tempo, algo que até nos dias atuais ainda é dificultoso para muitas pessoas, o fez ter admiradores até no campo do anarquismo, no caso, o anarquismo cristão, a exemplo de Fábio Luz e Curvelo de Mendonça. A abordagem que Hemetério apresenta sobre o tema do amor, inclusive, é próxima da perspectiva anarquista da época.

Hemetério aproveitou sua conferência para atacar um problema que Evaristo de Moraes também se preocupou: o acesso da juventude negra à escola. Algumas fechavam a porta para os negros, como foi o caso do ocorrido com o filho de Hemetério. Estou me referindo à discriminação racial sofrida, possivelmente, por Luiz Hemetério dos Santos, ao ser impedido, em 1917, de ingressar no Colégio São Vicente de Paula de Petrópolis por ser negro. Hemetério combateu a discriminação sofrida por seu filho, e este seu combate ganhou as páginas da imprensa tradicional da época e também em jornal de imprensa negra, como foi o caso do *O Exemplo*, do Rio Grande do Sul, que publicou várias matérias refletindo sobre o ocorrido.

Outra contribuição importante de Hemetério foi o seu *Etymologias Preto*. Neste texto, Hemetério atua como filólogo antirracista, desconstruindo a visão comum, que ainda se mantém em grande parte, de associar as palavras “negro” e “preto”, a sentidos negativos. Ele fez um percurso histórico da etimologia destes vocábulos e fundamentou a impropriedade dessa associação. Seu combate se dirigiu a gramáticos como Alfredo Gomes e João Ribeiro, que insistiam em manter esta associação. Percebe-se um Hemetério atento ao aspecto da palavra como portadora de uma visão ideológica pautada em fundamentos preconceituosos e racistas, e, neste sentido, tendo o conhecimento como arma, Hemetério produziu seu contra discurso.

Neste sentido, há de se destacar o pioneirismo do professor. Em tempo não muito distante, após a promulgação da Lei 10639/2003, todo um movimento foi feito para se impedir o uso da palavra “denegrir”, por exemplo, no sentido de se evitar a reprodução da ideia de “negro” como algo ruim e negativo. Ora bolas! Vejam que no início do século XX, o professor Hemetério, ao seu modo, e com o seu vasto conhecimento no campo da filologia e da história do negro, já enfrentava esta questão. Do mesmo modo, um dos argumentos utilizados por Hemetério para combater as visões da época que propagavam a inferioridade dos povos negros foi exaltar as contribuições da África e do negro para a humanidade. Neste sentido, seguindo a trilha de outros intelectuais, a exemplo de Luiz Gama, Hemetério afirmava a positividade do “ser negro”.

Em época de se lutar para que a Lei 10.639/2003 seja mantida e cumprida, é salutar conhecer as experiências deste professor que era ridicularizado por alguns órgãos da imprensa da época por exaltar a África e os africanos, numa conjuntura onde a ideia hegemônica era entender este continente como desprovido de história e de civilização, como tentou selar Hegel, em seu clássico discurso. Entretanto, aqui no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, existia um Hemetério José dos Santos que levava para a sala de aula outra história, como a história de Palmares, por exemplo. E aí, mais uma vez, o pioneirismo de Hemetério precisa ser destacado.

Em pleno ano de 1885, no Colégio Froebel, colégio de sua propriedade e que estava sob sua direção, Hemetério realizou atividade pedagógica em que os estudantes da escola tomaram ciência da experiência histórica dos Quilombos de Palmares. Isto se deu a partir da leitura do texto do historiador português Oliveira Martins, cujas obras foram referência para Sylvio Romero, Manuel Bonfim, Gilberto Freyre e outros intelectuais brasileiros do final do XIX e primeiras décadas do século XX. Apesar de Oliveria Martins reproduzir a visão preconceituosa da época para com o negro, na parte específica em que escreve sobre Palmares, este compara Palmares a Tróia e a Roma, berços da civilização europeia. Desta feita, a mensagem exaltada foi de grandiosidade e de algo marcante que entraria para história como memória da luta em prol da liberdade. Para quem acha que está inventando a roda, é sempre bom se embrenhar na pesquisa histórica, sobretudo, dos anônimos e dos que foram esquecidos, como nos ensina Thompson. Haverá sempre algo a se descobrir que, em alguns casos, a roda já fora inventada.

Hemetério também tomou posições políticas em face de questões raciais, a exemplo do apoio que deu à impressionante mobilização e campanha de Monteiro Lopes para garantia do seu mandato de deputado eleito. Além disso, houve também a carta publicada em que justificou o porquê não daria seu apoio à campanha presidencial de Rui Barbosa, uma vez que este se colocou publicamente contra as contribuições dos negros e dos indígenas na formação cultural da sociedade brasileira. Hemetério combateu posições racistas de outros intelectuais da época, a exemplo de Alcindo Guanabara e José Veríssimo.

A *arma da educação* que Hemetério utilizou para se afirmar profissionalmente e combater seus adversários racistas também foi empunhada pela família. Apesar das reclamações de que ele tentava manter a família sobre seu controle, dois legados marcaram a memória familiar em relação à história de Hemetério: a questão racial e a questão educacional/cultural. Relatos de familiares destacam que foram despertados a buscar compreender o problema do racismo na sociedade, e que, através do estudo e do

conhecimento, as condições para enfrentar este problema eram melhores. Neste sentido, vale destacar a presença de vários familiares que abraçaram a profissão docente, seguindo os exemplos de Hemetério e de sua esposa Rufina, esta que carregou nas veias a ancestralidade do grande Paula Brito e que iniciou sua formação na Escola Normal da Corte após o casamento com Hemetério.

Os relatos dos dois familiares entrevistados também revelaram algo digno de registro: a presença marcante da cultura umbandista entre pessoas da família de Hemetério. Não se pode afirmar que Hemetério esteve ligado à religião da Umbanda. As evidências indicaram sua crença no cristianismo. Mas, a se considerar os relatos que indicam práticas umbandistas na família de alguns dos próprios filhos de Hemetério, e nas gerações seguintes, a tolerância religiosa parece ter sido algo que ele praticara.

Por fim, vale terminar esta tese destacando a situação interessante de ter que olhar para o passado de uma personagem da história brasileira nascida em meados do século XIX, que foi o caso de Hemetério José dos Santos, e, no curso da pesquisa, me deparar com uma parte da minha própria história, pois, eu e a bisneta de Hemetério, Heliana Hemetério dos Santos, entrevistada por mim para esta tese, estivemos lado a lado participando de debates e das atividades do Movimento Negro através do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), na década de 1980. Foi através do IPCN que eu e Heliana iniciamos nosso aprendizado de militantes deste movimento social. Naquela ocasião, eu desconhecia o significado do sobrenome que Heliana carregava. Os orixás conspiraram para que eu, trinta e cinco anos depois, conhecesse o legado histórico deste sobrenome. Valeu professor Hemetério José dos Santos!

REFERÊNCIAS

FONTES

OBRAS E TEXTOS DE HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS

Grammatica elementar da língua portuguesa: acrescentada e organizada segundo o programma do Collegio de Pedro II. Rio de Janeiro: Editor Serafim José Alves, 1879.

Livro dos meninos: contos brasileiros de acordo com os processos modernos. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica de J. G. de Azevedo, 1881.

Grammatica portuguesa adotada na Escola Normal do Distrito Federal. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1897 (1ª edição)/ 1913 (3ª edição).

Grammatica Portugueza – Destinada ao curso do Colégio Militar. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C., 1897.

Pretidão de amor: conferências literárias. Rio de Janeiro: Typ. d'Os Annaes, 1905.

Carta aos maranhenses. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1906.

Etymologias – preto. Almanaque Garnier, Rio de Janeiro, 1907.

Ensino Municipal – Carta ao Dr. Curvello de Mendonça. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Commercio, 1909.

Fructos cadivos (poesia). Rio de Janeiro, 1919. Rio de Janeiro – São Paulo – Bello Horizonte: Livraria Francisco Alves.

Prefácio do livro *Da República à Ditadura* de Durmund Martins, Rio de Janeiro, 1931.

JORNAIS E PERIÓDICOS CITADOS E DISPONIBILIZADOS PELA HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial (MA), 1859, Edição 00002, p. 166./ 1862, Edição 00002, p.194./ 1865 – Edição 00007, p. 197.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro 1844-1885, p. 515/1882 Edição 00039-1/1891, edição C00048(1), p. 477.

Almanaque Garnier, 1907, edição 00008-1, p. 237-239.

Almanak Lammert (1891-1940) páginas 516 e 567 / 1893, edição A00050(1), p. 1291 / 1891, edição C00048(1), p. 477/ 1891, edição C00048-1, , p. 478 /1893, edição A00050 -1, p. 1291/1896, edição A00053(3), p. 1545/ 1900, edição A00057-1, p. 1530 / edição A00059-1, p. 539 – até 1927/1918, edição A00074(1), p. 644.

Almanak Gazeta de Notícias – 1902 – edição 00023-1, p. 364.

A Alvorada, 16.11.1919, edição 00045-1, p. 2.

O Album de Fevereiro de 1893, p. 1.

A Batalha, 02.08.1933, edição 01052(1), p. 3.

O Brazil: Folha Diaria – RJ, 07.05.1891, edição 00328-1, p. 2.

Jornal do Brasil, 01.06. 1896, edição 00153-1, p. 3/ 10.07.1902 (edição 00191(1), p. 2) / 15.12.1910, edição 00349 (1), p. 5./ *Jornal do Brasil*, 08.02.1933, edição 00033(1) / Segundo Caderno, 26.02.1956, edição 00046(3), p.1 (folha 17).

A Capital, 11.11.1903, edição 00631(1), p. 2 / 12.11.1903, edição 00632(1), p. 1.

A Capital do Amazonas 28.07.1917, edição 00013-1, p. 1.

A Cidade do Rio, 11.06.1888, edição 00131-1, p. 01. / 20.06.1888, edição 00136-1, p. 3./ 21.05.1893, edição 00135(1), p. 2/08.07.1893, edição 00183-1, , p. 4.

O Clarim d'a Alvorada, de 20 de fevereiro de 1927 (Edição 00030-1, p. 02)

Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, 30.10.1881, edição 00302-1, p. 01. /30.12.1881, edição 00362-1, p. 1./ 1881, edição 93-1, p. 2./ 13.02.1883, edição 00044, p. 03./ 04.10.1883, edição 00276-1, p. 03./ 10.04.1886, edição 00183-1, p./ 2.03.07.1886, edição 00183-2, p. 3./ 14.02.1897, edição 00045(1), p. 3./ 22.01.1910, edição 00022, p. 04./ 26.07.1917, edição 00206-1, p. 5.

Correio da Manhã, 01.10.1908, p. 3./ *Correio da Manhã*, 1909, edição 02779, p. 3. /15.12.1910, edição 03437-2, p. 3./ *Correio da Manhã*, 27 de novembro de 1916./ 28 de junho de 1933, edição 11831-1, p. 8 / 04 de agosto de 1935, edição 12323-1, p. 23-24. /29 de dezembro de 1935, edição 12613-1, p. 21/ 24.05.1936, edição 12738-1, p. 23.

Correio Mercantil , 16 de dezembro de 1861,edição 00332-1, p. 3*Diário do Brasil*, 02.10.1883, p. 3. /

Diário do Brazil, 02.07.1885, edição 00146-1, p. 1.

Diário de Notícias, 19.11.1885, p.2. / 23. 06. 1888, p. 1. /23.07.1892, edição 02567(1), p. 1./ 18.05.1895, edição 03577(1), p. 1./*Diário de Notícias*, 1938, edição 3751-1, p. 5./ 28.07.1944, edição 06676(1), p. 9. /21.08.1947, edição 07614(1), p. 11.

Diário do Maranhão de18 de julho de 1876, Edição 885-1, p. 1./ *Diário do Maranhão* de 06. 01. 1877 (edição 01027, p. 4).

Diário do Rio de Janeiro, 11.06.1875, edição 00160(1), p. 3. / 10.11.1875, edição 309 (1), p. 2./ 12.11.1875, edição 00311(1), p. 2./ 07.12.1875, edição 00336 (1), p. 2./ 26.05.1878, edição 48-1, p. 1.

Jornal Dom Casmurro, 27 de maio de 1939, edição 103-1, p. 12.

Jornal dos Economistas de 25.03.1882, edição 4-1, p. 07.

A Época, 05.04.1917, edição 01728(1), p. 1. / 25.01.1919, edição 02385-1, p. 4.

A Esquerda, 07.01.1931, edição 00919(1), p. 2.

O Exemplo, 08.04.1917, edição 00015(1), p. 1./ 22.04.1917, edição 00017-1, p. 1 e 2)/ 29.04.1917, edição 00018(1), p. 1./ 06.05.1917, edição 00019(1), p. 1. / 12.08.1917, edição 00032(1), p. 1. / 09. 03.1919, edição 00010-1, p. 01 e 02.

A Federação, 30.10.1906, edição 00252-1, p. 1. / 11.03.1910, edição 00059(1), p. 4./ 25.06.1915, edição 00145-1, p. 7./ 25.04.1919, edição 00097-1, p. 4.

Gazeta do Norte de MG (Edição 00651-1, 02.03.1929, p. 1

Gazeta de Notícias de 12.04.1878, edição 100-1, p. 2. / 07.05.1879, edição 125-1, p. 3./ 12.12.1883, edição 00346-1, p. 1./ *Gazeta de Noticias*, 28.10.1886, p./ 02. 29.10.1886, edição 00302-1, p. 02. / 31.12.1889, edição 00365-1, p. 2. / 28.05.1894, edição 00146 (1), p.1. / 07.04.1906, edição 00097-1, p. 02 / 11.12.1908, edição 00346(1), p. 2./ 25.05.1910, edição 00145, p. 6. / 20.10.1910, edição 00293(1), p. 4. / / 14.01.1916, edição 00014-1, p. 3./ 04.08.1939, edição 00184(1), p. 8.

Gazeta da Tarde, 17.11.1881, p.2.

O Globo, 24.01.1875, Edição 24-1, p. 1.

O Imparcial, 10.04.1917, edição 01558(1), p. 5./ 02.12.1919, edição B01326-1, p. 3.

A Imprensa, 18.12.1912, edição 01812-1, p. 7.

O Jornal, 01.12.1919, edição 00168-1, p. 4./ 10.12.1920, edição 00541(1), p. 11./ 28.11.1931, edição 04008-1, p. 6. / 21.02.1937, p. 03, edição 05426-1. / *O Jornal* – RJ, 4 de agosto de 1939, p. 6.

Lanterna do Rio de Janeiro, 02.04.1918, edição 00397-1, p. 1.

Liberal Mineiro – Órgão do Partido, 10.01.1888, edição 00002(1), p. 3, Ouro Preto.

O Liberal, edição 00145, 05.05.1870, p 1 e 2 de Recife

A Manhã, 17 de outubro de 1945, edição 26-1, p. 9.

A Nação (edição 0047, páginas 1 a 4) de 30 de janeiro de 1871.

A Noite, 25.01.1937, edição 08963, p. 1.

A Notícia, 22.09.1898, edição 00233(1), p. 2.

Pacotilha do Maranhão, 07.04.1917, edição 00081-1, p. 1.

O Paiz, 01.08.1887, edição 01030-1, p. 01. / 08 de julho de 1893 (edição 04078(1), p. 1)/ 10.04.1906, edição 07859(1), p. 2. / 07.03.1909, edição 08920(1), p. 6./ 24.03.1909, edição 08937(1), p. 2 / 25.03.1909, edição 08938(1), p. 3 / 27.03.1909, edição 08940(1), p. 03 / 21.12.1909, edição 009209, p. 3. / 14.01.1910, edição 009233, p. 6. / 13.02.1910, edição 09262, p. 02. / 03.04.1910, edição 09311(1), p. 4. / 10.04.1910 (edição 09318-1, p. 08/ 31.05.1910, edição 009369, p. 3. / 07.03.1911 (edição 09648-1, p. 10 / 18.06.1911, edição 09751(1), p. 3/ 24.10.1911, edição 09879(1), p. 2./ 28.02.1912, edição 10006(1), p. 3. / 23.02.1913, edição 10366(1), p. 9./ 14.03.1912, edição 10021- 1, p. 9./ 08.03.1913 (edição 10379-1, p. 10) / 05.04.1913, edição 10407(1), p. 10 / 25.08.1914, edição 10914(1), p. 5. /28.01.1915 (edição 11070-1, p. 8 / 08.04.1915, edição 11140(1), p. 5./ 28.12.1915, edição 11404(1), p. 6. / 05.02.1916 (edição 11443-1, p. 9). / 19.06.1916, edição 11578(1), p. 5. / 31.07.1929, edição 16355-1, p. 2.

O Radical, 04.08.1939, edição 02241-1, p. 3

A Reforma, 07.10.1877, edição 00227, p. 3.

O Seculo, 07.04.1910, edição 01111-1, p. 1 e 2/ 21.05.1910, edição 01123, p. 1 e 2 /24.05.1910, edição 01151(1), p. 2. / 29.08.1910, edição 01234(1), p. 1. / 10.12.1915, edição 01559-1, p. 3.

O Tempo, 21.07. 1892, edição 00421(1), p. 1./ 24.07.1892, edição 00424(1), p. 2. / 26.07.1892, edição 00426(1), p. 2 e 3. /30.07.1892, edição 00430, p. 1./ 02.08.1892, edição 00433, p. 1./ 05.08.1892, edição B00434(1), p. 1. / 12.08.1892, edição 441(1), p. 1./ edição 00444-1, 15.08.1892, p. 1/ 10.10.1892, edição 00506-1, p. 4./ *Tempo* de 03 e 04 de abril de 1893.

A União do Rio de Janeiro, 12.04.1917, edição 00029-1, p. 1).

A Vanguarda, 03.12.1885, edição 00016-1, p. 01.

REVISTAS

Anuario de Minas Gerais, 1913, p. 929.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos publicada em 1952

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil, Tomo XLI, Parte

Segunda, Quarto Trimestre, Rio de Janeiro, 1878.

Revista Brasileira de Ensino, fevereiro de 1926, edição 0007 (Ano I) (1), p. 11).

Revista Brazil Moderno, 03.06.1911, edição 0005-0006 (3), p. 6.

Jornal da Moças - Revista Illustrada, 23.08.1923, edição 00427(1), p. 19.

Revista Ilustração Brasileira, em 01 de novembro de 1910 (edição 00035-1, p. 148)

Revista Brasileira da Academia Brasileira de Letras

Revista Educação e Pediatria

Revista do Instituto de Língua Portuguesa

Revista Escola Primária

Revista Ilustrada do Colégio Militar

Revista Quando o Brasil Amanhecia.

ENTREVISTAS

Entrevista de Heliana Hemetério dos Santos, 17.11.2017.

Entrevista com Renato Alhadas, 17 de julho de 2017.

Entrevista com Paulo Roberto dos Santos ocorreu em 07 de março de 2018.

MURICY, Antônio Carlos da Silva. Antônio Carlos Murici I (depoimento, 1981). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993.

OBRAS E DICIONÁRIOS

Diário Íntimo, Lima Barreto, 1956.

A Campanha Abolicionista, Evaristo de Moraes, 1924.

O Brazil e as Colonias Portuguezas, J. P. Oliveira Martins, 1920.

Pantheon Maranhense – Ensaio Bibliographico dos Maranhenses illustres já falecidos, Antonio Henriques Leal, 1874.

Ursula, Maria Firmina dos Reis, 1859.

Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de Francisco Braga

Anuário de Estatística Municipal do Rio de Janeiro/Districto Federal – Volume II – 1910/1911

Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1890, Diretoria Geral de Estatística, 1898.

Diccionario Bibliographico Brasileiro

Dicionário Bibliográfico da Academia Brasileira de Filologia

Diccionario Bibliographico Brasileiro de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (Sete volumes – 1883 a 1902.

Diccionario Historico-Geographico da Provincia do Maranhão de Cezar Augusto Marques, 1870 (três volumes).

LEIS E DECRETOS

Decreto n.º 7247, de 19 de abril de 1879. Reforma o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império.

Decreto n.º 1331A, de 17 de fevereiro de 1854. Regulamento da Instrução Primária e Secundária no Município da Corte.

Decreto Municipal n.º 38 de 1893. Regula o Ensino Primario no Districto Federal. Boletim da Prefeitura. Rio de Janeiro.

Constituição brasileira de 1891.

Lei 10639/2003. Institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos afro-descendentes nas escolas públicas e particulares no Brasil.

Diretrizes Curriculares da Lei 10639 - 2004

Decreto nº 2.745 de 13/02/1861 que criou o Instituto de Menores Artesãos da Casa de Correção da Corte

Diário Oficial da União de 22 de dezembro de 1899, páginas 9928 e 9929.

ARQUIVOS

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Centro de Memória da Educação Brasileira – CMEB/ISERJ

Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II – NUDOM/CPII

Biblioteca Nacional.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário Histórico Biográfico da República Velha (1889 – 1930)*, FGV, 2015.

ABREU, Martha. *O Império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/FAPESP, 1999.

- Mello Moraes Filho: Festas, Tradições Populares e Identidade Nacional. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História. In: *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Organizado por Rachel Soihet, Maria Fernanda B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

- *Da Senzala ao Palco: Canções escravas e racismo nas Américas (1870-1930)*, UNICAMP, 2017.

ABREU, Rodrigo Bueno de. A Marcha contra a Farsa da Abolição na transição democrática brasileira. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História, Rio de Janeiro, 2015, 174 fls.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio e Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílca Araújo (org.). *Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALMEIDA, Sílvia Capanema e Rogério Sousa Silva (2013), Do (in) visível ao risível: o negro e a “raça nacional” na criação caricatural da Primeira República. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, Vol. 26, nº 52, p. 316-345, julho-dezembro de 2013.

ALMEIDA, Sílvia Luiz de. *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*, São Paulo, Paz e Terra, 2002.

- *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868 1888)*, São Paulo: Cia Letras, 2015.

ALVES, LLOPIS, Rosana. Carlos de Laet: entre o magistério, a política e a fé. Niterói: UFF, 2013. (tese de doutorado em Educação).

ARAÚJO, Márcia Luiza Pires de. A escola primária da Frente Negra Brasileira em São Paulo (1931 – 1937). In: OLIVEIRA, Iolanda & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e outros (org.). *Negro e Educação 4: Linguagens, resistências e políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa; ANPED, 2007.

ARAUJO, Antonio Martins de. A Linguística portuguesa e o Grupo Maranhense. Publicado na *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, Ano II, N. II, Nova Fase, Rio de Janeiro, 2003.

- Hemetério José dos Santos, o demolidor de preconceitos In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de & SILVA, José Pereira da. Verbete: “Hemetério José dos Santos”. *Dicionário BioBibliográfico da Academia Brasileira de Filologia* (p. 316 – 319), Rio de Janeiro, ABRAFIL, 2012

ARIZA, Marília Bueno de Araújo. *Mães infames, rebentos venturosos: Mulheres e crianças, trabalho e emancipação em São Paulo (século XIX)*. Doutorado em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas/O caso da vara. Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Globo, 1997.

- *Iaiá Garcia* (1ª edição - 1878). *Obras Completas de Machado de Assis*. São Paulo: Globo, 1997.

- *Pai contra mãe*. In: *Relíquias de casa velha/ Obras Completas de Machado de Assis*. São Paulo: Globo, 1997.

AZEVEDO, Alexandre Ramos de. Abrigos para a infância no Brasil: por que, quando e como os espíritos entraram nessa história. Rio de Janeiro: UERJ/PROPed, 2006 (dissertação de mestrado em Educação).

AZEVEDO, Aluísio. *O mulato* (1ª edição 1881). São Paulo, Klick Editora.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. A recusa da ‘raça’: anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos de 1830. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 297-320, jul./dez. 2005.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luís Gama na imperial cidade de São Paulo*, de Elciene Azevedo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de & SILVA, José Pereira da. Verbete: “Hemetério José dos Santos”. *Dicionário BioBibliográfico da Academia Brasileira de Filologia* (p. 316 – 319), Rio de Janeiro, ABRAFIL, 2012

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. (Coleção Obras Completas de Lima Barreto)

BARBOSA, Márcio (entrevistas). *Frente Negra Brasileira: depoimentos*. São Paulo: Quilombohoje, 1998.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARRETO, Fausto; LAET, Carlos. *Anthologia Nacional*, 1929, 14ª Edição, Livraria Francisco Alves, São Paulo e Belo Horizonte.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1ª edição - 1909). São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. (Coleção Obras Completas de Lima Barreto).

- *Diário Intimo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Coleção Obras Completas de Lima Barreto).

BARRETO, Raquel. *Enegrecedo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. Rio de Janeiro: PUC, 2005. (dissertação de mestrado).

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Um balanço sobre a produção da história da educação dos negros no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya A. Pombo de. (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATISTA, Wagner Vinhas. Palavras sobre uma historiadora transatlântica - estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Salvador: UFBA, 2016. (tese de doutorado).

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Volume I (1883), Volume II (1893), Volume III (1895), Volume IV (1898), Volume V (1899), Volume VI (1900) e Volume VII (1902).

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1993.

BOBBIO, Norberto. *Intelectuais e poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: UNESP, 1997 (1a ed. 1978).

BONATO, Náilda Marinho da Costa. A escola profissional para o sexo feminino através da imagem fotográfica. Campinas: UNICAMP, 2003. (tese de doutorado em Educação).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.183-191.

BRAGA, Francisco. Exposição comemorativa do centenário do nascimento de Francisco Braga (1868-1945). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1968.

BRASIL, Eric. Carnavais atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição. Rio de Janeiro e Port-Of-Spain, Trinidad (1838-1920). Niterói: UFF, 2016. (tese de doutorado).

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro, José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

CABRAL, Amílcar. *Obras Escolhidas: A Arma da Teoria - Unidade e Luta*, Lisboa, Seara Nova, 1978.

CAMARGO, Oswaldo de. O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial, 1987.

CAMPOS, Andreia da Silva Laucas de. Fábio Luz e a Pedagogia Libertária: Traços da Educação Anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938). Rio de Janeiro: UERJ, 2007. (dissertação de mestrado em Educação).

CARNEIRO, Alan & LOPES, Raimundo Helio. Verbetes “Benedito Pereira Leite” disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Benedito.pdf>.

CARONE, Edgard. *A República Velha I – Instituições e classes sociais (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand S.A, 1988.

CARULA, Karoline. As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880). Campinas: UNICAMP, 2007. (dissertação de mestrado).

- A imprensa feminina no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 261-279, janeiro-abril/2016.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. O livro escolar no Maranhão Império: produção, circulação e prescrições. Araraquara: UNESP, 2012. (Tese de Doutorado).

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

- *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- *Trabalho, Lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

- Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis (cap. 4). In: *Pensadores negros – Pensadoras negras, séculos XIX e XX*, organizado por Sidney Chalhoub e Ana Flávia Magalhães Pinto. Recôncavo Baiano: UFRB, 2016.

- Medo Branco de Almas Negras: Escravos, Libertos e Republicanos na Cidade do Rio. São Paulo: *Rev. Bras. de Hist.*, v.8, nº 16, pp. 83-105, mar.88/ago, 1988.

CHALHOUB, Sidney & PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Orgs.) *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Recôncavo Baiano: UFRB, 2016.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAMON, Carla Simone, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: A trajetória profissional de uma educadora (1864-1914), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. (tese de doutorado em Educação).

CHARLE, Christophe. O nascimento dos intelectuais, *História da Educação*, Pelotas, n. 14, set. 2013.

CHARTIER, Roger. *O mundo como Representação*. São Paulo: *Estudos Avançados*, 1991.

- A História cultural – Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.

CORD, Marcelo Marc. Andaimos, casacas, tijolos e livros: Uma Associação de Artífices no Recife, 1836 – 1880. Campinas: UNICAMP, 2009. (tese de doutorado).

COSTA, Odaléia Alves. O livro do povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1881-1881). São Paulo: USP, 2013. (tese de doutorado).

COSTA E CUNHA, Beatriz Rietmann da. Ensino secundário militar na Primeira República: a construção dos Colégios Militares (1889-1919). 228f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

- Assistência e profissionalização no Exército: Elementos para uma história do Imperial Colégio Militar. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. (dissertação de mestrado em Educação).
- CRUZ, Mariléia dos Santos. Escravos, forros e ingênuos em processos educacionais e civilizatórios na sociedade escravista do Maranhão no século XIX. São Paulo: UNESP, 2008 (tese de doutorado).
- produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, 2016.
- CUNHA, João Alípio de Oliveira. Em busca de um espaço: a linguagem gestual no candomblé de Angola – À memória de Marlene de Oliveira Cunha. (2017)
- D' ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismo e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DALL'AGNOL, Rafael Terra. Biografar, Imaginar, Escrever: Escrita Biográfica e Imaginação Histórica em Pereira da Silva. Porto Alegre: UFRS, 2017. (dissertação de mestrado).
- DAMATTA, Roberto. Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- DANTAS, Carolina Vianna. Cultura histórica, República e o lugar dos descendentes de africanos na nação. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs.) *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- O Brasil “café com leite”: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos. Rio de Janeiro, 1903-1914. Niterói: UFF, 2007. (tese de doutorado).
- *Manoel da Motta Monteiro Lopes, um deputado negro na I República*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.
- Monteiro Lopes (1867-1910), um “líder da raça negra” na capital da república. *Afro-Ásia*, núm. 41, 2010, pp. 167-209.
- DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, 2007.
- “Vai ficar tudo preto”: Monteiro Lopes e a cor na política. *Novos Estudos*, 2013.
- ESPÍNDOLA, Elisabete Maria. Cruz e Sousa: a verve satírica contra o preconceito e a discriminação. *Afro-Ásia*, nº 53, p. 115-147, 2016.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

- *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FARIA FILHO, Luciano M. A legislação escolar como fontes para a história da educação: uma tentativa de interpretação. In: _____. *Educação, modernidade e civilização*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

- Instrução elementar no século XIX. In: 500 anos de educação no Brasil. Organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes Faria Filho e Cynthia Greive Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. Guedes. A gramática brasileira no início do século XX: Grammatica Expositiva (Eduardo Carlos Pereira) e Grammatica Portuguesa (Hemetério José dos Santos) – ([llp.bibliopolis.info/confluência/pdf/50.pdf](http://lp.bibliopolis.info/confluência/pdf/50.pdf)).

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FILHO, Antonio Candeia. *Dia de Graça*, 1978.

FILHO, Sidney Aguilar. *Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)*. Campinas: UNICAMP, 2011. (tese de doutorado em Educação).

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: *História das crianças no Brasil*. Organizado por Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2010.

FONSECA, Marcus Vinicius. *A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

-A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya A. Pombo de. (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

- Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. São Paulo: USP, 2007. (tese de doutorado).

FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya A. Pombo de. (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). Introdução. In: *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FRANCHETTI, Paulo. *Oliveira Martins e o Brasil*. São Paulo: UNICAMP, 2000 (<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/download/3173/2655>).

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. (1ª edição – 1933). São Paulo: Global, 2003 (48ª edição).

FREIRE, Paulo. O pedagogo da revolução. Palestra de Paulo Freire sobre Amílcar Cabral na Universidade de Brasília em 1985 (Disponível em <http://forumeja.org.br/files/am%C3%ADlcar.pdf>)

GARZONI, L. C. Arena de combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX). Campinas: UNICAMP, 2012. (tese de doutorado em História Social).

GLEDHILL, Helen Sabrina. Travessias racialistas no Atlântico negro: reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino. Salvador: UFBA, 2014. (tese de doutorado).

- trajetória de Manuel Querino. In: *Pensadores Negros – Pensadoras negras*. (2016)

GODOI, Rodrigo Camargo de. Cor e política no segundo reinado: o editor Paula Brito e o debate entre liberais e conservadores na imprensa do Rio de Janeiro (1840-1850). In: *Pensadores negros – Pensadoras negras, séculos XIX e XX*, organizado por Sidney Chalhoub e Ana Flávia Magalhães Pinto. Recôncavo Baiano: UFRB, 2016.

GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*/ organizadoras Rachel Soihet, Maria Fernanda B. Bicalho e Maria de Fátima S. Gouvêa. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação - Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectual mediadores, práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Ed. Brasileira, 2016.

GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

- A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (secs. XVII-XIX). Campinas: UNICAMP, 1997. (tese de doutorado).

- *De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social*. São Paulo: Claro Enigma, 2011.

GOMES, Flávio dos Santos & CUNHA, Olívia Maria Gomes da (Orgs.). *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GOMES, Flávio; IORUBA, Togo (Gerson Theodoro); MARTINS, Sandra. Redemocratizando na raça: sobre memórias, intelectuais negros e movimentos sociais contemporâneos (notas de pesquisa) (2015)

GOMES, Marcela Moraes. Hemetério dos Santos: o posicionamento do intelectual negro a partir das obras Pretidão de amor e Carta aos Maranhenses. *Revista Cantareira*, jul.-dez./2011.

GOMES, Nailza da Costa Barbosa. Uma professora negra em Cuiabá na Primeira República: limites e possibilidades. Cuiabá: UFMT, 2009. (dissertação de mestrado).

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino & LABORNE, Ana Maria de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. Belo Horizonte: *Educação em Revista*, V. 34, 2018.

GONÇALVES, Ana Maria. *O defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONDRA, José Gonçalves. *A arte de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

- Instrução, intelectualidade, Império: apontamentos a partir do caso brasileiro. In: *Intelectuais e Escola Pública no Brasil: séculos XIX e XX*. Organizado por Tarcísio Mauro Vago...*et. al* (organizadores). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, Poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 1999.

GUINETO, Almir. Conselho, 2002.

HALL, Stuart. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Org.: Liv Sóvik. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: Sua História, a editora de Serafim, nos finais do século XIX, 2005.

HANCHARD, Michael George. Orfeu e o Poder: o Movimento Negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HEGEL, G. W. Friedrich. *Filosofia da História Universal*. Madri: Revista do Ocidente, 1928.

HELMUT, Heiland. *Friedrich Fröbel / Helmut Heiland*; tradução: Ivanise Monfredini. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

HENRIQUES, Ricardo. Silêncio – o canto da desigualdade racial. In: *Racismos contemporâneos/ organização Ashoka Empreendimentos Sociais e Takano Cidadania*. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX – 1914/1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- A era dos impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JESUS, Matheus Gato de. Racismo e Decadência: Sociedade, Cultura e Intelectuais em São Luís do Maranhão. São Paulo: USP, 2015. (tese de doutorado).
- Júnior, Edivaldo Góis. Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930). Campinas: *Revista Brasileira de Ciência e Esporte* de Campinas, V. 30, n. 2, p. 39-56, jan/2009.
- KABENGELE. Munanga. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime/Ensaio sobre as doenças mentais*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- LAMELA, Eduardo Carracelas. Da instrução dos trabalhadores à revolução social – a formação da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro em 1904. Niterói: UFF, 2017. (dissertação de mestrado).
- LARA, D, Ivone. Sorriso negro, 1981.
- LARA, Silvia Hunold. Blowin in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil. São Paulo: *Proj. História*, 1995.
- LEAL, Antonio Henriques. *Pantheon Maranhense: ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos*, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional, 1873.
- LEAL, Maria das Graças de Andrade Leal. Manuel Querino: narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 57, p. 139-170, Set.-Dez., 2016.
- *Manuel Querino – Entre Letras e Lutas (Bahia: 1851 – 1923)*. São Paulo: Annablume, 2009.
- LEITE, José Correia. *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Organização e textos de Cuti. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- LIMEIRA, Aline de Moraes. Impressos: veículos de publicidades, fontes para História da Educação. *Cadernos de História da Educação* – v. 11, n. 2 – jul./dez. 2012.
- *O Comércio da Instrução no Século XIX: Colégios Particulares, Propagandas e Subvenções Públicas*. Rio de Janeiro: Uerj, 2010 (dissertação de mestrado).
- LINS, Paulo. *Desde que o Samba é Samba*, Editora Planeta, 2012.
- LLOPIS, Rosana. Carlos de Laet: entre o magistério, a política e a fé. Niterói: UFF, 2013. (tese de doutorado).

LOPES, Katia Geni Cordeiro. A presença de negros em espaços de instrução elementar da cidade-corte: O caso da Escola da Imperial Quinta da Boa Vista. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. (dissertação de mestrado).

LOPES Raimundo Helio e Alan Carneiro. Verbetes: “Benedito Pereira Leite”. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LEITE,%20Benedito.pdf>

LOPES, Sonia de Castro. Arquivos do Instituto de Educação: suporte de memória da Educação Nova no Distrito Federal (anos 1930)1’. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, SP: Autores Associados, n. 9, p. 43-72, jan./jul. 2005.

MACIEL e FRADE. *Cartilhas de alfabetização e nacionalismo*, 2003, p. 29. In: *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, organizado por Eliane Peres & Elomar Tambara. Pelotas: Seiva, 2003.

MAIA, Clarissa Nunes (org.). *História das Prisões no Brasil*, Volume I. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MAIO, Marcos Chor. A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997 (Tese de Doutorado).

MARLEY, Bob. No woman no cry, 1974.

MARQUES, Cezar Augusto. *Diccionario Historico-Geographico da provincia do Maranhão*. São Luís: Typografia do Farias, 1870. (três volumes).

MARQUES, Gabriel Rodrigues Daumas. A educação do corpo e o protagonismo discente no Colégio Pedro II: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889-1937). Rio de Janeiro: UFRJ/Educação, 2011. (dissertação de mestrado).

MARQUES, Jucinato de Sequeira. Os fios e os rastros da escolarização do Distrito Federal (1890-1906). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. (tese de doutorado em Educação).

- Os desvalidos: o caso do Instituto Profissional Masculino (1894-1910) – uma contribuição à história das instituições educacionais na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. (dissertação de mestrado em Educação).

MARTINS, Angela Maria Souza (2013). A Educação Integral segundo a pedagogia libertária. In: Ligia Martha C. da Costa Coelho. (Org.). *Educação Integral: história, políticas e práticas*. 1ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2013, v. 1, p. 3-17.

- A educação anarquista no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. *Movimento*, Niterói, v. 11, p. 123-130, 2005.

MARTINS, J. P. Oliveira. *O Brasil e as Colonias Portuguezas*. Lisboa: Livraria e Editora Parceria A. M. Pereira, 1920.

MARTINEZ, Alessandra Frota. Educar e Instruir: A instrução popular na corte imperial – 1870 a 1889. Niterói: UFF, 1997. (dissertação de mestrado).

MARX, Karl. *Os 18 Brumário de Luís Bonaparte*. 1978.

- O capital: crítica da economia política, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATTOS, Hebe. Prefácio. In: Além da Escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação/Frederick Cooper, Thomas C. Holt, Rebecca J. Scott. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

- O ensino da História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*/Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.) – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- Memória e historiografia no Oitocentos: a escravidão como história do tempo presente. In: *Cultura política, memória e historiografia*/Orgs Cecília Azevedo ... [et al.] Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

- Laços de família e direitos no final da escravidão. In: *História da vida privada no Brasil: Império* (Volume 2) / coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. São Paulo: HUCITEC, 1990.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidos e Livres – experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2017.

MENDES, Aline Soares. *Precisa-se de um pequeno: O trabalho infantil no pós-abolição no Rio de Janeiro – 1888-1927*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2017. (dissertação de mestrado).

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920*. Niterói: Editora UFF, 2014.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org). *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro: Quart: Faperj, 2013.

MONÇÃO, Vinicius de Moraes. *Espinhos no Jardim: conflitos e tensões na criação do Jardim de Infância Campos Salles – Rio de Janeiro, 1909-1911*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. (dissertação de mestrado).

- Viajar para aprender. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e sua viagem à cidade de Nova York (1883-1887). In: SEMINÁRIO NACIONAL DO HISTEDBR, X, Campinas. *Anais do X Seminário Nacional do HISTEDBR: 30 anos do HISTEDBR (1989-2016). Contribuições para a história e historiografia da educação brasileira*. UNICAMP, 2016a, s/p, Disponível em:

<https://www.fe.unicamp.br/eventos/ged/histedbr2016/xhistedbr/paper/viewFile/900/22>

1.

- Mulheres conectadas, mulheres em rede. Possibilidade de abordagem para a construção de pesquisas em história da educação. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, XIV, Aguascalientes, México. *Anais do XIV Encuentro Internacional de História de la Educación. Historia, narrativa y memoria de la educación: magisterio, reforma y conflictos*. UAA, 2016b. Disponível em:

https://www.academia.edu/29979072/Mulheres_conectadas_mulheres_em_rede_Possibilidade_de_abordagem_para_a_constru%C3%A7%C3%A3o_de_pesquisas_em_historia_da_educacao

MORAES, José Geraldo Vinci de. O Brasil sonoro de Mariza Lira. Unioeste, *Revista Temas & Matizes*, Vol. 5, N. 10, 2º semestre, p. 29-36, 2006.

MORAES, Antonio Evaristo de. *A campanha abolicionista (1879-1888)*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1924.

MOREIRA, Wilson e Nei Lopes. Ao povo em forma de arte, 1978 (Samba- Enredo da Escola de Samba Quilombo).

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. *Educadores & alunos negros na Primeira República*. Brasília, DF: Ludens; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

- Pretidão de amor. In: OLIVEIRA, Iolanda (org.). *Cor e Magistério*. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006.

- *A cor da escola: imagens da primeira República*. Cuiabá: EDUFMT, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do & NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. e HUNTLEY, Lynn. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

NASCIMENTO, Rafaela Rocha do. dissertação A admissão de alunos pretos e pardos no Instituto Profissional Masculino (Rio de Janeiro, 1900-1910): um processo possível para as experiências escolares. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. (dissertação de mestrado em Educação).

NEGRO, Antônio Luigi, SILVA, Sérgio (orgs.). *E. P. Thompson – as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo ignorado. In: *Nova história das mulheres no Brasil*/(org.) Carla B. Pinsky e Joana M. Pedro. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: *Educação em Foco: História da Educação* V. 07, n. 12, set/fev, 2003/2004.

OLIVEIRA, Iolanda & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e outros (org.). *Negro e Educação 4: Linguagens, resistências e políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa; ANPED, 2007.

OLIVEIRA, Mariza Gama Leite de. Debates e embates na instrução pública primária e seus efeitos nas práticas do Instituto Ferreira Vianna (Rio de Janeiro, 1929 - 1940). Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. (tese de doutorado em Educação).

PAULILO, André Luiz de. O programa social da Reforma do Ensino de Fernando Azevedo (Distrito Federal – 1927-1930). *Revista Eletrônica Documento-Monumento: Dossiê História da Educação: horizontes de pesquisas*, Vol. 15 – N. 1 – Set/2015 – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIHR/Universidade Federal de Mato Grosso – (disponível em: www.ufmt.br/ndihr/revista).

PEIXOTO, Luiz Felipe de Lima; SEBADELHE, José Octávio. *1976 – Movimento Black Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

PEREIRA, Amauri Mendes. Para além do racismo e do anti-racismo – a produção de uma Cultura de Consciência Negra na sociedade brasileira. 413f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

- *Para além do racismo e do anti-racismo – a produção de uma Cultura de Consciência Negra na sociedade brasileira*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2013.
- *Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

PEREIRA, Amílcar Araújo. *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013;

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX. 350f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Campinas, Campinas, 2014.

- *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado, 2006.
- *Imprensa Negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- Vicente de Souza, homem de cor e homem universal: posicionamentos sobre raça na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro no final do século XIX. Porto Alegre: 8º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional (UFRGS - 24 a 27 de maio de 2017), Anais completos do evento disponíveis em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>

PINTO, Luis Aguiar da Costa. O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, Vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, fev/1997, pp. 25-39.

RAMUS, Gustavo. Anarquismo cristão e sua influência no Brasil, *Verve*, n. 13, p. 169-183, 2008.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2006.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez: *Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

REIS, Maria Firmina dos. *Ursula, romance original brasileiro por uma maranhense*. São Luiz: Typographia do Progresso, 1859.

RIBEIRO, Gladys Sabina (org). *Brasileiros e cidadãos: modernidade política – 1822-1930*. São Paulo: Alameda, 2008.

RIBEIRO, Jéssica Cristina Aguiar. O perigo de uma história única: a “invenção” de Codó – MA - como terra da macumba (1950 a 1990). São Luís: UFMA, 2015. (dissertação de mestrado).

RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe. Experiência e Narrativa – o pós-abolição como problema histórico. In: *Memórias do cativo: família, trabalho, e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RIZZINI, Irene. Crianças e menores – do Pátrio Poder ao Pátrio Dever – um histórico da legislação para a infância no Brasil. In: PILOTTI, F. e RIZZINI, I. *A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño, Ed. Universidade Santa Úrsula, 1995.

RIZZINI, Irma. A pesquisa histórica dos internatos de ensino profissional: revendo as fontes produzidas entre os séculos XIX e XX. *Revista Contemporânea*. UFRJ. V.4, nº 7, 2009.

- O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia Imperial. 446f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

- Processos de escolarização e circulação de crianças na Amazônia (século XIX), 2014.

- O elogio do científico: a construção do “menor” na prática jurídica. In: RIZZINI, Irene. *A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.

- Os pequenos trabalhadores do Brasil. In: *História das crianças no Brasil*. Organizado por Mary Del Priore. São Paulo: Contexto, 2010.

RIZZINI, Irma; GONDRA, José Gonçalves. *Higiene, tipologia da infância e institucionalização da criança pobre no Brasil (1875-1899)*, 2014.

RIZZINI, Irma; MARQUES, Jucinato de Sequeira. Os incorrigíveis da cidade: um estudo sobre a distribuição e circulação das infâncias na Capital Federal (décadas de 1900 e 1910). In: LOPES, Sonia; CHAVES, Miriam (org.). *A História da Educação em Debate: Estudos comparados, profissão docente, infâncias, família e igreja*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2012.

RIZZINI, Irma; MARQUES, Jucinato de Sequeira; MONÇÃO, Vinicius de Moraes. As tropelias e assuadas de escolares e garotos na cidade do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX. *Revista Educação em Questão*, v. 53, n.º 39, 2015, p. 159-185. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8526/6171>.

RIZZINI, Irma & SCHUELER, Alessandra. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). Curitiba: *Revista de História e Historiografia da Educação*, V.2, n. 4, Jan-Abr-2018.

RODRIGUES, Luis Maciel Tadeu. Hemetério José dos Santos: educador, homem de letras e sua obra. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, VII, Anais... Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil (1932)*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SÁ-JUNIOR, Mário Teixeira de. A invenção do Brasil no mito fundador da Umbanda. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Vol. 6, n. 11 - UFGD – jan-jun/2012.

SANTOS, Aderaldo Pereira dos. O Movimento Negro e a Juventude em conflito com a lei. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, 2007.

- Reflexões educativas sobre o ensino da História da África. In: *Relações étnico-raciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639/* Orgs Claudio Miranda, Mônica Regina Ferreira Lins e Ricardo Cesar Rocha da Costa. Rio de Janeiro: Quarte: Faperj, 2012.

- *Os primeiros anos da Escola João Luiz Alves (1926-1929)*. Rio de Janeiro: Novo Degase, 2018. (Série: História e Memória II).

- Fotografia e a memória da escolarização de estudantes negros na FUNABEM de Quintino. In: História e Memória da Educação Profissional no Rio de Janeiro: coletânea de artigos de autores da rede FAETEC/Centro de Memória da FAETEC (org). Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SANTOS, Aderaldo Pereira dos: Câmara Raul Japissú. Padre Severino: da pessoa ao Instituto. Rio de Janeiro: Novo Degase, 2013 (Série: História e Memória I).

- Ação afirmativa e outras questões. In: 21 dias de ativismo contra o racismo/Leila da Silva Xavier, Luciene da Silva Lacerda e Luiz Fernandes de Oliveira (organizadores). Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2018.

SANTOS, Amanda; SILVA, Alexandra Lima da. Booker T. Washington: A trajetória de um ex-escravo que se tornou professor. IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias, RJ, 2017.

SANTOS, Claudfranklin Monteiro & OLIVA, Terezinha Alves. As multifaces de “Através do Brasil”. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, V. 24, n.º 48 (p. 101-121), 2004.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in) visível (1880-1923). Rio de Janeiro: UERJ, 2014. (tese de doutorado em Educação).

- A Escola Primária: revista pedagógica dos inspetores escolares do Distrito Federal (1916-1939). Maringá: Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação: Matrizes Interpretativas e Internacionalização, 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. Movimento Negro e Crise Brasileira. In: Revista *Política e Administração*, n.2 Jul/Set- 1985 RJ.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge & MELO, Victor Andrade. Violentos e desordeiros: representações de dois clubes do subúrbio na imprensa carioca (década de 10). São Paulo: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 2013, Jul-Set; 27(3):411-22.

SCHELBAUER, Anaete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena C. *História e Memórias da Educação no Brasil*. Vol. II – Século XIX. Petrópolis: Vozes, 2ª. Ed., 2006, p. 132-149.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Intelectuais negros e projetos de educação (1870-1910): experiências docentes de André Rebouças, José do Patrocínio e Manoel Querino. Niterói, 2013.

- A imprensa pedagógica e a educação de escravos e libertos na corte imperial: impasses e ambiguidades da cidadania *Revista Instrução Pública (1872-1889)*. *Cadernos de História da Educação*, nº. 4, p. - ,jan./dez. 2005.

- Culturas escolares e experiências docentes na cidade do Rio de Janeiro (1854-1889). (tese de doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

- Trajetórias cruzadas e ação docente em luta por educação: André Rebouças, José do Patrocínio e Manuel Querino. In: FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya A. Pombo de. (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. Niterói: *Revista Tempo/UFF*, 2008.

SCHUELER, Alessandra; PINTO, Rebeca Natacha. Pensamento e projetos educacionais do professor André Pinto Rebouças (1838-1898): progresso, civilização e reforma social. In: Carula, Karoline; Corrêa, Maria Letícia; ENGEL, Magali Gouvêa (org.). *Os intelectuais e a nação: educação e saúde na construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2013, p. 21-48.

SCHUELER, Alessandra & RIZZINI, Irma. Hemetério José dos Santos: professor e intelectual negro nas disputas pela educação na cidade do Rio de Janeiro. In: MAC CORD, Marcelo; ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Rascunhos cativos: educação, escolas e ensino no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7Letras, 2017.

SCHUELER, Alessandra & RIZZINI, Irma. A “Caçada aos Menores”: disciplina e educação das infâncias nos Relatórios de Justiça e Polícia da Corte Imperial (1840-1889). *Revista Educação e Cidadania*, v. 6, n.º 1, jan./jun, 2007, p. 71-81. Disponível em: <http://rec.revistascientificas.com.br/numeros.php?a=2007&v=6&n=1>.

SCHUELER, Alessandra & RIZZINI, Irma. Entre becos, morros e trilhos: expansão da escola primária na cidade do Rio de Janeiro (1870-1906). In: *IX Congresso Brasileiro de História da Educação*, João Pessoa: UFPB, 2017.

SCHUELER, Alessandra; RIZZINI, Irma. “Tradições Inventadas” de uma Belle Epoque no Estado do Pará: expansão da escola primária para a infância. In: ARAÚJO, Sônia; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro; ALVES, Laura. *Educação e instrução pública no Pará imperial e republicano*. Belém: EDUEPA, 2015, p. 217-243.

SCHUELER, Alessandra; RIZZINI, Irma; MARQUES, Jucinato Sequeira de. Felismina e Libertina vão à escola: notas sobre a escolarização nas freguesias de Santa Rita e Santana (Rio de Janeiro, 1888-1906). *Revista História da Educação*, v. 19, n.º 46, maio/ago., 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/46047>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993;

- Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX, *Afro-Ásia*, 18, p. 77-101, 1996.

SCOTT, Rebecca J. & HÉBRARD, Jean M. *Provas de Liberdade – uma odisseia atlântica na era da emancipação*. Campinas: UNICAMP, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil/* Coord. Geral Fernando A. Novais; Org. do volume: Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (História da vida privada no Brasil, volume III – Introdução, p. 7 – 48).

SILVA, Adriana Maria Paulo da. A escola de Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista. Maringá: *Revista Brasileira de História de Educação*, V. 2 n. 4, 2002.

SILVA, Alexandra Lima da. Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil – Rio de Janeiro (1870-1924), UFF, 2008 (dissertação de mestrado).

- Pela liberdade e contra o preconceito de cor: a trajetória de Israel Soares. *Revista Eletrônica Documento Monumento*, V. 21, N.1, Jul/2017, Universidade Federal de Mato Grosso.

SILVA, Luara dos Santos. Negro, intelectual e professor: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1875 – 1920). Rio de Janeiro: ANPUH, 2014.

- SILVA, Luara dos Santos. Etimologias preto: Hemetério José dos Santos e as questões raciais de seu tempo (1888-1920). Dissertação. 152f. (Mestrado em Relações Etnicorraciais) – CEFET/RUJ, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, João Carlos da. Pesquisa historiográfica em educação: o Apostolado Positivista do Brasil e a Instrução Pública no Brasil.

Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Joao_Carlos_da_Silva_artigo.pdf
Último acesso em 18.06.2018.

SILVEIRA, Oliveira. O negro de alma negra/Entrevista de Oliveira Silveira a jornalista Fernanda Pompeu (2008). Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-negro-de-alma-negra-uma-entrevista-com-oliveira-silveira-2/> (Acesso 22.02.2018).

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: *Por uma História Política*. RÉMOND, René. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOARES, Aline Mendes. Precisa-se de um pequeno: O trabalho infantil no pós-abolição no Rio de Janeiro 1888-1927 – Rio de Janeiro, UNIRIO, 2017. (dissertação de mestrado).

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: *Nova história das mulheres no Brasil*/(org.) Carla B. Pinsky e Joana M. Pedro. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SOOMA, José Claudio. Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920. Rio de Janeiro, 2009. (tese de doutorado em Educação).

SOOMA, José Claudio; Rizzini, Irma; SILVA, Maria de Lourdes. Remodelar a capital carioca e sua gente: educação e prevenção nos anos 1920. Porto Alegre: História da Educação (Online), Set/Dez – 2012, p. 199-225.

SOUSA, Jorge Prata de (org.). *Escravidão: ofícios e liberdade*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ, 1998.

SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011 (dissertação de mestrado).

SOUZA, Flávia Fernandes de. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na Corte Imperial. In: GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patrícia (org.) *Intelectuais mediadores: projetos culturais e ação política*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2016.

SOUZA, Maria Zélia Maia de. *Educar o jovem para ser “útil à si e à sua Pátria”*: a assistência pela profissionalização, Rio de Janeiro (1894 – 1932). Belo Horizonte: UFMG, 2013 (tese de doutorado em Educação).

- Sociedade Amante da Instrução: Benfeitoria da “inocência desvalida” na corte imperial (1844-1889). (acesso: 23.12.2018).

disponível:<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Maria%20Zelia%20Maia%20de%20Souza%20-%20Texto.pdf>

- O aprendizado para o trabalho dos meninos desvalidos: nem negros escravos e nem criminosos (disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/170>).

TAMBARA, Elomar. *Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil*, 2003, p. 96. In: *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, organizado por Eliane Peres & Elomar Tambara. Pelotas: Seiva, 2003.

TAVARES, Rachel Sousa. *A infância no Maranhão imperial: a escolarização pública primária da criança pobre e livre no período de 1855-1889*. São Luís: UFMA, 2009. (dissertação de mestrado).

TERRA, Paulo Cruz. *Cidadania e trabalhadores: Cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1870 – 1906)*. Niterói: UFF, 2012. (tese de doutorado).

TEIXEIRA, Giselle Baptista. *Compêndios autorizados, saberes prescritos: uma análise da trajetória dos livros nas escolas da Corte Imperial*, 2008, p. 25. (Fundação Biblioteca Nacional).

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria – ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

- *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo Companhia da Letras, 1998.

- *Os românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

NEGRO, Antônio Luigi, SILVA, Sérgio (orgs.). *E. P. Thompson – as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

- Educação e experiência. In: THOMPSON, E.P. *Os românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TORRES, Rosane dos Santos. *Filhos da Pátria, Homens do Progresso: o Conselho Municipal e a Instrução Pública na Capital Federal (1892-1902)*. Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura/Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2012.

UEKANE, Marina Natsume. “Com o bom professor tudo está feito, sem ele nada se faz” – A Escola Normal e a conformação do magistério primário no Distrito Federal (1892-1912). Niterói: UFF, 2016. (tese de doutorado em Educação).

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VIANNA, Adriana de Resende Barreto. *O mal que se adivinha: polícia e minoridade no Rio de Janeiro, 1910 – 1920*, 1999.

VILLELA, Heloisa de O. S. Uma família de educadores “de cor”: magistério, redes de sociabilidade e projetos abolicionistas na capital fluminense (1860-1910). Niterói: UFF, 2004.

VIOLA, Paulinho da. *A dança da solidão*, 1972.

VIVEIROS, Jerônimo José de. Apontamentos para a história da instrução pública e particular do Maranhão. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos/INEP*, Vol. XVII, Janeiro-Março, n. 45, 1952.

XAVIER, Giovana. Entre personagens, tipologias e rótulos da “diferença”: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX. In: *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*/ Giovana Xavier, Juliana Barreto Farias, Flávio Gomes (orgs). São Paulo: Selo Negro, 2012.

XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patrícia (org.) *Intelectuais mediadores: projetos culturais e ação política*, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2016.

WIEVIORKA, Michel. *El espacio del racismo*. Barcelo: Ediciones Paidós Ibérica, 1992.
- *O racismo - uma introdução*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2007.

ANEXOS

1017

1947

CSS 77115

ESCOLA TÉCNICA João Alfredo

Distrito Federal 20 de Janeiro de 1948

SOLICITAÇÃO DE MATRÍCULA

Nome do aluno (por extenso) Jorge Thales Hemetério dos Santos.
Matriculada nova ou renovada? renovada.
Turma que frequentou no ano anterior: 47

Sexo que vai cursar no corrente ano: _____

Confissão religiosa: Católica

Naturalidade (declarar o Estado) Distrito Federal

Data do nascimento: 18 de junho de 1927 (ou do responsável) com parentes

Profissão (do pai) _____ (ou do responsável) transcrita

Nacionalidade (do pai) _____ (ou do responsável) brasileira

Condição social (do pai) _____ (ou do responsável) pobre

Orfão? Sim De pai e mãe

Residência Rua Almeida, 18, Bairro Afelê

Telefone próprio 29-5108 ou próximo _____

Assinatura: *Christos V. Hemetério dos Santos*
(Administrador do Ensino Profissional)

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO DE SECRETARIA :

O menor _____ frequentou em 194 _____ tendo sido _____ série do curso _____ da _____ série.
Está matriculado na turma _____ de _____ Distrito Federal, _____ de 194 _____

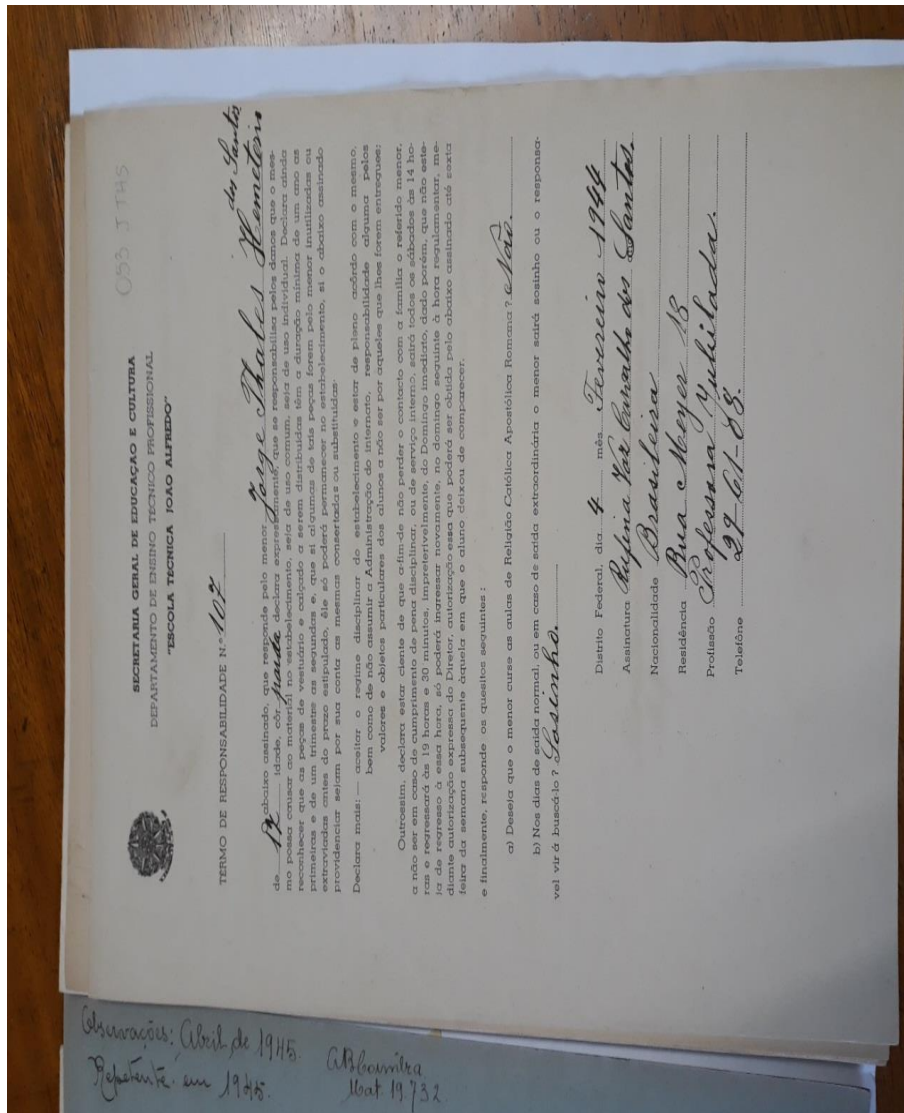
Funcionário da Secretaria _____

VISTO : _____

_____ Diretor da Escola

_____ Chefe do Serviço de Secretaria

Anexo 1: Solicitação de matrícula para Jorge Thales Hemetério dos Santos na Escola Técnica João Alfredo (Fonte: PROEDES)



Anexo 2: Termo de Responsabilidade de Jorge Thales Hemetério dos Santos na Escola Técnica João Alfredo (Fonte: PROEDES)

053 JTHS

Direção do Departamento de Ensino Secundário


Defeito nº
147/42
29/1/47
Director

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
TÉCNICO E PROFISSIONAL
Publicado em 19/01/47

1947

Refina dos Santos do Santo
requer inscrição em 2.º curso, de seu nome e idade,
40r.90. N.º 10. Departamento de Ensino, a termo
do 1.º curso do Instituto de Educação Secundária
Profissional João Alfredo, no termo de matrícula
- matrícula e documento, mantendo em que não obtive
matrícula em 1.ª época, para prosseguir a 2.ª vez.

E. D.



Encarregado
Refina dos Santos

Dr. J. Duarte do O. E. I.
onde se replicante está em uso.
1947
Instituto de Educação Técnico Profissional
João Alfredo - 1947

Anexo 3: Solicitação de inscrição no Instituto de Educação Técnico Profissional João Alfredo para Jorge Thales Hemetério dos Santos (Fonte: PROEDES)

107

Internato de Educação Técnico Profissional "João Alfredo"

O abaixo assinado, responsável pelo menor...
Jorge Thales Hemetério dos Santos...
Declara que se responsabiliza pelos danos que o mesmo possa causar ao material do Internato...

Os alunos matriculados no curso industrial básico devem trazer no dia de internação, os seguintes objetos para seu uso:

- 6 cadernos, sendo: - 1 para Português, 1 para Aritmética, 1 para Ciências, 1 para Geografia, 1 para História, 1 para Oficinas
- 5 livros, sendo: - 1 - Português (de acordo com o ano em que estiver matriculado), 1 - Aritmética, 1 - Ciências, 1 - Geografia, 1 - História
- 1 Lápis n.º 2
- 1 Par de esquadros 45º - 90º
- 1 Compasso ou unha
- 1 Caderno para desenho (tipo Rafael)
- 1 Escova para dentes e 1 tubo de Pasta
- 1 Pente e 1 Sabonete

Distrito Federal, 9 de Janeiro de 1943

Prof. Thales Hemetério dos Santos
Rua Meyer, 18
Meyra - 29-6108

Anexo 4: Documento do Internato de Educação Técnico Profissional em nome de Jorge Thales Hemetério dos Santos (Fonte: PROEDES)

ESCOLA TÉCNICA "JOÃO ALFREDO"

Ano letivo de 1943 Curso Industrial 3ª série turma 31

ALUNO Jorge Thales Hemetério dos Santos MATRÍCULA N.º 107

Materias	L. NAC.			ARIT.			GEOG.			H. CIV.			C. NAT.			ED. CIV.			MODEL.			DESEN.			ED. FIS.			C. ORF.			OFICINA			RELIG.											
	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P	N	A	P									
Março																																													
Abril	50	13	11	50	11	10				65	9	9	50	6	6										60	3	3				55	4	3												
Mai	70	12	10	50	9	9				15	2	2	25	4	4																60	4	4												
Junho	70	8	7	50	5	5				55	5	5	35	5	4										70	5	5				60	1	1												
Julho	60	8	8	30	7	6				60	5	5	100	6	3										10	5	5																		
Agosto	70	13	11	50	10	10				70	7	7	30	7	6										60	9	8																		
Setembro	70	8	6	60	8	8				15	7	6	0	5	6										55	5	4																		
Outubro	70	12	11	60	6	6				70	9	9	70	7	7													35	7	4															
Novembro	80	9	9	60	10	10				80	7	7	30	6	6										70	9	8																		
Média final																																													
SOMAS	640			500						420			470												460																				
Média mensal	67			62						61			67												68																				
Média das provas trimestrais	1ª	60		70						65			70												70																				
	2ª																																												
	3ª																																												
	4ª																																												
SOMAS																																													
Média trimest.																																													
Média geral																																													
EXAME	81			76						66			67												74																				
MEDIA GLOBAL DAS MATERIAS	92																																												
	N			A			P			N			A			P			N			A			P			N			A			P			N			A			P		

N - notas A - aulas P - presenças

F. 089-1300-43

S. E. S. G. T. - Modelo 9

Anexo 5: Boletim Escolar de Jorge Thales Hemetério dos Santos da Escola Técnica João Alfredo (Fonte: PROEDES)